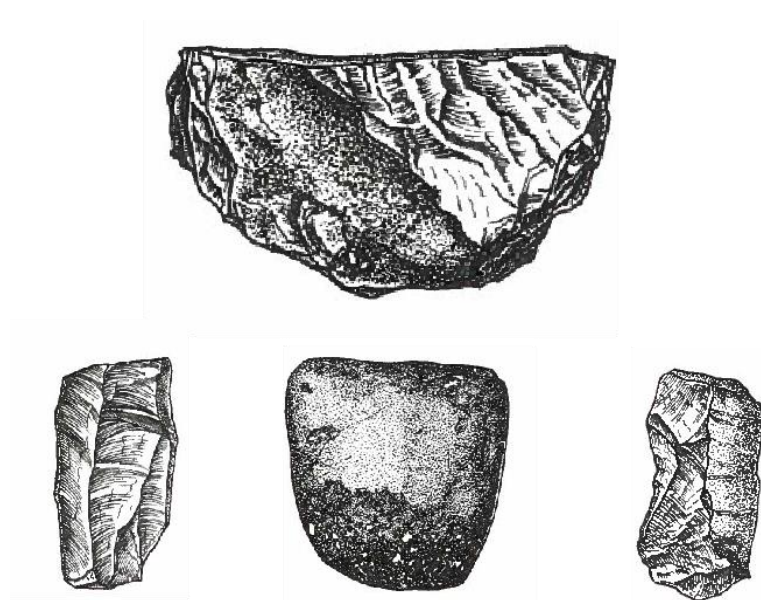


Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia
Museu de Arqueologia e Etnologia
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

Outros Pioneiros do Sudoeste Amazônico:
Ocupações Holocênicas na Bacia do Alto Rio Madeira



Guilherme Zdonek Mongeló

São Paulo
Julho/2019

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

Guilherme Zdonek Mongeló

**Outros Pioneiros do Sudoeste Amazônico:
Ocupações Holocênicas na Bacia do Alto Rio Madeira**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Arqueologia.

Tese corrigida. A versão original encontra-se na Biblioteca do MAE USP

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Professor Doutor Eduardo Góes Neves

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

São Paulo
Julho/2019

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação,
MAE/USP, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mongeló, Guilherme
Outros Pioneiros do Sudoeste Amazônico: Ocupações
Holocênicas na Bacia do Alto Rio Madeira / Guilherme
Mongeló; orientador Eduardo Goes Neves. -- São
Paulo, 2019.
390 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia,
Universidade de São Paulo, 2019.

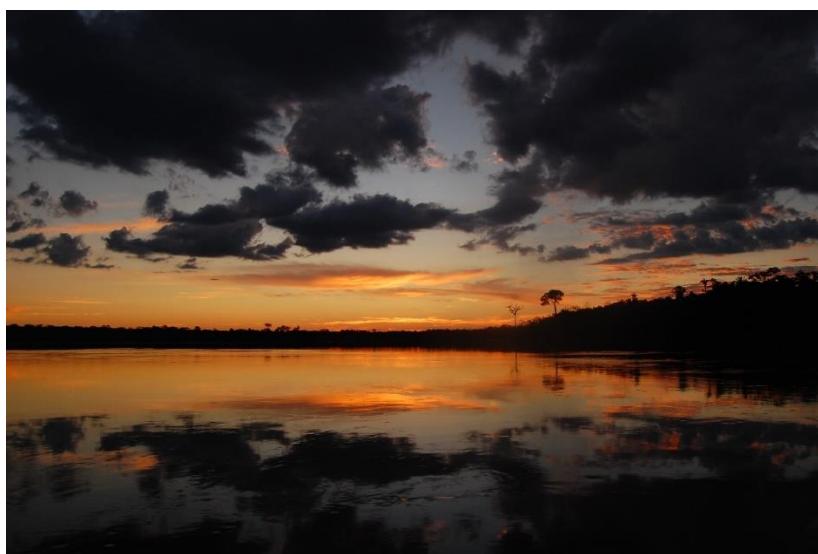
1. Arqueologia do Alto Rio Madeira. 2. Holoceno
Inicial e Médio. 3. Fase Massangana e Fase Girau.
4. Lítico. 5. Marxismo. I. Goes Neves, Eduardo,
orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:

Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Resumo

O presente trabalho trata a respeito das ocupações humanas mais antigas evidenciadas na calha do alto rio Madeira, estado de Rondônia, Brasil. O alvo principal do estudo é o Sítio Teotônio, localizado às margens da cachoeira homônima, e que vem sendo estudado pela equipe do Projeto Alto Madeira desde 2011. Como ferramenta principal de análise da cultura material destas populações do Holoceno Inicial e Médio, utilizei o material lítico das culturas Massangana e Girau, demonstrando uma continuidade de longa duração no que diz respeito a esta tecnologia específica. Ao final, foi possível demonstrar que há duas ocupações representadas por estas culturas arqueológicas, que habitaram a região desde 9.440 anos antes do presente, e que no Holoceno Médio intensificaram as formas de relação com o meio ambiente e geraram as Terras Pretas mais antigas da bacia Amazônica, ao redor de 6500 AP.



Entardecer no Rio Madeira – Cachoeira do Teotônio

Palavras-chave: Arqueologia do Alto Rio Madeira; Holoceno Inicial e Médio; Fase Massangana; Fase Girau; Lítico; Marxismo

Abstract

The present thesis deals with the oldest human occupations evidenced in the riverine of the upper Rio Madeira, in the state of Rondônia, Brazil. The main objective of the study is the Teotônio site, located on the banks of the waterfall of the same name, which has been studied by the Alto Madeira Project team since 2011. The main tool for analyzing the material culture of these early and middle Holocene populations was the lithic material of the Massangana and Girau cultures, demonstrating a long-term continuity regarding this specific technology. In the end, it was possible to demonstrate that there are two occupations represented by these archaeological cultures, which inhabited the region since 9,440 years before the present and in the Middle Holocene intensified the forms of relation with the environment and generated the oldest Terras Pretas of the Amazon basin, around 6500 AP.



Estrada de acesso à Vila Nova do Teotônio

Key Words: Upper Maderia River Archaeology; Middle and Early Holocene, Massangana Phase; Girau Phase; Lithic, Marxism

“Os movimentos dos corpos celestes se tornaram mais claros; mas os movimentos dos poderosos continuam imprevisíveis para os seus povos. A luta pela mensuração do céu foi ganha através da dúvida; e a credulidade da dona de casa romana fará que ela perca sempre de novo a sua luta pelo leite. A ciência, Sarti, está ligada às duas lutas. Enquanto tropeça dentro de sua bruma luminosa de superstições e afirmações antigas, ignorante demais para desenvolver plenamente as suas forças, a humanidade não será capaz de desenvolver as forças da natureza que vocês descobrem. Vocês trabalham para quê? Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a cansaço da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por amor do saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e as suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais. Com o tempo, é possível que vocês descubram tudo o que haja por descobrir, e ainda assim o seu avanço há de ser apenas um avanço para longe da humanidade. O precipício entre vocês e a humanidade pode crescer tanto, que ao grito alegre de vocês, grito de quem descobriu alguma coisa nova, responda um grito universal de horror.”

A vida de Galileu Galilei – Bertold Brecht

Agradecimentos

Esta pesquisa de doutorado deve ser compreendida como uma parte dos esforços de um projeto de pesquisa maior, o Projeto Alto Madeira, um grupo que reúne investigadores de distintas instituições. Dessa maneira, é muito pouco provável que consiga ser sucinto nos merecidos agradecimentos à conclusão desta tese, da qual me sinto muito grato, e não esquecerei do papel que cumpriram todas as pessoas que não mediram esforços para o desenvolvimento da construção de uma narrativa histórica no Alto Rio Madeira.

A maior contribuição desta pesquisa vem do meu orientador, professor Eduardo Neves, que nestes 12 anos de convivência, transcendeu as barreiras da orientação, e tenho a felicidade de poder dizer que nos tornamos grandes amigos. Agradeço por apresentar-me ao mundo da arqueologia amazônica, pela paciência, pelas conversas honestas e pelas inúmeras oportunidades que promoveu para que eu pudesse tornar-me arqueólogo. Edu esteve presente em todas as etapas de campo no sítio Teotônio, suou ao nosso lado, e em momentos de “vacas magras”, financiou pessoalmente diversos gastos deste projeto. Valeu pela parceria, chefe!

Fernando Almeida não tem o título de co-orientador nesta tese, mas cumpriu um papel essencial não só na pesquisa em si, mas na minha formação. Além de ser o responsável pela existência do projeto, ao iniciar tudo em 2008, Fernandão me levou ao rio Madeira pela primeira vez, e me incentivou a começar a trabalhar com o sítio, inclusive é de sua autoria a identificação da primeira camada Massangana no sítio Teotônio, em 2011. Sua honestidade e generosidade foram e continuam sendo essenciais para a continuidade do PALMA.

Um abraço especial para Thiago Kater e Jennifer Watling, parceiros de projeto, de laboratório e de recorrentes eventos sociais. Ambos estiveram também em todos os campos desta pesquisa, e como Fernando e Edu, dispuseram não só a vontade como investimentos pecuniários pessoais para mantermos as atividades em andamento. Várias elaborações e reflexões acerca do sítio Teotônio aqui apresentadas foram fruto de longas conversas entre nós, e espero que possamos manter essa parceria por muitos anos. Nicolás Batalla, grande amigo e agregado do PALMA, é o responsável pela qualidade técnica dos desenhos do material lítico, *gracias hermano!*

Uma lembrança a Eurico Miller, arqueólogo que abriu as portas da arqueologia do Alto Rio Madeira e que colocou esta área no mapa arqueológico brasileiro. Faleceu em Setembro de 2018.

Aos professores Levy Figuti e Paulo de Blasis, agradeço pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições no exame de Qualificação, os dois também foram responsáveis, em 2007, por me levarem à primeira vez para uma escavação arqueológica, no sítio Laranjal. *Paulé*, durante o mestrado, pessoalmente me orientou na análise do material lítico, e suas considerações foram importantes até o final desta pesquisa. À professora Verônica Wesolowsky agradeço pela paciência e pelas contribuições ao projeto de pesquisa feitas na disciplina de Análise de Projetos. Professor Alfredo Queiroz contribuiu para pensar criticamente a produção cartográfica, e sua disciplina me auxiliou na elaboração de mapas desta tese.

Nas atividades de campo do sítio Teotônio, gostaria de agradecer à Marcio Martins e família, que sempre nos receberam tão bem no sítio de sua propriedade. Na Vila do Teotônio, um abraço especial para seu Isaiás, antigo pescador que faleceu no momento em que escrevia a parte final da tese. A seu neto e presidente da Associação dos Moradores, Lucas Queiroz, agradeço pela recepção e pela disponibilidade de sempre nos ajudar com a logística das etapas de campo. Ao meu conterrâneo desgarrado em terras do Norte, seu Gaúcho nos ajudou com risadas matinais e com a limpeza das áreas de escavação.

Em Rondônia, professores e alunos do curso de arqueologia da UNIR mais uma vez foram imprescindíveis para a conclusão desta pesquisa. Agradeço imensamente ao DARQ e especialmente às professoras Silvana Zuse, Valéria Silva, Juliana Santi e Eduardo Bespalez pela recepção, pela disponibilidade de logística, e pela disposição. Ainda participaram nas atividades de campo Aldinéia, Pedro, Mayara, Ediclei, Henrique, Silvania Branco, Luca Neves e Ingrid Pimenta. Nos campos de 2013, agradeço também à Alyne, Cleiciane, Brena, Odair, Natiele, Laura, ao grande casal Andreia e Robson Ravani e à Michelli Tizuka, que tanto nos ajudou com os estudos geomorfológicos.

Nas etapas de campo que realizamos em 2016, 2018 e 2019, agradeço a contribuição da dupla paraense Natalya Pinheiro e Ana Caroline Souza; Paul Boucher, Anny, Felipe Xate (que contribuiu com a identificação dos carvões), Martin Camacho, Daniel, Kelly Brandão e Bruno Sampaio. À Myrtle Shock e Laura Furquim, agradeço não só à

contribuição em campo, mas também pela disposição da análise do material macrobotânico, e por estarmos juntos no processo de pensar a ocupação antiga da região. Agradeço também ao professor Wenceslau Teixeira pelas análises químicas dos solos. E ao amigo e professor Dr. Carlos Augusto “Tijolo”, um muito obrigado pelas contínuas aulas de Amazônia.

Agradeço à Francisco Pugliese e Carlos Augustos Zimpel por me levarem ao pantanal do Guaporé, em uma aventura arqueológica que começou também no sítio Teotônio em 2011. Este certamente foi um dos campos mais incríveis que já participei, e espero que esta parceria no Sudoeste Amazônico continue!

No Laboratório 1 do ArqueoTrop, gostaria de agradecer aos amigos que dividiram horas de trabalho, e tantos outros que foram muito importantes nesta trajetória, e que de certa forma também foram meu professores: Rafa Almeida, Letícia Correa, Lorena Lima, Cliverson Pessoa, Emerson Nobre, Nadia Pagnossi, Odair José, Bruno Barreto e Erêndira Oliveira. Agradeço aos *amazônidas* também pelo constante debate: Eduardo Kazuo e Marjorie Lima, Marta Cavallini, Michel Flores, Sanna Saunaloma (que gentilmente cedeu diversos negativos de fotos do material lítico de Peña Roja), Gabriela Prestes, Thiago Hermengildo, Caroline Caromano, Leandro Cascon, Bruna Cigaran, Vinicius Honorato e pequeno Raul (esse trio é demais!), Camila Jácome, Thiago Trindade (grande colega, vivenciamos grande parte do mestrado e do doutorado juntos), Filippo Stampanoni, Jaqueline Belletti, Igor Rodrigues, Marcony Alves, Mariana Cassino, Maurício Silva, Márcio Amaral e Silvia Lima, que brilhantemente remontou a vasilha cujo resultado encontra-se no anexo deste texto. Agradeço também ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá pelo acesso à coleção etnográfica de raladores indígenas.

No MAE-USP, onde completo 12 anos como aluno, é impossível transcrever um agradecimento que demonstre a enorme ajuda que recebi de todos. Um abraço especial para Regivaldo, Gilvan, Cléber, Kléber, Viviane, Paulinho, seu Marinho, Regina, Karen, Cláudia, Renatão, Judith, Dona Nice, Conceição, Nicácio, Carol, Hélio e Fabinho. Renato “bigode” e Ricardo foram bons companheiros de pausas do café. Agradeço também pelo companheirismo de Meliam Gaspar, Ester, Ana Tauhyl, Débora, Pedro, Rafael Stábile, Bruno Pastre, Fabi Belém, Paty Marinho, Fabinho, Marina, Jordana, Dani Ortega, Eliane Chim, Renato, Aline, Renan Pezzi, Henrique, Renata, Jéssica, Isabela e

Alexandre. Menção especial aos amigos Cícero e Gil, que possibilitaram alimentação de qualidade ao grupo de arqueólogos do MAE.

Agradeço aos amigos Juliana Mantovani, Ricardo Oliveira e Marília Sossoloti pela acolhida e convivência na casa do Morro do Querosene, onde passei grande parte deste doutorado. Guardo grandes memórias do tempo que vivemos entre debates políticos e longos almoços.

Na ESPOL, universidade que me acolheu, agradeço imensamente à Jorge Marcos pela aposta, seu vigor e amor pela arqueologia são cativantes. Angelo, Álvaro, Diana e Carlos contribuíram bastante com materiais não publicados sobre a fase Las Vegas. Omar, Yadira e Juan foram importantes interlocutores na etapa final de escrita

Por fim, agradeço às minhas famílias, primeiro aquela que me ajudou chegar até aqui, um grande abraço para Seu Osório, Dona Juçara e pequena-grande Sofi! E a outra, que eu decidi formar no meio do caminho, e onde eu encontrei muito amor, companheirismo, carinho e felicidade. Se não estivesse munido com a força, determinação e paciência que a Silvia me ofereceu nestes anos, não teria concluído esta tese, obrigado por tudo Silvinha! E principalmente por topar essa aventura de fazer deste mundo um lugar melhor para a Cecília, que no final chegou para alegrar a casa, e inundar nossa vida com muito amor.

Muito obrigado a todos.



<u>Índice</u>	Página
Lista de Figuras	12
Lista de Tabelas	17
Notas Preliminares	18
Capítulo 1 – Arqueologia do Alto Rio Madeira	37
1.1- Introdução	37
1.2- A região do Alto Rio Madeira: caracterização inicial	40
1.3- As cachoeiras do Rio Madeira	46
1.4- Arqueologia do Sudoeste Amazônico	51
1.4-1. Alto rio Ji-Paraná	55
1.4-2. Rio Guaporé	61
1.4-3. Rios Madeira, Mamoré e Jamari	64
Capítulo 2- Sítio Teotônio - caracterização e escavações arqueológicas	81
2.1- Introdução	81
2.2- Escavações no sítio Teotônio	88
2.2.1- Metodologia de escavação	80
2.3- Descrição dos contextos arqueológicos	103
2.3.1- Contextos da Fase Massangana	103
2.3.2- Contextos da Fase Girau	142
Capítulo 3 – Análise do Material Arqueológico	155
3.1- Introdução	155
3.2- Metodologia de Análise	157
3.3- Resultado das Unidades Analisadas	167
Capítulo 4 – Considerações sobre as fases Massangana e Girau	201
4.1- A fase Girau	201
4.2- A fase Massangana	213
Capítulo 5- Ocupação Humana do Holoceno Inicial e Médio nas Terras Baixas Amazônicas	231
5.1- As décadas de atraso	232

5.2- Um improvável debate nos anos 199	246
5.3- Os dados arqueológicos do Holoceno Inicial e Médio	250
5.4- Um cenário multicultural no Holoceno Médio	258
Capítulo 6 – As veias mais abertas do que nunca: localizando o Sudoeste Amazônico na América Latina	283
6.1- Arqueologia Social Latino-Americana e o Materialismo-dialético	290
6.2- Contextos arqueológicos antigos na América Latina: Caçadores dos Trópicos Americano	311
Bibliografia	330
Anexos	346

Lista de Figuras

- Figura 01** – Peça publicitária da Assembleia Legislativa do Estado de Rondônia
- Figura 02** – Trabalhadores indígenas da companhia de extração de borracha Casa Suárez, em período pré-construção da EFMM (Dr.Bauler, 1909-1911)
- Figura 03:**Exemplo de matéria vinculada no site Globo sobre pioneiros em Rondônia
- Figura 04:** Exemplo de matéria jornalista divulgada em periódico local.
- Figura 05** - Peça publicitária da empresa Petróleo Sabbá, dos anos 1980
- Figura 06:** Mapa da América do Sul, em vermelho, trecho encachoeirado do Rio Madeira
- Figura 07** – Foto aérea da Cachoeira do Teotônio, nos anos 1980.
- Figura 08:**Perfil Norte da Unidade N 10001 E10003
- Figura 09:**Perfil Leste da Unidade N10001 E10003
- Figura 10** – Mapa com o volume de cada uma das sub-bacias da região amazônica
- Figura 11** – Em vermelho, polígono englobando a região do Alto Rio Madeira. Na estrela vermelha, acima, sede do município de Manaus.
- Figura 12** - Dinâmica fluvial do rio Madeira durante o Holoceno, à altura do sítio Teotônio
- Figura 13:** Alta piscosidade nas cachoeiras do rio Madeira. Pesca na cachoeira do Teotônio durante a piracema, nos anos 1980
- Figura 14** – Desenho de gravuras rupestres identificados nas margens da Cachoeira do Girau,
- Figura 15:** Cachoeira Chokolatal, no rio Madeira
- Figura 16:** Cineasta Silvino Santos, filmando a Cachoeira do Teotônio
- Figura 17** – Mapa com a localização dos sítios arqueológicos existentes na bacia do Alto Rio Madeira. Autoria de Francisco Pugliese
- Figura 18** – Em vermelho, área compreendida como “calha dos rio Mamoré, Madeira e Jamari”; em amarelo “Bacia do rio Guaporé”, e em laranja “Alto Rio Ji-Paraná”
- Figura 19** – Na imagem de cima, vista aérea do Sítio Setembrino; e na imagem abaixo, vista aérea do sítio Boa Vista, relocizados pelo autor com base nas descrições de Miller
- Figura 20** – Croquis de Miller (1987b) de localização e perfil estratigráfico do sítio Itapema
- Figura 21** – Croquis de Miller (1987b) de localização e perfil esquemático do Sítio Boa Vista
- Figura 22** – Cerâmica em superfície do sítio Colorado do Oeste
- Figura 23:** Fragmento cerâmico e quartzo lascado do sítio Vidal
- Figura 24** – Croque do perfil do sítio Sambaqui do Monte Castelo, com as datações realizadas pela equipe do Arqueotrop (Puglieses, 2018)
- Figura 25** – Sítio Isla del Tesoro
- Figura 26** – Fotos retiradas de Miller (1992) de material relacionado às Fases Itapipoca e Pacatuba
- Figura 27**– Mapa de localização dos sítios arqueológicos do Holoceno Inicial e Médio nas calhas dos rio Madeira, Mamoré e Jamari.
- Figura 28** – No sentido horário, do alto à esquerda: (1) Perfil estratigráfico mostrando a camada de solo antrópico enterrado, da Fase Massangana, no sítio RO-PV-48. (2) Trincheira escavada no sítio RO-PV-48. (3) Exemplos do material lítico correspondente à Fase Massangana, lascas unipolar de quartzo, núcleos e instrumentos unifaciais.
- Figura 29** – Em vermelho, localização do sítio arqueológico Garbin, em frente à cachoeira de Santo Antônio
- Figura 30** – Perfil estratigráfico do sítio Garbin – Unidade N960 E980-981-982 , com a indicação do carvão datado (Romano, 2016)
- Figura 31** – Mapa com a localização dos sítios comentados no capítulo
- Figura 32** – Detalhe do mapa anterior, com localização dos sítios antigos na bacia do alto Rio Madeira e Jamari.
- Figura 33** – Vista da Cachoeira do Teotônio e do sítio Santa Paula, a partir do sítio Teotônio.
- Figura 34** – Localização do sítio Teotônio, em preto, sobre modelo digital de elevação, onde pode-se ver o platô seguindo em direção Sul do sítio. Fonte: OpenStreetMap
- Figura 35** – Detalhe de mapa físico do estado de Rondônia. Na flecha vermelha, o sítio Teotônio (CPRM)
- Figura 36** – Representações históricas da Cachoeira do Teotônio. 1 e 2 – Fonseca, 1897. 3 Keller 1875 e 4 – Barbosa Rodrigues – 1875
- Figura 37** – Croqui sobre imagem de satélite, da localização dos sítios Teotônio e Santa Paula, antes da inundação da Cachoeira do Teotônio
- Figura 38** – Mapa de intervenções do Sítio Teotônio - 2017
- Figura 39:** Peça lítica cupuliforme, com marcas de abrasão nos dois planos, encontrada em superfície (G.M.)

Figura 40: Percutor com marcas de uso direto em duas extremidades, encontrada em superfície (G.M.)

Figura 41 – Em vermelho, área aproximada de dispersão da Terra Preta no sítio Teotônio, e em laranja, área da Linha Bethel, onde foi reportado a presença de machados polidos.

Figura 42 – Machado polido encontrado na Linha Bethel. G.M.

Figura 43: Alocação dos pontos de tradagens com auxílio de nível ótico (G.M.)

Figura 44: Abertura de picadas na mata no sítio Teotônio (F.A.)

Figura 45: Realização de sondagem em área de capoeira (F.A.)

Figura 46: Realização de sondagem em área de pasto aberto (F.A.)

Figura 47 – Mapa topográfico do sítio Teotônio. Intervenções modernas na área do sítio

Figura 48 – Mapa Topográfico do Sítio Teotônio,

Figura 49: Acompanhamento do trabalho com maquinário pesado (T.T.)

Figura 50: Abertura do perfil estratigráfico do barranco adjacente à estrada (D.P)

Figura 51: Limpeza da área para ser quadriculada e escavada (G.M.)

Figura 52: Quadriculamento das quadriculas de escavação, contíguas, formando uma unidade ampla. (G.M.)

Figura 53: Aglomerado de vestígios formando “feições” (E.N.)

Figura 54: Círculo de solo escuro em contraste com o solo amarelado. Estrutura de combustão Feição 15 (G.M.)

Figura 55- Dispersão do material lítico no sítio Teotônio

Figura 56 – Mapa das intervenções no sítio Teotônio, com destaque para a divisão de Áreas feita para as ocupações do Holoceno Inicial e Médio. Área 1: rosa; Área 2: marrom; Área 3: vermelho

Figura 57 – Detalhe do mapa de intervenções do sítio Teotônio, no centro, a área 1,

Figura 58 – Croqui de perfil da Unidade N10001 E10003 (Almeida, 2012)

Figura 59: Foto do Perfil da Norte da Unidade N10001 E 10003 (F.A.)

Figura 60: Base da camada Massangana nas unidades N10003 E10004/ N10003 E10003 (G.M.)

Figura 61: Perfil Sul das Unidades N10003 E10004/ N10003 E10003 (G.M.)

Figura 62 – Croqui do perfil Sul das unidades N10003 E10003- N10003 E10004

Figura 63: Área do Perfil Leste da Linha E9987 antes de ser limpa (G.M.)

Figura 64: Abertura do Perfil Leste da Linha E9987 (G.M.)

Figura 65 – Panorâmica dos perfis das unidades N10030 E9987 / N10045 E9987

Figura 66 – Croqui do Perfil Leste da Linha E9887

Figura 67 – Gráfico de quantidade de fitólitos de Árvores, Palmeiras e Gramíneas

Figura 68 – Gráfico da incidência de Sementes, Sementes não carbonizadas, Arecaceae e Parênquimas por camadas culturais

Figura 69 – Detalhe do mapa de intervenções no sítio Teotônio. No alto da imagem, a localização da Unidade N10041 E9824

Figura 70: Abertura da Unidade N10041 E9824 (F.A)

Figura 71: Escavação da Unidade N10041 E9824 (F.A.)

Figura 72: Escavação da Unidade N10041 E9824 (F.A.)

Figura 73: Perfil Norte da Unidade N10041 E9824 (F.A)

Figura 74 – Croqui do perfil Sul da Unidade N10041 E9824

Figura 75 – Vista geral da Área de escavação 3 antes das intervenções. (E.N)

Figura 76 – Vista geral da área 3, cortada pela estrada. A lona azul, ao fundo, indica a área de escavação (G.M)

Figura 77 – Preparação para abertura de quadriculas na Área de escavação 3 (E.N)

Figura 78: Escavação da Unidade N10041 E9824 (F.A.)

Figura 79: Foto da vasilha em laboratório (F.A)

Figura 80 – Detalhe do mapa de intervenções do sítio Teotônio – no centro, em vermelho, as intervenções da Área 3

Figura 81- Perfil Oeste da quadricula N9882 E10022

Figura 82 – Plano geral das unidades de escavação da Área A

Figura 83: Escavação da trincheira na área 3 (E.N.)

Figura 84: Expansão, a partir da trincheira, na área 3 (F.A)

Figura 85 – Planta baixa dos vestígios arqueológicos a 10cm de profundidade, da Área 3.

Figura 86: Perfil Sul da unidade de escavação da área 3.

Figura 87: Quadriculas sendo escavadas aos 20cm de profundidade (G.M)

Figura 88 – Planta baixa dos vestígios arqueológicos a 20cm de profundidade, da Área 3.

Figura 89 – Planta baixa dos vestígios arqueológicos a 30cm de profundidade, da Área 3.

Figura 90: Plano geral da área escavada, 40 cm de profundidade (E.N.)

Figura 91: Detalhe da estrutura de combustão Feição 15 (G.M.)

Figura 92: Detalhe das lâminas de micromorfologia do carvão da Feição 15 (F.X.)

Figura 93: Detalhe das lâminas de micromorfologia do carvão da Feição 15 07 (F.X.)

Figura 94: Detalhe da estrutura de combustão PN 2005(G.M.)

Figura 95: Detalhe da estrutura de combustão PN2007 (G.M.)

Figura 96: Foto da escavação da Feição 15 (E.N.)

Figura 97: Detalhe da estrutura de combustão Feição 15 (G.M.)

Figura 98 – Planta baixa dos vestígios arqueológicos a 40cm de profundidade, da Área 3.

Figura 99 – Vista geral da Área de escavação 3, com 40cm de profundidade nas quadrículas centrais. E.N.

Figura 100 – Detalhe da escavação da Unidade 3, com a feição 15 na porção sudoeste, e as demais rochas dispostas. (G.M.)

Figura 101 – Detalhe das feições 15, 16, 17 e 14, em sentido horário (GM)

Figura 102 – Base de escavação da área 3, profundidade em 40cm, após a retirada da F15. (G.M)

Figura 103 – Em vermelho, contorno das quadrículas que foram escavadas até a evidenciação da Camada Girau

Figura 104: Eduardo Neves aponta para a lente de carvões, na base do perfil leste da Linha E9987 (T.T.)

Figura 105: Detalhe da lente de carvões do perfil Leste da Linha E9987 (T.T.)

Figura 106 – Carvões da lente do Perfil Leste da Linha E9987. (G.M)

Figura 107: Contraste entre o solo antrópico da Camada Massangana e o solo da Camada Girau, no Perfil Leste das Unidades escavadas(G.M.)

Figura 108: Contraste entre o solo antrópico da Camada Massangana e o solo da Camada Girau no Perfil Oeste das unidades escavadas (G.M.)

Figura 109 – Vista da área de escavação 3, em campanha de 2016. Aos 60cm de profundidade, é possível ver a transição da Terra Preta para o solo argiloso e amarelado, correspondente à Fase Girau.(G.M.)

Figura 110 – Base em 70cm de profundidade da área de escavação 3 – camada Girau. E.N.

Figura 111 – Detalhe de lasca unipolar e quartzo e fragmento de madeira carbonizada adjacente, base 80cm, camada Girau. Unidade N9881 E10021. F.A.

Figura 112 – Visão sentido Norte da Unidade de escavação da Área 3. E.N.

Figura 113 – Vista sentido Leste da Unidade de escavação da área 3. E.N.

Figura 114 – Vista sentido Oeste da Unidade de Escavação da Área 3. Em vermelho o espaço sem rochas de laterita, e acima, as rochas de grande tamanho sobrepostas. (E.N.)

Figura 115 – Atividade de escavação, na Área 3, onde é possível ver a disposição das rochas ao redor do bloco de laterita grande, formando um espaço “limpo”. (G.M.)

Figura 116: Vasilha em destaque, no centro da área de laterita escavada (G.M)

Figura 117: Unidade ao fim da escavação(G.M)

Figura 118: Foto do Perfil Leste da Linha E9987, em vermelho sinalização de rochas de laterita associadas à camada Girau(M.T)

Figura 119: Detalhe dos grandes blocos de laterita, “flutuando” no limite dos contextos Girau e Massangana, no perfil Leste da Linha E9987 (M.T.)

Figura 119 – Localização, no sítio Teotônio, das áreas onde foram evidenciadas camadas relacionadas à Fase Girau

Figura 120: Ralador etnográfico Mehinaku – Acervo IDSM (G.M.)

Figura 121: Detalhe das lascas de ralador etnográfico Mehinaku – Coleção IDSM (G.M)

Figura 122 – Layout da ficha de análise no software GoogleForms

Figura 123 – Localização das quadrículas analisadas na Área 3.

Figura 124: Quantidade de material lítico e cerâmico por nível na Unidade N10041 E9824

Figura 125: Matéria-prima do material lítico da Unidade N10041 E9824

Figura 126: Matéria-Prima do material lítico da Unidade N10041 E9824 por nível estratigráfico.

Figura 127: Categorias de suporte do material lítico da Unidade N10041 E9824 por nível

Figura 128: Quantidade das categorias de marcas de uso do material lítico da unidade N10041 E9824, por nível estratigráfico

Figura 129- Peça 2208-21: Lasca unipolar em quartzo, com marcas de uso em ambos os bordos ativos

Figura 130 - PN: 2206-105: Lasca unipolar em quartzo leitoso, com retoques em sua extremidade

Figura 131– Lascas unipolares de quartzo, Fase Massangana, Unidade N 10041 E9824

Figura 132: Lascas unipolares de quartzo, Fase Massangana, Unidade N 10041 E9824

Figura 134: Porcentagem dos suportes do material lítico da Unidade N9878 E10022

Figura 135: Matéria prima do material lítico da unidade N9878 E10022 por nível estratigráfico

Figura 136- Peça 2412-X. Núcleo de quartzo, com dois planos de percussão, e pelo menos seis retiradas. Relacionado ao início da camada Girau

Figura 137: Categorias de suporte do material lítico da Unidade N9878 E10022 por nível

- Figura 138** – Gráfico do comprimento médio dos artefatos líticos da Unidade N9878 E10022 por nível estratigráfico
- Figura 139**- Peça 2412-50 – Lasca unipolar de quartzo
- Figura 140**- Peça 2416-9- Núcleo de quartzo
- Figura 141** – Lascas unipolares de quartzo da Fase Massangana
- Figura 142**- Instrumentos com marcas de uso
- Figura 143**– Peça 2412-4. Lasca unipolar de quartzo
- Figura 144** – Lascas unipolares, do nível 50-60cm, da Fase Girau
- Figura 145** - Quantidade de fragmentos líticos por nível na unidade N9877 E10022
- Figura 146** – Valores de matéria-prima na quadrícula N9877 E10022
- Figura 147** – Incidência de tipos de matérias-primas por nível estratigráfico – Quadrículo N9877 E10022
- Figura 148** – Incidência de tipos de suportes por nível – quadrícula N9877 E10022
- Figura 149** – Incidência de tipos de modificação do material lítico por nível estratigráfico – Quadrícula N9877 E10022
- Figura 150** – Incidência total de material lítico na quadrícula N9877 E10022, por nível estratigráfico. Na linha vermelha, quantidade total de peças com modificações.
- Figura 151** – Presença de córtex em lascas, por nível estratigráfico- Quadrícula N9877 E10022
- Figura 152** – Lascas de fragmentos de machados. O primeiro corresponde à fase Massangana, e os dois últimos estão na camada Girau.
- Figura 153** – Número de planos de percussão identificados em núcleos – Quadrícula N9877 E10022
- Figura 154** – Valor total de instrumentos por matéria-prima – Quadrícula N9880 E10022
- Figura 155** – Categoria suportes por nível estratigráfico – N9880 E10022
- Figura 156** – Incidência de tipos de modificação, por nível estratigráfico – Quadrícula N9880 E10022
- Figura 157** – Vista geral da área de Escavação 3 – Em vermelho, a área interna da Fase Massangana, e em marrom, a localização da quadrícula N9880 E10022
- Figura 158** – Croqui da base do nível 30cm na Área de Escavação 3
- Figura 159** – Perfil Oeste da trincheira da Área de Escavação 3, antes da expansão
- Figura 160**- Perfil Oeste da área de Escavação 3.
- Figura 161** – Escavação da camada Girau na área de escavação 3
- Figura 162**: Foto final da Escavação da Área 3, com as rochas sobrepostas na porção Oeste, abaixo da camada de Terra Preta
- Figura 163** – Foto da Unidade habitacional Stothert, 1985
- Figura 164**– Detalhe do croqui da Unidade de escavação do sítio OGSE-80, da cultura Las Vegas.
- Figura 165** – Detalhe da peça 2412, com negativos de retirada de núcleo da cultura Girau
- Figura 166** – Peça PN3717- Lasca proveniente de machado polido da camada Girau. (G.M.)
- Figura 167** – Croqui da base dos 40cm de profundidade da área de escavação 3,
- Figura 168** – Croqui do perfil Oeste da linha E10022 da Área de Escavação 3.
- Figura 169** – Mapa do sítio Teotônio com a incidência de material lítico obtido através das tradagens.
- Figura 170** – Mapa do sítio Teotônio com a incidência de material lítico obtido através das tradagens.
- Figura 171** – Gráfico com as datas calibradas para a região do Alto Rio Madeira. Em Vermelho, as datas do sítio Teotônio
- Figura 172** – Fragmentos de cerâmica da tradição Pocó-Açutuba no sítio Teotônio. Kater (2018)
- Figura 173**- Lascas de quartzo 1957-1; 1957-3 e 1958-1
- Figura 174** – Piracema na Cachoeira do Teotônio
- Figura 175**- Foto da área de escavação do sítio Abrigo do Sol (Putkamer, 1979)
- Figura 176** – Cronologia da ocupação do sítio Abrigo do Sol,
- Figura 177** – Fotografia do Material lítico do sítio Abrigo do Sol, da camada mais profunda
- Figura 178** – Croqui esquemático do perfil do sítio arqueológico Abrigo do Sol (Miller, 1979)
- Figura 179** – Mapa com a localização dos sítios arqueológicos da Savana de Sipaliwini.(Boomert, 1980)
- Figura 180** – Fragmentos dos instrumentos líticos lascados oriundos do Sambaqui Taperinha (Roosevelt, 1989)
- Figura 181** – Desenho retirado de Roosevelt 1996, dos objetos por ela denominados formais
- Figura 182** – Perfil com marcações das camadas. Cortesia de Gaspar Morcote-Ríos
- Figura 183**– Exemplares do material lítico lascado do sítio Peña Roja. Cortesia de Sanna Saunaloma
- Figura 184** – Croqui de perfil, com datas, do sítio Cerro Gavillán (Scaramelli, 2017).
- Figura 185** – Croqui da cadeia operatória do sítio MMX 11. Souza (2014)
- Figura 186** – Em vermelho, localização do sítio Saint Louis, e em amarelo localização do sítio Plateau de Mines 1
- Figura 187** – Exemplo do material lítico da Fase 1, do sítio Saint Louis (Van den Bell et al, 2018)

- Figura 188** – Material lítico lascado oriundo da Gruta do Gavião (Imazio, 1994)
- Figura 189** – Instrumentos com possíveis marcas de uso do sítio Galera (Maia & Rodet, 2018)
- Figura 190** – Lascas com retoques no gume, sítio Breu Branco 2 – Oliveira, 2007)
- Figura 191** – Mapa com a localização dos sítios em areais na região da Amazônia Central- Costa-2002
- Figura 192** – Mapa com a localização das principais tradições cerâmicas da Amazônia, do período Holoceno Superior (Barreto, 2016)
- Figura 193** – Mapa da ocupação do Holoceno Médio no atual Estado de Rondônia. Amarelo: sítios com Terra Preta; Vermelho: sítio do tipo Sambaqui; Rosa: Sítios a céu aberto sem Terra Preta
- Figura 194** – Quadro geral das áreas com ocupações durante o Holoceno Médio na Amazônia.
- Figura 195**– Localização dos sítios relacionados à Cultura Las Vegas
- Figura 196** – Exemplo de material lascado da Cultura Las Vegas
- Figura 197**:Croqui da topografia do sítio 80 (Stothert, 1984)
- Figura 198**:Planta baixa das escavações levadas a cabo no sítio 80 (Stothert, 2011.)
- Figura 199** – Artefatos líticos do sítio Cueva de Santa Marta ()

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Quadro geral das fases arqueológicas no sítio Teotônio

Tabela 2 –Volume de carvões coletados na amostra de volume constante do Perfil analisado por McMichael (2015).

Tabela 3 – Valores totais de modificações das peças, por nível estratigráfico – Quadrícula N9877 E10022

Tabela 4 – Quantidade total de núcleos divididos pelo número de retiradas- Quadrícula N9877E10022

Tabela 5- Quadro com valores químicos em PPM, produzido por Wenceslau Teixeira.

Tabela 6- Tabela de datas das camadas Girau e Massangana no sítio Teotônio

Siglas:

E.N.- Eduardo Neves

F.A.- Fernando Almeida

T.K.- Thiago Kater

J.W.- Jennifer Watling

T.T.- Thiago Trindade

G.M.- Guilherme Mongeló

F.X.- Filipe Xate

D.P.- Diana Pellegrino

M.T.- Michelli Tizuka

CPRM- Serviço Geológico do Brasil: Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

PALMA- Projeto Alto Madeira

PRONAPA- Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica

ASL- Arqueologia Social Latino-Americana

FES- Formação Econômico-Social

ARQUEOTROP: Laboratório de Arqueologia dos Trópicos

Notas Preliminares

A região que hoje compreende o estado de Rondônia está localizada no Sudoeste da Amazônia, especificamente entre as margens direita dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira, e da margem esquerda do rio Ji-Paraná, a Leste. Esta região, como todo o território nacional, é ocupada desde muito tempo atrás por populações ameríndias, que a há muito pouco tempo, se olharmos sob uma perspectiva diacrônica, entraram em contato com as sociedades coloniais.

O cenário de um continente sendo colonizado por populações originárias desde antes de 10.000 anos antes do presente não é uma concepção muito popular na historiografia tradicional brasileira. Por motivos que vão desde a existência de perspectivas deterministas ambientais, como o fato de a própria arqueologia ter-se consolidado bastante tardiamente no Brasil, as narrativas históricas das populações indígenas são bastante escassas nos discursos de grande parte da nossa sociedade.

Em relação à Rondônia, isso não é diferente. Qualquer visitante deste estado brasileiro percebe com pouco tempo de convivência de que há um mito histórico reproduzido constantemente pela mídia, governo e por um importante setor da população; e que diz respeito à uma narrativa de que o rondoniense contemporâneo é fruto dos “**pioneiros**” que colonizaram o território.

E essa narrativa se reproduz em peças publicitárias, propagandas políticas, e até mesmo livros didáticos. A referência aos “pioneiros” que fundaram o Estado, e que portanto, representam o início da história deste local, não se refere aos indígenas que povoaram o Alto Rio Madeira e afluentes, como poderia pensar um desavisado. Representa e caracteriza os primeiros colonos da região sul do país, que durante a primeira metade do século XX fundaram cidades ao longo de dois projetos de infraestrutura.

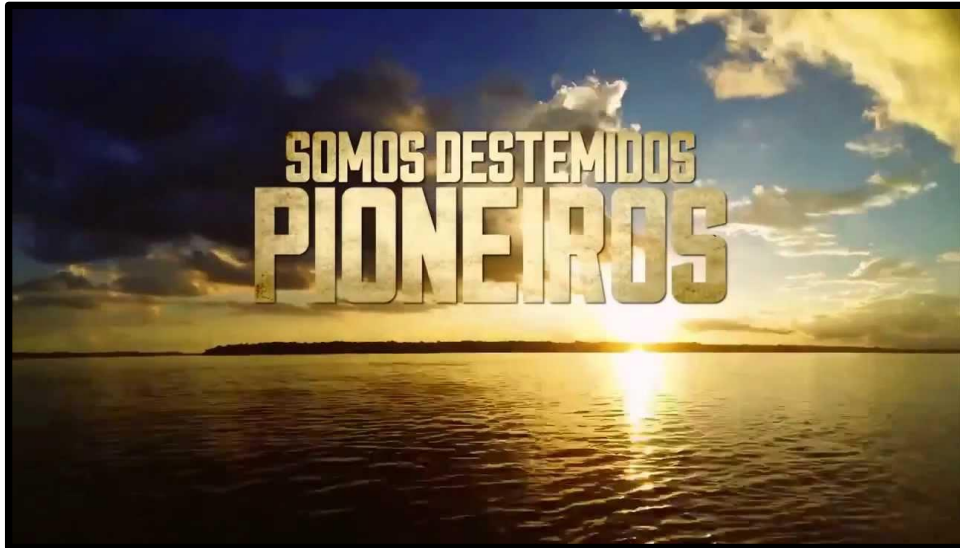


Figura 01 – Peça publicitária da Assembleia Legislativa do Estado de Rondônia¹

O primeiro projeto grande de infraestrutura foi a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré², que liga Porto Velho e Guajará-Mirim. Essa linha férrea foi implementada no início do século XX para dar vazão à borracha exportada pelas empresas bolivianas e brasileiras que a extraíam no alto trecho do Rio Madeira e seus formadores. As corredeiras do Rio Madeira se configuravam como um empecilho natural à navegação contínua deste rio, caminho mais rápido e mais barato para a ligação europeia e norte-americana, mercados consumidores de commodities.

Não à toa esta obra foi financiada por empresas anglo-saxãs, que importavam a borracha e a industrializavam. Foram os responsáveis por trazerem à esta zona dezenas de milhares de trabalhadores, de outros rincões do Brasil e do exterior. Esta leva de imigrantes, alguns notadamente forçados a condições de semi-escravidão, e que lograram sobreviver às condições de trabalho extenuantes, são considerados os primeiros “pioneiros” do sudoeste amazônico.

Nesta toada foram fundadas, nos extremos da linha de ferro, dois povoados que se converteram em cidades posteriormente: Porto Velho- a capital-, e Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia. A fundação das duas cidades em 1913 é considerada a certidão de nascimento do território que hoje é Rondônia, a partir da chegada destes imigrantes.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=YGAXnE1jFes>

² Doravante EFMM

Outro processo histórico que ocasionou uma leva migrante de grandes proporções foi a construção da estrada de rodagem BR-364, obra iniciada nos anos 1960 e concluída na década de 1980. Esta estrada liga Cuiabá à Porto Velho, cortando o Sudoeste da Amazônia sentido Sul-Norte, integrando as duas cidades existentes (e posteriormente o estado do Acre) à malha viária nacional.

Essa estrada seguia o caminho aberto pelo Coronel Rondon, que na década de 1910 instalou uma linha de telégrafo ligando Porto Velho a Cuiabá. Junto com a estrada, milhares de colonos das regiões sul do Brasil instalaram-se em suas margens, constituindo centros urbanos como Vilhena, Ji-Paraná e Ariquemes, que hoje configuram-se com as maiores cidades do estado³.



Figura 02 – Trabalhadores indígenas da companhia de extração de borracha Casa Suárez, em período pré-construção da EFMM (Dr.Bauler, 1909-1911)

Desta leva descendem boa parte do que a sociedade rondoniense compreende como pioneiros. Embora seja um termo bastante generalizado, eu acredito se tratar muito mais de uma retórica das classes dominantes, que se gestaram enquanto burguesia local

³ Uma série de documentários produzidos pelo cineasta Adrian Colweel, e protagonizado pelo meu conterrâneo José Lutzemberger, ilustra bem esse processo dos anos 1980

no ramo do setor de serviços (primeiro supermercado, primeira loja de roupas, primeiro restaurante, etc) e no setor público (primeiro delegado, primeiro superintendente, etc).

Esta burguesia incipiente, despedada dos seus elementos ideológicos de origem, sem ligação com o novo espaço geográfico, impulsiona esta retórica de uma história na qual eles e seus antepassados são os agentes principais e protagonistas. A construção de uma narrativa onde o centro é definido pelas ações e feitos da classe dominante não é um *modus operandi* novo, sabemos que a consolidação de grupos enquanto elites econômicas necessita de uma base material, e de uma base ideológica.



Figura 03: Exemplo de matéria vinculada no site Globo sobre pioneiros em Rondônia

(<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/10/pioneiros-lembram-evolucao-do-comercio-nos-98-anos-de-porto-velho.html>)



Figura 04: Exemplo de matéria jornalista divulgada em periódico local.

(<https://www.rondoniagora.com/politica/assembleia-legislativa-homenageia-pioneiros-de-ji-parana-durante-a-rondonia-rural-show>)

E esse discurso é empregado pelas elites do sudoeste Amazônico inclusive no sentido reverso. Diante de um problema social difícil de ser sanado, evoca-se a juventude da região para justificar o parco desenvolvimento, e a impossibilidade de resolvê-lo. Discurso parecido que Flávio Dino usou na posse do governo ao Palácio dos Leões, ao defender um “*choque de capitalismo*” como ação sebastianista para o problema da desigualdade social naquele estado. O problema principal do estado de Rondônia, portanto, é que ele é muito jovem, falta-lhe indústrias, falta-lhe infraestrutura, falta-lhe desenvolvimento.

O problema da existência deste discurso, vai além do seu caráter de sustentação ideológica de um setor social. É um discurso racista, que leva ao apagamento de uma história de longa duração, que foi na realidade protagonizada por populações indígenas aos quais seus descendentes, todavia se encontram na região, espalhados pelo território.

Quero dizer, é fácil para um arqueólogo pensar um espaço geográfico e imaginar prontamente que ele foi ocupado por populações pré-cabralinas. Agora, para alguém que não teve contato com as teorias de ocupação das Américas, e que é bombardeado constantemente, pelo Estado, pela mídia, pelas escolas com uma história de enaltecimento dos “pioneiros” que fizeram Rondônia crescer, que trouxeram as benesses do estado nacional ao território onde não havia nada; é muito difícil acreditar que possa ter sido diferente.

Mesmo que em diversos documentos, como nas fotos da construção da EFMM, é constante a presença dos indígenas, nos relatos dos viajantes do século XIX sempre há a menção as comunidades indígenas, me parece que é muito difícil estabelecer um contra-narrativa ao modelo hegemônico da região. Acredito, no entanto, a arqueologia pode cumprir um papel determinante neste sentido.

Os Pioneiros e o apagamento da presença indígena no Alto rio Madeira

É recorrente, e sustentado pela máquina do estado e por estas elites locais, o papel moralizador dos primeiros colonos destas regiões, que chegaram ao território do Guaporé entre as décadas de 60 e 70, e sejam nas cidades que já existiam, como nas inúmeras cidades que fundaram no interior do estado, criaram as bases para o processo da colonização moderna no sudoeste da Amazônia. No entanto, sabemos que essa colonização foi baseada em grande medida pela derrubada da mata primária, divisão em lotes pré-estabelecidos e plantio de bens cultiváveis, como o café, a cana de açúcar e o arroz.

O solo da região, que possui características comuns na Amazônia, é pobre em nutrientes quando descoberto de vegetação. As primeiras boas colheitas logo deram lugar a safras pobres e pouco rentáveis, levando à organização de um setor voltado à produção pecuária, que em poucos anos readequou a estrutura fundiária para a criação de animais. Os latifúndios de gado se formaram com base em dois elementos: a derrota de um sistema

eurocentrista de ocupação da terra, incompatível com as condições geográficas do sudoeste amazônico, e com a derrubada exponencial de áreas de mata.

Estes “pioneiros” do sudoeste amazônico não estavam alheios à divisão de classes nacional. Sobressaíram os colonizadores que, em seus locais de origem, já faziam parte de setores elitizados e que eram agraciados com generosos financiamentos concedidos pelos militares. Do outro, a grande massa de migrantes, oriundos de todas as partes do Brasil, se afundou na esperança das propagandas da Ditadura Militar: “*muita terra para pouca gente*”.

Rondônia, que historicamente viveu curtos e exponenciais ciclos econômicos (cacau no século XVIII, borracha no século XIX, cassiterita nos anos 1970), experimentou nos anos 1980 um êxodo rural único: a população, flagelada pelo latifúndio migrou das suas glebas para os garimpos artesanais. Reavivando a lógica dos ciclos curtos, boa parte do interior rondoniense foi tomado pelos latifúndios.

Dois importantes setores sociais resistiram à vitória do programa agroexportador de *commodities*: os indígenas e os camponeses. Se é bem verdade que grande parte dos colonos iniciais rumaram para as incipientes zonas urbanas, uma grande parcela de agora sem-terras permaneceu reivindicando as promessas do INCRA e em luta contra a grilagem dos latifundiários.

Pior sorte tiveram os indígenas, que desde o início da abertura da BR-364 tiveram seus territórios invadidos e roubados, e foram obrigados, quando não mortos, a fazerem migrações forçadas. O governo militar, com a criação de uma campanha nacional de migração à Amazônia, dava vazão à pressão dos incipientes movimentos sociais de sem terras no Sul do país, e com peças propagandísticas como “*uma terra sem gente, para uma gente sem terra*” criava-se um cenário de floresta virgem intocada, pronto para ser ocupada.

É claro que todos sabiam da existência de milhares de populações indígenas nestes territórios, e o Relatório Figueiredo, recentemente vido à tona, mostra como o genocídio indígena foi uma política pública que caminhava lado-a-lado com a ocupação do território. No entanto, tenho a impressão de que, em nenhum outro lugar da Amazônia, é tão forte quanto é em Rondônia, o apagamento sistemático da história indígena.

Esse apagamento se baseia, ao meu ver, em dois elementos: primeiro, o apagamento físico, concreto e real das comunidades indígenas que foram perseguidas e assassinadas. O Coronel Carlos Aloysio Weber, responsável pela construção da BR-364, em uma entrevista de 1971 respondeu a jornalista com as seguintes palavras:

“Como você pensa que nós fizemos 800 quilômetros de estrada? Pedindo licença, tchê? Usamos a mesma tática dos portugueses, que não pediam licença aos espanhóis para cruzar a linha de Tordesilhas. Se tudo o que fizemos não tivesse dado certo, eu estaria na cadeia”.

A revelação do coronel poderia ser só uma caricatura do processo de colonização do sudoeste amazônico, antes fosse, é o retrato fidedigno das práticas violentas causadas por uma visão de progresso que não elimina o componente social indígena, pior: é considerado inimigo, como Portugal considerava a Espanha no século XVI.

E o segundo elemento está relacionado à criação de uma identidade territorial, que surge com as benesses do capitalismo, impondo a sociedade nacional à floresta, que faz com que seja necessário a criação de uma narrativa que elimine o papel central dos indígenas que na verdade sempre habitaram este território. A sustentação de que os “pioneiros” de Rondônia foram os colonos do sul implica, necessariamente, no apagamento da história indígena.

Apesar desse sistemático apagamento histórico, Rondônia possui um dos quadros mais instigantes no que tange à diversidade cultural indígena. Os linguistas, há tempos, levantam questões acerca da complexidade desse cenário, e não são poucos os estudos sobre as famílias do tronco Tupi, e a hipótese do Alto Madeira como o centro dispersor dos grupos falantes dessa língua. Vivem, no atual estado de Rondônia, 11 mil indígenas, em 23 reservas demarcadas, representando 20,82% do território do estado. Isso sem contar os inúmeros processos de etnogênese⁴, como o caso dos Miguelenos e Poruboras, no centro-oeste do Rondônia, e também os indígenas isolados.

A combinação destes dois elementos tem sido desastrosa para as populações indígenas e ribeirinhas em Rondônia, e não é à toa que nos últimos anos acabou virando o estado brasileiro com o maior número de assassinatos e crimes ligados à questão

⁴ Etnogênese é um termo da antropologia social, corresponde a um processo de surgimento de novas identidades étnicas, ou ressurgimento de etnias conhecidas, e eventualmente dadas como extintas. Possui aspectos, hoje em dia, muito mais políticos do que antropológicos ou culturais (Pacheco, 1998)

fundiária (Canuto et al, 2015), e a disputa pela posse de terras é uma tônica longe de ter um fim.

Acredito que descrever e explicar como se deram as primeiras organizações sociais neste território (os verdadeiros pioneiros) pode servir como uma ferramenta que pode atuar a combater o elemento ideológico das elites locais, de sobrevalorização dos migrantes modernos, e apagamento sistemático da presença indígena. Tomamos a definição de McGuire (2008) de *“uma arqueologia política, emancipatória e honesta que confrontam os escritos secretos que escondem e justificam a injustiça. Tal arqueologia é verdadeira sobre seu conteúdo político e confronta o poder e a opressão.”* como eixo programático deste texto.

A arqueologia cumpre, em Rondônia, um papel importantíssimo, de comprovar e valorizar a presença constante e duradoura de sociedades indígenas na região. Sob a perspectiva de que fazer arqueologia na Amazônia é fazer história indígena de longa duração, a arqueologia no Alto Rio Madeira é uma ferramenta no processo de construção de narrativas não-hegemônicas, com um forte caráter social. Ao desmistificar o conceito de “pioneiro” nos discursos históricos na ocupação deste território, acredito que esteja contribuindo com a luta dos indígenas, a partir de uma noção de história compartilhada.

Daí parte o esforço primeiro dessa pesquisa: mostrar à sociedade uma história muito mais antiga e complexa, que de fato teve, em um momento histórico, “pioneiros” que estabeleceram núcleos iniciais de colonização, relacionando-se com o meio ambiente e extraíndo dele os meios necessários para sua reprodução. Diferente do que expõe a história oficial, a existência de sociedades humanas no território de Rondônia não está condicionada ao invariável progresso do capitalismo predatório. Contraditoriamente, a maior parte da história deste território é marcada pelo igualitarismo, pela sociabilização dos meios de produção, pelo reparte coletivo do excedente e pela liberdade política.



Figura 05 - Pe7a publicit6ria da empresa Petr6leo Sabb6, dos anos 1980

Corumbiara, munic6pio do Sul do estado, ficou mundialmente conhecida por sediar dois massacres: um em 1995, onde 16 camponeses sem-terra foram brutalmente assassinados pela Pol6cia Militar ap6s horas de confronto em campo aberto⁵; e outro em 1986, quando um n6mero n6o registrado de ind6genas foram massacrados por jagun7os a mando de latifundi6rios locais.

As buscas por vest6gios materiais dos dois massacres, negados a princ6pio pelas autoridades locais, talvez tenham sido o trabalho “arqueol6gico” mais significativo da hist6ria de Rond6nia. O indigenista Marcelo Santos e o cinegrafista Vincent Carelli conseguiram, ap6s recolherem vest6gios materiais de uma antiga aldeia, associar os objetos etnogr6ficos a cartuchos de muni76o utilizados no assassinato dos ind6genas em locais. Com essa “prova material”, conseguiram mover advogados e institui76es para denunciarem o estado brasileiro, que foi obrigado a confirmar a exist6ncia do massacre.

No caso do assassinato dos camponeses sem-terra, cuja exist6ncia tamb6m foi inicialmente negado pelas autoridades locais, o bispo de Guajar6-Mirim, dom Geraldo Verdier, com o aux6lio de laborat6rios franceses, recuperou vest6gios de ossos calcinados

⁵Em uma fazenda que contraditoriamente, possui o mesmo nome de um ic6nico s6tio arqueol6gico brasileiro: Santa Elina

em fogueiras do acampamento atacado para provar que a Polícia Militar havia incinerado os corpos dos camponeses assassinados (Peres, 2015) depois de mortos.

A resolução destes conflitos fundiários, definitivamente, não perpassará diretamente pela arqueologia. Mas em uma conjuntura marcada pela existência clara de dois lados, que se sustentam com base em narrativas históricas que são tão conflitantes, me parece um dever colocar a narrativa que aqui produzo, a serviço de um destes campos.

Quero dizer, desmentir a proposta de que a história deste território começou com a chegada dos colonos do Sul do Brasil, seja nos anos 10 ou nos anos 60, não vai resolver o problema do extermínio indígena no Sudoeste Amazonico. No entanto, é necessário criar ferramentas das quais os agentes reais desta mudança possam se amparar no processo de construção de sua própria ideologia, oposta à dominante, anti-colonailista e anti-latifundiária.

Esta tese, portanto, é sobre os **verdadeiros pioneiros do território que hoje chamamos Rondônia. Através dos estudos de um dos sítios arqueológicos localizado na calha do rio Madeira, o sítio Teotônio, tenho como objetivo elucidar as dinâmicas socio-históricas que caracterizaram as primeiras populações nesta área.**

No título, trato de chama-las de “ocupações holocênicas”, e explico o porque. O termo Holoceno é um conceito emprestado da paleontologia, e bastante utilizado por arqueólogos de tradição anglo-saxã. Representa o período geológico (de divisão da história da terra) mais recente, que junto com o Pleistoceno formam o que se chama de Quaternário. A Comissão Internacional sobre Estratigrafia definiu seu início em 11.650 anos antes do presente, que representa a data do fim do último período glacial. É subdividido, com base ainda em critério geológicos, em Gronelandês (11.650-8.320 AP), Norte-Gripiano (8.326 - 4.200 AP) e Meghalaiano (4.200 AP- presente).

Tomo como referência a terminologia geológica por ela ser amplamente utilizada pela arqueologia das terras baixas americanas, principalmente no que diz respeito aos estudos das ocupações humanas mais antigas do continente. Da mesma maneira, o leitor se deparará, ao longo do texto, com termos como “Holoceno Inicial e Holoceno Médio”; os dois períodos são a delimitação temporal da pesquisa, que designam, em linhas gerais, os períodos Groleandês e Norte-Gripiano, citados acima.

Do ponto de vista da arqueologia brasileira, o Holoceno Médio e Inicial é marcado muito mais, e por conseguinte definido, pelo período em que as sociedades que ocuparam este território não tinham como característica principal a produção de cerâmica, que se popularizou no continente por volta de 3.000 anos antes do presente. Por isso, na literatura arqueológica, o Holoceno Inicial e Médio corresponde à sociedades de características caçadoras-coletoras, pré-ceramistas, ou algumas vezes denominado também de Arcaico (Schatamacchia, 1994; De Blasis, 2000).

Ao longo do texto veremos que estes elementos tecnológicos (presença/ausência de cerâmica, agricultura, sedentarização) não são bons marcadores para definir períodos históricos, se um toma em conta a necessidade de explicar os processos sociais. Dessa forma, me pareceu mais seguro, para fins de delimitação temporal, usar um termo da geologia, em contrapartida às classificações mais clássicas da arqueologia.

Introdução

É preciso compreender esta tese como uma continuidade das pesquisas iniciadas em 2011, quando ingressei no Projeto Alto Madeira (PALMA), e comecei a desenvolver os questionamentos que aqui apresento. Nestes anos, uma parte significativa das elaborações foram sendo publicadas (Mongeló, 2015a, 2015b, Watling et al, 2018), sozinho ou em co-autoria com a equipe, e aqui tenho a oportunidade de apresentá-las com maior robustez teórica.

Acredito que essa pesquisa acabou se tornando um dos eixos do Projeto Alto Madeira, que iniciado pelos professores Eduardo Neves e Fernando Almeida, em 2008, buscou explorar uma região da Amazônia brasileira que possuía muito potencial do ponto de vista da pesquisa arqueológica, mas que carecia de sistematizações mais científicas.

Quando começaram as investigações, em 2008, a região do trecho encachoeirado do Rio Madeira, no estado brasileiro de Rondônia, havia sido alvo de pesquisas arqueológicas não sistemáticas por parte de Eurico Miller, arqueólogo ligado ao PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) que ainda nos anos 1970 fez suas primeiras idas a campo. Miller, apesar das poucas publicações, construiu um panorama geral das ocupações humanas pré-coloniais nas bacias dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Jamari, informações que ainda hoje nos servem como elementos basais para a construção das cronologias e tipologias arqueológicas.

Um dos elementos levantados por Miller (1992, 1999) está relacionado centralmente com essa pesquisa. É de sua responsabilidade as primeiras informações sobre **ocupações pré-ceramistas do Holoceno Médio e Inicial na bacia do Alto Rio Madeira**, ainda que tenham sido informes muito pontuais, que muitas vezes se resumem um parágrafo. Talvez pela pouca precisão em suas publicações, os dados levantados por Miller permaneceram em descrédito por boa parte da comunidade acadêmica, e esta tese, além de ser uma retomada dessa história, busca complexificar as narrativas sobre as ocupações humanas no Alto Rio Madeira, anteriormente a 3.000 AP.

O tema das ocupações humanas pré-ceramistas na região amazônica é pouco estudado, se comparados com os estudos ligados às sociedades mais recentes, e possui

matizes de questionamentos próprios. Ainda que famosos viajantes europeus do século XIX, como Alexandre Rodrigues Ferreira (1783), Ermanno Stradeli e Henry Condeau (1896) tenham reportado a existência de instrumentos de rocha lascados em distintos pontos da Amazônia, aludindo a ocupações humanas bastante antigas, até os anos 1970 era senso comum no meio acadêmico de que não havia ocupações pré-ceramistas na Amazônia.

Essa dúvida era calcada primordialmente em dois elementos: primeiro, não havia de fato assentamentos, com dados arqueológicos seguros, que atestassem a existência de ocupações humanas muito antigas na bacia amazônica. O outro motivo, que possui uma relação com a metodologia de prospecção aplicada (e causava esse viés amostral), era de cunho teórico: o determinismo ambiental presente nos trabalhos, principalmente de Betty Meggers e Donald Lathrap, dois dos grandes expoentes dessa geração, era tão presente a ponto destes arqueólogos negarem a existência de sociedades com um modo de subsistência caçador-coletor na floresta amazônica.

Digo isso porque na arqueologia brasileira, há uma divisão histórica muito bem marcada com base no modo de subsistência, ou como denominava Pierre Clastres (2003), com base na “*infraestrutura econômica*”. A cerâmica e a agricultura aparecem quase juntas no registro arqueológico em uma boa parte dos sítios arqueológicos no Brasil, o que fez com que os arqueólogos brasileiros denominassem esse período em que essas inovações tecnológicas aparecem como Período Formativo, a versão americana do conceito de Neolítico de Gordon Childe (1954). Essa divisão, marcada pelos aspectos econômicos, leva em conta principalmente os elementos que organizam os modos de subsistência de uma sociedade, opondo os caçadores-coletores (mais antigos) aos ceramistas-sedentários-agricultores (mais recentes), mediados pelos processos de mudanças do Período Formativo.

Portanto, quando se encontram sítios arqueológicos sem a presença de cerâmica, há uma associação direta com duas coisas: a antiguidade, pois provavelmente representa um período em que não havia começado o manejo da cerâmica; e o modo de vida caçador-coletor, pois a cerâmica é um instrumento que possui tradicionalmente uma associação direta com a agricultura e o sedentarismo, segundo o modelo do velho mundo.

Existe, assim, na arqueologia, uma correlação que foi construída historicamente entre modelos de subsistência e período histórico. Tratei desse tema de maneira mais

aprofundada na minha dissertação de mestrado (2015a), ainda que esse seja um assunto revisto de maneira bastante recorrente na historiografia, e que remete a uma visão de mundo construída a partir do desenvolvimento das ciências sociais no Iluminismo. Essa correlação entre período histórico e modo de subsistência, ou modelo econômico, possui uma razão bastante clara de ser calcada numa perspectiva evolucionista da história, onde as formas de organização sociais partem do esquema mais rudimentar, para as formações mais complexas.

Essa visão epistemológica da ciência, de ver o desenvolvimento das sociedades a partir de uma lógica linear, não só ligava as sociedades ameríndias pré-ceramistas ao modelo clássico de bandos de caçadores-coletores, como defendiam a impossibilidade de sua existência, diante das enormes dificuldades ecológicas do meio ambiente, majoritariamente a falta de fontes de proteínas, que em espaços geográficos mais abertos é abundante (big game). Sendo assim, formava-se um ciclo de auto-afirmação: não encontramos contextos arqueológicos pré-ceramistas, porque é impossível que tenha existido sociedades caçadoras-coletoras na floresta amazônica, logo, não precisamos prospectá-los porque não encontraremos.

Esse quadro permaneceu inalterado até meados dos anos 1990, quando distintos informes, de diferentes partes da amazônica, começaram a evidenciar estratigrafias arqueológicas longas e complexas, com datações bastante recuadas, e indiscutíveis indústrias tecnológicas. Uma revisão desse quadro, que se tornou bastante consistente, é alvo do capítulo 05 dessa tese.

O debate em torno da existência de grupos caçadores-coletores na região amazônica, principalmente a discussão levada a cabo por antropólogos no início dos anos 1990, ainda que tenha trazido o tema à tona, deixou um legado negativo, e é comum ver obras de síntese sobre arqueologia amazônica começarem com a afirmação de que são escassos os dados sobre sítios arqueológicos do Holoceno Inicial e Médio. O intento principal no capítulo 05 será complicar os dados até então publicados, a fim de fazer um debate sobre o tema das origens da alta diversidade cultural.



Figura 06: Mapa da América do Sul, em vermelho, trecho encachoeirado do Rio Madeira. Adaptado. Wikipedia.

Um destes sítios que nos anos 1980 foram reportados com a presença de longas estratigrafias que ocupavam boa parte do Holoceno, é o **Sítio Teotônio**, alvo principal de análises desta tese. Esse sítio foi primeiramente registrado por Eurico Miller, ainda nos 1970, e a pesquisa foi retomada por nossa equipe em 2011, capitaneados pelos professores Eduardo Neves e Fernando Almeida. Almeida estava então terminando a sua tese de doutorado, que versa sobre as ocupações pré-coloniais mais recentes nas bacias do alto rio Madeira e rio Jamari, produtores da cerâmica Jatuarana. Não por acaso, Miller identificou no sítio Teotônio as datações mais antigas para tal conjunto cerâmico, o que despertou o interesse de Almeida, e que continua sendo um profícuo debate no meio arqueológico (Almeida, 2013, 2015; Moraes, 2015).

Além dos questionamentos acerca das ocupações mais recentes do sítio Teotônio, em uma das etapas de campo identificamos camadas extensas e profundas de solo antrópico, Terra Preta, sem a presença de material cerâmico; tal qual descreveu Miller em artigos dos anos 1990. As Terras Preta são o indicador mais visível da presença de sítios

arqueológicos na Amazônia, pois é recorrente em quase todos os antigos locais de ocupação em toda a bacia. É um solo que possui características bastantes distintas do solo natural amazônico, principalmente no que diz respeito às suas qualidades férteis, possuindo altos índices de matéria orgânica, carbono e cálcio.

Não se sabe ao certo ainda o grau de intencionalidade que as populações amazônicas do passado tiveram para que se gerassem as Terras Pretas, o certo é que sua existência e formação é condicionante à presença humana (Neves, 2009), ou seja, as Terras Pretas são frutos da intensa relação entre população humana e meio ambiente, que através de atividades domésticas, de cultivo, práticas rituais e enterramentos, acabaram por dar características ao solo que testemunham uma alta antropicidade.

A questão principal aqui, no que diz respeito às Terras Pretas, é que elas aparecem no contexto amazônico de maneira generalizada ao redor do 3^a milênio antes do presente, ao longo de distintos sítios nas calhas dos grandes rios. Em vários destes lugares, parece ter uma relação muito próxima ao aparecimento da cerâmica da Fase Pocó-Açutuba (Neves, 2014), o que sempre há gerado uma correlação entre estes vestígios e o “pacote Formativo”. No entanto, Neves (2007) salientava desde muito antes de que a única exceção deste quadro era a região do Alto Rio Madeira, onde Miller havia relatado a existência de antigas camadas enterradas de solos antrópicos, com datações ao redor do 6^o milênio antes do presente, e onde ele não havia identificado qualquer fragmento cerâmico associado.

Desde as publicações de Miller em 1992, cujas escavações haviam sido realizadas nos anos 1980, não houve nenhuma nova informação acerca destes conjuntos arqueológicos até que o Projeto Alto Madeira retomasse as escavações no sítio Teotônio, em 2011.

Esse contexto arqueológico formado por Terras Pretas sem cerâmica, Miller denominou “**Fase Massangana**”, e prontamente o identificou como a materialidade de um processo social de mudanças profundas, que na literatura arqueológica se designou por Período Formativo. Trata-se da versão americana do Período Neolítico de Gordon Childe (1954), e que representaria o processo de transformação de sociedades caçadoras-coletoras em sociedades ceramistas-sedentárias-agricultoras. Para Miller, a existência das Terras Pretas, seria um indicativo do início da domesticação de plantas e da

sedentarização, processo este que estaria completo apenas mais tarde, com o aparecimento das cerâmicas mais antigas da região.



Figura 07 – Foto aérea da Cachoeira do Teotônio, nos anos 1980. Na margem direita adjacente à cachoeira, acima na foto, localiza-se o sítio Teotônio. Foto de Michael Goulding

Este foi o pontapé da minha dissertação de Mestrado (Mongeló, 2015a), onde analisei algumas unidades de escavação do sítio Teotônio que possuíam camadas de Terra Preta sem cerâmica, com grande abundância de material lítico. Meu objetivo então era comprovar a existência destas antigas camadas de Terra Preta, através da análise dos perfis estratigráficos do sítio, que se mostravam bastante heterogêneos, além de lançar luzes aos aspectos tecnológicos dos vestígios culturais relacionados à esta ocupação.

Conseguimos mostrar, naquele momento, que a heterogeneidade das camadas arqueológicas presentes no sítio Teotônio era reflexo das ocupações modernas, que modificaram o terreno, retirando uma série de camadas arqueológicas e deixando outras, mais antigas à mostra. Confirmei a antiguidade das Terras Pretas com uma datação para a base da ocupação Massangana de 6.500 anos AP, que com a datação recuperada de Almeida (2013) do topo desta camada, colocava esse conjunto cultural no espaço que vai de **6.500 AP** até **3.200 AP**.

Além das elaborações feitas sobre os processos sociais de transição ao que tradicionalmente se considerava como Período Formativo, algumas pontas ficaram soltas durante a investigação de Mestrado, a algumas delas são as causas e justificativas desta pesquisa de Doutorado. Foi encontrado, em uma das unidades de escavação, camadas de solo natural⁶ com a presença grande de material lítico lascado, com características muito semelhantes ao lítico da Fase Massangana. Miller já havia aventado a possibilidade de existirem ocupações mais antigas do que a Fase Massangana, melhor documentadas para a bacia do rio Jamari, mas também presentes em alguns sítios da calha do Madeira.

Ele nunca elaborou mais do que poucas linhas sobre estes conjuntos antigos, provavelmente por de fato não ter muitos dados disponíveis, não temos nenhum desenho ou nenhuma imagem deste material. No entanto, ele o denomina **Fase Girau**, e o relaciona a cinco sítios adjacentes à distintas cachoeiras no rio Madeira.

Na minha dissertação de mestrado, avantei a possibilidade de que este material lítico presente correspondesse à uma ocupação anterior à Massangana, entretanto, não foi possível obter amostras de datação, e a quantidade de material lítico obtido não era suficiente para poder fazer uma comparação com os outros conjuntos. Um dos objetivos principais desta pesquisa de doutorado em seu início era portanto descrever melhor esse conjunto, partindo da hipótese de que havia uma ocupação anterior à fase Massangana, e que ela poderia corresponder ao que Miller havia descrito como fase Girau.

O segundo problema decorrente da minha dissertação de mestrado diz respeito à caracterização do material lítico. O tamanho diminuto e o tempo disponível para realizar a dissertação fizeram com que eu optasse por fazer uma descrição básica do material, aplicando uma ficha de triagem ao conjunto. Portanto, obtive essencialmente dados quantitativos, ainda que puderam elucidar diversas questões acerca da tecnologia destas populações.

Nesta tese, me propus analisar mais a fundo o material lítico dos dois conjuntos: o que se encontra em **solo antrópico (Massangana)** e o que se localiza em **solo natural (Girau)**, aplicando uma ficha com diversos atributos, a fim de compreender rupturas ou

⁶ A diferença entre o solo natural e o solo antrópico nos sítios amazônicos é muito bem marcada pela coloração, como o leitor poderá ver nas páginas subsequentes

continuidades nesta indústria, e por compará-la com outros conjuntos antigos amazônicos.

Na mesma toada, trabalhando conjuntamente com a pesquisadora Jennifer Watling, começamos a discutir aspectos ligados à funcionalidade desta indústria lítica, embasando-se em dados de amostras paleobotânicas extraídos por ela de lascas e núcleos, e que foi recentemente publicado (Watling, 2018).

A outra problemática, que surgiu a partir dos dados levantados nas escavações do sítio Teotônio, está relacionada com a necessidade de explicar as dinâmicas sócio-históricas destes primeiros grupos. Ou seja, para além da mostrar a existência da ocupação humana no Alto rio Madeira, e combater o discurso dos pioneiros do século XX, me parece que é preciso dar forma ao modelo histórico que garantiu a existência destas relações sociais, e não apenas descrever o conjunto.

Para tanto, utilizo-me dos aportes do materialismo dialético para caracterizar o modo de vidas dos primeiros habitantes do sudoeste amazônico. Me parece, não só por ser uma necessidade contemporânea de explicar os fenômenos históricos a partir de uma ótica marxista, mas que o materialismo-dialético se apresenta como o corpo epistemológico que melhor maneja os aspectos objetivos e subjetivos da realidade concreta, não recaindo na relativização total do pós-modernismo, tampouco em uma visão funcional e estática do positivismo.

Deste modo, estruturei a tese do seguinte modo: no **Capítulo 1** apresentarei a região do Alto Rio Madeira, e o contexto arqueológico da área;; no **Capítulo 2** falarei sobre o sítio arqueológico Teotônio e descreverei as atividades de escavação; o **Capítulo 3** trata da análise do material arqueológicos dos dois contextos estudados; o **Capítulo 4** é uma retomada dos dados até então já publicados sobre o sítio Teotônio, de modo a resumir o que já sabemos sobre estas ocupações; no Capítulo 5 farei um apanhado geral dos dados das ocupações do Holoceno Inicial e Médio na bacia amazônica, tendo como eixo o material lítico; e por fim o **Capítulo 6** é uma proposta de inserção dos contextos estudados em um quadro mais geral latino-americano.

Capítulo 1: Arqueologia do Alto Rio Madeira

1.1- Introdução

Em 2011, convidado pelos professores Eduardo Neves e Fernando Almeida, e na condição de recém-formado, participei da primeira etapa de campo realizada no Sítio do Teotônio, como parte do Projeto Alto Madeira (PALMA), iniciado pelos dois em 2008. Fernando estava na parte final de seu doutorado, e o sítio Teotônio, já emblemático, possuía as datas mais antigas publicadas para a cerâmica policroma, alvo de sua pesquisa.

Esses dados haviam sido publicados pelo arqueólogo Eurico Miller (1992a), um dos primeiros pesquisados a trabalharem na região, e que ao longo de mais de 30 anos de pesquisas na área, estabeleceu a primeira proposta de cronologia para a ocupação humana na bacia do alto Rio Madeira, expressa em um conjunto sucessivo de fases e tradições, metodologia oriunda de sua tradição histórico-culturalista.

A mais recente destas ocupações, antes da conquista europeia, foi denominada por ele como Subtradição Jatuarana, o correlato local para a Tradição Polícroma da Amazônia. Esse conjunto artefactual é bastante típico da bacia amazônica, e é caracterizado, principalmente, pela presença de cerâmicas decoradas com pinturas negras e vermelhas, aplicadas sobre um engobo branco, conformando uma variedade de decorações, mas que envolvem essencialmente estes elementos.

Tradicionalmente (Brochado, 1992; Almeida, 2015) há uma correlação, indireta, entre os produtores da cerâmica policroma, e os grupos falantes da língua Tupi; essa hipótese tem uma base material, pois quando os primeiros colonizadores europeus chegam à Amazônia e descrevem uma cerâmica muito semelhante com a cerâmica encontrada nos contextos arqueológicos, eles também os descrevem como falantes de línguas Tupis (Porro, 2005; Tamanaha, 2012). Soma-se a isso o fato de que a região do Alto Madeira, atualmente, é o local onde se encontra a maior variedade de línguas que compõe o tronco Tupi, e segundo uma das correntes da linguística histórica (Rodrigues, 1954), esse dado os leva a crer que esta região seria o local do centro de dispersão dos grupos falantes dessa língua. Hoje me dia, há pelo menos 60 línguas relacionadas ao tronco Tupi, e o ancestral comum destas línguas, para estes especialistas, estaria na região do Alto Rio Madeira.

Esse foi o mote principal para que Almeida montasse seu projeto de doutorado, e buscasse inicialmente datas antigas para a cerâmica policroma no curso do baixo rio Jamari, um importante afluente do rio Madeira. Ao final de sua pesquisa, ao não ter encontrado contextos tão antigos como os que Miller havia descrito, ele resolve ir “*direto a fonte*” e reabrir escavações no sítio Teotônio, onde Miller nos anos 1980 havia encontrado estas datas antigas.

Em 2008, iniciaram as construções da Hidrelétrica de Santo Antônio, cujo eixo da barragem localiza-se exatamente sobre a cachoeira homônima, à montante da cachoeira do Teotônio. A construção dessa hidrelétrica é bastante significativa para nós, arqueólogos, pois gerou um trabalho de licenciamento ambiental bastante amplo no que diz respeito à investigação arqueológica, e que se traduziu em importantes investigações científicas (Zuse, 2014; Caldarelli & Kipnis, 2017). O custo porém foi bastante alto, a formação do lago subsequente ao erguimento da barragem acabou com a paisagem regional, além de inundar uma quantidade grande de sítios arqueológicos, deixou submersas todas as cachoeiras deste rio, em um trecho de aproximadamente 110 quilômetros, o que ocasionou a retirada forçada de uma parcela significativa de ribeirinhos que viviam da subsistência do rio.

Em 2011, portanto, foi a última oportunidade que tivemos de observar o sítio Teotônio com sua cachoeira imponente e majestosa. Nesta etapa de escavação, buscou-se áreas com maior densidade de cerâmica, afim de obter uma amostragem grande que possibilitasse uma caracterização mais precisa do material relacionado à subtradição Jatuarana. Mesmo assim, na área central do sítio, próximo ao ponto 0, uma das unidades de 1m² escavadas fugiu à regra e evidenciou uma camada de solo escuro, do tipo Terra Preta Antrópica, sem a presença de material cerâmico, apenas com material lítico lascado em quartzo, cujas fotos de perfil encontram-se abaixo.



Figura 08:Perfil Norte da Unidade N 10001 E10003
(F.A..)



Figura 09:Perfil Leste da Unidade N10001 E10003 (F.A.)

Essa informação ligou o alerta na equipe do Projeto Alto Madeira, que sabia desde o início das publicações de Miller acerca da Fase Massangana, um conjunto arqueológico com características semelhantes às encontradas por nós. Constatado um elevado grau de confiabilidade para este contexto escavação da unidade N10001 E10003, esta camada de Terras Pretas sem cerâmica tornou-se o alvo de meu projeto de mestrado, e decorrente, desta pesquisa de doutorado. O que associamos de início, e as pesquisas posteriores provaram que estava correto, é que no sítio Teotônio havia um componente de vestígios arqueológicos ligados ao Holoceno Médio, e que este conjunto representaria um dos processos mais antigos de formação de solos antrópicos para as terras baixas da América do Sul.

Neste capítulo, tratarei da descrição arqueológica da região do Alto Rio Madeira, a partir da recompilação dos dados arqueológicos que temos para os períodos mais

recuados desta área. Tendo em base os dados disponíveis, dividi em três áreas: Alto rio Ji-Paraná, Rio Guaporé e bacia dos rios Madeira, Mamoré e Jamari.

1.2 - A Região do Alto Rio Madeira- Caracterização Inicial

A região do Alto Rio Madeira é entendida aqui como a área que engloba a calha principal deste Rio, a partir da sua primeira cachoeira sentindo jusante, chamada de Santo Antônio, os seus rios formadores Guaporé, Mamoré e Abunã, e Ji-Paraná, que apesar de desaguar no rio Madeira abaixo da cachoeira de Santo Antônio, possui elementos arqueológicos concomitantes e comparáveis.



Figura 10 – Mapa com o volume de cada uma das sub-bacias da região amazônica (Fonte: <http://aguasamazonicas.org/cuencas/>)

O Rio Madeira é um típico rio tropical (Latrubesse et al., 2005), que corta o Cráter Amazônico sentido Sudoeste-Nordeste. Seus formadores principais, que a geomorfologia fluvial denomina “sistema fluvial Guaporé-Mamoré-Alto Madeira” tem suas nascentes

em áreas montanhosas no Planalto Central Brasileiro, e nos Andes, o que faz com que ele carregue, do ponto de vista hidrológico, características das duas bacias.

Grande parte do sedimento que o rio Madeira carrega é proveniente da força com que o rio Beni desbarranca suas margens, devido à alta pluviosidade em seu percurso alto e médio. A junção destas grandes bacias faz com que o Madeira carregue anualmente 460 toneladas métricas de água, com “alta taxa de sedimentos finos em suspensão” (Tizuka, 2012), sendo considerado o maior tributário do rio Amazonas (Latrubesse, 2008).



Figura 11 – Em vermelho, polígono englobando a região do Alto Rio Madeira.

Possui aproximadamente 341 km de extensão, desde a sua nascente nas confluências dos rios Mamoré, Guaporé e Beni, até a cachoeira de Santo Antônio. A principal característica deste setor do rio, que é o setor em que estamos trabalhando, é a

presença de 24 cachoeiras. Não há um critério muito científico para a definição, do ponto de vista geomorfológico, das cachoeiras do rio Madeira, e pesa muito a denominação histórica e popular que foi sendo definida pela população local.

E relação à reconstrução da paisagem no passado, Tizuka (2013) realizou um extenso trabalho de reconstrução das dinâmicas fluviais do rio Madeira (entre as cachoeiras Caldeirão do Inferno e Santo Antônio) durante o período do Holoceno, baseando-se na análise de perfis estratigráficos em distintos compartimentos geomorfológicos. Ela mostrou que na calha do rio Madeira, os platôs lateríticos elevados não sofreram, nos últimos 8 mil anos, qualquer tipo de mudanças pela movimentação do rio; por outro lado, a formação das planícies aluviais e das ilhas é bastante recente. Este dado nos é importante pois mostra que o rio, em sua porção mais alta, apesar de ser um rio de características meandrosas, não teve mudanças de curso durante o Holoceno, sendo as margens atuais praticamente as mesmas margens que havia no início do período holocênico. O sítio Teotônio, alvo principal deste trabalho, localiza-se sobre um deste platôs lateríticos, que em altimetria muito acima da cota da água, não foi atingido pelos diferentes regimes do rio Madeira.

Ainda neste tópico, da reconstrução da paisagem, os estudos paleoecológicos tem avançado bastante no último período. Há um debate clássico sobre o processo de formação da floresta amazônica, que tem como paradigma mais antigo e tradicional a Teoria dos Refúgios (AbSaber, 1982). Esta hipótese se baseia na ideia de que o Holoceno, no território que hoje é a Amazônia, foi consideravelmente mais seco do ponto de vista climático, o que teria causado um refluxo das áreas ocupadas por floresta tropical, formando “oásis” ou refúgios. Este quadro teria começado a mudar, por volta de 4000 anos AP, quando o regime de chuvas teria aumentado drasticamente, e as áreas florestadas teriam se expandido, conformando a atual floresta tropical.

Esta hipótese foi muito utilizada pelos ecólogos que debateram, no início dos anos 1990 a existência ou não de sociedades do tipo caçadoras-coletoras na bacia Amazônica, argumentando que se elas tivessem de fato habitado este território, é possível que ele não tivesse sido totalmente florestado durante todo o Holoceno. Sabemos hoje em dia (Pessenda et al, 1998) que apesar de bastante sofisticada, a Teoria dos Refúgios é uma hipótese que não se sustenta com os novos dados, e estudos generalistas sobre a “história da floresta amazônica” tendem a não abarcar as inúmeras particularidades regionais.

Estudos recentes de reconstrução paleoecológicas, ligados ao Projeto Arqueológico Carajás (PACA), por exemplo, mostraram uma grande variação climática e florestal nos últimos 25 mil anos, onde a floresta tropical densa começou a se formar no início do Holoceno, enquanto predominou um clima mais quente e úmido. Este cenário foi modificado com a mudança de um clima mais frio e seco durante o Holoceno Médio, (6000-4000 AP), formando algumas das áreas de cerrado que existem até hoje nesta área (Hermanowski et al 2012). A região da Serra dos Carajás está consideravelmente distante da região do Alto Rio Madeira, no entanto, é útil para ilustrar a necessidade de estudos regionais para explicar as dinâmicas de formação do bosque tropical, em contrapartida à propostas mais globais, pois estas variações de clima e vegetação provavelmente dizem respeito muito mais a fatores locais do que movimentos continentais.

O que é consenso hoje em dia, entre os pesquisadores, é que os estudos paleoecológicos são essenciais para a compreensão das dinâmicas sociais durante o Holoceno nas Terras Baixas da América do Sul, principalmente pela relação clássica entre modo de subsistência e meio ambiente. Na verdade, muitas das inferências que se faz a respeito dos modos de organização e práticas culturais possuem uma relação íntima com o pressuposto de que a oferta de bens consumíveis, sejam estes vegetais, animais ou minerais permanece-se relativamente inalterado. A perspectiva mais moderna acerca do tema compreende o meio ambiente não como um elemento limitante, mas que ainda cumpre um papel importante no processo de compreensão das populações indígenas pré-coloniais.

Na região do Sudoeste Amazônico, dois estudos recentes são importantes para a compreensão do cenário ecológico holocênico da região do Alto Madeira. Recentemente, Lombardo (et al, 2019) fez uma descrição detalhada das mudanças paleoclimáticas durante o Holoceno na região de Llanos de Mojos. Esta área está localizada na Bolívia, e apesar de ser considerada parte do Sudoeste Amazônico, está a cerca de 600 km do rio Madeira, ainda que ali encontram-se importantes formadores deste rio, como o Beni. Ele nos mostrou que a paisagem predominante que vemos hoje em dia de savana inundada⁷, combinada com áreas de cerrado e floresta densa, foi formada apenas a cerca de 4000 anos atrás, fruto de evento de aumento de precipitação, que transformou a área em um

⁷ Nesta área localiza-se o sítio de Isla del Tesoro, que descrevemos detalhadamente no capítulo seguinte. No mesmo ecótono, do lado brasileiro, encontra-se o sítio Monte Castelo, ambas estruturas sambaquieiras.

ambiente mais úmido e cálido. Antes disso, nos dizem os autores, houve uma variação climática e ecológica relativamente grande durante o Holoceno Médio, caracterizado por um clima mais seco e avanço das áreas de cerrado.

Mais uma vez, é difícil fazer uma extrapolação de dados pontuais de uma área para toda a região Amazônica, ou até mesmo para a área do Sudoeste Amazônico como um todo. Dessa maneira, Watling (2018), colega de PALMA, está conduzindo estudos paleoclimáticos na área adjacente à cachoeira do Teotônio, afim de elucidar a questão do ambiente pré-colonial em que estamos trabalhando.

Watling realizou intervenções sistemáticas em áreas fora do sítio Teotônio, buscando analisar dois elementos: isótopos estáveis de fragmentos de madeira carbonizada, e micro-vestígios botânicos de fitólitos de amostras de solos. O primeiro dado está relacionado a um padrão de valores dos isótopos estáveis dos fragmentos de carvão que indicam se esta madeira corresponde a um tipo de vegetação mais florestada, ou mais aberta. E o segundo dado implica no reconhecimento específico das plantas, a partir da identificação da espécie pelo vestígio microscópico.

Ela mostrou que existe uma tendência de aumento da quantidade de madeira queimada, ao longo do tempo, o que pode indicar uma crescente intensidade de relação entre as populações e o meio ambiente. A relação do dado botânico (aumento da quantidade de carvões) com o elemento antrópico se dá pelo fato de que esta tendência crescente é presente também sob a perspectiva horizontal das amostras, ou seja: há uma quantidade maiores de carvões, nos níveis mais recentes, e mais próximos do sítio Teotônio.

Em relação aos fitólitos, os dados não são conclusivos, mas indicam uma hipótese. Existe, nas estratigrafias das intervenções realizadas, um período não datado, em que há um aumento de vestígios de sílica ligados à vegetação de gramíneas, o que implica em uma diminuição da área florestada (mais gramas significa mais espaço aberto, logo, menos floresta). Analisando os perfis, Watling atesta que essa camada é mais antiga do que 1000 anos AP, pois obteve uma datação em uma camada superior. Este dado é muito interessante pois demonstra que há uma variação importante do ponto de vista da composição vegetal da região adjacente ao sítio Teotônio, e a existência de um período

com vegetação mais aberta (representada pelo aumento das gramíneas), pode indicar um momento durante o Holoceno com um clima mais seco.

Não foram realizadas ainda as datações para as camadas, e modo que poderíamos reconstruir essa paisagem de maneira mais concreta, no entanto, entendemos que, com base nos estudos já publicados, há uma **tendência** para que o Holoceno Médio, na região das cachoeiras do rio Madeira, tenha sido um período mais seco, com menos chuva e com cobertura vegetal menos intensa. De qualquer maneira é preciso enfatizar que estas afirmações são passíveis de confirmação no futuro próximo.

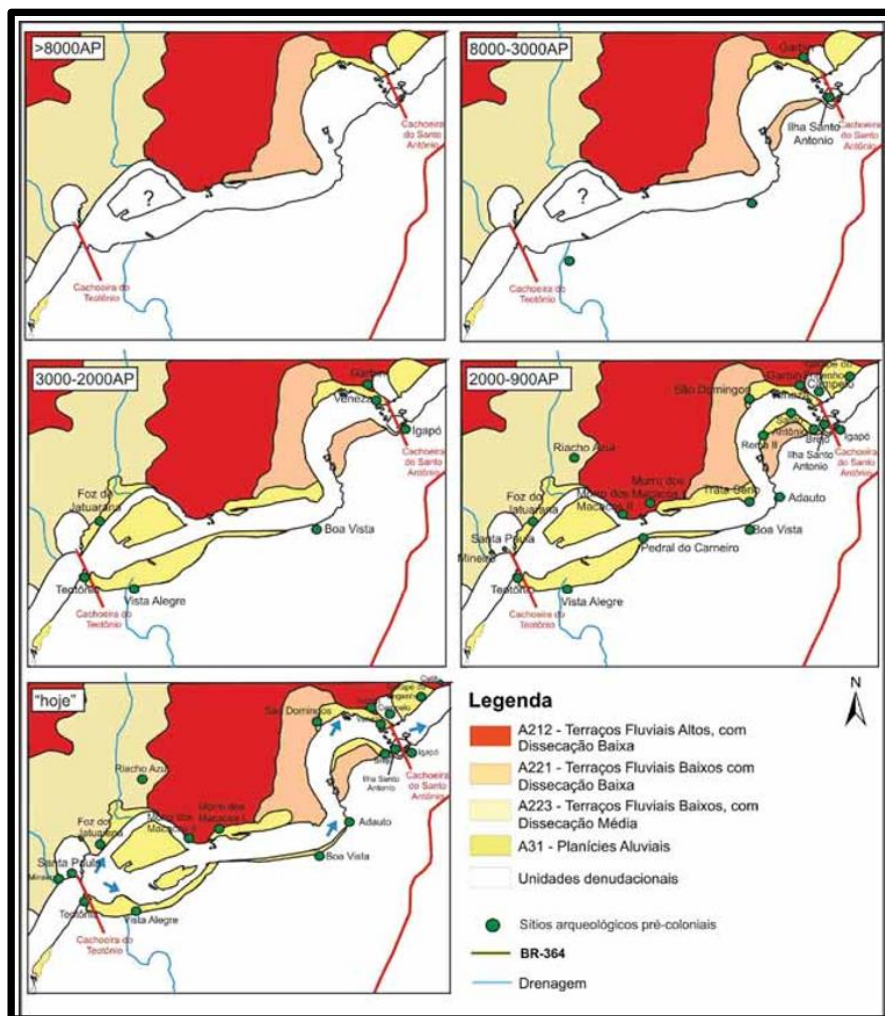


Figura 12 - Dinâmica fluvial do rio Madeira durante o Holoceno, à altura do sítio Teotônio – Tizuka, 2013

1.3- As Cachoeiras do Rio Madeira – A história de um lugar

Como dito, uma das principais características do rio Madeira é a existência de cachoeiras em seu trecho superior. Tratam-se de distintas seções de rochas metamórficas que cortam o rio, sendo visíveis durante a maior parte do ano. Das vinte e quatro cachoeiras, apenas duas são intransponíveis por embarcações fluviais em todas as estações do ano: Teotônio e Girau. Por isso, são também comumente denominadas como “Saltos”, etnônimo que as acompanha desde o período colonial.

De qualquer maneira, todas estas “interrupções” do canal do rio Madeira são lugares de destaque na paisagem, e popularmente denominadas “cachoeiras”. A existência destes marcadores paisagísticos também cumpre distintas funções para as populações locais, e muitas destas atividades são historicamente datadas.

A principal das atividades é a pesca, que sempre foi abundante. Goulding (1980) considerou o trecho do Alto Rio Madeira como um dos locais mais piscosos da Amazônia, ou seja, que tinha a maior quantidade e diversidade de espécies de peixes em toda bacia. O período da piracema, momento em que os peixes sobem em direção às cabeceiras do rio para desovarem, é um dos marcantes momentos para as populações que habitavam suas margens pela quantidade de peixes e pela facilidade que era em pescá-los, por entre as rochas das cachoeiras.

A combinação da alta piscosidade, das agradáveis praias que se formavam em período de seca, e a dificuldade de transpô-las, fez com que estas corredeiras se tornassem, historicamente, marcadores importantes na paisagem, compondo um cenário coletivamente construído (Almeida & Kater, 2017) tanto no imaginário das populações ribeirinhas como na vida concreta das mesmas. Um bom exemplo dessa dinâmica é quando das filmagens do primeiro registro em vídeo realizado na Amazônia, produzido por Silvino Santos em 1922, este escolheu a cachoeira do Teotônio como um dos locais dignos de serem mostrados no filme.



Figura 13: Alta piscosidade nas cachoeiras do rio Madeira. Pesca na cachoeira do Teotônio durante a piracema, nos anos 1980, foto de autoria de Michael Goulding

Outro elemento, que está ligado à constituição histórica da região, e que possui uma relação íntima com as cachoeiras é a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Esta obra demorou cinquenta anos para ser concluída, e tinha como objetivo a transposição, no final do século XIX, do trecho encachoeirado do rio Madeira. As cachoeiras eram o principal empecilho para a exportação via Atlântico da borracha produzida na Amazônia boliviana, e a EFMM, ainda que tardiamente construída, iniciou um intenso processo de colonização moderna da área (ver introdução).

Foi durante este período de expansão da indústria da borracha, no final do século XIX, que diversos cientistas, pesquisadores e engenheiros percorreram o trecho encachoeirado do rio Madeira, estudando a viabilidade da construção da estrada de ferro. E foi através deles que temos os primeiros relatos da existência de sítios arqueológicos na área.

Franz Keller, engenheiro alemão, percorreu o trecho entre a Vila de Santo Antônio e a vila boliviana de *Cachuela Esperanza*, às margens do Beni, e foi um destes viajantes que descreveram com detalhes as cachoeiras, de um ponto de vista bastante cientificista,

em 1850. Além das descrições, produziu a imagem abaixo, de gravuras rupestres encontradas às margens das cachoeiras de Girau.

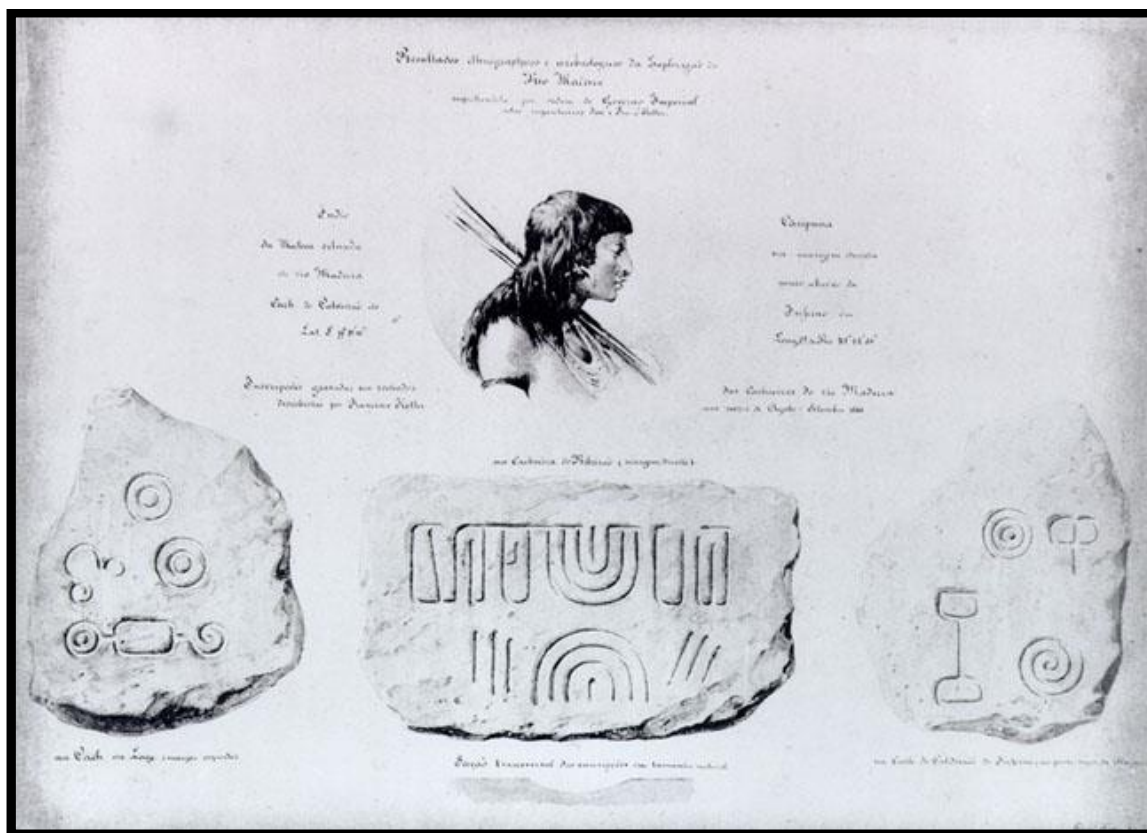


Figura 14 – Desenho de gravuras rupestres identificados nas margens da Cachoeira do Girau, autoria de Franz Keller (1874)

Keller faz uma associação direta destas gravuras com a presença dos indígenas da etnia Caripuna, que ele encontrara algumas vezes durante a viagem. Sabemos historicamente que todo esse trecho foi ocupado por populações indígenas, que foram descritas por viajantes desde o século XVIII, de etnia Mura, Caripuna e Pano, principalmente. Esta foi uma área de fronteira persistente entre os Impérios de Portugal e Espanha durante a colônia, tardiamente colonizada por estes. Ademais das esparsas missões jesuíticas no baixo curso deste rio (Leite, 2006), a navegação dos rios que compreendem a região do Alto Rio Madeira (Mamoré-Guaporé-Madeira) permaneceu fechada por ordem régia até 1753 (Amoroso, 1992), a fim de evitar a saída ilegal de ouro das minas de Villa Bela (MT), que necessariamente deveriam ser escoadas por terra via Goiás.

Durante esse período, Menendez (1992) relata o primeiro ciclo econômico extrativista do Rio Madeira e sua implicação social. Os padres jesuítas, além de catequizarem os índios, necessitavam viabilizar economicamente os esforços da Companhia de Jesus, e estudos sobre a natureza comercial das reduções são notáveis (Assunção, 2004). No médio curso do Rio Madeira, onde se instalaram as primeiras reduções, próximo a atual cidade de Borba, o principal produto comercializado era o cacau, coletado em áreas de mata dos dois lados do rio, à montante das reduções. A prática da coleta do cacau era comumente dificultada pelos constantes ataques dos indígenas da etnia Mura, que combatiam a ideia de aldeamento cristão e habitavam o trecho encachoeirado do rio. O governo português não tardou em declarar guerra aos Mura, condenando-os à destruição, não só física, como bem aponta Amoroso (2002). A história colonial do Rio Madeira, embora tenha iniciado tardiamente, começou implacável com aqueles que se opunham à ganância da extração comercial.

Até 1890 a área do Alto Rio Madeira possuiu apenas uma Vila, na Cachoeira de Santo Antônio, e alguns entrepostos de borracha nas vinte e quatro cachoeiras que vão de Santo Antônio até Guajará-Mirim, à montante. No rio Guaporé, mais acima, o Forte Príncipe da Beira, construído na segunda metade do século XVIII, não teve do que quarenta anos de funcionamento, e encontrava-se abandonado desde então.

No final do século XIX, a extração da borracha deu novo ímpeto à colonização da área, tanto do lado brasileiro como do lado boliviano. Embora localizado em território brasileiro, a exploração da borracha e a navegação do rio Madeira eram quase que unicamente controlada pela empresa boliviana Casa Suárez, cujo dono homônimo foi um dos responsáveis direto pela construção da EFMM.

Importante pontuar que este período da extração da borracha é marcado pela crueldade com os indígenas, que foram sistematicamente dizimados, diretamente ou servindo de mão de obra escrava nos seringais brasileiros e bolivianos. Contraditoriamente é deste período que temos a maior quantidade de registros históricos para região.

Da leitura dos relatos de alguns destes viajantes (Fonseca, 1880; Keller, 1874; Herdon & Gibbon, 2000), é possível perceber que pouca informação existe sobre a presença de indígenas no curso principal do rio, além, é claro, dos trabalhadores da indústria da borracha. Pessoa e Costa (2015) fizeram um trabalho recuperando

informações de fontes oitocentistas e nonocentistas acerca dos etnônimos indígenas na região, e Menendez (2002) o fez com bastante qualidade também no baixo curso do Madeira, mesmo assim, se compararmos com outras regiões que foram alvo de pesquisas, a quantidade de relatos e informações sobre a presença indígena são poucas.

O que se passou durante os séculos XVIII e XIX é uma história que ainda precisa ser contada. Quando o primeiro viajante, José de Melo Palheta, percorreu o trecho encachoeirado do rio, em 1723, relatou a presença de aldeias indígenas de grande porte em todas as cachoeiras, com grande diversidade étnica, em todas elas. Além dos Mura, Abacaxi, Caripunas, uma variedade de etnônimos perdidos na história.

Em 1850, quando a exploração estrangeira da borracha estava começando a crescer em ritmo alucinante para exportação, e a produção no Alto rio Madeira já era totalmente controlada pelos bolivianos, Keller (1875) e outros técnicos especialistas que visitaram a região buscando alternativas à transposição das cachoeiras relatam a presença de indígenas, quando não trabalhadores, poucos caripunas oriundos do interior. O que se passou nesses duzentos anos é a tônica geral da ocupação européia-brasileira da Amazônia: guerra, escravidão, doenças e destruição sistemática dos modos de vida tradicionais.

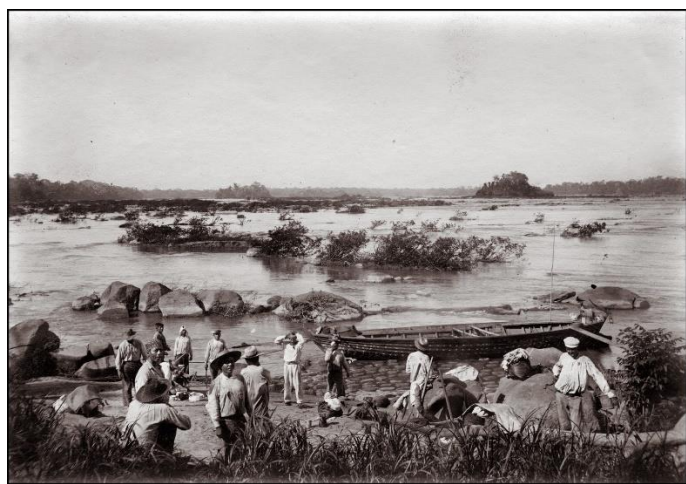


Figura 15: Cachoeira Chocolatal, no rio Madeira- Foto de 1918, autoria de Dr Bauler

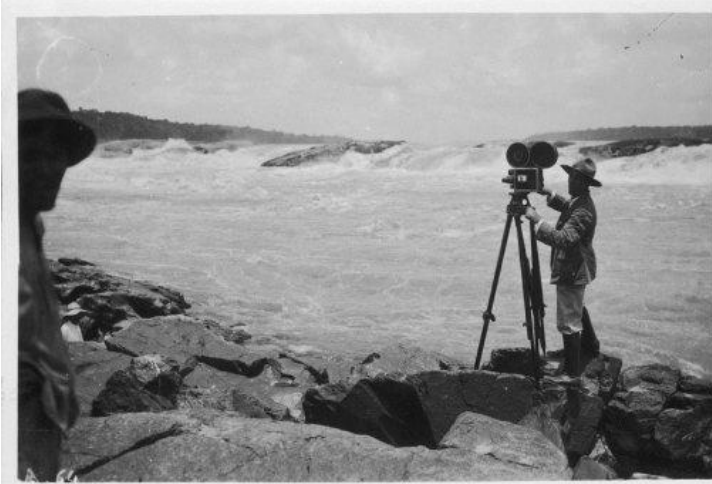


Figura 16.:Cineasta Silvano Santos, filmando a Cachoeira do Teotônio, em 1922 (Santos, 1923)

Após a construção da Estrada de Ferro, a ocupação da calha do rio Madeira permaneceu mais pontual, uma vez que a linha férrea passava distante da margem, e a

navegação pelo rio diminuiu consideravelmente. As vilas que existiam, às margens das cachoeiras e que serviam como entrepostos comerciais da borracha, como é o caso da Vila do Teotônio e Mutum-Paraná, continuaram sendo ocupadas até a época da construção das hidrelétricas, no século XXI, cumprindo um papel muito mais turístico, ligado à pesca.

1.4- A arqueologia do Sudoeste Amazônico

Além destas citações ocasionais de alguns dos viajantes do século XIX, não houve publicações que remetesse à arqueologia para a calha do rio Madeira até os anos 1970. No entanto, na bacia do Guaporé, pesquisas foram realizadas por Erland Nordenskiöld, no início do século XX, em território boliviano, e ele reporta a presença de alguns sítios arqueológicos. Nos anos 1950, Becker Donner também descreveu sítios na mesma região, com a caracterização de alguns exemplares de material cerâmico.

No entanto, foi apenas com as publicações de Eurico Miller, ao longo dos anos 1980 e 1990, que a região do Sudoeste Amazônico entrou para o cenário da arqueologia acadêmica, e um dos principais dados que chamaram a atenção era justamente a antiguidade dos assentamentos encontrados.

Durante estes últimos trinta anos, a região do Sudoeste Amazônico foi uma das áreas onde mais se concentraram pesquisas arqueológicas. Isso se explica por um lado pela complexidade e variabilidade dos tipos de sítios, que somados às datações antigas, geram uma série de problemáticas que se retro-alimentam, garantindo a sobrevivência dos projetos acadêmicos. Por outro lado, o represamento de dois dos grandes rios da região, o Jamari e o próprio Madeira, e a consequente necessidade de realização de estudos de impacto ambiental no que tange à integridade dos sítios arqueológicos, também foi responsável pelo crescimento de dados obtidos na região, a ponto de gerar, inclusive, o surgimento de um curso de graduação na Universidade Federal de Rondônia, com sede em Porto Velho.

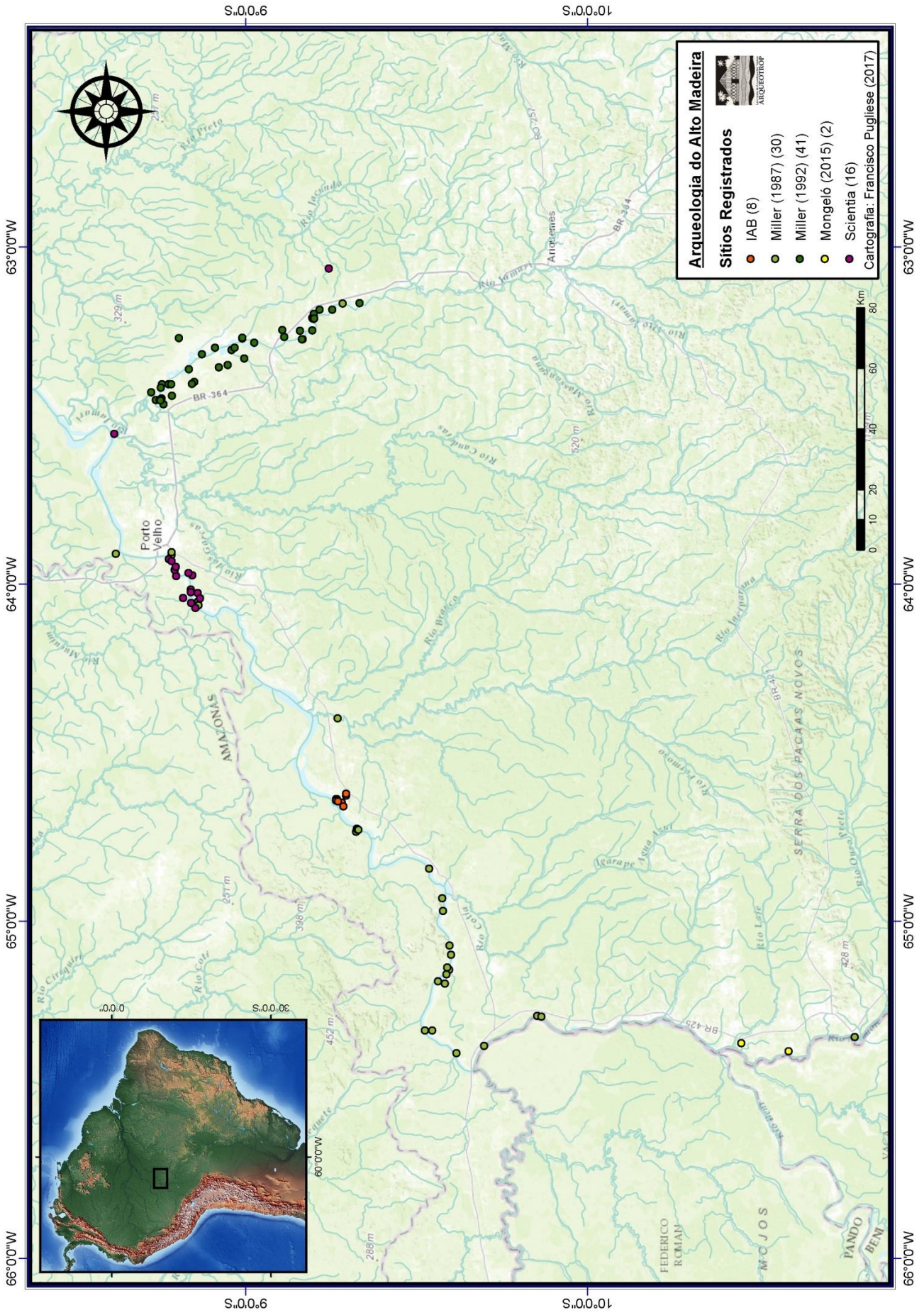


Figura 17 – Mapa com a localização dos sítios arqueológicos existentes na bacia do Alto Rio Madeira. Autoria de Francisco Pugliese

Seguindo a tônica geral da arqueologia amazônica, o volume de dados e pesquisas proveniente do período mais recente do Holoceno é superior às pesquisas que se debruçaram sobre as faixas de tempo mais antigas. Isso se dá por diversos motivos, como explicarei no capítulo 05, mas acredito que a maior quantidade de assentamentos ligados à grupos ceramistas, combinado com a dificuldade de prospecção de sítio antigos contribuiu para este cenário. Como aqui, nesta tese, estou fazendo um recorte que vai desde o início da colonização humana na região até 3000 AP, as diversas ocupações ceramistas e os debates decorrentes das identificações de fases e tradições não serão abordados. Para mais informações sobre as ocupações ceramistas recentes, ver Almeida (2013), Suze (2014), Kater (2018), Costa (2016), Zimpel (2009) e Suñer (2015).

Para traçar um panorama geral das ocupações humanas pretéritas da região, iremos descrever uma área mais ampla do que a calha do Alto Rio Madeira, e tomei como recorte o geográfico o atual estado de Rondônia. Isso porque os sítios que serão descritos se localizam às margens de rios tributários do rio Madeira, e porque foram alvo de pesquisas arqueológicas que de alguma forma ou outra possuem relação com esta aqui apresentada. O intento é mostrar que uma ocupação antiga, do Holoceno Médio ou Inicial, na cachoeira do Teotônio não se trata de um caso isolado.

Dividirei em três partes: 1) **Alto Rio Ji Paraná**; 2) **bacia do rio Guaporé** e 3) **calha dos rios Madeira, Mamoré e Jamari**. Esta divisão está calcada unicamente com base na bibliografia arqueológica, isto é, são os locais onde houveram pesquisas arqueológicas sistemáticas na região.



Figura 18 – Em vermelho, área compreendida como “calha dos rios Mamoré, Madeira e Jamari”; em amarelo “Bacia do rio Guaporé”, e em laranja “Alto Rio Ji-Paraná”.

1.4.1-Alto Rio Ji-Paraná

O rio Ji-Paraná é um dos principais fluentes do Rio Madeira, que nasce nas franjas da Chapada dos Parecis, e corta o estado de Rondônia ao meio. É conhecido também pelo etnônimo histórico, Rio Machado; não há evidências concretas que remetam o nome à presença de machados indígena, mas como Miller mesmo definiu, é “*uma estrada*” que serviu de caminho às diversas etnias Tupis que ainda habitam a região, à seringueiros, missionários e garimpeiros.

Em seu trecho superior, Simões (1980) realizou prospecções próximo à cidade de Vilhena, que foram sucedidas por sucessivas campanhas de prospecção, coordenadas por Eurico Miller, no âmbito do PRONAPABA, entre os anos de 1974 e 1986 e que resultou no reconhecimento de 26 sítios para essa bacia.

Destes sítios, dois foram definidos por Miller (1987) como pré-cerâmicos, relacionados ao período do Holoceno Médio⁸: o **Sítio Vilhena 1** (RO-RO-01) e **Vilhena 2** (RO-RO-02). Os dois sítios localizam-se na margem direita do Igarapé Estácio de Sá, à oeste da sede do município. Possuem características muito semelhantes, e distam-se três quilômetros um do outro. Tendo em mãos apenas a descrição da localização dos sítios, não conseguimos realocarmos nos mapas atuais, mas imagina-se que, devido ao grande crescimento dos últimos vinte anos da cidade de Vilhena, os mesmos devem ter sido destruídos. Ele mesmo afirma que os dois sítios estavam parcialmente destruídos nos anos 1980 devido a extração comercial moderna de laterita.

No sítio Vilhena 1, Miller obteve três datações para a camada arqueológica enterrada evidenciada a 1,1m de profundidade: 4385±70 AP; 3750±110 AP e 2155±95 AP, e sugere que o tamanho do sítio tenha aproximadamente 40x50m. No sítio Vilhena 2, a camada arqueológica escavada também estava enterrada, a 1,5m abaixo da superfície, e não foi possível estimar tamanho do mesmo.

Em relação ao material lítico encontrado nos dois sítios, Miller faz uma descrição pormenorizada do conjunto que ele denominou **Fase Vilhena**: “*Três raspadores altos, um circular e dois laterais. Algumas dezenas de lascas com escassas evidências de modificação e uso. Alguns núcleos e seixos com marcas de percussão. A matéria-prima*

⁸ Miller utiliza o termo “Otimo Climático” para se referir ao Holoceno Médio

predominante é o arenito metamórfico seguida pelo sílex.” Não há fotos ou desenhos deste material.

Trabalhando no licenciamento ambiental da UHE Ji-Paraná, projeto de hidrelétrica no rio homônimo que não foi construída, Miller (1987b) identificou mais de 20 sítios na área que seria inundada pelo lago da represa. Destes sítios, dois foram caracterizados como pré-cerâmicos, e apesar de não termos fotos dos sítios ou do material lítico, são sobre estes conjuntos que temos as informações mais completas de todos os que Miller publicou para a Rondônia. Ele definiu dois conjuntos artefatuais, um localizado cronologicamente no Holoceno Médio, e outro no Holoceno Inicial.

O **sítio Setembrino** (RO-J1-18) localiza-se no alto curso do rio Ji-Paraná, em sua margem esquerda, a par da Cachoeira do Carmo, a 36 km ao Norte da sede do município de Ji Paraná. Recebe este nome pois à sua frente desemboca no rio Ji Paraná o Igarapé Setembrino e estima-se que tenha aproximadamente 163m de comprimento, em eixo paralelo ao rio. Nele, Miller realizou duas escavações de 50 x 150cm de tamanho, e identificou uma camada ceramista e duas camadas pré-cerâmicas, estas, ocorrem a 2m e 4m de profundidade, respectivamente.

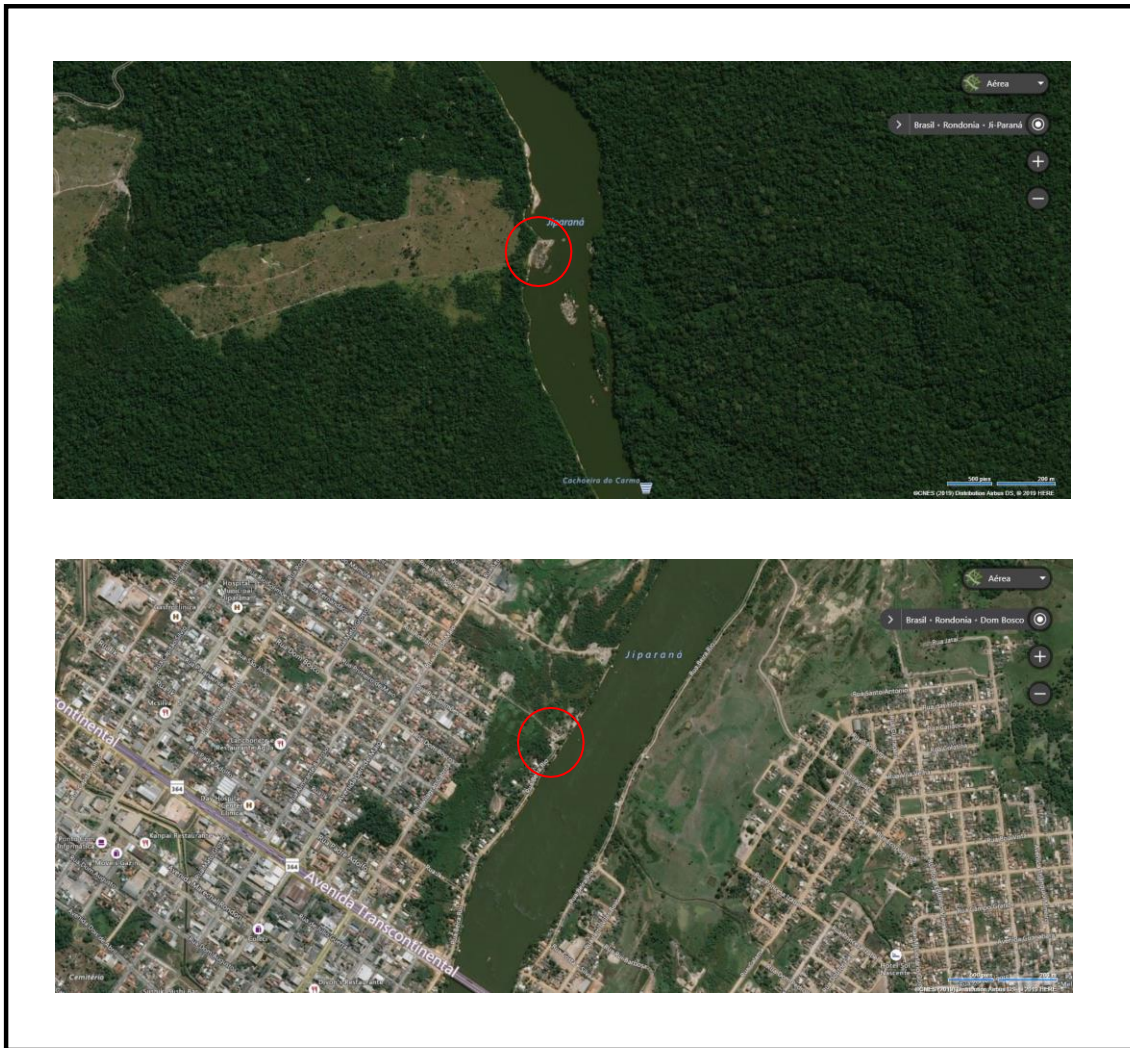


Figura 19 – Na imagem de cima, vista aérea do Sítio Setembrino; e na imagem abaixo, vista aérea do sítio Boa Vista, re-localizados pelo autor com base nas descrições de Miller (1987b)

O outro sítio, **Boa Vista** (RO-JI-22) localiza-se junto a área urbana da cidade de Ji Paraná, 700 metros à jusante da ponte do rio Ji Paraná, próximo à desembocadura do Igarapé Boa Vista. Este sítio foi alvo de uma intervenção de 50 x 150cm de tamanho, e as camadas arqueológicas foram encontradas logo em superfície. Diferente do sítio Setembrino, não possui ocupação ceramistas nos estratos superiores. Os dois conjuntos pré-cerâmicos encontrados neste sítio estão separados por 90 cm de sedimento onde não foram observadas evidências culturais, e o tamanho estimado da área de dispersão de vestígios arqueológicos é 41 metros em um eixo paralelo à calha do rio.

Não há datas publicadas para as duas fases, mas a descrição do material lítico recuperado é minuciosa, se comparada a caracterizações que Miller faz para outros conjuntos.

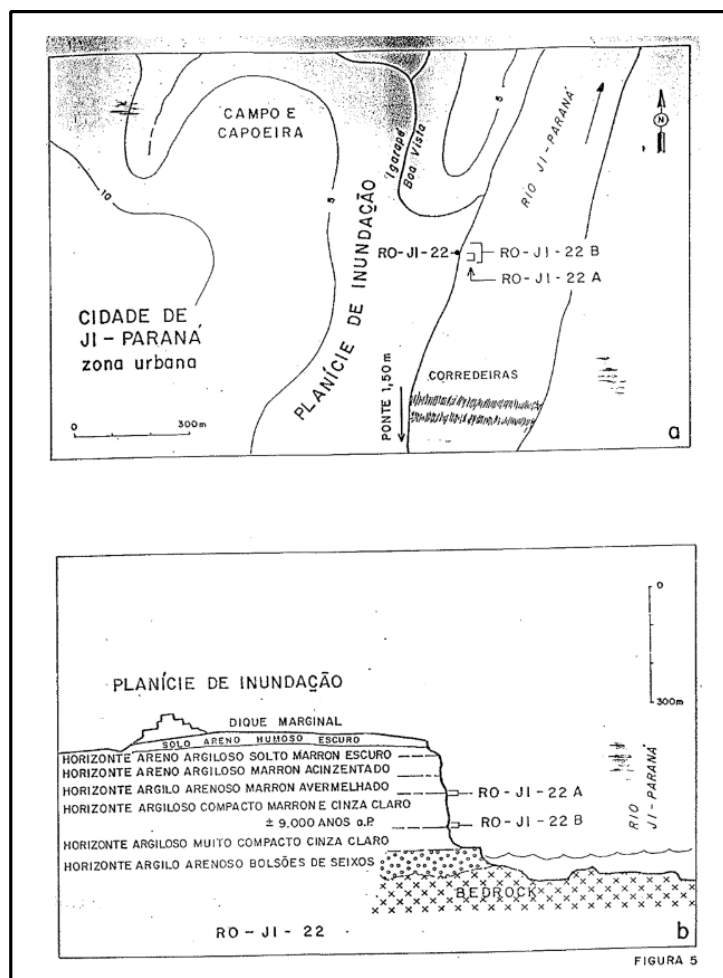


Figura 20 – Croquis de Miller (1987b) de localização e perfil estratigráfico do sítio Itapema

A **Fase Itajubá** está presente nos dois sítios, tanto o Boa Vista como no Setembrino. Por associação estratigráfica, principalmente nos perfis do sítio Boa Vista, Miller acredita estarem relacionada ao Holoceno Inicial. Neste sítio foram identificadas três camadas distintas (chamadas de “A”, “B” e “C”), sendo a camada C a mais antiga. Os vestígios desta camada foram comparados com a camada B do sítio Setembrino, e assim definida a Fase Itajubá. A análise sedimentar dos estratos geológicos faz com o arqueólogo acredite que este conjunto tenha uma datação próxima dos 9.000 AP.

Foram coletados 33 fragmentos de peças lascadas, dos dois sítios somados, sendo 10 lascas, 3 percutores e 7 núcleos. A matéria prima preponderante é o quartzo e o cataclasto, e apesar da pequena amostra, foi identificado um raspador com gume ativo e marcas de retoque, duas lascas de quartzo com retoques unifaciais e bifaciais, e uma pré-forma bifacial, que não foi concluída. Miller reconhece que a quantidade de material é pequena, mas atenta para o valor com que os vestígios recuperados podem gerar de informações sobre as ocupações humanas pretéritas do território de Rondônia.

A Fase Itapema está presente também nos dois sítios, e pela posição estratigráfica, seria mais antiga do que os grupos ceramistas, e mais recente do que a Fase Itapema, o que faz com que Miller acredite se tratar de um conjunto cronologicamente representativo do Holoceno Médio.

A amostragem é composta por 58 fragmentos líticos, sendo 29 lascas, 2 percutores, 2 “*talhadores longos*” e 9 núcleos, uma quantidade muito superior do que a fase Itajubá. Segundo ele as lascas são preponderantemente de quartzo, e “*apresentam sinais possivelmente indicadores de uso, porém questionáveis*”. Os dois talhadores foram obtidos a partir do lascamento de seixos de cataclasito, e com marcas de utilização nas extremidades.

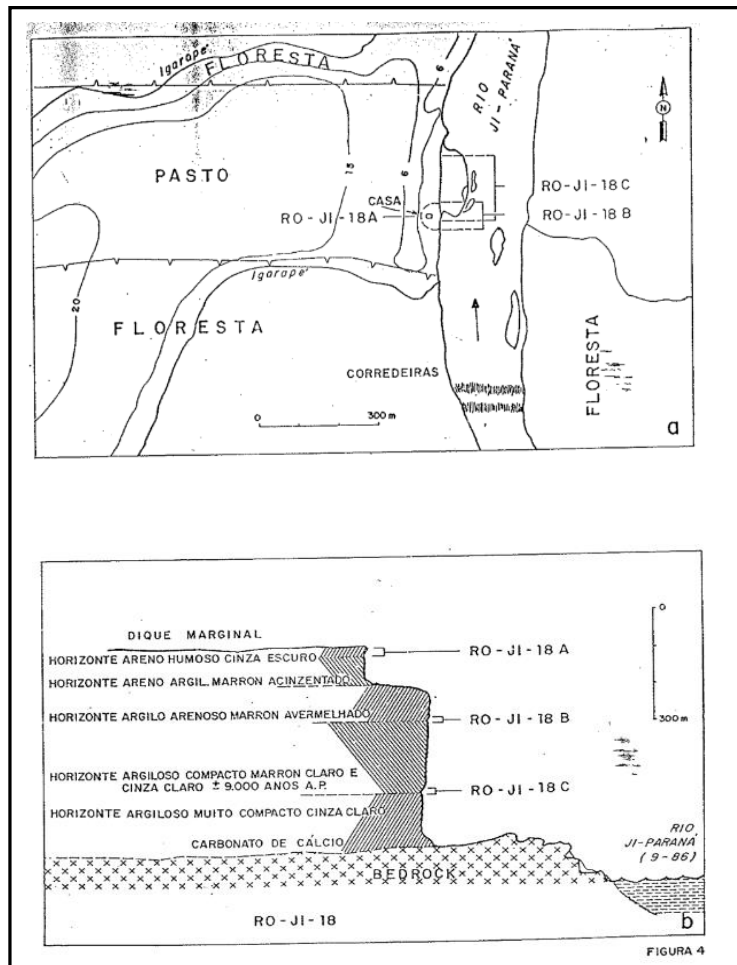


Figura 21 – Croquis de Miller (1987b) de localização e perfil esquemático do Sítio Boa Vista

Dois outros projetos de investigação, na região do alto curso do rio Ji-paraná, foram realizados depois das pesquisas de Miller. Suñer (2016) estudou contextos cerâmicos recentes na região do atual município de Presidente Médici, e não evidenciou ocupações relacionadas ao Holoceno Inicial e Médio.

E Caldarelli & Kipnis (2017) fizeram parte de um projeto de arqueologia comercial, onde evidenciaram três sítios com datas para ao Holoceno Médio nesta área: **Sítio Vidal** (3630 +60 cal AP), **Sítio Colorado do Oeste 2** (3930+40 cal AP) e **Sítio São Pedro** (6350+50 cal AP). Estes sítios localizam-se sob o eixo de uma Linha de Transmissão de energia elétrica (LT Porto Velho-Araraquara), e infelizmente não tivemos acesso a sua localização específica.

No entanto, Caldarelli e Kipnis (2017) relatam que os três sítios, apesar das datas recuadas “*estão relacionados a assentamentos de populações horticultoras,*

apresentando fragmentos de vasilhas cerâmicas em densidade variada, grande parte deles associados a vestígios líticos, lascados e polidos”.

Ou seja, nas mesmas camadas datadas do Holoceno Médio, os arqueólogos encontraram conjuntos cerâmicos associados, o que os levou a crer, por associação direta, que seriam grupos horticultores. É bem possível que seja verdade, a antiguidade de complexos ceramistas antigos no interior do estado de Rondônia, e na bacia do rio Ji-Paraná, é conhecida e bem descrita por Zimpel (2009), que evidenciou um contexto cerâmico no sítio Encontro com data ao redor de 4000 AP.



Figura 22 – Cerâmica em superfície do sítio Colorado do Oeste 2 (Scientia, 2012)



Figura 23: Fragmento cerâmico e quartzo lascado do sítio Vidal (Scientia, 2012)

Apesar dos estudos sistemáticos nos últimos anos, ainda é muito grande a falta de informações sobre a região do interior do estado de Rondônia. A criação de um projeto regional, com um questionamento específico, poderia contribuir lançando luzes à esta variedade de contextos arqueológicos do Holoceno Médio na região. O tema das antigas cerâmicas foi novamente abordado por Pugliese (2018), no mesmo estado, mas na bacia do rio Guaporé, que veremos a seguir.

1.4.2- Rio Guaporé

O Rio Guaporé possui suas nascentes na área do Planalto Central brasileiro, no estado do Mato Grosso, e é um dos principais formadores do rio Madeira. Parte dele encontra-se em área de cerrado, e a maior parte do seu médio curso localiza-se em um

ecótono, um tipo de vegetação que é característica da transição da Floresta Tropical para outros ecossistemas.

No alto curso do rio Mamoré, e um dos afluentes da sua margem direita, o Rio Galera, Miller (1977) escavou um abrigo sobre rocha onde obteve datações que remontam ao final do Pleistoceno, configurando-se como um dos sítios mais antigos da bacia Amazônica. Sua descrição detalhada encontra-se no capítulo 05.

Os trabalhos iniciais de Miller despertaram a atenção, recentemente, de arqueólogos brasileiros e bolivianos, sobre sítios na bacia do rio Guaporé, formados por montes antrópicos de sedimento e conchas de moluscos de água doce. Estas estruturas que se destacam na planície alagadiça do pantanal do Guaporé são denominadas sambaquis, e possuem características muito semelhante aos outros sambaquis amazônicos, descritos também no capítulo 05. Dois sambaquis nesta região foram escavados, um no Brasil e outro na Bolívia.

Zimpel (2019) em recente trabalho, ao compilar os dados sobre as pesquisas arqueológicas na região do rio Guaporé, entende que há uma lacuna sobre modelos explicativos para a ocupação humana na área. Muito pelo fato das pesquisas que ocorreram na região terem se desenvolvido de maneira bastante independente, e por se tratar de uma fronteira nacional, entre Brasil e Bolívia, existe uma desigualdade de dados para os dois lados do rio.

Em território brasileiro, a equipe do ArqueoTrop (Pugliese, 2019; Zimpel, 2019. Carneiro, 2017) reabriu escavações no sítio **Monte Castelo**, que havia sido iniciadas por Eurico Miller, nos anos 1980. Este sambaqui localiza-se próximo à margem direita do Igarapé Rio Branco, um tributário da margem direita do rio Guaporé, no município de Costa Marques. Foi constatado que se trata de uma estrutura antrópica, de aproximadamente 7 metros de altura e 110m de diâmetro, de formato semi-circular, composto por camadas sucessivas de solos antrópicos e fragmentos de conchas de moluscos de água doce. Foram identificadas três camadas culturais, organizadas em forma de fases, sendo duas delas relacionadas ao Holoceno Médio. A camada superior, denominada **Babacal**, apesar de não se tratar de um conjunto pré-ceramista, possui datas bem recuadas que vão de 4276 AP até 560 AP.

Das fases mais antigas, a **Fase Cupim** possui datas que vão de 7800 AP a 5800 AP. Nestes níveis foram encontradas grandes quantidades de carvões e vestígios faunísticos, e uma quantidade pequena de conchas, que é contrabalanceada por alta presença de “*pequenos blocos, bolotas e placas de argila queimada*” (Pugliese, 2018). Estes fragmentos cerâmicos possuem característica amorfa, “*um tipo específico de indústria cerâmica que ainda não se conhece a antiguidade máxima*”.

A **Fase Sinimbu** possui datas calibradas que vão de 5800 AP a 5000 AP, e está disposta sobre camadas construtivas espessas, “*associadas a contextos ocupacionais marcados por estruturas e buracos de estacas*”. Também nesta camada foram identificados fragmentos cerâmicos de vasilhas muito simples, com fragmentos queimados a temperaturas muito baixas.

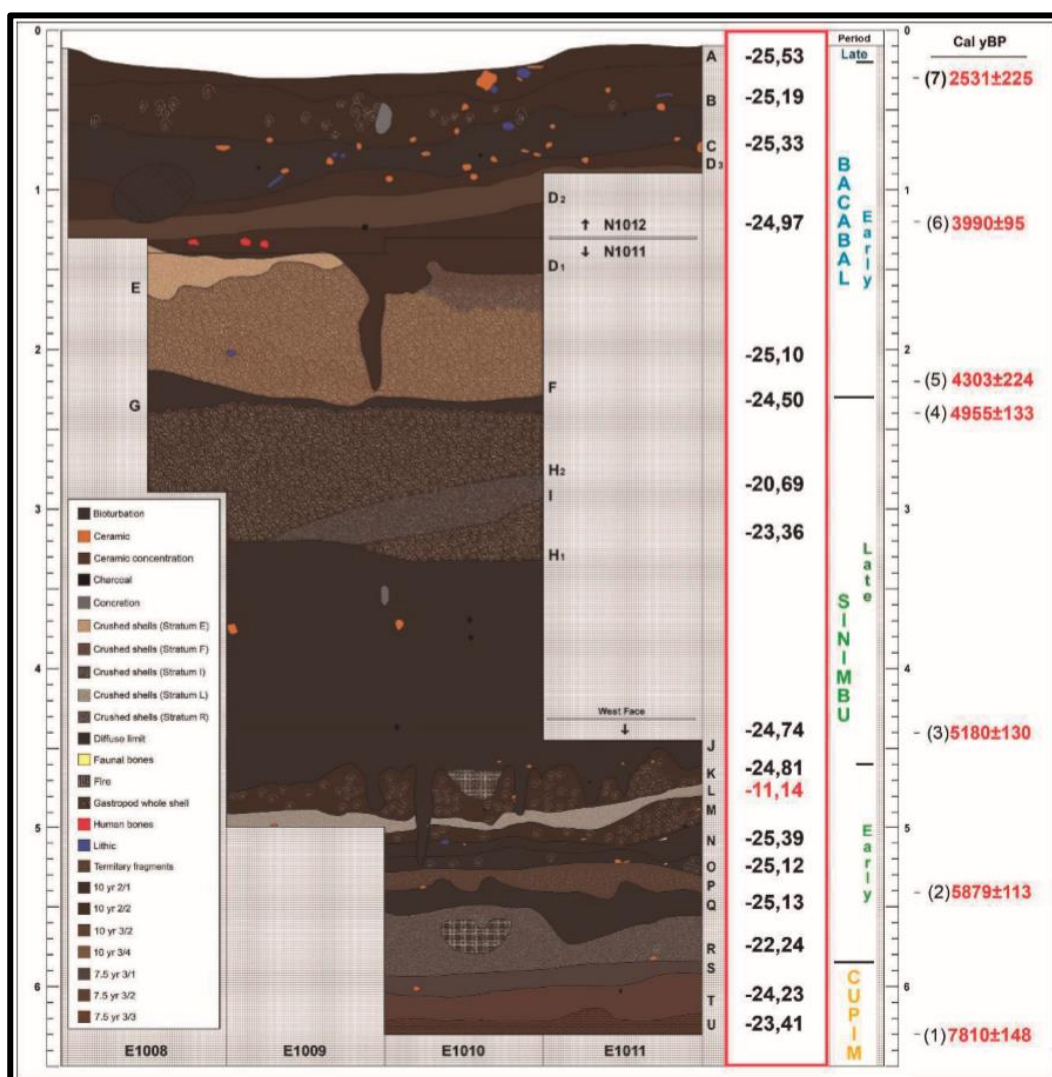


Figura 24 – Croque do perfil do sítio Sambaqui do Monte Castelo, com as datações realizadas pela equipe do Arqueotrop (Pugliese, 2018)

No lado boliviano, na região conhecida como Lllano de Mojos, estruturas antrópicas de grande movimentação de terra são também encontradas (Jaimés Betancourt e Prúmers, 2015), e entre elas, sítio do tipo sambaquis. Próximo à cidade de Trinidad, o sambaqui Isla del Tesoro foi mapeado e escavado (Lombardo et all, 2013), e possui características semelhantes aos do sambaqui do Monte Castelo, ainda que tenha dimensões bastante inferiores, alcançando este 2m de altura, e 2,4m de profundidade de vestígios.

No sambaqui Isla del Tesoro foram obtidas datas que vão de 9420+50 até 3850+50, de maneira quase ininterrupta (Hogg et all, 2013). No entanto, dado a metodologia de escavação utilizada, que não prezou pela identificação dos vestígios do ponto de vista horizontal, não temos maiores informações sobre a cultura material destas camadas relacionadas ao Holoceno Inicial e Médio.



Figura 25 – Sítio Isla del Tesoro (Foto: G.M.)

1.4.3 - Rios Mamoré, Madeira e Jamari.

Esta é a área específica em que o Projeto Alto Madeira está trabalhando, e compreende as margens destes três rios. O rio Mamoré é um dos formadores do rio Madeira, e possui este nome desde o encontro do rio Beni com o rio Guaporé, até a foz do rio Abunã, quando passa a se chamar Madeira. O rio Jamari, por outro lado, é um dos afluentes da margem direita do Madeira, cuja foz localiza-se imediatamente abaixo da última cachoeira do Madeira, na localidade de São Carlos. Os dados arqueológicos desta área foram obtidos

das pesquisas de Eurico Miller nos anos 1980 e 1990, e das atividades de licenciamento ambiental das UHEs Girau e Santo Antônio. Por termos uma quantidade maior de dados sistemizados para esta área, apresentaremos de acordo com as culturas arqueológicas já definidas anteriormente, das quais duas são alvo de estudo nesta tese.

1- Complexo Cultural Periquitos

Entre os anos de 1970 e 1980, Miller identificou uma série de sítios arqueológicos na bacia do Alto Rio Madeira relacionados a ocupações caçadoras-coletoras. A ocupação na calha deste rio, segundo ele, teria iniciado por volta de 12000 AP, no final do Pleistoceno, com o **Complexo Cultural Periquitos**, conjunto de artefatos relacionado a um sítio nas proximidades de Porto Velho. Segundo o mesmo, *“mergulhadores de garimpo teriam trombado com esqueletos de paleoíndios, dos quais trouxeram à tona somente alguns crânios”*.

Posteriormente, trabalhando na calha do rio Mamoré, próximo à Cachoeira de Periquitos, Miller identificou camadas de solo, em perfis abertos por atividades de mineração artesanal, com artefatos arqueológicos incrustados. Em uma camada de profundidade superior a 3 metros, Miller (1987) descreve a existência de *“ossos de fósseis de megafauna extinta e humanos, bem como alguns prováveis implementos líticos, lascas, percutores ou seixos com evidências concentradas em uma das extremidades”*.

Neste local, trabalhando acompanhando as atividades de dragas, que succioam o leito do rio em busca de ouro, Miller recuperou um *“biface lítico lanceolado com 7.2 x 2.6 x 1.2 cm em matéria prima extremamente alterada, mas sem dúvida resultante de um lascamento por percussão”*. Também foram recuperadas algumas lascas e pequenos seixos de quartzito, sem retoques.

Em relação a cronologia, ele diz: *“não há datações, apenas é possível uma estimativa crono-sedimentar onde suas evidências materiais se encontrem em transição pleisto-holocenica, ou seja, ao redor de 12000-13000 anos AP”*.

No total, foi coletado uma quantidade pequena de evidências materiais, somando-se 39 o número de instrumentos líticos. O conjunto é descrito por uma indústria de lascas e lâminas finas e pequenas, de matéria-prima de quartzo e sílex. Poucos núcleos foram

evidenciados, no entanto, ele afirma que a técnica mais empregada de lascamento era a percussão direta dura, sendo também identificadas algumas evidências de micro-lascamento sob pressão.

Não há fotografias ou desenho desse material, e esse conjunto é colocado em dúvida por diversos pesquisadores (Bueno, 2013). De fato, para comprová-lo, acredito que seria necessários termos acesso a uma quantidade maior de descrições, fotografias e perfis estratigráficos, no artigo mais recente que Miller publicou sobre antigas ocupações humanas na Amazônia, em co-autoria com Betty Meggers (2002), não há referência para este complexo.

Entendo que Miller identificou um material arqueológico, de maneira não sistemática e com procedência incerta do ponto de vista da metodologia arqueológica, mas que se encontrava em substrato geológico bastante antigo, nos barrancos do rio Rio Madeira. Esse elemento, somado aos instrumentos recuperados pelas atividades de garimpo em balsa, o fez crer na existência de um conjunto cultural muito antigo, com profundidade elevada, que ainda não teria sido encontrado pelas prospecções arqueológicas. Para ele, a credibilidade da existência deste complexo arqueológico se dá pela presença de sítios com datações semelhantes na bacia do rio Guaporé, como o sítio Abrigo do Sol, o que faria com que datações tão antigas assim, no eixo do rio Madeira não fosse um elemento descartável de antemão.

Para o período do Holoceno Inicial e Médio, Miller definiu quatro grupos culturais, um na calha do rio Madeira (Girau), e outros três na bacia do rio Jamari (Pacatuba, Itapipoca e Massangana). Para estes conjuntos, há uma quantidade maior de dados disponíveis publicados pelo arqueólogo, mas mesmo assim, insuficientes do meu ponto de vista. Tanto que poucas vezes são citados por trabalhos de síntese.

2- Fases Pacatuba e Itapipoca

As Fases Pacatuba e Itapipoca foram definidas por Eurico Miller (1992a) a partir das atividades de licenciamento ambiental quando da construção da UHE Samuel, no rio Jamari. Este rio foi represado, nos 1980, a poucos quilômetros de sua desembocadura no rio Madeira, e os trabalhos realizados ali foram alvo de duas publicações do arqueólogo (1992a e 1992b).

A **Fase Itapipoca** encontra-se presente nos sítios Monte Cristo (RO-PV-29) e Itapipoca (RO-PV-59), localizados no médio Jamari, nas margens direitas de cachoeiras homônimas, caracteriza-se por ser uma indústria de “*lascas de sílex, quartzo e rochas cristalinas de pequenas a grandes, finas a grossas, com e sem retoque*”. Além disso, segundo ele, foram evidenciados núcleos esgotados, raspadores laterais e circulares e percutores de diversos tamanhos. Segundo Miller (1987), as camadas encontram-se “estratigraficamente no Holoceno Antigo”, em profundidades que vão de 3,6 a 4,1m abaixo da superfície, quase em contato com a rocha granítica. Segundo publicação de 2002, a fase Itapipoca possui datas que vão de 8230+100 a 6980+60 AP.

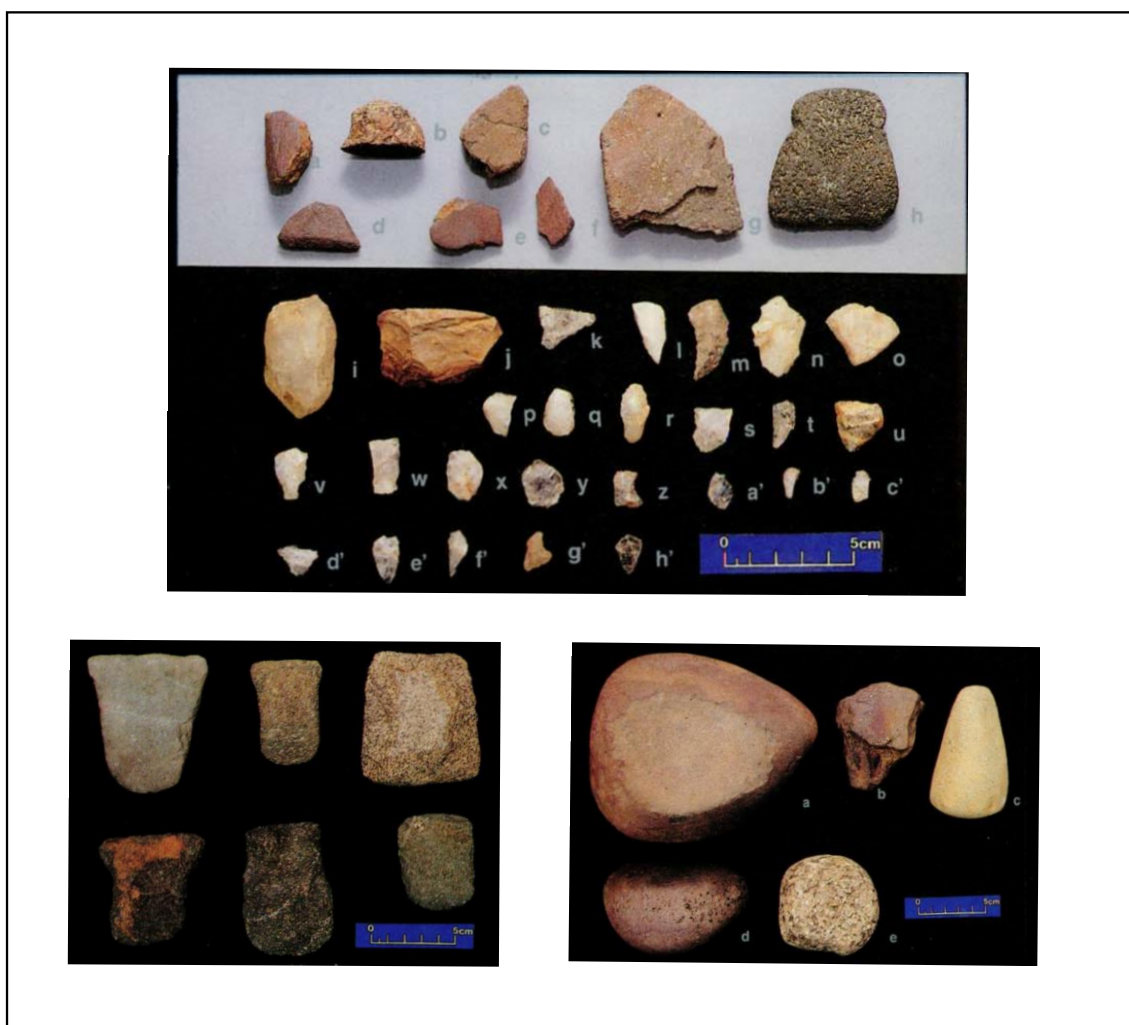


Figura 26 – Fotos retiradas de Miller (1992) de material relacionado às Fases Itapipoca e Pacatuba

A **Fase Pacatuba** foi evidenciada junto a “sítios-habitação” da Fase Jamari (uma fase cerâmica mais recente). Miller definiu essa fase a partir de dois sítios, Lima (RO-

PV-32) e Cachoeirinha (RO-PV-52), situados no médio rio Jamari, e segundo ele, “*estatigraficamente é esperada uma cronologia entre 2000 e 5000 anos A.P.*”, e duas datações absolutas foram publicadas em 1992, 8230+100 (Beta-27015) e 4780+70 (Beta 27021), e outras duas em 2002: 6090+130 e 5210+70.

As camadas onde estão presentes o material arqueológico desta fase são espessas, e podem chegar a 2 metros de profundidade, o material lítico se caracteriza por uma quantidade pequena de lascas de quartzo, e em menor quantidade em sílex e outras rochas cristalinas, segundo ele, foram ainda evidenciados “*percutores a calhaus de quartzo e sílex, pedras-bigorna núcleos e polidores, toscas lâminas de machado lascadas bifacialmente (...)*”.

Miller não faz uma elaboração muito detalhada sobre os processos sociais desses grupos. Os define como grupos caçadores-coletores que ocuparam lugares distintos, em dois intervalos de tempo, Itapipoca durante o Holoceno Inicial, e Pacatuba durante parte do Holoceno Médio. Do ponto de vista da descrição do material lítico, parece não haver uma diferenciação muito clara entre as duas indústrias, que se caracterizam por uma tecnologia expedita de rochas locais. Destacam-se, durante o período mais recente, a utilização de óxido de ferro para a obtenção de corantes, como nas fotos da figura 26, e o tamanho diminuto do material lascado em quartzo, uma das características da região.

3- Complexo Girau

Na calha do Alto Madeira, além do Complexo Periquitos, Miller (1987) identificou um conjunto pré-ceramista em seis sítios localizados às margens de cachoeiras. Denominado **Complexo Girau**, o conjunto artefactual estaria relacionado a sociedades caçadoras-coletoras nos sítios Teotônio, Pederneiras 2, Paredão, Girau, Periquitos e Ribeirão.

Ele se debruçou apenas uma vez sobre estes sítios (com exceção das publicações que citam a Cachoeira do Teotônio), e além dele, nenhum outro arqueólogo voltou a prospectar esses locais⁹. Portanto, a única fonte de dados que há é o relatório do

⁹ Na verdade, uma equipe do Museu Paraense Emílio Goeldi realizou uma atividade de prospecção não-interventiva no início dos anos 2000, financiada pelo antigo consórcio que planejava construir o que hoje é a UHE Girau. Não foi possível acessar o relatório de campo, e sabe-se que o Museu não voltou a ser contratado pelos consórcios posteriores que construíram a hidrelétrica. Marcos Magalhães, em comunicação pessoal, me atestou que a atividade foi pontual, realocando alguns sítios já levantados por Miller. Em um deles, o sítio Prainha II, foi encontrado uma ponta de flecha em quartzo lascado.

“*Inventário Arqueológico da bacia e sub-bacias do Rio Madeira*”, de 1987, revisado pela arqueóloga Solange Caldarelli. Não se sabe ao certo se Miller chegou a datar algum dos contextos relacionados ao complexo Girau, possivelmente não, pois em artigo de 1992 (Miller, 1992) ele categoricamente o define apenas como uma “*camada de ocupação do Holoceno Médio*”, entre 6000 e 9000 anos. Os vestígios são encontrados na base de sedimentos não consolidados do Holoceno que formam o fundo superior e as margens do Alto Rio Madeira, que significa a rocha laterítico com baixa granulometria.

O material lítico é caracterizado por lascas de quartzo, sílex e rochas graníticas, “*obtidas por percussão dura direta, com poucas evidências de retoque por pressão*”. Ainda é possível observar a presença de algumas lâminas, e núcleos esgotados que poderiam representar raspadores. Miller diz:

“Ocorre micro lascamento descontínuo como provável indício de uso. O pequeno tamanho da lasca (11-26mm) e raras lâminas (18-32mm) parece estar condicionado ao tamanho dos nódulos de sílex e quartzo, presentemente conhecidos. Dois núcleos esgotados em rocha granítica podem ter sido utilizados como raspadores altos. Em geral esse tipo de matéria prima está profundamente alterado, mas ainda são observadas as cristas inter-lascamento”

Nota-se, que dos sítios com a presença do complexo Girau levantados por Miller, todos se encontram na margem direito do Rio Madeira, e nas proximidades das grandes cachoeiras; tal característica é inclusive ressaltada por Simões (1987). Também estão, às margens de cachoeiras, os sítios das fases Itapipoca e Pacatuba. Me parece que há um claro padrão por escolha de assentamento, seja ele perene ou não. Não é à toa, como dissemos acima, que as áreas aos pés das cachoeiras tenham sido escolhidos como lugares prediletos por estas populações, é necessário ter em mente que estas escolhas provavelmente levaram em conta os elementos de obtenção de recursos, alta visibilidade e segurança, coisas que as cachoeiras oferecem.

Ainda que haja pouca quantidade de dados disponíveis sobre o material lítico destas fases, e pouca elaboração sobre padrão de assentamento, acredito que há pontos de encontro nas descrições feitas entre o Complexo Girau e as Fases Pacatuba e Itapipoca. O fato de Miller não ter publicado datas relacionadas ao Complexo Girau é um elemento

que dificulta qualquer análise, no entanto, lança luzes sobre uma ocupação humana muito antiga na calha do rio Madeira.

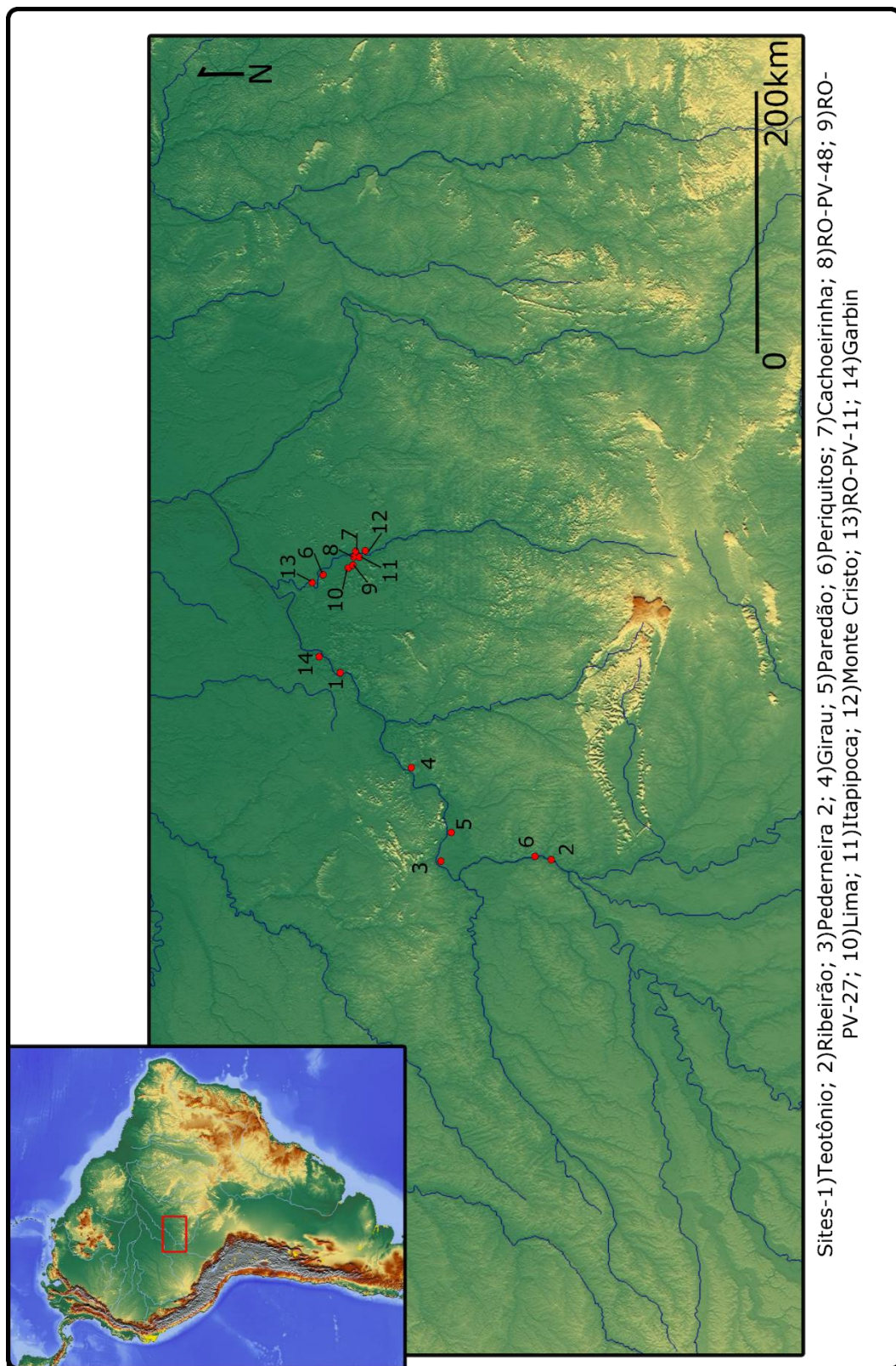


Figura 27– Mapa de localização dos sítios arqueológicos do Holoceno Inicial e Médio nas calhas dos rios Madeira, Mamoré e Jamari.

Eu acredito que as três fases culturais podem ser integradas em apenas um conjunto. A diferença entre as fases Itaipoca e Pacatuba não são marcadas por grandes mudanças do ponto de vista da técnica de lascamento, as matérias-primas são locais e variam em quartzo e sílex. Miller apresenta pouquíssimas datas, mas dos dados que estão disponíveis, as duas fases encontram-se no mesmo período de tempo, que vai de 8230 a 5530 AP. A única diferença concreta que apresenta Miller, para diferenciar os dois conjuntos, diz respeito ao fato de que os sítios que possuem camadas arqueológicas relacionadas à Fase Pacatuba possuem também, na porção superior da estratigrafia, ocupações ceramistas relacionadas à fase Jamari. Na fase Pacatuba, Miller descreve a presença de machados lascados, o que de fato não aparece na descrição das outras fases.

Claro que a quantidade de dados disponíveis é bastante limitada para realizar uma análise sintética da ocupação da região, mas os indícios parecem mostrar muito mais semelhanças do que diferenças entre as duas fases. Do mesmo modo, o Complexo Girau possui, na descrição, elementos que são muito semelhantes aos elencados para as Fases Pacatuba e Itaipoca. A diferença mais marcante é o fato de estarem localizados ao longo de outro rio, o Madeira, mas mesmo assim, é uma distância não maior do que 60 quilômetros em linha reta, o que convenhamos que para os padrões amazônicos é um número bastante reduzido.

Se tomar em conta apenas as descrições de Miller, acredito que elas apresentem muito mais elementos convergentes do que divergentes entre os três grupos: primordialmente indústria lítica lascada com rochas de matérias-primas locais, pouco ou nenhum instrumento formal, lascas unipolares e núcleos esgotados com marcas de uso, percutores de seixos e quebra-coquinhos. Além disso, todos os sítios localizam-se nas margens de cachoeiras, e encontram-se em substratos de solo natural, não antrópico.

Seria necessário voltar aos sítios das Fases Pacatuba e Itaipoca, analisar o material mais uma vez e obter mais datações para poder bater o martelo nessa proposta. No entanto, acredito que tratá-los como um conjunto só (Girau-Pacatuba-Itaipoca) é uma hipótese não só plausível, mas que ganha força com as elaborações desenvolvidas no capítulo 06.

4- Fase Massangana

Além da caracterização dos complexos pré-ceramistas no Alto Madeira, na bacia do rio Jamari Miller percebeu que alguns sítios possuíam descontinuidade estratigráfica na formação de camadas enterradas de Terras Pretas. Principalmente no sítio RO-PV-48, registraram-se camadas de Terra Preta enterradas que aparecem na estratigrafia entre 1,3 e 2,1 m de profundidade, recobertas por camadas de solo menos ou pouco antropizados (Miller, 1992). Tais camadas com Terras Pretas são associadas à grande presença de artefatos líticos, como lascas, raspadores, pedras-bigornas, pequenos pilões e mãos de pilão “toscas” (sic). Miller definiu esse contexto como fase **Fase Massangana**.

Tais camadas de terras pretas enterradas Miller acredita estarem relacionadas a um processo de mudança de “*comportamento de assentamento semipermanente*”, no qual solos antropogênicos seriam indicativos de uma agricultura incipiente baseada no sistema de derrubada e queima (coivara). Essa transição teria se dado entre 3850 AP e 3140 AP, período de diminuição de umidade, e conseqüentemente, diminuição dos recursos alimentícios.

Não se sabe ao certo os motivos que levaram à formação das Terras Pretas na amazônia, mas o que a bibliografia tem acordo é que, para que ela surja, é necessário um tipo de organização social que preze pela relativa sedentização, produção intensiva de bem orgânicos, que gerem uma quantidade considerável de lixo, e utilização intensiva de fogo. Tradicionalmente, o surgimento da Terra Preta está relacionado a grupos ceramistas, sedentários e agricultores, e de fato na maior parte da Amazônia esse “pacote cultural” surge de uma só vez, como é o caso da Tradição Barrancóide e a Fase Pocó-Açutuba.

A particularidade que Miller começou a evidenciar é que um dos elementos tradicionais da visão unilinear da pré-história amazônia, que é a combinação do trinômio *agricultura/sedentarização/cerâmica* não estavam presentes juntos, na mesma camada. E mais ainda, as datas que ele obteve recuavam o processo tradicionalmente conhecido como Revolução Neolítica, ou Formativo, para pelo menos 6000 anos antes do presente.

Os dados iniciais sobre esta fase foram obtidos nos sítios da bacia do rio Jamari, e posteriormente identificados em alguns sítios na calha principal do rio Madeira. De acordo com ele, no rio Jamari eles possuem a característica própria de estarem um

subsetsratos enterrados, nunca em contato com as ocupações superiores ou inferiores, enquanto no rio Madeira, nos sítios em que foi descrita a presença do conjunto Massangaana, ocorre em algumas vezes o contato contínuo de camadas.



Figura 28 – No sentido horário, do alto à esquerda: (1) Perfil estratigráfico mostrando a camada de solo antrópico enterrado, da Fase Massangana, no sítio RO-PV-48. (2) Trincheira escavada no sítio RO-PV-48. (3) Exemplos do material lítico correspondente à Fase Massangana, lascas unipolares de quartzo, núcleos e instrumentos unifaciais.

Ao se deparar com um contexto de Terra Preta, evidência antrópica que implica em sedentarização e agricultura, sem cerâmica, Miller acreditava que estava diante de uma camada que representava o longo processo de transição entre sociedades caçadoras-coletoras para sociedade ceramistas-sedentárias. Sob sua perspectiva, este Período Formativo, uma categorização bastante comum na arqueologia latino-americana, estava bastante marcado nestes sítios com descontinuidade estratigráfica e Terras Pretas muito antigas.

É interessante esta reflexão pois foi a partir desta definição de Formativo que Miller definiu a Fase Massangana, e não expressamente sobre um material específico, como tradicionalmente era feito por ele. Quero dizer, a Fase Massangana não representa especificamente um conjunto de artefatos, ela representa para Miller um processo. Ou seja, não são apenas determinados tipos de lascas ou tipos de cerâmica que a compõem, ela foi definida por um conjunto de fatores que remetem tanto a elementos clássicos de ocupações caçadoras-coletoras, como de atributos visivelmente identificados com formas de organização sedentárias.

Ele a classificou não de maneira isolada, mas em relação com as demais ocupações, sejam mais antigas, do Holoceno Médio e Inicial, sejam mais recentes, como é o caso das ocupações ceramistas. Ele a vê como um estágio intermediário que possui características do que estava lá antes, e do que viria depois.

Mesmo que não seja tão explícito dessa forma na sua redação, a definição de Miller para a Fase Massangana se dá pela existência indireta e, portanto, inferida, dos seguintes contextos: **sedentarização** (inferida pela presença de terra preta), **agricultura** (inferida pela presença de polidos e machados) e da **ausência de cerâmica** (material lítico). Diz ele: “*Esse evento cultural primeira etapa do Formativo, com base na agricultura está representado pela Tradição Massangana, com refugo cultural pré-cerâmico embutido em solos de terra preta antropogênica*”.

A agricultura, nessa hipótese, não estaria ainda completamente desenvolvida, sendo classificada como subsistente, e complementar às atividades de caça, pesca e coleta, de forma que não teria ainda se tornada a atividade principal na produção econômica. Miller atenta para a importância, neste processo, das palmeiras de Bacuri (*Attalea phalerata*) encontradas hoje em dia em praticamente todos os sítios arqueológicos de

Rondônia, como um elemento natural e recurso abundante para o manejo de recursos vegetais.

Na minha pesquisa de mestrado (Mongeló, 2015), desenvolvida também neste programa, busquei problematizar a ideia de que a fase Massangana, apenas pelos elementos de inovação tecnológica, necessariamente fosse caracterizada como um período de mudanças bruscas nas formas de relação entre as pessoas desta sociedade. Digo isto porque a ideia de Período Neolítico, uma “*tropicalização*” da Revolução Neolítica europeia, vem imbuída da noção de progresso inexorável, que parte das formações sociais mais simples, em direção à organização estatal.

Do meu ponto de vista, a Fase Massangana deve ser entendida a partir de suas particularidades, e não a sob a perspectiva de uma etapa “transitória” entre dois modos de vida teoricamente antagônicos. Compreendo a história a partir de sua característica enquanto ciência holística, que estuda os processos na longa duração, utilizando conceitos que são comuns a todas as formas de organização social. Dessa maneira, comparando os distintos modos de vida através de ferramentas recorrentes na história, propus que a Fase Massangana, no alto rio Madeira não representou uma mudança profunda nas formas de relações sociais.

Principalmente porque o que o advento da Terra Preta no registro arqueológico, que é o principal marcador da Fase Massangana, não necessariamente implica que estas populações transformaram sua subsistência em economias subsidiadas de um sistema agrícola, elemento que poderia indicar uma mudança profunda acerca das relações sociais. A intensificação do manejo dos bens cultiváveis, que provavelmente são a causa do aparecimento da Terra Preta, não necessariamente diz respeito aos aspectos de mudanças políticas, que é o real significado do Período Formativo (Marcos, 2003; Neves, 2008; Fausto & Neves, 2019).

Sobre a Fase Massangana no sítio Teotônio, falarei de maneira mais profunda nos capítulos 3 e 4, e sobre o desenvolvimento das elaborações acerca de seu significado, foi publicado um artigo em 2015 (Mongeló, 2015b).

Além de Miller e dos trabalhos conduzidos pela nossa equipe no sítio Teotônio, uma série de investigações relacionadas à arqueologia comercial foram realizadas na

calha do rio Madeira, no final dos anos 2000, e que trouxeram algumas informações também sobre a Fase Massangana na região.

Realizei um levantamento dos relatórios de campo disponibilizados publicamente da UHE Girau e da UHE Santo Antônio, as duas usinas que foram construídas entre 2008 e 2012 na calha principal do Rio Madeira, e que por força da lei, tiveram as áreas de impacto da construção das mesmas, investigadas arqueologicamente. A primeira, UHE Girau, teve sua barragem construída na altura da Cachoeira Caldeirão do Inferno, próximo à localidade de Jaci-Paraná, e a segunda, a UHE Santo Antônio, foi erguida sobre a cachoeira homônima, em frente a antiga vila de Santo Antônio.

Em relação à primeira, (Energia Sustentável do Brasil, 2012), não foi escavado, tampouco identificado nenhum sítio de Terra Preta, e nenhum dos contextos foi identificado como parte do Holoceno Médio ou Inicial. Os estudos de impacto arqueológico desta usina foram prejudicados pela mudança do eixo da barragem, que ocorreu durante os trabalhos de licenciamento ambiental, e não houve re-licenciamento do empreendimento. Dessa maneira, não saberia dizer com segurança se toda a área impactada foi coberta pelas prospecções arqueológicas.

No que diz respeito aos trabalhos de avaliação de impacto da UHE Santo Antônio, há uma disponibilidade de dados maior, e diversos dos pesquisadores que trabalharam neste empreendimento contribuíram, em diversos momentos, com a equipe do PALMA.

Dos mais de 20 sítios (Zuse, 2014) prospectados e escavados pela empresa de arqueologia comercial, em um deles foi identificado uma camada relacionada à Fase Massangana, o **sítio Garbin**. Este sítio localiza-se na margem esquerda do rio Madeira, em frente à cachoeira de Santo Antônio, em um platô elevado sobre a mesma, a pouco mais de 6 km de distância do centro da capital do estado, Porto Velho. Por estar exatamente no centro do eixo da barragem da hidrelétrica, hoje está destruído, não sem antes ter sido alvo de pesquisas arqueológicas sistemáticas (Romano, 2016).



Figura 29 – Em vermelho, localização do sítio arqueológico Garbin, em frente à cachoeira de Santo Antônio

A camada Massangana neste sítio foi encontrada a partir da evidenciação de uma quantidade muito grande de fragmentos de rochas em quartzo, em áreas específicas do sítio, onde a camada de Terra Preta era bastante espessa. Foram realizadas quatro datações para esta camada, que vão de **5900 AP até 7700 AP** (Romano, 2016, Zuse, 2014), o que coloca o sítio Garbin como o detentor das datas mais antigas para Terra Preta na Amazônia.

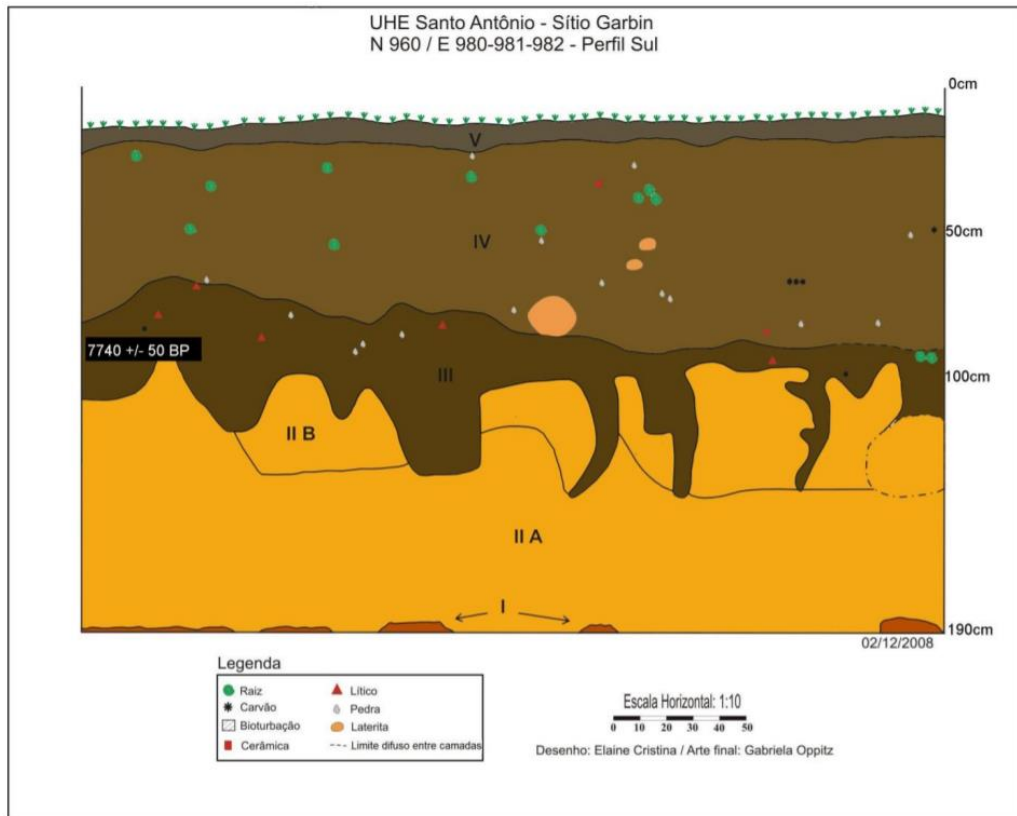


Figura 30 – Perfil estratigráfico do sítio Garbin – Unidade N960 E980-981-982 , com a indicação do carvão datado (Romano, 2016)

O material lítico, apesar de nunca ter sido analisado especificamente, é descrito da seguinte forma:

“O material lítico do sítio arqueológico Garbin é composto pela matéria-prima predominante de quartzo, seguida do granito, ocorrendo também quartzo leitoso, quartzo hialino e granitóides. Os materiais lascados apresentam lascas, fragmentos de lascas, lascas fragmentadas e microlascas em grandes quantidades, com técnicas unipolar e bipolar. Também aparecem placas e seixos de granito com pigmentação vermelha devido à possível raspagem de laterita para a obtenção de algum pigmento, percutores de granito, fragmentos de lateritas com algumas estrias e sulcos, e fragmentos de lâmina de machado”.(Zuse, 2014)

Este sítio apresenta características e datas bastantes semelhantes às ocupações antigas do sítio Teotônio, como vocês verão mais à frente. Desafortunadamente, apesar de escavado, foi destruído pela construção da Hidrelétrica, e que poderia ser uma baliza de comparação mútua muito importante com o sítio Teotônio.

Dessa maneira, foi a partir destes dados de Eurico Miller, somados aos aportes que estavam sendo produzidos pelas empresas de arqueologia comercial, que a equipe do PALMA retomou as escavações no sítio Teotônio, a fim de obter mais dados que pudessem confirmar e contextualizar a fase Massangana. No próximo capítulo, iremos descrever a atividade de prospecção e escavação do sítio, tendo como eixo as duas ocupações Holocênicas encontradas, a fase Massangana e Girau.

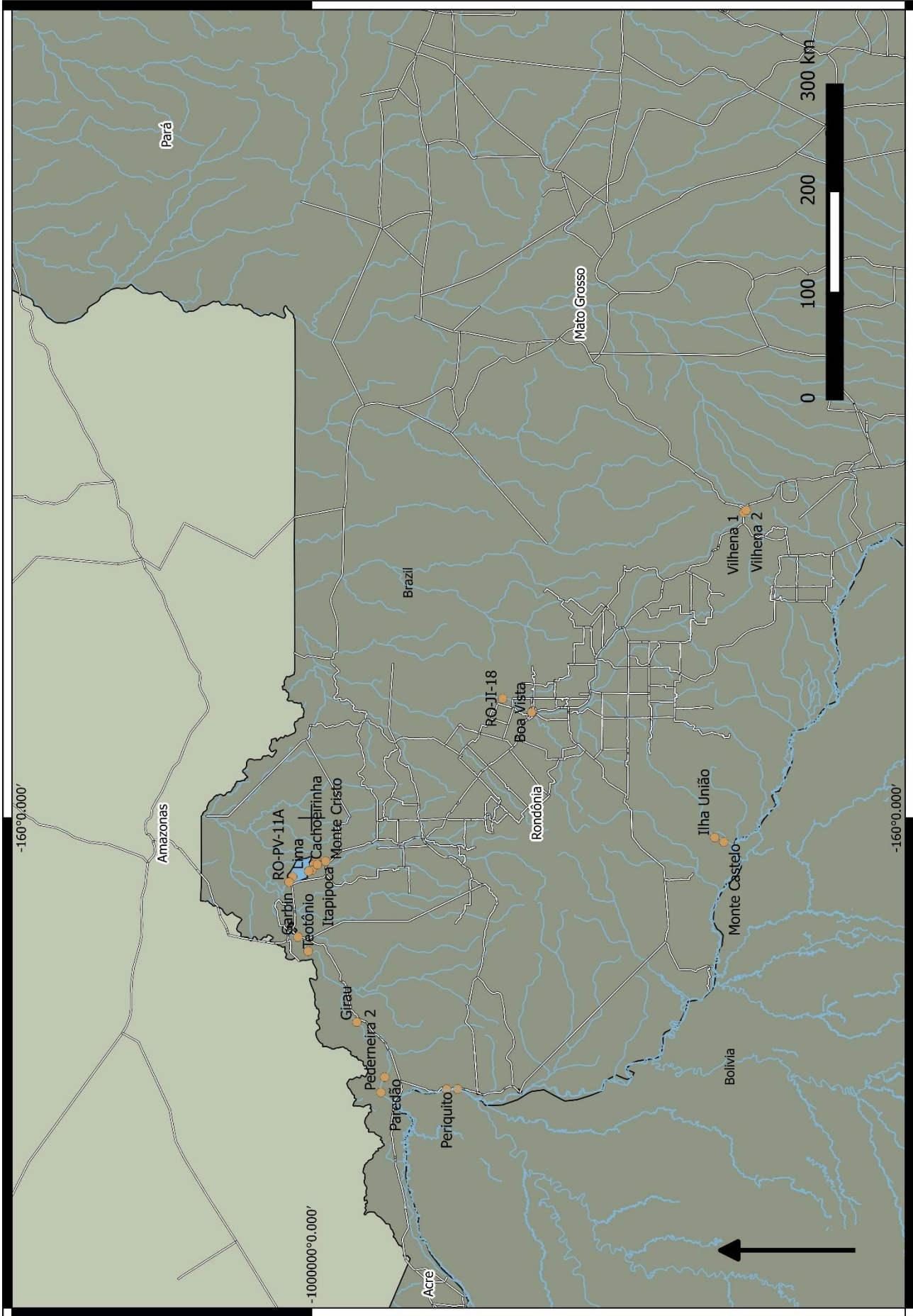


Figura 31 – Mapa com a localização dos sítios comentados no capítulo

Capítulo 2 – O sítio Teotônio – características e escavações

2.1- Introdução

O sítio Teotônio está localizado na margem direita da cachoeira homônima, a cerca de 30 km sudoeste da capital do estado de Rondônia, Porto Velho. Foi primeiramente descrito por Eurico Miller (1978), em um inventário de sítios arqueológicos da região, quando ainda se chamava de Território do Guaporé, e o sítio era utilizado como fazenda da EMBRAPA para desenvolvimento de seringas (*Hevea amazônica*).

Encontra-se sobre um topo de platô, a 40m de altura do nível da cachoeira. O platô é delimitado pelo rio, por um lado, e por um remanso, em sua porção Leste, que na época da seca era utilizado para cultivo pelos moradores da antiga Vila do Teotônio. O platô se estende pela planície não inundável, sentido Sul, como se pode ver na figura 34.

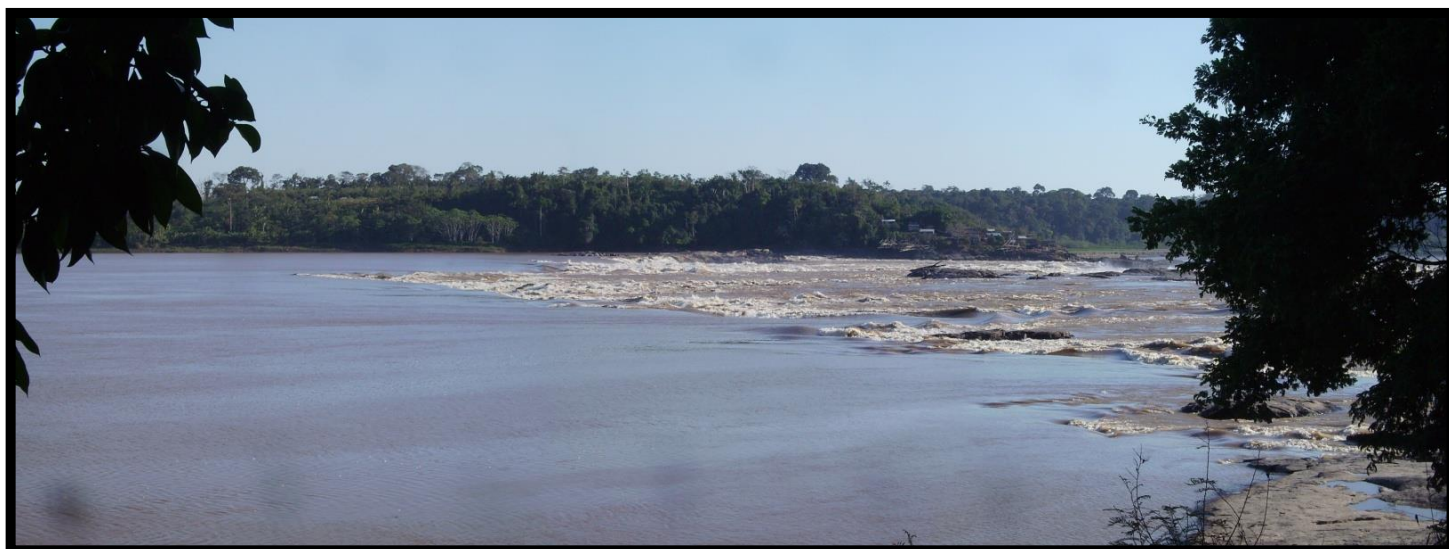


Figura 32 – Vista da Cachoeira do Teotônio e do sítio Santa Paula, a partir do sítio Teotônio.

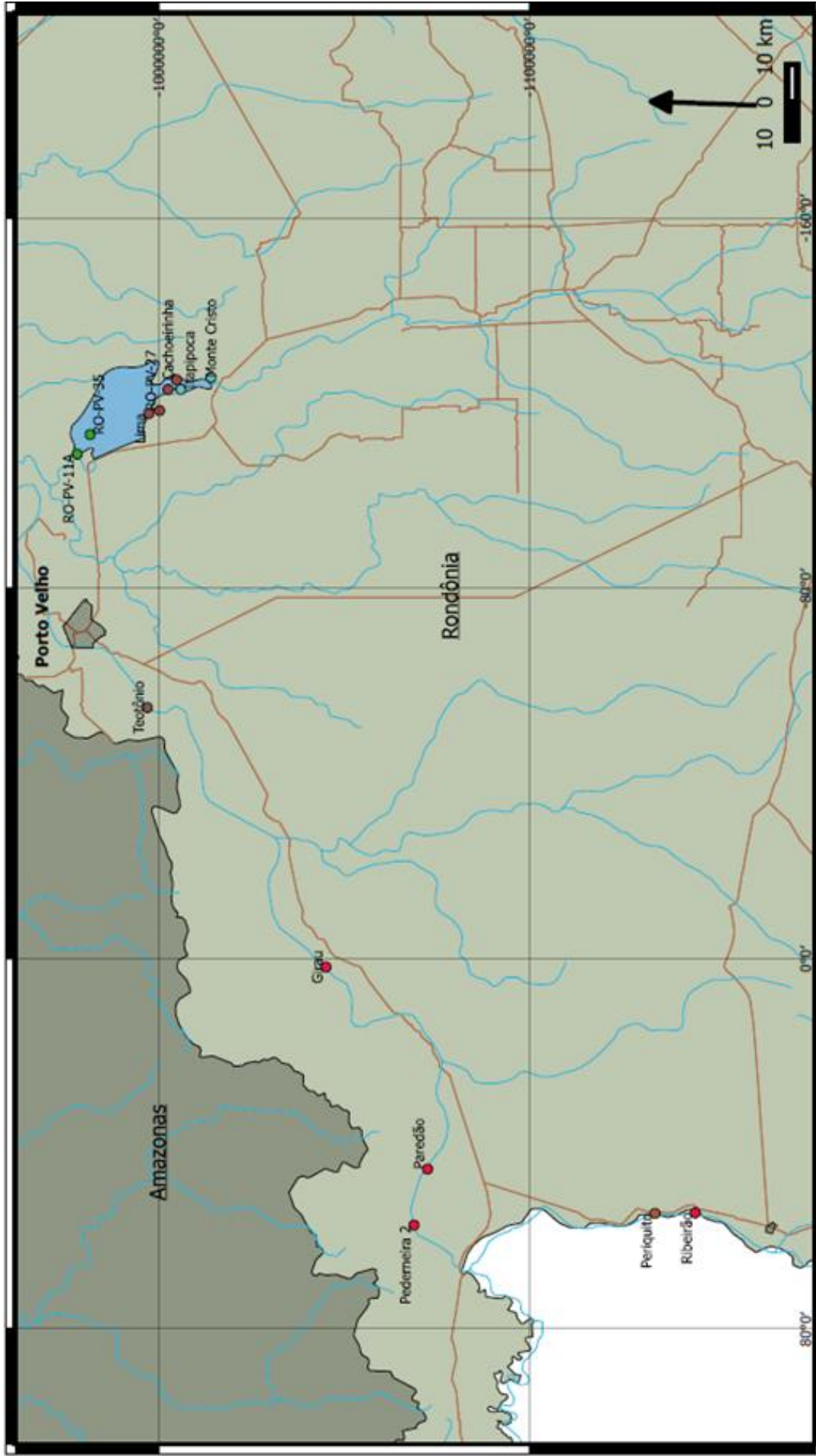


Figura 33 – Detalhe do mapa anterior, com localização dos sítios antigos na bacia do alto Rio Madeira e Jamari.

Este local foi historicamente ocupado por indígenas da etnia Iaguarites, e posteriormente Pamas. Foi descrito por diversos viajantes durante os séculos XVIII e XIX, principalmente por ser a maior das cachoeiras do rio Madeira. Por seus 7,5m de tobo, 900 m de largura e 600m de extensão, era parada obrigatória para navegantes neste local, fosse descendo o rio ou subindo, em qualquer época do ano.

O nome da cachoeira e o sítio remetem ao século XIX, quando em 1853 foi fundada uma vila nas margens desta cachoeira, em uma expedição oriunda de Vila Bela, no Mato Grosso e chefiada pelo juiz português Teotônio da Silva Gusmão. A Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Salto Grande localizava-se na margem direita da cachoeira, justamente onde hoje está o sítio arqueológico estudado, e funcionava como parte como aldeamento dos indígenas Pama, parte como posto fiscal da coroa portuguesa, que buscava controlar o contrabando aurífero das minas do alto rio Guaporé.

O assentamento português não sobreviveu quarenta anos, padecendo pela resistência indígena dos Pama, que se negavam reduzir, e dos Mura, etnia conhecida pela ferocidade com que combatia as investidas dos colonizadores. Os relatos do século XIX, principalmente o do engenheiro alemão Keller (1874) só descrevem as ruínas do que foi um aldeamento, mas o varadouro da margem direita da cachoeira continuou sendo ponto de apoio aos viajantes que subiam e desciam o rio, como mostra o croqui desenhado por Fonseca, na Figura 36. Palheta, em 1745, em uma das mais minuciosas descrições, fala o seguinte:

“..fomos à cachoeira chamada Iaguarites (Teotônio), aonde chegamos véspera de São João e nela vimos sem encarecimento uma figura do Inferno; porque tendo eu visto grandes cachoeiras, como são as horríveis e celebradas do rio dos Tapajós e do rio Tocantins, [...] e as mais que se seguem pelo rio de Araguaia [...] pois nenhuma iguala nem tem paridade a esta do rio da Madeira na sua grandeza e despenhadeiros de pedras e rochedos tão altos que nos pareceu impossível a passagem, como na realidade, pois para passarmos foi necessário fazer-se caminho cortando uma ponta de terra onde fizemos faxinas [...] e fizemos uma boa grade de madeira por onde se puxaram as galeotas, [...] que com muita fadiga [...] se puxaram as mais e se carregaram outra vez com farinhas e munições, que as fomos comboiar mais de meia légua de caminho por terra.” (Magalhães, 1929)

Este ponto de travessia da cachoeira acabou virando um grande entreposto comercial, durante o boom da borracha no final do século XIX, convertendo-se em uma das maiores e mais importantes vilas do Alto Rio Madeira. Com a construção da EFMM, em 1913, o movimento pelo rio drasticamente diminuiu, e conseqüentemente na Vila

também, uma vez que a estrada de ferro foi construída a quilômetros de distância, em direção ao Sul. Um ramal ligando a estrada de ferro (Estação Paulo Leal) até a Vila do Teotônio, só foi aberto em 1950, e até hoje é a mesma estrada que corta o sítio ao meio.

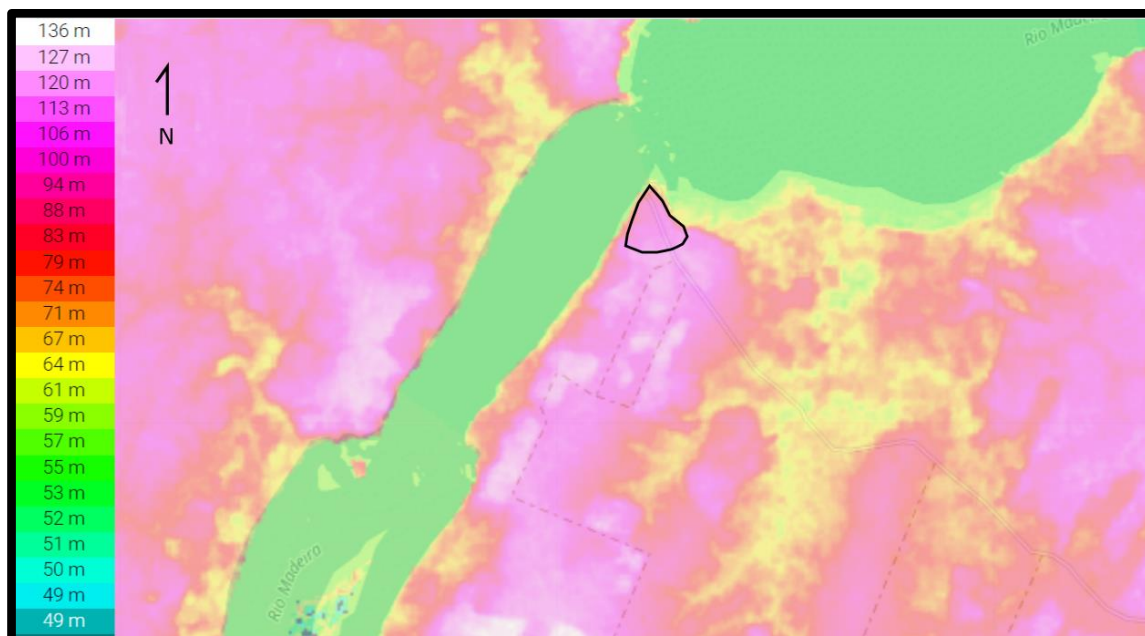


Figura 34 – Localização do sítio Teotônio, em preto, sobre modelo digital de elevação, onde pode-se ver o platô seguindo em direção Sul do sítio. Fonte: OpenStreetMap

Do outro lado do rio, na margem esquerda, encontra-se o sítio Santa Paula, próximo a desembocadura do Igarapé Jatuarana (que dá o nome à fase cerâmica). Este sítio, apesar de estar muito próximo ao Teotônio, possui características muito distintas. Trabalhos realizados pelos arqueólogos da Universidade Federal de Rondônia (Zuse, 2014) mostraram que não há uma ocupação do Holoceno Inicial ou médio, e que as camadas ceramistas, apesar de apresentarem contemporaneidade com as ocupações do lado direito do rio, possuem especificidades¹⁰ em relação aos componentes cerâmicos. Kater (2018) e Almeida (2017) fizeram interessantes análises sobre as relações sociais entre os grupos mais recentes de ambos os sítios, tendo como base a comparação do material cerâmico.

A margem direita do alto Rio Madeira foi muito mais prospectada do que a margem esquerda, o que pode ser a justificativa de um viés amostral que faz com que Miller cite, por exemplo, que os 5 sítios com ocupações pré-ceramistas neste rio se

¹⁰ Para o debate das diferenças e semelhanças entre os conjuntos ceramicos dos sítios Santa Paula e Teotônio, ver Kater 2018

localizem na margem direita. É também o lado do rio que teve mais impacto da colonização recente, com a construção da EFMM e da posterior BR-492, fato que também contribui nesse processo de prospecção. No entanto, sabemos que as empresas de arqueologia realizaram investigações dos dois lados, pelo impacto igual do lado, e o sítio Garbin, por exemplo, encontra-se justamente na margem esquerda.

Particularmente acredito que há um elemento neste debate que tem a ver com a paisagem. Neste trecho do rio Madeira, a sua porção de terra na margem direita tende a ter mais barrancos, sendo menos suscetível às variações do regime hídrico. Lembro que no trabalho de Tizuka (2012), ela nos mostrou que as planícies aluviais, as quais são mais abundantes na margem esquerda, tiveram uma variação muito maior durante os últimos 9.000 anos. Logo, parto de duas hipóteses: ou as populações do passado, as primeiras povoadoras dessa região deliberadamente escolheram não ocupar tanto a margem esquerda, onde a variação do nível da água era maior; ou nós arqueólogos teremos muita dificuldade para encontrar estes sítios antigos, justamente pelos processos pedogênicos nos terraços fluviais baixos.

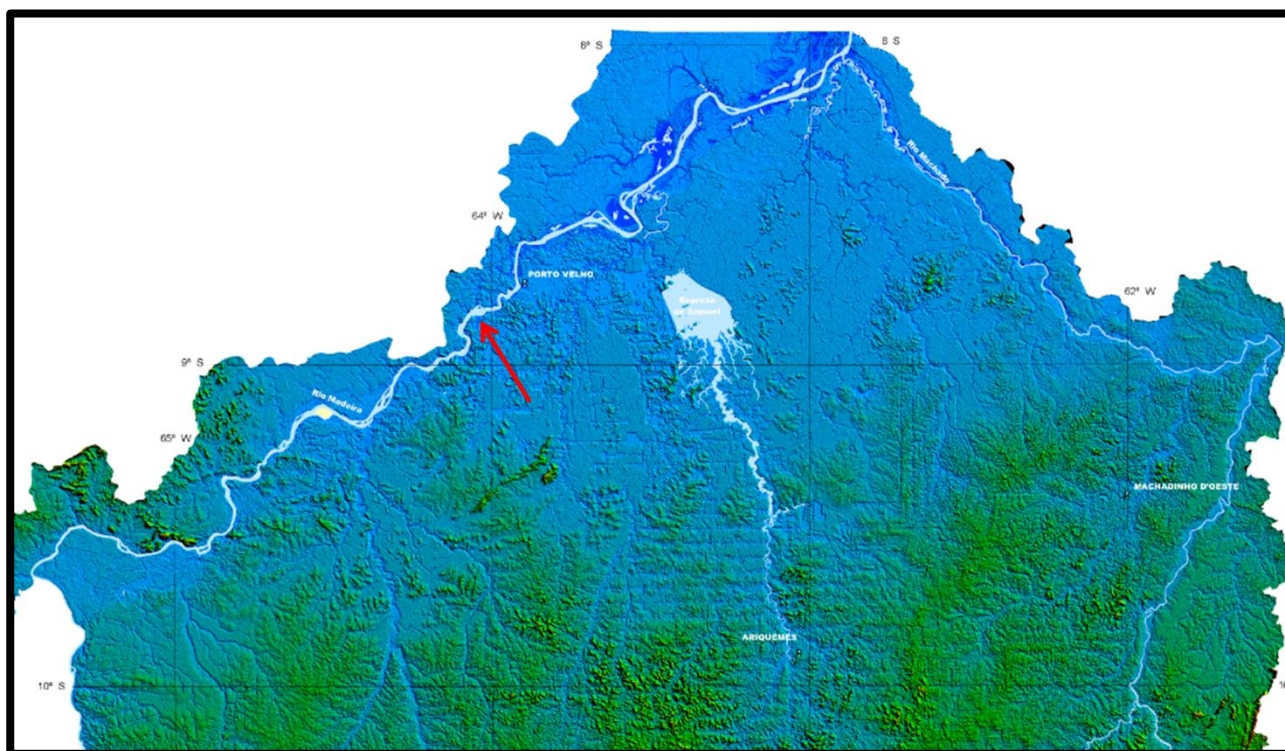


Figura 35 – Detalhe de mapa físico do norte estado de Rondônia. Na flecha vermelha, o sítio Teotônio (CPRM)

No mapa acima, podemos ver como atualmente a presença das planícies aluviais não inundáveis é maior na margem direita. A coloração verde indica altimetria mais alta, e a azul altimetria mais baixa, próximo ao nível dos rios. De qualquer maneira, como dito acima, não é possível descartar a existência de sítios antigos na margem esquerda, que ainda carece de muita investigação.

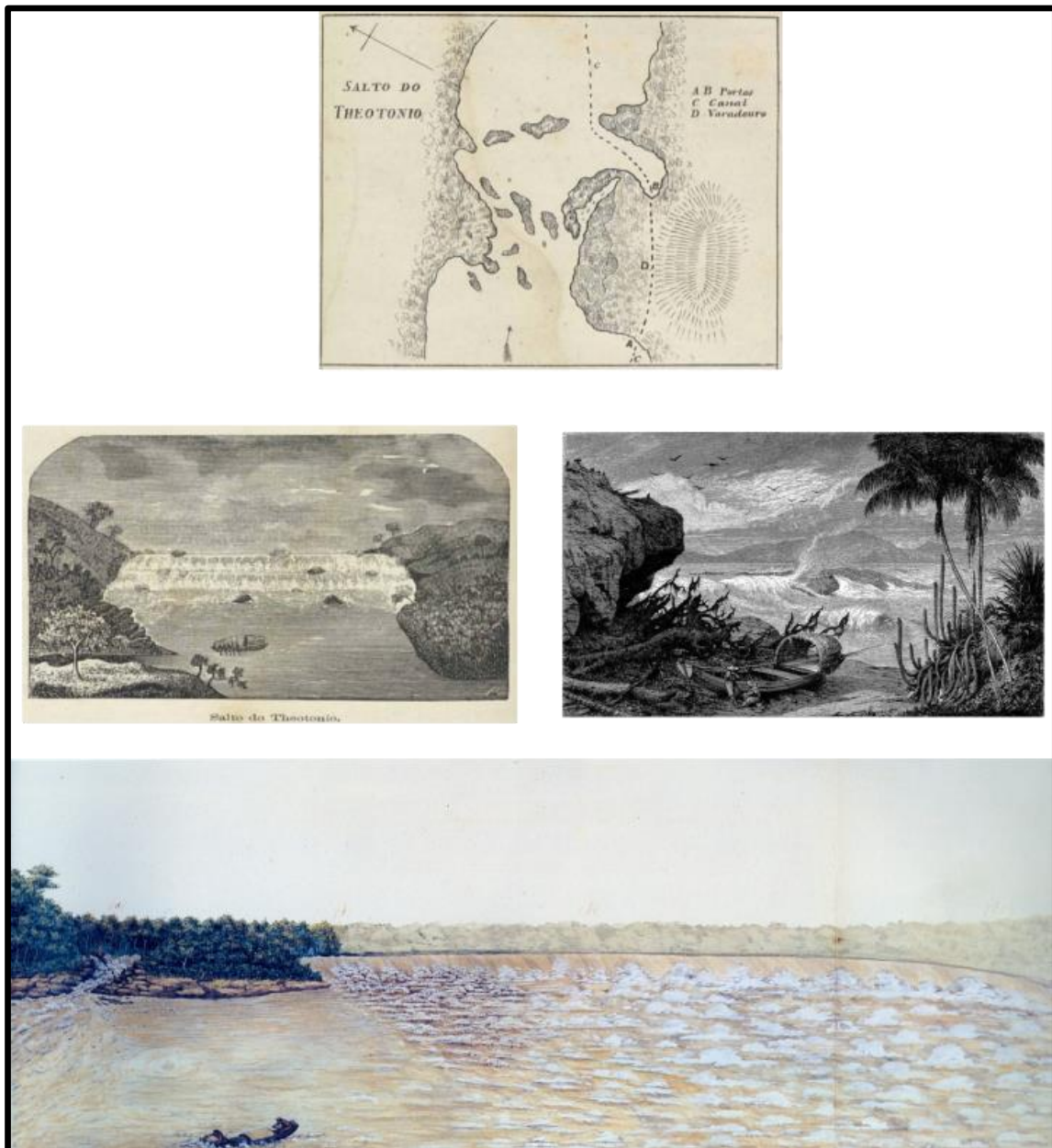


Figura 36 – Representações históricas da Cachoeira do Teotônio. 1 e 2 – Fonseca, 1897. 3 Keller 1875 e 4 – Barbosa Rodrigues – 1875

A partir de 2011, a cachoeira do Teotônio começou a ser inundada, por estar dentro da área do reservatório da UHE Santo Antônio. Esta hidroelétrica, que tem seu

eixo de barramento na cachoeira de Santo Antônio, faz parte de um complexo hidroelétrico que envolve outra barragem, mais acima, localizada na cachoeira do Caldeirão do Inferno. Uma grande quantidade de sítios arqueológicos foi impactada, e o programa de levantamento e salvamento arqueológico (Zuse, 2014) foi responsável por gerar uma grande quantidade de dados sobre a região.



Figura 37 – Croqui sobre imagem de satélite, da localização dos sítios Teotônio e Santa Paula, antes da inundação da Cachoeira do Teotônio

Felizmente, a área principal do sítio Teotônio não foi diretamente impactada com a construção das hidrelétricas e formação dos reservatórios, devido a sua alta altimetria, se comparada ao canal do rio. No entanto, todas as cachoeiras, de Santo Antônio até a foz do rio Abunã estão hoje submersas. Na cachoeira do Teotônio, a histórica vila de pescadores acabou sendo removida para um novo assentamento, na porção Sul do sítio, e seus vestígios também se encontram submersos. Do impacto da inundação da cachoeira, acabaram submersos também vestígios de uma oficina lítica no pedral que se localizava próximo ao início do platô onde está assentado o sítio Teotônio. Se tratavam de negativos na rocha de formato oval e linear, que parecem indicar a fabricação e manutenção de instrumentos polidos.

2.2 -Escavações no sítio Teotônio

A primeira etapa de escavação realizada no sítio Teotônio fez parte da pesquisa de doutoramento de Fernando Almeida, em Junho e Julho de 2011. Desde então, outras cinco campanhas de escavação foram realizadas: 2013 (Fevereiro e Junho), 2016 (Janeiro-Fevereiro), 2018 (Maio) e 2019 (Janeiro).

Todas estas campanhas de escavação contaram com a participação e apoio de pesquisadores e estudantes da Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Rondônia, e Universidade Federal de Sergipe, e com eventuais outros voluntários. Ao total, nestes 8 anos de projeto, mais de 70 pessoas passaram pelas escavações do sítio Teotônio, muitas delas mais do que uma vez.

As atividades de escavação do sítio Teotônio já foram descritas diversas vezes (Almeida, 2013; Mongeló, 2015; Kater, 2018), de acordo com as especificidades das perguntas feitas pelos pesquisadores. Nesta tese, analisei materiais arqueológicos de campanhas que já foram descritas em outros trabalhos, e também de novas campanhas de escavação. Dessa forma, de modo que não fique repetitivo, resumirei as intervenções arqueológicas, apresentando-as não de maneira cronológica (cada uma das etapas sucessivas), mas sim descrevendo as camadas culturais identificadas, tendo como eixo os conjuntos culturais.

O volume de dados e material obtidos destas escavações é gigante, foram abertos 27 metros quadrados de área, e desenhados e analisados 24 metros de perfil. No entanto, apenas uma parte destas intervenções dizem respeito às ocupações do Holoceno Médio e Inicial. O Teotônio é um sítio multicomponencial¹¹, onde nem todas as camadas culturais encontram-se em um “perfil guia” que facilitaria a compreensão da ocupação histórica deste local. Dessa forma, um dos primeiros trabalhos que tive, na dissertação de mestrado, foi definir a sequência cultural do sítio Teotônio, agregando as informações das áreas que considerávamos que havia vestígios de ocupações ceramistas e não pré-ceramistas.

A sequência estratigráfica estabelecida então (Mongeló, 2015a) sofreu uma série de mudanças nos últimos anos, principalmente em relação à reavaliação dos conjuntos

¹¹ Quer dizer, possui vestígios de distintas ocupações, em relação ao tempo em relação à diversidade dos conjuntos.

cerâmicos superiores. No que diz respeito às camadas mais antigas, um dos focos deste trabalho é justamente caracterizá-las melhor, e compreendê-las sob uma perspectiva unitária.

Digo isso porque o sítio possui cerca de 50 hectares, e mesmo com a grande quantidade de intervenções, continua sendo bastante aquém da necessidade real de explicar os processos socioeconômicos dessas populações do passado. Em 2015, comecei a caracterizar inicialmente o que é a Fase Massangana, e até aquele momento se definia muito mais pela falta do componente cerâmico no registro arqueológico, e apenas aventava a possibilidade de existir uma camada mais antiga, que hoje relaciono à Fase Girau.

Agora, o volume de informações levantadas nas etapas de escavação subsequentes é consideravelmente maior, e posso afirmar com mais embasamento algumas das propostas levantadas antes, e que haviam ficado abertas. Tínhamos até então poucas unidades de escavação, no sítio Teotônio, onde havia sido identificado o componente antigo, somando 4m² de área, e apenas duas datações.

Sabíamos que em distintas partes do sítio apareciam estas camadas de solo antrópico sem cerâmica, e não tínhamos muita ideia do que isto representava, do ponto de vista da dispersão. Da mesma maneira, nossas intervenções eram bastante pontuais, do em relação às áreas escavadas, o que fazia sentido, já que era necessário compreender a dispersão dos vestígios em um sítio de 50 hectares. Dessa maneira, procurei nas etapas de escavação realizadas posteriormente, concentrar em apenas uma área, como vocês verão, e nela abrir uma área de escavação mais ampla, e trabalhar com mais minuciosidade.

Desenvolvemos uma síntese das ocupações do sítio Teotônio, que envolveu o trabalho de distintos pesquisadores, e que tende a mudar no que diz respeito às ocupações ceramistas, na medida em que novas investigações estão sendo realizadas para elucidar a diversidade culturas dos grupos mais recentes. No entanto, para fins de clarificação desta tese, o quadro abaixo serve como guia para ilustrar o perfil estratigráfico “total” do sítio que temos até agora.

Filiação Cultural	Camada
Fase Jatuarana	VI-C
Fase Jamari	VI-B
Fase Pocó-Açutuba	VI-A
Fase Massangana	V
Fase Girau	II

Tabela 1 – Quadro geral das fases arqueológicas no sítio Teotônio

Em ordem cronologicamente crescente, as duas fases marcadas em azul indicam as duas ocupações pré-ceramistas, mais antigas do que 3.000 antes do presente, e as indicadas de coloração cinza representam as ocupações do Holoceno Superior. Essa estratigrafia é uma projeção, já que não aparece desta maneira em nenhum perfil físico do sítio, quero dizer, representa todos os conjuntos culturais que acreditamos que tenham efetivamente ocupado o sítio Teotônio, mas não ocuparam necessariamente o mesmo local dentro da área do sítio. Ao mesmo tempo, no que diz respeito aos grupos ceramistas, foram identificados fragmentos cerâmicos de outros conjuntos aqui não citados, mas que do ponto de vista da proporção em que aparecem, parece ser material exógeno (Kater,2018)

Apresentarei as camadas arqueológicas partindo do pressuposto que são, de fato, conjuntos artefatuais distintos. Essa caracterização, de que correspondem a elementos culturais distintos, se dá pela pelas características distintas relacionadas principalmente pela presença/ausência de Terra Preta, e pelas novas datações obtidas. Sendo assim, segue a descrição das atividades de escavação que abrangem os dois grupos representantes das ocupações do Holoceno Inicial e Médio no sítio Teotônio: Fase Girau e Massangana.

2.2.1- Metodologia de escavação

A metodologia de escavação aplicada é fruto dos anos de trabalho da equipe do Projeto Alto Madeira, que por sua vez foi bastante influenciada pelos trabalhos de Neves (2013) na região da confluência dos rios Negro e Solimões, através do Projeto Amazônia Central.

Uma das particularidades desta perspectiva de escavação metodológica está relacionada à possibilidade de registrar com precisão sítios de grandes dimensões, como são as características em geral dos sítios de Terra Preta na Amazônia. Sendo os sítios

enormes, e muitas vezes formados por múltiplas ocupações, que se expressam em distintos conjuntos artefatuais, a metodologia preza inicialmente pela identificação da dispersão, horizontal e vertical dos vestígios arqueológicos.

Dessa maneira, para delimitar o sítio Teotônio, foi feita uma extensa malha de tradagens em Julho de 2013 para definir previamente as unidades de escavação. Estas intervenções, também chamadas de *test-pits*, foram realizadas com o auxílio de cavadeiras manuais do tipo “*boca de lobo*”, espaçadas 20 metros uma da outra, chegando à profundidade de 1,2m cada. Pelo fato de o sítio estar parcialmente abandonado, grande parte dele encontra-se recoberto por mata secundária, dificultando bastante essa atividade. Mesmo assim, foram abertos mais 2000m de picadas, e realizada 130 tradagens.

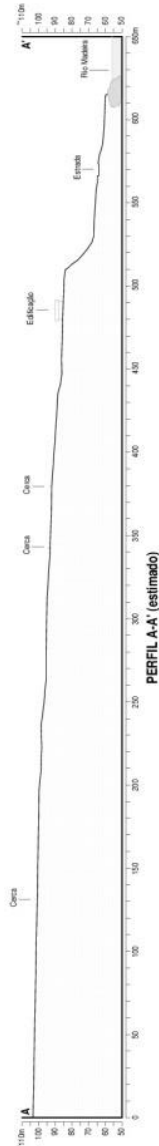
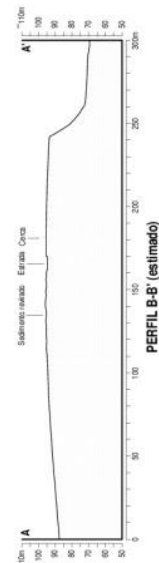
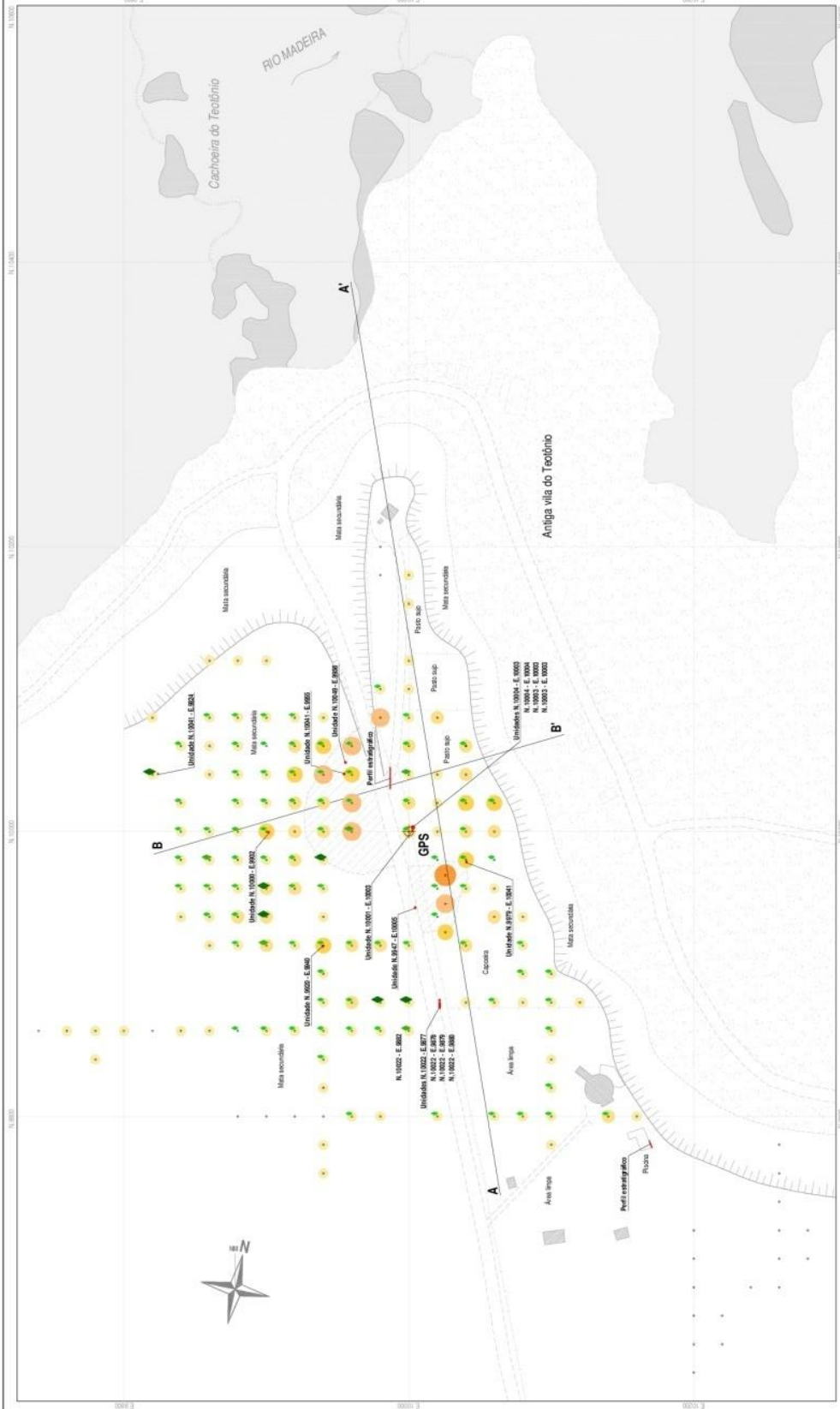
Os dados das tradagens mostraram não só o tamanho do sítio, e sua extensão, como demonstraram a variação do material arqueológico presente, nos possibilitando uma visualização amostral da dispersão dos conjuntos culturais. Kater (2018) realizou o trabalho de identificar os traços diagnósticos das cerâmicas destas tradagens, formando mapas de localização dos conjuntos. A análise inicial do material lítico indicou que existem algumas áreas onde a alta quantidade de material lítico não é acompanhada por um índice elevado de material cerâmico, e esta informação foi elemento principal para definirmos as áreas onde haveriam as ocupações mais antigas do sítio, relacionadas à indústria de quartzo lascado.

Esta metodologia mostrou-se muito eficaz quando, anos depois, comprovamos que diversas destas áreas que indicavam a presença alta de líticos de quartzo lascado, eram justamente áreas do sítio com componentes datados do Holoceno Médio e Inicial.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TEOTÔNIO
Município de Porto Velho - RO

- LEGENDA**
- Unidade escavada
 - Sondagem
 - Perfil estratigráfico
- FRAGMENTOS DE CERÂMICA POR SONDAGEM**
- 1 a 50
 - 51 a 150
 - 151 a 300
 - 301 a 500
 - Acima de 500
- MATERIAL LÍTICO POR SONDAGEM**
- 1 a 25
 - 26 a 50
 - 51 a 74
- Edificação, edificação demolida
Estrada
Cerca
Limite aproximado da cobertura vegetal
Desnível
Sedimento revirado
Terrapão fluvial
Aterramento rochoso, Cachoeira
Rio Madeira
GPS Referência da posição geográfica

GPS: 383.264m E / 9.020.033m N
Projção Universal Transversa de Mercator - Datum SAD 80 - Zona 20S



Desenho: Mariana Basso, 04/2017. Atualizado por: Erickson Basso e Erickson Basso, 04/2017. Imagem em: Mapas/2017

Figura 38 – Mapa de intervenções do Sítio Teotônio - 2017

As escavações propriamente ditas seguiram um protocolo amplamente utilizado pelo Projeto Alto Madeira, e sistematizadas em Almeida (2013) e Neves (2013). Divide-se, em primeiro lugar, o sítio em unidades de metros quadrados, que recebem nomes de acordo com suas coordenadas, estipuladas a partir de um ponto 0 definido aleatoriamente. Este “ponto 0”, no sítio Teotônio, foi denominado N10000 E10000, onde o primeiro número corresponde ao eixo Y, e o segundo o eixo X. Dessa maneira, todas as intervenções realizadas possuem uma localização geográfica que a liga a um ponto central.

A sistematização dos artefatos coletados, em qualquer uma das formas de intervenção, se dá através de uma numeração sequencial de Números de Proveniência (PN), que levam consigo todas as informações necessárias para o reconhecimento dos artefatos, posteriormente, em laboratório. Todo material coletado recebe um PN próprio, independentemente de sua natureza, e em geral, são indicadores que nos amparamos para a localização da peça no terreno espacial do sítio.

Quatro atividades de coleta de material foram feitas no sítio Teotônio:

1- Coleta Assistemática de Superfície

A coleta assistemática de superfície foi realizada em áreas onde identificamos uma alta possibilidade de intervenção moderna, próximo a edificações, campos de pasto ou área de extração de terra preta ilegal. Acreditamos que nestes casos, o contexto arqueológico esteja muito perturbado pelas ações antrópicas recentes, ou retirando parte considerável das camadas arqueológicas, ou deslocando solo com material arqueológico.

Este exercício foi importante pois foi através dele que percebemos quais áreas apresentariam potencialmente contextos arqueológicos não seguros para escavações minuciosas, ao mesmo tempo que buscamos aproveitá-las para a coleta de material assistemático para coleção.

No que tange ao material lítico, objeto de estudo principal desta tese, obtivemos através da coleta de superfície uma importante coleção de ferramentas líticas polidas e de grande porte, que foram também obtidas em escavações sistemáticas, mas em menor quantidade. O elemento dificultador da coleta de superfície é a impossibilidade de associar tais ferramentas a camadas estratigráficas correspondentes, ainda mais se

tratando do material lítico, que apresenta uma homogeneidade relativa durante 6000 anos de produção de instrumentos (Mongeló, 2015a).

Destacam-se os machados polidos, abundantes na região e descritos também por Eurico Miller (1992a) para os sítios do rio Madeira e rio Jamari. Polidores portáteis, distintos percutores, e diversas lascas em quartzo, com marcas de utilização.



Figura 39: Peça lítica cupuliforme, com marcas de abrasão nos dois planos, encontrada em superfície(G.M.)



Figura 40: Percutor com marcas de uso direto em duas extremidades, encontrada em superfície (G.M.)

Também obtivemos algumas ferramentas doadas por moradores do sítio ou de seu entorno, principalmente do ramal chamado “Linha Betel”, que faz parte da estrada que liga o sítio à rodovia BR-147. Os relatos coleados dos informantes, lavradores do platô onde está inserido o sítio, complementaram os dados produzidos através das tradagens para a delimitação do sítio.



Figura 41 – Em vermelho, área aproximada de dispersão da Terra Preta no sítio Teotônio, e em laranja, área da Linha Bethel, onde foi reportado a presença de machados polidos.



Figura 42 – Machado polido encontrado na Linha Bethel. G.M.

2- Levantamento intra-sítio - tradagens

A delimitação da área do sítio, horizontalmente e verticalmente, se deu através da observação da dispersão dos materiais arqueológicos em superfície, mas também e principalmente, com a realização de uma malha de tradagens na área do topo do platô.

Estabelecido o grid, com as coordenadas pré-determinadas, foram marcados pontos equidistantes 20m entre si, e em cada um destes pontos foi feito uma intervenção com cavadeira manual do tipo “boca de lobo”.



Figura 43: Alocação dos pontos de tradagens com auxílio de nível ótico (G.M.)



Figura 44: Abertura de picadas na mata no sitio Teotônio (F.A.)

Esta atividade foi realizada integralmente na etapa de campo de Julho/Agosto de 2013. Em cada ponto marcado com o auxílio de nível ótico, garantindo a precisão da medição de distância e ângulo, as intervenções registraram dados de material lítico, cerâmico e botânico a cada 20cm de profundidade. Uma ficha específica (Anexo2) foi preenchida para cada uma das tradagens, registrando quantidade e qualidade do material arqueológico, além características do sedimento (textura, cor e compactação).



Figura 45: Realização de sondagem em área de capoeira (F.A..)



Figura 46: Realização de sondagem em área de pasto aberto(F.A.)

Os resultados qualitativos das sondagens, no que diz respeito ao material cerâmico, principalmente em relação à filiação cultural pode ser visto em Kater (2018). Na minha dissertação de mestrado (2015a), realizei uma análise mais superficial dos dados em relação ao material lítico, que me serviu então mais como um amparo para decidir quais áreas estariam mais propensas para realizar escavações a fim de alcançar mais rapidamente às camadas mais antigas, relacionadas à Fase Massangana. Voltei a me debruçar sobre estes dados, e uma nova elaboração será apresentada no capítulo seguinte.

3- Limpeza de perfis

A estrada que corta o sítio, sentido Sul-Norte, foi construída nos anos 1950, e vai do topo do platô, em direção à cachoeira, onde ficava a antiga Vila. Durante sua construção, foi retirada uma camada espessa de material arqueológico da área, que viria a ser a estrada. O tipo de retirada que se deu é o que a geologia chama de “decapitação”, ou seja, camadas foram arrancadas, com pouca ou nenhuma intervenção nas camadas profundas remanescentes, que se tornaram a superfície da estrada, como se tivesse havido um recorte.

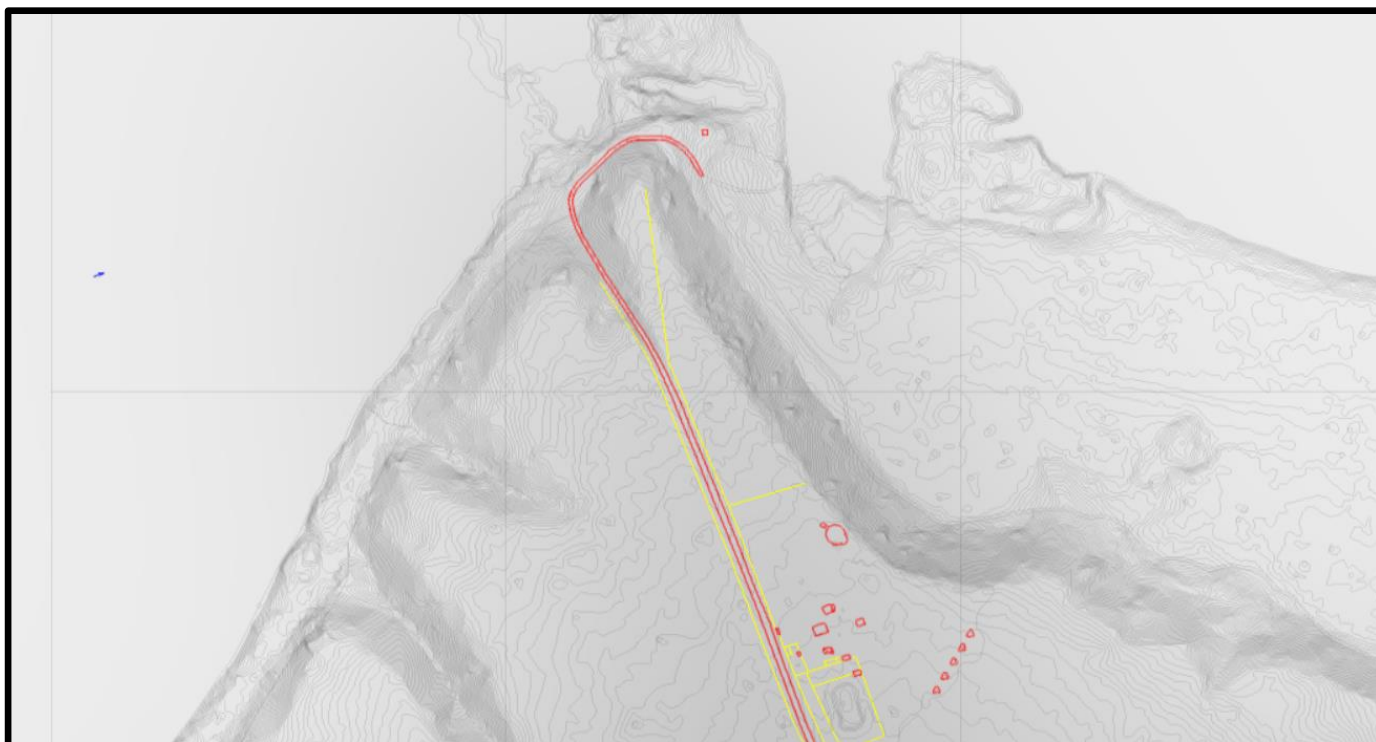


Figura 47 – Mapa topográfico do sítio Teotônio. Intervenções modernas na área do sítio. Em Amarelo, cercas que dividem propriedades, os quadrados vermelhos representam construções recentes de alvenaria, e a linha contínua vermelha representa a estrada que corta o sítio.

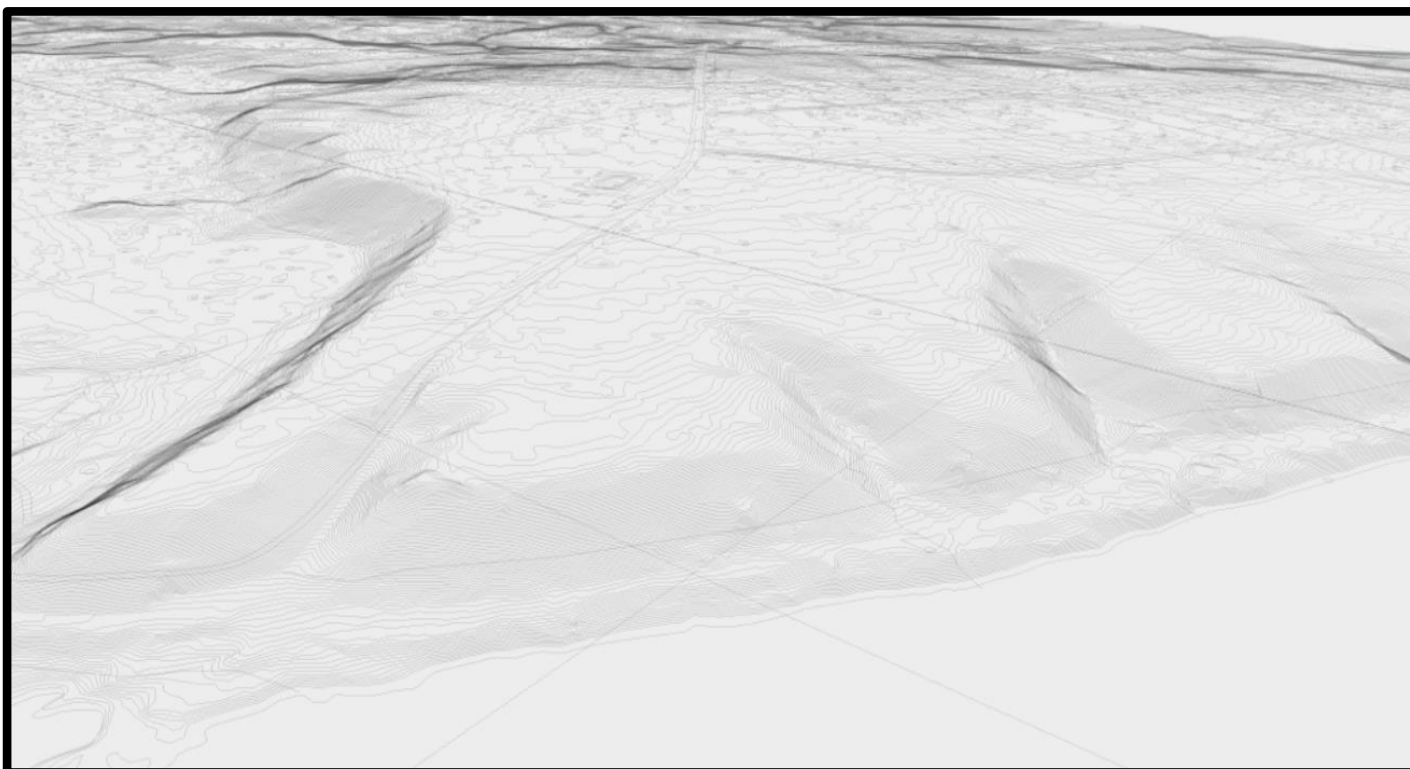


Figura48 – Mapa Topográfico do Sítio Teotônio, onde pode-se ver a estrada que o corta, em linha contínua, sentido Norte-Sul

Nos limites da estrada, em suas laterais, acabaram se formando perfis na Terra Preta, proveniente dos recortes da estrada, em formato de barranco. Em alguns destes perfis, que já estavam extremamente revirados, foi feita uma limpeza com pá mecânica do solo remexido, e exposto o limite de perfis originais.

A utilização da pá mecânica mostrou-se extremamente proveitosa, uma vez que o sedimento remexido dos últimos 50 anos representava uma quantidade grande do ponto de vista volumétrico, que demoraríamos muito mais tempo para limpá-lo. Foi feito acompanhamento da pá mecânica, e coletado o material diagnóstico. Os perfis foram limpos manualmente, e relocados no grid, tendo suas unidades denominadas.

A limpeza dos perfis foi um passo importante na consolidação da hipótese da existência de uma camada de solo antropizado sem material cerâmico. Esta metodologia foi empregada na segunda etapa de campo, em 2013. Até então, tínhamos apenas 1m² de área escavada onde era possível ver a camada que posteriormente chamamos de Massangana.

Ao expor um perfil de 15 metros de comprimento, ficou claro para nós a existência de uma camada bem delimitada, um contexto seguro, pré-cerâmico, com grande quantidade de material lítico lascado e instrumentos polidos. Nos mostrou também que a estratigrafia não seria uniforme em todo o sítio, ou seja, que não encontraríamos as mesmas camadas em todos os 50 hectares de Terra Preta. Iremos tratar desta intervenção de maneira mais profunda no próximo tópico.



Figura 49: Acompanhamento do trabalho com maquinário pesado (T.T.)



Figura 50: Abertura do perfil estratigráfico do barranco adjacente à estrada (D.P)

4- Escavações controladas

As escavações controladas, de contextos amplos, se deram a partir da alocação de unidades mínimas de escavação de 1m² cada (quadrículas), orientadas a partir do grid pré-estabelecido. Elas recebem nomes individuais, de acordo com sua distância do ponto central, o “ponto 0”, seguindo os eixos Norte e Leste, como realizado com as tradagens. (N10001 E10003, N10001 E10004, etc...) Os “nomes” das quadrículas são na verdade as coordenadas dos pontos Sudoeste de cada uma destas intervenções. Esta metodologia permite a ampliação das unidades básicas de escavação, locando quadrículas adjacentes, conformando amplas unidades de escavação.

A escavação das quadrículas se dá, a princípio, em níveis artificiais de 10 em 10 cm de profundidade. Todo o solo é retirado, colocado em baldes, e peneirado em peneiras de 2mm. Cada um destes níveis recebe um PN próprio, que é distribuído para qualquer tipo de material que tenha sido coletado através da atividade de peneiramento. Caso algum vestígio, por motivos de interesse especial, seja coletado individualmente na quadrícula, este recebe um PN próprio, com os dados de sua plotagem (coordenadas X, Y e Z).

Exemplos:

PN 2041 – Unidade N9882 E10022/ Nível 30-40cm/ cerâmica; carvão, lítico (Peneira Geral)

PN: 2042 – Unidade N9882 E10022/ lítico plotado/ X=12cm; Y=35CM Z=1,23cm



Figura 51: Limpeza da área para ser quadriculada e escavada (G.M.)



Figura 52: Quadriculamento das quadriculas de escavação, contíguas, formando uma unidade ampla. (G.M.)

A cada 10 cm escavados, é preenchida uma Ficha de Escavação (Anexo 05), onde são descritas as características do material coletado e do solo (coloração, textura, compactação, umidade). Os dados de nomenclatura do material coletado são repetidos nesta ficha, nas etiquetas e bolsas de acondicionamento, além de um registro de Números de Proveniência.

Contextos bem definidos de ações únicas, percebíveis por diferença de coloração de solo ou por associação de vestígios, são chamados de “feições”. Estes recebem PN próprio, são escavados a parte do restante do solo das quadriculas, e todo o material coletado é destinado à flotação¹², não passando pela peneira seca. Cada uma destas feições

¹² Método típico da área da arqueobotânica, onde preza pela recuperação de vestígios de tamanho milimétrico. Utiliza-se em geral, um aparelho específico chamado popularmente de “flotadeira”, em que se divide o material arqueológico botânico leve do material pesado. Em relação aos vestígios macrobotânicos, ou seja, visíveis a olho nú, é o método mais proício à obtenção de amostras.

é descrita em uma ficha específica e feito um croqui em papel milimetrado antes de ser escavada.



Figura 53: Aglomerado de vestígios formando “feições” (E.N.)



Figura 54: Círculo de solo escuro em contraste com o solo amarelado. Estrutura de combustão Feição 15 (G.M.)

A flotação do solo retirado das feições foi realizada de acordo com metodologia descrita em Watling (2018) e Furquim (2013). Também foram coletadas amostras para flotação de alguns contextos específicos, que tínhamos a certeza de se tratarem de camadas Massangana e Girau. No tópico seguinte ficará mais claro quando apresentarei a hipótese dos pisos, mas nestes níveis em que sabíamos que se tratava de um conjunto cultural seguro, foram coletadas amostras de 40 litros também para flotação.

Junto a estas amostras, foram coletadas pequenas quantidade de sedimento para análises físico-químicas, em parceria com o pesquisador Dr. Wenceslau Teixeira, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Parte desta análise será apresentada no capítulo 04.

2.3 - Descrição dos contextos arqueológicos

Tratarei a descrição dos contextos arqueológicos tendo como base os próprios contextos, e não o sentido cronológico das etapas de escavação. Assim, os dados que o leitor verá, podem se apresentar de maneira intercalada do ponto de vista temporal. O que me parece importante é mostrar que, com base nos dados que levantamos depois de oito anos de pesquisas, já é possível tratar as ocupações do sítio desta maneira.

2.3.1- Contextos da Fase Massangana

Mesmo com a existência deste setores extremamente perturbados no sítio, onde não foram feitas intervenções, os dados obtidos através das tradagens, durante a delimitação do mesmo, mostraram áreas de grande concentração de material lítico lascado em quartzo, que combinado com a baixa ou nula incidência de material cerâmico, foi o fóssil-guia para a definição inicial das áreas de interesse para realização de escavações minuciosas.

Posteriormente, quando já realizadas as escavações, confirmamos a hipótese de que estes locais onde as tradagens haviam indicado grande quantidade de material lítico lascado, eram de fato áreas com contextos relativos à fase Massangana. Dessa maneira, o mapa da densidade de dispersão do material lítico nos oferece um caminho para compreendermos a disposição espacial e horizontal deste período no platô.

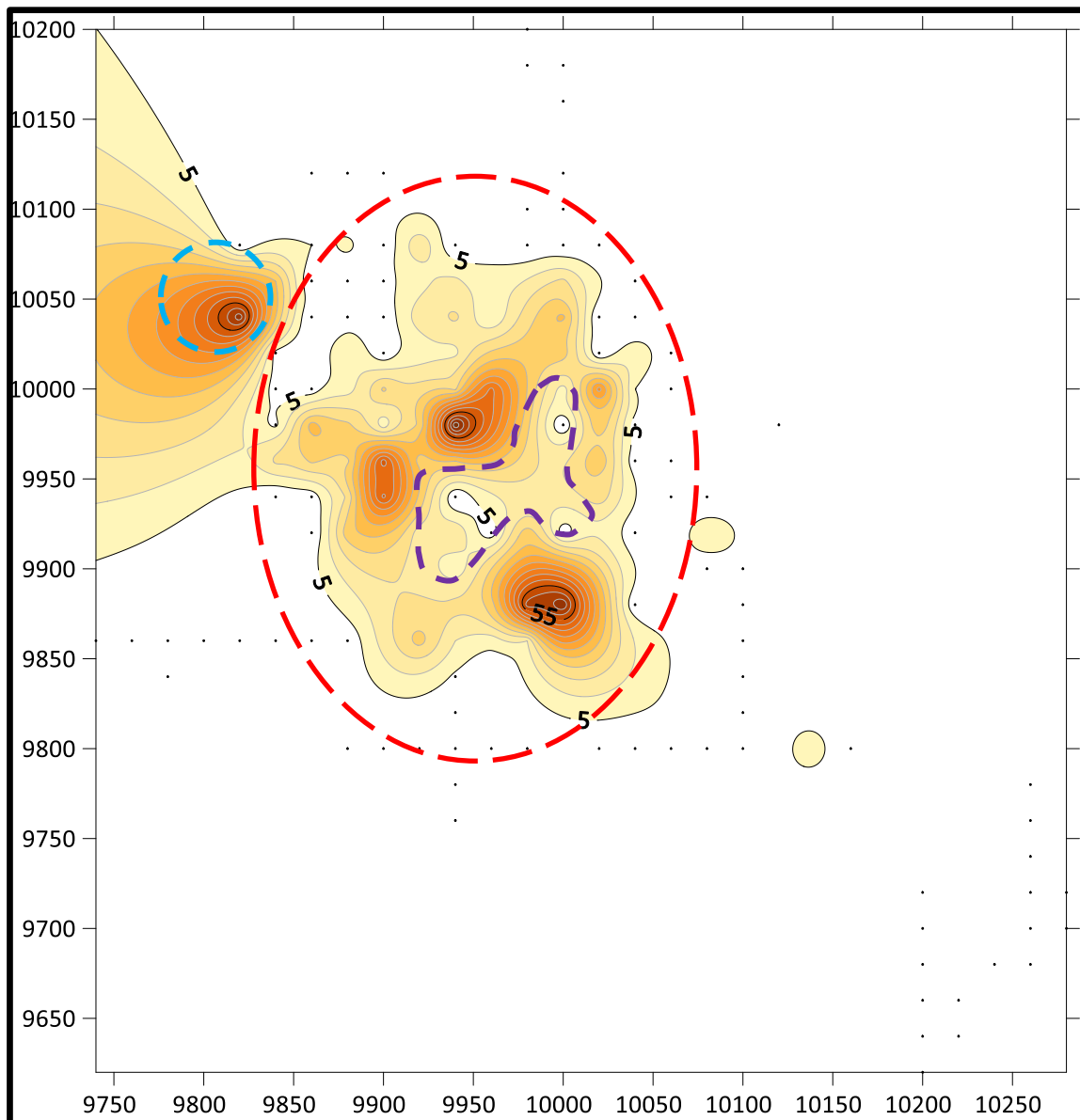


Figura 55- Dispersão do material lítico no sítio Teotônio, onde a cor mais forte representa maior quantidade de material lítico lascado, e o branco significa ausência. O ponto mais à Noroeste representa o local da Unidade N10041 E9824

Trataremos os dados das tradagens que indicam alta incidência de material lítico, portanto, como áreas ou confirmadas ou potencialmente ocupadas por grupos que produziram a cultura material da Fase Massangana. Essa assertiva me parece verdadeira pois não há concomitância entre os locais de alta incidência de material cerâmico e alta incidência de material lítico, ou seja, onde há mais fragmentos de quartzo lascado, não há alta incidência de material cerâmico.

É bem verdade que não é possível afirmar, com toda a certeza, que todas as áreas na Imagem 55, que figuram em coloração amarela e escura, possuem camadas

relacionadas à fase Massangana. No entanto, em todas as escavações que realizamos, que se sobrepõe a estas áreas, foi constatada a presença de tais camadas, e nas demais escavações que não se localizam nestes perímetros, não foram evidenciados vestígios Massangana. Não se pode descartar os elementos que influenciam o longo processo de formação de um sítio arqueológico, e que poderiam mascarar tal análise, no entanto, me parece que há uma continuidade de coincidências, em todas as etapas de escavação, que me faz dizer que há um alto grau de possibilidade que estejamos corretos.

Sendo assim, partindo deste pressuposto, é possível afirmar que a ocupação Massangana no sítio Teotônio não é homogênea, tampouco contínua, do ponto de vista do espaço horizontal., característica muito diferente dos demais conjuntos culturais mais recentes, como mostrado por Kater (2018). Há uma concentração muito bem marcada, na região central do sítio (tracejado vermelho), e à Noroeste, uma concentração proveniente de uma tradagem (tracejado azul). Entre as duas não há a presença de material lítico lascado..

Foram realizadas intervenções em distintas áreas do sítio, baseadas no mapa das tradagens e incidência de material, para caracterizar e formar coleções relativas a esta indústria de ferramentas da Fase Massangana. No mapa abaixo, em vermelho, se vê a localização das áreas prioritárias que elencamos, e que representam as regiões do sítio com maior quantidade de material lítico. As dividiremos em Área 1, Área 2 e Área 3.

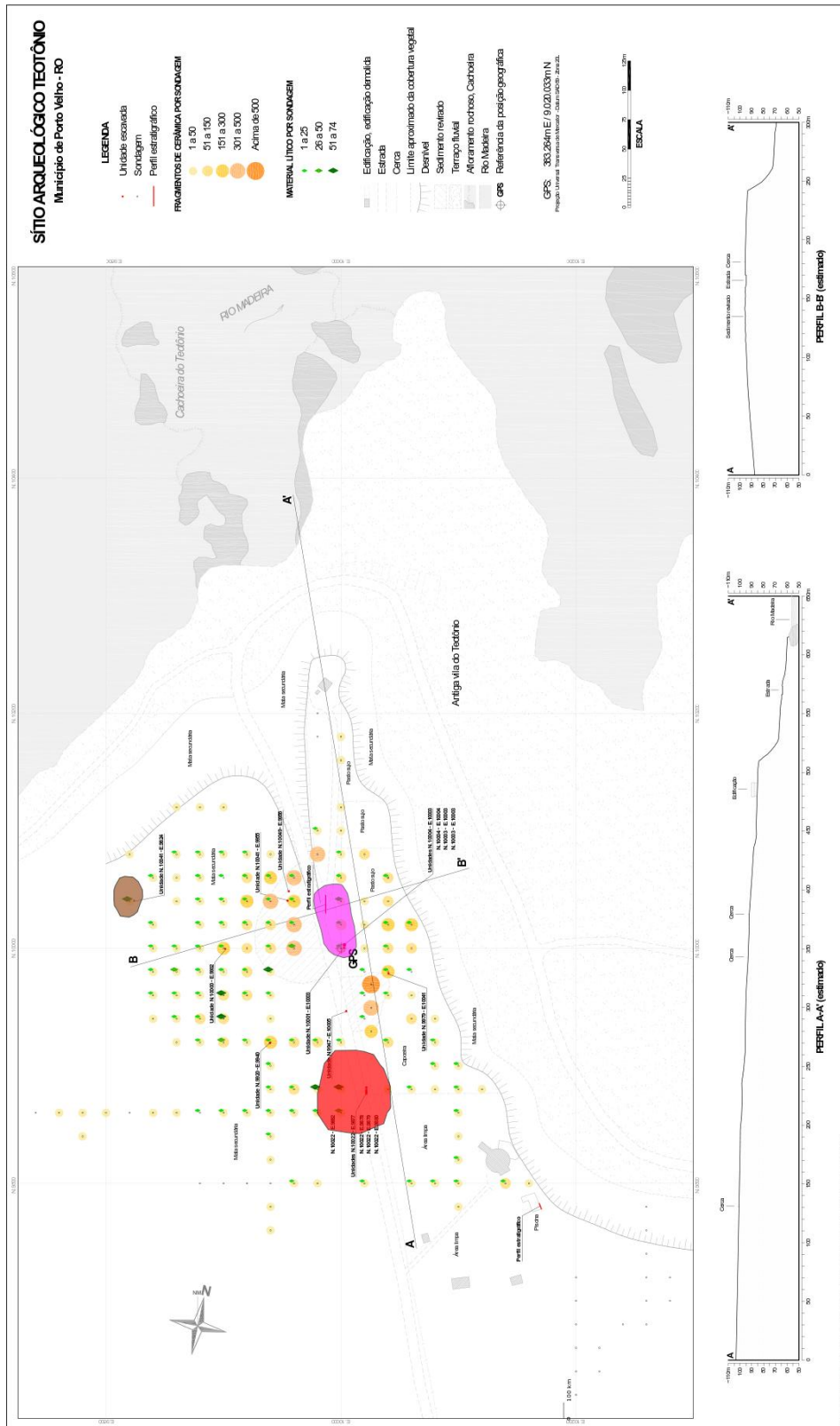


Figura 56 – Mapa das intervenções no sítio Teotônio, com destaque para a divisão de Áreas feita para as ocupações do Holoceno Inicial e Médio. Área 1: rosa; Área 2: marrom; Área 3: vermelho

Escavações na Área 1

A fase Massangana foi primeiramente identificada na porção central do sítio, na etapa de campo de 2011. A descrição pormenorizada desta escavação se encontra em Almeida (2013), mas a retomaremos aqui. Nesta região do sítio, próximo ao *ponto 0* e à estrada que corta o platô, foi constatada através das tradagens realizadas, a grande profundidade da Terra Preta, alcançando mais 1 metro de profundidade. Foi aberta uma quadrícula de 1m² (N10001 E10003), que posteriormente foi expandida, em outra etapa de campo.

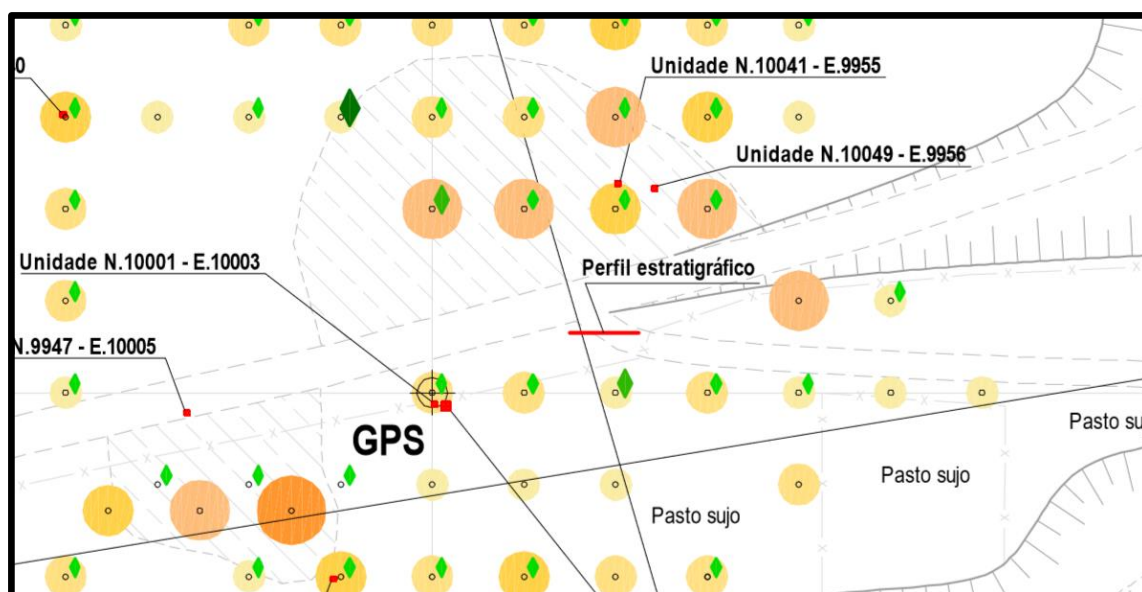


Figura 57 – Detalhe do mapa de intervenções do sítio Teotônio, no centro, a área 1, com a indicação da Unidade N10001 E10003 e do Perfil Estratigráfico anexo ao barranco da estrada. Os pontos em vermelho indicam intervenções no sítio, e os pontos brancos indicam as tradagens realizadas.

Esta quadrícula foi escavada primeiramente com o intuito de compreender porque a Terra Preta neste local era tão profunda. Miller dizia, em artigo de 1992, que as cerâmicas da Tradição Polícroma mais antigas estariam na base de camadas de 2 metros de solo antrópico, e Almeida queria testar essa hipótese.

Miller estava provavelmente enganado em relação a presença de cerâmica Polícroma tão profunda, já que com esta escavação nós acabamos descobrindo que grande parte do solo antrópico profundo identificado na tradagem dizia respeito à uma camada não-ceramista. No perfil da imagem abaixo, os fragmentos cerâmicos aparecem em abundância até aproximadamente 50cm de profundidade, na mesma proporção em que cresce a quantidade de lascas de quartzo, que permanecem constantes na estratigrafia até 170 cm de profundidade (Almeida, 2013).

Almeida fez as primeiras observações sobre este contexto e material lítico em sua tese de doutorado. Uma datação foi obtida, para a amostra indicada com número 743, que resultou em 3170 ± 30 , e que até hoje é a data mais recente para a ocupação Massangana no sítio Teotônio.

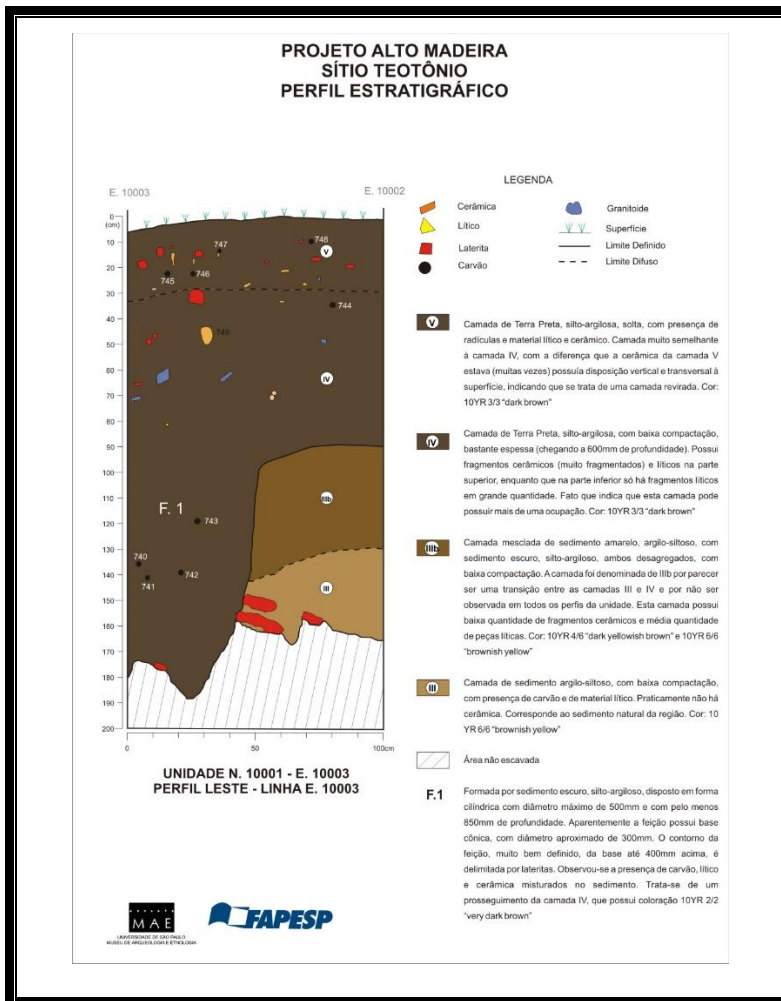


Figura 58 – Croqui de perfil da Unidade N10001 E10003 (Almeida, 2012)



Figura 59: Foto do Perfil da Norte da Unidade N10001 E 10003 (F.A.)

Ainda que tenha envidado esforços em descrever o contexto pré-cerâmico desta área do sítio, muito pouco pode Almeida fazer com a amostragem de apenas 1m². Dessa maneira, em Janeiro de 2013, a fim de obter mais material relacionado à essa ocupação

pré-ceramista, e estender a área escavada, foram abertas outras duas quadrículas, distantes 1 metro desta escavada por Almeida.

A área das duas unidades escavadas (N10003 E10004 e N10003 e E10003) foi escolhida justamente por estar muito próxima da quadrícula N10001 E10003, onde havíamos constatado a presença da camada Massangana. Apesar de estarem bem próximas, apresentam estratigrafia bastante distintas, muito devido à presença da Feição 1, que demonstra que estas populações praticavam atividades de movimentação da laterita.

A profundidade total destas duas unidades contíguas chegou a 110cm, sendo os 30cm iniciais correspondentes à cultura da Subtradição Jatuarana (ceramista), e os mais profundos, característicos da Fase Massangana (pré-ceramista), não havendo hiato entre as camadas. A diferença é marcada, visivelmente, pela presença de algumas rochas metamórficas no topo da camada Massangana, que podemos ver no perfil Sul da imagem abaixo. A Terra Preta, na estratigrafia encerra-se em transição com a rocha laterítica basal, em contato direto com ela. Os instrumentos e ferramentas lascados em quartzo, que compõe a grande maioria do material arqueológico da Fase Massangana nesta área, aparece de maneira ininterrupta até a base.



Figura 60: Base da camada Massangana nas unidades N10003 E10004/ N10003 E10003 (G.M.)



Figura 61: Perfil Sul das Unidades N10003 E10004/ N10003 E10003 (G.M.)

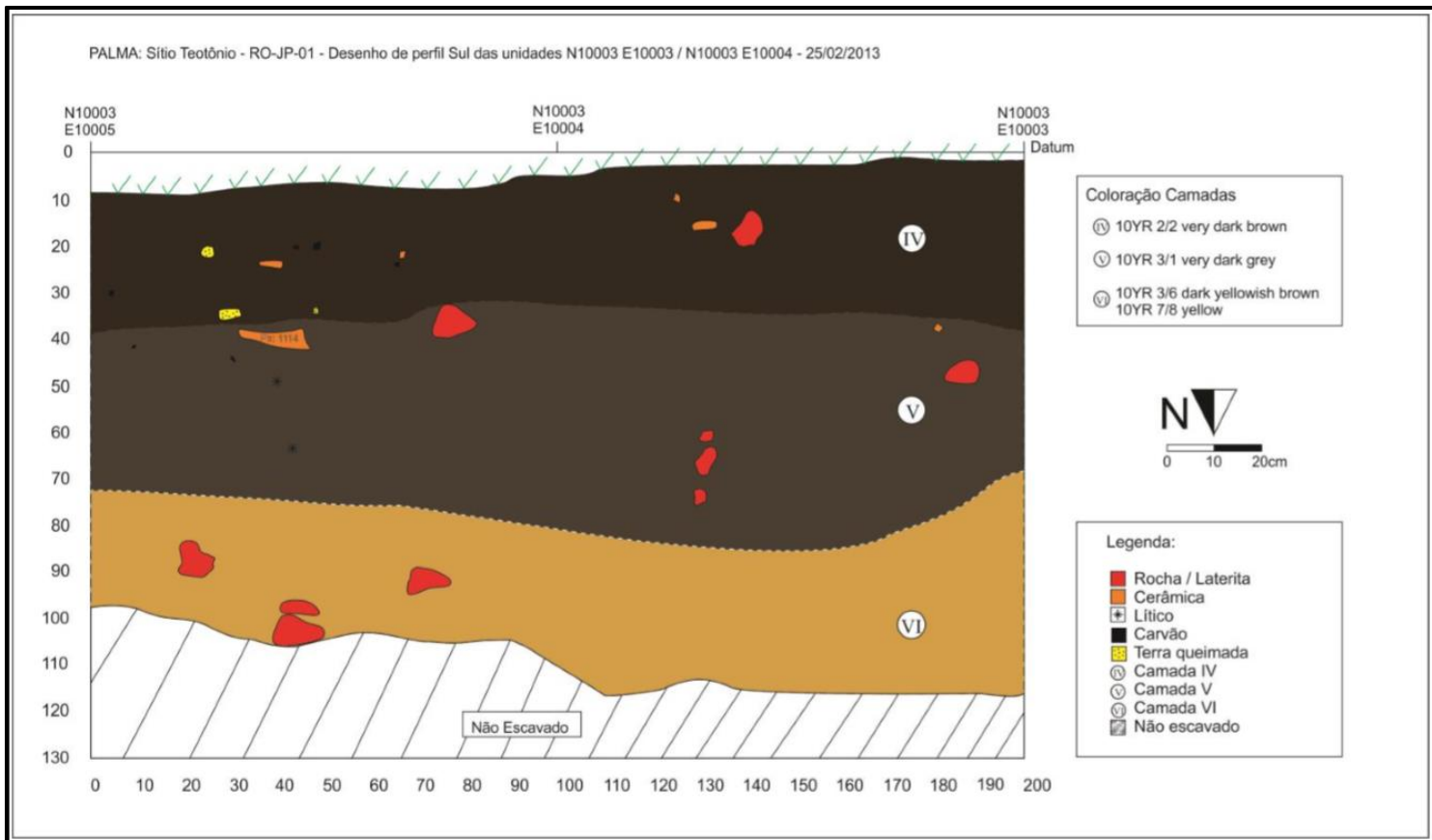


Figura 62 – Croqui do perfil Sul das unidades N10003 E10003- N10003 E10004. Aqui, excepcionalmente, a camada V corresponde à camada Massangana.

Nesta mesma Área, a poucos metros ao norte, foi realizada a atividade de limpeza do perfil exposto pelo corte da estrada. Alinhado ao grid do sítio, denominamos esta intervenção de “**Perfil Leste da Linha E9987**”. Foi retirado o sedimento revolto da construção da estrada, e limpo um perfil de 15 metros da face Leste e 1 metro de perfil da face Norte.



Figura 63: Área do Perfil Leste da Linha E9987 antes de ser limpa (G.M..)

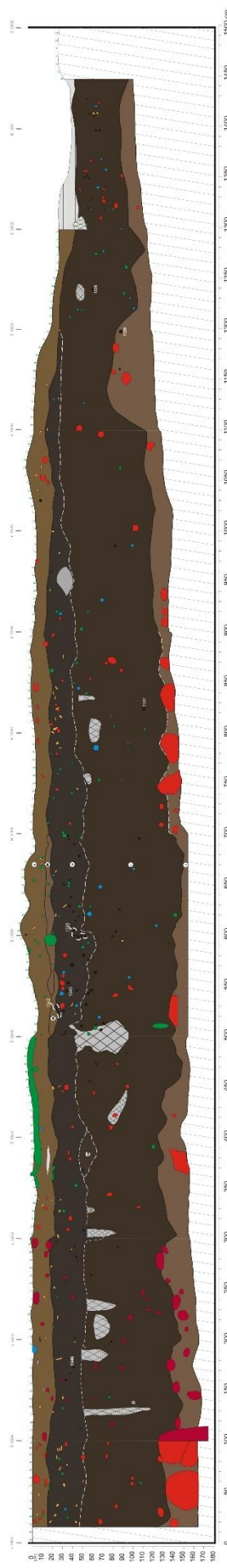


Figura 64: Abertura do Perfil Leste da Linha E9987(G.M.)



Figura 65– Panorâmica dos perfis das unidades N10030 E9987 / N10045 E9987. A seta vermelha indica a localização das unidades N10003 E10004/N10003 E10003, descritas acima.

PROJETO ALTO MADEIRA
SÍTIO TEOTÔNIO
PERFIL ESTRATIGRAFICO



UNIDADE N. 10030 - E. 9987 / N. 10045 - E. 9987
PERFIL LESTE - LINHA E. 9987

LEGENDA

	Cerâmica	
	Rocha	
	Lítico	
	Raiz	
	Carvão	
	Bioturbação	
	Superfície	
	Limite Definido	
	Limite Difuso	
	Área não escavada.	

Tamanho das partículas: muito fina até grossa. Corresponde a terraplanagem, base de uma antiga estrada de acesso à casa do ex-morador "Paulinho Doido". Espessura variável, muitas raízes e radículas, fragmentos de cerâmica, lateritas (de até 5cm), solo desagregado. Cor: 10YR 4/4 - Dark Yellowish Brown.

Camada de TPI bem escura, areno-argilosa e compacto. Tamanho das partículas: muito fino à médio, fragmentos de laterita cujo tamanho chega a 4cm de diâmetro. Cerâmica arqueológica em baixa frequência com aparente deposição horizontal. Presença de raízes e radículas (menor quantidade). Cor: 10YR 2/1 - Black.

Tamanho das partículas: muito fina com algumas finas e médias. Camada de TPI, mas mais clara que a camada IV, presença de cerâmica, fragmentos de laterita (até 2cm), presença de bioturbações perpendiculares a estratificação das camadas, de 3 a 5cm de largura com 15 a 30cm de comprimento. Solo firme, argilo-arenoso, presença de carvões pequenos (< 2cm). Cor: 10YR 2/2 - Very Dark Brown.

Tamanho das partículas: fino a grosso, sendo que estas partículas grossas seriam dos fragmentos de lateritas em desagregação. Embora sem material arqueológico aparente, a cor do solo não corresponde a do solo regional, sendo formado por processo de antropização ou por processo químico de lixiviação da camada III para a II. Foi retirado uma lente de carvão (NP 1301) e carvões próximos dessa lente (NP 1302). Já ocorreram lateritas em tamanhos variados (de 1cm a 13cm). Cor: 7.5YR 4/3 - Brown.



Figura 66 – Croqui do Perfil Leste da Linha E9887

Neste momento das pesquisas, a abertura de uma grande área através da limpeza do perfil foi importante para compreendermos a dispersão do contexto Massangana, Ainda não havíamos escavado as demais unidades e o contexto evidenciado na quadrícula N10001 E10003 poderia se tratar apenas de uma feição realizada por um grupo cultural mais recente. Com a visualização de uma camada espessa e larga de solo antrópico, típico de Terra Preta, sem cerâmica, tivemos a constatação de que se trata de fato de uma camada cultural.

Outro dado importante, proveniente da observação e análise do perfil foi a identificação de uma camada mais profunda (Camada II), que mesmo de coloração escura, apresenta características distintas da Camada Massangana (Camada IV). Esta camada é caracterizada pela alta incidência de rochas lateríticas desagregadas, de tamanho pequeno (1-2mm) e arredondado, o solo é consideravelmente mais argiloso, e a presença de fragmentos de quartzo lascado é persistente, porém em menor quantidade. Esta camada, posteriormente identificamos como pertencendo à **Fase Girau**.

Neste perfil, foram realizadas coletas de solo de volume constante, a cada 10 cm de profundidade, para análise de vestígios microbotânicos, conduzidos inicialmente por Crystal McMichael e Dolores Piperno. Os resultados desta análise mostraram (McMichael, 2015) uma grande percentagem de fitólitos de palmeiras¹³, combinado com fitólitos de gramíneas, em quantidades consistentes e sem grandes variações ao longo da estratigrafia. Dois pontos levantados pela análise de McMichael são interessantes: o primeiro diz respeito à quantificação dos carvões, que possui os maiores valores dentro da camada relacionada à Fase Massangana, elemento que contribuiu para nossa elaboração sobre o fato de que este período não representa um processo contínuo de intensificação do manejo da paisagem, que culminaria com a última ocupação pré-colonial. Nesta lógica, os valores mais altos deveriam estar no topo da estratigrafia, e não no meio dela.

¹³ Estas análises, especificamente, foram conduzidas por Dolores Piperno, que adentou com o seguinte comentário: “The samples have the highest percentage of palms of all sites I’ve done in the Amazon”.

Profundidade	carvão mm ³ /cm ³
0-10 cm	3.047299
10-20 cm	5.606801
20-30 cm	3.23291
30-40 cm	7.417362
40-50 cm	7.493645
50-60 cm	10.47212
60-70 cm	8.062384
70-80 cm	11.17393
80-90 cm	7.503004
90-100 cm	3.494925
100-110 cm	5.979007
110-120 cm	5.982263
120-130 cm	2.216047
130-140 cm	3.827604

Tabela 2 –Volume de carvões coletados na amostra de volume constante do Perfil analisado por McMichael. Em vermelho, assinalado os níveis correspondentes à fase Massangana.

O outro elemento levantado por McMichael, e graficamente visível na imagem abaixo, é a variação da presença de fitólitos arbóreos, de palmeiras e de gramíneas. Mais uma vez, a lógica de desenvolvimento unilinear indicaria uma intensificação do manejo da paisagem, com diminuição constante dos fitólitos arbóreos, que representaria a área florestada, e o aumento dos fitólitos de gramíneas, no entanto não é o que foi evidenciado. A alta variação destes índices de fitólitos pode implicar duas coisas: 1) variações climáticas ao longo do Holoceno, onde períodos de seca e de alta pluviosidade se intercalaram, deixando este tipo de registro, ou 2) processos não contínuos de intensificação da relação homens/paisagem, que variaram ao longo do Holoceno, o que faz com que estas ações antrópicas mudem de acordo com as práticas culturais.

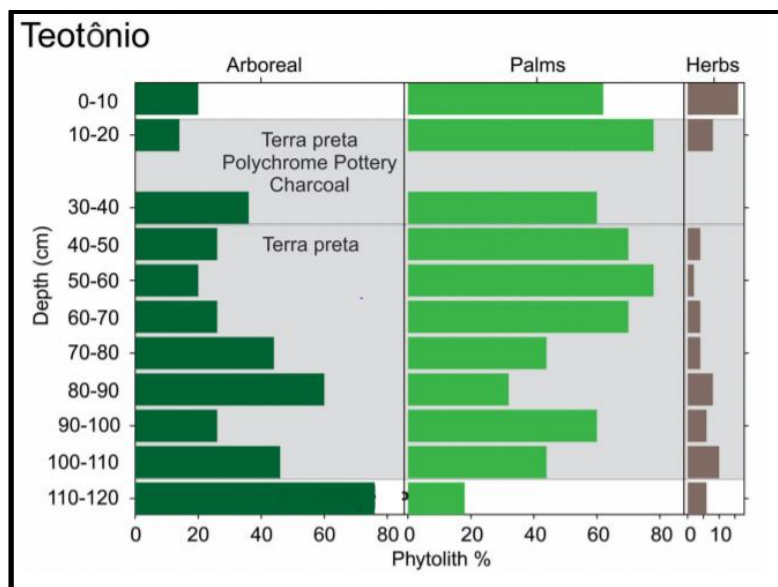


Figura 67 – Gráfico de quantidade de fitólitos de Árvores, Palmeiras e Gramíneas (McMichael et al, 2015). Do nível 40-50, até 110-120,

É provável que o resultado seja uma combinação das duas hipóteses, no entanto, não é ainda possível dizer o grau de interferência no registro destes fatores. Os trabalhos de paleobotânica e reconstrução da paisagem holocênica foram continuados pela companheira Jennifer Watling, e serão apresentados mais adiante.

Com parte das amostras analisadas por McMichael, Furquim (2013) conduziu a análise de recuperação de macrovestígios botânicos, obtidos através do método de flotação. Esta foi a primeira atividade de identificação de vestígios macro-botânicos no Teotônio, que foi complementada pelo trabalho de Félix (2012), e que hoje está a cargo de Myrtle Shock¹⁴ e colaboradores. Um panorama mais global sobre os vetígios macrobotânicos das fases Massangana e Girau pode ser encontrado em Watling (2018), no entanto, a incursão inicial de Furquim nos é interessante pois, assim como McMichael, trata de comparar, em um mesmo perfil, amostras de um contexto ceramista com um contexto pré-ceramista.

¹⁴ Profª Drª da Universidade Federal do Oeste do Pará, integrante do PALMA e do Arqueotrop.

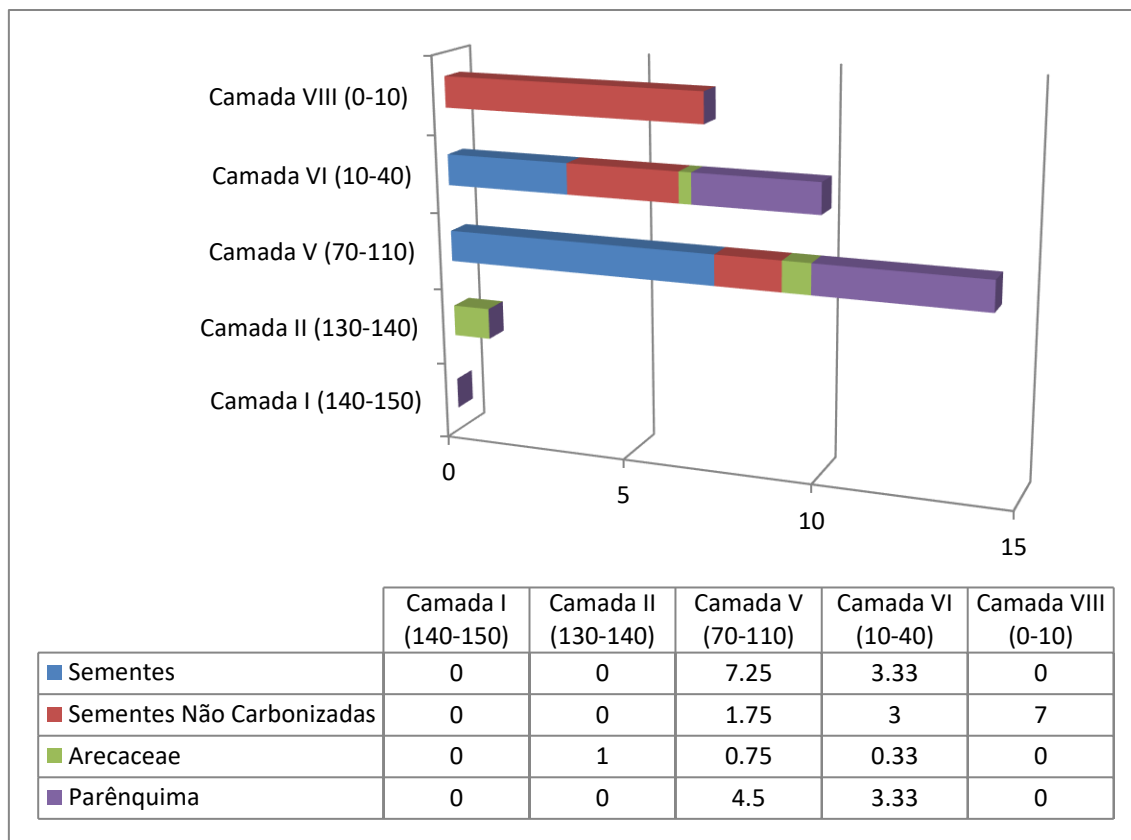


Figura 68 – Gráfico da incidência de Sementes, Sementes não carbonizadas, Arecaceae e Parênquimas por camadas culturais, por 5 litros de sedimento. (adaptado de Furquim et. al 2013)

O que Furquim nos mostra, para além de possíveis identificações de sementes específicas (foram identificadas sementes de *Arecaceae* e *Passiflora sp.*), é que a **quantidade de carvões**, sejam estes lenhosos (fragmentos de caules) ou sementes e parênquimas, é **superior na camada arqueológica Massangana** (Camada V), se comparado à camada Jatuarana (Camada VI). Este dado, ainda que inicial, é um elemento a mais para pensar a contradição de acreditar em uma mudança brusca nas formas de relação social que teriam ocorrido, na transição das populações Massangana para as populações ceramistas (Jatuarana ou outros). Tradicionalmente, este processo de mudança seria interpretado como progressivo no âmbito da produção de bens, alimentos e de relação com o meio ambiente. No entanto, há uma recorrência de dados que mostram uma continuidade nas formas de produção de bens de consumo desde pelo menos 6000 anos antes do presente, tema que tratei com mais profundidade na minha pesquisa de mestrado (Mongeló, 2015a), e que voltarei a comentar no capítulo seguinte.

Escavações na Área 2

A outra área alvo, cuja justificativa de abertura também foi orientada pela grande quantidade de material lítico oriundo das tradagens, fica no extremo oeste do sítio. Nessa região, o platô no qual o sítio se encontra apresenta um ligeiro declive, que é muito menos abrupto do que nas outras zonas limítrofes do sítio. Trataremos dessa especificidade no capítulo número 04. Realizamos uma intervenção de escavação controlada de apenas 1m², denominada unidade **N10041 E9824**, atividade esta que foi levada a cabo em Julho de 2013.

Esta área, em contrapartida a região adjacente, que foi altamente modificada pela construção de uma grande estrutura de sedimento, rochas e cerâmica (Mongeló, 2015a; Kater, 2018), encontra-se relativamente bem preservada, em área de capoeira crescida. Pela imagem abaixo, onde os losangos verdes representam a quantidade de material lítico proveniente das tradagens de delimitação, pode-se ver que este local representa uma anomalia em relação à região mais próxima.

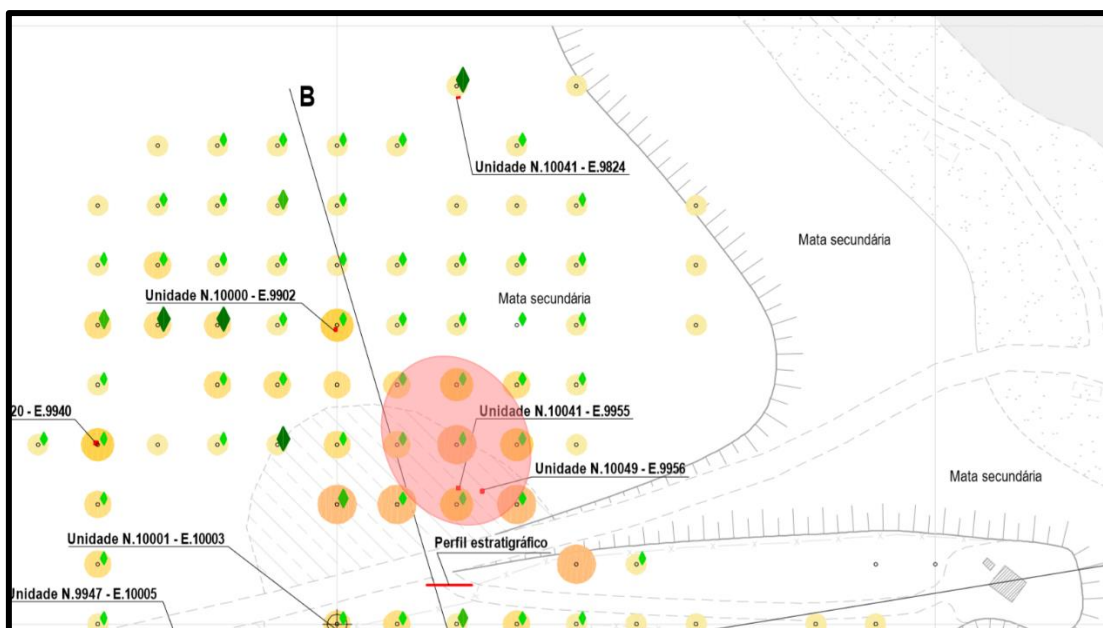


Figura 69 – Detalhe do mapa de intervenções no sítio Teotônio. No alto da imagem, a localização da Unidade N10041 E9824, e no círculo vermelho, a localização aproximada da estrutura de terra associada aos grupos ceramistas recentes

A Unidade N10041 E 9824 apresentou características muito semelhantes a outras unidades em que o pacote arqueológico não é muito espesso, e o grau de segurança sobre

a integridade da área é relativamente grande. Pouco material cerâmico aparece nos níveis iniciais, e paulatinamente vai diminuindo, na medida em que a quantidade de lascas, núcleos e fragmentos de quartzo se tornam mais preponderantes.

Escolheu-se abrir uma unidade nessa área do sítio devido ao resultado da tradagem N10040 E9820, que apresentou uma camada enterrada de Terra Preta sem a presença de material cerâmico. Na superfície de escavação, foram prontamente coletados dois fragmentos de quartzo lascado.



Figura 70: Abertura da Unidade N10041 E9824(F.A.)



Figura 71: Escavação da Unidade N10041 E9824(F.A.)

O material cerâmico dos níveis superiores está associado à fase Jatuarana, o correlato regional da Tradição Polícroma da Amazônia (Kater, 2018), mesmo que poucos fragmentos cerâmicos diagnósticos tenham sido identificados. Este estilo cerâmico encontra-se em superfície por todo o sítio, e em alguns lugares, em contextos bem preservados. Aqui, foi possível identificar a presença considerável de material cerâmico até o nível 20-30cm de profundidade, e a partir desta profundidade a incidência torna-se cada vez menor, até deixar de aparecer no registro arqueológico no nível 40-50cm.



Figura 72: Escavação da Unidade N10041 E9824(F.A.)



Figura 73: Perfil Norte da Unidade N10041 E9824 (F.A)

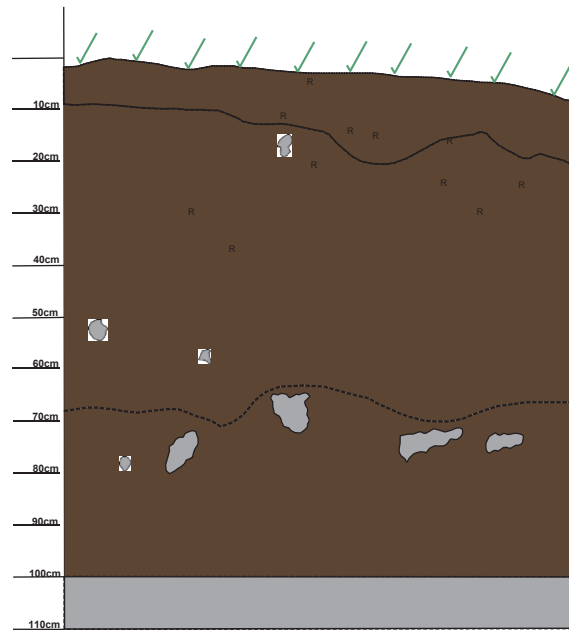
A quantidade de material lítico segue, em geral, a incidência de material cerâmico: muitos fragmentos de quartzo lascado nos níveis iniciais, e poucos nos níveis mais profundos. No entanto, é importante pontuar que, assim como no furo-teste da tradagem próxima, os últimos 50cm de profundidade da unidade apresentam apenas quartzo lascado como vestígio arqueológico.

A escavação da unidade foi encerrada com 110cm de profundidade. Ainda que a presença de vestígios arqueológicos esteja em toda a estratigrafia, a grande quantidade de nódulos de laterita (óxido de ferro), de tamanhos diversos, não permitiu a continuidade das escavações; ao final, estávamos escavando rochas, e o sedimento entre as mesmas era muito pouco. O desenho completo de perfil encontra-se abaixo:

PROJETO ALTO MADEIRA
SÍTIO TEOTÔNIO (RO-JP-01)

Croqui Perfil Sul
Unidades
N10041/9824

Cleiciane A./Emmanuela O./Femanda/ Nattielli P./ Pedro/ Uéilton/ Guilherme M.



Legenda

-  Superfície
-  Roch
-  Raiz

Figura 74 – Croqui do perfil Sul da Unidade N10041 E9824

Um dos elementos importantes desta quadrícula escavada se dá pelo fato de estar presente em uma área do sítio onde não há muito material cerâmico, e os valores das tradagens ao redor parecem indicar que se trata de uma área periférica do sítio. A análise do material lítico desta escavação nos foi de grande valia para poder comparar o material lítico da ocupação ceramista com a ocupação pré-ceramista.

Escavação da Área C

Á área C foi a área mais densamente e minuciosamente escavada pela equipe do PALMA, no que diz respeito aos antigos contextos do sítio Teotônio, nela encontramos as duas camadas de ocupação do Holoceno Médio e Inicial: Massangana e Girau. Contraditoriamente, esta área foi escolhida pois, na campanha de Julho/Agosto de 2013, foi identificado uma borda de vasilha em superfície, sobre a estrada que corta o sítio, e abrimos uma quadricula, posicionando-a no centro para resgatá-la.



Figura 75 – Vista geral da Área de escavação 3 antes das intervenções. (E.N)



Figura 76 – Vista geral da área 3, cortada pela estrada. A lona azul, ao fundo, indica a área de escavação (G.M)



Figura 77 – Preparação para abertura de quadrículas na Área de escavação 3 (E.N)

A estrutura cerâmica foi retirada em pedestal, e remontada em laboratório posteriormente. Thiago Kater e Sílvia Lima fizeram a remontagem e análise da peça, que não possui uma datação absoluta, mas compartilha semelhanças tecnológicas com um grupo cerâmico chamado de “*cerâmica dos sítios em ilhas à montante*”. São caracterizados pela “*presença de vasilhas inteiras enterradas no Sítio Dionísio e de maneira pontual e esparsa em sítios à jusantes como Brejo e Morro dos Macacos I*”. Este conjunto está datado, no sítio Dionísio, entre 780 e 1000 anos AP (Kater, 2018).



Figura 78: Escavação da Unidade N10041 E9824(F.A.)



Figura 79: Foto da vasilha em laboratório (F.A.)

Esta vasilha inteira acabou sendo um dos únicos “fragmentos” cerâmicos evidenciados nesta unidade, o que nos levou a acreditar que estávamos tratando de um contexto pré-cerâmico, com uma feição posterior mais recente, onde uma ação de escavação e deposição da vasilha cortou parte da camada Massangana.

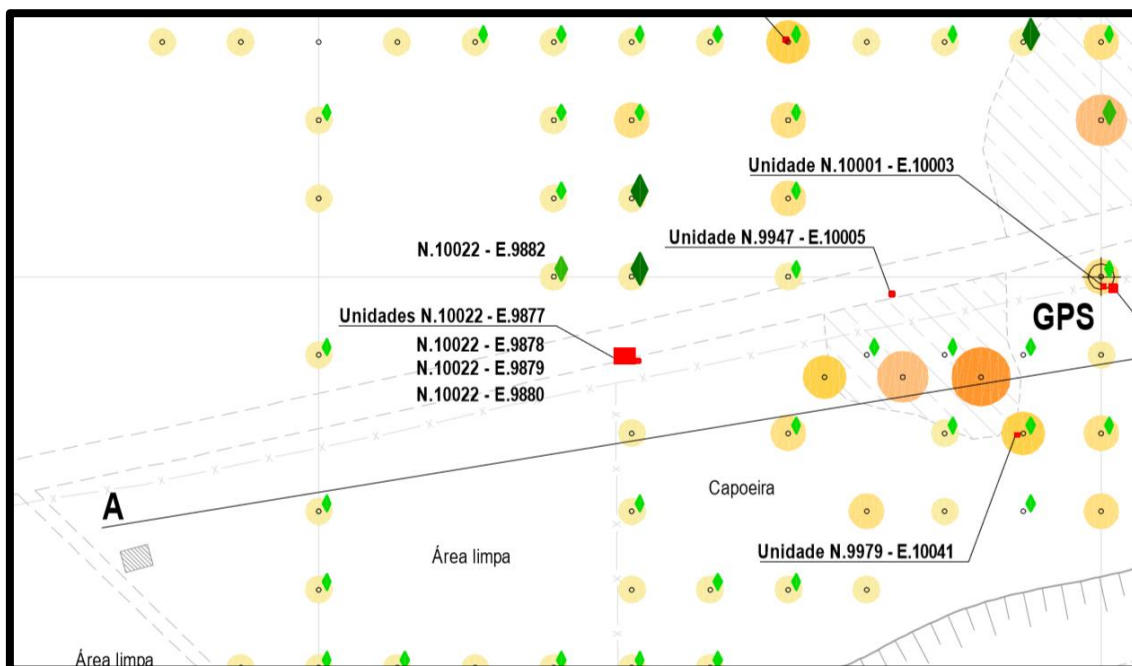


Figura 80 – Detalhe do mapa de intervenções do sítio Teotônio – no centro, em vermelho, as intervenções da Área 3

Contexto de escavação da Fase Massangana

Esta quadrícula (N9882 E10022) foi a primeira intervenção que realizamos na Área 3, e foi o principal alvo de pesquisas do meu mestrado. A análise do material lítico e cerâmico desta unidade (N9882 E10022), em 2014 (Mongeló, 2015a) confirmou a hipótese de que vasilha era uma perturbação mais recente à uma camada Massangana. Nesta quadrícula, obtivemos uma datação para uma estrutura de combustão (Feição 6), que foi evidenciada e escavada em bloco, com 90cm de profundidade. A data de **6500 AP** foi a primeira evidencia de uma datação do Holoceno Médio no sítio.

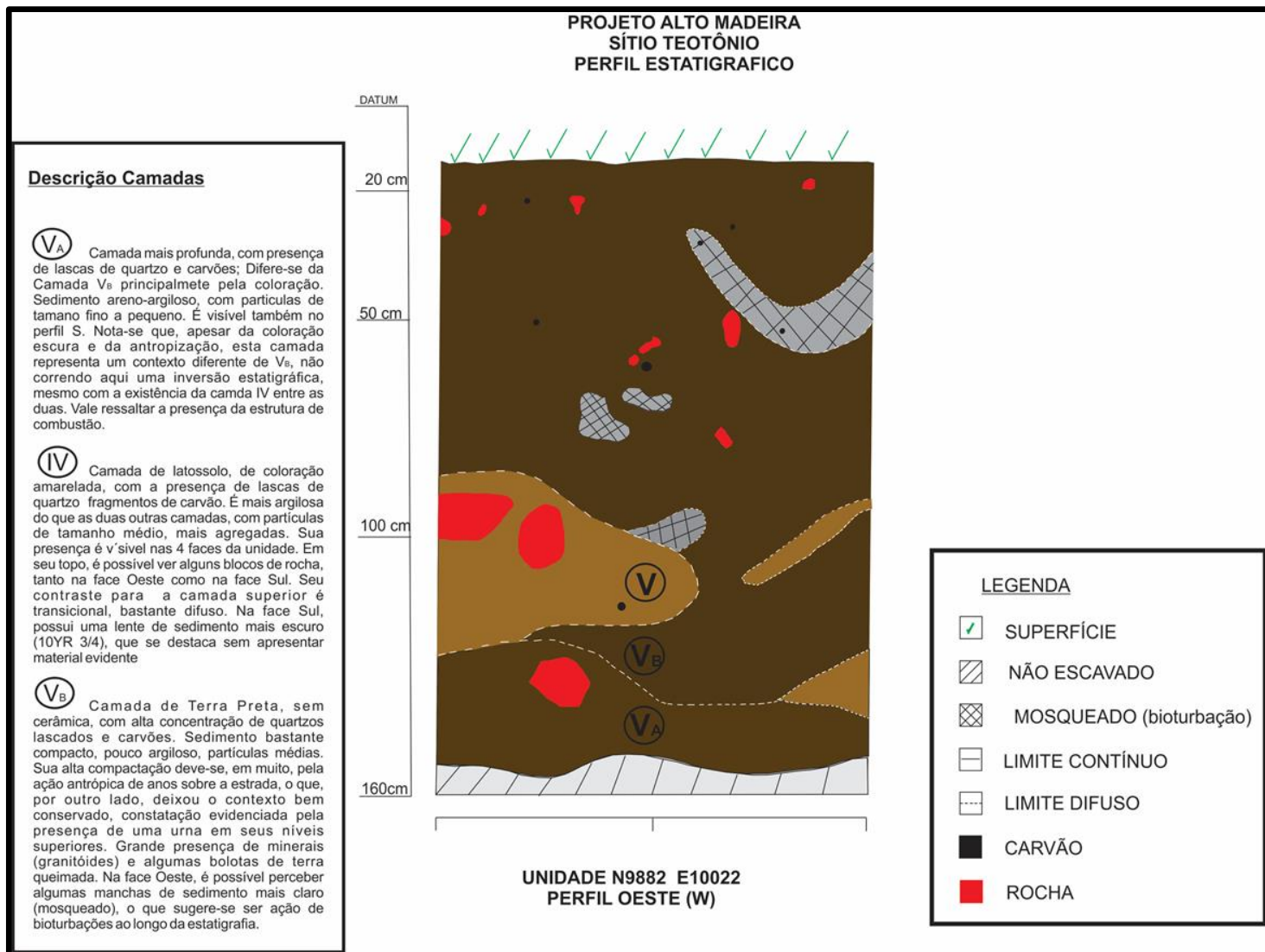


Figura 81- Perfil Oeste da quadrícula N9882 E10022

A partir a escavação desta quadrícula, a unidade ampla começou a ser aberta, como pode ser visto na cronologia das intervenções da imagem abaixo. Primeiro foi aberta uma trincheira, sentido Norte-Sul, tendo a quadrícula N9822 E10022 como eixo, e posteriormente ampliada a escavação sentido Oeste, totalizando uma área de 18m², em profundidades variadas. Em todas as quadrículas escavadas, foi evidenciada a presença da Camada Massangana (V), dessa maneira, mesmo que escavadas em momentos distintos, descreverei de maneira unitária.

O registro feito através de fotos, croquis detalhados e instrumentos de precisão como Estação Total, permitiram a formação de mapas de distribuição do material, a cada 10cm de profundidade, de modo que seja possível compreendermos a dispersão das estruturas evidenciadas nestas camadas.

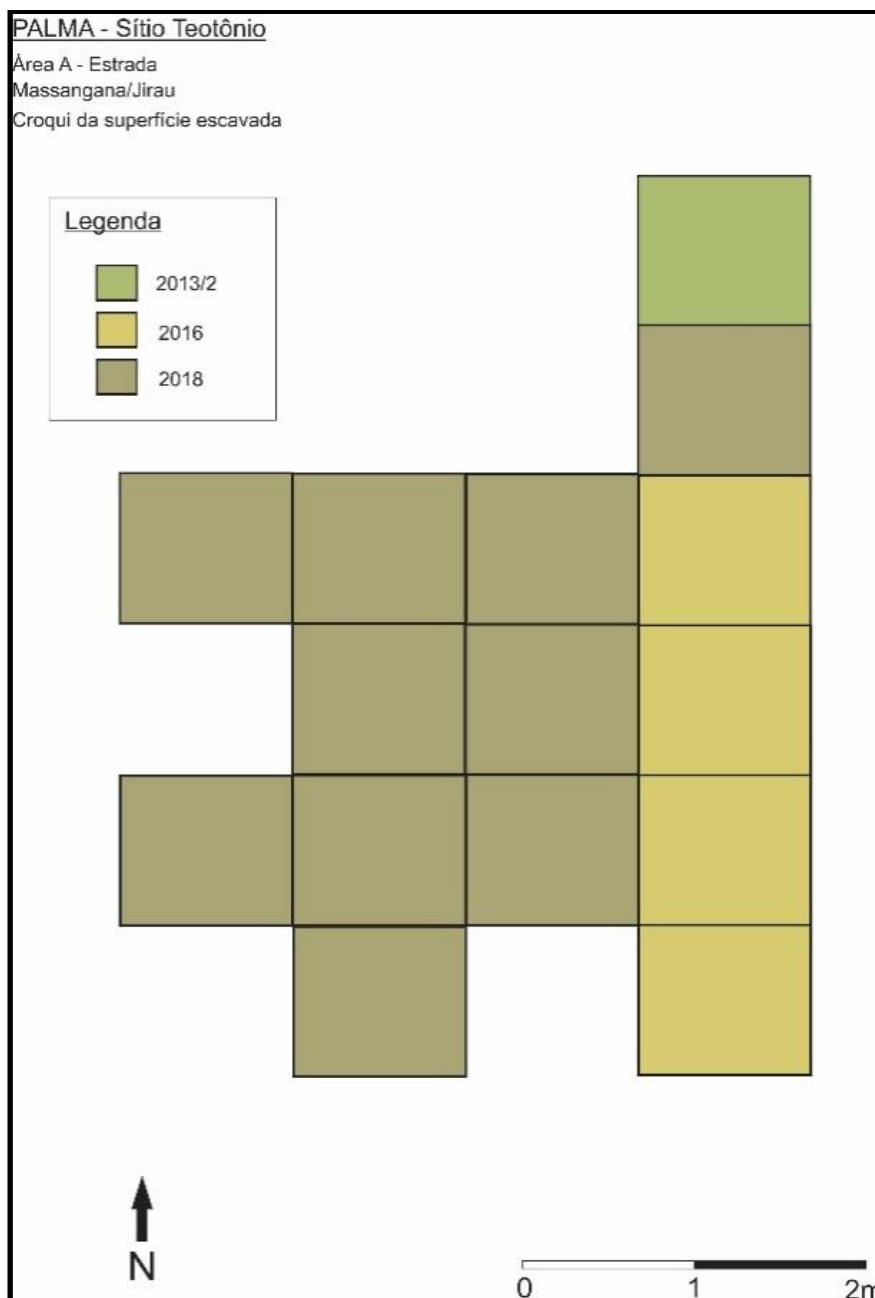


Figura 82 – Plano geral das unidades de escavação da Área A

De maneira geral, o contexto Massangana na Área 3 foi encontrado desde a superfície, apesar da presença de feições de grupos mais recentes, até aproximadamente 50 cm de profundidade. Esta particularidade, uma camada do Holoceno Médio em superfície, acontece pois a Área 3 encontra-se sob a estrada que corta o sítio, e quando da sua construção, foram decapitadas as camadas mais recentes, deixando à mostra o solo antigo. Da mesma maneira, a existência da estrada garantiu que o contexto fosse “selado”, já que é uma área de ocupação que raramente sofre com intervenções posteriores que a escavem ou remexam. Por se tratar de uma estrada, esta área foi impactada

(contraditoriamente) apenas uma vez, diferente das outras áreas do sítio, que até recentemente serviram de pasto, cultivo ou outras atividades econômicas.

Esta constatação fica clara através da evidência de estruturas, feições e fogueiras logo em superfície, ou a poucos centímetros de profundidade dela. Dessa maneira, tratamos a Área 3 como o contexto Massangana mais bem preservado e seguro do sítio. Outros elementos de perturbação (como é o caso da Feição 5, da vasilha descrita acima) ocorrem nesta região do sítio, mas não dizem respeito às modificações modernas.

Por outro lado, a existência de anos de atividade de transporte de carros e caminhões sobre esta região fez com que o solo se apresente, hoje em dia, bastante compacto, e as décadas de falta de cobertura vegetal o tornaram também bastante seco, características que se mantêm por toda a extensão da camada Massangana nesta área.



Figura 83: Escavação da trincheira na área 3(E.N.)



Figura 84: Expansão, a partir da trincheira, na área 3 (F.A)

O contexto Massangana nesta área é caracterizado pela alta presença de instrumentos líticos, de quartzito lascado, que aparecem maior quantidade entre os níveis 20-30cm e 30-40cm, no entanto é recorrente em toda a estratigrafia. A Terra Preta, solo

que compõe a camada, possui diferenças para as outras áreas do sítio, não só pelo aspecto da coloração (Tabela Munsell 10YR 3/4), mas também por apresentar uma alta quantidade de pequenos fragmentos de carvões, por toda a porção da área. É um solo de características homogêneas, porém muito “colorido”, isto é, possui visualmente muito elementos, fragmentados e de pequeno tamanho: rochas, lateritas, carvões, líticos lascados e terra queimada, aparecendo com muitas cores em contraste ao negro da Terra Preta. É um contexto que é abundante em vestígios arqueológicos, e isso se expressa consideravelmente nas escavações.

A base do contexto Massangana é bem delimitado por dois elementos: o **solo**, que se torna, aos 50cm de profundidade, amarelado, argiloso, e com alta quantidade de lateritas friáveis que se desprendem da rocha matriz. Mas também pela presença de **estruturas formadas por rochas metamórficas**, que não ocorrem nas camadas inferiores, e que sabemos que não é uma característica das camadas superiores, como vimos nas unidades N10003 E10004 e N10003 E10003.

As estruturas de blocos aparecem, na verdade, em toda a estratigrafia da camada Massangana. Foram toda denominadas de “Feições” e 25 foram delimitadas e escavadas separadamente. O solo destas estruturas foi coletado separadamente e destinado à flotação para a recuperação do maior número possível de vestígios arqueológicos.

Foram feitos croquis detalhados da localização das peças e das feições a cada 10 cm de profundidade. Nestes mapas de dispersão do material, é possível ver a localização dos materiais arqueológicos, assim como a delimitação das feições:

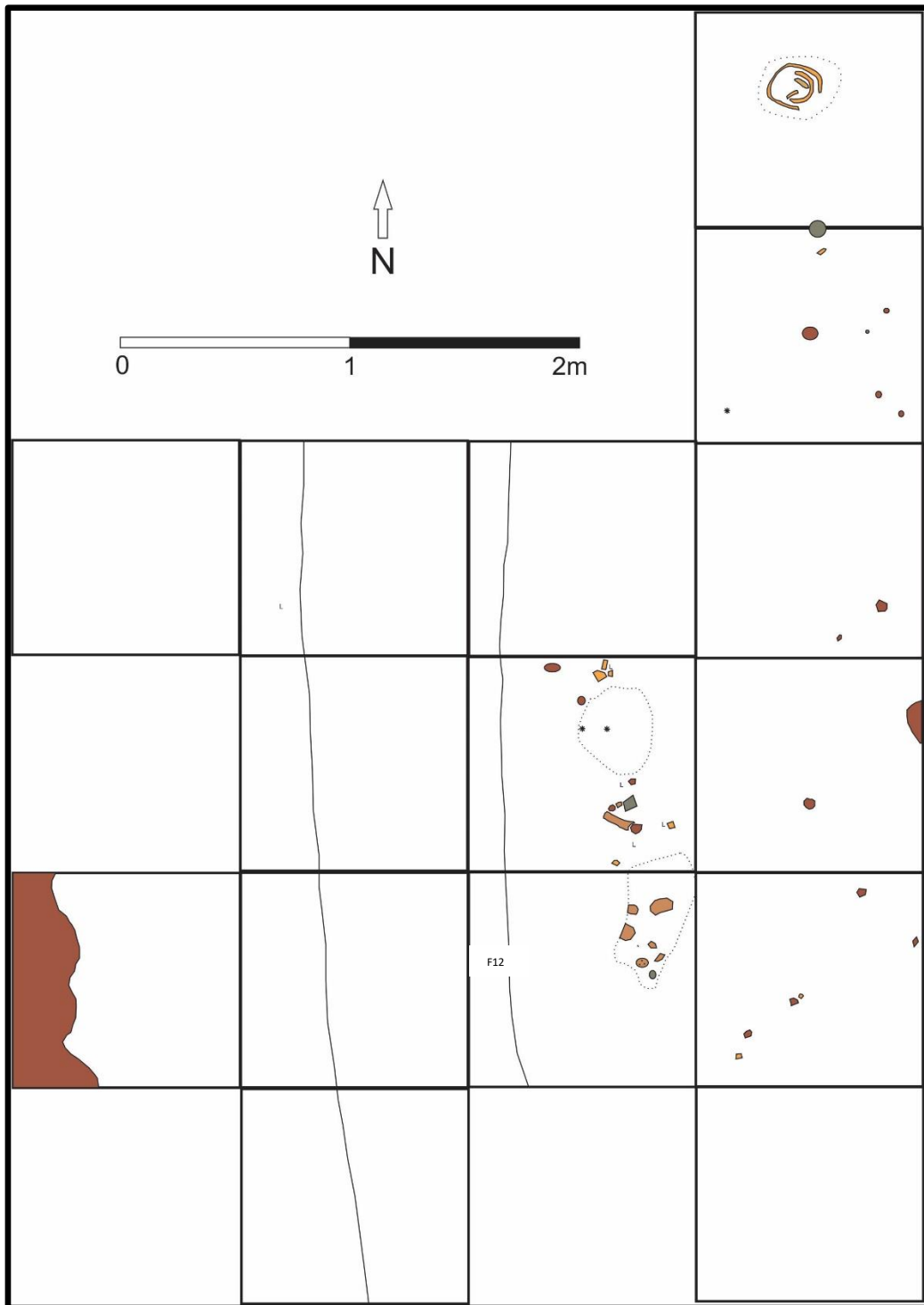


Figura 85 – Planta baixa dos vestígios arqueológicos a 10cm de profundidade, da Área 3. Marrom-avermelhado: Laterita; Laranja: cerâmica; Cinza: rochas metamórficas; asterisco: carvões e L: lítico lascado

Logo nos primeiros dez centímetros de profundidade, já é possível perceber a alta quantidade de material evidenciado em contexto, na camada Massangana. A coluna que corta a Unidade, sentido Norte-Sul representa um corte moderno, proveniente da construção da estrada, que foi realizado como escoamento de água da mesma. Sabemos

que ele foi posteriormente preenchido por sedimento trazido de fora do sítio, pois apresenta características totalmente distintas das encontradas no local. O negativo deste corte desaparece aos 15cm de profundidade.

Na quadrícula mais ao norte, chamada de N9882 E10022, se destaca o vaso cerâmico que foi descrito no tópico anterior, e que foi remontado em laboratório. Ele foi retirado em pedestal, e sua base encontrava-se em 40 cm de profundidade. Esse dado é importante pois revela que há uma interferência dos grupos mais recentes nas camadas Massangana do Holoceno Médio. Ao longo de toda a estratigrafia, veremos que algumas feições identificadas nessa camada, Massangana, possuem fragmentos cerâmicos, e várias destas obtivemos datações com datas bastante recentes.



Figura 86: Perfil Sul da unidade de escavação da área 3. A camada abaulada, de coloração avermelhada, representa este corte feito pela construção da estrada (E.N.)



Figura 87: Quadrículas sendo escavadas aos 20cm de profundidade (G.M.)

As feições neste nível são caracterizadas pela presença de fragmentos médios de carvões, rochas de matriz metamórfica, em sua maioria sem marcas de uso, e bolotas de argila, como é o caso da F12, que entendo que se tratam de trempes, aglomerados de argila utilizados para apoio de aparato de cocção.

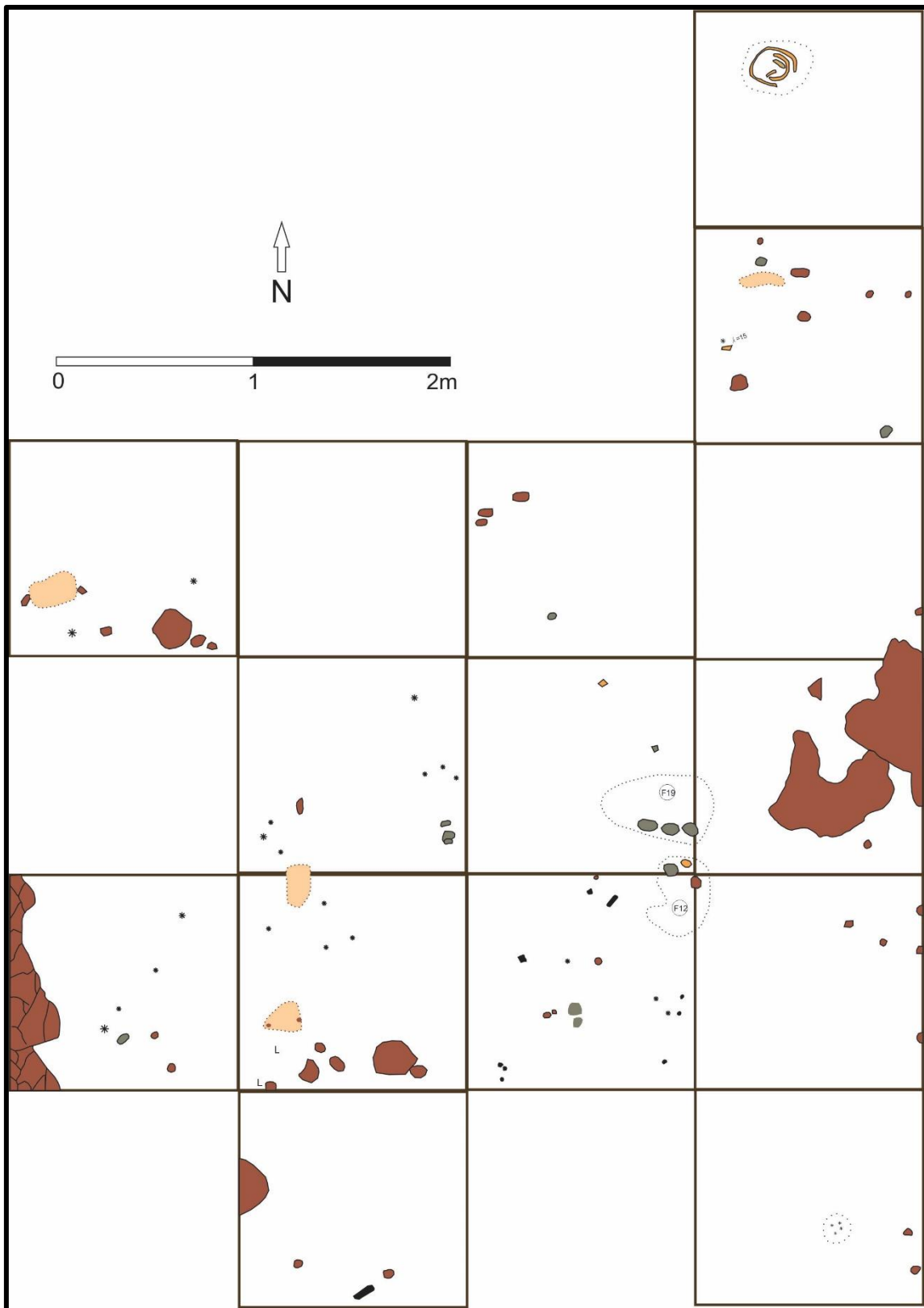


Figura 88 – Planta baixa dos vestígios arqueológicos a 20cm de profundidade, da Área 3. Marrom-avermelhado: Laterita; Laranja: cerâmica; Cinza:rochas metamórficas; bege: bioturbações; asterisco:carvões e L:lítico lascado

Tanto nos primeiros níveis, como nos mais profundos, há a presença de fragmentos cerâmicos ocorrendo associados a feições específicas. No memorial de qualificação já havia aventado a possibilidade de encontrarmos conjuntos cerâmicos muito antigos, de tecnologia bastante incipiente, relacionada à Fase Massangana, pois havia a presença de fragmentos pequenos e esparsos ao longo das quadrículas. No entanto, a abertura de grandes áreas de escavação, e a plotagem individual dos vestígios arqueológicos, técnica que gerou os mapas aqui apresentados, mostram que a grande maioria dos fragmentos cerâmicos estão relacionados a feições específicas.

Debaterei melhor o tema da presença cerâmica no tópico sobre as datações, mas a análise dos contextos escavados parece indicar que a camada Massangana nesta área, como demonstrada pela Feição 5 (vasilha inteira), é perturbada por distintas intervenções de grupos mais recentes, que produziam cerâmica com características bem particulares. Portanto, uma parte importante do trabalho de campo foi identificar quais contextos são seguros para dizermos que os vestígios neles evidenciados são componentes da Fase Massangana, e quais são perturbações e recortes das camadas superiores.

O fato de não termos na estratigrafia as camadas superiores na Área 3, retiradas quando da construção da estrada, dificulta essa análise. No entanto, a definição e descrição de cada uma das feições, apesar de trabalhoso, foi essencial para podermos fazer essa separação.

Ao mesmo tempo, considero que o exercício que fizemos de aplicar um método arqueológico que combine a plotagem total dos artefatos, com as escavações convencionais em camadas artificiais, contribuiu de sobremaneira à compreensão desse registro arqueológico. As escavações arqueológicas na região da Amazônia, dado a conjunção de diversos fatores como tamanho de sítio, disponibilidade de verbas e tempo, em geral preza pela amostragem de unidades de escavação com poucos metros quadrados, um costume desde os tempos do PRONAPA¹⁵. Nesta área do sítio, a abertura de uma

¹⁵ Existem, certamente, várias exceções, estou aqui fazendo uma generalização que leva muito em consideração os trabalhos de cunho acadêmico. No âmbito da arqueologia comercial, os trabalhos de Neves (2013) e Saldanha & Petry (2009) são bons exemplos de como as metodologias de escavação na região amazônica possuem uma gama de possibilidade extensa, e que esta deve-se adequar às necessidades das perguntas a serem respondidas.

unidade ampla de escavação, com 17 quadrículas conectadas, foi o único recurso que permitiu a visualização e caracterização do contexto Massangana.

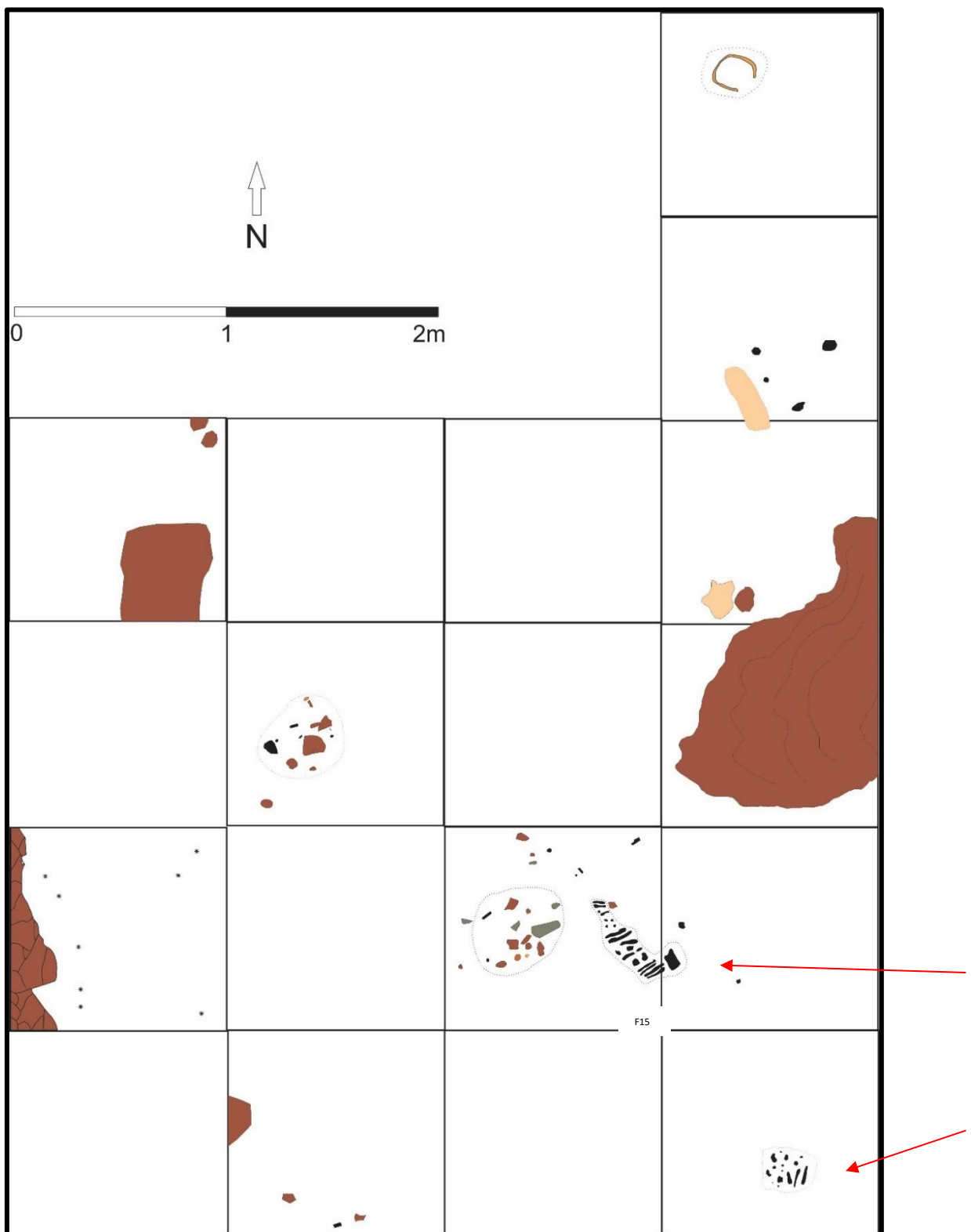


Figura 89 – Planta baixa dos vestígios arqueológicos a 30cm de profundidade, da Área 3. Marrom-avermelhado: Laterita; Laranja: cerâmica; Cinza: rochas metamórficas; Bege: bioturbações; asterisco: carvões e L: lítico lascado. As setas vermelhas indicam as feições datadas.

Na profundidade 30cm, evidenciamos duas importantes feições, à Sudeste da Unidade, que correspondem a estruturas de combustão, com carvões de porte grande, associados a vestígios arqueológicos, em geral líticos lascados e polidos. A feição 15 começou a ser evidenciada a esta profundidade, no entanto, dado o tamanho de seus carvões, a base da mesma encontra-se 45cm de profundidade, e por isso está representada nos dois croquis (Figuras 89). A outra concentração de carvões (PN 2005) foi também coletada separadamente, porém em bloco, embalada e acondicionada.

Estruturas de combustão, com **fragmentos grandes de madeira queimada, com alto grau de conservação, associados a ferramentas líticas** é a grande característica da Camada Massangana na Área 3 do sítio Teotônio. Vestígios botânicos queimados em geral não possuem uma boa conservação em solos amazônicos, e na Terra Preta em específico, pelos altos teores de pH e Matéria Orgânica, que atuam na destruição destes. Por algum motivo ainda não muito claro para mim, não é o caso nesta área, onde encontramos fragmentos de madeira carbonizados de dimensões que, pessoalmente, nunca havia visto antes.



Figura 90: Plano geral da área escavada, 40 cm de profundidade (E.N.)



Figura 91: Detalhe da estrutura de combustão Feição 15 (G.M.)

A outra feição foi denominada PN2007, e se localiza na quadrícula mais à Sudeste, ambas estão assinaladas na figura acima com flechas vermelhas. Pela disposição e conservações dos grandes fragmentos de carvão, trabalho com a hipótese de que se trata de estruturas de combustão. Estruturas de fogueiras, como as encontradas, possuem uma relação muito próxima à existência de contextos domésticos, e a própria constituição da

Terra Preta, como fruto antrópico de um modo de assentamento permanente contribui para que essa hipótese se tornasse mais forte ainda. O pesquisador Felipe Xate, especialista em identificação de madeiras arqueológicas e que esteve conosco em campo, começou a realizar a identificação das espécies destas madeiras.

A madeira da Feição 15, que está em detalhe na Figura XX, provavelmente¹⁶ pertence ao gênero da *Anadenanthera*, uma árvore da família das leguminosas. Uma das variações da *Anadenanthera* é o Angico, uma árvore bastante popular no Brasil, e entre diversas comunidades indígenas atuais, serve de matéria prima para a produção de rapés alucinógenos, como yopo ou paricá.

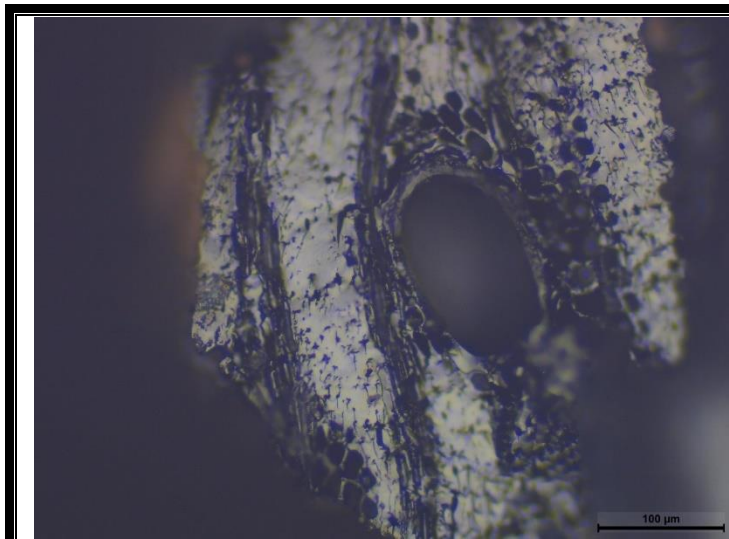


Figura 92: Detalhe das lâminas de micromorfologia do carvão da Feição 15 (F.X.)

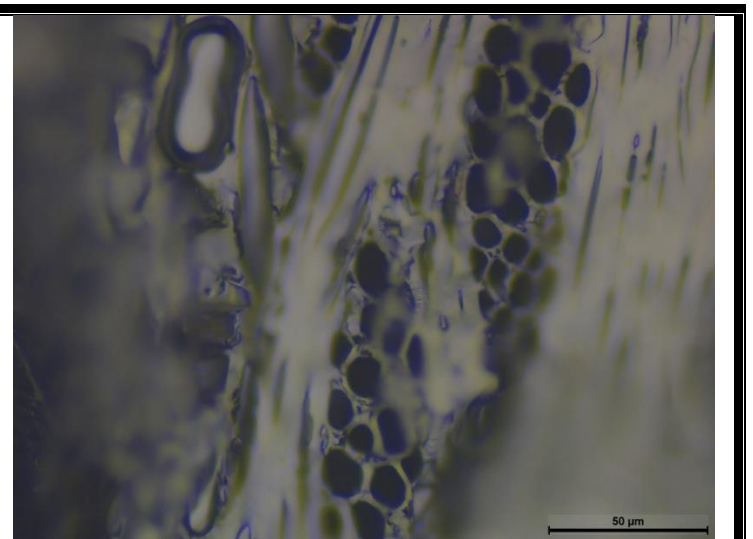


Figura 93: Detalhe das lâminas de micromorfologia do carvão da Feição 15 07 (F.X.)

¹⁶ Os estudos estão em andamento, e ainda não é possível afirmar com total certeza.



Figura 94: Detalhe da estrutura de combustão PN 2005 (G.M.)



Figura 95: Detalhe da estrutura de combustão PN 2007 (G.M.)



Figura 96: Foto da escavação da Feição 15 (G.M.)



Figura 97: Detalhe da estrutura de combustão Feição 15 (E.N.)

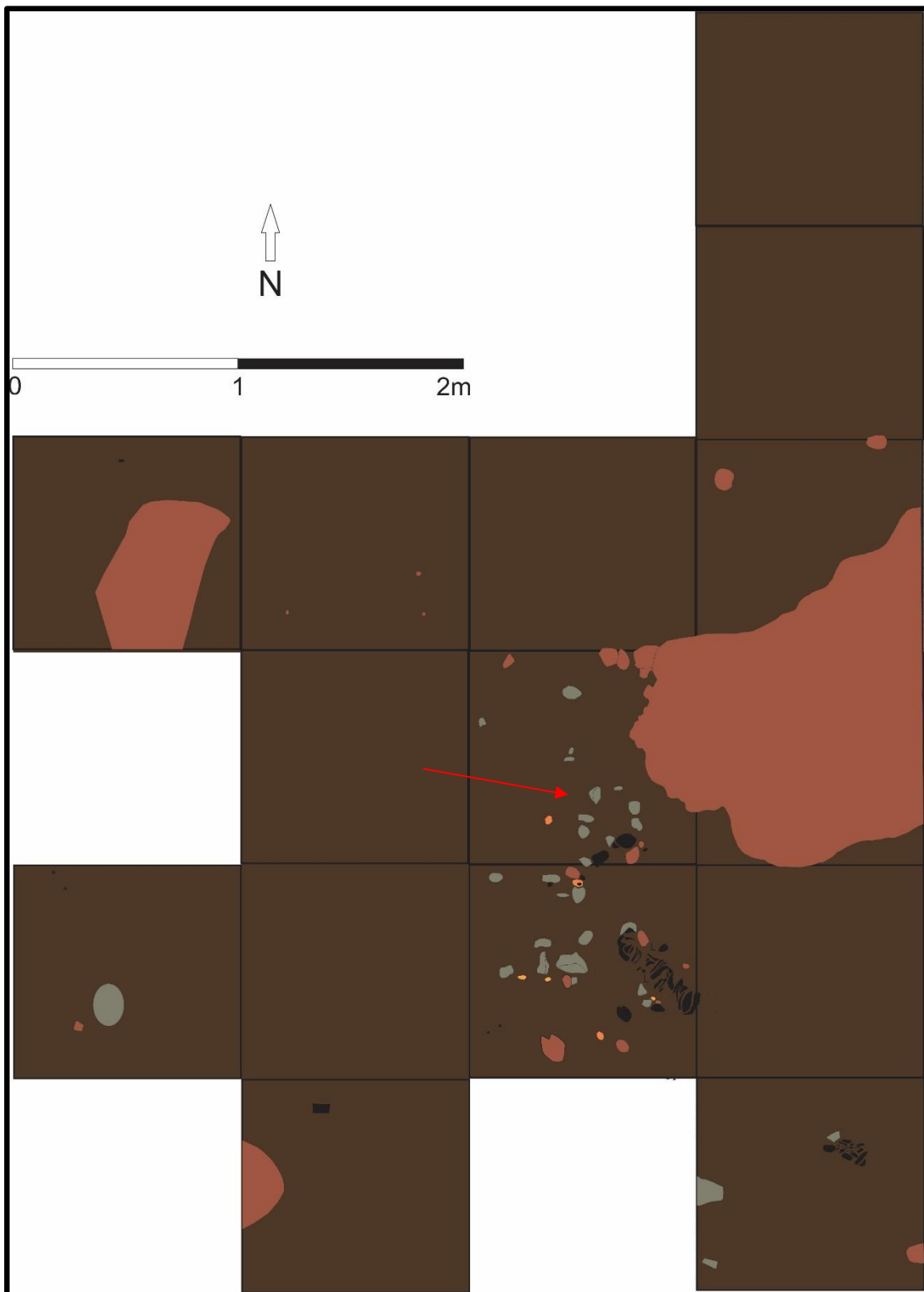


Figura 98 – Planta baixa dos vestígios arqueológicos a 40cm de profundidade, da Área 3. Marrom-avermelhado: Laterita; Laranja: cerâmica; Cinza: rochas metamórficas; bege: bioturbações; asterisco: carvões e L: lítico lascado. A coloração do solo representa a coloração original, com base na Tabela de cores Munsell Chart.

Estas estruturas de combustão, pelo tamanho dos carvões, permanecem nas plantas baixas dos níveis inferiores, até aproximadamente 50cm de profundidade. Esta é a profundidade também em que se encerra a Terra Preta, e o solo torna-se mais argiloso, compacto e amarelado.

Na imagem acima, pode-se notar a presença de diversas outras estruturas/feições, além das que mencionamos. Algumas delas possuem um arranjo de rochas em formato semi-circular, como é o caso da Feição 14, indicada com uma seta vermelha, e que visualmente muito se assemelham a uma fogueira. Sabemos que nem todas as estruturas possuem as mesmas características, e tampouco representam o mesmo processo. As datações realizadas comprovaram que de fato algumas delas possuem idades diferentes, o que me leva a pensar que pelo menos as feições que possuem material cerâmico em seu interior, são fruto destas intervenções das ocupações posteriores, das quais não temos acesso pelo corte da estrada.



Figura 99 – Vista geral da Área de escavação 3, com 40cm de profundidade nas quadrículas centrais. E.N.

Estas rochas presentes nos croquis, são todas rochas de matéria-prima variada, mas são classificadas como metamórficas. A rocha basal do sítio é a laterita ferruginosa, bastante comum na base de solos pedogênicos amazônicos e responsável pela origem destes solos. Assim, qualquer rocha que aparece no registro arqueológico, e que não é de matéria-prima laterita, foi certamente trazida para o topo do platô por ação humana.



Figura 100 – Detalhe da escavação da Unidade 3, com a feição 15 na porção sudoeste, e as demais rochas dispostas. (G.M.)

No caso das rochas desenhadas no croqui, e escavadas, algumas delas apresentaram marcas de uso, mas a grande maioria não, apenas um fragmento de machado foi coletado, abaixo da estrutura da feição 15. Em geral, são variações de basaltos, e possuem alto grau de esfrelamento e pouca dureza. Creio que foram utilizadas apenas como marcadores dos limites das feições, ou como suportes para a sustentação de instrumentos de cozimento, caso estejamos certos na hipótese de várias destas estruturas serem fogueiras.



Figura 101 – Detalhe das feições 15, 16, 17 e 14, em sentido horário (GM)

Além das feições escavadas separadamente, ao longo de toda a estratigrafia da camada Massangana, é abundando a quantidade de carvões esparsos de tamanho pequeno e médio, e alta quantidade de material lítico lascado em quartzo. É interessante notar que apenas duas lascas de quartzo (que em alguns níveis artificiais de 10cm de profundidade escavados pode chegar a 230 fragmentos) aparecem pontualmente dentro de estruturas identificadas como feições. Enquanto que no resto da área escavada, as lascas e núcleos de quartzo foram encontradas espalhadas por todo o contexto.

Esse dado nos parece importante pois comprova que estas feições, em primeiro lugar, representam anomalias no registro arqueológico, ou seja, não compartilham todas as características do restante da área escavada, que o que as fazem que sejam tratadas como estruturas a parte. Em segundo lugar, esse dado faz com que inferimos acerca funcionalidade destas estruturas. Tenho a impressão que isso fortalece a hipótese de estruturas de combustão, na medida em que é encontrado apenas rochas de baixa qualidade, e carvões de tamanhos grandes, e os instrumental dessas populações, as lascas de quartzo, são limpas deste espaço, concentrando-se ao redor das mesmas.



Figura 102 – Base de escavação da área 3, profundidade em 40cm, após a retirada da F15. (G.M)

As camadas mais profundas destas unidades de escavação, que não estão localizadas em estratos de solo antrópico, e que possuem datações mais antigas, estão correlacionadas ao grupo cultural da Fase Girau. Nem todas as quadrículas desta área de escavação foram escavadas até o final, que é quando o solo entra em contato com a rocha basal. Não foram escavadas em grande medida porque esta investigação continua em andamento, e como vocês verão, vários destes questionamentos ainda continuam

2.3.3- Contexto de escavação da Fase Girau

Nas quadrículas da área de escavação 3, que escavamos além da camada de solo antrópico Massangana, foi identificado um solo de coloração amarelada, com características bastante distintas do superior, mais argiloso e com muito menos vestígios arqueológicos. Lembro que a camada Massangana, e o solo antrópico desaparecem ao redor de 50cm de profundidade, e nas 4 quadrículas analisadas, ocorre material arqueológico até 110cm de profundidade.

Esta camada mais profunda é o que estamos chamando de **Girau**. Foram encontrados fragmentos de material lítico lascado em quartzo, muito semelhante aos instrumentos líticos evidenciados na Camada Massangana e esparsos fragmentos de carvão. A continuidade da evidencia de ferramentas líticas, para além da Terra Preta, em profundidade, nos faz crer que estamos diante de outra camada arqueológica.

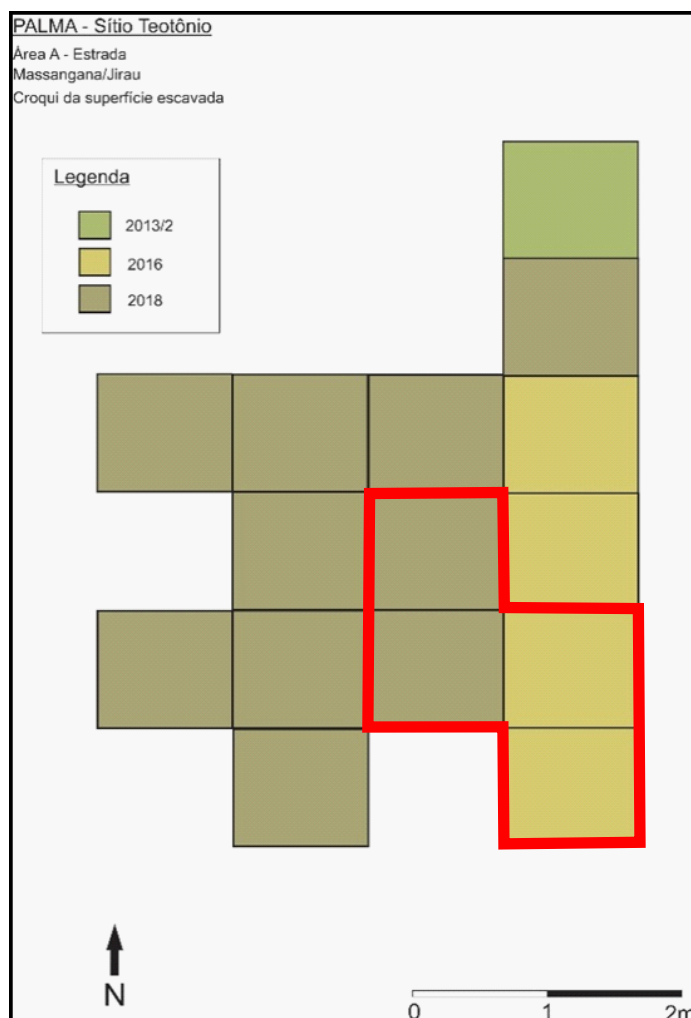


Figura 103 – Em vermelho, contorno das quadrículas que foram escavadas até a evidenciação da Camada Girau

A esta camada, denominamos Fase Girau, pois suas características são semelhantes às descritas por Eurico Miller para outros cinco sítios da calha do alto rio Madeira. Em minha dissertação de mestrado, e anteriormente por Almeida (2013), havíamos evidenciado um contexto que chamamos de Camadas II e IV:

Camada II: Corresponde à rocha laterítica, mas com a presença de materiais arqueológicos, principalmente carvões e lascas de quartzo. Foi identificada no grande perfil aberto próximo à estrada.

Camada IV: Corresponde ao contexto de latossolo argiloso de coloração amarelada, com a presença de materiais arqueológicos, quase sempre de materiais líticos. (Mongeló, 2015a)

No entanto, a quantidade de dados que tínhamos disponíveis não eram suficientes para batermos o martelo na hipótese de que se tratava de uma camada própria. Digo isto porque havia a possibilidade de que o material lítico encontrado, de tamanho diminuto, tivesse sido carregado por ações biológicas para os estratos mais inferiores. No perfil da Leste da Linha E9987 (Área 1), havíamos também encontrado lentes de carvões na camada mais profunda, associada ao material lítico, no entanto, como apenas havíamos limpado o perfil, o controle horizontal não nos permitia maiores afirmações.



Figura 104: Eduardo Neves aponta para a lente de carvões, na base do perfil leste da Linha E9987 (T.T.)



Figura 105: Detalhe da lente de carvões do perfil Leste da Linha E9987 (T.T.)

Estas lentes de carvões encontravam-se, estratigraficamente, fora da Terra Preta Massangana, em um solo que a bibliografia tradicionalmente chama de “latossolo”. Esse foi o primeiro indício para levantarmos a possibilidade da existência de uma camada mais profunda e mais antiga do que a data de 6.500 AP da fase Massangana. Sabemos que a simples presença de fragmentos de carvão na estratigrafia pode significar uma série de coisas, eventos pós-deposicionais, bioturbações, etc., mas estes fragmentos de carvão estão localizados por entre rochas de laterita, que aparecem “flutuando” no perfil, sem base de apoio. Isso, para mim, é um forte indício do grau de antropacidade desta camada, pois não há explicação natural para que blocos de aproximadamente 70cm de diâmetro encontrem-se no meio de um perfil de solo. O fato de existirem estas lentes entre os blocos é um elemento que fortalece a hipótese de que a camada de solo amarelado, apesar de não ser Terra Preta, possui um grau de modificação pelas populações do passado.



Figura 106 – Carvões da lente do Perfil Leste da Linha E9987. (G.M)

Quando começamos escavamos a primeira quadrícula na Área 3 (N9882 E10022) e sugeri a possibilidade de haver uma camada mais antiga, um dos principais questionamentos, e é o que fez com que eu não afirmasse com total certeza, era que sua

definição estava calcada apenas na presença do material lítico lascado. E este conjunto lítico que encontrei abaixo do solo antrópico, poderia ter sido muito bem carregado ou percolado para a camada abaixo, por processos biológicos: formigas, raízes, etc. No entanto, a escavação do contexto Massangana descrito acima mostrou que há um grau de inviolabilidade deste contexto, na medida em que as feições de combustão evidenciadas apresentam um nível de estruturação bastante alto, o que mostra que esta área do sítio possivelmente sofreu pouco com processos pós-deposicionais (para além da própria construção da estrada).

Ao mesmo tempo, o solo da área de escavação 3 é bastante compacto e argiloso, inclusive o que justificou com que trabalhássemos algumas vezes com ferramentas pesadas, como picaretas e pás. A alta compactação e a textura também são indicadores que dificultam a penetração de animais e plantas no solo, e que poderiam ser responsáveis pela existência destas lascas abaixo da Terra Preta.

Além destes elementos, sabemos hoje que há uma diferença entre os vestígios das duas camadas, a partir de diferentes suportes: as análises microbotânicas mostram evidências distintas entre Girau e Massangana, assim como os dados macro-botânicos; também as análises químicas do solo mostram valores que caracterizariam o latossolo amarelo com particularidades próprias, e valores incipientes de antropicidade. Os elementos tecnológicos do material lítico Girau e Massangana será tratado no capítulo seguinte.



Figura 107: Contraste entre o solo antrópico da Camada Massnagan e o solo da Camada Girau, no Perfil Leste das Unidades escavadas (G.M.)



Figura 108: Contraste entre o solo antrópico da Camada Massangana e o solo da Camada Girau no Perfil Oeste das unidades escavadas (G.M.)

Na área de escavação 3, a camada Girau tem entre 50 e 60cm de tamanho, alcançando a profundidade máxima de 120cm, em um dos extremos da área. Diferente da camada anterior, não foram identificadas estruturas de combustão organizadas em forma de feições, e a quantidade de material lítico lascado é consideravelmente menor. Os carvões são bastante esparsos e de tamanho diminuto, o que dificulta o nosso trabalho de obtenção de amostras para datação, e também de reconhecimento dos macro-vestígios. No entanto, os vestígios arqueológicos encontram-se, ainda que em pequena quantidade, ao longo de toda a estratigrafia.



Figura 109 – Vista da área de escavação 3, em campanha de 2016. Aos 60cm de profundidade, é possível ver a transição da Terra Preta para o solo argiloso e amarelado, correspondente à Fase Girau.(G.M.)



Figura 110 – Base em 70cm de profundidade da área de escavação 3 – camada Girau. E.N.



Figura 111 – Detalhe de lasca unipolar e quartzo e fragmento de madeira carbonizada adjacente, base 80cm, camada Girau. Unidade N9881 E10021. F.A.

Na base das camadas Girau, na Área 3, encontram-se uma quantidade muito grande de rochas lateríticas. Sabemos que a base do sítio, do topo do platô, é formada por estas rochas, que são caracterizadas do ponto de vista geomorfológico em Formação Rio Madeira (CPRM, 2005): “*Cascalho ferruginizado, endurecido por cimento de óxido e hidróxido de ferro*”.

Estas rochas aparecem na forma de blocos muito grandes, como pode-se ver na porção leste da Unidade escavada na Área 3, ou em seu formato desagregado, onde pequenos nódulos de laterita, de 1 a 2 mm de diâmetro, espalham-se sobre o platô. Em todas as unidades escavadas no sítio, a base das mesmas se dá em umas destas duas formações, que é o que definimos como camadas I ou II (base rochosa sem material arqueológico e base rochosa com material arqueológico).

A disposição das rochas encontradas na base da Área 3 parecem indicar que houve um rearranjo das mesmas, durante o período inicial de ocupação Girau, onde um espaço

foi limpo de rochas maiores, formando um perímetro de rochas sobrepostas ao redor de um grande bloco de laterita, marcado nas imagens abaixo, em tracejado vermelho.



Figura 112 – Visão sentindo Norte da Unidade de escavação da Área 3. E.N.



Figura 113 – Vista sentindo Leste da Unidade de escavação da área 3. E.N.

Somente na área interna ao tracejado vermelho, nas imagens aqui apresentadas, foram identificados vestígios e contextos relacionados à Fase Girau, e que corresponde à área indicada no croqui da Figura 103. Nas demais quadrículas desta área, a estratigrafia com sedimento é muito menor e menos profunda, pois as rochas começam a aparecer no perfil ao redor de 60cm de profundidade, na medida em que também se encerra a camada de Terra Preta. Somente na área do tracejado vermelho foi possível aprofundar a escavação até 130cm de profundidade, pois não havia rochas, e neste espaço é que foram encontrados os vestígios da fase Girau, e realizada a datação.

Ao mesmo tempo, a conformação destas rochas se apresenta em um sentido crescente, do Leste para o Oeste, na figura 115 fica mais claro o que parece ser uma “escada” de rochas, que vão da superfície atual, até em direção à grande rocha na porção Leste da Unidade. Estas rochas das imagens, de proporções grandes, estão desprendidas, soltas, e algumas vezes estão “flutuando” na estratigrafia, recobertas de solo por todos os lados.

Não é possível afirmar, com total certeza de que todos os blocos que se encontram expostos na Área 3 foram carregados e rearranjados por estas antigas populações. No entanto, há uma série de indícios que me faz acreditar que este espaço é um local antropizado há muito tempo, e a movimentação das rochas cumpriu um papel também na formação social desta área do sítio.



Figura 114 – Vista sentido Oeste da Unidade de Escavação da Área 3. Em vermelho o espaço sem rochas de laterita, e acima, as rochas de grande tamanho sobrepostas. (E.N.)



Figura 115 – Atividade de escavação, na Área 3, onde é possível ver a disposição das rochas ao redor do bloco de laterita grande, formando um espaço “limpo”. (G.M.)

Sabemos que no sítio Teotônio, grupos mais recentes modificaram a paisagem do platô de diversas maneiras, e de tão grande intensidade a ponto de fazerem aparecer e se

consolidar o solo do topo Terra Preta. Sabemos também que alguns destes grupos utilizaram a rocha laterita, abundante, como elemento construtivo para diversos fins. Na área do sítio estudada por Kater (2018) por exemplo, onde ocorre somente ocupações ceramistas recentes, acreditamos que rochas de tamanho médio de laterita tenham sido minadas e utilizadas como elemento construtivo em um aterro antrópico.

Não muito longe da Área de escavação 3, uma quadrícula foi aberta no centro da estrada que corta o sítio, na campanha de Julho de 2013, com o intuito de retirar o que acreditávamos ser uma vasilha inteira, que em superfície se visualizava a borda. A quadrícula **N9947 E10005** era formada por uma grande feição, escavada na rocha laterita basal, onde sobre ela foi depositado um vasilhame inteiro. Para retirar o vasilhame, tivemos que “recortar” a rocha ao redor da vasilha, expondo a feição onde esta havia sido colocada.



Figura 116: Vasilha em destaque, no centro da área de laterita escavada (G.M)



Figura 117: Unidade ao fim da escavação (G.M)

Esta feição da unidade N9947 E10005 está relacionado à uma ocupação ceramista bem mais recente em comparação à Fase Girau, provavelmente com datas ao redor de 1800 AP, e é recente também o contexto descrito por Kater (2018). No entanto me parece que o que estes dados mostram é que há uma recorrência, ainda que incomum no contexto

amazônico¹⁷, de manipulação, realocação e gerenciamento desta matéria-prima, e essa prática perpassa por diferentes grupos sócio-culturais ao longo do tempo.

Não é à toa que, exatamente neste local onde evidenciamos a ocupação Girau, sobre ela está um contexto Massangana relacionado muito provavelmente a uma unidade doméstica. Me parece que há uma recorrência na apropriação destes espaços, que vem sendo transformados desde o início do Holoceno Inicial.

Na outra área onde suponhamos que exista uma camada, relacionada à fase Girau, no corte realizado à margem da estrada, também foram evidenciados grandes blocos de laterita que, na transição da camada de Terra Preta associada a Fase Massangana (Camada V), para uma camada composta de solo amarelado e muitos nódulos de laterita (Camada II, parecem estar “flutuando” na estratigrafia. Estes blocos não estão apoiados sobre outras rochas, que é o que se esperaria de uma conformação natural do ponto de vista da estratigrafia geológica recente. Foi em meio a estes blocos de laterita que evidenciamos diversas lentes de carvão, descritos na seção anterior.



Figura 118: Foto do Perfil Leste da Linha E9987, em vermelho sinalização de rochas de laterita associadas à camada Girau (M.T)



Figura 119: Detalhe dos grandes blocos de laterita, “flutuando” no limite dos contextos Girau e Massangana, no perfil Leste da Linha E9987 (M.T.)

¹⁷ Contexto arqueológicos bem documentados no Amapá indicam a utilização de rochas como elementos contrutivos de estruturas ligadas à práticas rituais, em uma escala talvez até maior do que estas do Teotônio. Para mais informações ver Saldanha, 2017. Também é notório os recentes trabalhos de Francisco Valdez, no sitio La Florida - Equador (2015), e de Quirino, no Peru (2013), onde rochas foram utilizadas como materia-preima construtiva em períodos do Formativo.

Tomando como base esses dados, e apesar de não termos escavado propriamente a área do Perfil da linha E9987, acredito que esta área também tenha sido ocupada por grupos pré-Massangana, e a evidencia da presença das rochas e das lentes de carvão podem ser um forte indício de que a hipótese pode estar correta. Esta área pode ser um ponto em potencial para futuras escavações no sítio.

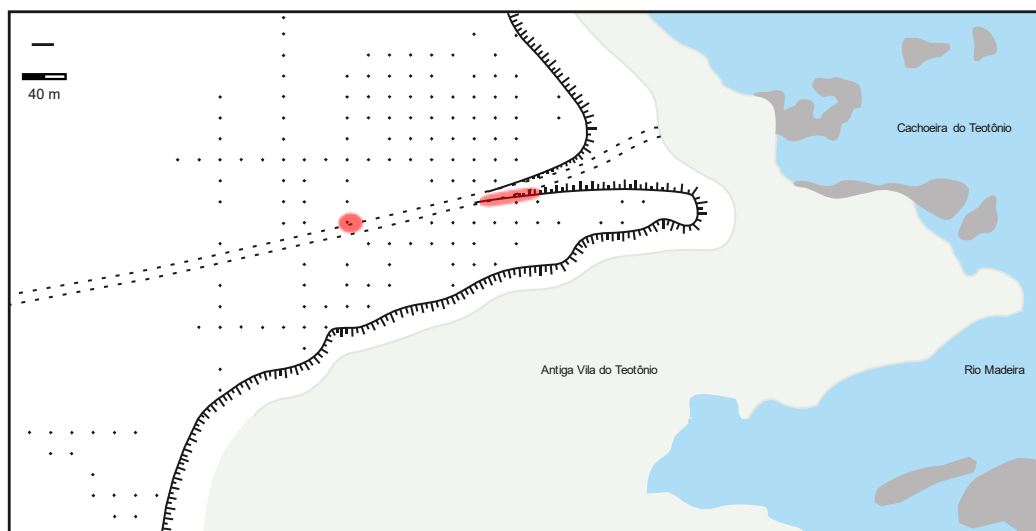


Figura 119 – Localização, no sítio Teotônio, das áreas onde foram evidenciadas camadas relacionadas à Fase Girau, no círculo à esquerda esta a Área 3, e à direita a área 1.

Em relação à Área de escavação, 3, sem dúvida é preciso ampliar a unidade para explicar melhor. No entanto, a conformação das rochas me parece apresentar um indício de modificação da região do sítio, onde populações colonizadoras inciais teriam arranjado a posição das rochas, conformando um espaço antropizado. Esta “limpeza”, acredito ter-se dado pela necessidade de formar um solo não rochoso, para a prática de atividades cotidianas, além de delimitar o espaço o arranjo das rochas também poderia ter servido de proteção, tal qual uma estrutura habitacional.

Capítulo 3. Análise do Material Arqueológico

3.1 Introdução

O objetivo mais específico desta dissertação é lançar luzes à indústria lítica das Fases Massangana e Girau, no sítio Teotônio. A interpretação destes dados será, em parte, apresentada neste capítulo, quando conveniente por critério de exemplificação. No entanto, o esforço interpretativo mais global se dará no capítulo seguinte, onde procurarei resumir os distintos dados até então já produzidos no sítio Teotônio, no que diz respeito ao espaço temporal delimitado.

Diferente do capítulo anterior, não apresentarei os dados a partir do critério de fase já definido, e sim por quadriculas de escavação. Me parece que, com este critério, fica mais visível as diferenças e semelhanças entre os três grupos culturais analisados: Jatuarana, Massangana e Girau. O intuito aqui é apresentar os elementos analisados, e, do ponto de vista diacrônico, levantar evidências que conformem, junto aos outros dados já obtidos (estratigrafia, datações, fitólitos, química de solos, etc), a totalidade do grupo cultural.

De fato, não existem muitos estudos sobre conjuntos líticos na Amazônia, que é comumente classificado como uma indústria “tosca”, de lascas simples, e com poucos (ou nenhum) artefato formal. Os estudos que temos, apesar da grande quantidade de sítios ligados ao Holoceno Médio e Inicial, são muito poucos e pontuais. Apesar da grande quantidade de descrições de sítios, análises estratigráficas e datações de sítios antigos na Amazônia, poucos tem como foco principal a indústria lítica. A descrição destas indústrias acaba quase sempre relegada a um ou dois parágrafos nas publicações, com poucas fotos e desenhos. Portanto, digo que é um problema subjetivo porque não é uma imposição do registro arqueológico, ou das condições materiais para realização de tal análise, os conjuntos existem, e muitos dos sítios citados no capítulo 1 carecem de estudos pormenorizados e sistemáticos das ferramentas líticas. Sem dúvida que há exceções, e este quadro vem paulatinamente se modificando, no entanto me parece que é a caracterização do signo geral das pesquisas sobre sítios antigos na Amazônia.

Este problema mais global é permeado por duas questões. A primeira diz respeito à orientação teórica das pesquisas arqueológicas na Amazônia. Os grandes questionamentos, como agendas mais holísticas, que envolveram as pesquisas arqueológicas nos últimos quarenta anos na região foram e continuam sendo respondidas sem uma análise detalhada das indústrias líticas. Isso tem a ver, pelo menos no Brasil, com o papel que o histórico-culturalismo cumpriu junto ao PRONAPA, na orientação de definição de fases e cultural arqueológicas calcadas em determinados atributos de conjuntos cerâmicos.

Comecei buscando na bibliografia específica sobre arqueologia amazônica, aportes para montar uma ficha de análise deste material que tinha até então uma caracterização de um parágrafo feita por Eurico Miller. Ainda que eu acredito que temos bastantes dados publicados para contextos pré-ceramistas na Amazônia, são poucos os estudos de análise líticas. E em geral, há uma preocupação grande para analisar os instrumentos considerados mais formais, que são mais abundantes em indústrias líticas de grupos ceramistas amazônicos, mas bastantes raras em grupos antigos.

Recentemente, alguns trabalhos se destacam, ainda que eu não ache que o cenário da escassez vá mudar. Honorato (2015) realizou a análise de líticos lascados em feições do sítio Saure Muybu, no Alto-Médio rio Tapajós; Debora Talim (2015) junto com Jaqueline Rodett desenvolve uma investigação em parceria com Claide Moraes analisando as cadeias operatórias de sítios que se localizam nas proximidades da Serra de Monte Alegre, no Pará; Lucas Bueno (2013) publicou um artigo sobre a indústria lítica de uma gruta na Serra dos Carajás, também no Pará, no âmbito do PACA¹⁸; antes deles Fernando Costa (2008) trabalhou com instrumentos de sítios do Holoceno Médio na Amazônica Central; e por fim, neste ano, Philip Riris (2018) reanalisou a coleção da triação Atures, do médio rio Orinoco, que havia sido publicada nos anos 1960 por Cruxent.

Foi um trabalho grande elencar quais elementos poderiam ser úteis à descrição das indústrias líticas do sítio Teotônio, e quais poderiam produzir dados que não gerariam informações relevantes. Digo isso pois trata-se de uma indústria que os arqueólogos tradicionalmente chamam de “expedita”, que à primeira vista não apresenta instrumentos formais, e as lascas possuem uma média de 1,5cm de tamanho. Logo, análises diacrônicas

¹⁸ Projeto Arqueológico Carajás, projeto arqueológico do qual falaremos mais no próximo capítulo

de altíssima descrição das peças não seria possível de ser realizada com a quantidade de material que eu possuía para analisar.

Na minha dissertação de mestrado, como já disse, analisei também o material de uma quadrícula da fase Massangana, mas apenas do ponto de vista quantitativo, isto é, foi feita uma triagem do material, onde os atributos utilizados eram bastante simplistas do meu ponto de vista. Naquele momento, era o tipo de dado que me servia para poder explicar as perguntas que eu fazia para o contexto arqueológico.

Agora, acredito que eu tenha avançado ao formular uma ficha de análise que serve aos propósitos da caracterização destas indústrias líticas das Terras Baixas amazônicas, e permite com que tenhamos um olhar muito mais detalhado sobre estes instrumentos, do ponto de vista tecnológico.

3.2- Metodologia de análise

Um dos principais problemas desta tese de doutorado, e que me tomou tempo considerável, foi elaborar uma ficha de análise que pudesse elencar elementos tecnológicos que me permitissem classificar esse material de acordo com atributos específicos.

No âmbito do PALMA, Almeida (2013) havia feito uma sondagem inicial ao material lítico da unidade N10003 E10001, através de uma triagem; e fora isso não havia qualquer outro suporte para análise de material lítico que eu pudesse me amparar para começar a investigação. Durante a pesquisa de mestrado, decidi, tomando em conta os fatores tempo e quantidade de material, a não utilizar uma ficha de análise de atributos qualitativos, e sim realizar uma triagem do material lítico lascado, tal qual me sugerido pela banca de qualificação de então. Separei as lascas e núcleos em lotes, e dessa forma pude dar conta de um volume de material bastante grande.

Nesta feita, trabalhei com duas quadrículas para fins de reconhecimento da indústria lítica, e com uma ficha que primava pelo atributo de suporte (lasca e núcleo), e matéria-prima. Classifiquei algumas peças como “artefatos” as quais encontrei marcas intencionais de retiradas e retoques, tendo as descrito individualmente. Do ponto de vista diacrônico, essa triagem foi bastante útil para explicar algumas diferenças entre as camadas ceramistas e camadas pré-ceramistas, e no final das contas, o grande saldo

positivo desta dissertação foi ter começado a organizar as camadas culturais do sítio, e descrever uma narrativa mais global que envolvesse os processos históricos dos milênios de ocupação deste local.

Como já dito anteriormente, muitas pontas ficaram soltas quando finalizei a dissertação em 2015, elemento que justificou a continuidade da pesquisa e o projeto de doutorado. Uma das questões latentes era a necessidade de uma descrição mais apurada desta indústria lítica, a partir de uma análise formal, e uma explicação da tecnologia crítica do Rio Madeira, em comparação com a literatura existente para o período. Ou seja, localizar essa indústria lítica no espaço e no tempo, em comparação com as demais culturas arqueológicas da época, uma síntese regional com base no aspecto tecnológico, como estamos acostumados a realizar nas pesquisas de arqueologia Amazônia.

Quando comecei, confesso que tínhamos muitas ressalvas, todos os integrantes do projeto, com a possibilidade e viabilidade de estudar um material lítico que parecia extremamente fragmentado e diminuto. Particularmente, vinha de uma tradição de arqueólogos que possuíam conhecimentos gerais sobre análise de material lítico, mas que na verdade eram grandes especialistas nas questões pertinentes à análise do material cerâmico, este muito mais abundante no cenário arqueológico da Amazônia.

Dessa maneira, foi um esforço grande iniciar os estudos em análise lítica, no começo da dissertação de mestrado, carregando pouca bagagem teórica e metodológica comigo. O material, como vocês verão, possui algumas características que chamam a atenção, e que são bastante comuns no contexto amazônico: **é extremamente pequeno, e muito fragmentado**. Uma anedota ilustra bastante esta angústia inicial; era bastante comum quando trabalhando no laboratório do Museu, se aproximava algum pesquisador com experiência em análise lítica e ao olhar o material sobre a mesa, perguntava: *“muito bacana, e onde estão os artefatos que esta turma está produzindo ao retirar estas lascas?”*.

De fato a indústria lítica do Teotônio, formada por uma massiva maioria de lascas e de fragmentos de lascas, parece indicar à primeira vista uma cadeia operatória grande, e que os pesquisadores estariam vendo apenas a etapa final de lascamento fino sob pressão para constituição de instrumentos mais complexos. Eu também fiquei, durante um bom

tempo, batalhando tentando entender o que poderia representar esse material “expedito” e ao mesmo tempo tão característico.

A bibliografia sobre análise lítica para contextos Amazônicos é bastante reduzida. Não só comparando com estudos e investigações que tem como norte a análise cerâmica, mas como um todo os esforços podem ser contados nas mãos. No capítulo seguinte, falaremos mais sobre essa questão especificamente, em um exercício de levantar as descrições existentes para indústrias líticas do Holoceno Inicial e Médio na Amazônia, e ponto ficará mais claro. Para mim, até encontrar uma possibilidade metodológica de comparação com este material do alto rio Madeira, demorou muito tempo.

Três dos principais estudos de contextos arqueológicos antigos na Amazônia que tiveram como preocupação central a indústria lítica me foram bastante caros. O primeiro deles foi o trabalho de Sanna Saunaluoma (1996), que em sua dissertação de mestrado analisou o material lítico lascado das camadas mais profundas do sítio Peña Roja. Santiago Mora (2002) posteriormente publicou artigos comentando sobre este material lítico, mas foi Saunaluoma que primeiro analisou este material, e embora tenha publicado o trabalho em finlandês, ela me foi bastante gentil cedendo material, fichas de análise e fotos para comparação.

Em segundo lugar, os trabalhos de síntese de Lucas Bueno (2009, 2013) foram importantes ao oferecer um panorama mais amplo sobre a indústria lítica amazônica. Ainda que tenha sido uma leitura bastante geral sobre a ocupação humana antiga na bacia, os trabalhos desenvolvidos em Canaã dos Carajás (2007) apresentaram uma ideia inicial para uma ficha de análise maleável o suficiente para levar em consideração apenas os aspectos que poderiam indicar mudanças tecnológicas. Por fim, o trabalho de Honorato (2017) contribuiu com uma visão bem menos utilitarista com a qual eu estava olhando para o material arqueológico do sítio Teotônio.

Estas pesquisas foram importantes por delinearem um caminho inicial à possibilidade de análise do material lítico do Teotônio, apesar deste elemento principal da pouca quantidade de estudos relacionados ao tema específico. Vocês verão no próximo capítulo como os trabalhos que envolvem contextos antigos nesta região possuem poucos parágrafos descritivos (e há um motivo bastante razoável para isso). Principalmente depois dos trabalhos de Linda Perry (2003,2004), as lascas unipolares ou bipolares

encontradas em registros arqueológicos da bacia amazônica eram comumente relacionadas à dentes de raladores, de mandioca ou de outros tubérculos e vegetais.

A associação não é à toa, Perry (2005) encontrou grãos de amido de mandioca e de uma outra dezena de plantas em líticos lascados de sítios da tradição Atures, no alto e médio rio Orinoco, na Venezuela, e em outros conjuntos mais recentes da mesma região. As peças líticas destes sítios possuíam características muito semelhantes às do sítio Teotônio, são rochas pequenas mas robustas, em matéria-prima de quartzo e sem aparente “instrumento formal”. Ao mesmo tempo, é bem registrado na etnografia brasileira a presença de inúmeros raladores fabricados por distintas etnias indígenas, que lascam rochas para utilização deste fim.



Figura 120: Ralador etnográfico Mehinaku – Acervo IDSM (G.M.)

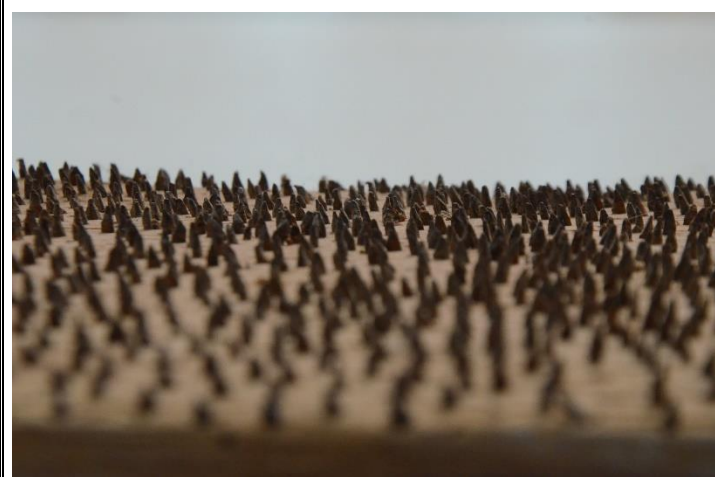


Figura 121: Detalhe das lascas de ralador etnográfico Mehinaku – Coleção IDSM (G.M.)

Durante minha pesquisa de mestrado, cheguei a fazer um levantamento de todos os raladores etnográficos presentes em museus do Brasil, que possuíam como “dentes” a matéria-prima rochosa, infelizmente este levantamento foi publicado apenas no memorial de qualificação. Comecei a fazer este trabalho pois cheguei a imaginar que a indústria lítica do Teotônio, tal qual a tradição Atures na Venezuela, pudesse indicar a presença de antigos raladores, e conseqüentemente um consumo de bens botânicos cultiváveis com datas bastante recuadas.

Nosso projeto acabou mostrando esses elementos de outra forma¹⁹, e eu tampouco descarto essa possibilidade por completo, pode até ser que algumas das lascas encontradas no sítio Teotônio possam ter sido utilizadas para esse fim. No entanto, não me parece que a indústria, como um conjunto tecnológico de escolhas, estava sendo desenvolvida para este fim apenas. Digo isso porque em primeiro lugar se difere muito, do ponto de vista morfológico das lascas, das peças que analisei de distintos raladores etnográficos. Estas lascas etnográficas não apresentam bordos cortantes e superfícies de utilização, são lascas preparadas para serem usada sobre forte pressão e atrito, não possuem volume longitudinal.²⁰ Recentemente, as pesquisas de Jennifer Watling sobre vestígios micro e macrobotânicos para esse material comprovaram essa hipótese dual.

Descartada essa opção, estudos sobre micro-lascas são bastante escassos na literatura mundial. Ainda que trabalhos clássicos como Bordes (1970) e Binford (1980) tenham tratado com especial cuidado o papel das lascas na compreensão de uma cadeia operatória maior, é de se ressaltar que não se tratava sobre estudar uma indústria de lascas, e sim compreender a formatação de objetos mais complexo do ponto de vista do tamanho da cadeia operatória.

Ainda que os estudos das lascas não tenham ganho protagonismo no meio acadêmico, Bordaz em 1970 fez uma leitura bastante original sobre este tema, e que ilustra uma visão original sobre as indústrias de lascas. Ele tenta mostrar como pode ser complexa a retirada de lascas unipolares com possibilidade imediata de uso, e seus atributos físicos de utilização:

“For one thing, their manufactures i not so wasteful of flint as the sahping of a biface wich requires the removal of a great deal of material from the Flint core (...)a flake’s tool cutting edge is obtained by a single blow on the flint nucleous, while the production of a similar thin, straight edge by alternate flaking of a biface requires much more time and skill. Finally, the cutting edge of the best possible biface is never so shape and smooth than that of a flake(pp30)

¹⁹ No capítulo seguinte, falei sobre os trabalhos desenvolvidos com arqueobotânica.

²⁰ Posteriormente, Moraes (2014) mostrou uma indústria lítica de preparação de lascas para raladores nos sítio Porto, na cidade de Santarém, e pudemos constatar de que se trata de uma indústria consideravelmente diferente.

Epstein, em outro trabalho clássico (1964) também delineou um método de análise para o que ele chama de “tecnologia primária” da cadeia operatória: os primeiros passos de retirada de lascas de um bloco para a conformação de instrumentos lascados. E assim se sucedem distintas outros importantes trabalhos sobre a análise de lascas, mas que não possuem esse como fim, ou seja, a compreensão dos comportamentos de lascamentos das “etapas primárias” dizem respeito à uma necessidade objetiva, que é descrever a cadeia operatória. Esta era a lógica incutida em mim quando buscava os artefatos produto do lascamento das lascas que estava encontrando no sítio Teotônio.

Na região costeira no Brasil, em Santa Catarina e São Paulo, foram também identificadas indústrias líticas de lascamento unifacial. Nestes sítios, que se caracterizam por chamativos artefatos polidos em rochas, existe uma considerável presença de lascas primárias com marcas de uso que foram alvo de pesquisas por investigadores (Belém, 2012).

Estas leituras acerca de indústrias líticas de outras partes do Brasil, que possuíam como elemento característico a utilização de lascas unipolares simples como artefatos em si, provocou uma mudança qualitativa na maneira de conceber a coleção que estava analisando. A análise de Puglise (2007) sobre o material lítico lascado na região da Lapa do Santo também demonstrou uma coleção bastante semelhante, pequenas lascas de quartzo com marcada de uso em seus bordos ativo, e serviu como um elemento de comparação interessante, ainda que ele tenha chegado à conclusão bastante diferentes das quais eu descreverei adiante.

A possibilidade de estar diante de uma indústria lítica no Teotônio, no qual os artefatos eram de fato as pequenas lascas, se concretizou com a leitura dos trabalhos de Karen Stothert e Andrey Tabarev para os sítios localizados na costa equatoriana, especificamente na Península de Santa Elena. Neste local, uma cultura arqueológica de 10.000 AP foi identificada e estudada inicialmente por Stothert (2011), que em sua tese de doutorado propôs um método de análise específico para as indústrias de lascas “simples.

A indústria da Cultura Las Vegas, e seu correspondente posterior, cultura Valdivia, possui distintos elementos de comparação ao longo deste texto com os conjuntos artefatuais do sítio Teotônio, mas aqui nos deteremos no aspecto da tecnologia lítica.

Stothert descreveu um material que ela denominou de “**indústria tecnologicamente simples**”, ou “**technologically simple stonework**”, e que é definido por um conjunto de materiais obtidos a partir de uma cadeia operatória que busca a produção de bordos cortantes e afiados para utilização:

“The techniques of simple stoneworking involve the removal of flakes from cores that are not necessarily regular in shape. The flakes are removed in a fairly unpatterned sequence from the core by applying force to a number of different striking platforms. It is characteristic of technologically simple flaking that each instance of applied force is aimed at accomplishing a removal, rather than at preparing the core surface or platform area for a subsequent removal.”(Stothert, 1975 pp10)

Na cultura Vegas e Valdivia, o ciclo de produção é tecnologicamente curto, simples e unitário: uma ação única, ou poucas ações de modificação da rocha convertem a matéria-prima em instrumento de utilização, com a característica de que o produto final não é tão diferente do original. Nesta indústria, grande parte dos artefatos possuem grande porcentagem de córtex, pois trabalha-se com matérias-primas de tamanho de pequeno a médio, combinado com cadeias operatórias não muito elaboradas.

Neste sentido, dos materiais encontrados, é pouco provável que se evidencie objetos que estejam fora destes passos da cadeia operatória, e no que diz respeito ao material lascado, é composto basicamente de núcleos e lascas.

A descrição do material lítico da indústria Vegas e da indústria Valdívía abriu, aos meus olhos, a possibilidade de poder fazer uma análise diacrônica desta “simples” indústria do Alto Rio Madeira, e buscar entender nos aspectos tecnológicos se haveria alguma diferença considerável entre os dois grupos culturais que estou trabalhando: Massangana e Girau.

No Equador, Stothert aplicou uma ficha de análise que prezava pela descrição tecnológica ampla da indústria de lascas das cultural Valdívía e Vegas, a fim de responder a mesma pergunta que estou fazendo aqui: é possível mostrar uma diferença entre as duas coleções? O que ela acabou mostrando foi uma continuidade tecnológica de aproximadamente 6000 anos, abarcando boa parte do Holoceno Médio. A indústria lítica lascada da região da província de Santa Elena apresenta características de permanência, mesmo com uma diferença bem marcada entre as ocupações Vegas e Valdívía. Sendo

esta última a representante de um período de neolitização²¹ na região, Stothert acredita que esta permanência seja marcada pela continuidade das estratégias de utilização dos instrumentos, que provavelmente as populações continuaram exercendo algumas mesmas atividades.

Sendo assim, baseado nos estudos de Stothert, e dos demais pesquisadores citados, empreendi o exercício de montar uma ficha de análise que não tivesse como objetivo principal a descrição de instrumentos formais, já que não seria por este caminho que conseguiria ver as particularidades da coleção, tampouco descrever um material que não compunha os vestígios analisados. Ela mesmo afirma o quão difícil pode ser esse processo:

Lithic classification has traditionally depended on attributes of style (shape or form) for identifying types like fish-tail point and blades, and attributes of function for the identification of types like scrapers and perforators and attributes of technique for identifying types like burins. This kind of classification, based on salient attributes of form, function and techniques, has been satisfactory as a tool in discovering the basic and major discontinuities in prehistory. But when archaeologists begin asking questions of technologically simple stonework, they find that it does not submit to this kind of classification”(Stothert,1975. pp19)

Para isso, buscou-se na bibliografia elementos que pudessem amparar uma análise que abarque principalmente valores de função, matéria prima e manufatura. Ou seja, identificar as características tipológicas, mas também compreender a cadeia operacional que envolve a obtenção e transporte de matéria prima, manufatura dos instrumentos, uso, descarte e reciclagem dos mesmos (Milheira, 2011, Andrews, 2009, Moreno de Sousa, 2014; Oliveira, 2007, Horta, 2009, Bueno & Pereira, 2007).

De modo que se possa ter uma noção completa da cadeia operatória, busquei analisar todas as classes de vestígios oriundos deste processo (Bueno, 2009). Montou-se uma ficha de análise para material lítico que contemple aspectos como técnicas de lascamento, tipo de lasca, tipo de núcleo, tipo de instrumento, modificações posteriores (reutilização) e suporte-matéria prima. (Andrews, 2002, 2008; Nunes, 2008).

Acredita-se com base nos estudos levantados pelo PALMA, Miller (1992) e Noletto (2014), são poucos os artefatos líticos que podem ser considerados artefatos

²¹ Para o período Formativo e a neolitização do sítios da fase Valdívica, ver Marcos,2003.

formais, preponderam-se as lascas, finas e diminutas, e núcleos bipolares. São peças que compõem uma indústria expedita simples, com poucos instrumentos de gume retocado, elemento que demandaria uma abordagem diferente. Para contemplar as características inerentes do material lítico, portanto, dei atenção aos elementos que possam nos ajudar a reconhecer, definir e classificar as diferentes variedades do utensílio (peça) dentro do corpo comparável do conjunto.

Não pretendi fazer uma análise diacrítica dos artefatos líticos, (Fogaça 2007, Boeda 2007), técnica que consiste em minuciosa análise qualitativa e individual dos artefatos, mas sim a aplicação de uma metodologia de obtenção de dados que dê conta de um volume grande de material (no sítio Teotônio, para se ter uma ideia, foram 3 unidades de 1m² e mais de 15mil fragmentos de peças líticas) no tempo exigido do doutoramento.

Propôs-se a aplicação de uma ficha com atributos específicos para os suportes preponderantes (lascas, núcleos e fragmentos), de modo que se possa detectar os processos de utilização da matéria-prima e produção de instrumentos, evidenciando, a partir das análises dos modos de trabalho sobre as matérias-primas, a reconstituição dos procedimentos técnicos que originaram os artefatos e as lascas.

Resumidamente, foram analisados, de maneira igual, todos os fragmentos líticos, individualmente. Cada peça recebeu um número específico, de acordo com seu lote²², e a ela se aplicou a ficha (Anexo 02). A ficha foi montada e preenchida na plataforma online *GoogleForms*, dessa maneira, todos os dados são acessíveis, em tempo real, em qualquer computador logado no perfil do administrador. O preenchimento da ficha gera, automaticamente, uma tabela de dados, que foi a base para as análises estatísticas.

²² Os lotes utilizados para análise no laboratório foram os mesmos lotes utilizados na escavação em campo, chamados de PN- Número de Proveniência. Em geral, correspondem a camadas artificiais de 10cm de profundidade, por 10000cm² (uma quadrícula).

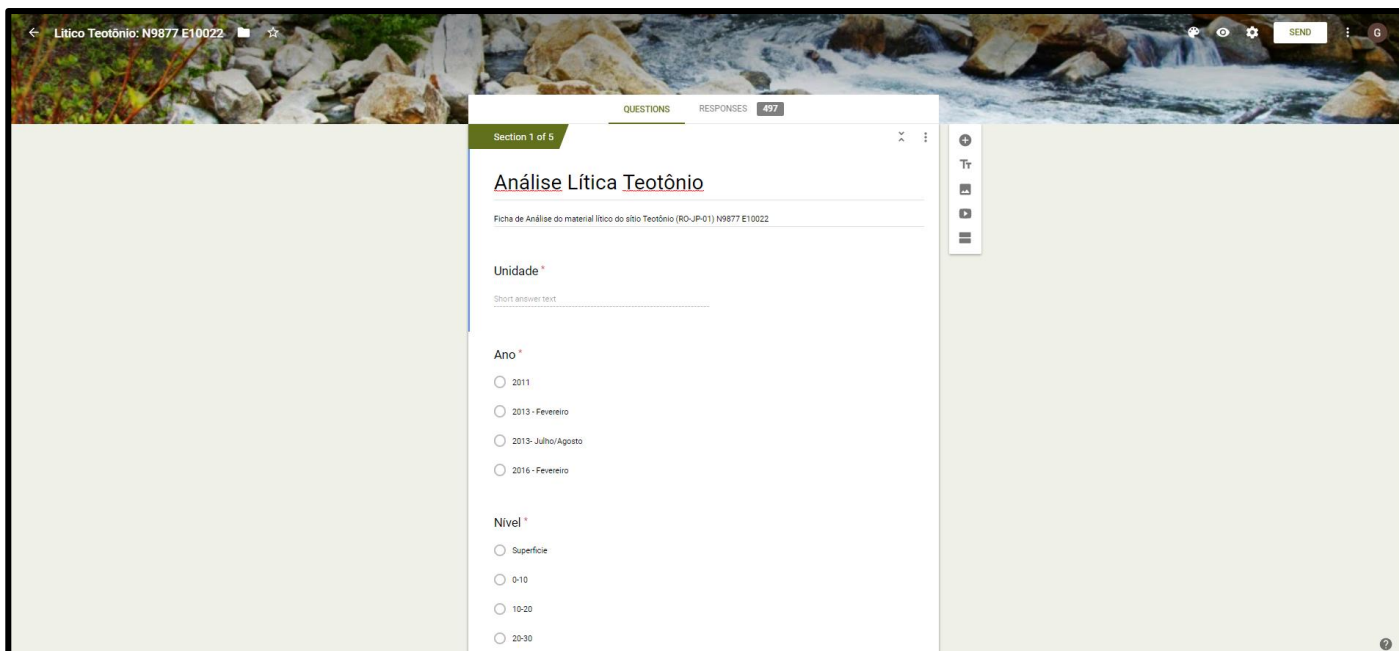


Figura 122 – Layout da ficha de análise no software *GoogleForms*

A ficha de análise prezou pela diferenciação do suporte do material analisado. A primeira diferenciação se dá, assim, entre quatro grades categorias: **Lascas, Fragmentos, Núcleos e Peças Brutas**. Cada uma dessas categorias possui uma ficha adicional, a parte, que busca analisar atributos específicos.

Para a categoria de **lascas**, analisei os seguintes atributos:

- Tipo de Lasca: Cortical, de redução, de preparo, ou retoque
- Ponto de Percussão
- Tipo de Talão
- Formato do Talão
- Localização das Marcas de Uso;
- Quantidade de retoques

Para a categoria de **Núcleos**:

- Quantidade dos planos de percussão
- Número de retiradas

Para a categoria de peças **Brutas**, analisei a localização das marcas de percussão, e para a categoria de **Fragmentos**, a natureza do fragmento (proximal, mesial, distal).

Além disso, todas as peças foram medidas (comprimento, largura e espessura), e tiveram a quantidade de córtex avaliada. Foi avaliada também a presença de modificações nas peças, como queima, quebra recente, polimento, etc.

Eventuais peças foram destacadas, desenhadas e descritas de maneira mais detalhada, para que se possa ter uma ideia mais clara de alguns instrumentos. Tal qual em Mongeló (2015a), toda lasca que tenha pelo menos um ou mais marcas de retoque intencional, ou núcleos esgotados reutilizados a partir da formação de um gume ativo (Miller, 1992), se encaixarão na categoria de “**artefato**” e terá este tratamento.

3.3- Resultados das Unidades Analisadas:

Foram analisadas, no total, o material lítico de quatro quadrículas: uma da campanha de 2013, e outras duas da campanha de 2016 (Áreas 1 e 2, respectivamente). Uma triagem inicial foi feita sobre este material para separar os fragmentos líticos que não apresentavam características de transformação antrópica, ou que não correspondessem a matéria-prima diferente da rocha laterita não modificada. Um número não contabilizado de fragmentos de laterita sem marcas de uso ou de lascamento foram descartados.

Após a triagem inicial, a soma de **1.364 fragmentos líticos** foram alvo da ficha de análise, e todas as peças, sendo lascas inteiras ou fragmentadas, núcleos, detritos, percutores, etc receberam identificação própria e foram descritos. Descreverei aqui as análises obtidas a partir das unidades de escavação, para que possamos ter uma perspectiva diacrônica da diferenciação, ou não do material lítico ao longo das camadas.

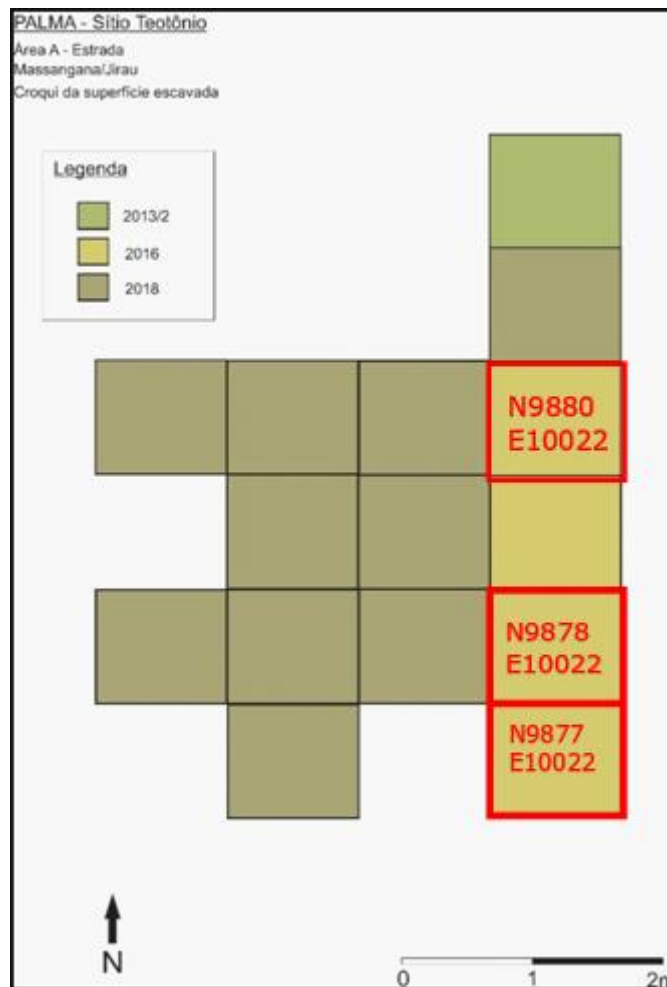


Figura 123 – Localização das quadrículas analisadas na Área 3.

Quadrícula N10041 E9824 – Área1

A unidade **N10041 E9824** corresponde a uma área do sítio que não havia ainda sido explorada, tampouco analisada na minha pesquisa de mestrado (**Área 2**), embora tivesse sido escavada em 2013. A intenção de utilizá-la aqui, no doutorado, é compreender em que medida se pode comparar estas duas áreas, se os vestígios líticos são comparáveis, se as ocupações são concomitantes.

Foram obtidos, no total, 413 fragmentos líticos desta unidade. Em linhas gerais, se assemelha muito às unidades centrais²³ analisado no mestrado (Mongeló, 2015a), onde havia uma camada de terra preta com cerâmica, e uma camada mais profunda sem este material. A matéria-prima preponderante é o quartzo, genérico, e o suporte lascado é o que mais se encontra.

²³ N10003E10003 e N10004 E10003

Quando comparada a quantidade de material lítico total por nível, vemos um pico entre os 50-70cm de profundidade, e um decréscimo constante até os 100cm de profundidade, que é quando se torna preponderante a laterita de caráter friável, e o sedimento praticamente se torna inexistente.

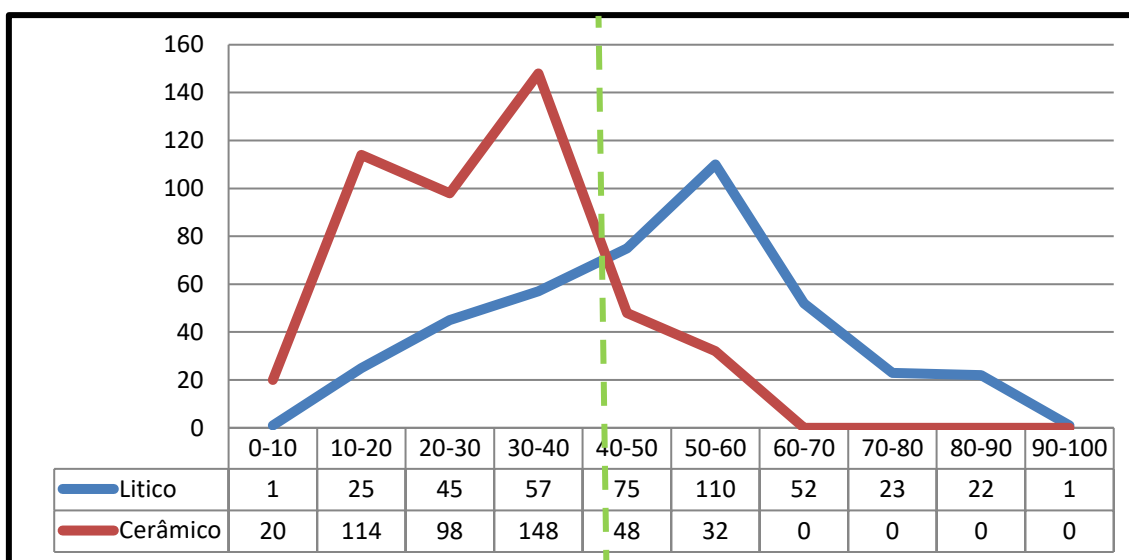


Figura 124: Quantidade de material lítico e cerâmico por nível na Unidade N10041 E9824

Esse tipo de gráfico é importante para pensar a relação entre a quantidade de material cerâmico e de material lítico. Nesta área é necessário, antes de tudo, estabelecer os níveis seguros que dizem respeito à fase Massangana, pode haver aí, como houve em outras unidades, multicomponencialidade de indústrias líticas, pré-cerâmica e cerâmicas.

Segundo os estudos de Kater (2018), a cerâmica proveniente desta unidade, ainda que tenha uma quantidade muito pequena de fragmentos diagnósticos, podem ser encaixadas como correspondentes à fase Jatuarana (a mais recente do sítio). Consideramos, portanto, do nível 40-50 até a base da unidade, como sendo uma camada de ocupação Massangana.

De maneira geral, a indústria lítica dessa unidade possui uma quantidade muito grande de fragmentos de lascas, sem qualquer tipo de marcas de uso. Mesmo assim, o número de lascas unipolares e bipolares é maior do que o número de fragmentos, o que implicou na possibilidade de compreender os talões e analisar o tamanho das peças.

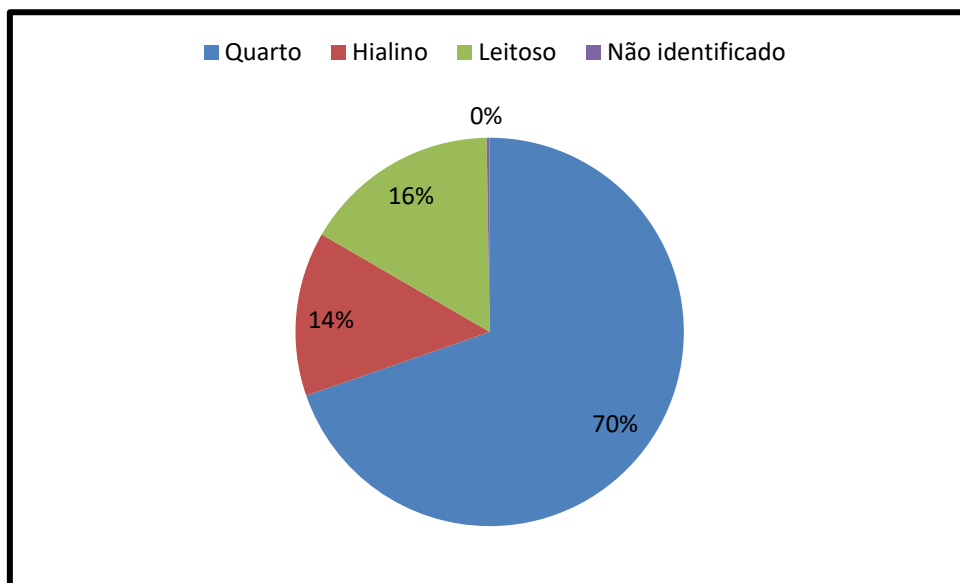


Figura 125: Matéria-prima do material lítico da Unidade N10041 E9824

Em relação à matéria-prima utilizada, parece não haver uma mudança significativa em relação à estratigrafia, ou em relação às categorias específicas. O que é bastante interessante se considerarmos o tempo de ocupação da Fase Massangana entre 6500-4000 AP, e o da fase Jatuarana entre 1300-500 AP, há uma continuidade grande no que diz respeito à utilização e aquisição de matérias-primas locais, que não apresentam diferenças visuais entre elas. As análises que realizei na minha dissertação de mestrado, ainda que tenham sido feitas baseadas apenas em uma triagem do material, já haviam indicado essas características. Ainda assim, é importante lembrar que entre a ocupação Massangana e a ocupação Jatuarana, outros quatro conjuntos cerâmicos (Kater,2018) encontram-se presentes no sítio, dos quais não temos ainda conhecimento da sua indústria lítica, a não ser pontuais artefatos polidos descritos por Almeida (2013).

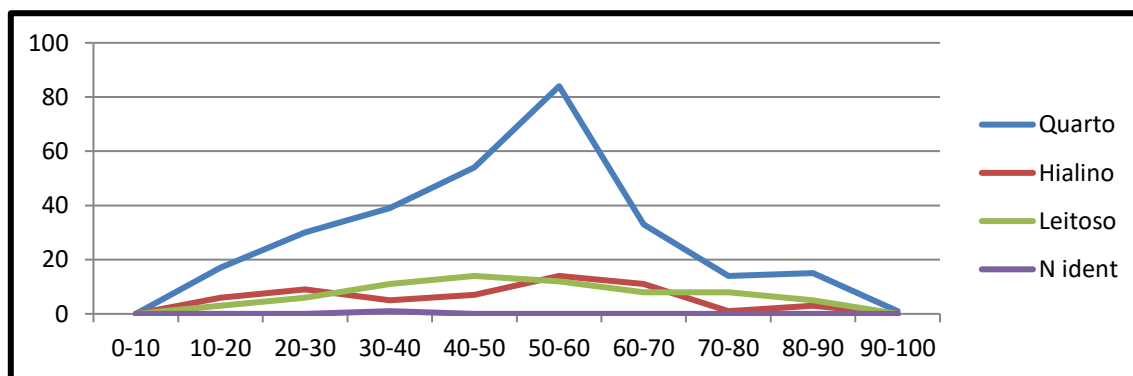


Figura 126: Matéria-Prima do material lítico da Unidade N10041 E9824 por nível estratigráfico.

Os instrumentos mais comuns presentes são as lascas unipolares, seguidas de fragmentos. Diferenciamos os dois pela presença de talão, bulbo e parte terminal integral, quando a lasca não se encaixa nesse quesito, denominamos fragmento. Um elemento importante que se destaca no gráfico da figura abaixo é que as lascas bipolares somem do registro na Fase Massangana, sendo predominante a técnica de lascamento unipolar. Esse aspecto parece ser um dos principais diferenciadores da estratigrafia, além da presença/ausência de material cerâmico.

Os instrumentos brutos, como cupuliformes, polidos e almofarizes (modificados pelo uso) também estão presentes apenas nos níveis cerâmicos, não sendo representados na camada da Fase Massangana.

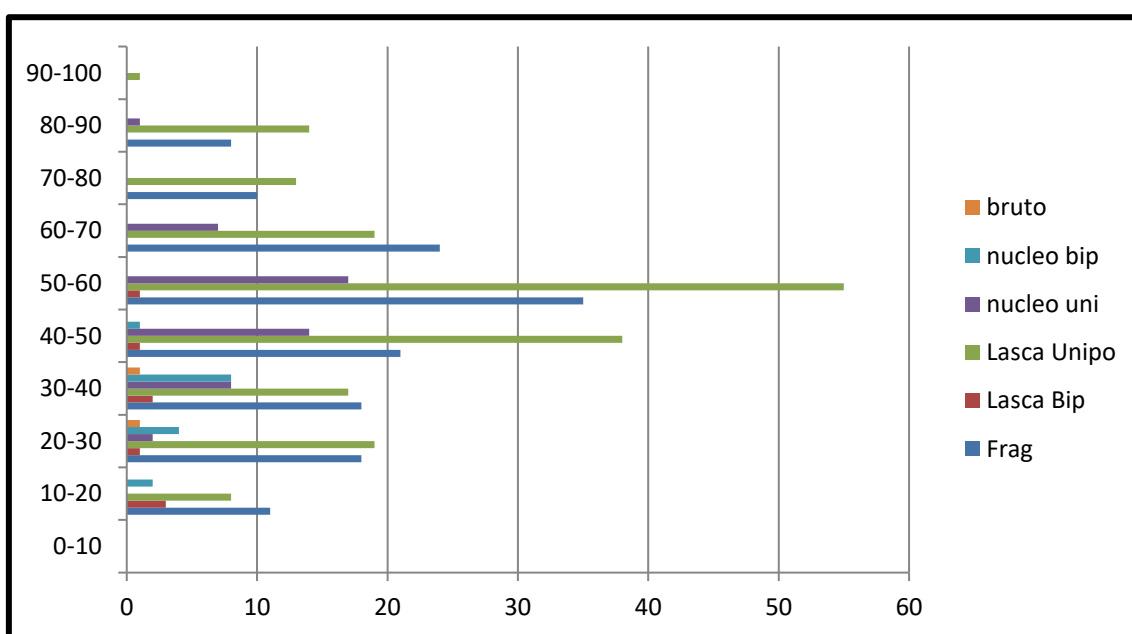


Figura 127: Categorias de suporte do material lítico da Unidade N10041 E9824 por nível

Como dito anteriormente, em geral o material lítico lascado da Fase Massangana não possui alta incidência de retoques e modificações, ainda que existam. Com a aplicação desta ficha de análise, foi possível perceber melhor a presença destas modificações, e sua variabilidade. O quartzo não é uma matéria prima de fácil observação em relação à marcas de uso. É preciso dizer que este esforço ainda carece de mais atenção, portanto, este número de lascas e núcleos com marcas de uso é bastante conservador, pois leva em consideração apenas os fragmentos que, sem sombra de dúvidas, apresentam claras marcas de utilização.

O pico de instrumentos lascados utilizados (com marcas de uso), ao redor dos 50cm de profundidade representa justamente o momento de mudança da fase Massangana para o contexto ceramista, dado que acompanha a incidência total de material lítico desta unidade, em relação à estratigrafia. De alguma forma, o momento histórico em que começam a aparecer as primeiras cerâmicas é marcado também, por um aumento da atividade de lascamento.

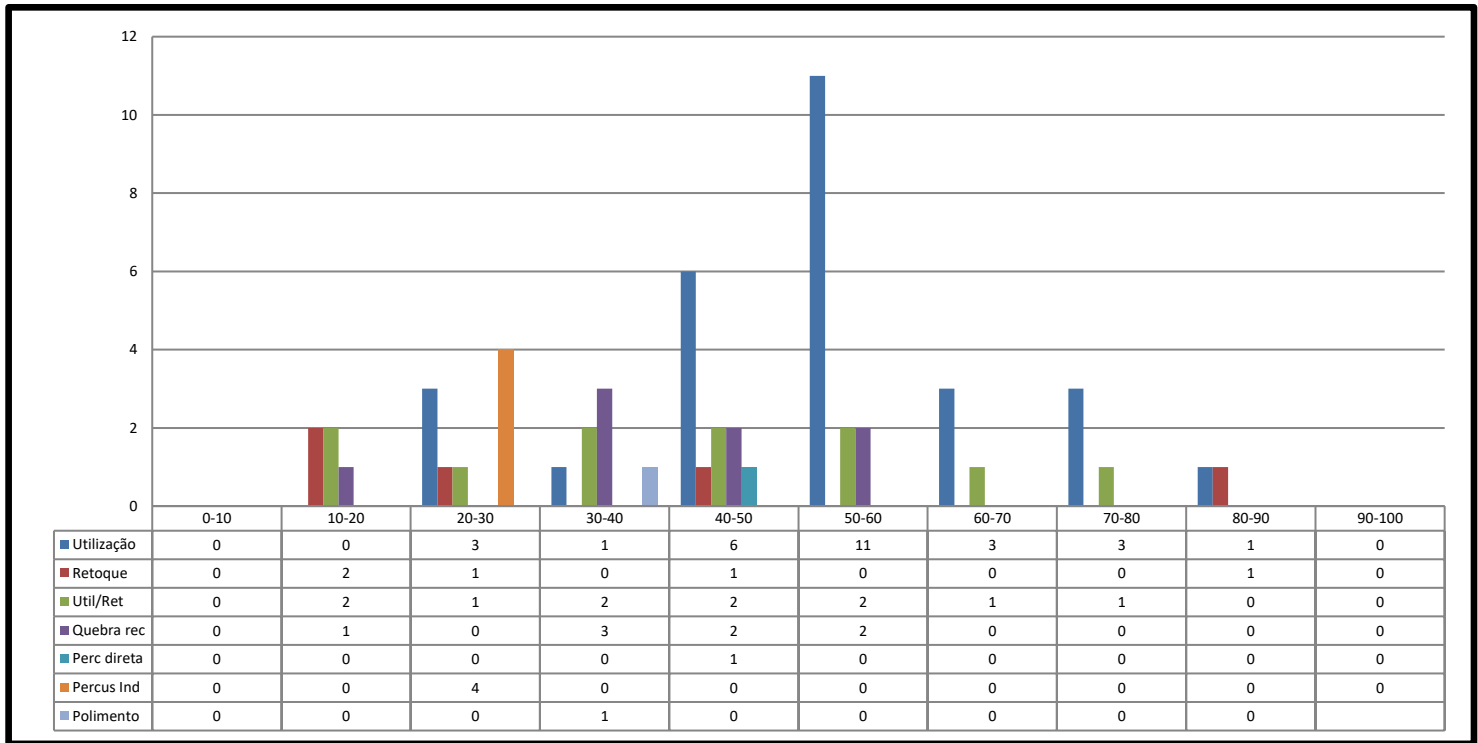


Figura 128: Quantidade das categorias de marcas de uso do material lítico da unidade N10041 E9824, por nível estratigráfico

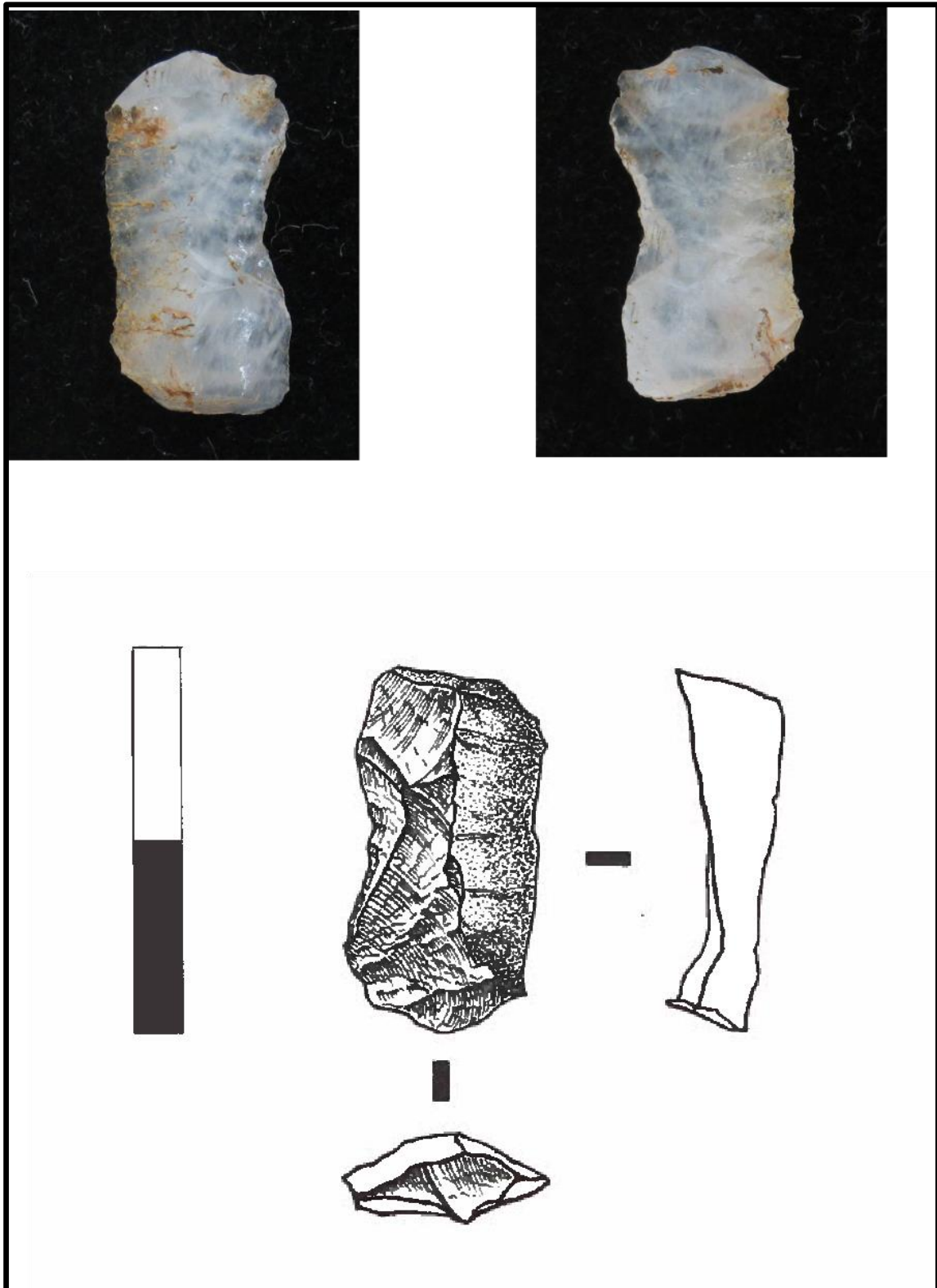


Figura 129- Peça 2208-21: Lasca unipolar em quartzo, com marcas de uso em ambos os bordos ativos



Figura 130 - PN: 2206-105: Lasca unipolar em quartzo leitoso, com retoques em sua extremidade



1cm



1cm

Figura 131– Lascas unipolares de quartzo, Fase Massangana, Unidade N 10041 E9824
Da esquerda, acima, em direção horária: 2207-30; 2207-12, 2207-01, 2207-14 e 2207-25



1 cm



1 cm

Figura 132: Lascas unipolares de quartzo, Fase Massangana, Unidade N 10041 E9824

Da esquerda, acima, em direção horária: 2208-8, 2208-6, 2208-4 e 2208-3:

Quadrícula N9878 E10022 – Área 3

O material lítico da Unidade **N9878 E10022**, possui características bastante semelhantes ao material dos contextos analisados na dissertação de mestrado. A Área 3 compreende a porção do sítio mais densamente escavada por nossa equipe, e que possui duas camadas arqueológicas distintas, uma relacionada à Fase Girau e outra relacionada à Fase Massangana, de acordo com a descrição do capítulo anterior.

O conjunto é composto por 424 objetos líticos, em sua maioria, fragmentos de lascas de quartzo (186). Compõe o conjunto, também, lascas unipolares (144), Lascas bipolares (5), Lascas térmicas (2), Núcleos Unipolares (72) e Peças Brutas (7), como fragmentos de machado, cupuliformes e percutores.

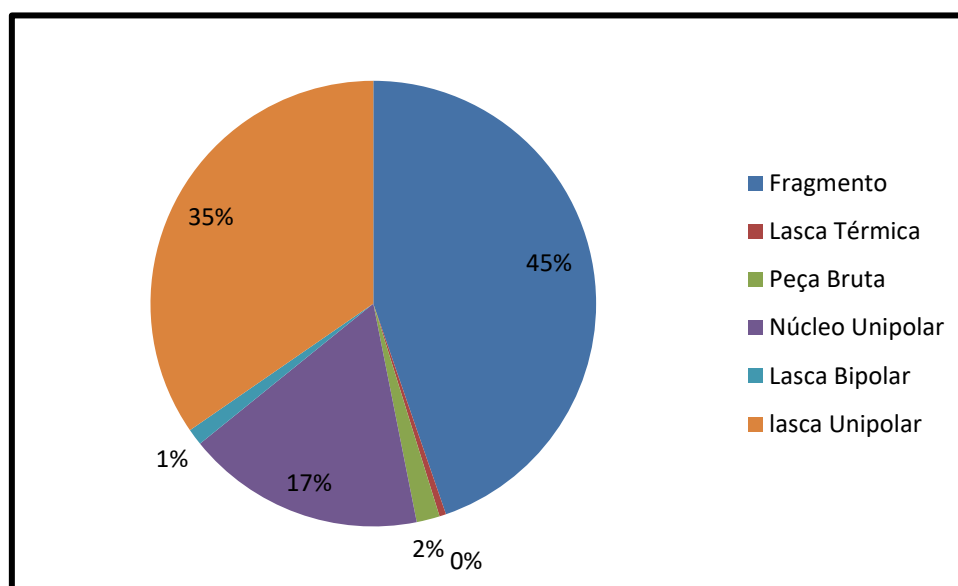


Figura134: Porcentagem dos suportes do material lítico da Unidade N9878 E10022

A indústria da fase Massangana compreende os objetos líticos recuperados entre os níveis 0-10cm e 40-50cm de profundidade. É marcada pela preponderância do uso do quartzo como matéria prima, com a presença pequena de instrumentos polidos e fragmentos de machado. Suas características são muito mais homogêneas do que as marcadas pela fase Jirau, como pode-se ver na figura abaixo.

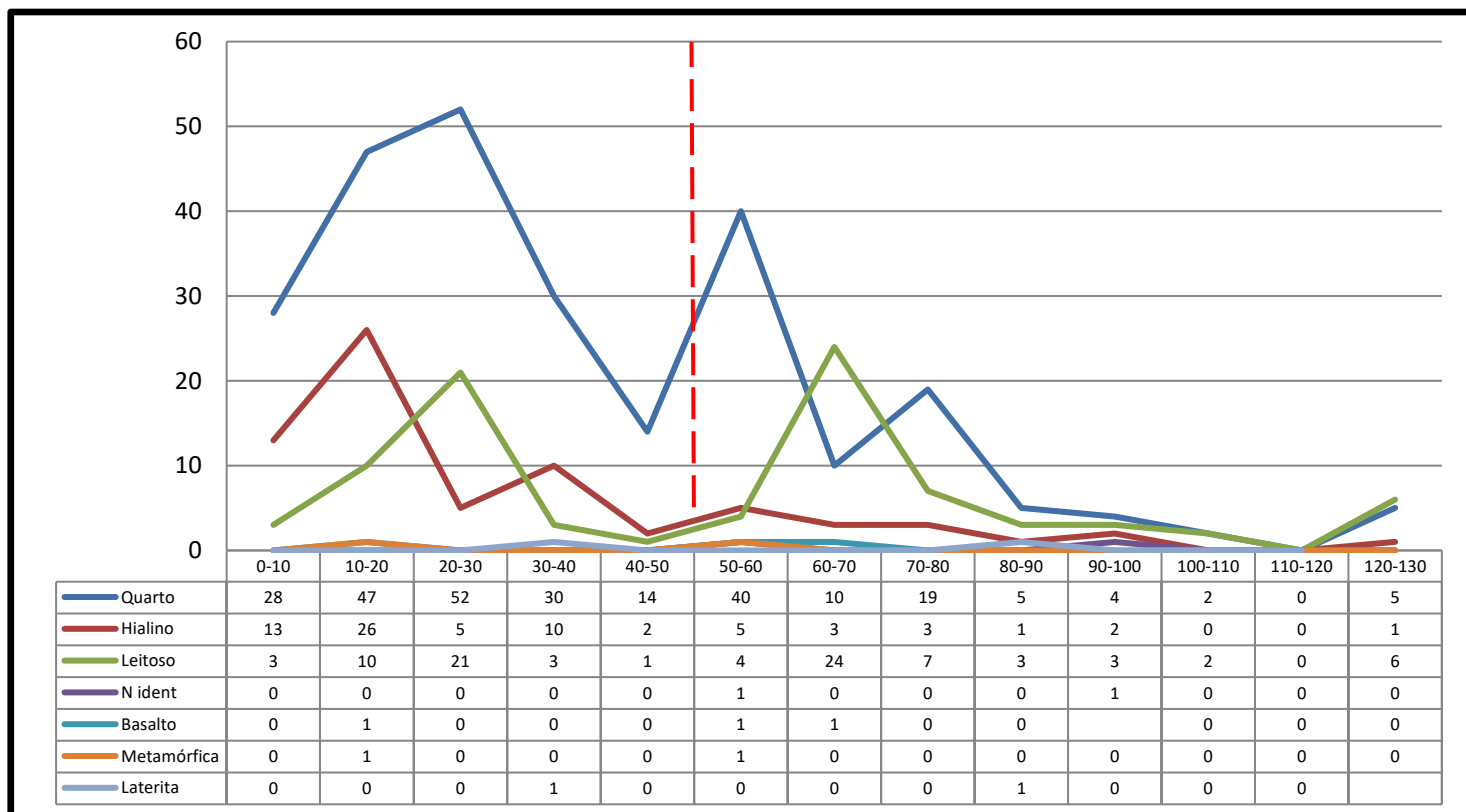


Figura 135: Matéria prima do material lítico da unidade N9878 E10022 por nível estratigráfico

Os dois gráficos (Figuras 66 e 67) indicam, pela quantidade de material arqueológico, pelo menos dois picos claros, uma aos 20cm de profundidade e outro ao redor dos 60cm. Necessitamos de mais análises, e compará-las com as outras unidades, mas dada a longa estratigrafia do perfil, estes picos podem corresponder aos momentos de maior intensidade das duas ocupações, Massangana e Jirau.

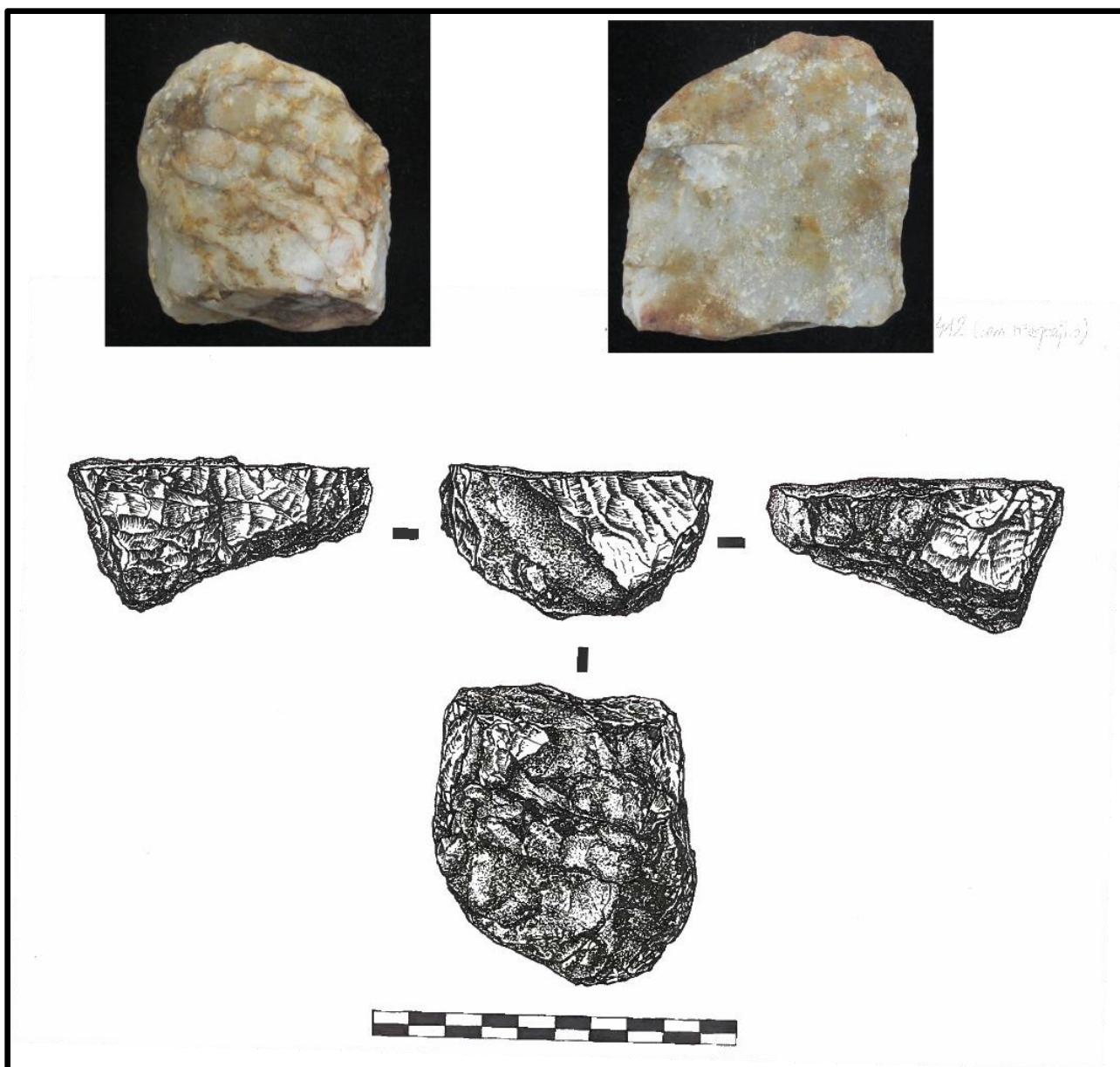


Figura 136- Peça 2412-X. Núcleo de quartzo, com dois planos de percussão, e pelo menos seis retiradas. Relacionado ao início da camada Girau

No último nível, o mais profundo, há um claro, ainda que pequeno, aumento na quantidade de todas as categorias de material lítico. Esse nível encontra-se diretamente em contato com a rocha laterítica, e na análise de perfil inclusive o identificamos como outra camada, de coloração mais escura do que a anterior. É necessário olhar melhor para este material, mas pode ser que estes indícios, o aumento da quantidade de material, e a mudança nas características do solo, correspondam à ocupação do Holoceno Inicial no Teotônio. É desta camada que obtivemos a datação de 9440 AP.

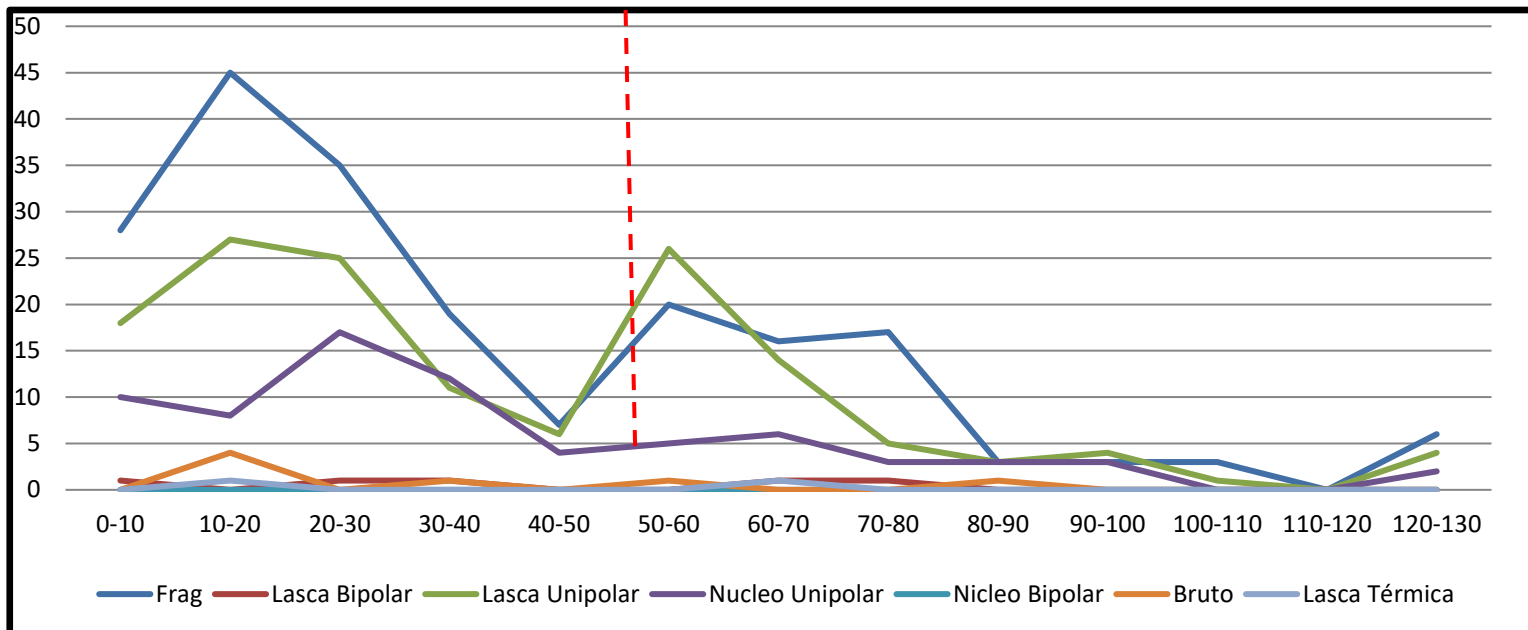


Figura 137: Categorias de suporte do material lítico da Unidade N9878 E10022 por nível

No gráfico da figura acima pode-se perceber que a partir dos 50cm de profundidade, a quantidade de lascas unipolares e de fragmentos se entrecruza algumas vezes, mantendo constante a quantidade de Núcleos e de peças brutas identificadas. O importante, a meu ver, neste gráfico, é mostrar que há uma constância na relação entre os suportes durante o período Massangana, e que na estratigrafia, quando não há Terra Preta, há uma mudança no padrão de distribuição dos mesmos.

O decaimento repentino aos 40-50cm de profundidade, provavelmente tem a ver com o piso, que é formado por uma grande quantidade de estruturas de combustão e de rochas magmáticas, dispostas intencionalmente, falei dele mais detalhadamente no capítulo anterior.

Sobre o tamanho das peças, pode-se ter uma noção mais completa no Anexo 06, mas o gráfico do cumprimento médio dos três principais suportes, apesar de extremamente alterado pela falta de material no nível 110-120cm, mostra um pico interessante em relação ao tamanho do material na fase Jirau, ao redor dos 70cm de profundidade.

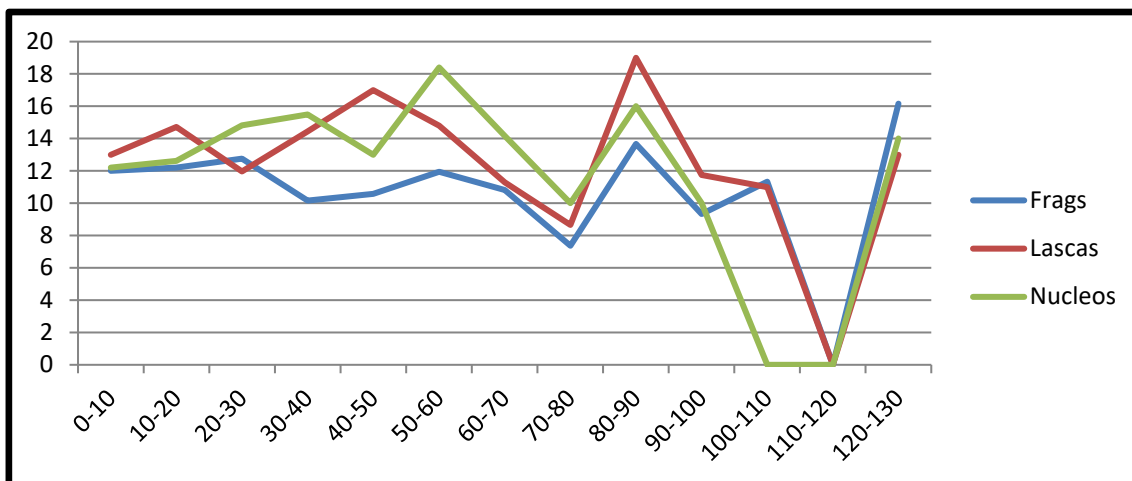


Figura 138 – Gráfico do comprimento médio dos artefatos líticos da Unidade N9878 E10022 por nível estratigráfico

Como pode-se ver, um dos principais intentos nesta tese é, confirmar de fato a existência de uma camada arqueológica mais antiga do que a fase Massangana, e por isso a ênfase na análise dos atributos em relação à estratigrafia. No entanto, entre os Anexos 13 e 15, pode-se ter uma ideia mais concreta dos demais atributos específicos, como os dados sobre as lascas, os tipos de talões, os núcleos e os objetos líticos modificados pelo uso.

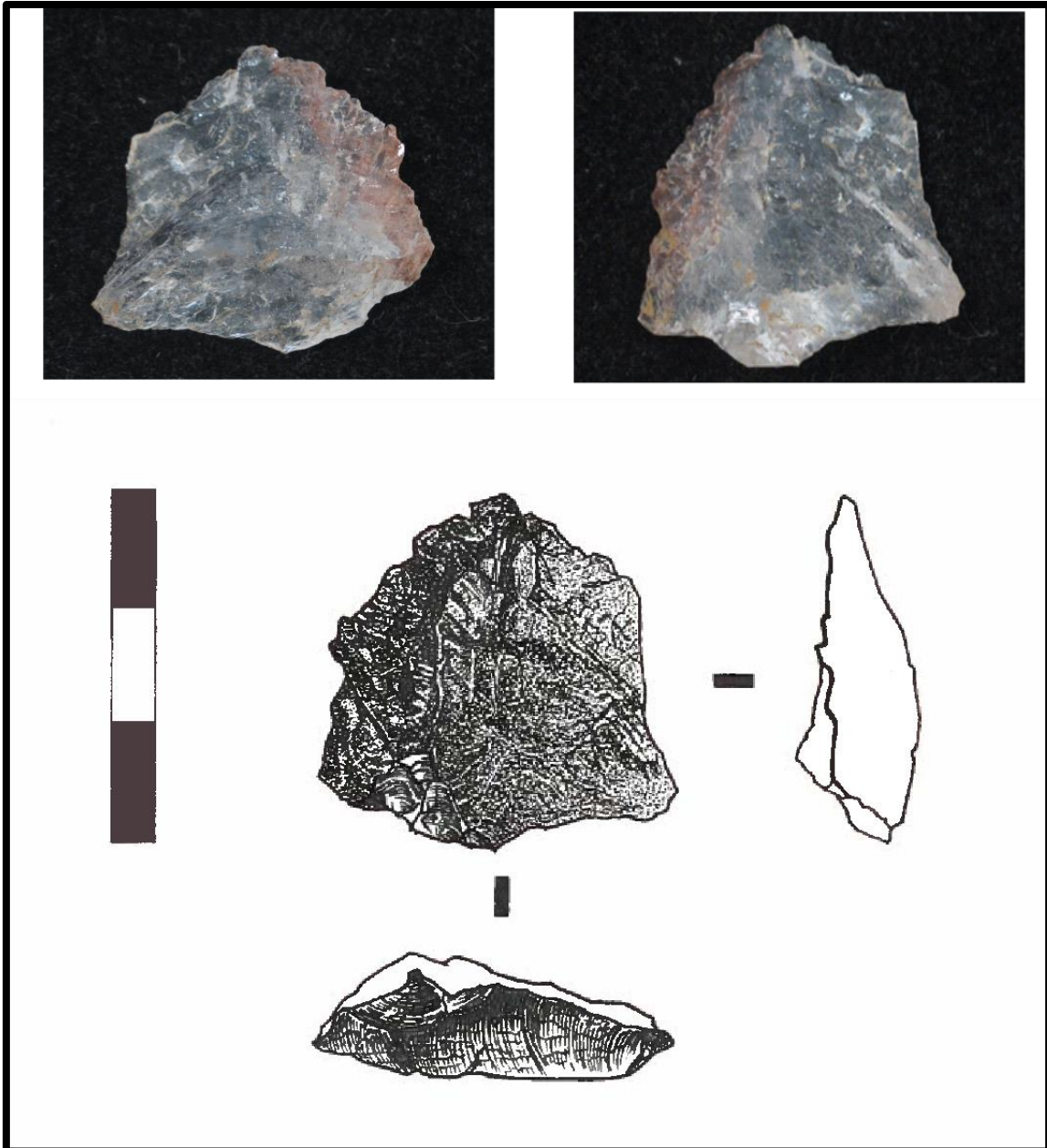


Figura 139- Peça 2412-50 – Lasca unipolar de quartzo, talão cortical, possui pelo menos 25% de córtex presente em sua face exterior. As marcas de negativo na face exterior parece ter sido oriunda do impacto da retirada da lasca. Camada Girau : 50-60cm

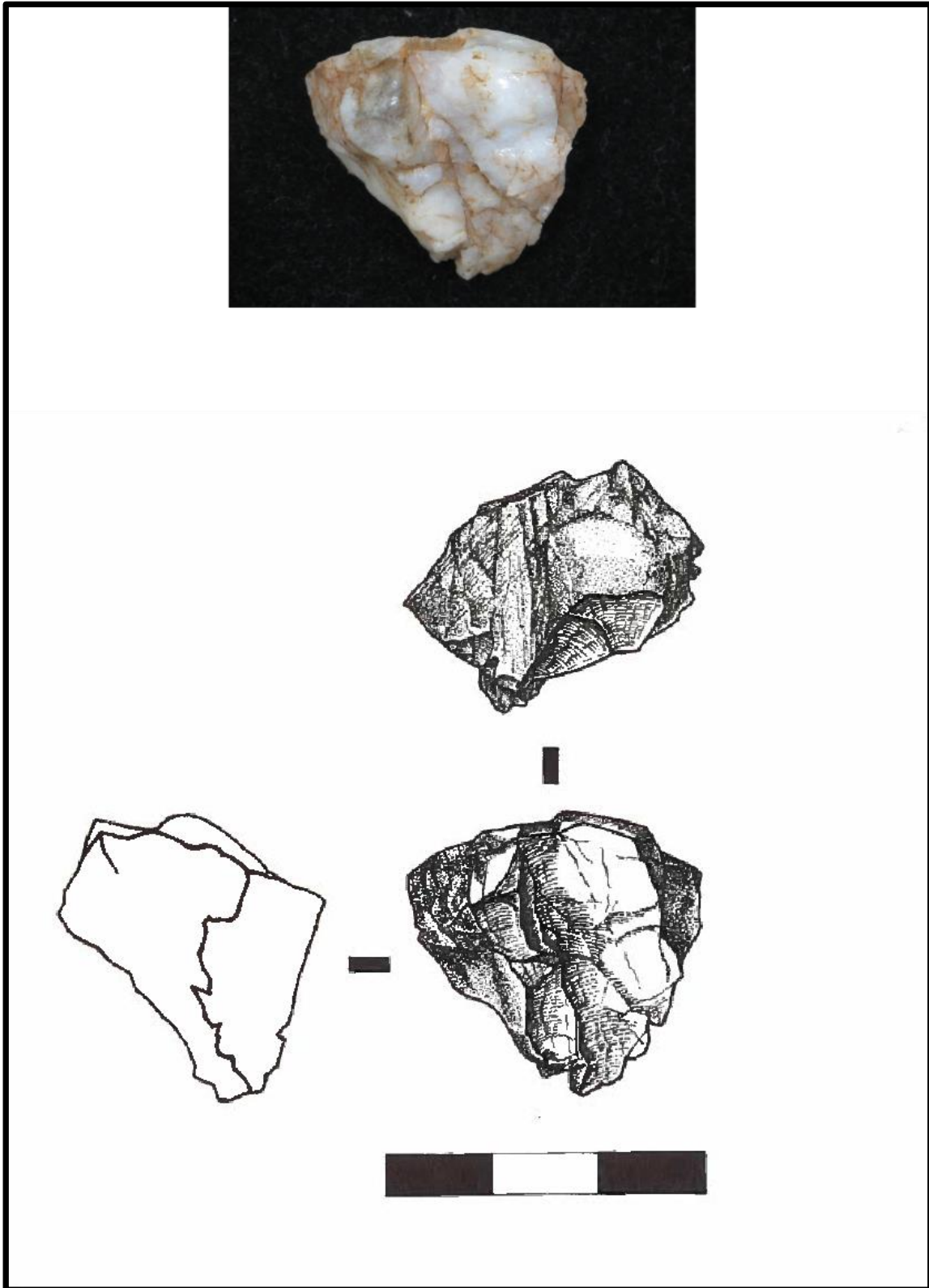


Figura 140- Peça 2416-9- Núcleo de quartzo com um plano de percussão e pelo menos duas retiradas.
Camada Girau – Nivel 80-90cm



1cm



1cm

Figura 141 – Lascas unipolares de quartzo da Fase Massangana

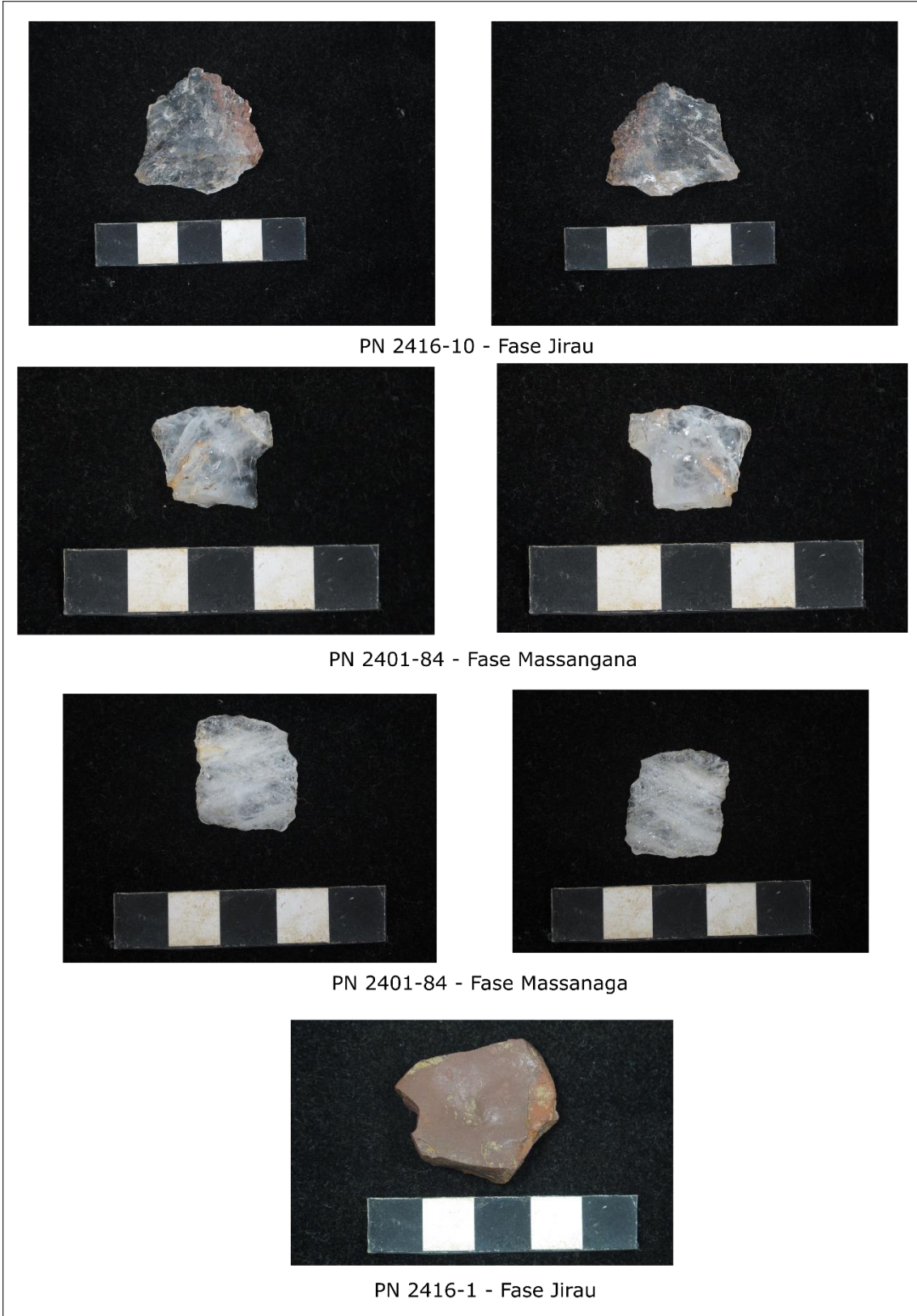


Figura 142- Instrumentos com marcas de uso. Os três primeiros são lascas unipolares de quartzo, e o último é uma placa de laterita, como marca de abrasão em uma das faces, caracterizando um cupuliforme (quebra-coquinho)

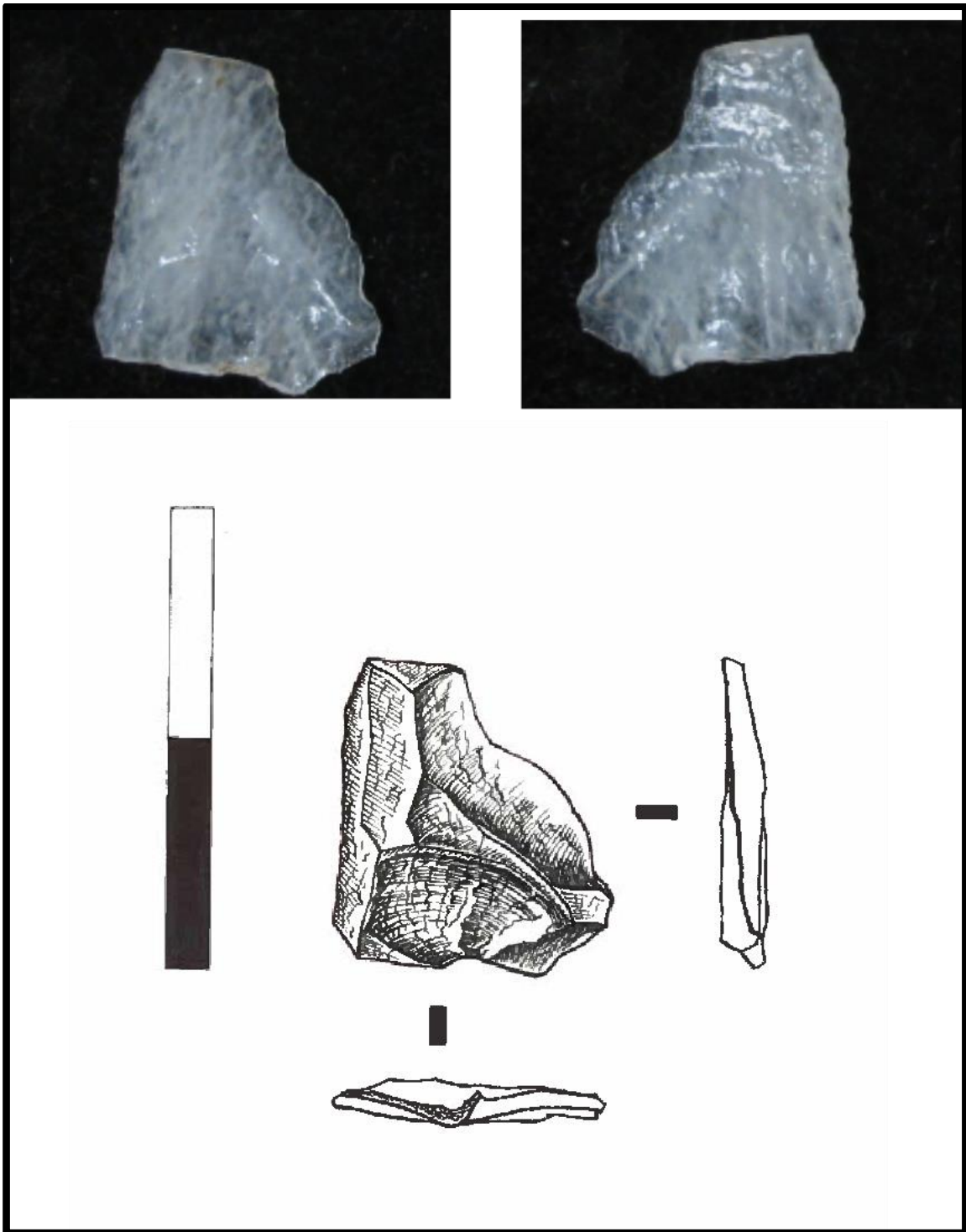


Figura 143– Peça 2412-4. Lasca unipolar de quartzo, talão liso parcialmente fragmentado, possui marcas de utilização em seu bordo esquerdo



A partir da esquerda, acima, em sentido horário: 2412-50; 2412-49; 2412-02; 2412-04; 2412-27

Figura 144 – Lascas unipolares, do nível 50-60cm, da Fase Girau

Quadrícula N9877 E10022- Área 3

Esta quadrícula encontra-se adjacente à quadrícula relatada acima, sentido Sul. As características da indústria lítica de modo geral são bastante parecidas aos materiais da quadrícula N9878 E10022. Do ponto de vista estratigráfico, a composição e profundidade das camadas é igual, e o destaque desta quadrícula é uma estrutura de combustão que foi evidenciada com 40cm de profundidade, relacionada ao material Massangana.

Foram analisados 498 fragmentos líticos nessa quadrícula, configurando-se a quadrícula com maior quantidade de material lascado no sítio. O pico de material lítico encontra-se entre os níveis 20cm e 50cm, que correspondem ao cerne da ocupação Massangana, em Terra Preta. Abaixo dos 50cm, assim como na quadrícula N9878 E10022, as indústrias líticas encontram-se fora da Terra Preta, portanto está relacionada à Fase Girau.

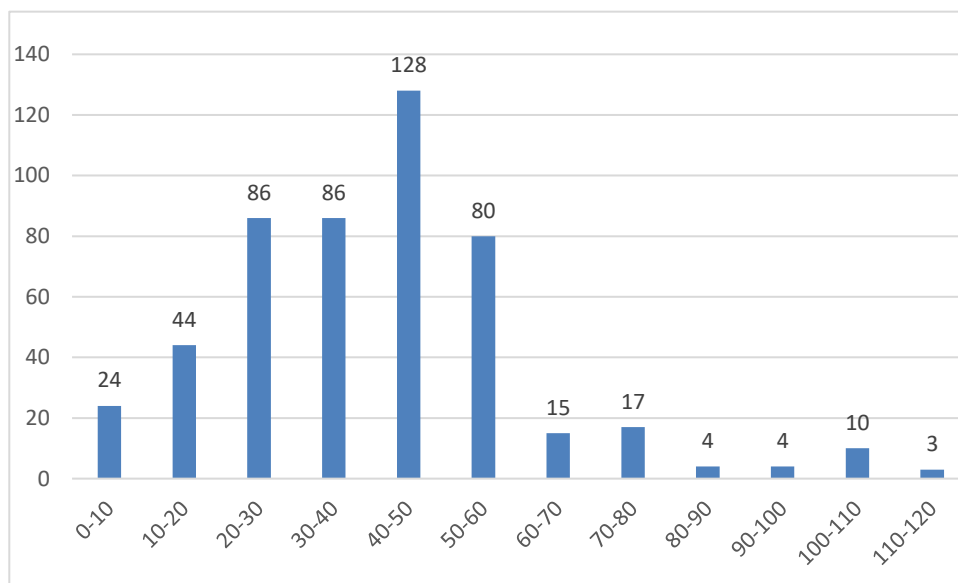


Figura 145 - Quantidade de fragmentos líticos por nível na unidade N9877 E10022

Da mesma maneira, no gráfico da quantidade de material lítico, há um decaimento grande nos níveis estratigráficos entre 60cm e 120cm, ainda que continuem aparecendo, no registro até 80cm de profundidade com uma quantidade considerável. No último nível, que corresponde à camada datada em 9440 AP, existe um leve aumento da quantidade de material lítico que não corresponde à propensão de declínio da quantidade. Assim como interpretei para a unidade adjacente, há um forte indício para dizer que o leve aumento da

quantidade de lascas nesta camada represente o processo inicial de colonização deste sítio por populações originárias.

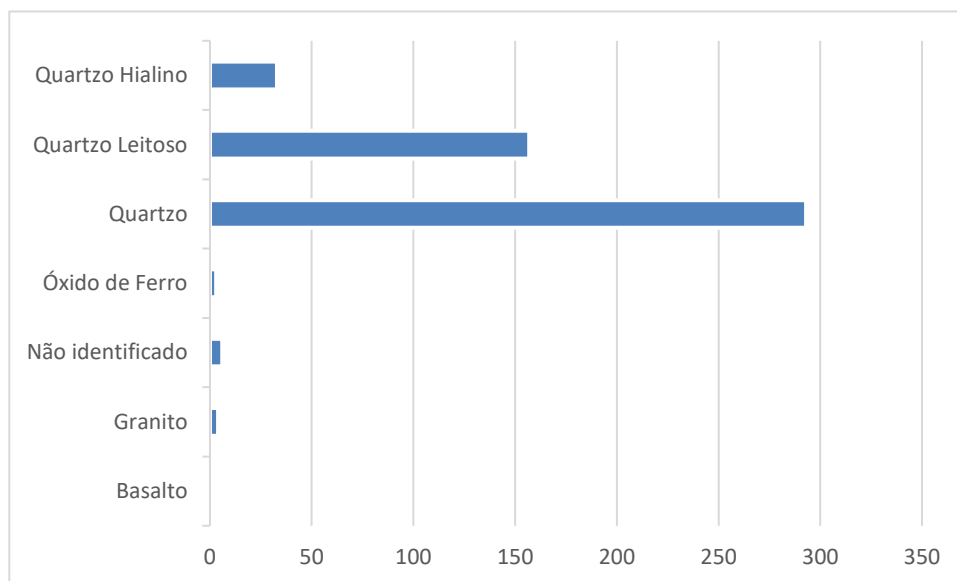


Figura 146 – Valores de matéria-prima na quadrícula N9877 E10022

No que diz respeito à matéria prima, permanece existindo uma preponderância do quartzo sobre os demais, e sobre suas variações (hialino e leitoso). A proporção entre os mesmos é praticamente igual nas camadas relacionadas à Fase Massangana, e também na Fase Girau. Neste aspecto, confirma o que afirmamos desde 2015 de que a matéria-prima não é um indicador primordial para a diferenciação tecnológica, e que as populações do Holoceno Inicial estavam usando provavelmente as mesmas fontes de matéria-prima que as populações do Holoceno Médio.

A existência de algumas matérias-primas como basalto granito e as peças “não identificadas” diz respeito à fragmentos de peças grandes polidas, muito provavelmente machados, como demonstrado na figura abaixo. Uma peça semelhante a 2416-1, de rocha laterita, possuía marcas de abrasão em uma de suas extremidades, e mostra que ainda que em quantidade diminuta, algumas rochas naturais da base do sítio estavam sendo utilizadas pelas populações da duas Fases.

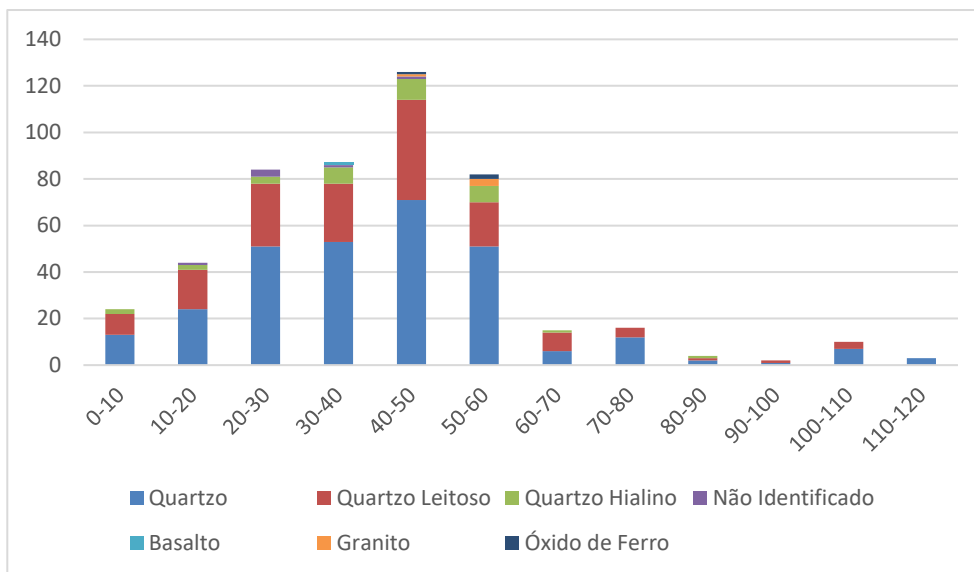


Figura 147 – Incidência de tipos de matérias-primas por nível estratigráfico – Quadrículo N9877 E10022

Em relação aos suportes, não há também uma variação drástica entre a relação de lascas unipolares, núcleos unipolares e fragmentos, que são os componentes mais importantes da coleção. As peças brutas (cupuliformes) aparecem pontualmente aos 20cm de profundidade, e entre 40 e 60cm, trata-se de blocos de tamanho médio, com marcas de percussão indireta, e que podem ter sido usados tanto no processamento de alimentos, como bigornas, em apoio a atividades de lascamento.

O nível 50-60cm de profundidade se destaca por uma grande presença de núcleos unipolares, em comparação aos demais níveis. Esta camada já é considerada como o final da ocupação Girau, encontra-se abaixo das estruturas de combustão descritas no capítulo anterior, mas não parece que seja um marcador determinando da diferença entre as duas culturas.

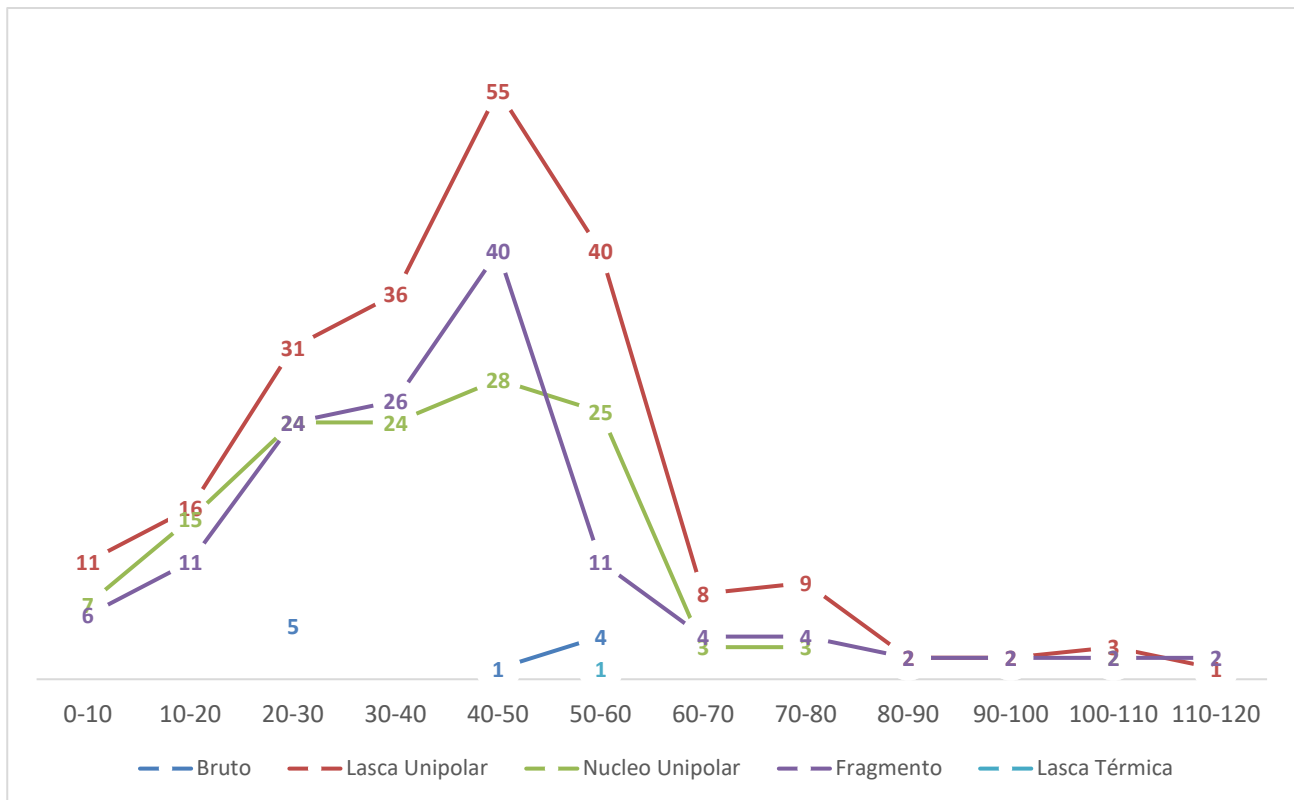


Figura 148 – Incidência de tipos de suportes por nível – quadrícula N9877 E10022

	Ausente	Utilização	Retoque	Util/Ret	Quebra recente	Percussão direta	Percus Indireta	Polimento
0-10	18	2			4			
10-20	10	4		2	2			
20-30	72	5		4	2			1
30-40	74	5	2	2	3		1	
40-50	109	8	2	5	3			
50-60	68	7		3		1	2	2
60-70	12	3						
70-80	13	3						
80-90	2	1		1				
90-100	2			1				
100-110	6			1				
110-120	3							

Tabela 3 – Valores totais de modificações das peças, por nível estratigráfico – Quadrícula N9877 E10022

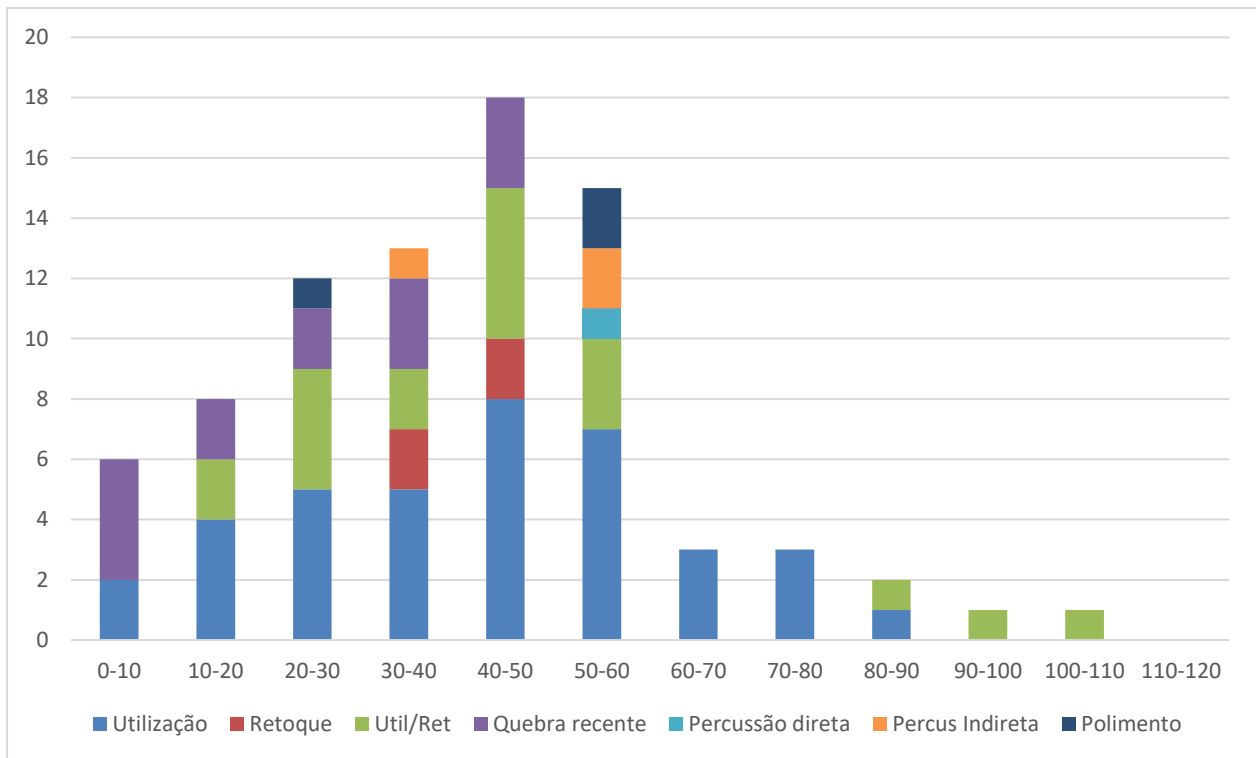


Figura 149 – Incidência de tipos de modificação do material lítico por nível estratigráfico – Quadrícula N9877 E10022

A análise da incidência de modificações no material lítico também mostra uma relativa estabilidade entre os atributos. Nas duas camadas, Girau e Massangana, é possível perceber a presença de lascas com marcas de utilização e com retoque. A tônica geral que envolve uma maior quantidade de material na camada Massangana é bastante visível em todos os atributos; os artefatos brutos que possuem marcas de percussão direta ou indireta são mais característicos da Fase Massangana, mas também se encontram no final da fase Girau, no nível 50-60cm.

Se comparado o número total de fragmentos desta quadrícula, com os que tiveram algum tipo de modificação, tal qual o atributo foi definido acima, há uma relativa estabilidade em quantidade durante a Fase Massangana, mas não em proporção. O nível 60-70 cm, da camada Girau, apresenta uma quantidade muito grande de fragmentos líticos com marcas de uso em núcleos, lascas unipolares e fragmentos de lasca.

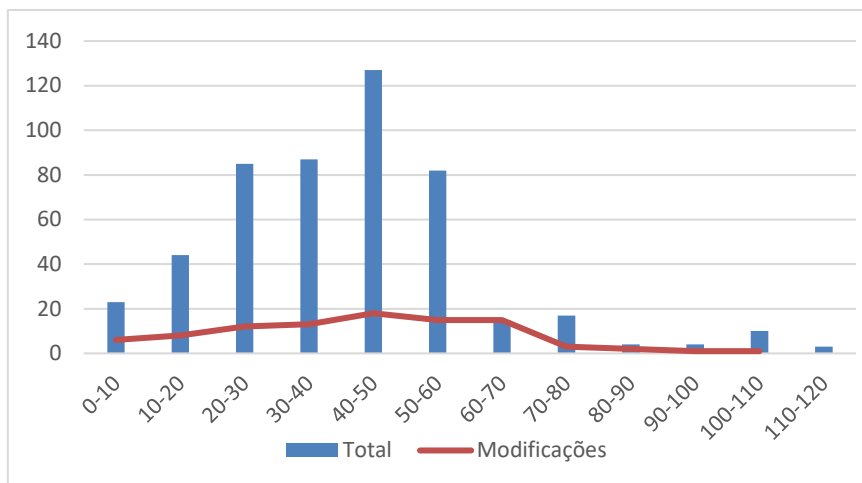


Figura 150 – Incidência total de material lítico na quadrícula N9877 E10022, por nível estratigráfico. Na linha vermelha, quantidade total de peças com modificações.

Em relação às lascas desta quadrícula, todas são provenientes de lascamento unipolar, e grande maioria dos talões são corticais. Aliás, a presença de córtex é uma das características deste material, como um todo no sítio, e que explica grande parte do fato de ser uma cadeia operatória com curtas etapas, que preza pela obtenção de lascas com bordos afilados para distintos usos; também revela o fato das matérias-primas originais não serem de tamanho grande. É preponderante a presença de lascas com até 1/3 do córtex aparente em superfície, relação que aparenta não mudar drasticamente entre as camadas Massangana e Girau.

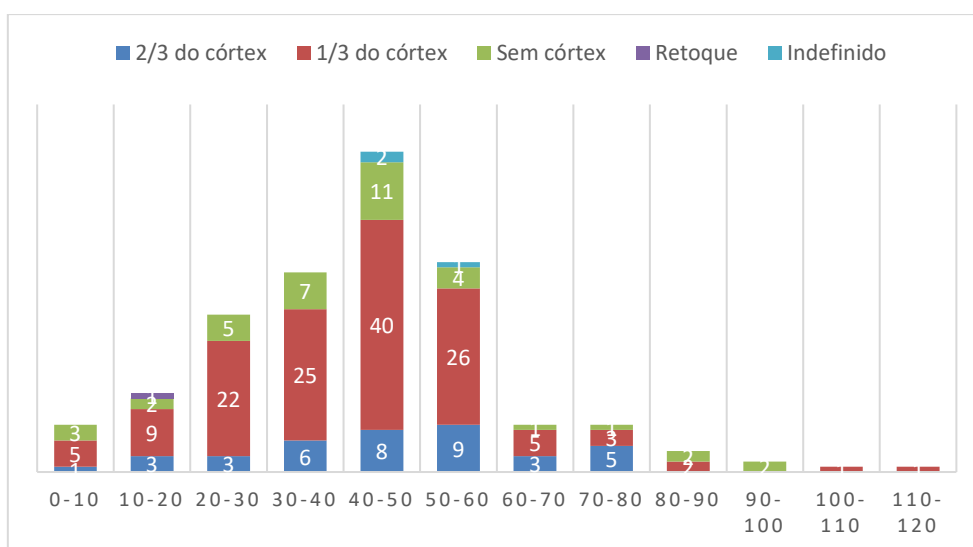


Figura 151 – Presença de córtex em lascas, por nível estratigráfico- Quadrícula N9877 E10022



Figura 152 – Lascas de fragmentos de machados. O primeiro corresponde à fase Massangana, e os dois últimos estão na camada Girau.

Ainda sobre esta quadrícula, os 138 núcleos analisados possuem tamanho um pouco superior aos das lascas com uma média de 14,72mm x 15,33mm x 10,57mm. Em maioria, o formato é retangular, de acordo com as especificidades da matéria-prima, um quartzo de veio proveniente provavelmente das áreas de cabeceira dos igarapés. Os pequenos blocos são bastante utilizados, e apesar de possuírem muito mais fragmentos com duas marcas de retiradas, há uma alta incidência de esgotamento dos núcleos, representados na Figura abaixo pelo campo de quatro e cinco retiradas.

Número de Retiradas	Quantidade
5 ou mais	11
Quatro	14
Duas	45
Três	38
Uma	29

Tabela 4 – Quantidade total de núcleos divididos pelo número de retiradas- Quadrícula N9877E10022

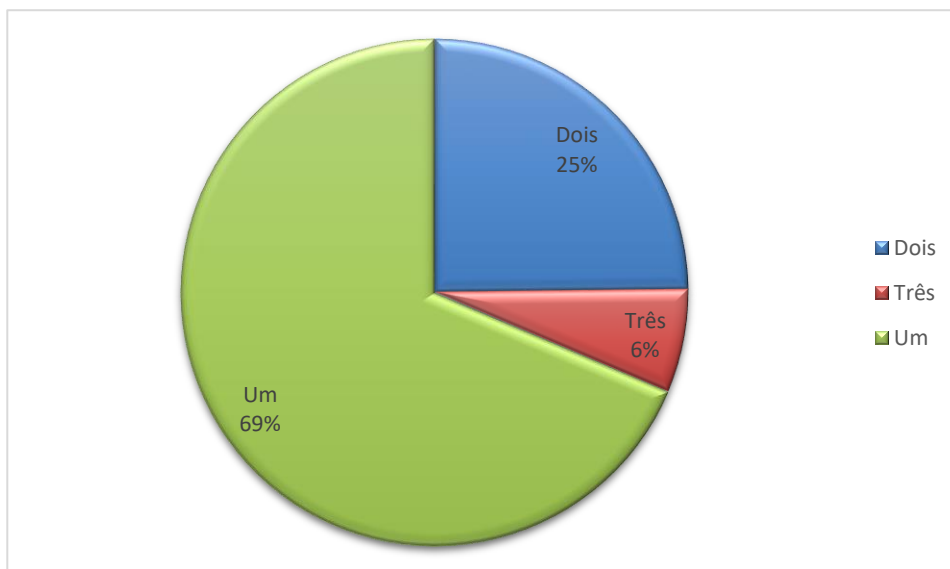


Figura 153 – Número de planos de percussão identificados em núcleos – Quadrícula N9877 E10022

A presença de rochas de tamanho diminuto, que aparecem com até até três planos de percussão exemplifica esse mecanismo de esgotamento dos núcleos, que são maximizados como fontes de matéria-prima para produção das lascas. Ao mesmo tempo, 4 núcleos esgotados foram evidenciados no registro com marcas de utilização, todos nas camadas da Fase Massangana: um no nível 20-30cm, um em 30-40cm e outros dois nos

níveis 40-50cm. A presença de marcas de uso em núcleos da Fase Massangana foi o único indício de diferenciação tecnológica encontrado entre as duas Fases, na coleção analisada.

Quadrícula N9880 E10022 – Área 3

Esta quadrícula possui uma relação volumétrica menor do que as anteriores, pois foi escavada apenas até a profundidade de 60cm. Sua escavação se encerrou a esta profundidade pois nosso objetivo, no campo de Agosto de 2016 e de Maio de 2017 era expandir e melhor compreender as camadas relacionadas à Fase Massangana; assim várias quadrículas desta unidade, da Área 3, pararam de ser escavadas entre 50 e 60 cm de profundidade.

A análise desta quadrícula, portanto, não englobará dados substanciais acerca da camada Girau, ainda que o nível estratigráfico 50-60cm já não seja composto por Terra Preta. O interessante desta quadrícula é que o padrão da indústria lítica do Massangana, apesar de distantes 2m das outras quadrículas analisadas, possui características bastante distintas no que diz respeito à distribuição dos artefatos.

Foram identificados e analisados 368 fragmentos de material lítico lascado e polidos, que em linhas gerais apresentam características semelhantes aqui já apresentadas no que diz respeito à proporção de matéria-prima, com grande predominância de Quartzo sobre suas variações, e poucos ainda que presentes instrumentos brutos de rochas metamórficas. Quero dizer que, pela proporção de quantidade de suportes, e os tipos de instrumentos encontrados, não vejo uma diferença na cadeia operatória que justifique dizer que este conjunto é diferente dos demais da Fase Massangana

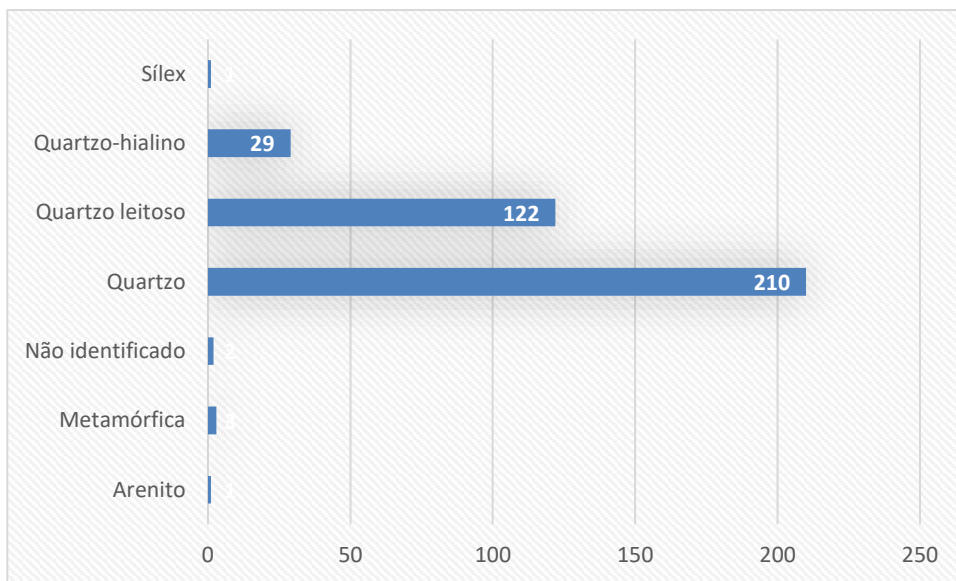


Figura 154 – Valor total de instrumentos por matéria-prima – Quadrícula N9880 E10022

O que acredito que esteja acontecendo é que este espaço provavelmente foi utilizado com outro fim por parte destas populações. Se observarmos quantidade de material lítico por nível estratigráfico, a tônica geral das quadrículas analisada até aqui na Área 3 mostravam um aumento crescente da quantidade de material lítico até o nível 40-50cm, caracterizado por um pico, e logo uma pequena depressão em 50-60cm, e então o forte decaimento da quantidade de material da Fase Girau.

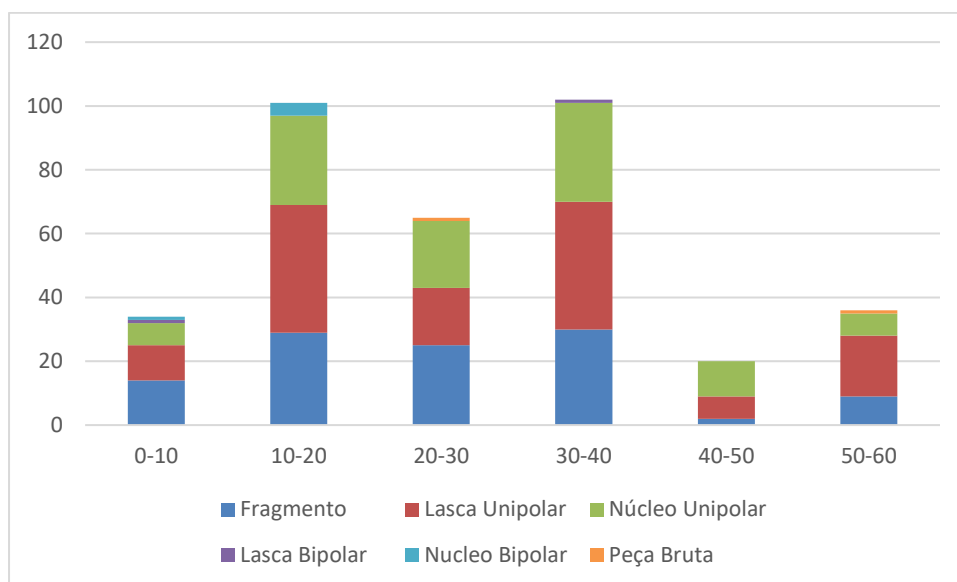


Figura 155 – Categoria suportes por nível estratigráfico – N9880 E10022

Nesta quadrícula, estas quantidades são bastante diferentes. Como pode-se ver na Figura acima, não há uma tendência crescente desde a superfície até o nível 40-50cm, e sim dois picos de grande quantidade de material em 10-20cm e 30-40cm, ainda que as

proporções permaneçam as mesmas. No que diz respeito aos instrumentos com marcas visíveis de modificação, o padrão é o mesmo, e a maior quantidade de lascas, núcleos e fragmentos com marcas de uso não se dá no quinto nível estratigráfico, encontra-se dissipado ao longo do perfil, com estes dois realces no segundo e no quarto nível.

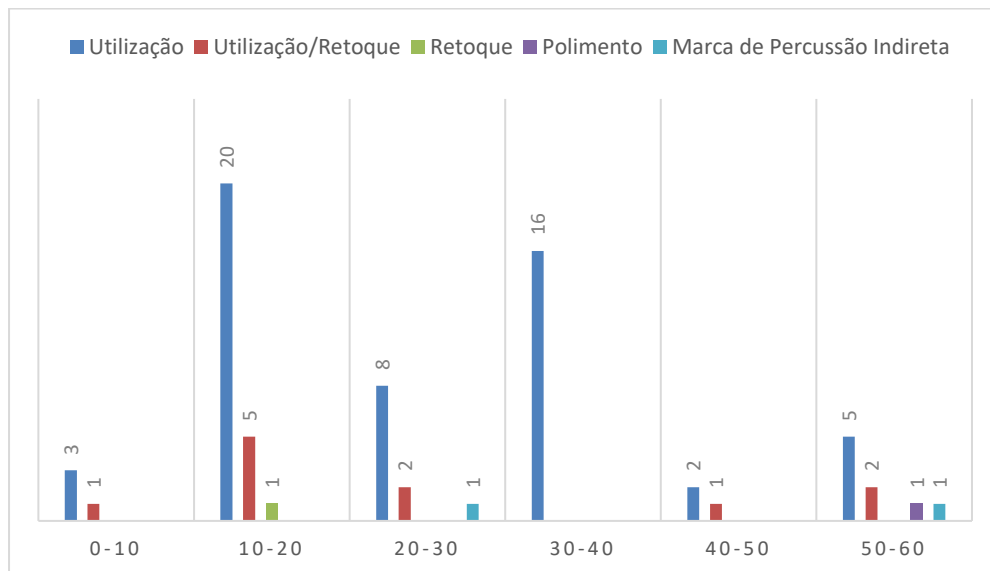


Figura 156 – Incidência de tipos de modificação, por nível estratigráfico – Quadricula N9880 E10022



Figura 157 – Vista geral da área de Escavação 3 – Em vermelho, a área interna da Fase Massangana, e em marrom, a localização da quadricula N9880 E10022

Acredito que essa diferença, que não se dá do ponto de vista tecnológico da cadeira operatória, ou dos objetos que se encontram presentes, é reflexo de uma organização espacial distinta. Como falei no capítulo anterior, esta área de escavação localiza-se no sítio em um local com uma grande quantidade de rochas de laterita, do tipo matacões, dos quais alguns acreditamos terem sido movidos, e outros não. No que diz respeito à fase Girau, essa preferência pela área de ocupação de um espaço “interno” à estas rochas é muito mais claro, nas camadas da Fase Massangana, é um pouco mais difícil de perceber.

Evidenciamos um piso da Fase Massangana que começa aos 30 cm de profundidade, e cujos vestígios se encontram-se na base dos 40cm, e que é caracterizado por fogueiras com fragmentos de madeira carbonizada de grande porte, e pelo arranjo de rochas em formato semicircular. Nesta área onde escavamos 15m², esses vestígios concentram-se apenas na área que indico com a cor vermelha nas figuras de cima de baixo, e que aparenta estar delimitada pela presença de alguns destes grandes matacões de laterita, rocha basal do sítio.

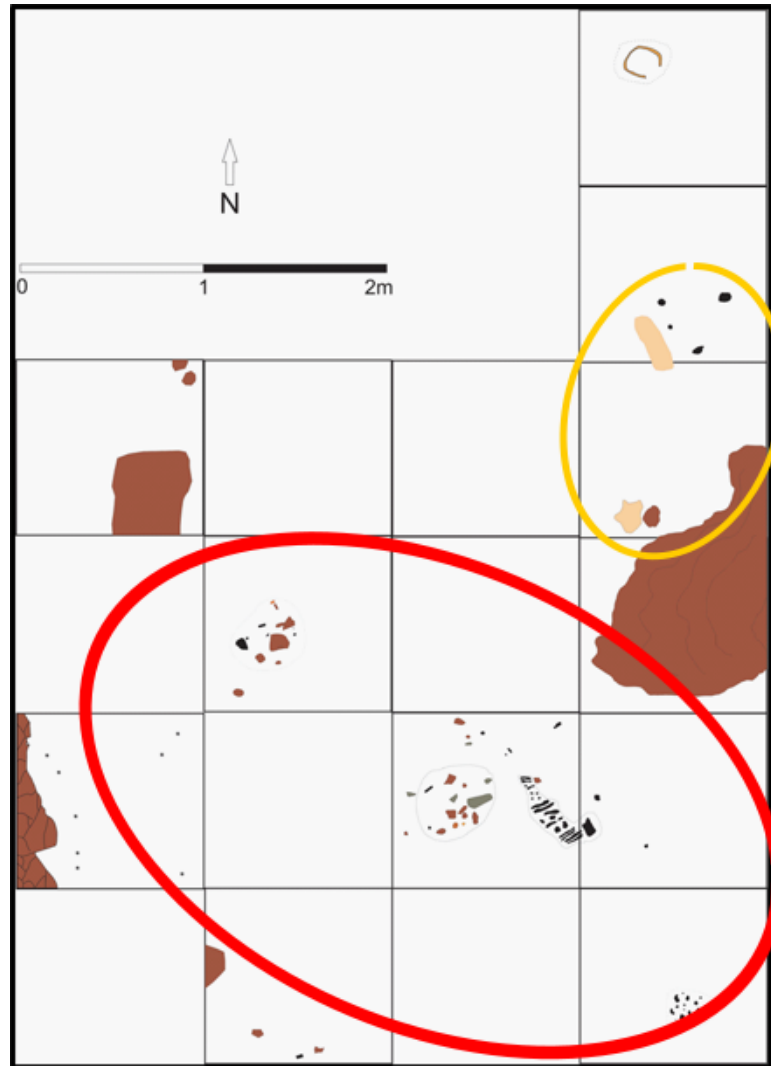


Figura 158 – Croqui da base do nível 30cm na Área de Escavação 3. Em vermelho, área interna da Fase Massangana, com as estruturas, e em Amarelo área externa da fase Massangana, da quadrícula N9880 E10022

Do ponto de vista da escavação, a quadrícula aqui analisada não apresenta nenhuma estrutura deste tipo, e além disso possui uma configuração da quantidade do material lítico bastante distinta das demais analisada, que se encontram dentro da área “Interna”. No capítulo seguinte, ao realizar um apanhado geral das ocupações Girau e Massangana no sítio, falarei mais sobre a possibilidade de estarmos tratando de uma unidade habitacional Massangana e outra Girau, que se encontram sobrepostas, marcando um local de que está sendo reocupado ao longo de todo o Holoceno.

Capítulo 4- Considerações sobre as Fases Massangana e Girau

Em um sítio de 50 hectares de Terra Preta, a céu aberto na Amazônia, considero que ter encontrado camadas pré-ceramistas bastante pontuais uma vitória da nossa equipe. E os poucos estudos que temos a respeito destas ocupações holocênicas sempre fazem com que olhemos para estes contextos com cuidado extra, o que por um lado é bom, porque me forçou a buscar elementos mais concretos para poder descrever as culturas arqueológicas antigas do sítio Teotônio.

Neste capítulo, tentarei fazer um resumo dos dados que já coletamos para estas antigas ocupações, e delinear algumas considerações sobre o que considero que ainda seja necessário avançar. Como vocês verão, algumas pontas continuarão soltas com a conclusão desta tese, mas que do meu ponto de vista se explica muito mais pela complexidade do registro, do que pela incapacidade de resolvê-las. A equipe do PALMA continua indo a campo, e novos dados estão sendo produzidos a todo o momento.

Ao mesmo tempo, já é possível fazer algumas afirmações no que diz respeito à descrição destas culturas arqueológicas, e principalmente localizá-las no contexto latino-americano, que é o que tentarei fazer no próximo capítulo.

4.1- A Fase Girau

As camadas mais profundas do sítio, compostas de material lítico lascado e fragmentos de carvão, presentes sobre a rocha basal e no latossolo amarelado representam os indícios mais antigos da ocupação humana na bacia do alto Rio Madeira. Sua presença no sítio é bastante pontual, e de fato só a escavamos na base da Área de Escavação 3, sob a estrada que corta o sítio, abaixo da camada Massangana.

Foram feitas três datações no contexto que acreditamos ser da Fase Girau, e estou trabalhando com a hipótese de que apenas uma das amostras seja representativa da camada realmente. A amostra do PN 4613, que estava a 130cm de profundidade, não gerou uma data no laboratório por extrapolar os limites da datação do carbono 14, o que parece indicar que em algum momento houve contaminação. A amostra do PN4611, que é de **5120±30** foi coletada a 120 cm de profundidade, justamente ao lado de uma bioturbação identificada no perfil da Figura 160. O problema desta data é que ela se encontra abaixo, estratigraficamente, das datas do Holoceno Médio da fase Massangana,

sendo mais recente do que elas. Acredito que houve, por processos naturais, uma inversão estratigráfica, e que a amostra tenha percolado devido à bioturbação.

E por fim, a amostra 3463, que foi coletada na base da Área de Escavação 3, e indicada nas imagens abaixo, e deu um resultado de **9400 \pm 30 AP**. Este carvão foi evidenciado em uma fina camada de solo de coloração um pouco mais escuro, quase no contato do latossolo com a rocha basal. É uma camada onde há uma quantidade um pouco maior de material lítico do que nos níveis anteriores, como mostrado no capítulo anterior, e é a amostra mais profunda que temos nesta região do sítio.

Sem dúvida, é necessário obter uma quantidade maior de amostras de datação, e um campo em Janeiro de 2019 foi realizado com este intuito, as amostras estão aguardando liberação para serem enviadas ao laboratório. No entanto, neste momento tomo a data de 9400 \pm 30 AP como sendo a única data confiável para a fase Girau no Alto Rio Madeira.



Figura 159 – Perfil Oeste da trincheira da Área de Escavação 3, antes da expansão

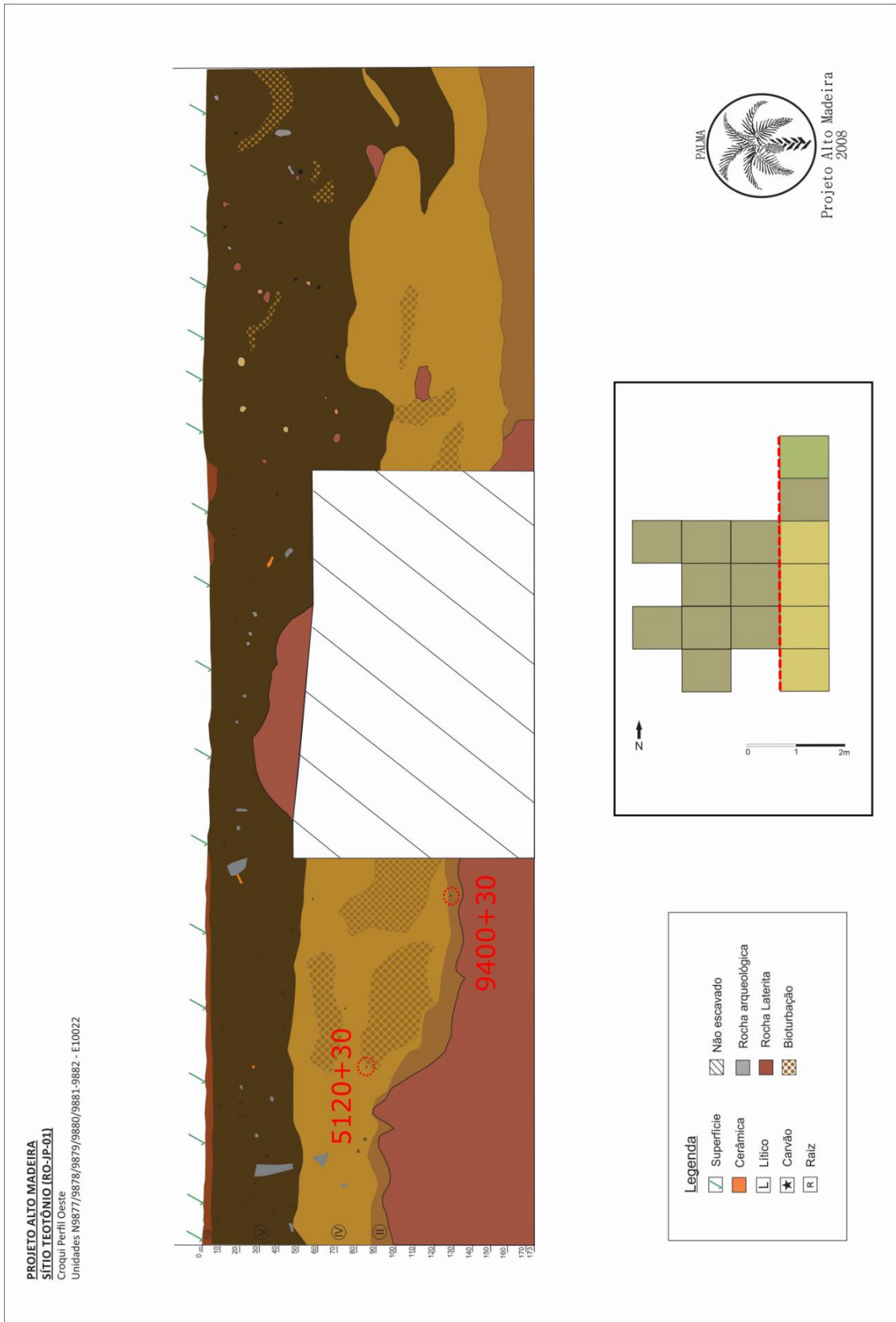


Figura 160- Perfil Oeste da área de Escavação 3. Na linha vermelho, no box, indicação do perfil desenhado na planta baixa as intervenções da área.

É preciso explicar ainda uma série de elementos sobre a fase Girau, que infelizmente não foi possível concluir nesta tese. A sua indústria lítica é, do ponto de vista quantitativo, bastante inferior à fase Massangana, mas apresentam muitas concomitâncias no que diz respeito ao aspecto qualitativo. Quero dizer, em relação à tecnologia, me parece que comportam as mesmas características, uma indústria de lascas unipolares com uma cadeia operatória curta e de rápida manufatura, tendo como base a matéria-prima local de fácil acesso, o quartzo e suas variações.

A permanência das características da indústria lítica em longos períodos não é uma anomalia no registro arqueológico, em outros sítios que possuem estratigrafias longas ao longo do Holoceno, aparentemente sem hiato, há uma tendência à continuidade tecnológica lítica nas terras baixas.

O exemplo mais claro e mais bem estudado me parece o das culturas Vegas e Valdívía, na província de Santa Elena, no litoral equatoriano. Nesta região, pesquisadores (Stothert, 2011; Marcos, 2005; Kanomata, 2019) evidenciaram longas sequências cronológicas que vão desde 9500 AP até o presente, em mais de vinte sítios ao longo da península de Santa Elena. Duas culturas foram identificadas nessa região para o período do Holoceno Inicial e Médio: a Cultura Las Vegas (9400 – 6400 AP) e a cultura Valdívía (6400- 1700 AP.). A cultura Las Vegas é classificada como pré-ceramista, enquanto a cultura Valdívía é um dos exemplos mais clássicos do Período Formativo das Américas, que é quando aparece vilas estruturas, cerâmica e uma incipiente economia agrícola.

Apesar do grande processo de mudança social que ocorreu no período Formativo na província de Santa Elena, Stothert (2011) e Tabarev (2015) mostraram que há uma continuidade entre as duas culturas no que diz respeito à indústria do material lítico. As pequenas mudanças que ocorrem, segundo Stothert, não são mudanças qualitativas no registro arqueológico, e são explicadas muito mais pelo adensamento populacional da Cultura Valdívía, mas o processo de aquisição de matéria-prima, lascamento e utilização das lascas permanece o mesmo durante todo o Holoceno.

O contexto Las Vegas oferece também um exemplo para explicação do rearranjo das rochas evidenciados na Área de escavação 3, como proposto no capítulo 4. Eu acredito que há elementos para afirmar que há um alto grau de antropicidade na

conformação das rochas lateríticas que se encontram abaixo da camada de Terra Preta da Fase Masasangana.



Figura 161 – Escavação da camada Girau na área de escavação 3. Pode-se notar a aglomeração de rochas na porção Oeste da unidade. Na quadricula central, pode-se ver a presença de uma feição redonda, de coloração mais escura. (F.A.)

Essa hipótese se sustenta pelas evidências, como dito no capítulo anterior, de que as populações do sítio Teotônio historicamente trabalham com a laterita como uma matéria-prima, não parar a fabricação de ferramentas, mas provavelmente como marcadores de áreas específicas de uso, como é o caso da Urna da unidade N9947 E10005. Também conta a favor desta hipótese o fato de que os indícios da cultura Girau se encontram apenas na porção da Unidade onde não há rochas deste tamanho, e a superfície do latossolo acaba diretamente na rocha basal. Na imagem acima, onde há rochas de tamanho médio e grande, não há fragmentos de carvão, tampouco lascas de quartzo.



Figura 162: Foto final da Escavação da Área 3, com as rochas sobrepostas na porção Oeste, abaixo da camada de Terra Preta

Esta estrutura “limpa” de rochas de grande porte é relativamente pequena, se considerarmos uma unidade habitacional etnográfica amazônica, ou até mesmo as pouco evidenciadas no registro arqueológico mais recente (Stampanoni, 2017). Falo isso porque imagino que, se esse rearranjo dos blocos for de fato antrópico, acredito estar relacionado à um espaço, se não de habitação, de íntima relação social, pois as rochas estariam delimitando um espaço interno, em contraposição ao um espaço externo.

Sem dúvida é necessário realizar mais escavações, principalmente no entorno da Área de escavação 3, para comparar a disposição das lateritas nas áreas adjacentes, e esse é um dos pontos que ficarão abertos com a conclusão desta tese, e que reconheço que ainda é necessário avançar.

São muito poucas as referências na bibliografia sobre o assunto do padrão de assentamento de sítios antigos a céu aberto nas terras baixas, principalmente na Amazônia. Mais uma vez, o contexto Las Vegas, concomitante do ponto de vista cronológico com o sítio Teotônio, é um dos poucos lugares onde pode-se realizar uma comparação. No sítio OGSE-80, Stothert (1985) evidenciou uma estrutura que ela chamou de “unidade habitacional” relacionado à contexto Vegas. De formato semi-

circular, e também é composta também por um arranjo de rochas, a estrutura possui 1,8m de diâmetro, dimensões bastante parecidas com o espaço sem rochas da fase Girau do sítio Teotônio. Digo isso porque a hipótese de ser um espaço construído pela cultura Girau permanece aberto, do meu ponto de vista, e o fato de ter um tamanho reduzido não necessariamente implica que não tenha sido utilizado como tal fim.



Figura 163 – Foto da Unidade habitacional Stothert, 1985

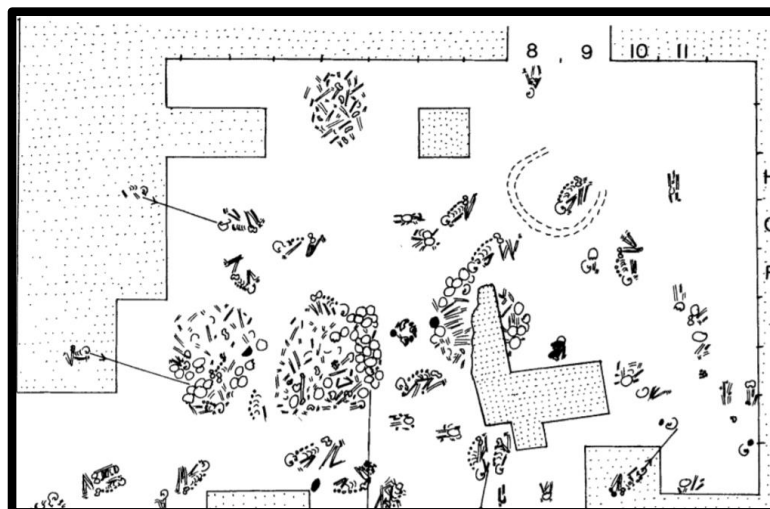


Figura 164– Detalhe do croqui da Unidade de escavação do sítio OGSE-80, da cultura Las Vegas. Na porção Nordeste, o tracejado indica a unidade habitacional. (Stothert, 2011)

No que diz respeito aos dados paleobotânicos obtidos na camada Girau, e analisados por Watling e Shock (Watling et al., 2018), é possível fazer algumas inferências em relação ao consumo de plantas e dieta, e sobre a funcionalidade do material lítico. Foi feita análise de micro vestígios de fragmentos líticos de quartzo representantes de ambas as camadas, e também de uma coluna de sedimento da Área de Escavação 3, onde 26 amostras (duas a cada 10cm de profundidade, em duas diferentes quadrículas) foram obtidas e processadas. Em relação aos vestígios macro-botânicos, estes foram provenientes de coletas de sedimento separados para flotação, como descrito no capítulo de metodologia de escavação.

De seis lascas analisadas provenientes da cultura Girau, Watling logrou identificar grãos de amidos da peça 1972-1, com a presença de seis grãos de amido da família *Arecaceae*, grupo que envolve diferentes espécies de palmeiras. Fitólitos de gramíneas, arbóreos e de madeiras foram identificados também nestas peças líticas, mas muito provavelmente representem a vegetação do entorno, e não é possível afirmar que estavam nas peças como vestígios do uso das mesmas, diferente do grão de amido identificado.

Também foram retiradas amostras de solo dos perfis para análise microbotânica, e que representam contextos bastante seguros no que diz respeito à identificação da camada, e provavelmente estão pouco perturbados. O problema mais concreto é o dado de que os vestígios micro-botânicos não permitiram ainda que pudéssemos datá-los, e as inferências de idade se dão com base nas amostras que foram coletadas na camada.

Sendo assim, uma vez que só temos uma data para a fase Girau, sabemos que os vestígios botânicos se encontram em uma faixa extensa de tempo que vai de 9400 AP até 6500 AP, espaço temporal definido para o conjunto. Nesta camada, foram identificados uma quantidade menor de fitólitos de palmeiras, se comparado com a camada superior Massangana, mas ainda assim estão presentes. Um fitólito de tubérculo relacionado à família *Calathea* sp. possivelmente é um exemplar de *C. allouia*, popularmente conhecido no Brasil como Ariá. Esta batata domesticada foi evidenciada em contextos semelhantes do Holoceno Inicial no sítio Peña Roja (Mora, 1996) e em sítios da cultura Las Vegas, no Equador (Piperno & Persall, 1998).

Em relação aos macro-vestígios botânicos, a pesquisadora Myrtle Shock identificou amostras de Pequiá (*Caryocar* sp.), Goiaba (*Psidium* sp.) distintas amostras de

Asteraceas (palmeiras) e um possível vestígio de feijão (*Vigna* sp. ou *Phaseolus* sp.), que ainda precisa ser confirmado.

Duas importantes conclusões são possíveis de se obter a partir desses dados. A primeira é a inferência direta da utilização de algumas plantas por parte dessas populações, inclusive uma delas domesticadas (o Ariá), e que coloca o sítio Teotônio no mapa dos antigos sítios sul-americanos com a presença de plantas domesticadas. O possível feijão é um dado bastante interessante, pois a probabilidade dele ser exótico é grande, uma vez que a genética defende apenas um centro de domesticação, nas terras altas meso-americanas (López, 2013), e partir daí pode-se fazer inferências sobre uma rede pan-americana de intercâmbio, de bens cultiváveis e/ou pessoas.

A outra conclusão diz respeito ao estudo comparativo das plantas identificadas nesta camada e na camada Massangana. Há uma série de diferenças identificadas nas duas camadas, no que diz respeito ao campo, tanto qualitativo como quantitativo. A presença de macro-vestígios de palmeiras na camada Massangana é muito superior, enquanto na camada Girau é mais abundante a presença de vestígios de madeiras. Acredito que isso esteja relacionado a um grau menor de antropicidade do espaço, e que esta alta incidência de madeiras no estrato Girau represente início de um processo que ao longo do Holoceno Inicial se desenvolveu, e que acabou por configurar um espaço geográfico cada vez mais antrópico. Ao mesmo tempo, nem todas as plantas identificadas na camada Girau foram também identificadas na camada Massangana, o que para mim é um fato que demonstra uma clara diferença entre ambos contextos.

Estudos de solo iniciais, conduzidos pelo pesquisador Wenceslau Teixeira, da EMBRAPA, mostram que há também uma diferença quantitativa entre o solo da Terra Preta Massangana, e o latossolo da camada Girau. Parece um dado um tanto quanto óbvio, uma vez que a Terra Preta é um marcador visual de intensidade de manejo dos recursos naturais, de mais estabilidade e de populações maiores. No entanto, Teixeira analisou também uma amostra de solo de uma área da região distante 2km do sítio Teotônio, para fins de comparação, e nos mostrou que há um contínuo aumento dos marcadores químicos que geralmente são utilizados para a caracterização da Terra Preta.

Dessa maneira, o solo da camada Girau, ainda que não apresente a coloração escura da Terra Preta, apresenta já indícios do que acredito ser uma antropização do

ambiente, uma vez que marcadores como Calcio, Fósforo, Matéria Orgânica, Manganês, Zinco são consideravelmente superiores às amostras do solo de fora do sítio, e menores do que os valores identificados na camada Massangana. Este estudo ainda está em andamento, e estou consciente das particularidades que se deve levar em conta no que diz respeito à percolação e análise qualitativa dos números. No entanto, considere relevante iniciá-lo aqui para exemplificar as diferenças que existem entre as duas camadas.

	Fósforo	Manganês	Zinco	Matéria Orgânica
Massangana	20115	327	77	19
Girau	12600	212	55	19
Off-site	454	/	15	3

c

A falta de mais datas para a ocupação Girau no sítio nos coloca diante de um dilema. Por muito tempo, dizia (Mongeló, 2015b) que as ocupações do Holoceno Inicial e Médio no sítio Teotônio havia se dado de forma ininterrupta, fato que atestava pela continuidade estratigráfica dos vestígios arqueológicos em todos os níveis escavados. Acredito que com apenas uma data segura, na base da camada, ainda não é possível bater o martelo nessa questão. O quadro muda depois com a ocupação Massangana, que parece sim ter ocupado continuamente o Holoceno Médio de maneira ininterrupta, mas sobre as ocupações mais antigas, é necessário um volume maior de datas, ainda que haja material arqueológico ao longo de toda a estratigrafia.

Como mostrarei nos capítulos seguintes, há uma tendência para que estas ocupações iniciais nas terras baixas amazônicas tenham um grau mais elevado de intinerância, e que em vários sítios importantes como Peña Roja e Caverna da Pedra Pintada, há um hiato de ocupações ao redor de 7.000 anos antes do presente, que poderiam explicar também a falta de datas para este período no Teotônio. Ao mesmo tempo, um modelo de ocupação do território muito mais sazonal do que os grupos Massangana, e com menos quantidade de pessoas, deixaria uma assinatura mais difícil de se encontrar. Acredito mais na segunda hipótese, já que a presença ininterrupta de lascas de quartzo e fragmentos de carvão ao longo da estratigrafia da camada Girau me parece um dado forte que deve ser levado em conta. Em Janeiro deste ano (2019), quando foi realizada uma pequena etapa de campo, uma série de novas amostras de madeira carbonizada e sementes

do estrato Girau foram coletados, e o resultado das datações infelizmente não ficarão prontos para o momento da publicação da tese.

O lítico da fase Girau, como descrito no capítulo anterior, mostra características muito semelhantes a um padrão de lascamento de indústrias de retorno imediato, com uma cadeia-operatória curta, que preza pela funcionalidade dos seus artefatos. Do ponto de vista numérico, é consideravelmente inferior aos conjuntos da camada Massangana, elemento que não surpreende dado a grande possibilidade desses grupos iniciais serem muito menores do que os posteriores. É de se notar que em todas as quadrículas analisadas, há um aumento de quantidade de material lítico na camada mais inferior, que é justamente a mesma que obteve a data do nono milênio antes do presente,



Figura 165 – Detalhe da peça 2412, com negativos de retirada de núcleo da cultura Girau

É notório a presença, assim como nos sítios Las Vegas e Peña Roja, de instrumentos de rocha polida, como machados e cupuliformes. A literatura clássica interpreta estes vestígios como sendo característicos dos períodos Formativos, em que as sociedades estariam em processo de mudanças-sócio-econômicas e a agricultura estaria suplantando as antigas formas de caça e coleta como base da economia. São instrumentos que sem dúvida possuem uma relação muito íntima com atividades e trabalho em madeira e vegetais, o que acredito complementar os dados etnobotânicos produzidos por Shock e Watling, e descritos aqui.



Figura 166 – Peça PN3717- Lasca proveniente de machado polido da camada Girau. (G.M.)

Miller afirma que outros quatro sítios ao longo da calha do rio Madeira também possuíam camadas relacionadas com a fase Girau, mais notoriamente o sítio localizado à margem direita da cachoeira homônima, à jusante da cachoeira do Teotônio. Apesar de diferentes investigações arqueológicas ligadas à arqueologia comercial terem trabalhado nesta região, nenhuma delas evidenciou um contexto tão antigo quanto este do sítio Teotônio. No registro das primeiras ocupações humanas da floresta tropical, dada a pequena quantidade de vestígios arqueológicos se comparado aos grupos ceramistas, é essencial uma metodologia que implique na busca por vestígios que muitas vezes não chamam a atenção: as lascas são pequenas e os fragmentos de carvão esparsos. Portanto, penso que o estudo das mais antigas ocupações do alto rio Madeira não se encerra nesta tese, e que para compreender rotas de migração, dinâmicas de mobilidade e tamanho das populações, é necessário não só obter mais dados no sítio Teotônio, como buscar outros contextos na área.

4.2- A Fase Massangana

A fase Massangana, desde que começamos a publicar sobre ela, em 2013 (Almeida), tornou-se um dos contextos arqueológicos mais intrigantes da Amazônia. Uma série de dados obtidos nestes contextos a definem com um registro único na bacia amazônica, e ao mesmo tempo, suscita distintas perguntas das quais nem todas ainda temos respostas.

A principal característica desse contexto é a antiguidade das Terras Pretas, que no sítio Garbin, localizado a 20km em linha reta do Teotônio, chega a 7700 AP (Zuse, 2014; Romano, 2016), e que junto com o sítio Teotônio, possuem as datas mais recuadas para o solo antrópico no contexto Amazônico. Outros sítios, como comentado no capítulo 2, foram evidenciados por Miller na bacia do rio Jamari e também possuem datas que vão de 5500 a 4500 AP.

O fato de termos uma Terra Preta datada do Holoceno Médio para a região, em distintos lugares, parece indicar que toda esta área já era habitada por populações com um grau relativamente alto de estabilidade e baixa mobilidade. A localização destes sítios, sempre às margens das cachoeiras, mostra que há um nicho específico sendo ocupado por estas populações, padrão este que será depois replicado por grupos ceramistas mais recentes (Almeida & Kater, 2018).

A escolha destes grupos pela área das cachoeiras é bastante clara. O controle das cachoeiras, especialmente em Santo Antônio e Teotônio possibilita um domínio sobre a navegação do rio Madeira, da mesma maneira que funcionava nas cachoeiras hoje inundadas do rio Jamari. Para além dos elementos cosmológicos que poderia suscitar com a escolha para a ocupação das margens da cachoeiras, estes ambientes oferecem uma gama de possibilidade muito grande e ampla de acesso à recursos aquáticos, que envolve a pesca abundante, principalmente na piracema, mas também do aproveitamento dos remanso para o manejo de tartarugas, como já dizia Miller (1992).

Portanto, com esses dados, podemos afirmar que as populações do Holoceno Médio, no alto rio Madeira, eram populações que possuíam a predileção pela ocupação perene de áreas adjacentes às cachoeiras, onde provavelmente fizeram uso dos recursos

provenientes destes ambientes, e no caso do sítio Teotônio e Garbin, ocupando a área alta destas cachoeiras, no topo do platô, e não suas margens especificamente.

No sítio Teotônio, os vestígios Massangana encontram-se concentrados na porção central do platô, em uma área restrita de aproximadamente 10000m², ou 1 hectare (o sítio mede 50 hectares no total). Os dados provenientes das tradagens mostram que além desta porção central, uma área isolada com a presença de material Massangana foi evidenciada no limite Noroeste do sítio, que no capítulo de descrição de atividade de campo, chamei de Área de Escavação 2.

As camadas da fase Massangana neste sítio possuem um grau de preservação superior ao constatado para outras ocupações ceramistas posteriores, que foram altamente impactadas pelas ações modernas de plantio e construções. Em quase todas estas áreas onde há a presença Massangana, há alguma camada ceramista mais recente, que certamente provocou algumas alterações no registro inferior, uma interferência menor se comparada à utilização de plantio modernos, etc. A exceção a esse quadro é Área de Escavação 3, que se encontra sob a estrada que corta, e no capítulo 3 expliquei a interpretação acerca da sua relação com os contextos Massangana.

Dessa maneira, tomo em conta que os contextos do Holoceno Médio no sítio Teotônio são contextos relativamente bem preservados, onde é possível encontrar feições, fogueiras bem estruturadas, aglomeração de rochas, e abundante material lítico e botânico. Apesar de termos dados acerca de distintas partes do sítio para a cultura Massangana, é na Área de escavação 3 que foi possível obter a maior quantidade de dados, e é também onde nossa equipe mais se concentrou.

Nesta área encontramos uma série de estruturas bem delimitadas com fragmentos de médio a grande porte de madeiras carbonizadas. A escavação prezou, a partir de determinado momento, em expor o eixo horizontal desta área, uma vez que até 2017, possuía apenas uma datação para o conjunto Massangana, de uma fogueira localizado no extremo norte da área de escavação.

Uma série de novas datações foram realizadas nestes dois últimos anos. As estruturas de combustão descritas no capítulo 4, (Feição 15 e concentração 2) tiveram três amostras datadas (**PN4611, PN 2007; PN 3453**), e possuem praticamente a mesma idade, ao redor de **5800 AP**. Uma amostra do topo da camada Massangana nesta área (PN2005)

apresentou valores um pouco mais recentes: 5708 ± 70 , e pode representar um momento mais recente deste conjunto. A maior parte das evidências relacionadas à fase Massangana encontram-se, portanto, neste espaço de tempo, e por isso é o contexto mais seguro que há para esta camada. Da mesma maneira, três datas muito próximas entre si em um perímetro de 2 metros de circunferência, e localizadas no mesmo nível estratigráfico (30-40cm de profundidade) parecem indicar que tal contexto pode-se tratar de um piso de ocupação, com grande quantidade de carvões e material lítico lascado e polido.

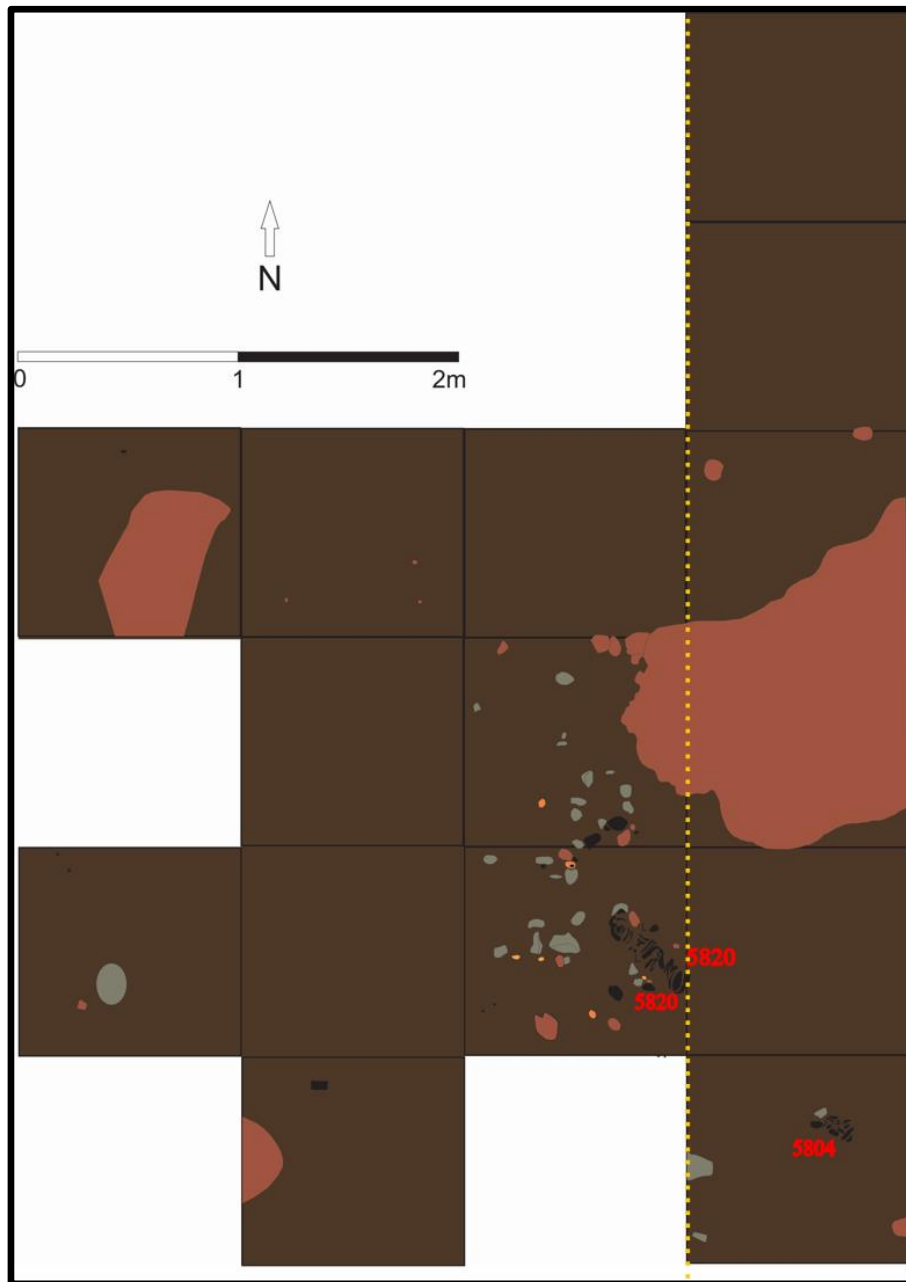
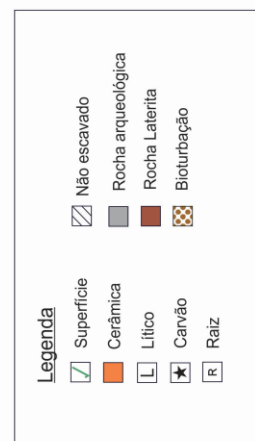
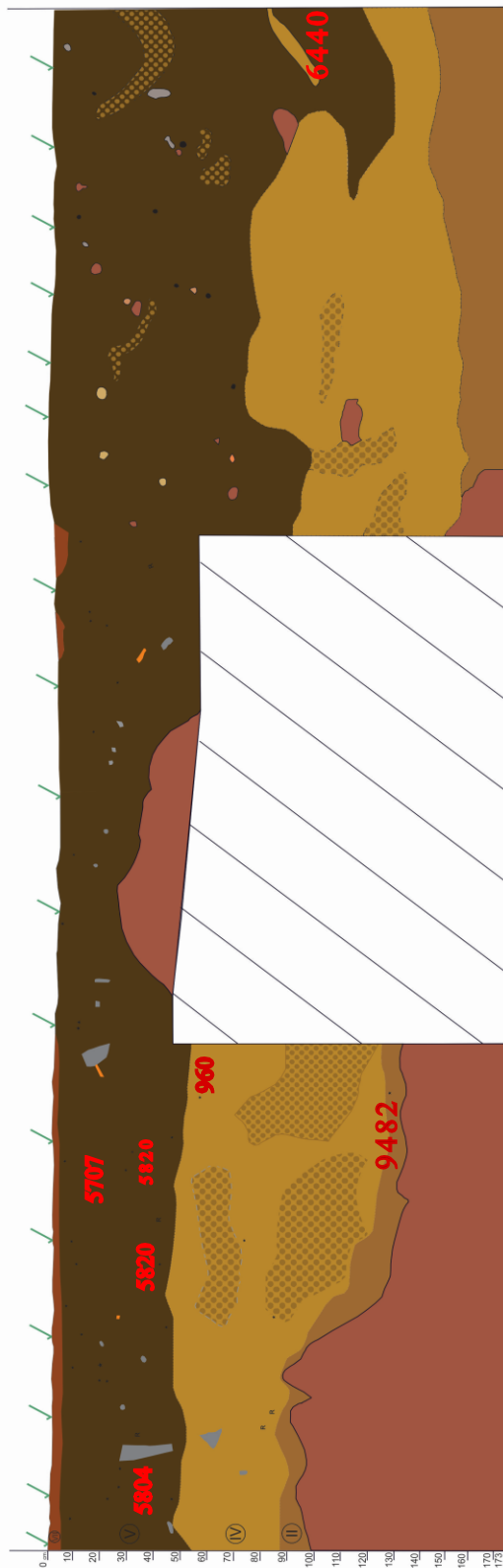


Figura 167 – Croqui da base dos 40cm de profundidade da área de escavação 3, em vermelho as datações das respectivas concentrações de carvão. A linha tracejada em amarelo representa o perfil desenhado abaixo

PROJETO ALTO MADEIRA
SÍTIO TEOTÔNIO (RO-JP-01)
 Croqui Perfil Oeste
 Unidades N9877/9878/9879/9880/9881-9882 - E10022



Projeto Alto Madeira
 2008

Figura 168 – Croqui do perfil Oeste da linha E10022 da Área de Escavação 3.

A baixa quantidade de macro-vestígios botânicos de palmeiras obtidos nesta camada, (Watling et al., 2018), em contrapartida à alta presença de fitólitos dessa planta para o mesmo contexto, parece indicar que se trata de uma área doméstica, como defendemos no artigo de 2018. No contexto arqueológico amazônico geral, a maior parte dos vestígios macrobotânicos recuperados são normalmente de palmeiras, e nestas amostras, há uma dominância de carvões lenhosos, que se atesta visualmente com as estruturas de combustão mostradas acima.

Por outro lado, os microvestígios da camada mostram uma alta incidência de fitólitos de palmeiras. De onde estariam vindo estes fitólitos, uma vez que não correspondência nos macro-vestígios? Acreditamos que são provenientes das folhas das palmas utilizadas para cobertura de unidades habitacionais, que queimadas, deixam poucos vestígios carbonizados, mas que quando do abandono, a palma utilizada como teto teria caído sobre os vestígios domésticos, e deixado tal assinatura.

“The first clue comes from the macrobotanical data from Units 1 and 2, where high charcoal fragmentation and burnt wood frequencies of between 60–80% can be most parsimoniously associated with a domestic context, as opposed to a waste disposal area. As well as abundant wood charcoal, it is interesting to note the unusually small frequencies (< 2%) of palm macroremains—not only because palms consistently make up the majority of seed and fruit remains preserved in Amazonian archaeological sites [82,83], but because it is at odds with the dominance (> 50%) of palm phytoliths in the corresponding microbotanical record. Such disparity is reconcilable if this area was originally a domestic space since, in this scenario, the palm phytoliths could have come from decomposed housing material (e.g. palm frond thatch rooves) rather than seeds discarded after fruit consumption (which constitute the macrobotanical evidence).”(Watling et al., 2018. pp 22)

Os valores de quantidade de fitólitos de palmeiras são semelhantes ao encontrado em outra área do sítio, em amostra analisada por McMichael (et al., 2015) e descrito aqui no capítulo 2. Neste local, na área de Escavação 1, evidenciamos uma longa e espessa camada Massangana, quando da limpeza do perfil da linha E9987, além de três quadrículas que foram escavadas próximas ao ponto central do sítio (N10000 E10000), e descritas de maneira mais detalhada em Mongeló (2015a).

Acredito que os elementos para sustentar essa hipótese são bastante fortes. Além da existência de uma indústria lítica que pode sugerir atividades domésticas, a existência de feições de combustão bem estruturadas, com as rochas e bolotas de argila compondo um piso, somada às três datações com idades muito próximas pode sugerir que de fato

tivéssemos escavando uma vivenda. Lembremo-nos que a cultura Massangana é o conjunto fundacional da Terra Preta no sítio Teotônio, e que para a formação deste tipo de solo, é necessário a presença de uma comunidade estável, com um grau relativamente elevado de densidade populacional, interação intensa com o meio ambiente, atividades de queima, consumo e descarte de bens botânicos e faunísticos. É de se esperar que a existência da Terra Preta evidencie um modelo de organização social mais sedentário, e que eventualmente, casas estruturadas poderiam ser evidenciadas a partir dessa ilação do registro arqueológico.

É bastante complicado, pela falta de maiores dados, fazer uma afirmação mais concreta sobre um padrão de assentamento das populações relacionadas à cultura Massangana. Ao mesmo tempo, sabemos que há um padrão de organização de moradias na Amazônia, e que em alguns casos é caracterizado pela formação de unidades habitacionais dispostas em forma circular ou semi-circular, ao redor de um espaço público ou praça central (Moraes, 2015, Heckemberger, 2002).

Nos locais e contextos onde este padrão foi arqueologicamente testado e comprovado, há não só a concomitância de áreas de concentração de material arqueológico, em contraste com os hiatos, como há também importantes marcadores como construções de terra (montículos), lixeiras nas porções traseiras das unidades habitacionais, ou buracos de estaca delimitando a mesmas.

Aqui, fiz um exercício utilizando os dados das tradagens realizadas na etapa de escavação de Julho/Agosto de 2013, e que foram responsáveis por nos guiar na busca de contextos antigos da Fase Massangana. Gerei um mapa de incidência de material lítico total, estabelecendo dois campos: de 26 a 50 peças, e de 51 a 74 peças. Com o auxílio dos programas Surfer e AutoCAD, delimiti áreas onde foi evidenciado pelo menos 1 nível artificial com preponderância de material lítico (mais fragmentos líticos do que cerâmicos).

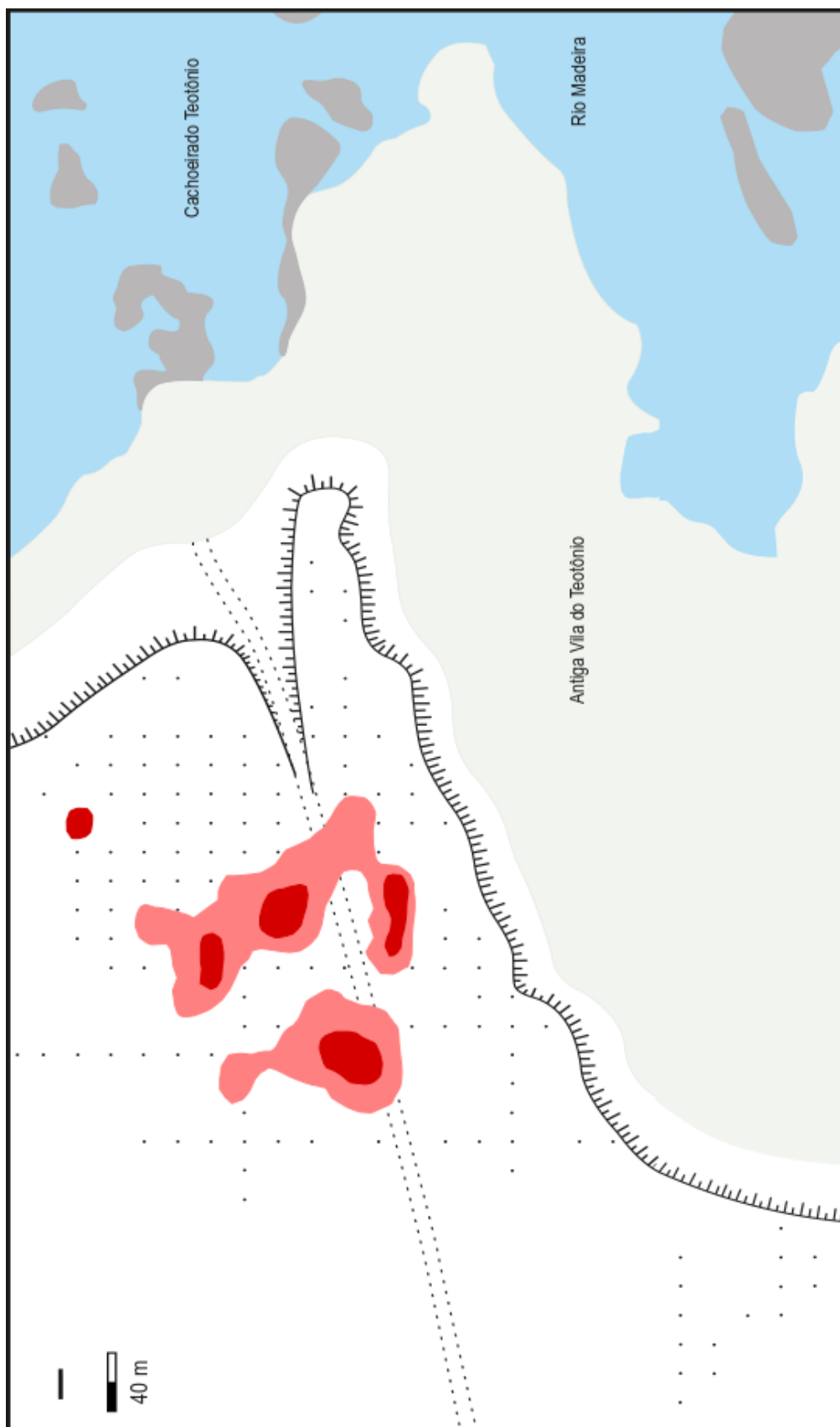


Figura 169 – Mapa do sítio Teotônio com a incidência de material lítico obtido através das tradagens. A área vermelho clara indica áreas em que tradagens apresentaram entre 26 e 50 fragmentos líticos, e a área em vermelho escuro de 51 a 74 fragmentos líticos

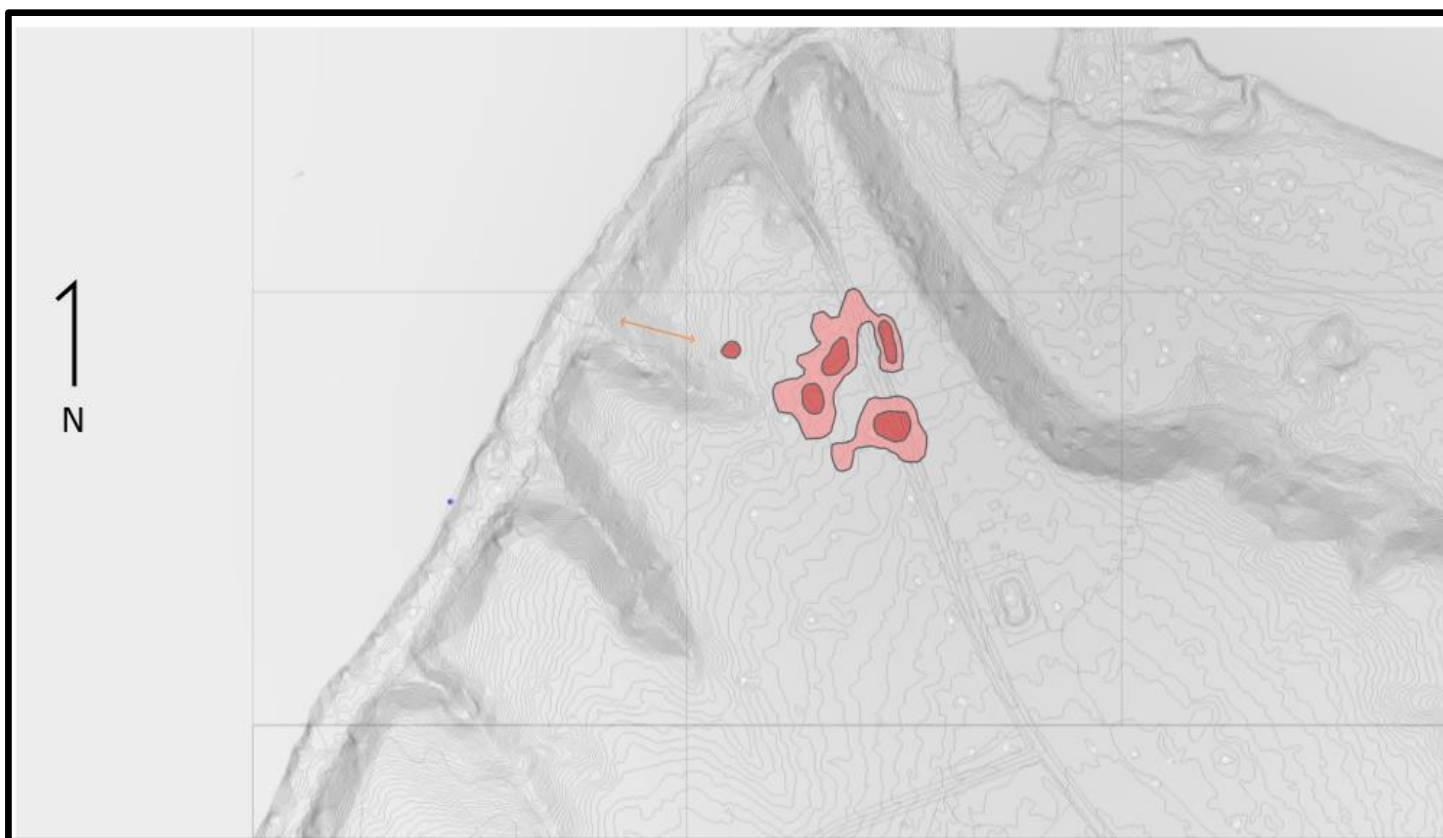


Figura 170 – Mapa do sítio Teotônio com a incidência de material lítico obtido através das tradagens. A área vermelho clara indica áreas em que tradagens apresentaram entre 26 e 50 fragmentos líticos, e a área em vermelho escuro de 51 a 74 fragmentos líticos

O fato de utilizar como critério o mínimo de uma camada artificial das tradagens com preponderância de material lítico parece ser um tanto quanto vago, e pode não responder necessariamente à existência de um contexto Massangana. No entanto, nas três áreas que atestamos, Área de Escavação 1, Área de Escavação 2 e área de Escavação 3, este foi o critério utilizado para escolher escavá-las, e nas três áreas atestamos a presença de camadas Massangana. Sendo assim, me parece um marcador interessante para inferirmos sobre a disposição e presença dos vestígios dessa cultura no sítio.

Se tomarmos em conta de que as áreas de escavação 1 e 3, pelos motivos ditos acima, representariam unidade habitacionais do Holoceno Médio, com estes mapas podemos ter uma ideia de como poderia ter sido uma aldeia Massangana deste período. Sem dúvida, é necessário continuar as escavações, e evidenciar mais contextos com estruturas de combustão e alta quantidade de fitólitos de palmeira para bater o martelo nessa proposta, mas acredito que essa hipótese possui elementos fortes, e deve ser testada nas próximas etapas de campo.

De acordo com os mapas, a ocupação da cultura Massangana ocupou a área central do platô adjacente à cachoeira, em um ponto bastante plano e elevado. Tenho a impressão que as curvas de incidência de material lítico mostram uma estrutura circular, com uma disposição semi-ovalada ao redor de uma área central com pouco ou nenhum vestígio de material lítico lascado.

O ponto fora desta concentração central, na porção noroeste do sítio, é o que denominamos de Área de Escavação 2, e onde foi escavada a quadrícula N10041 E9824. Nesta área, não encontramos estruturas de combustão, tampouco coletamos material para amostras botânicas. Na análise do material lítico, mostramos que desta grande quantidade de material lítico, uma boa parte é proveniente da porção ceramista da quadrícula, que está relacionada à Fase Jatuarana. Mesmo assim, foi possível perceber que há uma diferença entre o material lítico da camada Massangana e o dos estratos inferiores, que ainda que não tenha sido possível datar, relaciono à ocupação Massangana.

A Área de Escavação 2 do sítio está localizada em uma das extremidades do platô, em um ponto onde este não é tão abrupto como em outros limites. Do mapa topográfico gerado, é preciso ter em conta que em período pré-colombinos, não havia o corte da estrada que perpassa pelo meio do sítio, e a descida do platô para a margem da cachoeira deveria ser bastante difícil. De fato, o é, até hoje em dia, o único caminho aberto e possível de acessar a margem da barragem é pela picada da estrada abandonada, pelo fato do barranco, em quase toda sua extremidade, sem mais íngreme.

No entanto, no mapa topográfico gerado, as curvas de níveis estão mais espaçadas na área de Escavação 2, o que indica uma suavidade da inclinação do terreno, se comparado com os limites adjacentes. O fato de termos uma alta concentração de material lítico justamente nessa região do sítio proveniente de uma ocupação Massangana, me faz crer que este espaço, mesmo com a grande semelhança tecnológica das ferramentas, possa ter tido uma função diferente das outras áreas analisadas. Acredito que as populações que ocuparam o topo do platô durante o Holoceno Médio utilizaram esse desnível mais suave do barranco como um caminho para acessar de maneira menos custosa a margem do rio e vice-versa, e a presença da ocupação Massangana ali, isolada, poderia estar ligada à uma área específica que não envolveria unidades habitacionais.

É preciso lembrar que os estudos de Tizuka (2012) demonstraram que neste trecho, o rio Madeira durante o Holoceno Médio estava no mesmo nível que se encontrava antes de seu barramento, e que não houve nenhum cambio significativo da dinâmica fluvial desde aquele período até a formação do lago da barragem. Desta maneira, além da construção da estrada que corta o sítio, nos anos 1950, não houve grandes mudanças antrópicas nas estrutura tipográfica do platô e do sítio como um todo.

Tomando isso em conta, o único outro caminho de fácil acesso ao rio, que apresenta um ângulo mais aberto, seria pela calha dos igarapés não perenes que possuem nascentes no topo do platô, e que no mapa altimétrico são bem marcados por duas fendas que adentram no mesmo. Não descarto essa hipótese, no entanto, este declive, que no período da cheia se tornam corpos de água corrente, poderiam ser um dificultador para o tráfego de pessoas, deixando o aclave da porção Noroeste do sítio como uma opção mais permanente.

Estudo sobre caminhos indígenas arqueológicos são bastante escassos, Castro (2009) tentou aplicar um modelo promovido inicialmente pelo pesquisador Morgan Schimdt no sítio Laguinho, na região da Amazônia Central, mas esta proposta não necessariamente levava em conta as particularidades de altimetria do terreno. Para confirmar nossa hipótese, acredito que seja importante expandir as escavações na área 2 e comparar com os dados obtidos na área 3 e 1, principalmente no que diz respeito à química do solo e composição botânica do registro arqueológico.

Em relação às demais datas para a fase Massangana no sítio Teotônio, a expansão da Unidade N9882 E10022, escavada inicialmente em 2013, parece confirma o contexto datado em 6440 ± 40 , proveniente de uma estrutura de combustão evidenciada a 90cm de profundidade (ver desenho de perfil na Figura 168), no contato do solo antrópico para o latossolo da camada Girau. Pela profundidade, creio que esta estrutura de combustão se trata de uma feição escavada dentro a camada Girau, e depositada ali os elementos que a compõem, principalmente os grandes fragmentos de carvão. Esta estrutura foi retirada em bloco, e encontram-se em grande parte ainda estruturada na reserva técnica do Museu de Arqueologia e Etnologia.

Esta data mais antigo representa o primeiro processo de intensificação da relação entre homens e natureza que acabaram por gerar a Terra Preta. Para a região, é a segunda

mais antiga data para solo antrópico, pois no sítio Garbin, foi obtida uma datação de 7770 AP, já citado aqui anteriormente. Apesar do hiato que temos até agora entre as ocupações de 5800 AP e esta de 6440 AP no sítio Teotônio, a data proveniente do sítio Garbin atesta que as Terras Pretas na região podem ser bastante antigas, e que a amostra do Teotônio não estaria tão fora da curva.

PN	Material	Profundidade	Data Convencional	Data Calibrada
2428	Cerâmica	22cm	1780 \pm 30	1647 \pm 80
716	Carvão	110-120 cm	3170 \pm 30	3860 \pm 500
2005	Carvão	20cm	5040 \pm 30	5707 \pm 70
4611	Carvão	110-120 cm	5120 \pm 30	5800 \pm 80
2007	Carvão	30-40cm	5080 \pm 30	5804 \pm 100
3453	Carvão	35 cm	5110 \pm 30	5820 \pm 100
3831	Carvão	32 cm	5110 \pm 30	5820 \pm 100
1906	Carvão	90cm	5720 \pm 30	6440 \pm 40
2426	Carvão	130cm	8460 \pm 30	9482 \pm 40
2027	Carvão	50cm	1110 \pm 30	960 \pm 40
4613	Carvão	130-140 cm	sem data	sem data

Tabela 6- Tabela de datas das camadas Girau e Massangana no sítio Teotônio. Em marrom escuro, relacionadas à Fase Massangana, em Marrom claro as datas da Fase Girau.

O gráfico (figura abaixo) de todas as datas publicadas para a região do alto rio Madeira e rio Jamari, parece indicar que os dados obtidos no sítio Teotônio contribuem para uma melhor compreensão da área como um todo. Além da data de 9440 AP, que recuou a ocupação da região para o Holoceno Inicial²⁴, e que pode confirmar a antiga data da Fase Pacatuba; as datas do Holoceno médio evidenciadas no Teotônio de 5880 AP são concomitantes com as datas que Eurico Miller havia publicado para o sítio RO-PV-48 (que também detém esta antiga data da Fase Pacatuba), na bacia do rio Jamari, quando este identificou a Fase Jatuarana.

²⁴ As duas datas mais recuadas dos sítios Ilha de Santo Antônio e Garbin, ao redor de 8500 AP, foram descartadas do Zuse (2014), pois não estão claramente associadas a um contexto arqueológico.

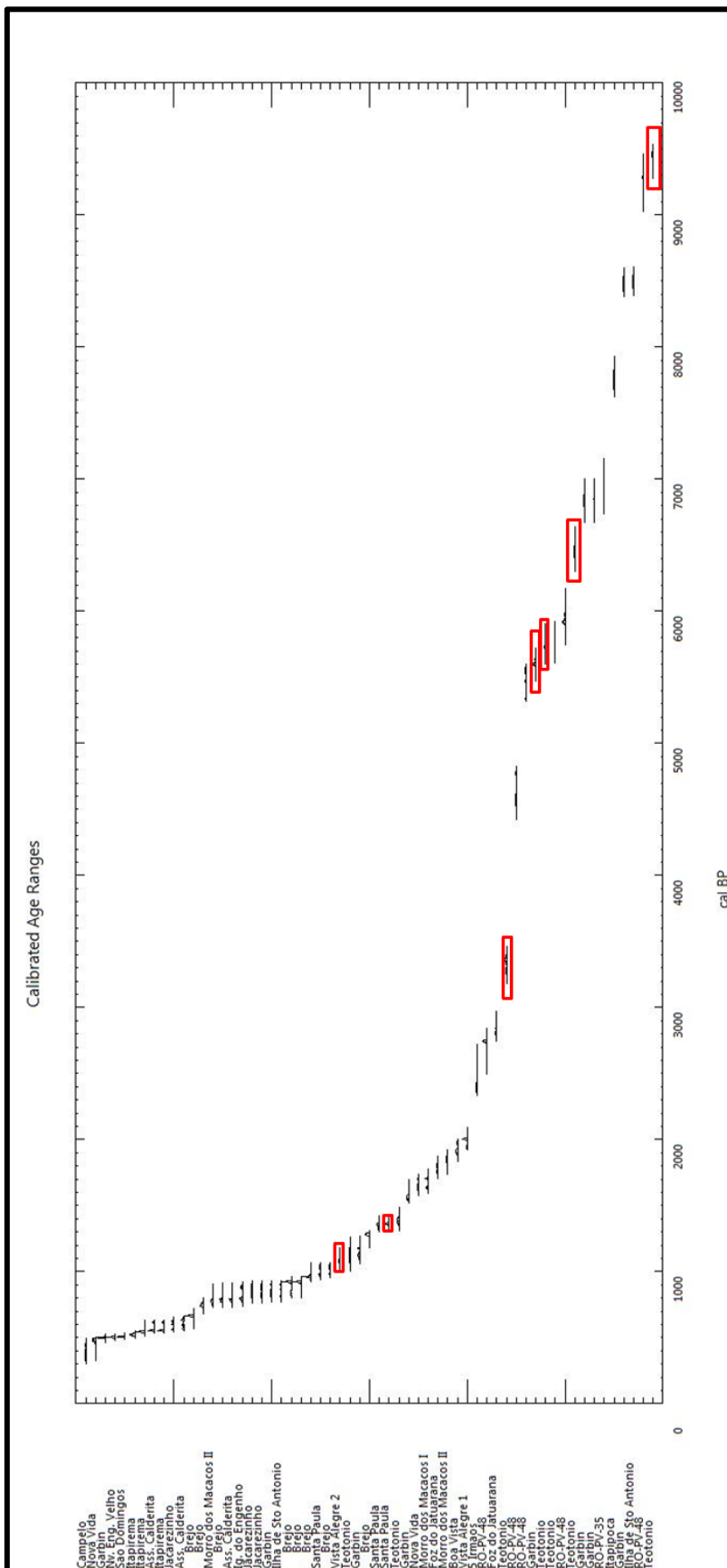


Figura 171 – Gráfico com as datas calibradas para a região do Alto Rio Madeira. Em Vermelho, as datas do sítio Teotônio

O gráfico também parece indicar que há um hiato entre 4.000 e 5.000 AP, sustentado apenas por uma data de Miller no sítio RO-PV-48, que é a amostra mais recente dele para a Fase Massangana. No sítio Teotônio, também não temos datas para esse período, e o fim da cultura Massangana é uma das questões que ainda precisamos responder.

A data mais recente relacionada para o conjunto Massangana (amostra 716-3860 \pm 500) foi obtida na primeira etapa de escavação do sítio, na Unidade N10001 E10003, quando percebemos a existência de uma camada de solo antrópico sem cerâmica. Esta amostra corresponde ao topo de uma feição de solo antrópico que Almeida (2013) interpretou como sendo um buraco de estaca pela disposição de rochas em sua base, que estaria calçando uma estaca de circunferência de aproximadamente 50cm. Nesta feição e nos níveis imediatamente acima não foram encontrados fragmentos cerâmicos, apenas material lítico lascado, o que nos levou a crer que se tratava de uma estrutura, portanto, não relacionada aos grupos ceramistas.

O problema é que esta data é concomitante com outra amostra bastante antiga obtida para o conjunto ceramista Pocó, em uma área do sítio onde não foram identificadas camadas Massangana ou Girau. A data de 3800 \pm 30 obtida através de um carvão em uma camada Pocó nos coloca sob um paradigma: ou data que fizemos em 2011, no topo de uma Feição, não representa um contexto Massangana, e sim uma feição Pocó que corta uma camada mais antiga, como vimos em outras áreas do sítio. Ou a data antiga da Tradição ceramista Pocó está contaminada, e na verdade esta ocupação ceramista é muito mais recente.



Figura 172 – Fragmentos de cerâmica da tradição Pocó-Açutuba no sítio Teotônio. Kater (2018)

As duas hipóteses podem estar corretas. O surgimento da tradição Pocó-Açutuba na Amazônia é um dos grandes debates da arqueologia hoje em dia. Esse conjunto, que apresenta características bastante homogêneas no que diz respeito à sua tecnologia cerâmica (Neves, 2014), tradicionalmente possui uma relação com antigas culturas ceramistas da bacia do rio Orinoco; e em grande parte da Amazônia (principalmente na porção central dos grandes rios Amazonas-Solimões), representa os mais antigos conjuntos cerâmicos no registro arqueológico. Nestes sítios, o aparecimento da cerâmica da fase Póco-Açutuba está intimamente relacionado aos primeiros indícios de Terra Preta (Lima, 2008).

A única exceção até agora, deste quadro de 19 sítios datados em toda a bacia Amazônica, é o sítio Teotônio. Não só porque possui uma data próxima do 4º milênio antes do presente, mas porque está localizado em um espaço que já estava sendo ocupado densamente por muito tempo antes, pelas culturas Massangana e Girau. Além disso, no sítio Teotônio, como mostramos, a Terra Preta é muito mais antiga e mais profunda do que o aparecimento do primeiro fragmento cerâmico.

Esses elementos colocam muitas perguntas no que diz respeito ao processo de mudança das sociedades das culturas Massangana e Pocó no sítio Teotônio, e é necessário avançar nesse campo. Este é um dos objetivos do doutorado do colega Thiago Kater (2019), que visa entender melhor a presença deste antigo conjunto ceramista no sítio. Até este momento, eu diria que os indícios mais fortes são de que a **ocupação Massangana**

vai de 6300 AP até 5770 AP, e que a Área 1, onde obtivemos esta datação mais recente, precisa ser investigada mais a fundo, pois pode ser que o período entre 4000 AP e 5000 AP represente um hiato cronológica das ocupações humanas no alto Rio Madeira.

Neste contexto da Fase Massangana onde logramos obter uma quantidade maior de dados, além das inferências acerca de formato de sítio, foi possível descrever de maneira mais precisa o material lítico lascado, ferramenta mais abundante do registro arqueológico. Do ponto de vista da cadeia operatória dos instrumentos lascados, é bastante semelhante à descrita para a Fase Girau: processo e etapas reduzidas, visando a obtenção de lascas unipolares em quartzo para uso. A porcentagem de lascas retocadas é um pouco menor se comparada à Fase Girau, mas a quantidade de material, no total, é muito superior.

É maior também a porcentagem de instrumentos brutos, como percutores e quebra-coquinhos, ainda que em pouca quantidade se comparados com a grande predominância de lascas unipolares. Com os atributos utilizados, pode-se dizer que a indústria da fase Massangana não apresenta nenhuma ruptura brusca com o material analisado da Fase Girau; mas na unidade de escavação que se analisou o material lítico da ocupação ceramistas Jatuarana, a presença de lascas bipolares apenas no estrato mais recente, junto aos níveis artificiais que apresentavam fragmentos cerâmicos, é um marcador interessante que implica na utilização de uma técnica diferente para o lascamento, envolvendo provavelmente uma bigorna.

Veremos nos capítulos próximos que há uma recorrência entre alguns sítios das terras baixas tropicais Sul-Americanas em permanência nas técnicas de lascamento durante boa parte do Holoceno, e que está relacionado à necessidades iguais de responder à demandas sócio-econômicas semelhantes.

Nesse sentido, as análises de macro e micro-botânica de lascas unipolares da fase Massangana foram essenciais para a compreensão desta dinâmica. Watling obteve amostras de grão de amido de feijão (*Phaseolus* sp.) de três diferentes instrumentos das camadas Massangana da Área de Escavação 3, e amostras de fitólitos de palmeiras em 12 lascas de quartzo, de um total de 28 instrumentos analisados. Foi a comprovação de que estas lascas unipolares estavam sendo utilizadas e que possuíam um papel importante nos processos produtivos destas sociedades.

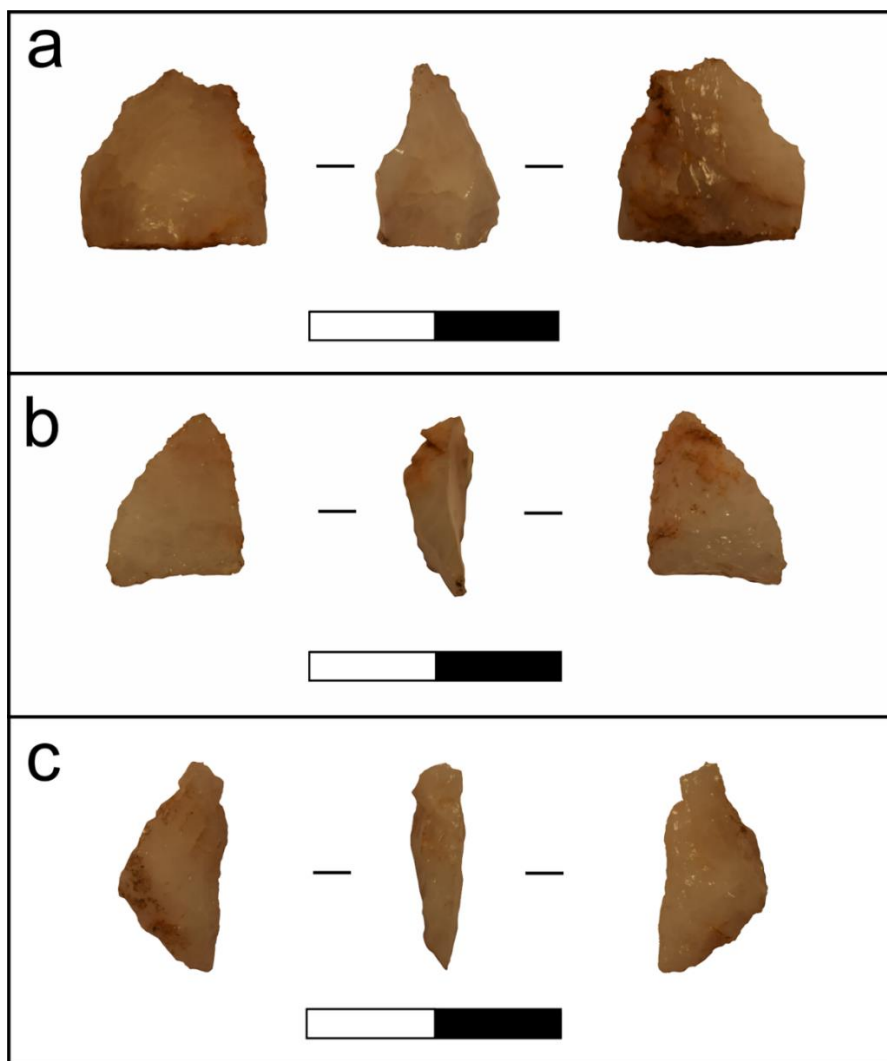


Figura 173- Lascas de quartzo 1957-1; 1957-3 e 1958-1, que possuíam marcas de uso que Watling (2018) identificou grãos de amido de *Phaseolus* sp. (imagem retirada do artigo publicado em co-autoria)

Mesmo assim, 16 das lascas, várias das quais possuíam marcas de utilização nos bordos, não apresentaram vestígios de amido ou de fitólito relacionados. Explicá-las sua função seria possível através da aplicação de métodos de extração ácidos graxos (Acosta, 2011), que infelizmente não consegui realizar a tempo. Acredito que uma das atividades mais importantes, no que diz respeito à sua economia, estava relacionada à pesca, às margens da cachoeira.

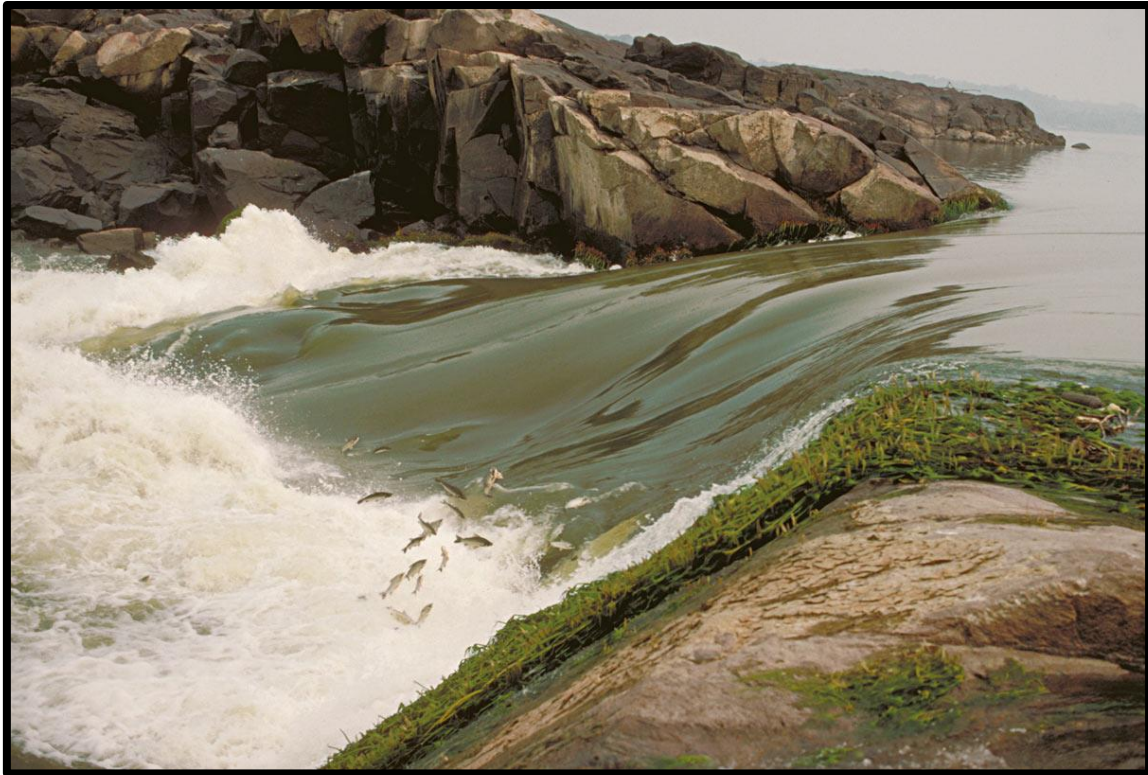


Figura 174 – Piracema na Cachoeira do Teotônio – foto de autoria de Michael Goulding, anos 1980

Disse no capítulo de abertura da importância econômica da pesca para as populações atuais, antes do represamento do rio, e como a impressionante quantidade de peixes neste local atraiu, historicamente, pessoas de todas as partes da Amazônia. Gosto de pensar que algumas destas ferramentas poderiam estar sendo utilizadas para o processamento dos peixes, desde a retirada das escamas, limpeza e corte do mesmo.

Ainda que não consigamos comprovar esta hipótese ainda, os dados microbotânicos proveniente do material lítico mostram uma especialização dentro de uma indústria de lascas que tecnologicamente é bastante homogênea. Não eram todos os instrumentos analisados que possuíam vestígios de feijão, tampouco eram os mesmo que continham fitólitos de palmeiras. Dentre a *estandarização* das lascas unipolares de quartzo, os dados que vem sendo produzidos por nossa equipe parecem indicar que houve uma escolha deliberada de quais instrumentos (e lembro que estamos tratando de ferramentas que medem em média 1,2cm de tamanho) devem ser utilizados para trabalharem com determinado suporte.

Ao mesmo tempo, foi identificado (Watling et all, 2018) nas amostras de solo da camada Massangana vestígios microbotânicos de *Curcubita* sp (abóbora) e *Manihot esculenta* (mandioca), que não foram obtidos nas lascas analisadas. Em relação aos

vestígios macro-botânicos do contexto Massangana, foi possível recuperar fragmentos carbonizados de *Bertholetia excelsa* (castanha do pará) e uma *Oenocarpus* sp., que pode ser relacionada a bacaba, plantas muito importantes do ponto de vista alimentar e econômico para as populações ribeirinhas atuais na bacia amazônica.

Todas estas amostras de vestígios botânicos foram obtidas na Área de Escavação 3, nos níveis que dataram ao redor de 5.880 AP. A presença de uma ampla gama de plantas no registro arqueológico, somado ao fato de que os instrumentos líticos podem indicar outros usos ainda não comprovados, parece indicar que as populações humanas no Holoceno Médio no sítio Teotônio possuíam uma economia variada no que diz respeito à obtenção de alimentos. E que o surgimento da Terra Preta está relacionado à esse processo de intensificação maior e mais profundo do manejo de bens cultiváveis, de crescimento da área de ocupação do sítio, e de provável aumento populacional.

Capítulo 5 – Ocupações do Holoceno Inicial e Médio nas Terras Baixas Amazônicas

Existe uma recorrente afirmação sobre os estudos de ocupações humana na floresta amazônica, durante o Holoceno Médio e Inicial, e que aparece, invariavelmente, nos trabalhos de síntese para a arqueologia da região: que a principal característica do povoamento da bacia amazônica é a escassez de dados sobre o povoamento inicial. Bueno (2010 pp2) deixa este ponto bastante claro: *“Today, though still relatively scarce and poorly understood, the available data on the ancient occupation of the Amazon Basin by groups whose livelihoods were based essentially on hunting, gathering, fishing and incipient forest-management, allow us to raise other questions”*

De fato, esse foi o um tema pouco debatido, se tomarmos o conjunto dos principais assuntos que foram publicados ao longo dos últimos setenta anos de arqueologia científica na região. No entanto, acredito que dado o tamanho continental da área recortada (bioma amazônico), não é pequena a quantidade de dados que já são disponíveis sobre **sítios arqueológicos com datações anteriores a 3.000 AP**. O principal problema parece estar ligado a falta de sistematização destes dados, e determinada visão ideologicamente orientada sobre a ocupação da floresta tropical, ainda muito calcada nos debates inconclusos que ocorreram no início dos anos 1990 (Bailey et al., 1989; Headland & Bailey, 1991), e que ainda possuem muita influência na arqueologia amazônica.

Contribui contraditoriamente, para essa confusão, a grande quantidade de estudos relacionados a ocupações humanas mais recentes na bacia amazônica. Isso se dá, é bem verdade, pela maior visibilidade dos sítios e também pela abundância do material cerâmico. Soma-se a isso o aspecto cativante e apelo estético do material cerâmico, que possui características impressionantes. Sendo assim, temos uma grande quantidade de estudos sobre a cultura material e formações sociais dos grupos amazônicos entre 3000 AP e 500 AP, período marcado por ocupações eminentemente ceramistas, se comparados com contextos mais antigos.

Essa escassez de estudos é comumente justificada ou pela baixa visibilidade dos sítios do Holoceno Médio e Inicial, o que ocasionaria uma pequena quantidade de sítios arqueológicos relacionados ao período. No entanto, soma-se a este quadro o determinismo ambiental que foi, durante muito tempo, a principal justificativa para a

inexistência de assentamentos pré-ceramistas na Amazônia, modelo que permaneceu forte até pelo menos vinte anos atrás. Dessa maneira a relação “baixa visibilidade”, amparada no histórico das hipóteses teóricas de ocupação antiga deste território que chegaram a negar a existência de populações do Holoceno, temos uma equação que durante décadas retroalimentou a perspectiva negativista de estudos desse campo.

Neste capítulo, debatarei os problemas relacionados à formação do conhecimento arqueológico sobre as primeiras ocupações humanas na floresta tropical amazônica, e um balanço dos dados até então publicados, a fim de expor um questionamento geral sobre a emergência da diversidade cultural.

5.1- As décadas de atraso

Como coloca Neves (1999) a arqueologia da Amazônia, durante muito tempo, foi caracterizada pela existência de determinadas correntes teóricas que serviram como entes determinantes das pesquisas. Não que seja em princípio um problema, não há um caminho definitivo na ciência para a produção de conhecimento. No entanto, no que tange à ocupação humana pretérita da Amazônia, o problema é que os principais pressupostos estiveram calcados na falta de dados concretos.

As suposições sobre a ocupação humana na Amazônia começaram ainda no século XIX, quando diversos viajantes europeus encontraram indícios de tecnologias líticas, logo associadas em contraposição às densas ocupações ceramistas, estas também relatadas abundantemente. Alexandre Rodrigues Ferreira, ao percorrer o Rio Negro, relata a descoberta de “*pontas de flechas, que faziam de pedra gentios de outro tempo*”; e Emilio Stradelli e Henry Condreau também reportam semelhantes achados nos rios Uapés e Xingú, respectivamente.

E de maneira geral, os estudos dos primeiros habitantes da Amazônia seguiram, durante a primeira metade do século XX, como uma incógnita, ainda que esforços tenham sido feito por pesquisadores sobre períodos mais recentes (Bueno,2010). A grande mudança deste cenário se deu no período pós II Guerra mundial, com a publicação do clássico livro de Julian Steward, *Handbook os South American Indians*. Embora não trate especificamente do tema das primeiras ocupações, foi o responsável por introduzir uma

tradição teórica, do campo da antropologia, no que diz respeito à ocupação humana geral das terras baixas da América do Sul.

Steward, amparado e influenciado por muitas das ideias desenvolvidas pelo antropólogo Leslie White (1949), defendia que o meio ambiente, tal que o vemos hoje, cumpre um papel fundamental, determinante e limitador no estabelecimento de diferenciações culturais das populações que nele habitam. Na Amazônia portanto, as características da floresta tropical davam contornos muito bem definidos às tribos indígenas que habitavam esse local, que foram descritas como sociedades de baixa densidade demográfica, relativa alta mobilidade e baixo uso intensivo do solo. Era a descrição, sem dúvida, da realidade que algumas tribos indígenas viviam na metade do século XX, informação que foi projetada pelos pesquisadores, do ponto de vista diacrônico e sincrônico. Isto é, era a realidade não só atual como histórica, e os exemplos estudados davam conta da explicação de todo o território amazônico.

Betty Meggers, que contribui neste livro com o capítulo sobre arqueologia da Amazônia segue a tônica geral, de que as populações humanas deste ambiente - terras baixas da floresta tropical - possuíam fatores de desenvolvimento sócio-econômicos limitados pelos elementos ecológicos. Ela desenvolve essa ideia com mais densidade em *Environmental Limitation on the Development of Culture* (1954), e acaba tendo um reflexo muito grande nas pesquisas sobre os primeiros habitantes da Amazônia.

O que decorre desta visão determinista é que as sociedades humanas na floresta tropical teriam limites bem definidos sobre o seu tipo de desenvolvimento, práticas culturais e comportamentos econômicos. Em última instância, esse argumento ficou marcado na academia pela impossibilidade de terem existido sociedades complexas nas terras baixas, como defendia Meggers. E no que tange aos debates das primeiras ocupações humanas deste território, o determinismo ambiental combinado com a falta de evidências arqueológicas para períodos mais antigos resultava em uma equação onde a floresta amazônica não oferecia a quantidade de recursos naturais necessários para o estabelecimento de sociedades do tipo “caçador-coletor”.

Desde o início do século XX existia uma relação de oposição muito clara no âmbito acadêmica da arqueologia, que era mediada pela Revolução Neolítica, entre sociedades caçadoras-coletoras (mais antigas) e sociedades agricultoras-ceramistas (mais

recentes); e a arqueologia do continente americano já havia atestado para esta relação crono-estratigráfica, principalmente pelos estudos realizados nos Estados Unidos (Kroeber, 1929). Sabia-se que o Homo sapiens havia chegado no continente americano com um modelo de organização específico, com um determinado pacote cultural, que pode ser resumido em sociedades de economia simples, de subsistência baseada na caça, coleta e pesca, e poucas (quando nenhuma) evidências de complexa organização política. Tradicionalmente, utilizou-se o termo cunhado por Elman Service (1959) de “bando” para definir de maneira classificatória, os primeiros ocupantes do continente.

Desta forma, os arqueólogos dos anos 1950 e 1960, quando imaginavam a ocupação da floresta amazônica, imaginavam grupos humanos do tipo “bandos” se deslocando no sentido Norte-Sul, e possuidores das características acima. Ao chegarem no ambiente tropical, munidos deste “pacote cultural”, teriam se deparado com um ecossistema incompatível com suas demandas de consumo.

Meggers, em uma publicação clássica de 1954 traça, de maneira geral, essa ideia:

*The role of the environment in the formation of this type of culture pattern is clear, but the fact that a Type 2 environment prevents any further increase in the complexity of the cultures it supports may not be so obvious. The process of evolution being typically slow, there is a possibility that the **Tropical Forest pattern was too recent** a development for there to have been further progress before the advent of the Europeans. This would be in line with Steward's reconstruction (1948: 14-15) of the spread of culture in South America: an early expansion of the Andean pattern with some deculturation to the Circum-Caribbean level, followed by diffusion from Venezuela down the coast and up the Amazon accompanied by the loss of more advanced sociopolitical and religious patterns. If this reconstruction were true, **it would place a relatively late date on the origin of the Tropical Forest pattern, since it would have to postdate the development of culture in the Andean area** to a level higher than that represented in the Circum-Caribbean area and allow for the occurrence of a deculturation in the latter region and a further decline in the Tropical Forest.*

O que Meggers tenta mostrar é que os indícios arqueológicos encontrados até então, somados aos dados etnográficos, mostravam um cenário de pouco desenvolvimento nos mais diversos campos das sociedades indígenas da Amazônia. Para ela, esse pouco desenvolvimento se explicava, em primeiro lugar pelo fator limitante do meio ambiente, e em segundo lugar atestaria uma colonização relativamente recente da região. Para equacionar o seu raciocínio social-evolucionista, Meggers afirmava que era improvável a existência de populações humanas durante o Holoceno Médio e Inicial na Amazônia.

Nos anos 1960, no Brasil, foi estabelecido, em cooperação do o Instituto Smithsonian, um amplo projeto de prospecção arqueológica, em todas as regiões do país. Capitanado pelo casal Betty Meggers e Clifford Evans, o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas²⁵ foi responsável por não só levantar uma série de dados sobre a ocupação pré-colonial brasileira, como por formar, de maneira mais sistemática, pesquisadores brasileiros no tema.

No que diz respeito à região amazônica, o PRONAPA foi o responsável pela sistematização de diversas informações arqueológicas que há décadas estavam sendo trazidas à tona. Ainda que suas primeiras atividades se resumissem à prospecção e localização de sítio arqueológicos, a tônica geral do projeto era dada pelas premissas teóricas do determinismo ambiental de Meggers e Steward (1948).

Um dos primeiros relatórios deste programa, assinado por Simões, em 1968, assim descreve as ocupações pré-ceramistas da Amazônia:

“Nenhum grupo pré-cerâmico foi ainda reconhecido na Bacia Amazônica e alguns fatores podem ser apontados para explicar tal situação: um, é a densa vegetação que torna difícil a localização dos sítios; outro, a escassez de pedra, implicando em ser a maioria dos artefatos confeccionada de materiais perecíveis, não sobrevivendo arqueologicamente; outro, ainda, a falta de pesquisas intensivas. Portanto, quanto a possibilidade da Floresta Tropical ter sido evitada por antigos grupos de caçadores e coletores, é um assunto que não estamos no momento atual em condições de negar ou confirmar” (Simões, 1968. pp30)

De maneira mais cientificista, Simões coloca o elemento da dúvida sobre a existência de antigas ocupações humanas na floresta amazônica. E nos parece muito plausível suas justificativas apresentadas, o apelo estético do material cerâmico amazônico inegavelmente se apresenta como um elemento de preferência para estudos, em contrapartida à possibilidade de prospecção de sítios antigos. De qualquer maneira, imagino que a retórica do determinismo ambiental fosse uma pressão considerável neste período da arqueologia amazônica.

²⁵ Doravante PRONAPA

Tanto é que, em 1984, mesmo ano da publicação de Simões, Donald Lathrap escreve um capítulo especificamente sobre as ocupações humanas na bacia amazônica, no seminal livro *Man the Hunter*, de Lee & De Vore. Assim ele fala: “*for groups with a technology an social system well adapted to cooperative hunting on the grassland, the tropical forest would not have been an attractive environment for permanent occupation or intensive utilization*”. Lathrap defende, na mesma linha do determinismo ambiental, que os primeiros habitantes da América do Sul, acostumados a caçarem grandes animais nas pradarias do Norte, teriam evitado a floresta amazônica, devido as poucas possibilidades de caça de mamíferos e aves.

Lathrap foi o responsável por se opor a tese majoritária do paradigma do subdesenvolvimento amazônico de Meggers. Ele defendia, não necessariamente em base evidências arqueológicas, que a região da Amazônia central, uma área de várzea entre os rios negro e Solimões, teria sido um dos grandes centros de desenvolvimento arqueológico das Américas, onde teriam se desenvolvido sociedades complexas com agricultura e cerâmica. No entanto, de maneira contraditória, concordava em parte com a premissa de Meggers, de que dificilmente o ecossistema amazônico teria vivenciado ocupações antigas de caráter caçador-coletor.

Para ele, mesmo que grupos caçadores coletores tenham migrado para a Amazônia, eles logo, por pressão do meio ambiente, teriam se convertido em agricultores-ceramistas, e daí a proposta da Amazônia possuir um centro de inovação tecnológica relacionada a um Período Formativo curto e inexorável. Meggers e Lathrap, apesar de desenvolverem teorias discordantes, ainda que sofisticadas, para a ocupação humana na Amazônia, possuíam um elemento de concordância no que tange ao fator decisivo do meio ambiente nas formações sociais mais antigas do continente.

Mesmo com esta grande carga teleológica, as pesquisas arqueológicas na Amazônia não demoraram em levantar os primeiros dados que poderiam colocar em contradição os pressupostos teóricos que sustentavam a ideia de uma floresta inabitada durante boa parte do Holoceno. Os trabalhos que decorreram do PRONAPA, na Amazônia, e seu correlato local, o PRONAPABA, buscaram estabelecer uma série de conjuntos artefatuais e classificações culturais, estabelecendo linhas cronológicas na região. Tendo como base quase que unicamente os vestígios cerâmicos, os pesquisadores destes programas criaram séries arqueológicas traduzidas em formato de “fases” e

“tradições” arqueológicas que orientaram as narrativas das populações humanas da Amazônia a partir de 3.000 AP.

Nesta toada, sítios arqueológicos com características distintas dos normalmente descritos (sítio cerâmico, com terra preta, e datações mais recentes do que 3000 AP) começaram a ser encontrados e reportados em publicações da bacia. Estes sítios, ou camadas estratigráficas antigas de sítio recentes, possuíam a característica de não apresentarem o componente cerâmico, e de possuírem uma indústria lítica lascada. Pela pouca quantidade de dados presentes, alguns foram pouco estudados e pouco descritos, e permanecem até os dias de hoje como notas de rodapé em nossos trabalhos.

Uma destas pesquisas foi levada à cabo por Eurico Miller, arqueólogo ligado ao PRONAPA e ao PRONAPABA, que nos anos 1970 iniciou uma investigação duradoura na região do Sudoeste Amazônico, nas calhas dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Ji-Paraná (e já descrito aqui no capítulo 2). Combinando fundos governamentais com financiamentos externos, prospectou centenas²⁶ de sítios arqueológicos na região.

Em um afluente do rio Guaporé, no estado do Mato Grosso, Miller (1987a) escavou o sítio **Abrigo do Sol**, e publicou informações que começaram a consolidar a existência de grupos caçadores-coletores na Amazônia. Trabalhando com indígenas Nambiquara, ele evidenciou camadas profundas de ocupação humana em um abrigo sobre rocha, localizado às margens do Rio Galera. A complexidade do sítio fez inclusive com que o mesmo criasse um projeto específico para o tema, o Projeto Paleoindígena (PROPA).

²⁶ Número totalmente incerto, mas em relatório do PRONAPA, de 1970, assinando por Simões, sabemos que esse número excede os 120

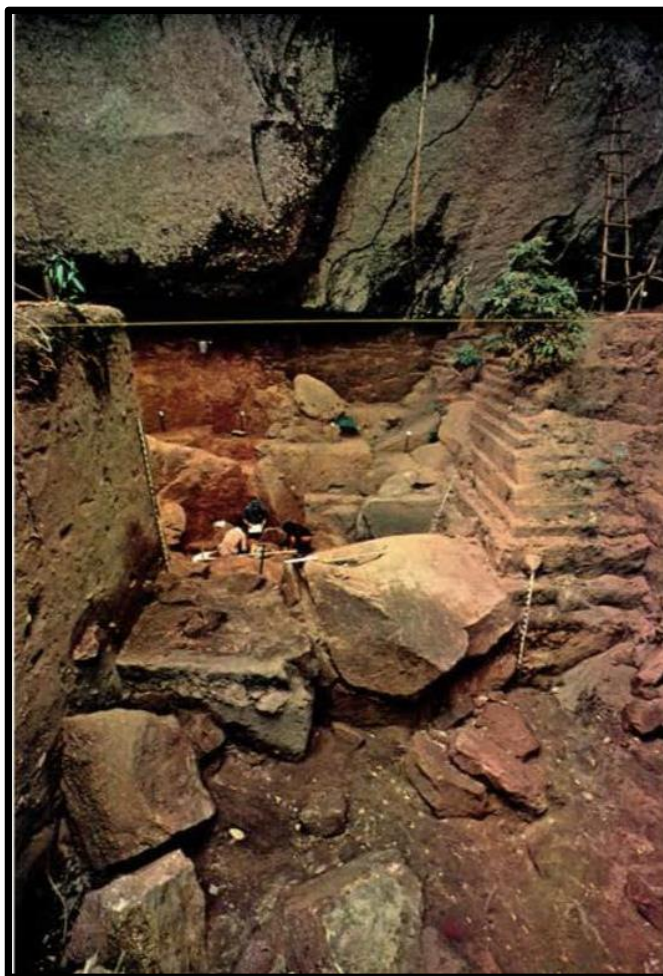


Figura 175- Foto da área de escavação do sítio Abrigo do Sol (Putkamer, 1979)

Neste sítio Abrigo do Sol, foram identificadas pelo menos duas camadas pré-cerâmicas, separadas por um espesso paleossolo de coloração marrom -acinzentado. A primeira camada é representada pela indústria lítica que Miller denominou **Complexo Dourados**, possui datações que vão de 8930 a 10600 AP. Foram evidenciados, além de lascas de basalto, resinas, sementes de palmeiras carbonizadas e fragmentos de carvão lenhoso. A segunda camada, mais antiga, foi definida por Miller mais pela presença de elementos botânicos do que pelo material lítico em si, uma vez que ele não pode identificar antropização nos materiais rochosos. Possui datas de 12.300 a 14.300AP.

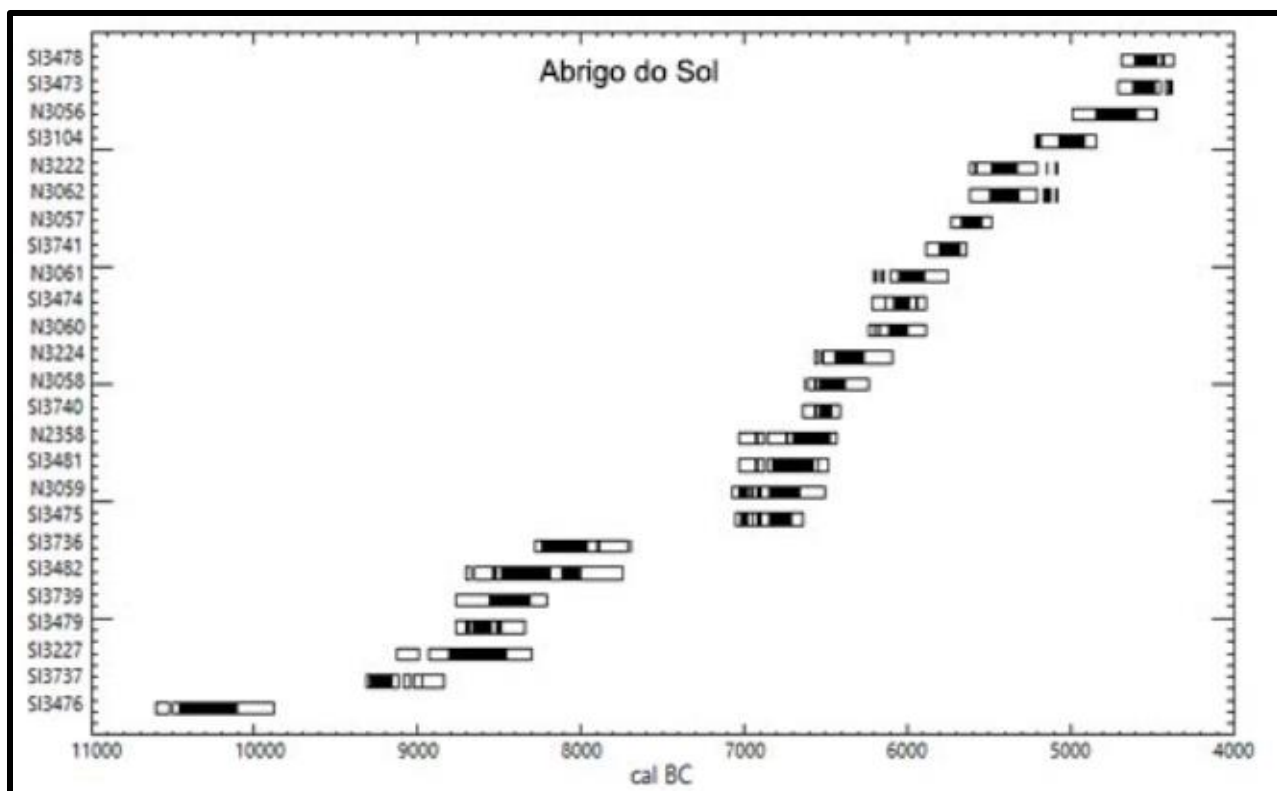


Figura 176 – Cronologia da ocupação do sítio Abrigo do Sol, dados de Miller, 1979, compilados por Zimpel, 2018

Sobre o material lítico, Miller descreve uma indústria composta por matérias-primas locais (basalto, quartzito, arenito metamórfico, calcedônia e biotito), formada em sua grande maioria por lascas unipolares de basalto. Em sua amostra, identificou 6 lascas com marcas de uso de abrasão, provavelmente utilizadas para o desenho de gravuras rupestres existentes no abrigo. Descreveu também a presença de um biface (14 x 11 x 2cm), “alguns” raspadores laterais e percutores com marcas de uso nas extremidades.

Ressalta Miller também à presença, nas camadas mais inferiores, de “*restos de caroços de palmeiras carbonizados e nódulos de resina semi-claras*”, o que para ele indicaria uma utilização ritual do espaço, por parte destas populações do período final do Pleistoceno.

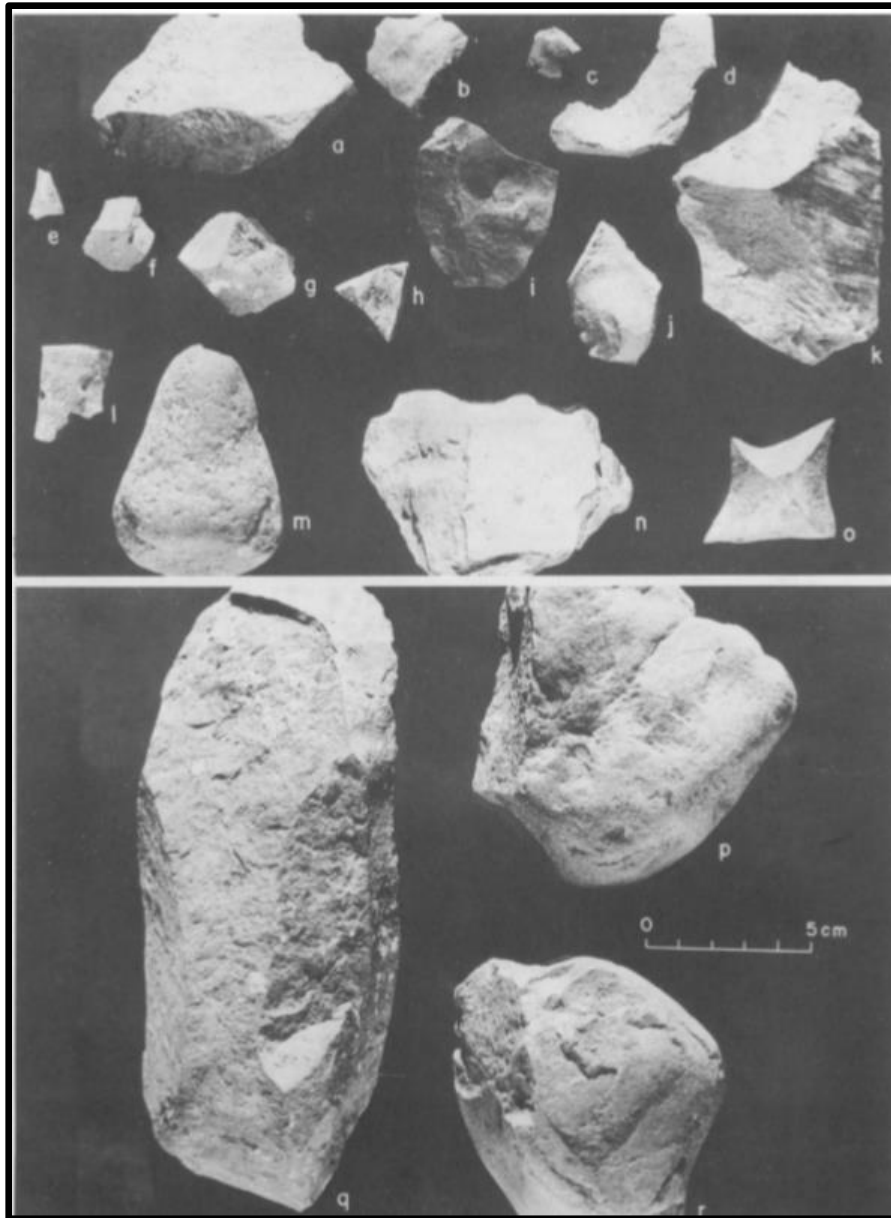


Figura 177 – Fotografia do Material lítico do sítio Abrigo do Sol, da camada mais profunda. No campo superior, lascas e núcleos sem retoques, e abaixo percutores. Retirado de Miller, 1987a

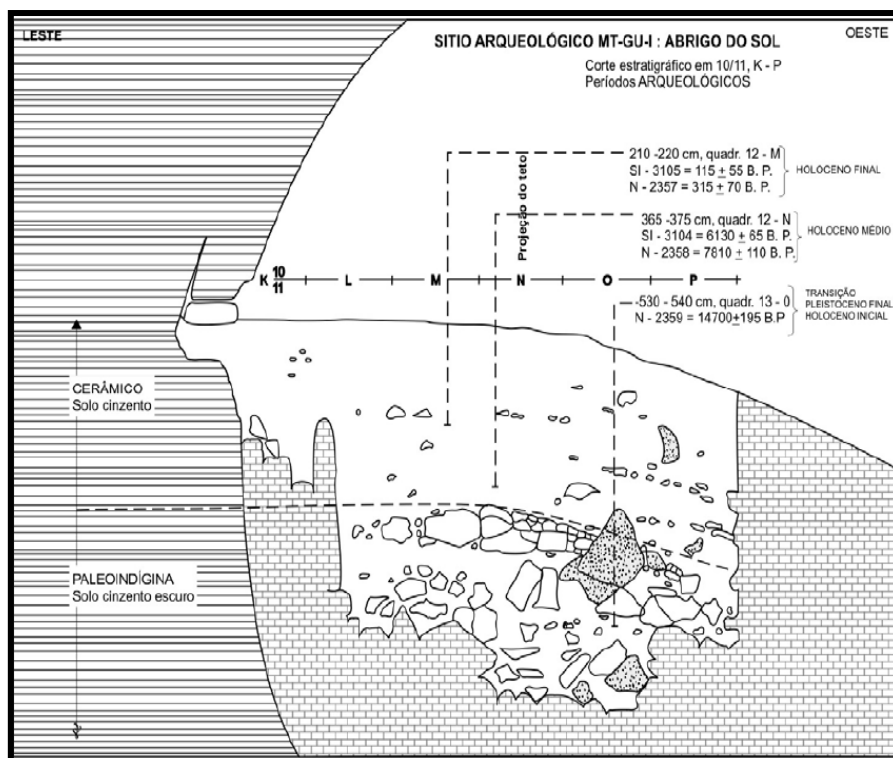


Figura 178 – Croqui esquemático do perfil do sítio arqueológico Abrigo do Sol (Miller, 1979)

Além do trabalho de Miller, nos anos 1980, outras importantes pesquisas arqueológicas realizadas na bacia amazônica contribuíram para tornar o debate sobre a ocupação inicial ainda mais complexo. Em Roraima, no extremo norte do país, Mentz-Ribeiro (1997) conduziu uma série de prospecções à sítios arqueológicos no município de Boa Vista e nas proximidades da cachoeira do Bem-Querer. Dos 53 sítios encontrados, dois mereceram atenção especial, e são os que possuem datações radio-carbônicas, o **sítio Abrigo da Pedra Pintada** e o **sítio Abrigo Mauá**.

O Abrigo da Pedra Pintada é provavelmente o sítio arqueológico mais reconhecido deste estado. Localiza-se às margens do rio Parimé, não muito distante da BR-174, trata-se de uma cavidade natural formada pela concavidade de uma formação rochosa de granito, configurando um espaço restrito delimitado pela própria rocha. Ali, e no sítio Mauá²⁷, duas camadas pré-cerâmicas foram datadas em 3.000 +160 AP e 3950+130 AP. Na estratigrafia, segundo Mentz Ribeiro, foi identificada uma camada ainda mais

²⁷ Não há muitas informações, nas publicações disponíveis sobre o sítio Mauá. Nos textos, o autor refere-se, em relação às informações arqueológicas, aos dois sítios de conjunto, mas não sabemos exatamente em qual deles foram feitas as datações.

profunda, que por associação crono-estratigráfica, ele imagina que possa estar entre 7.000 e 6.000 AP.

O material arqueológico encontrado nestas camadas pré-ceramistas é caracterizado por uma indústria de instrumentos lascados²⁸, que representam 70% da amostra. Destacam-se, desde os estratos mais profundos, uma quantidade considerável de batedores, moedores, mós e pilões, instrumentos ligados tradicionalmente ao processamento de vegetais e bens cultiváveis.

Assim como as publicações de Miller, não é extensa a descrição que este arqueólogo faz sobre o material lítico. No entanto, Mentz Ribeiro faz uma reflexão bastante original sobre a migração de populações colonizadoras na região, atribuindo duas ondas iniciais, que vindo da América Central via alto rio Orinoco teria se dividido entre populações adaptadas ao cerrado, e populações adaptadas à floresta tropical. Ainda que a ideia esteja colocada somente no campo da hipótese, a existência de grandes campos de cerrado no noroeste do Brasil e sul da Venezuela fizeram com que o arqueólogo imaginasse que esta região seria uma amálgama das culturas dos primeiros povoadores da América do Sul.

Nesta mesma região do Norte da Amazônia, mas em território do Suriname e da Venezuela, Boomert (1980) compilou dados de informações e de investigações conduzidas por Crucent (1971), e definiu uma tradição arqueológica pré-ceramista na savana de **Sipaliwini**. Estes sítios, contabilizados vinte e seis, foram descritos como depósitos superficiais sem estratigrafia, de instrumentos líticos lascados e polidos, localizados em áreas de topo de platô na savana. Mesmo não conseguindo amostras para datação, Boomert acredita que estes sítios componham um sistema de assentamento caçador-coletor, com distintos acampamentos sazonais, de um mesmo grupo cultural, o que é atestado pelas características tecnológicas do material encontrado.

O material lítico proveniente dos sítios descritos por Boomert é caracterizado, em sua maioria, por lascas unipolares de rochas locais (quartzo ou riolito), algumas com marcas de utilização. São encontrados também núcleos esgotados, machados lascados, percutores de seixos e pesados choppers.

²⁸ Lascas unifaciais de distintas matérias-primas, chert, quartzito, quartzo, arenito-silicificado.

Sem a possibilidade de estabelecer cronologia absoluta, Boomert acredita que este conjunto tenha uma relação com os sítios arqueológicos dos primeiros colonizadores da Venezuela, do complexo Las Casitas²⁹. Presentes no Noroeste venezuelano (fora da bacia e do ecossistema Amazônico), estes sítios possuem datas bastante recuadas, da transição Pleistoceno/Holoceno (Vargas, 2006), e segundo eles, comungam características principalmente em relação à tecnologia das pontas de flechas. Para ele, as sociedades da savana de Sipaliwini seriam a primeira vertente da colonização humana da Amazônia, oriunda diretamente dos caçadores de grandes mamíferos da cultura El Jobo, do complexo Las Casitas.

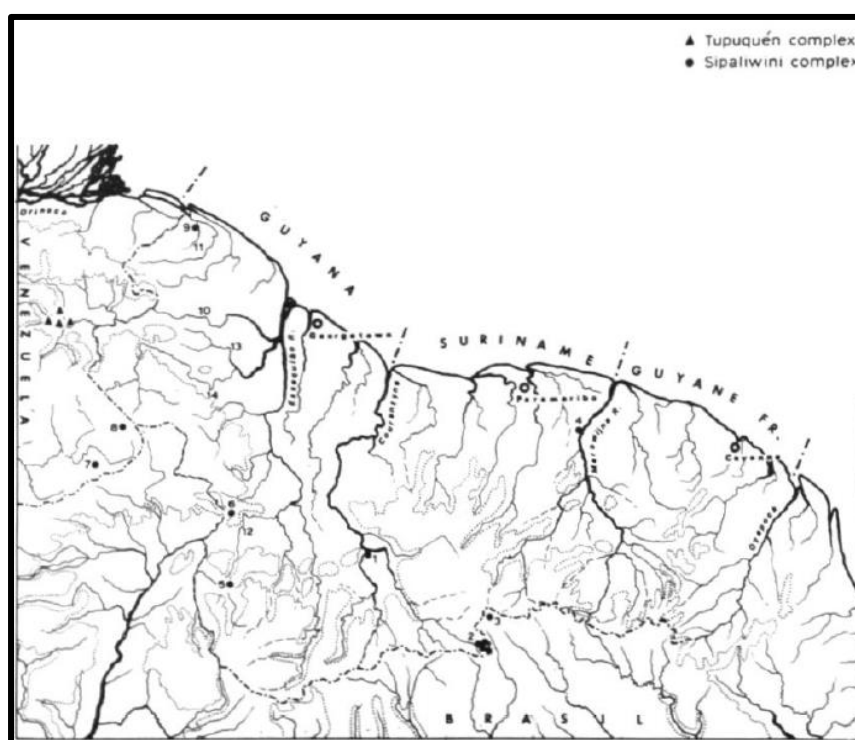


Figura 179 – Mapa com a localização dos sítios arqueológicos da Savana de Sipaliwini.(Boomert, 1980)

Em 1982, Brochado e Lathrap escreveram uma importante síntese sobre a cronologia pré-colonial da Amazônia, e ainda que não tenha sido propriamente publicada, é de comum saber o valor que suas elaborações tiveram para a arqueologia amazônica. Em mãos de grande parte da bibliografia disponível até então, assim descreveram as ocupações pré-ceramistas na bacia:

²⁹ Possui sítios bastante conhecidos como Muaco e Taima-Taima.

Because there is so much prehistoric surface pottery in Amazonia specially in areas accessible to modern occupation, preceramic sites have not been a focus of research, instead ceramic sites have, so to speak pressed themselves upon the investigators.

Apesar dos elementos que para eles, ainda possuem uma relação com as premissas da impossibilidade de existência de sociedade de economias caçadoras-coletoras em ambiente tropical, os autores citam não só os achados fortuitos de pontas de projétil por toda a região, mas também sítios arqueológicos foram escavados e parecem como “*pontos fora da curva*” da teoria global da ocupação humana na bacia amazônica.

Entre os dados apresentados pelos dois (que inclui os sítios de Eurico Miller no Mato Grosso e os sítios em superfície das Guianas), é dada atenção a presença de sambaquis na costa das Guianas, representados através da cultura Alaka. Sítios do tipo sambaqui são reportados na Amazônia desde o século XIX, quando Charles. Frederick. Hartt identificou e reconheceu o sítio Taperinha, em Santarém, no estado do Pará. São sítios arqueológicos formados pela acumulação de conchas bivalves de moluscos, formando uma estrutura antrópica, elevada, mancada um espaço específico na paisagem. Estão quase sempre localizados em “*margem de rios, em planícies aluviais ou em áreas estuarinas, sempre relacionados a ambientes com recursos diversificados de áreas sazonalmente alagáveis*” (Pugliese, 2018). Na Amazônia, os sambaquis possuem datações que englobam a parte final do Holoceno Médio, e o Holoceno Final.

No litoral das Guianas, Betty Meggers e Clifford Evans (1960) encontraram uma série de sambaquis nos anos 1960, próximo à fronteira com a Venezuela. A denominada Fase Alaka foi o primeiro conjunto arqueológico pré-cerâmico definido na Amazônia pelo casal. Possui características comuns a vários outros sambaquis da costa Atlântica, e possui fragmentos cerâmicos em seus estratos superiores. Este conjunto foi densamente descrito por uma indústria lítica de polidos, moedores, mós, cupuliformes e bigornas; pouco material lascado e conchas de moluscos trabalhadas. Desafortunadamente, não foi possível na época obter datações para este contexto.

No litoral paraense, nos anos 1960 e 1970, Mario Simões e pesquisadores do Museu Paraense Emilio Goeldi identificam também 43 sítios de sambaquis (Oliveira & Silveira, 2018), no âmbito do projeto Salgado (Silveira & Schann, 2009), onde obtiveram mais de uma dezena de datas para o Holoceno Médio. No sítio Sambaqui do Uuruá, a datação mais antiga chega a **5.570 ±125**.

Foi a partir deste projeto que foi definida a cerâmica Mina, um dos conjuntos cerâmicos mais antigos das Américas. Esta cultura está ligada aos grupos construtores dos sambaquis, e é uma das principais distinções entre estes sambaquis e os do litoral leste atlântico, segundo Simões (1981), possui como datação mais antiga a data de 5115 +195, sendo recorrente na estratigrafia até os períodos mais recentes.

Simões, diante destes dados, buscou fazer uma correlação entre os sambaquieiros da região do Salgado, com os dados disponíveis até então, e os sítios sambaquis do litoral caribenho das guianas, da fase Alaka. Para ele, os dois conjuntos cerâmicos compunham uma mesma Tradição, homônima, o que explicaria não só a recorrência do registro arqueológico (sambaqui + cerâmica antiga), como inferiria uma origem comum, que para ele, englobaria até mesmo os sítios concheiros no litoral Pacífico, no Equador.

Desafortunadamente, não há descrição específica sobre o material lítico destes sambaquis, segundo Oliveira e Silveira (2017) *“apesar de não possuírem informações detalhadas publicadas em relação aos diferentes tipos de materiais arqueológicos, estratigrafia, padrão de assentamento ou análise dos espaços intra e intersítios, as fases Mina e Alaka são contextos recorrentemente citados na bibliografia.”*. Da mesma forma, a falta de maiores dados nos impossibilita de levantar possibilidades comparativas mais concretas com outros contextos além das Guianas, no entanto, como as autoras mesmo afirmam, os dados cronológicos servem de instrumento para demonstrar elementos de diferença e recorrência nos contextos arqueológicos da Amazônia, durante o Holoceno Inicial e Médio.

Digo isso porque, também nos anos 1980, a arqueóloga norte-americana Anna Roosevelt igualmente trabalhou um sítio arqueológico de tipo Sambaqui, na região do baixo rio Amazonas, e apresentou dados concomitantes com os levantados pelo Projeto Salgado. Trabalhando no **sambaqui Taperinha**, Roosevelt (1991) evidenciou uma estratigrafia complexa de 6 metros de altura, de camadas formadas por grande quantidade de carapaças de moluscos, ossos, líticos, carvões e fragmentos de cerâmica. Esses fragmentos cerâmicos foram datados por AMS e termoluminescência, e as datas de **7600 e 7335 AP** são as datas mais antigas para cerâmica nas Américas.

Ainda que, de acordo com suas publicações, a cerâmica aparentemente não configure-se como um elemento central para estas populações (foram identificados

apenas 24 fragmentos na amostra escavada), o que nos parece importante destacar é que os dados levantados por Roosevelt demonstram a existência de uma ocupação relativamente sedentária e duradoura, baseada em uma economia de amplo espectro (Roosevelt, 1989). Em Taperinha, aparentemente, a estratigrafia nos mostra que a ocupação humana deste local foi constante durante todo o Holoceno, ainda que não tenhamos datas para todos os níveis, a presença do material é constante, até o aparecimento da cerâmica relacionada a cultura Santarém, esta mais recente.

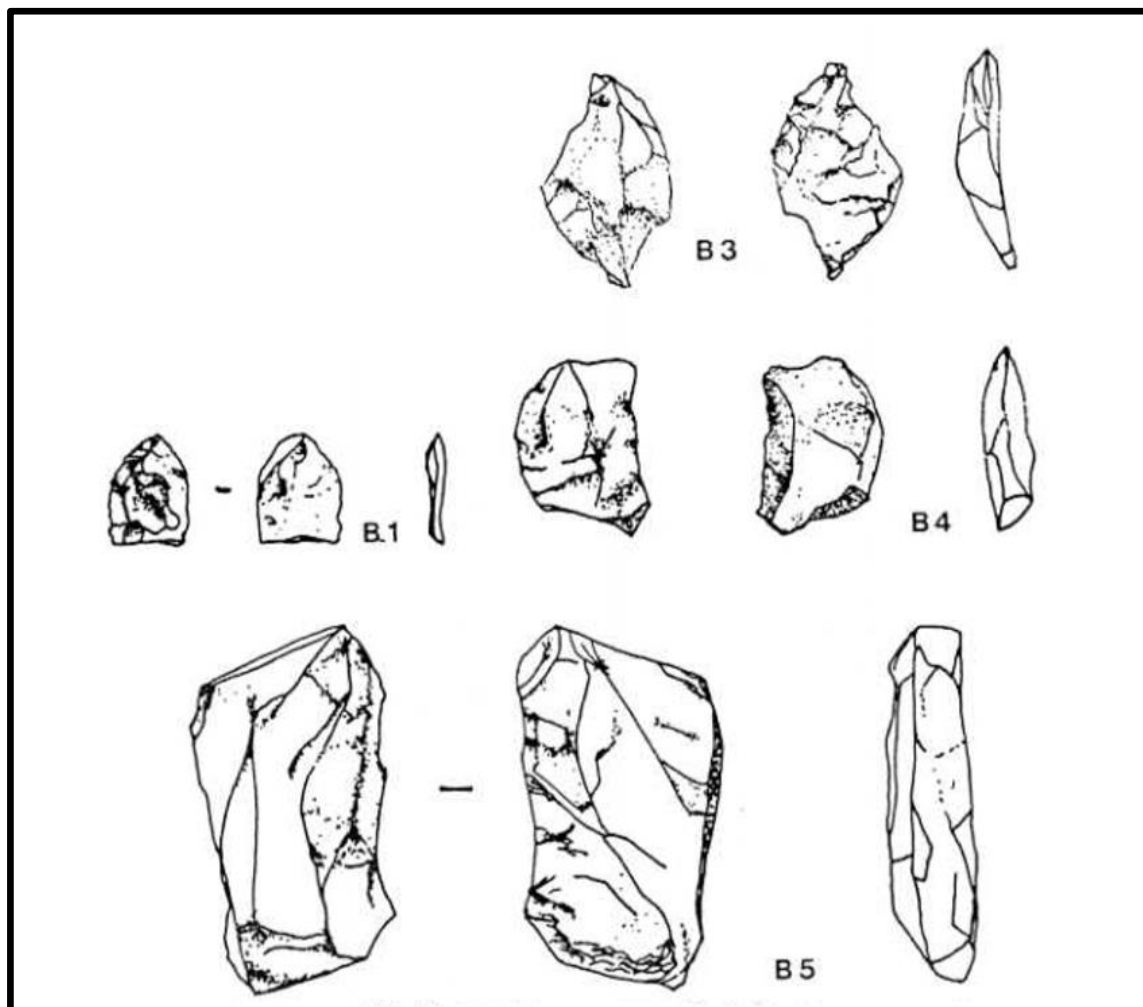


Figura 180 – Fragmentos dos instrumentos líticos lascados oriundos do Sambaqui Taperinha (Roosevelt, 1989)

Evidentemente, pela presença de um conjunto cerâmico tão antigo, a análise do material lítico e de outros vestígios arqueológicos ficou aquém das possibilidades. De qualquer maneira, Roosevelt afirma que o material lítico é composto por instrumentos lascados “brutos”, percutores, cupuliformes de formato não bem definidos e moedores. Para ela, o material lítico estaria relacionado muito mais ao processamento de plantas e

bens aquáticos, caracterizando uma “*economy of intensive riverine foraging*”, o que suportaria um assentamento relativamente permanente.

5.2 - Um improvável debate nos anos 1990

Mesmo com as publicações dos autores citados, o final dos anos 1990 foi marcado, na arqueologia da Amazônia, por um debate que parecia ser improvável diante dos dados até então disponíveis. O antropólogo Robert Bailey, com o artigo intitulado “*Hunting and Gathering in Tropical Rain Forest: Is it possible?*”, defendeu a ideia, mais uma vez, de que não haveria registros etnográficos ou arqueológicos para a existência de sociedades com características caçadoras-coletoras na Amazônia.

Para ele (Bailey, 1989, 1991), as florestas tropicais no mundo não seriam ambientes que fornecessem a quantidade necessária de carboidratos para a reprodução de uma sociedade baseada em uma economia de subsistência do tipo caçador-coletor. Sua hipótese é amparada por estudos etnográficos de diversas etnias que vivem em áreas tropicais no mundo, e que apesar de apresentarem características que podem ser típicas de um modelo caçador-coletor “puro”, na verdade contém, como elemento contraditório, algum tipo de relação com práticas horticultoras, seja através de relações de troca com outros grupos, ou algum grau incipiente de cultivo. “*We have been enable to find any unambiguous ethnographic account of people living in tropical forest without some reliance on domesticated plants and animals*”, defendem os autores.

Do ponto de vista dos dados arqueológicos, Bailey retoma as premissas de Lathrap para negar a existência de dados sobre a presença humana na Amazônia durante o Holoceno Inicial e Médio. Ele afirma que “*Only one well-known group of early South American habitation sites might have been in a tropical forest: the cave sites in the Lagoa Santa region os Minas Gerais*”.

Rapidamente, Colinvaux & Bush (1991) responderam ao artigo enfocando no argumento biológico, mais do que cultural, dos antropólogos. Segundo eles, os dados apresentados por Bailey (1989) apresentam incoerências em diversos campos, principalmente na caracterização homogeneizada de “floresta tropical”, o que deixaria de

lado as especificidades dos ecossistemas, que ao redor do mundo, apresentam características bastante distintas, ainda que se encontrem no cinturão do globo terrestre. O exemplo de Lagoa Santa é evidente: como comparar o sertão de Minas com a floresta ombrófila do Sudeste asiático, por exemplo?

Além disso, prosseguem os autores, a avaliação de que os ambientes tropicais não oferecem carboidratos suficientes para a manutenção de uma sociedade não leva em consideração uma série de plantas comestíveis que são ofertadas em sua forma natural (i.e., não modificadas geneticamente ou fenotipicamente), e principalmente não é equacionado o papel da pesca, atividade presente em diversas sociedades de tipo caçador-coletor. A pesca, como bem se sabe, é uma fonte muito importante de nutrientes para todas as comunidades ribeirinhas, indígenas ou não, nas terras baixas da América do Sul. Não é levado em consideração também a possibilidade de caças de mamíferos de médio porte, abundantes na área de mata, como veados, porcos e antas, que somada à complexa tecnologia de caça de animais que vivem na copa das árvores (macacos e aves), conforma uma gama de possibilidades de obtenção de alimentos que inverte totalmente a perspectiva da escassez.

O centro desta polémica está relacionado com um tema quase que canônico na arqueologia americana, que é a ligação imediata entre primeiros povoadores e economia de subsistência exclusiva de caça e coleta. Como aponta Oliver (2001), durante boa parte do século XX, existiu uma ideia preponderante de que “*the first South Americans exclusively favoured a narrow-spectrum diet and specialized in big game hunting*”, o que se expressa em uma categorização de sociedades caçadoras-coletoras, por mais idealizadas que sejam, para os primeiros grupos nas Américas.

De fato, no caso da Amazônia, é pouco provável que o modelo tradicional tenha existido como tal, cuja existência ao pé da letra confirmaria a hipótese dos acadêmicos que advogavam a favor da não presença de sociedades caçadoras-coletoras no ecossistema amazônico. O problema é que esta hipótese, como colocada por Bailey e Lathrap, implica na não existência de qualquer tipo de forma de organização social durante o Holoceno Inicial e Médio, por ser esta a única forma possível de economia para o período.

Além desta perspectiva refletir uma carga social-evolucionista forte, na medida em que acredita que as sociedades amazônicas tenham percorrido (ou deveriam ter) um

caminho linear que desembocasse no desenvolvimento regional, sedentário e horticultor; nega por completo as evidências arqueológicas concretas, que com suas datações desde os anos 1980, atestavam para a antiguidade da presença humana na bacia Amazônica.

Politis (1992, 2008), ao refletir sobre os primeiros habitantes da Amazônia, indica um importante problema estrutural, que diz respeito ao modelo da ecologia histórica que tendo a projetar as atuais sociedades de característica caçadoras-coletoras da floresta, sendo reminiscentes e testemunhos vivos das cultural arqueológicas do passado. Uma visão de que expulsas das margens dos grandes rios durante o Holoceno pelas populações horticultoras, os caçadores-coletores da Amazônia estariam, desde então, vivendo sob as mesmas condições, sob o signo da insuficiência e da incompletude. Semelhante movimento fez Meggers (1971), ao projetar as condições socioeconômicas das sociedades indígenas contemporâneas, à modelos de organização pré-coloniais, negando os séculos de dominação e extermínio europeu.

Fausto (2014) reforça essa crítica, na medida em que é necessário estabelecer as “*continuidades silenciosas de um discurso produzido em um contexto colonial*”, principalmente porque o “*imaginário ocidental sobre a floresta amazônica parece oscilar entre dois polos opostos e irreconciliáveis: fartura e escassez*”. Reflexo, diz ele, das dificuldades do europeu colonizador em se adaptar ao “inferno verde”. Isso explica, em parte, a obsessão pela classificação calcada unicamente no modo de subsistência, e os anos de atraso que a arqueologia amazônica viveu, sob a égide de modelos de ocupação do território, com uma base material de sustentação bastante deficitária.

O trabalho de Politis com o grupo étnico Nukak, e de Carlos Fausto com os indígenas Parakanã mudaram profundamente a compreensão de que a floresta poderia não sustentar comunidades com o uma subsistência econômica voltada para a caça e para a coleta. E trabalhos recentes no campo da etnologia (Hernando & Coelho, 2013) também contribuem consideravelmente para que nós arqueólogos pensemos para além da categoria de definição econômica, como sendo o único critério para designação de uma totalidade holística de uma sociedade deste tipo.

No final das contas, se vê atualmente uma diversidade muito grande, entre as comunidades indígenas atuais da bacia amazônica, no que diz respeito ao mesmo de vida econômico, que inclusive dentro da mesma etnia pode variar, com um período do ano

sendo caracterizado por mais mobilidade, e outro mais sedentário e calcado no consumo de bens cultiváveis. Para nós, arqueólogos, me parece que essa complexidade mostrada pela antropologia cultural contribui para que deixemos de pensar nestas categorias como conceitos históricos, passíveis de serem aplicados em uma lógica que não seja unilinear e de desenvolvimento formal.

Quero dizer, não faz mais sentido pensarmos na possibilidade da “não existência” de sociedades de tipo caçadoras-coletoras no ambiente Amazônico, se quando pensamos em uma sociedade deste tipo estamos projetando ou uma visão cristalizada histórica paleolítica, ou uma leitura etnográfica moderna de sociedades australianas, africanas ou do extremo sul da América (Lee&Devore,1968). Os grupos amazônicos possuíram um modelo próprio de desenvolvimento do qual sua definição não necessariamente perpassa pelo elemento da subsistência tal qual definido classicamente.

Na arqueologia, na medida em que foram se encontrando mais contextos arqueológicos antigos, do Holoceno Inicial e Médio na Amazônia, foi ficando cada vez mais claro de que o modelo clássico de sociedade “caçadora-coletora” não se aplica com efetividade à explicação das dinâmicas sociais destes grupos pré-cabralinos.

5.3 - Dados arqueológicos do Holoceno Inicial e Médio

Diversos trabalhos tanto da etnografia como da arqueologia a partir da polêmica ressurgida no início dos anos 1990 ganharam, na mesma medida, mais atenção e novo ímpeto. Diversos projetos, como o projeto Salgado no Pará, os trabalhos de Roosevelt no baixo Amazonas, as pesquisas no médio rio Caquetá foram substancialmente munidas de mais dados arqueológicos, da mesma forma que a arqueologia comercial, em diversas partes da Amazônia também trouxe a luz novos dados sobre a ocupação pristina da floresta.

Ainda que insuficiente, como dissemos no início deste capítulo, acreditamos que o cenário que temos hoje em dia apresenta um seguro e rico contexto de ocupação para o Holoceno Médio na bacia Amazônica, e dados consistentes para a colonização inicial deste território. Aqui, descrevi em linhas gerais os principais dados disponíveis até então, a fim de esclarecer os cenários de pesquisas, e localizar os questionamentos realizados para o contexto do Alto Madeira, em uma perspectiva continental.

Dois trabalhos seminais foram publicados nos anos 1990, continuam sendo referência para as pesquisas dos grupos humanos do Holoceno Médio e Inicial na Amazônia. O primeiro estudo é bastante conhecido no Brasil, e é uma continuidade das pesquisas realizadas no Sambaqui Taperinha. Atraída pela presença de reportes de pontas de projétil de sílex nesta região (Hilbert, 2008), Anna Roosevelt empreendeu escavações na área de cavernas do município de Monte Alegre, no Pará. Na **Caverna da Pedra Pintada**, Roosevelt identificou uma estratigrafia complexa que atravessa todo o Holoceno, e com datações que recuam até o final do Pleistoceno. Uma bateria de 56 datações atesta a presença de um grupo humano habitando a caverna entre **11.700 e 9880 AP**, dados coletados junto uma quantidade grande de vestígios botânicos e faunísticos, evidenciando, segundo ela, uma economia de subsistência bastante diversificada.

Neste sítio, Roosevelt identificou três distintas camadas de ocupação para os períodos mais antigos. A primeira, ela denominou de cultura Paleoíndia, e possui as características descritas acima. No que diz respeito à indústria lítica, foram identificados 30.000 lascas e fragmentos, e 24 instrumentos formais. Dos instrumentos formais, 10 foram classificados como bifaciais (sendo 4 pontas de projétil e 2 pré-formas), e 14 como unifaciais. Um dado interessante é que das pontas de projétil, uns dos poucos exemplares encontrados em contexto na Amazônia, nenhum possuía marcas de utilização.

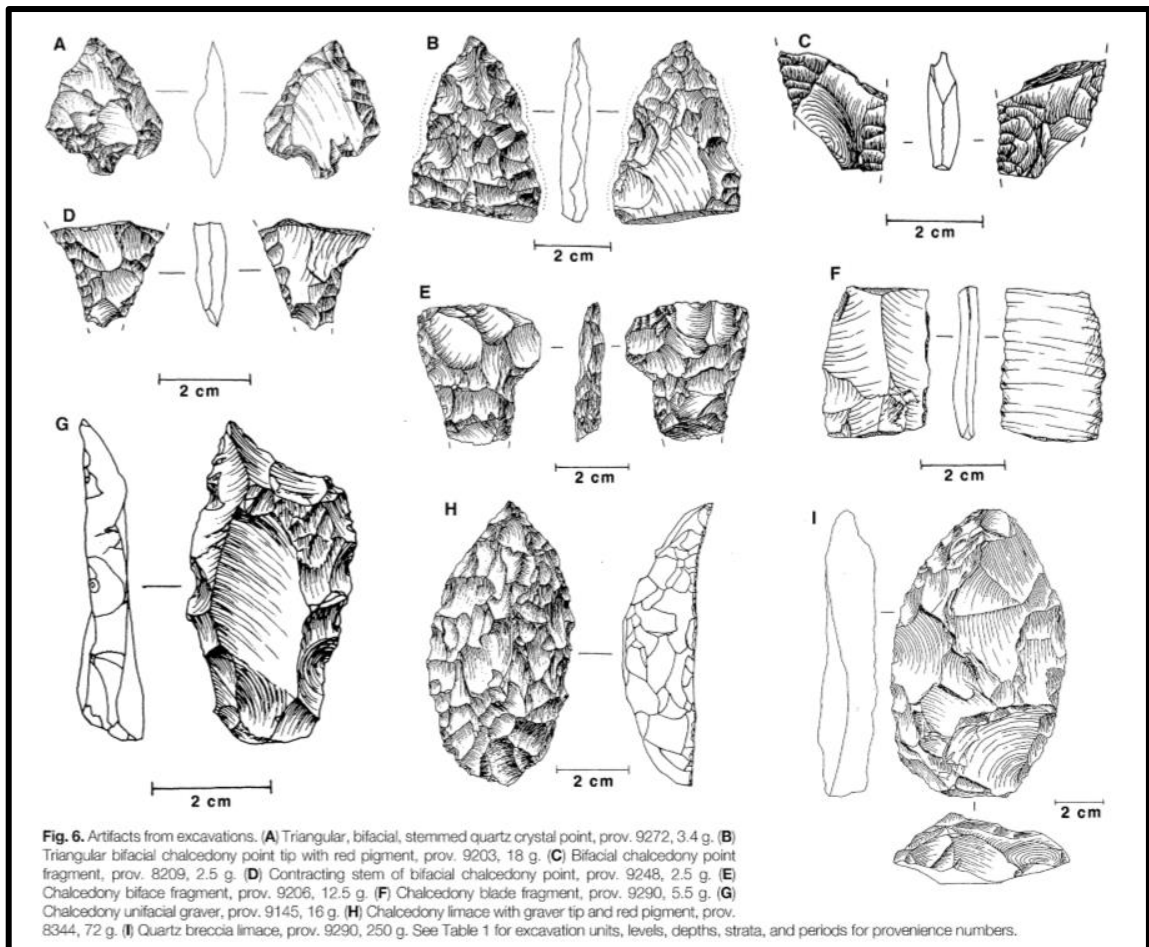


Figura 181 – Desenho retirado de Roosevelt 1996, dos objetos por ela denominados formais

O material lítico lascado é descrito por um conjunto abundante de lascas unipolares, de rochas encontradas basicamente na região, de matéria prima preponderante em calcedônia, mas também em quartzo e suas variantes (hialino, leitoso e cristalino). Ele aparece em quantidade muito superior no estrato mais antigo, e pouco nos mais recentes (150 fragmentos líticos por camada nas mais recentes).

Após a ocupação Paleoindígena, a Caverna da Pedra Pintada foi provavelmente abandonada, pois foi evidenciado um hiato de vestígios arqueológicos, que voltam a aparecer uma camada datada entre 7580 e 4710 AP, que ela denomina como Fase Paituna. Essa ocupação é relacionada a tradicional nomenclatura do Arcaico, em um período onde ocorre a transição para a agricultura e para a tecnologia cerâmica (Barreto, 2018). Sabemos que esta cerâmica incipiente é composta por um conjunto de formas simples, pasta vermelho-amarronzada e temperada com areia e concha triturada. Roosevelt faz uma correlação entre esta ocupação e os primeiros habitantes do Sambaqui Taperinha, onde também, como já dissemos, foi encontrado um componente cerâmico com

características comuns. Ainda no período do Holoceno Médio, a fase Aroxi é correlacionada ao período Formativo, e possui datas entre 3.603 e 3.230 AP., é caracterizada pela presença maior de fragmentos cerâmicos, indústria lítica lascada escassa, alguns artefatos do tipo moedores e raladores, e quantidade grande de material botânico carbonizado.

Esta publicação de Roosevelt (1996) foi um golpe duro às premissas de que a floresta amazônica não teria sido habitada em tempos remotos. Não só por apresentar datas antigas, que retomam ao final do Pleistoceno, mas pela exposição de uma estratigrafia que abarca quase todo o Holoceno, com dados consideráveis que nos fazem inferir sobre modos de subsistência e dieta destas populações. Este elemento é importante porque Roosevelt estava também, com este artigo, debatendo com os defensores da teoria de *Clovis-First*³⁰, que projetavam suas hipóteses também para a América do Sul. Na caverna da Pedra Pintada, foi mostrada não só a antiguidade das populações humanas na AmazÇonia (data que se mantém até hoje como a mais antiga), como também desmontou a teoria de que os primeiros habitantes do continente sul-americano teriam sido caçadores de grandes mamíferos em um ambiente mais seco, de savanas.

Infelizmente, todo o material coletado e analisado por Roosevelt encontra-se até hoje nos Estados Unidos, mas novos dados estão sendo produzidos, atualmente, por uma equipe multidisciplinar do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Universidade Federal do Oeste do Pará (Moraes, 2014). Apesar de não termos muitos dados publicados até então, o projeto “*A ocupação pré-colonial de Monte Alegre, Pará*” vem mostrando que muitas das assertivas de Roosevelt estavam corretas, principalmente em relação às interpretações da estratigrafia do sítio, e da descrição do material lítico dos substratos mais profundos.

O outro trabalho substancial publicado no início dos anos 1990, que contribuiu para acabar com o mito da Amazônia inabitada durante o Holoceno foram as escavações empreendidas em três sítios da Amazônia colombiana: **Guayabero, Chiribiquete e Peña Roja**.

O sítio Guayabero foi o primeiro sítio pré-cerâmico escavado na Amazônia Colombiana (Aceituno, 2015), localizado às margens de um afluente do rio Guaviare.

³⁰ Esta teoria é bastante difundida entre arqueólogos principalmente norte-americanos. Credita à cultura Clóvis, um conjunto artefactual bastante característico por suas pontas de flecha, os primeiros

Trata-se de um abrigo rochoso, onde foram evidenciadas duas ocupações, uma mais recente, por volta de 2000 AP, e uma bastante antiga, com a datação mais recuado em **7250+10 AP**. (Correal et all, 1990). Da camada mais antiga (foram escavados 3m²), foi feita uma descrição rápida dos vestígios arqueológicos; o material lítico é “*en sua mayoria elaborado mediante percussión directo sobre chert, y alguna slascas sobre areniscas cuarciticas y cuarzo*”. Foram evidenciados, em menor frequência, raspadores discoidais, terminais, e com retoques. A interpretação dos autores é que, pela quantidade e qualidade do material lítico, a área de fora do abrigo tenha sido utilizada como uma oficina de lascamento, enquanto a área interna tenha sido aproveitada apenas como habitação. Importante notar, que mesmo sem identificação precisa, foram coletadas grande quantidade de material botânico, como resinas e sementes carbonizadas.

Van der Hammen (Castaño-Uribe, 2005) também realizou escavações no parque nacional do Chiribiquete, em um complexo arqueológico bastante conhecido pelas belas pinturas rupestres. Nesta zona montanhosa da Amazônia colombiana foram prospectados 34 abrigos sob rocha com pinturas, o sítio Arco I foi o único em que foi possível obter datações para o período pré-cerâmico: **5560+70** e **5320+70 AP**. Infelizmente, não foi dada continuidade aos trabalhos nesta região, e temos apenas esta publicação como fonte de informação.

Nas margens do Rio Caquetá, que no Brasil é chamado de Japurá, em um afluente do Solimões, Santiago Mora (2001) coordenou escavações no sítio arqueológico **Peña Roja**, onde evidenciou também uma cada pré-cerâmica relacionada ao Holoceno Inicial. Este sítio é um dos contextos mais bem registrados na Amazônia no que tange a este período histórico, com um projeto multidisciplinar e uma série de trabalhos publicados (Mora, 2004; Pippeno& Persall, 1998; Cavelier et all, 1995; Aceituno, 2008; Saunaluoma, 1996).

Trata-se de um sítio a céu aberto, em área de floresta tropical. De acordo com os dados palinológicos, realizados por Mora, mesmo que tenham ocorrido variações climáticas desde o final do Pleistoceno até o presente, a maior possibilidade é que esta região tenha sido coberta pela vegetação típica da Amazônia, em uma “prolongada continuidade” do ambiente.

Duas camadas arqueológicas foram descritas para o sítio Peña Roja, uma mais recente que possui data de 1900 AP e 950 AP, e está relacionada com grupos ceramistas, com características bastante típicas da bacia Amazônica. A outra, mais antiga, possui seis datações que vão de 9250±140 a 8090+60 AP. Nesta camada profunda, foram coletados 19.000 fragmentos líticos, dos quais 2.400 foram separados para análise, por serem qualificados como “instrumentos” que possuem marcas de uso. A coleção é formada por uma variedade de ferramentas oriundas de rochas locais (60% sílex, 14% quartzo), lascada em sua maioria por tecnologia unipolar e unifacial, descritos como raspadores, choppers, lâminas, etc. Assim descreve Mora (2001): “*Unifacial tools, produced with a simple technique, predominated within the Peña Roja lithic assemblage.*”

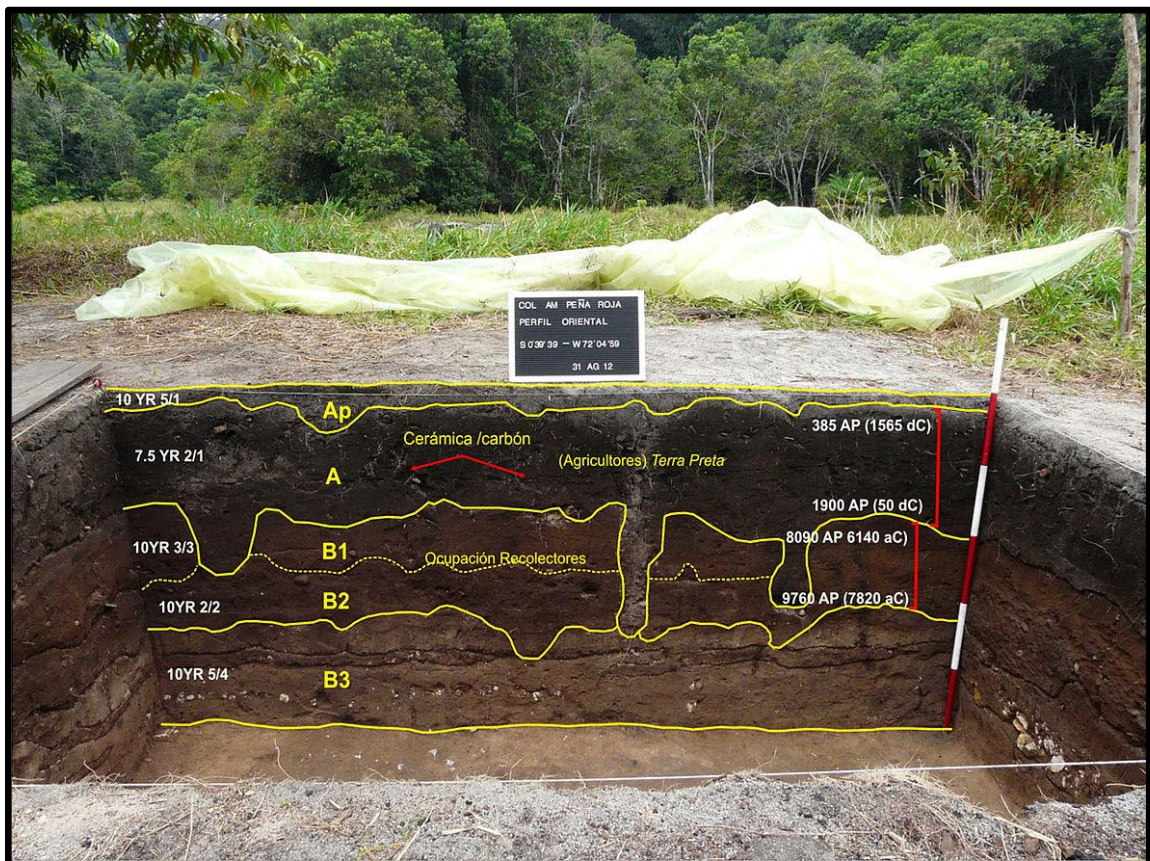


Figura 182 – Perfil com marcações das camadas sitio Peña Roja. Cortesia de Gaspar Morcote-Ríos

Além do material lascado, Mora descreve a existência de uma categoria de instrumentos líticos chamados de “*Ground stone industry*”, ferramentas que não foram lascadas, definidas por suas morfologias, como polidores, moedores, percutores,

machados e bigornas. Este conjunto é muito mais abundante na camada ceramista, mas está presente no estrato mais profundo.

Em relação às inferências sobre a subsistência deste grupo mais antigo que viveu em Peña Roja, Morcote-Ríos (1997) fez estudos que envolveram técnicas de micro e macro-vestígios botânicos. Uma quantidade grande de sementes de palmeiras (68% da amostra) foi recuperada, indicando um possível manejo incipiente, porém seletivo, das mesmas. Em relação a outras plantas encontradas, destacam-se os fitólitos de abóbora (*curcbitae*), cabaça (*Lagenaria siceracea*) e Ará (*Calafhea allouia*), plantas domesticadas que foram datadas, por inferência estratigráfica, em 8000 AP por Pipperno (1999). Outro dado oriundo das análises de micro-vestígios botânicos, que nos é importante, é a falta de fitólitos de gramíneas, o que faz com que os pesquisadores acreditem que mesmo que as plantas domesticadas sejam fruto de um processo de cultivo, não eram realizadas atividades de derrubada intensiva de mata, o que geraria, a posteriori, amostras de gramíneas pela área aberta e abandonada.



Figura 183– Exemplos do material lítico lascado do sítio Peña Roja. Cortesia de Sanna Saunaloma

O trabalho multidisciplinar realizado em Peña Roja e no Abrigo da Pedra Pintada foram importantes para que a arqueologia da Amazônia começasse a pensar no registro holocênico para além da ausência do elemento cerâmico, ou seja, definir este período da história amazônica através de suas dinâmicas concretas, e não simplesmente pela oposição da existência de uma tecnologia.

Além de responderem, através de contundentes dados arqueológicos às questões mais canônicas da arqueologia amazônica, deu-se o pontapé inicial nos estudos sistemáticos de sítios antigos na região. Foi a partir destes trabalhos que a comunidade

acadêmica compreendeu a antiguidade da modificação da paisagem por parte destas populações, e quais dinâmicas sócio-culturais foram empreendidas para que tal transformações acontecesse nos séculos posteriores. Mora resume este debate, no final de seu trabalho:

“I have attempted to prove in the last pages that early tropical rain forest occupation was possible prior to the introduction of agriculture in Amazonia. The archaeological data supports this idea. But it also shows an important diversity in the way huntergatherers adapted to this environment. The idea of the rigid adaptation used in our models to explain the occupation of the continent or the use of a specific area have to give way to more flexible conceptions of such adaptations. It looks like the specialised hunter-gathers have no room in this landscape. On the other hand, the data concerning the usage of cuttiwars at Peña Roja questions the limits between the agricultural societies and pure foragers. A continuum between these two types of societies seems to be more appropriate.”(Mora, 2001. pp.125)

5.4- Um cenário multi-cultural no Holoceno: o que há de informação até aqui?

A partir dos estudos pontuais realizados nos anos 1970 e 1980, sobre sítios antigos existentes na bacia Amazônica, e dos trabalhos seminais nos anos 1990, descritos acima, já é possível ter uma ideia mais concreta sobre as dinâmicas socioeconômicas dos primeiros habitantes desta região. Narrativa que fica mais substanciada com os trabalhos que vem sendo desenvolvidos últimos 10 anos, em diversos países da América do Sul.

Limpado o terreno das hipóteses infundadas de dados arqueológicos, acredito que exista dois momentos históricos durante o Holoceno. O primeiro, corresponde ao processo inicial de colonização do território, que sabemos que é muito antigo, a está ligado ao período transicional Pleistoceno-Holoceno. O outro processo é mais complexo, é caracterizado por uma diversificação cultural intensa, combinada na comparação de cultura material e modos de assentamento.

Existem sítios que são muito antigos na Amazônia, como o Abrigo da Pedra Pintada, Abrigo do Sol, Peña Roja, e também o sítio Teotônio. Grande parte destes sítios apresentam estratigrafias multicomponenciais, com ocupações que abarcam um bom

pedaço do Holoceno, mas não de maneira constante, isto é, não são assentamentos permanentemente ocupados durante todo o Holoceno. De maneira não homogênea, ou seja, não durante o mesmo período, nestes sítios **houve hiatos em ocupações**, que separam um período caracterizado pelo primeiro povoamento, e outro que apresenta características mais bem cristalizadas de um modo de vida adaptado e único à floresta tropical.

Mostrarei a seguir, exemplos de investigações recentes que ilustram essa hipótese, separados em macro-regiões. Os dados provenientes da região do Sudoeste Amazônico encontram-se já descritos no Capítulo 02, e não será incluso aqui. É preciso ter em conta, no entanto, que existe uma quantidade muito maior de dados para sítios do Holoceno Médio, o que não é de se espantar, dado que se imagina um adensamento populacional progressivo se olharmos para a história da região de maneira anacrônica. Quero dizer, a quantidade de sítios arqueológicos no final do Holoceno é muito superior ao do início do Holoceno por motivos subjetivos (existe uma quantidade menor de pesquisas ligadas à esse período), mas também por um elemento objetivo (menos áreas eram ocupadas pelas populações iniciais colonizadoras).

Neste longo período, que vai desde a transição Pleistoceno-Holoceno, quando chegaram as primeiras levas de ocupação à bacia amazônica, até o período de 3000 AP, que é quando há uma consolidação de um modo de vida sedentário, ceramista e horticultor, há um intervalo de 6.000 anos de história. Durante este período, que chamo de Holoceno Médio, é possível ver o desenvolvimento de diversos processos que começaram no Holoceno Inicial, como a domesticação de plantas, mas também o surgimento de diversos elementos que serão essenciais para o período pré-conquista, como a Terra Preta Antropogênica, a indústria cerâmica e as grandes estruturas de terra.

Este período, além de representar o desenvolvimento e o aprimoramento de diversas tecnologias autóctones, acredito ser também caracterizado por uma intensa diversificação cultural. Mais uma vez, olhando de maneira anacrônica a história da Amazônia, a diversidade linguística e cultural é atestada pela grande variedade de estilos cerâmicos, do ponto de vista arqueológico, e de diversos outros elementos da cultura material, do ponto de vista etnográfico. Do ponto de vista linguístico, da mesma maneira, as mais de 200 línguas presentes atualmente na bacia amazônica são o testemunho de um sistema multiétnico continental, que perdura a duras penas.

Essa diversidade cultural, étnica e linguística possui uma explicação histórica para seu surgimento enquanto característica pan-amazônica. Talvez seja muito pretensão de nós arqueólogos, neste momento, conseguirmos explicar os motivos e as causas deste processo de diferenciação cultural, no entanto, além de atestá-lo do ponto de vista arqueológico com as diferentes fases e tradições cerâmicas, quiçá seja possível também localizar esse processo no tempo.

Bueno (2010) acredita, como eu, que essa diferenciação cultural atestada nos períodos mais recentes é dificilmente percebível na análise tecnológica do material lítico. Como veremos adiante, há uma grande padronização no que diz respeito a esse aspecto tecnológico entre os grupos do Holoceno Inicial e Médio na Amazônia. Tal qual no sítio Teotônio, se caracterizam por serem uma **indústria de lascas unifaciais, com poucos retoques**. No entanto, ele ressalta para o fato de que, mesmo com esta grande diferenciação, **dois sítios arqueológicos** estudados possuem **artefatos bifaciais**, e são a exceção neste modelo: o sítio Dona Stella, na Amazônia Central, o abrigo da Pedra Pintada no Pará, este já descrito aqui. Nestes dois sítios foram encontrados três artefatos bifaciais, a peça do Dona Stella (Costa, 2009) sem dúvida se trata de uma ponta de projétil, no abrigo da Pedra Pintada, Roosevelt (1996) identificou dois fragmentos do que teriam sido pontas de projétil.

Não há uma explicação muito clara para estes dois sítios, dado que representa uma diferenciação cultural bastante marcada do ponto de vista tecnológico do material lítico. Bueno não oferece uma resposta definitiva e reconhece que são dois pontos fora da curva, mas que poderiam estar relacionados à localização geográfica dos sítios, que se encontram em áreas mais abertas e que poderiam ter sofrido menos com as variações climáticas durante o Holoceno. E mesmo assim, coloca essa proposta no campo da hipótese a ser testada.

Do meu ponto de vista, esta é uma questão que permanece aberta, e que talvez só resolvamos na medida em que mais sítios com estas características forem encontrados. Os dois sítios possuem distintas particularidades, em vários elementos: localização geográfica, vegetação, matéria-prima, etc. E as peças bifaciais estão presentes em camadas arqueológicas que possuem uma indústria unifacial, não necessariamente relacionada à etapas iniciais de produção dos artefatos bifaciais (Costa, 2009). Se tomamos isso em consideração, creio que não coloca em xeque centralmente o argumento

de uma característica tecnológica lítica pan-amazônica (próximo capítulo), mas é uma informação que nos deixa atentos.

Neste trecho, das calhas dos rios Solimões e Amazonas, para além dos locais citados, não há mais trabalhos que identificaram sítios arqueológicos dos períodos mais recuados. Isso pode-se dar por distintos motivos, mas a dinâmica fluvial destes grandes rios nos últimos 10.000 anos pode ser um fator determinante para que não estejamos os encontrando: ou foram levados pelo desbarrancamento das margens, ou estão bastante enterrados, depositados sob camadas de solos aluviais.

As duas hipóteses são plausíveis, assim como a possibilidade (ainda que remota do meu ponto de vista) de que não houve ocupações durante o Holoceno Inicial e Médio para a região da calha principal do Solimões-Amazonas. Além de pensarmos além dos elementos tecnológicos do material lítico, acredito que pela grande homogeneidade tecnológica, devemos colocar atenção a outros elementos destas sociedades do Holoceno Médio, que parece indicar um processo inicial e mais claro de diferenciação cultural e manejo do meio ambiente. Acredito que o quadro presente para o período que vai de 4000 AP até 6500 AP, na Amazônia, é marcado muito mais pela complexidade dos dados existentes, do que pela inconsistência da falta de informações.

O Noroeste Amazônico:

A região do Noroeste Amazônico, aqui compreendida pela área das bacias do Orinoco, Alto Rio Negro, Japura e Uapés, localiza-se na região Amazônica de Venezuela, Colômbia e Noroeste do Brasil.

Os dados do Holoceno Inicial e Médio para esta região já foram parcialmente aqui descritos através dos trabalhos pioneiros na região de Peña Roja e do Médio Orinoco, nos anos de 1980. Nos últimos anos, novas investigações foram realizadas na Venezuela, levadas a cabo pelo casal Iraidá Vargas e Mario Sanoja (2006), na bacia do rio Caroni, um afluente Rio Orinoco. Este rio foi alvo de diversos represamentos em um grande projeto hidrelétrico, e coube ao casal os estudos de licenciamento ambiental, na segunda metade dos anos 1990, em sua parte mais à montante, próximo à confluência do Orinoco.

Nesta região foram evidenciados 48 sítios arqueológicos, diversos deles com níveis estratigráficos pré-cerâmicos. Organizados e classificados a partir de tradições e fases culturais, os venezuelanos definiram três macro-conjuntos para o Holoceno nesta área: a **Tradição Caroni**, **Tradição Guayana** e a **Tradição Espino** (Sanoja & Vargas, 2006.)

A tradição Caroni é presente em cinco sítios à céu aberto, às margens do rio homônimo. O maior sítio desta tradição, o **G8-3**, localiza-se ao lado da Cachoeira de Caruachi, um ponto importante da Amazônia venezuelana, e sua camada mais antiga foi encontrada abaixo de 1,20cm de solo estéril. A tradição possui datações entre **12.000 e 9.000 AP**, é caracterizada por sua indústria lítica de lascas, choppers e núcleos unifaciais, de matéria prima preponderante de “quartzita ferruginosa”. Vargas e Sanoja acreditam que estes sítios representem áreas de acampamentos semi-permanentes, às margens dos grandes rios, que viviam em base uma economia de “apropriação de recursos naturais de subsistência” (2006. pp68):

“Se trataba posiblemente de pequeñas bandas de individuos que habitaban campamentos semi-permanentes a lo largo del río, especializados en la captura de peces que vivían y-o venían a desovar en áreas puntuales como los rápidos, donde se produce una combinación de aguas turbulentas y aguas arremansadas.”

A tradição Guayana possui datações concomitantes com a tradição Espino, e para Vargas e Sanoja, configurar-se-ia como um grupo cultural distinto. O principal elemento de diferenciação é a presença de pontas de projétil bifaciais, junto a outros instrumentos líticos mais formatados do que os identificados na tradição Caroni, como raspadores laterais, buris e percutores. As pontas de projétil, entretanto, foram encontradas em superfície, e pode ser que Guayana e Caroni sejam parte do mesmo conjunto arqueológico. A matéria prima, no entanto, é mais diversificada, com a presença de sílex, quartzo leitoso e cristalino, jade e calcedônia. Este conjunto foi evidenciado em apenas um dos sítios, **G2-3**, e possui datas absolutas que vão de **9200 AP a 7010 AP**. Os arqueólogos venezuelanos acreditam que esta tradição pode estar relacionada aos conjuntos descritos por Boomert e Mentz Ribeiro, do complexo Sipawilini, da savana das Guianas e norte do estado de Roraima.

O último conjunto pré-cerâmico, que ocorre abaixo das camadas ceramistas da Tradição Barrancóide, é a Tradição Espino. Foi identificada tanto em sítios de abrigos

sobre rocha como em sítio a céu aberto. O principal elemento característico dessa fase é sua tecnologia lítica, que é composto por diversos artefatos unifaciais sobre lascas em quartzo e suas variações, ou sílex. Encontram-se também abundantes microlascas e percutores.

Os sítios mais conhecidos dessa tradição são Las Tres Colinas, El Espino e Cueva de las Patillas. O material da Tradição Espino, depois de analisado e datado, foi dividido em três fases. A primeira, fase A, corresponde a este período inicial, após o hiato de ocupações pós-Guayana, e é caracterizado por uma indústria de lascas unifaciais, com datações anteriores a 5290+60³¹. A Fase B é mais recente, e possui datas de 5290 a 3760 AP, se diferencia por uma preponderância de tecnologia de lascamento bipolar, instrumentos como raspadores e lâminas, e microlascas provavelmente oriunda de ações secundárias de lascamento.

A fase C é a que mais datações possui, em um período que vai de 3760 a 2320 AP. Neste período que aparecem os primeiros fragmentos cerâmicos, e o material lítico vai, proporcionalmente, sendo modificado para instrumentos parecem estar mais ligados ao processamento de alimentos, como morteiros, raladores, cupuliformes, mãos de pilão, etc. As microlascas são quase inexistentes, mas ainda permanece uma indústria de instrumentos lascados em quartzo e suas variações. Sanoja e Vargas (2008) acreditam que a fase C represente a *“existência de um proceso de cambio orientado hacia formas de vida mas sedentárias, abierto hacia la interacción com sociedades sedentárias, com base a la utilizacion de recursos vegetales de subsistència”*.

Ainda na bacia do rio Orinoco, em sua calha principal, Barse (1980) identificou cinco sítios pré-cerâmicos próximos a confluência deste com o rio Meta, na Venezuela, **Culebra, Provincial, Pozo Azul, Lucero e Cerro Gavillán**. Do material obtido nestes sítios, tanto abrigos como sítios a céu aberto, foram construídos dois conjuntos, denominados **Atures I** (9000 AP) e **Atures II** (7000 AP), e relacionado ao Holoceno Médio.

Recentemente, Scaramelli (2017) e Riris (2018) se debruçaram sobre dois destes sítios, Cerro Gavillán e Culebra. Riris mostrou, através de datações de solo, que o

³¹ Não há uma data exata par ao inicio da Fase A da Tradição El Espino. Para Vargas e Sanoja, a seriação somada a análise estratigráfica indicaria, por inferencia, que esta ocupação é mais antiga do que 5290 AP, uma vez que esta amostra foi obtida no topo da camada.

conjunto relacionado ao Holoceno Médio de Atures I e II na verdade são bem mais recentes do que imaginávamos. Por outro lado, Scaramelli reabriu o abrigo de Serro Gavillan e obteve cinco amostras de datações que vão de 9250+60 AP a 3440+40 BP.

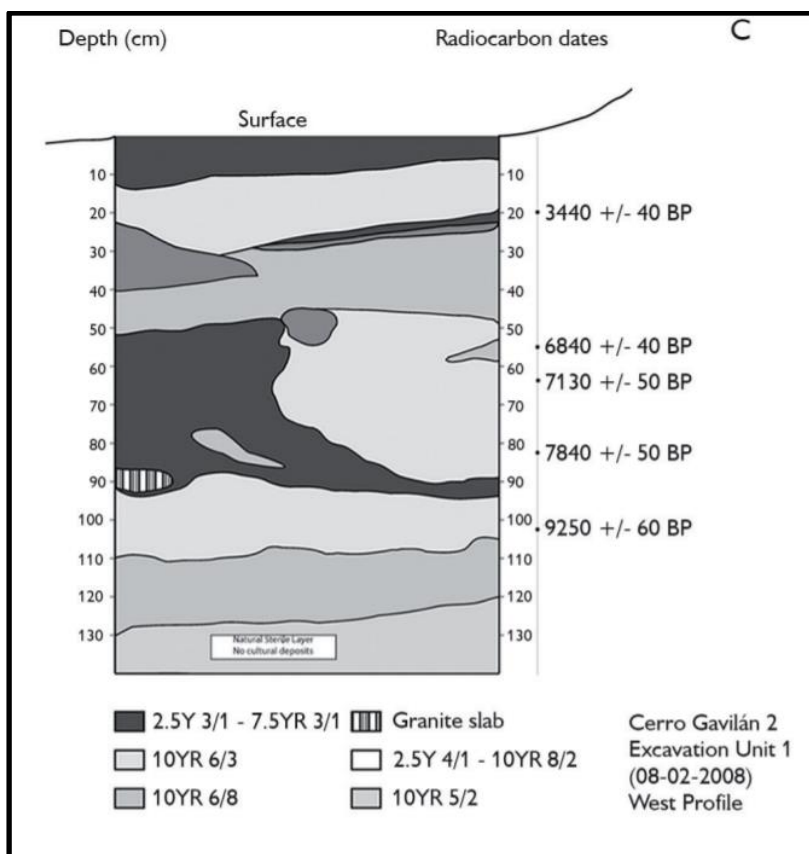


Figura 184 – Croqui de perfil, com datas, do sítio Cerro Gavillán (Scaramelli, 2017).

O material lítico obtido desta escavação, reconfirmou alguns dados que haviam sido publicados por Barse, uma indústria de quartzo, e suas variações, lascada, com grande preponderância de lascas unipolares, algumas com marcas de utilização de corte e perfuração. Destacam-se dois artefatos com bordos retocados produzidos a partir de lascamento bipolar, e ferramentas polidas, como moedores e machados.

Gaspar Morcote-Ríos conduziu as análises botânicas dos vestígios deste sítio, dos vestígios macrobotânicos, foram identificados predominantemente palmeiras, durante toda a estratigrafia: *Acrocomia aculeata* (macaúba), *Mauritia flexuosa* (Buriti), *Maximiliana maripa* (Inajá), *Astrocaryum vulgare* (Cumarí), *Astrocaryum sp.*, e *Bactris sp.*

O Nordeste Amazonico

O Nordeste Amazônico é a área aqui compreendida pelas regiões do estuário do rio Amazonas, Planalto das Guianas e litoral caribenho-amazônico. Esta região, como dissemos foi alvo das primeiras pesquisas de Meggers e Evans em sítios de tipo sambaqui, nos anos 1960, quando foi definida a fase Alaka.

Nesta área, a arqueologia comercial nos últimos dez anos vem fornecendo uma dados bastante interessantes sobre a ocupação do Holoceno Médio. Souza (2014, 2016) compilou dados da região das Guianas e empreendeu, junto a equipe do IEPA³², escavações em dois sítios datados para este período no estado brasileiro do Amapá.

O trabalho de Souza é uma das mais detalhadas descrições de uma indústria lítica para o período pré-cerâmico na Amazônia. Ele analisou dois sítios, **MMX09 e MMX11**, ambos sítios a céu aberto, multicomponenciais, com características comuns entre si. Existe apenas uma data para o sítio MMX11, que tem sua camada mais profunda datada em **6.088±40AP**, por inferência da tecnologia do material lítico, Souza acredita que o período de ocupação do estrato pré-cerâmico do sítio MMX09 seja semelhante.

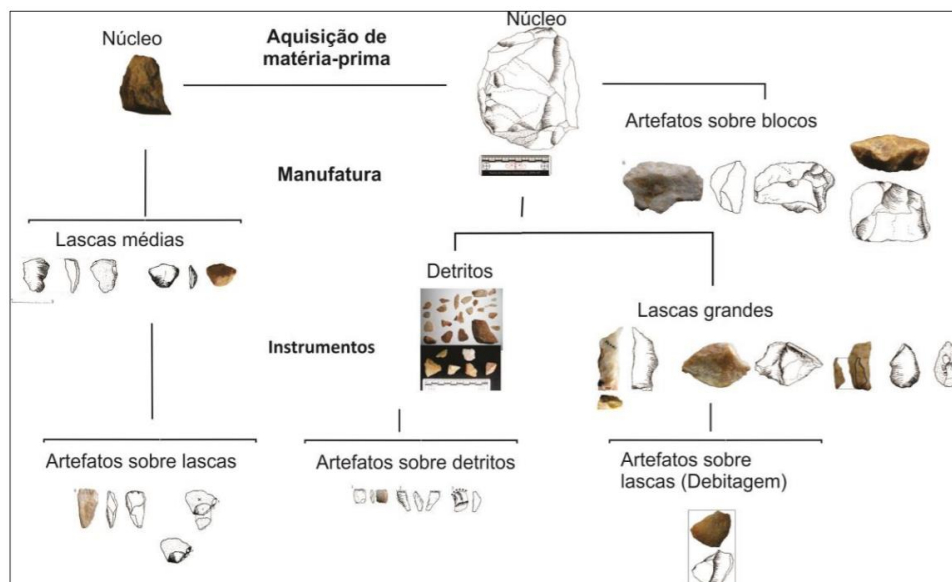


Figura 185 – Croqui da cadeia operatória do sítio MMX 11. Souza (2014)

³² Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá, que possui um departamento de investigação arqueológica

Esta indústria lítica é caracterizada por artefatos lascados majoritariamente sobre uma matéria prima de quartzo. Foi possível perceber que os lascadores estavam buscando fazer tanto instrumentos brutos, a partir de lascas unipolares, como também orientavam seu lascamento para a obtenção de lascas que pudessem ser retocadas. Também foi identificado instrumentos polidos, como mós, e bigornas e percutores, provavelmente utilizados para as atividades de lascamento.

Souza correlaciona estas ocupações, enfatizando que são as únicas existentes até então no Amapá, com os sítios pré-cerâmico existentes na Guiana Francesa: *“do ponto de vista das indústrias líticas, é o uso do lascamento do quartzo para fins oportunistas, sem motivação com padrões tecnológicos, a fim de gerar ferramentas bem elaboradas”*.

As indústrias líticas as quais Souza remete, na Guiana Francesa, vem sendo a pouco tempo também evidenciada pelo aumento da arqueologia comercial. No oeste do país, na região de **St Laurent Du Maroni**, às margens do rio homônimo, Mestre e Delpech (2008) escavaram o sítio **Plateau de Mines 1**, um sítio a céu aberto, localizado em platô adjacente ao rio. O contexto pré-cerâmico possui uma data de **5200 AP**, e foram encontrados em feições escavadas no solo, trata-se de uma indústria de blocos quartzo lascado, de tamanho grande a médio, que possuem marcas de percussão, moagem, corte e trituração, ou seja, ferramentas multifuncionais.

Na mesma região, Martjin van den Bel (2011) empreendeu investigações sobre o **sítio Saint Louis**, às margens do mesmo rio Maroni. Este sítio multicomponencial possui cinco datas para uma camada lítico-ceramista que vai de **5400 AP até 4200 AP**, as outras duas camadas foram datadas com datas mais recentes do que 2000 AP. A chamada Fase 1 (mais antiga), está relacionada a uma incipiente indústria cerâmica, de baixa variabilidade formal, mas com datas bastante antigas para a produção de vasos.



Figura 185 – Em vermelho, localização do sítio Saint Louis, e em amarelo localização do sítio Plateau de Mines 1

O lítico deste período é caracterizado por uma indústria de instrumentos brutos de granito, sob as quais se fabricavam machados, abrasadores, moedores e mós. Knippenberg (2012) também identificou uma indústria de lascas unipolares de matéria prima oriunda de seixos de quartzo, que foram utilizadas para cortar, raspar e furar. Importante salientar que esta camada, a mais antiga da Fase 1, é composta por solo antropogênico, Terra Preta, assim como o sítio Teotônio.

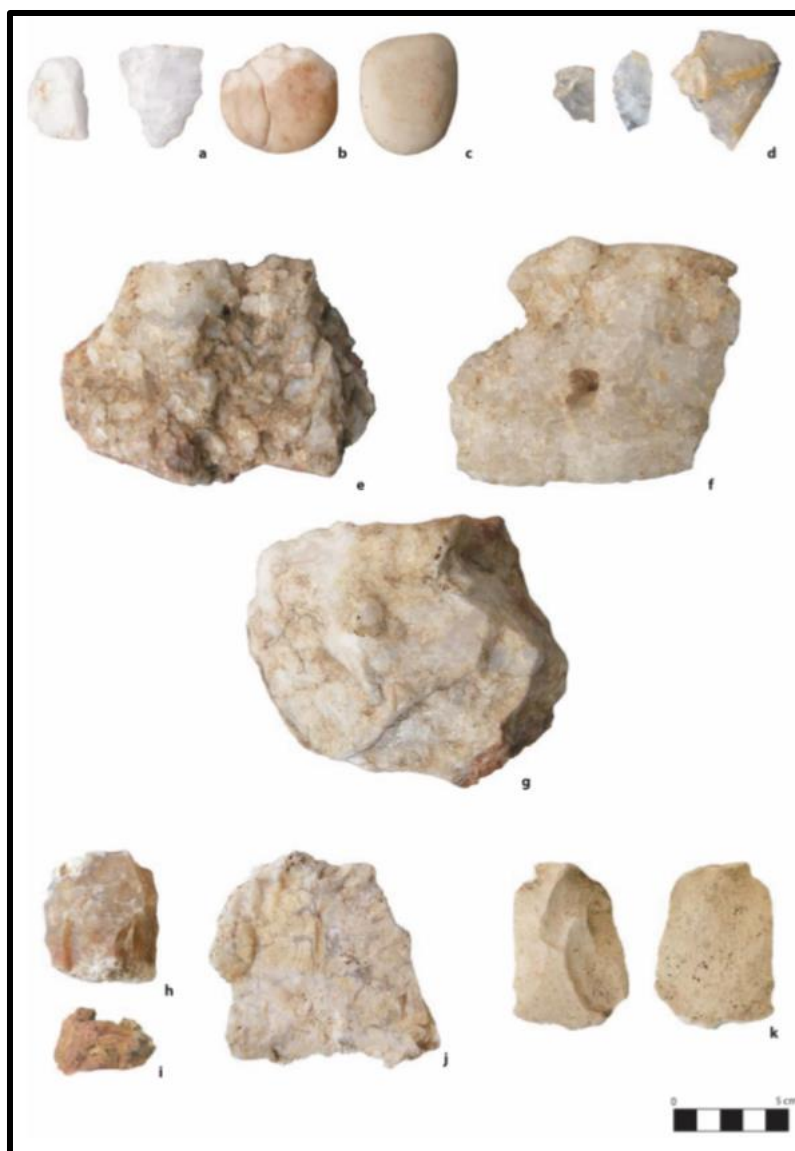


Figura 187 – Exemplo do material lítico da Fase 1, do sítio Saint Louis (Van den Bell et al., 2018)

Análises de grãos de amido deste sítio foram conduzidas por Pagán-Jimenez (2012), que identificou vestígios de araruta (*Maranta arundinacea*), milho (*Zea mays*), batata doce (*Ipomea batatas*) e possivelmente Ariá (*Calathea sp.*) em vestígios cerâmicos e líticos relacionados a esta primeira ocupação, do Holoceno Médio. Para ele, a alta diversidade de recursos processados é um elemento que atesta que estas populações, na região do noroeste da Guiana Francesa, também possuíam uma economia de subsistência bastante diversificada no que diz respeito aos recursos botânicos, combinando alimentos domesticados, como o milho, com alimentos não domesticados.

Este sítio, como diz Van den Bell (2018), possui muitas semelhanças com outro sítio escavado por sua equipe, na região do litoral norte da Guiana Francesa. O sítio **EVA**

2 está localizado próximo à costa caribenha, em um platô no topo de uma elevação, próximo a áreas de savana. As escavações revelaram uma camada arqueológica enterrada, com grande presença de material lítico, além de mais de 200 feições (cooking pits), preenchidas com quartzos com marcas de quebra proveniente de fogo, o que levou os pesquisadores a acreditarem que são fogões. Algumas destas feições possui fragmentos de cerâmica também.

A indústria lítica do sítio Eva 2 é muito parecida com a descrita acima, lascas de quartzo lascadas bipolarmente, com marcas de utilização de raspagem, corte e furo. Uma parcela menor da coleção é composta por rochas polidas, conformando machados, moedores e morteiros, além de instrumento relacionados ao processamento de comida, como metates. Pagán Jimenez (2015) também realizou análises de grãos de amido e encontrou milho, araruta, batata doce e feijão-de-porco (*Canavalia sp.*)

Para Van den Bell (2018), os dados obtidos nos sítios Saint Louis e Eva 2 revelam um período em que as populações, nesta área tropical, estavam vivendo um processo de adaptação que envolvia o uso cada vez mais intensivo dos bens cultiváveis, e que reflete no aparecimento e logo predominância da cerâmica. Para ele, o desaparecimento de técnicas de cozimento como as identificadas em Eva 2, que envolve o aquecimento de rochas em um buraco no solo, é proporcional ao aprimoramento da utilização cerâmica, que se torna recorrente nos dois sítios.

Na região do estuário do Amazonas, área que já citamos acima, é preciso ressaltar que os trabalhos relacionados aos **sambaquis do Salgado** tiveram continuidade. O projeto ligado ao Museu Paraense Emilio Goeldi chamado “*Estudos arqueológicos de sambaquis na costa amazônica – Pará*” prospectou e escavou mais uma dezena de sítios do tipo sambaqui, na região do litoral atlântico do Pará. Bandeira (2008) estendeu a geograficamente a presença de sambaquis amazônicos até o litoral maranhense, onde escavou dois sítios, o sambaqui do Bacanga e o sambaqui da Maiobinha, e obteve datas bastante antigas para a cerâmica da fase Mina.

Ainda há um debate em andamento (Oliveira & Silveira, 2017) sobre a relação da cerâmica encontrada por Roosevelt no sambaqui da Taperinha e a tradição Mina, mas para Silveira & Schann (2009), é possível dizer que há uma uniformidade cultural entre os sambaquis do baixo amazonas, do litoral do Pará e os sambaquis do norte das Guianas,

da fase Alaka. Essa correspondência se dá pela concomitância das datas, pela própria construção dos sambaquis, como estruturas permanentes que marcam a paisagem, e por uma indústria cerâmica que possui, como elemento principal, área e concha moída como antiplástico.

Da compilação de dados feitas pelas pesquisadoras (idem anterior), das 68 datações existentes para sítios destas culturas, 33 estão entre **7090 \pm 80 e 3500 \pm 800**, período que denominamos Holoceno Médio. É importante ressaltar que as datas mais antigas, entre 7000 AP e 6500 AP são exclusivas do sítio Taperinha, o mesmo trabalhado por Anna Roosevelt, o que pode ser um elemento que pese a favor da possibilidade de Taperinha ser, de fato, fruto de um processo distinto dos demais, reconheço que é uma questão ainda em aberto.

Sudeste da Amazônia

Esta região é compreendida aqui pela porção leste dos estados brasileiros do Pará, Sul do Maranhão, Norte do Mato Grosso e Tocantins. Dois projetos nesta área trouxeram novos dados sobre a ocupação do Holoceno Inicial e Médio da bacia amazônica.

O Projeto Arqueológico Carajás (Magalhaes 2016, 2018) vem desde os anos 1980 publicando novos dados sobre a ocupação humana na região do sudeste do Pará, na serra homônima. Já são mais de 20 sítios datados do período de transição Pleistoceno-Holoceno com datas bastante recuadas, a partir de 11.000 A.P. (**PA-AT-337 e Gruta do N1**).

As pesquisas no sítio mais conhecido da região, a **Gruta do Gavião** (Hilbert, 1991; Imazio, 1994) foram responsáveis por estabelecer a cronologia mais antiga para a Amazônia, até a publicação de Roosevelt no Abrigo da Pedra Pintada, com **8140 AP**. Foram obtidas também datações de **8065 \pm 360 AP, 7925 \pm 50 AP, 4860 \pm 100 AP e 3605 \pm 160 AP**.



Figura 188 – Material lítico lascado oriundo da Gruta do Gavião (Imazio, 1994)

Além de atestar a antiguidade da ocupação do local, Imazio mostrou, através da análise dos vestígios faunísticos deste abrigo, o consumo de animais de pequeno porte e de fácil captura e geralmente relacionados ao ambiente de floresta tropical, como moluscos, répteis, pequenos mamíferos, aves e peixes³³. Esse dado é importante pois, mesmo sem profundas análises palinológicas, remete a uma possível estabilidade da floresta tropical durante o holoceno na região.

Trabalhos posteriores identificaram mais de uma dezena de abrigos sobre rocha, como a **Gruta do Pequiá** (9000±50 AP), **Gruta da Guarita** (8269±50 AP) e Gruta do Rato (8470±50 AP), com datações bastante recuadas para os horizontes mais antigos. No **sítio Capela**, recentemente escavado pela equipe do MPEG (Magalhães, 2018; Maia, 2018), a análise do material lítico proveniente do período pré-ceramista indicou uma diferenciação tecnológica onde foi possível dividi-lo, do ponto de vista estratigráfico, em três conjuntos: O primeiro foi datado entre 11224 AP e 10000 AP, e é representado por uma indústria de percussão direta dura e percussão sobre bigorna, em matéria-prima de quartzo e suas variações. O segundo período, entre 10000 AP e 8000 AP diferencia-se pela presença de instrumentos polidos além do material lascado, ferramentas uni e bifaciais e instrumentos duros, como choppers. Por fim, o terceiro grupo, foi datado entre

³³ Em nota decrescente de relação de quantidade identificada

7000 e 3500 AP, e segundo Maia (2018), significaria um “retorno” às formas mais expeditas de produção de instrumentos, muito semelhante ao primeiro grupo. Neste sítio, 85 datações foram realizadas, configurando-se um dos mais bem datados sítios do Holoceno Inicial e Médio da Amazônica brasileira. Retomaremos os debates sobre estes dados no último capítulo.



Figura 189 – Instrumentos com possíveis marcas de uso do sítio Galera (Maia & Rodet, 2018)

Oliveira (2007), na margem direita do rio Tocantins, escavou dois sítios onde obteve datações antigas para uma ocupação pré-cerâmica. Os sítios **Breu Branco 1** e **Breu Branco 2** localizam-se próximos um do outro, em área de platô adjacente ao rio. No sítio Breu Branco 1, seis datas foram obtidas, que aparentemente demonstram três ocupações: uma de **11.160 a 10660 AP**, outra entre **9700 a 8440 AP**, e a terceira entre **5490 a 5710 AP**.

O material lítico destas ocupações está relacionado ao que se identificou como uma economia de caça e coleta, com matéria-prima local. Não foram identificadas ferramentas formais, mas acredita-se que as lascas, oriunda do lascamento bipolar e unipolar de seixos de quartzo, tenham sido utilizadas na fabricação de outros instrumentos de madeira, “*como arcos, flechas e zarabatanas*”.

No sítio Breu Branco 2, três datações foram obtidas (**11010 AP, 6785 AP e 8235 AP**), o que corresponde em parte algumas das ocupações do sítio Breu Branco 1. Este

sítio possui uma quantidade maior de material lítico, 1129 peças, com características semelhantes ao primeiro. A única diferença aponta Oliveira, é a que no Breu Branco 2, algumas das lascas apresentam um “reavivamento” do gume por meio retorque.

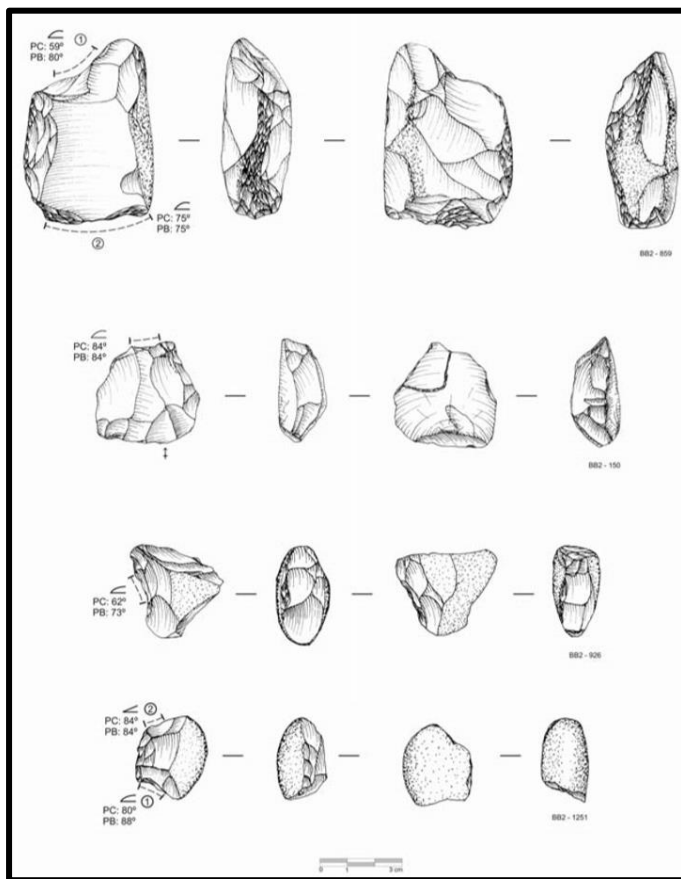


Figura 190 – Lascas com retoques no gume, sítio Breu Branco 2 – Oliveira, 2007)

Amazônia Central:

Amazônia Central é entendida aqui como a região da confluência dos rios Amazonas, Negro e Madeira, no estado brasileiro do Amazonas. Nesta área, o Projeto Amazônia Central, coordenado pelo professor Eduardo Neves, além dos mais de 200 sítios cerâmicos prospectados, evidenciou 22 sítios líticos, localizados em áreas de areais, no município de Iranduba, localizado à sul de Manaus, capital do estado.

Todos os sítios se localizam em areais, áreas abertas na mata caracterizadas por solos arenosos, “*próximos á igarapés de água preta onde ocorrem afloramentos de*

arenito-silicificado de formação Alter do Chão”(Costa,2008), onde a vegetação predominante é a campinarana³⁴, formada de pequenos arbustos.

Por se tratarem de areais, são locais muito visados historicamente pelas populações como fontes de matéria-prima e mineração de areia, para construção. Sendo assim, grande parte dos sítios possui um elevado grau de impacto de destruição, sendo que em alguns casos, como o sítio 3 Irmãos e o sítio Areal do Acreano, só foi possível recuperar as peças, totalmente fora de contexto, após o abandono da mina de areia.

O sítio **Dona Stella** está localizado no município de Iranduba, às margens do Rio Negro, em um destes areais. Possui uma estratigrafia relativamente complexa, típica da bacia do Rio Negro, marcadas por camadas de areia depositadas por ação aluvial e coluvial recobrimdo horizontes espódicos depositados sobre o arenito friável que compõe o embasamento rochoso. Além da única ponta de flecha identificada em contexto arqueológico na Amazônia, os trabalhos de Costa (2008) mostram uma complexa indústria lítica, formada por planos-convexo, raspadores laterais e outros artefatos bifaciais.

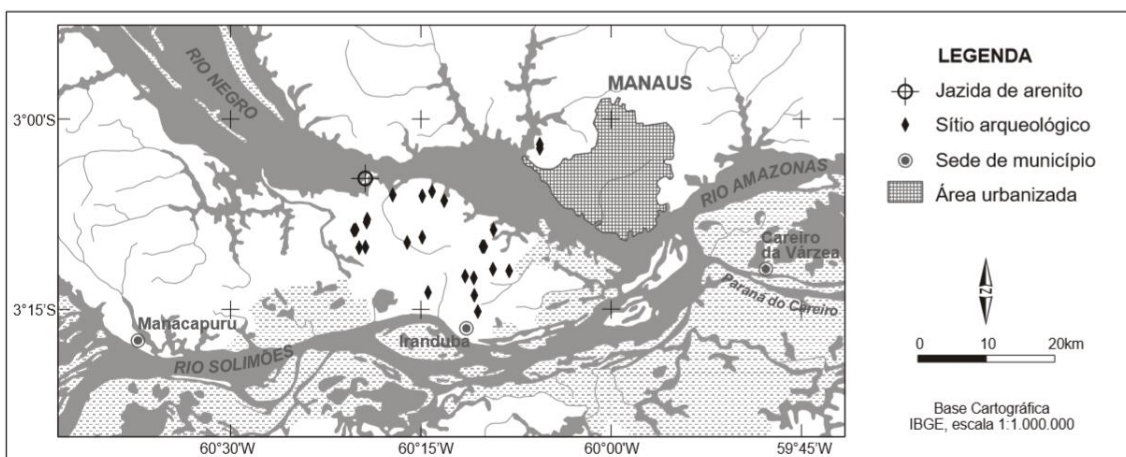


Figura 191 – Mapa com a localização dos sítios em areais na região da Amazônia Central- Costa-2002

A amostragem dos sítios ficou muito comprometida, a quantidade de material lítico coletado, com a exceção do sítio Dona Stella, soma 146 fragmentos, da mesma forma que a quantidade de amostras de carvões para datação é reduzida. De qualquer

³⁴ Trata-se de um nome comum para áreas da região da Amazônia Central, também chamadas de areais, que compostas por solos arenosos possuem vegetação rasteira e aberta

maneira, os dados obtidos no sítio Dona Stella são não só contundentes, como podem servir de referência com os outros já destruídos sítios da região.

Costa defende, de acordo com as datas obtidas, que dois grupos ocuparam o sítio. O primeiro período, mais antigo, agrupa datas entre **9490 AP e 7500 AP**, e outro mais recente de **5560 e 4500 AP**. Para ele:

As datas mais antigas, anteriores a 7500 AP, relacionam-se às primeiras ocupações, caracterizadas por uma tecnologia lítica mais refinada capaz de produzir artefatos curados e mais duráveis, como pontas-de-projétil e planos-convexos. A fabricação e as frequentes retificações dos gumes desses artefatos dependem do emprego de técnicas específicas muito mais complexas do que as técnicas utilizadas na fabricação dos artefatos expeditos.

O segundo período é caracterizado pelo “uso em larga escala de variedades locais de arenito silicificado Alter do Chão”, onde a matéria-prima era oriunda da própria região, o que sugeriria uma estratégia de permanência prolongada no sítio, através de uma “dependência maior dos recursos locais disponíveis”. Do ponto de vista tecnológico, existe uma variabilidade maior dos instrumentos líticos, com mais fragmentos de lascas unipolares e bipolares, e é perceptível uma indústria de ferramentas do tipo mano, maiores, como cupuliformes e pilões.

6.6- Amazônia antiga:

O debate hoje colocado sobre este tema me parece ter superado a dicotomia dos anos 1970, sobre a presença ou não de sítios antigos na Amazônia, assim como parece ter deixado para trás os questionamentos acerca da possibilidade de existência de grupos caçadores-coletores na Amazônia (Bailey et al., 1989; Headland & Bailey, 1991; Headland & Reid, 1989; Lee, 1991). Atualmente, apesar do atraso no conhecimento sobre as áreas de ocupação do Holoceno antigo e médio na região, os dados arqueológicos são muito maiores, e permitem com que os questionamentos se complexifiquem.

Sabemos, portanto, que havia capacidade tecnológica para populações humanas viverem durante todo o Holoceno na região Amazônica, e que de fato houve

assentamentos em distintas partes do continente durante esse período. Durante esses séculos, sabemos também que estas populações manejaram recursos naturais que o ambiente disponibilizava, configurando parte da atual diversidade biológica da floresta tropical (Clement et al., 2015). Do ponto de vista histórico, esse processo ainda não está tão bem marcado, por mais que a ecologia ateste o grau de antropocidade na composição florística atual, a arqueologia é a disciplina por excelência que responderá as questões relacionadas não só a antiguidade destes sistemas, como pode fornecer a explicação para tal processo.

Para além disso, me parece interessante pensar que vários dos temas que estão em voga na arqueologia amazônica atualmente, e que de uma maneira ou outra, foram naturalizados como peças importantes dos contextos arqueológicos amazônicos, possuem suas origens durante o Holoceno Inicial e Médio. A Terras Pretas, plantas domesticadas, culturas ceramistas são adventos oriundos de períodos mais antigos do que imaginávamos há 10 ou 20 anos atrás.

Os dados arqueológicos mais recentes nos incitam a uma reflexão mais profunda acerca dos processos sócio-históricos que geraram essas novas tecnologias, e como elas aparecem apartadas uma das outras no registro arqueológico. O esquema clássico que qualifica o “Período Formativo” como o surgimento do tripé “sedentarização – agricultura- cerâmica” não se aplica no contexto amazônico, na medida em que estes elementos não só não surgem ao mesmo tempo, como algumas vezes aparecem, como é o caso da cerâmica, e desaparecem, voltando a serem encontrados dois milênios depois (Neves, 2008).

Digo isso porque ao atestar a antiguidade destas inovações tecnológicas, as realocando temporalmente no Holoceno Médio, há de se ter cuidado para não retomar a explicação de mudanças “neolíticas”, simplesmente recuando suas datas e mantendo seu conteúdo. O que este breve levantamento dos contextos arqueológicos parece indicar é que, ainda que a indústria lítica possua características muito semelhantes entre quase todos os contextos arqueológicos antigos, o Holoceno Médio é marcado por uma diversidade de formas de ocupação do território.

Já que o principal elemento material que os arqueólogos possuem para este período, a indústria lítica, apresenta uma alta homogeneidade do ponto de vista

tecnológico, como e onde pode-se enxergar o surgimento desta variabilidade cultural, étnica e linguística do Holoceno recente? Ainda que tenhamos uma quantidade não tão grande assim de dados para o período, me parece que já é possível se aventurar no campo a fim de formular algumas hipóteses.

No capítulo seguinte aprofundarei o tema de uma explicação histórica para estas primeiras ocupações do território amazônico, compreendendo-as do ponto de vista mais global do funcionamento de uma sociedade a partir da identificação de uma Formação Histórico-Social. De qualquer maneira, uma interpretação não invalida a outra, mesmo que afirme (como direi em seguida) que estas populações estavam compondo um sistema coeso no que diz respeito à sua organização das forças produtivas, não se descarta a existência de expressões materiais de diferenças, que podem ser étnicas, linguísticas, etc.

Ainda que a alta variabilidade linguística atual não necessariamente seja atestada no registro arqueológico, o cenário do período pré-contato na Amazônia é marcado pela presença de uma alta variabilidade de conjuntos arqueológicos distintos, marcado preponderantemente pelas diferenças estilísticas dos vasos cerâmicos. Ainda que não seja possível relacionar diretamente esta variabilidade artefactual com variabilidade linguística, ambas representam um cenário de grande diversidade.

E esta diversidade muito provavelmente não se encontra presente apenas a partir de 2.500 anos AP, que é quando o quadro das tradições ceramistas se torna mais complexo. No Holoceno Médio, alguns elementos parecem indicar que já há indícios de uma variabilidade cultural em algumas das áreas previamente estudadas.

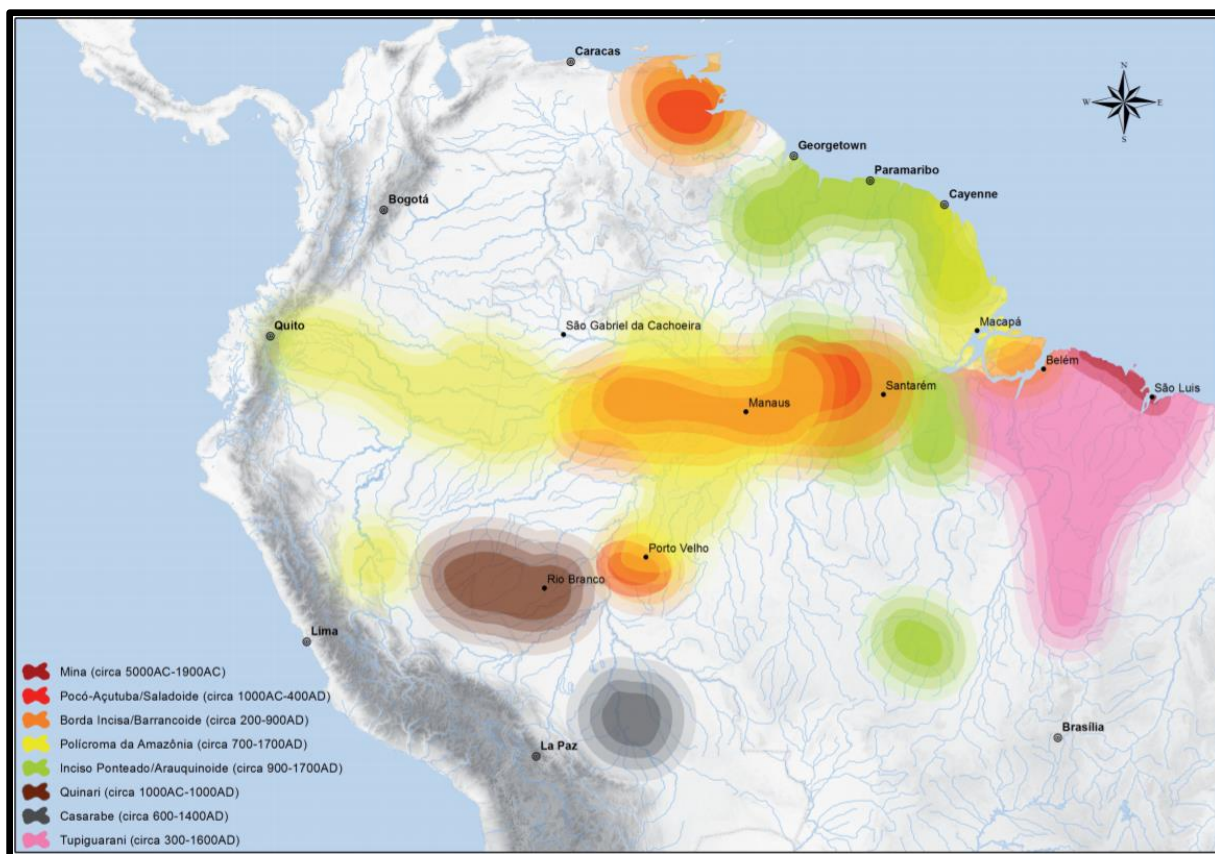


Figura 192 – Mapa com a localização das principais tradições cerâmicas da Amazônia, do período Holoceno Superior (Barreto, 2016)

Do ponto de vista da economia de subsistência, em quase todos os sítios que mostrei acima, que tiveram estudo paleobotânicos, ficou claro não só a presença de alguns bens domesticados, mas destacam-se também a alta presença de palmeiras desde muito cedo no registro arqueológico. As palmeiras atualmente compõem uma importante fonte de matéria-prima para formatação de distintos instrumentos, casas e alimento de populações indígenas e ribeirinhas, as origens do seu manejo podem estar ainda no período do Holoceno Inicial (Oliver, 2001).

Da mesma maneira, os estudos realizados no sítio Teotônio, em Peña Roja, na Pedra Furada e na Serra dos Carajás indicam que as populações, no Holoceno Inicial e médio possuíam uma dieta de “amplo espectro” calcada em explorações balanceadas dos recursos locais, terrestres e fluviais. Neste aspecto, penso que não há como estabelecer um critério de diferenciação cultural, pois este modelo, como comentei no início do capítulo, é uma das características mais duradouras do sistema de ocupação humana da floresta amazônica.

Descartada a indústria lítica, e os modelos de subsistência, penso que os tipos de sítios arqueológicos, como testemunho das escolhas das populações do passado, são um caminho para começar a pensar nesta diversificação. Até o Holoceno Inicial, o registro arqueológico dos sítios amazônicos possui características que são bastante homogêneas, variando unicamente no que diz respeito as condições geográficas: sítios em céu-aberto, sítios em cavernas, etc.

Mas durante o Holoceno Médio, no período que vai de 6500 anos AP até 4000 AP, ocorre uma variabilidade maior de tipos de sítios arqueológicos, diferenças estas marcadas necessariamente pela escolha e ação humana. Digo isso porque não são diferenças que estão marcadas por imposições do meio ambiente, como matérias-primas para fabricação de instrumentos ou a utilização de plantas locais. Neste período surgem, em distintas partes da Amazônia, as estruturas que chamamos de Sambaquis, e se localizam desde o litoral Atlântico, no Médio Amazonas, e até no Sudoeste Amazônico.

Sabe-se que estas estruturas não foram construídas de uma só vez, tampouco que sua configuração final estava presente nos planos daqueles que começaram a acumular de maneira ordenada camadas de terra e de conchas de moluscos. No entanto, acredito que estes sambaquis sejam marcadores bastante próprios de uma sociedade que não só praticava essas ações (o que o torna um elemento totalmente antrópico), mas que também se configurava como um elemento de diferenciação cultural.

Ao mesmo tempo, neste mesmo período, populações na calha dos rios Madeira, Jamari e Mamoré intensificaram sua relação com o meio ambiente, somado a um provável adensamento populacional e maior perenidade do ponto de vista habitacional, o que acabou gerando os primeiros solos antrópicos da bacia Amazônica.

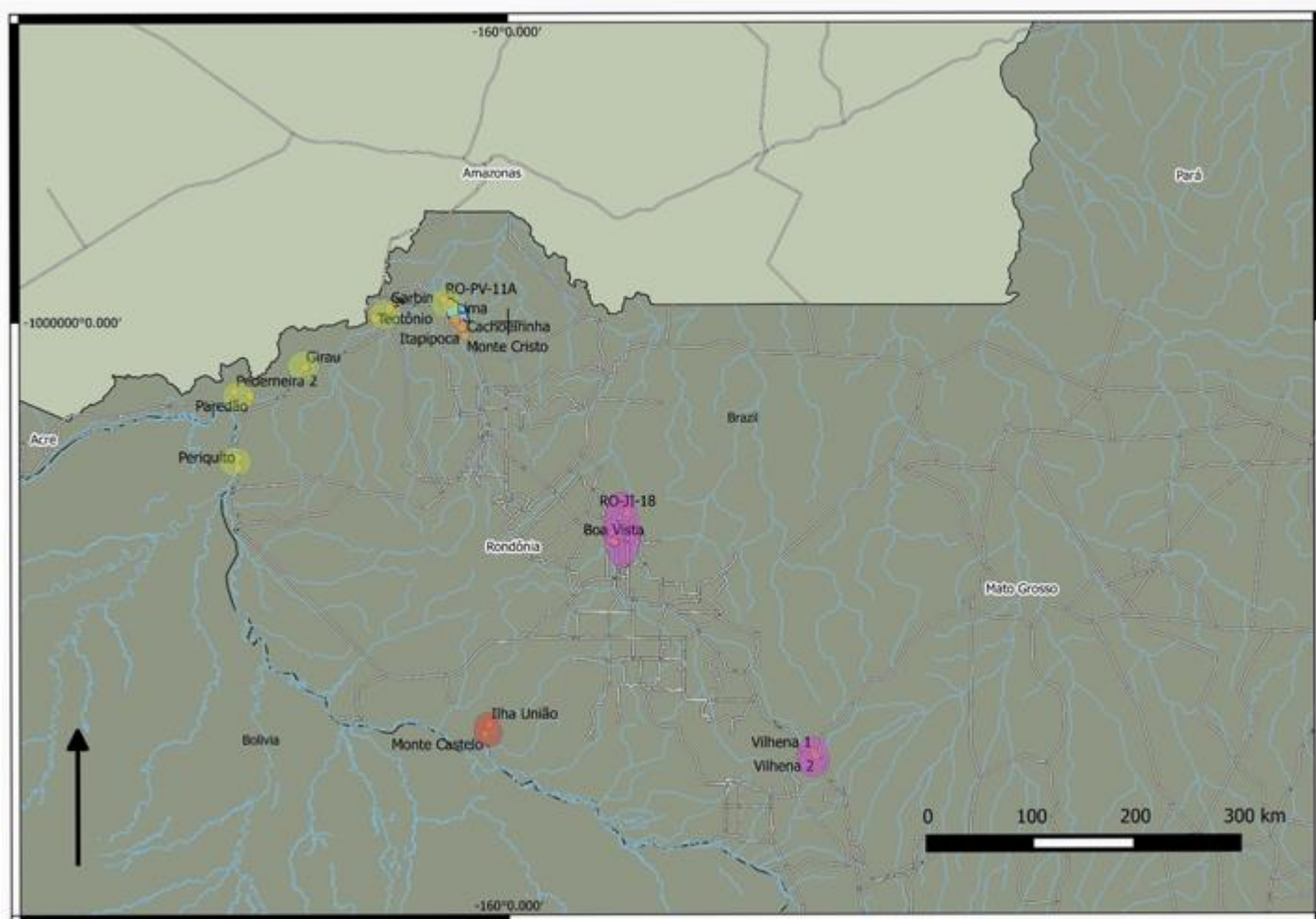


Figura 193 – Mapa da ocupação do Holoceno Médio no atual Estado de Rondônia. Amarelo: sítios com Terra Preta; Vermelho: sítio do tipo Sambaqui; Rosa: Sítios a céu aberto sem Terra Preta

Há também, como vimos nas seções acima, vários outros sítios arqueológicos com datas para o Holoceno Médio à céu aberto sem Terra Preta, e outros em abrigos, alguns sendo ocupada continuamente desde o Holoceno Inicial. Se tomarmos só o caso do atual estado de Rondônia, durante o ano de 3500 a.C. (5500 AP), seria possível ver grupos vivendo sobre e gerando Terra Preta, na calha dos grandes rios, no interior, na bacia do rio Ji-Paraná, grupos vivendo sobre sítios sem Terra Preta, e na bacia do rio Guaporé, grupos construindo estruturas de concha e de terra.

Não levarei em conta qualquer tipo de explicação unicamente ambiental para justificar tal variabilidade de sítios. Pode ser que a existência de uma área de banhado no pantanal do Guaporé tenha tido influência nas escolhas dos grupos Sinimbu para que estes começassem a construir os Sambaquis, no entanto, desconsidero que tenha cumprido um papel determinante neste sentido. Ao mesmo passo que a Terra Preta das populações

Massangana, ainda que não seja necessariamente intencional, é indicativo de determinadas práticas sociais.

Se olharmos para o quadro mais geral do Holoceno Médio Amazônico, é bem verdade que não há uma quantidade de dados tão grandes como no Sudoeste Amazônico. No entanto, o que não se vê também é homogeneidade: Os sambaquis da fase Alaka encontram-se ocupando um vasto território na costa Atlântica, ao mesmo tempo que na Guiana France, não longe do litoral, os sítios arqueológicos apresentam características bastante distintas dos sambaquis.

Acredito que as cerâmicas antigas, inclusive, podem ter cumprido um papel semelhante, no que diz respeito à diferenciação cultural, já que é neste período que estes instrumentos começam a aparecer no registro arqueológico, e não possuem as mesmas características, com a exceção da Tradição Mina, que parece ter características muito comuns com Alaka. Mas que ao mesmo tempo é distinta das cerâmicas do sítio Monte Castelo de 5200 AP (Zimpel, 2018).

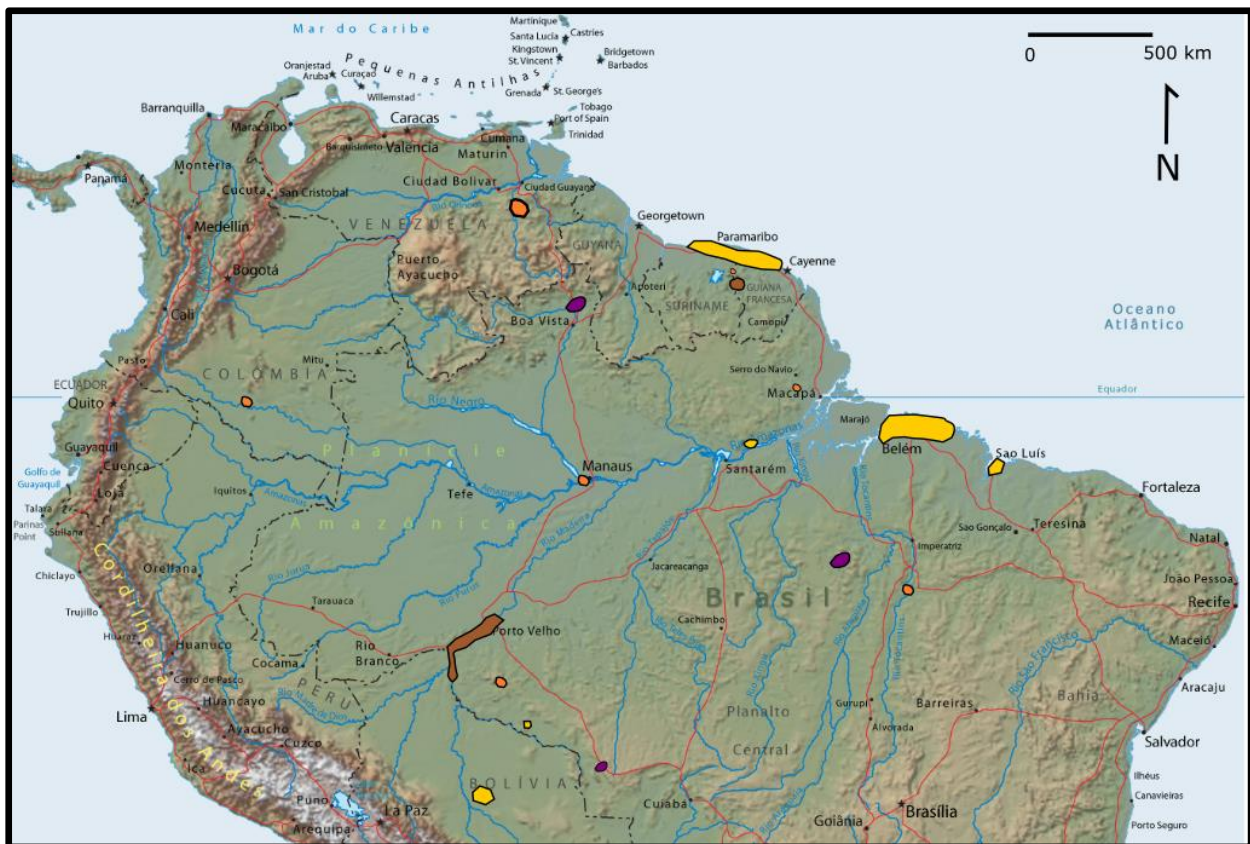


Figura 194 – Quadro geral das áreas com ocupações durante o Holoceno Médio na Amazônia. Os polígonos de cor marrom representam área com sítio de terra preta, Amarelo são sítios de tipo Sambaqui, Roxo representam sítios em abrigos rochosos, e em Laranja sítios à céu aberto sem Terra Preta

É um quadro que, assim como a relação entre seres humanos e paisagem na Amazônia, vai se intensificando e se complexificando. Em 4000 AP, já existe uma quantidade muito maior de tipos cerâmicos ocorrendo em distintos lugares, e os marcadores de diversidade cultural ficam mais claros. Agora, se tomarmos estes dados iniciais dos sítios arqueológicos pré-ceramistas na Amazônia do Holoceno Médio, penso que pode haver indícios de princípio de diferenciação cultural em nível regional, como ocorre no Alto Rio Madeira ou nas Guianas.

Para isso, reconheço que é necessário prospectar mais sítios, como adverte Bueno (2010), para produzir narrativas mais longas acerca do Holoceno Médio na Amazônia, e fazer com que a hipótese não fique apenas no campo da generalização. No que diz respeito à região do Alto Rio Madeira, que é marcada por tantas particularidades impressionantes, esta proposta parece responder à minha inquietação de ver uma quantidade tão diversa de sítios arqueológicos em um território circunscrito.

Capítulo 6 – As Veias mais abertas do que nunca – Localizando o Sudoeste Amazônico na América Latina

“Cree el aldeano vanidoso que el mundo entero es su aldea, y con tal que él quede de alcalde, o le mortifique al rival que le quitó la novia, o le crezcan en la alcancía los ahorros, ya da por bueno el orden universal, sin saber de los gigantes que llevan siete leguas en las botas y le pueden poner la bota encima, ni de la pelea de los cometas en el Cielo, que van por el aire dormidos engullendo mundos. Lo que quede de aldea en América ha de despertar. Estos tiempos no son para acostarse con el pañuelo en la cabeza, sino con las armas en la almohada, como los varones de Juan de Castellanos: las armas del juicio, que vencen a las otras. Trincheras de ideas valen más que trincheras de piedra.” Nuestra America , José Martí. 1887

A recente crise humanitária na Venezuela, decorrente da cada vez maior estagnação econômica que recai sob o peso da população deste país (a despeito das políticas equivocadas do imperialismo ianque e da burocracia chavista) provocou nos últimos meses a maior migração de homens e mulheres entre países sul-americanos já registrado em tempos modernos. Em dois anos, foram 2,3 milhões³⁵ de pessoas que rumaram para Brasil, Peru, Colômbia, Equador, e mais uma dezena de países do continente. Movimento semelhante (com causas distintas) ocorreu na América Central, onde acompanhamos extenuantes caminhantes em 2018 percorrendo quilômetros em caravanas que saíram de Honduras, Guatemala, El Salvador e Nicarágua, buscando refúgio nos Estados Unidos e México.

Estes recentes processos migratórios, compostos pelas camadas de maior vulnerabilidade social das populações destes países, acendeu a faísca de grupos de extrema-direita xenófobos em toda a América Latina, impondo como justificativa dos problemas locais a velha catilinária da migração massiva de camponeses e trabalhadores pobres estrangeiros. Foram várias as demonstrações de violência contra estes grupos, ações que não ficaram só nas letras de panfletos, mas que foram responsáveis por diversos ataques físicos.

³⁵ Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiado (ACNUR)

Aos brasileiros, de maneira mais específica, o tema da grande leva de migrantes venezuelanos que chegaram nos últimos dois anos, via estado de Roraima, caiu no colo dos desavisados, que alienados da sua posição geográfica, ou pior, da história que comungamos, raramente se lembram que são também latino-americanos. De uma hora para outra, a sociedade brasileira lembrou-se de que há vida para além das fronteiras ocidentais, e que o lamurio de sofrimento desta gente vem em espanhol. É necessário que as condições geopolíticas do nosso país cheguem ao limite (ou no caso do Sudeste, que os empregados do setor de serviços parem de falar português com sotaque nordestino, e comecem a falar espanhol), para que o brasileiro faça qualquer menção, de animosidade ou de companheirismo, aos vizinhos latino-americanos. Esse sentimento de negação do pertencimento à entidade “América Latina” dos brasileiros é tão concreto, que em pesquisa realizada na segunda metade de 2015, apenas 4% dos brasileiros se identificavam como “latino-americanos”³⁶.

A verdade é que nós, brasileiros, relegamos à América Latina o papel de ser “*uma paisagem geográfica imediata em torno do país*”³⁷, e só. O que não impede que frequentemente, caia nos nossos colos o peso da realidade, como as recentes migrações venezuelana e haitiana, e o poder público tenha que se virar para resolver o que acreditam serem problemas pontuais.

Em 1979, caiu em nossos colos também um livro do escritor uruguaio Eduardo Galeano, que proibido pela ditadura militar, esteve impossibilitado de ser lido desde 1971. Estarrecidos, nós brasileiros nos deparamos com uma análise político-econômica da América Latina, que com explicações nas raízes históricas da colonização europeia, descrevia o modelo explorador das economias imperialistas do século XXI. A surpresa maior era ver, no meio do texto do uruguaio, diversas citações sobre a história e a situação econômica do Brasil.

Este livro, que virou um clássico e foi protagonista de uma cena antológica entre Hugo Chávez e Barack Obama³⁸, revelou a profunda e estreita relação do Brasil com os

³⁶ Pesquisa realizada no âmbito do projeto The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy, cooedeado pelo Centro de Investigação em Docência em Economia(Cide) do México. No Brasil, a pesquisa foi conduzida pelo Intsituto de Relções Internacionais da USP, que entrevistou 1.881 pessoas

³⁷ Trecho do relatório citado na nota de rodapé anterior.

³⁸ Chávez presenteou Obama com um exemplar do livro, em 2009, na esperança que este compreendesse o papel que os EUA cumprem historicamente na Amperica Latina. Se o nortem-americano leu o não, nunca saberemos, o que temos conhecimento é que nada mudou concretamente no papel do imperialismo ianqui na américa do sul.

demais países do continente de fala latina. E esta relação, no texto, se dá de maneira muito natural, não há uma elaboração muito eloquente sobre a “unidade latino-americana”. Para Galeano, somos todos parte de um ente sociológico por um simples fato: *“É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e com tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder”*

Ou seja, sob um determinado olhar, medido por uma escala mais ampla, é impossível não enxergar o Brasil como um país muito latino-americano, fruto da “nossa derrota, que sempre esteve implícita na vitória alheia”. Somos irmãos na derrota histórica da colonização de 500 anos, perpetrada pelos mesmos algozes, entes do incipiente capitalismo, precursores das poderosas forças do imperialismo do século XXI. Galeano mostrou como a América Latina se define como uma unidade através do elemento histórico dos mais pobres e mais oprimidos.

A ânsia dos brasileiros, sentimento este arraigado em distintos setores sociais, na negação desta característica comum está calcada justamente neste aspecto: o de sermos todos países colonizados que ainda hoje carecem da real independência. Para grande parte da população brasileira, é muito natural manter os olhares de reconhecimento para os Estados Unidos ou para a Europa, nossas mecas culturais, e convenientemente negarmos a identidade latino-americana. Por isso que 1982 nos impactou quando o presidente norte-americano, Ronald Reagan, promoveu junto com Figueiredo um brinde ao “*povo da Bolívia*”, gafe prontamente atenuada pelos tradutores oficiais, que transladaram em português: “um brinde ao povo de Bogotá”, em um jantar em Brasília...³⁹

Da academia, a negação da nossa latinidade se dá de maneira muito menos acentuada, ainda mais no âmbito das ciências humanas. O impacto que as lutas de resistência às ditaduras militares tiveram na formação de uma geração inteira na segunda metade do século XX deu esperanças à formação de um corpo acadêmico com muito mais contato com os vizinhos. Também neste aspecto, a forte repressão que sofreram alguns professores e pesquisadores nos seus países de origem, os obrigou a buscarem exílio em paragens menos tenebrosas: Darcy Ribeiro fez um giro por Chile, Peru, Venezuela, México e Uruguai, Celso Furtado também se refugiou no Chile, Ciro Flamarion Cardoso

³⁹ Episódio famoso da chancelaria brasileira, mas para fins de citação, matéria da folha de São Paulo de 1997: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc111011.htm>

migrou para Costa Rica, Paulo Freire trabalhou na Bolívia antes de ir ao Chile, e tantos outros que tiveram a produção intelectual profundamente afetada pelas agruras do exílio, mas também pela criação de novas esferas de interação latino-americanas.

A arqueologia no Brasil, dentro desta perspectiva, possui a especificidade de ter se consolidado como disciplina acadêmica nos centros universitários muito tardiamente. No entanto, como coloca Barreto (2000), a vinda de especialistas estrangeiros entre as décadas de 1950 e 1970, responsáveis por impulsionarem as pesquisas arqueológicas brasileira, configurou um cenário próprio com uma “falta de orientação teórica”, ainda que fortemente sob a influência do mundo anglo-saxão, sob os eixos das missões francesas e norte-americana. Para ela, o desenvolvimento de uma perspectiva arqueológica puramente “descritiva e classificatória”, não possibilitou a extrapolação das fronteiras nacionais, sendo o intercâmbio latino-americano, na arqueologia brasileira, uma barreira constituída historicamente.

Dessa maneira, entendo que a arqueologia brasileira possui uma relação bastante formal com a disciplina dos nossos vizinhos latinos, que é caracterizada também por um desenvolvimento bastante desigual se compararmos a institucionalização da arqueologia no Brasil e países como Peru, México, Argentina ou Chile. Isso se concretiza em poucas cooperações internacionais em nível institucional, em principalmente em poucos exercícios comparativos de contextos arqueológicos existentes em distintos países.

É bem verdade que, no caso específico da arqueologia amazônica, o impulsionamento de um congresso pan-americano, o Encontro Internacional de Arqueologia Amazônica (EIAA), que já se encontra em sua 5ª edição, tem contribuído para eliminar estes muros. No entanto, do meu ponto de vista, permanece existindo uma grande barreira epistemológica, que possui raízes nos aspectos objetivos da falta de identidade latina dos brasileiros, mas que é também reforçada por elementos próprios da arqueologia.

No que diz respeito às causas específicas da nossa disciplina, me parece que esse fosso entre Brasil-América latina se dá por dois motivos, que possuem uma relação entre si. O primeiro relaciona-se ao impacto que a antropologia social e seus modelos de ocupação do território amazônico tiveram na metade do século XX. Principalmente através da publicação do terceiro volume do *Handbook of South American Indians*, em 1947, onde foi apresentado o modelo tradicional (ou *Standard Model*) de síntese de um

sistema cultural formado por práticas comuns entre sociedades que habitavam a floresta tropical. Baseado fortemente em estudos etnográficos, o Standard Model (Viveros de Castro, 1996), como ficou conhecido, correspondia a uma descrição das populações amazônicas, que foi transplantado para a interpretação de contextos arqueológicos, e que previa a existência de pequenas e poucas aldeias habitadas por populações descapacitadas de promoverem alto desenvolvimento tecnológico, sendo suas características materiais e organizativas, uma decorrência de sociedades mais desenvolvidas, estas suas ascendentes.

Sob uma perspectiva evolucionista social, as sociedades da Cultura da Floresta Tropical encontravam-se, do ponto de vista histórico e geográfico, em um estágio de desenvolvimento estático, localizado entre as sociedades de cacicado do Caribe, e das Tribos Marginais, das terras baixas do Brasil e Argentina. Ou seja, eram sociedades nem tão desenvolvidas como os cacicados centro-americanos, e não eram tão simplistas como os grupos caçadores-coletores do Brasil Central e da Patagônia. Na arqueologia, essa “incompletude” (Neves, 2013) das formas de organização social refletiram em uma interpretação muito calcada no determinismo ambiental (Meggers, 1971), e já citado aqui neste texto no capítulo 1; isto é, as condições para o “avanço” destas sociedades não se concretizavam por barreiras ecológicas: o clima, a vegetação e a geografia amazônica não permitiam outra forma de conformação social.

A arqueologia dos anos 1990 e 1980 (Roosevelt, 1980, Neves, 1999) rapidamente respondeu ao Paradigma Padrão (Stahl, 2002) com evidências arqueológicas que desmontaram a ideia de um local pouco habitado e com pouco desenvolvimento tecnológico. Mostrou que as populações pré-cabralinas não só não se acanhavam diante da floresta tropical, como através de um intrincado processo de simbiose homem-meio ambiente, tomavam proveito de todos os recursos disponíveis em abundância, conformando uma sociedade afluyente, muito distinta do cenário pintado outrora (Neves 2008).

No entanto, as duras e justas críticas aos grandes modelos explicativos de ocupação da floresta amazônica também foram responsáveis por eliminar as possibilidades de criação de novos modelos mais gerais. Elementos como “difusionismo”, “grandes migrações” e “uniformidade cultural” acabaram virando “*palavrões*”⁴⁰ na arqueologia amazônica brasileira, e estudos de síntese que levam em conta esses conceitos

⁴⁰ No sentido denotativo, não de tamanho

se tornaram cada vez mais escassos. Viveiros de Castro (1996), não à toa, coloca essa característica como um dos elementos de superação do Standard Model através da mudança da perspectiva com que se começou a olhar os contextos etnográficos e arqueológicos. Para ele, o abandono de visões que compreendessem as sociedades ameríndias como entes estruturados, somado às críticas das teorias de parentesco, resultaram no fim de perspectivas que levam em conta a sociedade como “*um mecanismo regulatório de concepção da vida social*”.

Ou seja, com água do banho, acabou indo também o bebê, ou pelo menos uma parte dele. Não se pode negar que estudos mais regionais onde se elencam hipóteses de expansão cultural ainda existem, e compõe um papel importante na construção de narrativas de longa duração na Amazônia ⁴¹. No entanto, não se configuram mais como paradigmas globais da grande maioria das investigações, e questões como as já citadas “migrações” e “uniformidade cultural” são tratadas muitas vezes com um forte apelo relativista.

O principal problema em relação à esta negação exacerbada, é que a arqueologia mirou nas críticas às premissas, e acabou acertando também no método. Na onda da “virada epistemológica” dos anos 1990, e com a consolidação de perspectivas pós-modernas, estudos com características de interpretação holística acabaram sendo deixados de lado, na medida em que foi se colocando, cada vez mais, dúvidas em relação à eficácia dos métodos globais enquanto sistemas de produção de conhecimento.

A consolidação dessa perspectiva (Tantaleán, 2009), bastante particularista no que diz respeito à construção de narrativas, foi um dos entraves que impediram, ainda que subjetivamente, a integração acadêmica (institucional ou epistemológica) entre a arqueologia brasileira e latino-americana. Principalmente por refutar conceitos que concatenem, do ponto de vista geográfico contextos distintos, olhares por elementos recorrentes e comuns onde se possam construir conexões baseadas em concepções de sociedade e cultura que tenham em algum grau níveis de homogeneidade.

⁴¹ Poderia citar aqui os trabalhos do meu colega Almeida (2013), e que recebeu sua leva de críticas pelo fato de o ter feito, também os recentes estudos de Correa (2016), que assim como Almeida, trata de entender a dispersão dos grupos falantes da língua tupi em território sul-americano. Zimpel (2018), no ano passado, retomou a hipótese da ligação entre os produtores da cerâmica Valdivia, no Equador, e a cerâmica Bacabal, no sudeste de Rondônia. É preciso citar que Neves nunca abandonou totalmente a perspectiva de releituras modernas em relação à difusão e migração, onde se destacam a publicação sobre a cerâmica Pocó-Açutuba (2014), e sua tese de livre-docência (2013).

O outro aspecto, que tem relação direta com este, tem a ver com o que identifiquei como um “descompasso epistemológico” entre as vertentes teóricas preponderantes do Brasil e da América Latina. Assim como Barreto identificou uma falta de uma teoria arqueológica pautada nas questões específicas do Brasil, Neves (2018) faz uma leitura que vai no mesmo sentido, trazendo à tona a contradição de termos uma arqueologia brasileira, formada pelos milhares de arqueólogos que atuam no Brasil, mas ao mesmo tempo não existir uma arqueologia que podemos chamar de “arqueologia brasileira”, e oferece uma saída estratégica para sanar essa lacuna, a partir da leitura das dissonâncias próprias do registro arqueológico brasileiro.

Em diversos outros países da América Latina, desde os anos 1970, desenvolveu-se uma teoria arqueológica própria, e que teve pouquíssimo impacto na produção acadêmica brasileira. A Arqueologia Social Latino-Americana⁴², como ficou conhecida, transformou a arqueologia latino-americana em um campo atuante na formação de identidades nacionais sob a perspectiva da contra-história, colocando os indígenas como protagonistas de histórias de longa duração. Baseada fortemente na teoria marxista de história, a ASL se consolidou como a mais importante, ainda que não a única, fonte de referência para a produção arqueológica na América Latina. O clássico “Arqueologia como Ciência Social, de Luis Guillermo Lumbreras, é o livro básico mais estudado em alguns dos mais importantes centros de formação de arqueologia na América Latina, e reconhecidamente fruto de um processo histórico regional da América terceiro-mundista.

No Brasil, a ASL teve um impacto muito reduzido, ainda que Luis Lumbreras, amigo pessoal de Darcy Ribeiro, tenha vivido no Norte Fluminense por quase 10 anos. A consolidação das premissas de uma leitura materialista-dialética, com todos os “poréns” do pós-caída do Muro de Berlim, distanciou ainda mais as arqueologias latino-americanas e brasileira. Neste capítulo, gostaria de tentar fazer uma **aproximação entre alguns elementos da Arqueologia Social Latino-Americana, e o Sudoeste da Amazônia, como um recurso interpretativo dos dados arqueológicos produzidos e apresentados nos capítulos anteriores.**

Assim, sem medo de parecer uma “bricolagem teórica” (McGuire, 2012), enfatizo que os conceitos oriundos da ASL partem da necessidade objetiva de explicação dos dados produzidos, a partir de um exercício comparativo com outros contextos

⁴² Doravante ASL

arqueológicos latino-americanos, que acredito que contribuem para a compreensão das dinâmicas sócio-culturais do passado do sudoeste amazônico.

Acredito também que as premissas da ASL, a partir de uma visão de produção de conhecimento que coloque a investigação a serviço de causas políticas concretas do presente, responde aos anseios do autor, expostos na Introdução, no que diz respeito à uma necessidade de reconstrução da narrativa histórica da região que hoje compreende Rondônia. Da parte desde que vos escreve, acredito não existir a possibilidade de justificar uma investigação arqueológica que não contemple, de algum modo, uma necessidade política atual.

Como são escassas as publicações sobre o que é, e o que representa a Arqueologia Social Latino-Americana, tomei a liberdade de fazer uma breve digressão para que o leitor tome conhecimento e se familiarize com este corpo teórico e com a nomenclatura própria da tradição marxista.

6.1- A Arqueologia Social Latino-Americana e o Materialismo-Dialético

Para arqueólogos brasileiros, a perspectiva de construir narrativas históricas através da arqueologia, com o aporte teórico do marxismo parece, por vezes, uma fábula distante. Houve incursões ao mundo do materialismo-dialético por parte de alguns antropólogos e sociólogos no pós II Guerra, principalmente no âmbito da Universidade de São Paulo, mas que por motivos diversos, não conformaram uma coesa ou duradoura tradição acadêmica. O maior destes exemplos é Florestan Fernandes, sociólogo reconhecidamente marxista, que nos seus trabalhos iniciais, trouxe à tona uma perspectiva, de uma visão de mundo bastante materialista, a partir da análise sistêmica de uma parte da cultura material dos Tupinambá:

“Por isso, procurei descrever: os “objetos tangíveis” (as armas) através dos quais os tupinambá enfrentavam os seres vivos, que partilhavam com eles os recursos do meio natural circundante (primeiro tópico desta parte do trabalho); as formas de organização social das atividades humanas durante os empreendimentos guerreiros e a contenda armada (segundo tópico desta parte do trabalho)” (Fernandes, 2005)

No entanto, em outros países da América Latina, o casamento entre o marxismo e a arqueologia não é novo, nem fruto da virada ontológica do século XXI. Ainda que tenha

demorado muito tempo para que os primeiros escritos de Gordon Childe (1954), inevitavelmente o fundador desta corrente dentro da arqueologia, terem sido traduzidos para o espanhol, essa aproximação possui elementos de conexão ainda no início do século XX.

A América Latina vivenciou na virada dos séculos XIX para o XX, uma onda de revoltas populares e operárias, de caráter extremamente progressivo. E várias destas com a influência direta da ideologia marxista, que penetrou nas ex-colônias do terceiro mundo. Ao mesmo tempo, reverberava os sucessos da Revolução Russa, e nas primeiras décadas do século, impulsionados pela nova III Internacional de Lênin, partidos comunistas foram criados em boa parte dos países latino-americanos. No Peru e no México, durante esse período, se desenvolveu uma perspectiva, bastante autóctone entre grupos de intelectuais, que buscava amalgamar o socialismo com a conjuntura local.

O que acabou por se definir como indigenismo, na verdade foram tentativas pontuais de se mesclar a realidade da luta de classes em países em que grande parte da classe trabalhadora era de origem **indígena**, com o **marxismo**. Mariátegui, Hugo Pesce, Victorio Codovilla e Victor Raul Haya de La Torre no Peru, e Manuel Gamio e Jose Vasconcelos no México (Mariátegui, 2005) são exemplos de pensadores marxistas que fortemente influenciados pela condição de subserviência das camadas indígenas em seus países, contribuíram para a propagação de um “socialismo indo-americano”.

Tantaleán (2008), fazendo um breve histórico do desenvolvimento da arqueologia no Peru, aponta:

“El indigenismo comenzó a forjarse un lugar como movimiento ideológico, incluso los partidos políticos más importantes comenzaron a incluir en sus programas esos problemas (...) En ese contexto los investigadores sociales comenzaron a producir discursos sobre el habitante peruano primordial y a buscar un lugar del territorio patrio que pudiesen considerar como crisol de una cultura nacional.”

O impacto cultural do movimento indigenista em vários países da América Latina é notório. No México por exemplo, acabou por se tornar um elemento de unidade nacional, reafirmando aspectos de identidade (Vasconcellos, 2003). Dessa maneira, uma tradição de estudos antropológicos e sociológicos ligado à perspectiva de transformação da realidade social presente, através do método marxista, teve uma influência nos círculos acadêmicos que perduraram muito tempo.

Ainda que a arqueologia, em países como México, Peru, Venezuela e Equador tenham começado, do ponto de vista institucional, através dos aportes financeiros e materiais dos Estados Unidos, o desenvolvimento da disciplina nestes países foi, contraditoriamente, se voltando muito mais para epistemologias à esquerda, devido à essa pressão objetiva da realidade: os indígenas eram considerados, em muitos destes países, atores sociais ativos na construção de processos revolucionários, ou em termos marxistas, eram vistos e tomavam para si o papel de vanguarda.

Somado a isso, os anos 1960 foi profícuo no reavivamento dos movimentos organizados de caráter marxista. O fim da opressão Stalinista, a vitória das revoluções vientnimita, coreana e chinesa impulsionaram outros modelos de luta, que na América Latina se concretizaram com a tomada do poder em Cuba, pelo Movimento 26 de Julho. O crescimento destes movimentos revolucionários, em quantidade e em peso político, tiveram uma influência muito grande também nos círculos acadêmicos: na França o estruturalismo marxista de Godelier, Meillasoux e Balibar (Terray, 1979) entrou no auge, nos Estados Unidos Noam Chomsky começou a se consolidar com um novo paradigma de compreensão do desenvolvimento estrutural das línguas, iniciando uma tradição de acadêmicos marxistas norte-americanos junto com Erik Olin Wright e Michael Burawoy; e na Inglaterra Perry Anderson e E.P. Thompson lideraram uma geração de historiadores das quais se destacam também Christopher Hill, Eric Hobsbawn e mais recentemente Neil Faulkner.

Havia, portanto, do ponto de vista global, um espaço ao crescimento do marxismo como eixo teórico na academia. Bate (1983) resume assim este momento:

La relación entre Marxismo y Arqueología no es nueva. En la década de los años setenta se abrió la discusión de los planteamientos teóricos y filosóficos del Marxismo para interpretar los procesos históricos de las sociedades que precedieron a la colonización del continente americano. Eran momentos de auge de los movimientos de los trabajadores y el pueblo pobre en general, de la lucha de clases. Un grupo de investigadores a quienes se les denominó como la corriente "Arqueología Social" comenzaron a desarrollar una serie de propuestas teóricas y metodológicas en la arqueología (paralelamente al desarrollo de la "new archaeology" norteamericana y europea) buscando con esto interpretar los procesos históricos de las sociedades que precedieron a la colonización europea del continente con base en la evidencia arqueológica."

Dois momentos são importantes como parte do processo de surgimento da ASL. O primeiro, em 1973, é a publicação de uma série de palestras promovidas pelo arqueólogo peruano Luis Guillermo Lumbreras (1981) no Chile, e que foram organizadas em uma publicação chamada “Arqueologia como Ciência Social”, já citada aqui anteriormente. De caráter bastante informal, *Arqueologia como Ciência Social* estabelece as premissas básicas de uma visão materialista-dialética da arqueologia, que deveria se orientar a estudar o elemento chamado de “cultura”, esta entendida como a maneira de exteriorização das práticas mentais dos homens. Ou seja, para Lumbreras, a arqueologia ao tratar-se de uma ciência social, define-se pelo estudo das ações humanas, que é correspondido concretamente pelos vestígios materiais, e este conjunto de ações humanas se organiza ao redor de um coeso sistema por ele denominada de “Conduta Social”.

A Conduta Social é entendida como um conceito holístico, que engloba todas as atividades de um indivíduo dentro de um ente social. É a alternativa que Lumbreras criou para adequar o conceito de “CULTURA”, que sob sua perspectiva, possui uma relação muito próxima à epistemologias antropológicas imperialistas e colonizadoras. Para compreender a totalidade da Conduta Social, é necessário conhecer os aspectos basais e formadores do ente social, que se materializam em elementos recorrentes da história à qualquer tipo de sociedade, notadamente os Modos de Produção. Ou seja, para poder descrever narrativas históricas do ponto de vista holístico, é necessário observar quais elementos são comuns em distintos tipos de organização social, ao longo do tempo, para os marxistas, estes elementos comuns estão presentes nas características dos diferentes modos de produção.

O princípio é que todas as sociedades, no mundo, possuem características em comum, e essas características podem ser descritas e agrupadas em conjuntos de formações sociais. Essas características comuns são definidas a partir da análise de elementos basais das sociedades: para um grupo de pessoas conviverem socialmente e se reproduzirem, para que continuem existindo no mundo, é necessário que estas pessoas em primeiro lugar interajam entre si, em segundo lugar, que obtenham alimentos e recursos que possibilitem sua sobrevivência. O materialismo-dialético aparece como uma ferramenta de compreender quais são os tipos de relações sociais que organizam as formas de obtenção de recursos, e como se dá a relação entre estes dois campos na materialidade do conceito de Trabalho.

Para Marx (1970), o trabalho é definido como qualquer atividade que as pessoas em uma sociedade realizam para existirem no mundo, seja obtenção de alimentos, obtenção de recursos para construir uma casa, um templo, um arranha-céu. Essas atividades não são realizadas de forma autônoma por indivíduos, são ações coletivas normatizadas através dos vínculos sociais, que orientem desde a sua finalidade, como os seus modos de realização.

Para realizar tais atividades, qualquer pessoa em qualquer sociedade, em qualquer período do tempo histórico, necessita de ferramentas, instrumentos materiais para alcançar determinado objetivo. Esta ferramenta pode ser um chip do século XXI, ou pode ser um biface Acheulense. A combinação pessoa (meios de produção) + instrumento, realizando uma atividade é o que a teoria marxista chama de Forças Produtivas. Estas atividades não são, nunca, realizadas de maneira autônoma, Marx inclusive faz uma analogia dizendo que não existem *Robinsons Crusóés* no mundo, sobrevivendo isolado em um espaço geográfico restrito.

A produção (qualquer atividade de trabalho), portanto, é sempre uma atividade social, que envolve necessariamente mais do que apenas uma pessoa. Sabemos que a relação entre as pessoas em uma comunidade, realizando atividades de trabalho não se dá de maneira natural, é necessário um conjunto de normas que organize esta produção. Essas normas podem estar escritas, como é o caso atual, regidas pela presença do Estado, mas podem também não estar, e nem por isso deixam de existir. As relações sociais, portanto, são um elemento que possuem uma relação direta e indissociável com a produção: se existe um corpo de pessoas vivendo no mundo, elas estão necessariamente interagindo entre si, e produzindo coisas. Essa combinação (produção e relações sociais) é o que a teoria marxista chama de Relações de Produção, e cada corpo social, com suas distintas formas sociais, possui relações de produção distintas.

Portanto, tomando como certo o fato de que todas as sociedades que existem ou existiram no mundo, produzem coisas através de atividades de trabalho, e que a produção destas coisas se dá através de um sistema que organiza tal produção, ao identificar e caracterizar estas relações sociais, é possível comparar as distintas sociedades.

Para Lumbreras (1981), a identificação de uma “cultura arqueológica” não se configuraria como fim da ciência arqueológica, para a ASL, é mais importante a caracterização do que ele chama de “Formações Históricas-Sociais”: “*Cultura (ou*

Formação Social) es el conjunto de elementos materiales que definen un nivel de desarrollo de las fuerzas productivas y que al mismo tiempo, permiten establecer diferencias entre una una etnia y otra”. Essa é a sua definição do que se trata a ciência arqueológica, a compreensão dos distintos níveis de desenvolvimento das forças produtivas. Para os marxistas, as forças produtivas é um conceito inerente a qualquer etapa histórica, e que necessariamente se modifica ao longo do tempo e se apresenta com diversas formas no espaço. Logo, conseguir caracterizar as Forças Produtivas de determinado ente social permite a comparação com os demais, encadeando narrativas históricas como elementos que são comuns à diversidade de formas de organização.

Do ponto de vista da ASL, este é o objeto de estudo da arqueologia, o estudo da relação entre seres humanos e paisagem, através da utilização de seus conhecimentos técnicos. Com a identificação de aspectos regulares na produção (que deve ser compreendida não apenas pela fabricação de mercadorias, mas sim como a fabricação de qualquer elemento que contribua para a reprodução da comunidade, por exemplo um alimento, um ídolo, uma casa, uma igreja, uma cerâmica, etc.), é possível formar conjuntos que façam o arqueólogo inferir acerca das Formações Sociais. A arqueologia, assim, torna-se não apenas uma ciência de classificação de objetos tecnológicos, mas busca se tornar uma ciência o estudo das regularidades sociais, que é expressa em sua forma material nos objetos, e na relação homem-meio-ferramenta.

Esta perspectiva, que de fato bastante diferente das demais e pouco popular no Brasil, é o principal elemento que caracteriza a ASL como a única teoria arqueológica totalmente autóctone da América Latina. Ainda que o marxismo possua expoentes dentro do campo arqueológico em outros centros de produção de conhecimento, a percepção no que diz respeito ao objetivo do ofício do arqueólogo é totalmente distinta.⁴³ Lumbreras, em recente artigo, faz uma avaliação a partir de uma digressão bastante pertinente:

“Decidimos, este grupo de arqueólogos, dedicarnos a hacer historia, a más de arqueología. Entonces el concepto cultura sí nos ayudaba a entender la diferencias, cuanto el concepto de historia nos permitió entender las generalidades, las cosas comunes. Y así fue como de una o otra manera fuimos caminando hasta la construcción de un tipo de arqueología que no es antropológica, a pesar de que todos éramos antropólogos, y sí histórica. Una arqueología donde se construye los procesos de organización de la sociedad a partir de las relacione sociales que en ella se estableció, y no algo en la cual hubo acuerdos de distinta naturaleza. Tenemos compromisos categoriales con una manera de ser religioso; una manera de comer; con una manera de

⁴³ Amarrismo anglo-saxão e marxismo soviético

vestimos, etc. Y creo que hacemos cosas culturalmente diferentes.” (Lumbreras, 2019 pp 490)

A partir da publicação em 1970 de *Arqueologia como Ciencia Social*, livro de Lumbreras, foi impulsionada uma visão marxista da ciência arqueológica que já possuía uma representatividade entre antropólogos e arqueólogos de forma independente. No início dos anos 1970, Jose Luiz Lourenzo, Luis Guillermo Lumbreras, Julio Montané, Pedro Armillas, e Mario Sanoja, em seus respectivos países, retomaram em grande parte os estudos de Gordon Childe para “*obrigatoriamente fazer uma arqueologia em um sentido histórico, pontuando claramente a separação da antropologia colonialista e situando a arqueologia no corpo em que sua existência se faz compreensível, real: a do materialismo-histórico*”.

Vários destes pesquisadores, reunidos no México em 1975, intentaram construir um plano de atuação conjunto, um programa de pesquisas que pudesse influenciar, de maneira concreta, a realidade das populações mais pauperizadas de seus países. O documento produzido pelos arqueólogos neste encontro começa com um balanço preciso do desenvolvimento da arqueologia na América Latina.

Neste balanço, eles assumem que em determinados países da América Latina, onde “*indígenas e mestiços*” têm se desenvolvido com pouco peso étnico, as lutas sociais tendem a se manifestar através do signo do proletariado urbano. E onde estes indígenas e mestiços são maioria, culturalmente e economicamente, o centro das lutas sociais tem sido a questão agrária. No México, Peru, Equador e Chile, por exemplo, os indígenas compõem grande parte da classe operária e do campesinato rural, e possuem um histórico grande de lutas, não apartado das sociedades nacionais. No Brasil e nas Terras Baixas como um todo, o grau de apagamento histórico das populações indígenas é enorme, e cria outra realidade para este setor da sociedade.

Onde o centro das lutas historicamente foi o proletariado urbano, diz o documento de Teotihuacán, o materialismo-dialético tende a se desenvolver, dentro da academia, nas áreas da sociologia, psicologia e pedagogia, campos do conhecimento mais ligados à realidade das cidades. Por outro lado, nos países de maioria “*indígena e mestiça*”, como as lutas se desenvolveram no meio rural com comunidades autóctones, existiu uma necessidade objetiva de entender este processo, e o desenvolvimento histórico dos mesmos. Sob a perspectiva dos que se encontravam na Reunião de Teotihuacán, este é o

principal elemento que explica a aproximação do marxismo com a antropologia e a arqueologia nos países que representavam.

Entendo a Arqueologia Social Latino-Americana como talvez a única expressão puramente local, no campo da arqueologia, de teoria descolonizadora própria e independente das produções teóricas dos grandes centros. Bastante desenvolvida nos países hispano-hablantes do continente, no Brasil engatinha com poucas publicações e intentos iniciais. Vicente Lull (1997), a define assim:

Desde sus inicios, La ASL podría considerarse un producto intelectual de una minoría que deseaba hacer frente al panorama intelectual, social y sombrío de los regímenes dictatoriales y represivos de sus países. Cada uno de sus fundadores pretendió hacer frente, a escala doméstica, a la hegemonia científico-académica norteamericana (...) Aquel esfuerzo de los pioneros, desmesurado en cuanto a sus posibilidades materiales, apuntaba al objetivo marxista genuino: transformar la sociedad. Como había que transformarla, primero había que comprenderla.

Acredito que romper com as teorias colonizadoras da metade do terceiro quarto do século XX era o principal objetivo dos arqueólogos que aplicaram o método dialético, para criar um corpo teórico que fizesse sentido e construísse carga intelectual à luta da emancipação dos povos mais pauperizados.

Nos últimos anos, balanços sobre o desenvolvimento desta corrente teórica têm sido feito, tanto por arqueólogos que a defendem como por pesquisadores que se opõe a ela (Navarrete, 2012). Assim como em todos os âmbitos da sociedade, a queda do Muro de Berlim e o avanço das epistemologias pós-modernas na virada dos anos 1990 tiveram impacto profundo na disseminação do pensamento marxista. De qualquer maneira, concordo com a ideia geral de Patterson (1991), quando este diz que o “*fantasma de Marx*” ronda a arqueologia por mais de 70 anos, e que suas elaborações tem influências profundas até os dias atuais, e enquanto existir o capitalismo, a ASL continuará existindo como uma contra-corrente teórica.

Hugo Benevides, em um destes balanços atuais (2008) resume bem as duas principais características desta escola teórica: o forte compromisso social e político que o arqueólogo sente em relação às comunidades e camadas pobres da sociedade, e o paradigma materialista histórico que os pesquisadores “*abraçam como ferramenta para analisar e entender a história*”. Segundo ele, “*esses dois fatores habilitam arqueólogos sociais à reconstrução da história e ver sua continuidade e valor na sociedade contemporânea.*”.

Além do aporte explicativo dos processos históricos, compreendo a ASL e seus pressupostos teóricos como a ferramenta que permite o encadeamento dos problemas atuais das camadas mais pauperizadas da sociedade, com o estudo e as técnicas da arqueologia, aplicadas à contextos do passado. É através da utilização do método do materialismo-dialético, que a arqueologia se torna um elemento vivo do presente, cuja contribuição servirá, de uma maneira mais ou menos prática, à compreensão da situação corrente da luta de classes.

Refuta-se aqui as novas ondas da “*virada ontológica*” que pregam a separação teórico-filosófica, o neo-particularismo histórico e “*o conseqüente relativismo cultural baseado na desconstrução dos metarrealts para a análise de uma micro-história, na qual o indivíduo seja o motor da mudança social*” (Tantaleán & Aguilar, 2009). Em oposição à multivocalidade de Hodder (2006), se reconhece-se a existência de discursos hegemônicos, compreendo que a luta para “descoloniza-los” está na disputa pelo poder real, e não nos exercícios teatrais de abstrações multivocais.

Acredito na validade do método arqueológico, como mecanismo de produção de conhecimento que possa ser socialmente produzido e distribuído, não importando o valor da forma em que se expressa, ou seja, vale mais o conteúdo do que o elemento individual do portador da voz. Identificar e aceitar que existem realidades concretas, e que estas realidades são passíveis de serem estudadas a partir de um método coerente, é um dos elementos essenciais da ASL. Principalmente porque olha primeiramente para o presente, e identifica uma realidade objetiva: a luta de classes, os explorados, a fome e a miséria. É a partir da identificação e uma realidade concreta hoje em dia que o arqueólogo social, a partir da identificação dos nexos comuns, estabelece os eixos de contato, e faz a arqueologia uma ciência política, atual.

A importância da realidade atual na construção de narrativas histórica se dá de maneira quase anacrônica na ASL. Somente através da compreensão das dinâmicas históricas que, com suas forças objetivas, delinearam o desenvolvimento das condições socioeconômicas através dos milênios, é que os agentes políticos do presente podem superá-las. Ou seja, é uma prerrogativa, daqueles que tomam como marco teórico a ASL, o protagonismo dos setores mais pauperizados da sociedade nas pesquisas realizadas, não através de um mecânico exercício de “distribuição de voz”, mas através da criação de narrativas históricas que coloquem estes grupos (indígenas, negros, operários e

camponeses) como descendentes diretos de grupos do passado. Essa ascendência, vejamos bem, não se dá de maneira étnica necessariamente, ela é construída através de nexos comuns entre os elementos comparáveis do materialismo dialético. Para que fique mais claro, a opressão que sofrem os trabalhadores nas fábricas, assim como sofrem os indígenas e camponeses é fruto de uma dinâmica histórica, que não possui raízes únicas no dia 21 de Abril de 1500, suas causas são muito mais antigas. Compreender a trajetória dos elementos que são comparáveis das formas de organização pré-cabralinas é o primeiro passo para compreender o caráter da colonização europeia, para entender a política centenária de país exportador de commodities, para elucidar em última instância o grau de desenvolvimento do capitalismo no território brasileiro.

Fazer com que esses grupos tomem para si essa história é uma tarefa muito maior do que a que pretendo fazer aqui, ou que qualquer outro arqueólogo possa, através unicamente da arqueologia, cumprir. Significaria fazer com que as massas mais pauperizadas da sociedade rompam com a alienação imposta pelas classes dominantes, e compreendam seu caráter de subalternidade sistêmica, coisa que a arqueologia, como bem sabemos, não fará por si só. Essa tarefa, uma imposição da realidade para nós que se importam com a humanidade, essencialmente não sairá de dentro dos muros das universidades, mas acredito que nós acadêmicos podemos contribuir na produção de um conhecimento que seja útil, e que contribuía do ponto de vista epistemológico na quebra de paradigma desta alienação.

A partir desta perspectiva, a história é construída objetivamente através da narrativa, e compreendida como uma só, holística e global. O pertencimento à ela se dá, de maneira igual, por todos os agentes que a compõe. Como coloca Tantaleán (2008), a força política dessa narrativa está justamente neste aspecto, no caráter político da narrativa concreta que se opõe às histórias tradicionais (dos vencedores, dos conquistadores), elemento mais importante do que a possibilidade de criar distintas versões que podem ser colocadas. Para mim, mais vale construir narrativas politicamente fortes, confrontadoras e que tenham o elemento político como centralidade, baseada em um método coerente, do que a sociabilização de distintas versões da história que não correspondam, ou que não tenham nenhum nexo com os dias atuais:

“la arqueología materialista histórica no es una filosofía o una teoría, sino una práctica, no de un discurso, sino de una acción históricamente justificada por la presencia histórica de los desposeídos. Esta es su principal diferencia respecto de las ciencias

hegemonías y del discurso dominante del sistema, quien realmente practica el poder”
Bate (1987)

Nesta pesquisa, partimos do pressuposto que fazer arqueologia na Amazônia é de maneira concreta reconstruir o passado das pessoas que habitam essa região atualmente. O esforço de concatenar esse problema político com contextos arqueológicos do Holoceno Médio e Inicial, períodos bastante recuados, é um desafio. Acredito que a conjugação dos aportes da Arqueologia Social Latino-Americana seja a chave inicial desse processo, de maneira que nos leve, como objetivo mais geral, e com o estabelecimento de cronologias seguras, traçar narrativas sobre a história da ocupação do território do Guaporé, no sudoeste da Amazônia.

Por isso, a ênfase no início deste texto na questão do discurso oficial dos “primeiros pioneiros de Rondônia”. A situação real em que vivem os indígenas do sudoeste amazônico, desde o período da colonização, é concretizada no terreno da infraestrutura, ou seja, das condições materiais em que vivem, mas também no campo da superestrutura, no processo de reprodução de ideologias de dominação que chegam ao ponto de apagar totalmente a presença indígena na história oficial do governo. Assim funciona a dominação, na intrínseca relação dialética entre o predomínio físico-militar e a hegemonia ideológica.

Minha pesquisa procura, sem medo de ser presunçoso, mostrar através dos aportes da arqueologia, que essa história tradicional é falsa e errada, ela não é uma versão a mais a ser levada em conta, e sim fruto de um processo de dominação histórico que deve ser combatido. O Sudoeste da Amazônia possui sim “pioneiros”, comunidades originárias que colonizaram esta região a partir de um processo totalmente distinto dos “paulistas”⁴⁴ dos anos 1960, com um modelo de ocupação de território específico, e com um sistema de organização social muito mais democrático e comunal.

Para isso, a Arqueologia Social Latino-Americana aparece, nesta pesquisa, como orientação teórica mestra, no sentido que é o que dá o impulso primordial para a realização deste trabalho. Não faço arqueologia pela simples realização de construir

⁴⁴ O termo “paulista” é comumente utilizado, no estado de Rondônia, para designar qualquer migrante moderno oriundo da região Sudeste ou Sul. As vezes, é empregado de maneira pejorativa.

narrativas históricas, a faço, pois, acredito no critério da verdade, e que esta verdade deve ser socializada em um esforço coletivo de modificação da sociedade atual.

De forma que todo esse arcabouço teórico seja coerente com o que estou escrevendo nestas páginas, tomo o materialismo dialético como o método de construção de narrativa para meu texto. Portanto, a ASL cumpre um duplo papel aqui: é a orientação teórica pelo caráter político desta pesquisa, e é também o aporte epistemológico para construção da narrativa histórica do Sudoeste Amazônico.

Para compreender a narrativa histórica das populações que habitaram o Holoceno Inicial e Médio no Alto Rio Madeira, baseei-me em pesquisas realizadas em dois outros lugares da América Latina, e que possuem influencia grande da ASL na construção de suas narrativas. Como elemento de comparação, trarei os contextos arqueológicos da Cultura La Vegas, na costa pacífica equatoriana; e as elaborações de Bate e Acosta (2016) para o contexto arqueológico do sul do México, no estado de Chiapas.

Mesmo se tratando de conjuntos arqueológicos bastante distantes entre si, espero que o leitor veja que, de acordo com as premissa do materialismo-dialético, é sempre possível enxergar elementos comuns, eixos de conexão a partir de nexos recorrentes, se olharmos para estes contextos a partir da perspectiva das formações econômico-sociais, e não sob a ótica do particularismo cultural.

6.2- Contextos arqueológicos antigos na América Latina – Caçadores dos Trópicos Americanos

A Cultura Las Vegas

A Cultura Las Vegas, um conjunto cultural pré-ceramista identificado na costa pacífica do Equador, é um dos casos de considero importantes como elemento de comparação com os contextos aqui apresentados da Amazônia. Esta região do Equador, tropical do ponto de vista da localização geográfica, mas com vegetação e clima bastantes distintos da Amazônia, é uma das áreas da América Latina mais bem prospectadas e estudadas do ponto de vista da arqueologia. À primeira vista, pode parecer uma

incongruência a comparação entre contextos arqueológicos localizados a 2.000 km de distância, no entanto, como o leitor poderá perceber nas seguintes páginas, a caracterização de alguns elementos desta cultura é plenamente comparável às evidências encontradas no Alto Rio Madeira. Além das características do material lítico, que apresenta uma descrição bastante semelhante do ponto de vista da cadeia operatória e de sua função dentro da gama de instrumentos desta população, a Cultura Las Vegas apresenta um padrão bastante semelhante no que diz respeito às estratégias de subsistência.

Histórico de Pesquisas:

As pesquisas nesta região começaram com Emilio Estrada, ainda nos anos 1950, quando este identificou uma série de sítios antigos, com um conjunto cerâmico bastante característico, que foi batizado como Valdívía. Estrada trabalhou nesta região junto com o casal Betty Meggers e Clifford Evans (1965), já citados aqui neste texto, e é de sua responsabilidade as primeiras elaborações sobre a antiguidade do complexo cerâmico.

Um posterior projeto, já no final dos anos 1960, encabeçado por Jorge Marcos e Donald Lathrap, assegurou a antiguidade da cerâmica Valdívía, o mais antigo complexo deste tipo no continente americano. Em sítios que ficaram a muito conhecidos na literatura especializada, como Real Alto (Marcos, 2003), análises de todos os tipos foram feitas (Pipperno, 1998; Zeidler, 2003; Stahl, 1983; Damp, 1984), e um quadro bastante completo sobre as formas de vidas das populações que habitaram a Península de Santa Helena durante o Holoceno Médio.

O complexo Valdivia tornou-se uma das culturas arqueológicas mais conhecidas da arqueologia americana, por ter sido evidenciadas formas de organização sedentárias, com uma cerâmica elaborada, e o cultivo de plantas importantes para o consumo, como milho, feijão, pimenta, abóbora, mandioca e o algodão (Marcos, 2005). Possui um quadro cronológico complexo, envolvendo 8 fases distintas, que vai de 4400 a 1450 AP (Zeidler, 2008). Esta divisão está construída basicamente em base no material cerâmico, mas que é evidenciada também em um progressivo aumento do tamanho das aldeias, e maior complexidade de organização espacial.

A existência de um antigo complexo cerâmico no litoral sul do pacífico fez com que Meggers (2002) propusesse, em um exercício de grande difusionismo, uma origem exógena para esta tecnologia, proveniente do Japão, relacionando a cultura Valdívia com a cerâmica insular Jomón. Esta teoria foi rapidamente descartada por Marcos (2004), que demonstrou o caráter autóctone do desenvolvimento das formas sedentárias e das tecnologias das populações da península de Santa Elena.

Este preâmbulo cumpre a função de localizar o leitor, por ser um conjunto arqueológico mais conhecido, pois meu interesse inicial, nesta região, diz respeito à cultura Las Vegas. Este conjunto foi primeiramente estudado pelo arqueólogo estadunidense Edward Lenning, que trabalhou com sítios antigos da transição pleistoceno-Holoceno em diferentes partes da América. Ele conduziu escavações em sítio na província de Santa Elena nos anos 1960, mas foi com as publicações de Stothert, outra arqueóloga norte-americana, que este contexto arqueológico se consolidou na literatura.

Stothert (1983, 1985, 2002) conduziu escavações na região entre os anos de 1977 e 1982, e seu enfoque acerca da análise do material lítico nos foi muito importante, como descrito no capítulo 4. Recentemente, uma equipe Russo-Nipo-Equatoriana (Tabarev & Kanomata, 2016; Tabarev et al., 2016; Kanomata et al., 2019) retomou as escavações em sítios na região, e novos dados ainda estão sendo produzidos.

Os sítios relacionados à cultura Las Vegas localizam-se em uma região cercada por rios, que conformam o sistema hidrográfico do grande Guayas, este um importante rio que nasce nos Andes e corre em direção ao Pacífico. Esta grande quantidade de pequenos tributários, junto à costa pacífica, conforma uma paisagem bastante peculiar, de bosques secos tropicais com grande quantidade de manguezais. Neste ecótono, na planície que vai do mar à cordilheira de Santa Elena, destacam-se topos e pequenos platôs, distantes poucos quilômetros do mar, onde se encontram assentados os sítios da cultura Las Vegas,

O clima semi-árido, de vegetação seca, combinado com as características de uma região estuarina e manguezais, oferece às populações até hoje, uma grande variedade de possibilidade de obtenção de recursos alimentares e de matéria prima. Estas populações tem a suas mãos os recursos provenientes de um ambiente marino, lacustre, e de planícies, tudo em uma área não maior do que 3500 km².

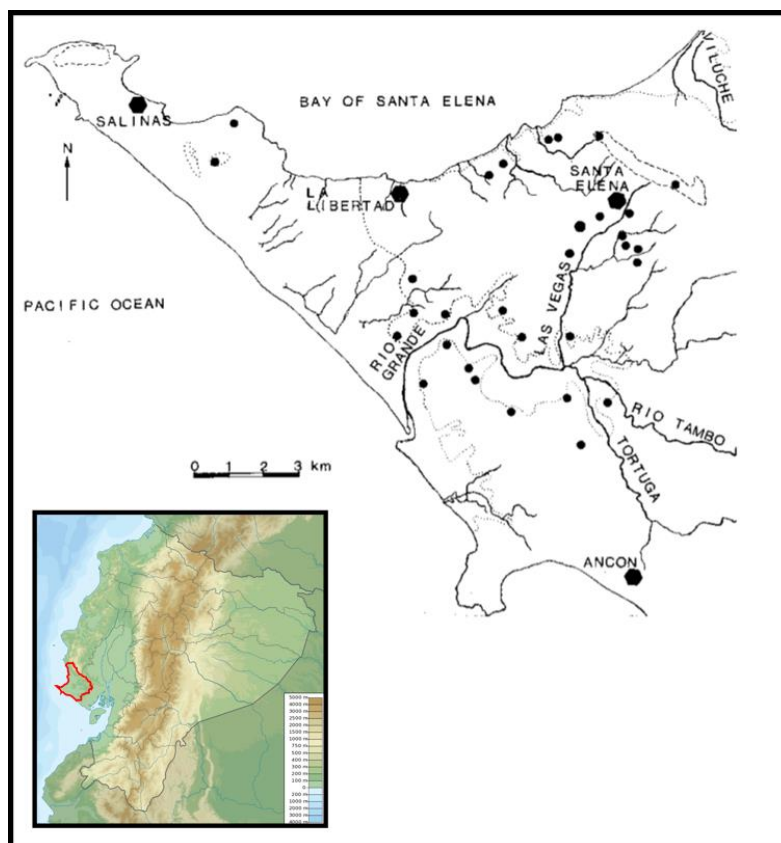


Figura 195– Localização dos sítios relacionados à Cultura Las Vegas. Os Hexágonos representam cidades modernas. No mapa pequeno, no canto esquerdo, a marcação em vermelha representa o traçado detalhado no mapa grande, correspondente à província de Santa Elena. Adaptado de Stothert, 2011

É sabido que esta condição ecológica cumpriu um papel importante no processo de povoamento inicial da área, estudos recentes de gearqueologia mostram que os locais de assentamento dos sítios arqueológicos Las Vegas foram escolhidos, provavelmente, de acordo com alguns elementos do terreno, como proximidade dos rios e mangues, em área de todos de morrotes naturais, com leve elevação.

Nesta região, na Província de Sant Elena, Stothert e sua equipe evidenciaram uma primeira ocupação em poucos sítios arqueológicos, sob as quais não é possível ter muitas informações. Ou estes dados são realmente muito escassos, que é o que acredito ser, ou não foram publicados. Sabemos que existem três datações⁴⁵ (Stothert, 1985) que antecedem 10.000 AP, e das quais não é possível fazer associação com nenhum conjunto artefactual ou instrumentos específicos. Há um debate em andamento (Tabarev &

⁴⁵ Existem três datas que estão relacionadoas a um contexto pré-Vegas, e que vão de 10800 a 10000 AP. Um número muito pequeno de lascas foi identificado em apenas 1 dos 30 sítios, e Stothert (1985, 2003) afirma não existir dados suficientes para afirmar se seriam parte de um conjunto cultural diferente, ou uma ocorrência mais antiga da própria cultura Las Vegas.

Kanomata, 2015; Kanomata, 2019) sobre o caráter destes dados, que poderiam representar um conjunto pré-Las Vegas, não nos centraremos nele justamente pela falta de informação, mas fica aqui, no entanto, o registro de que pode ser que existam contexto arqueológicos mais antigos do que a bibliografia arqueológica define como Las Vegas.

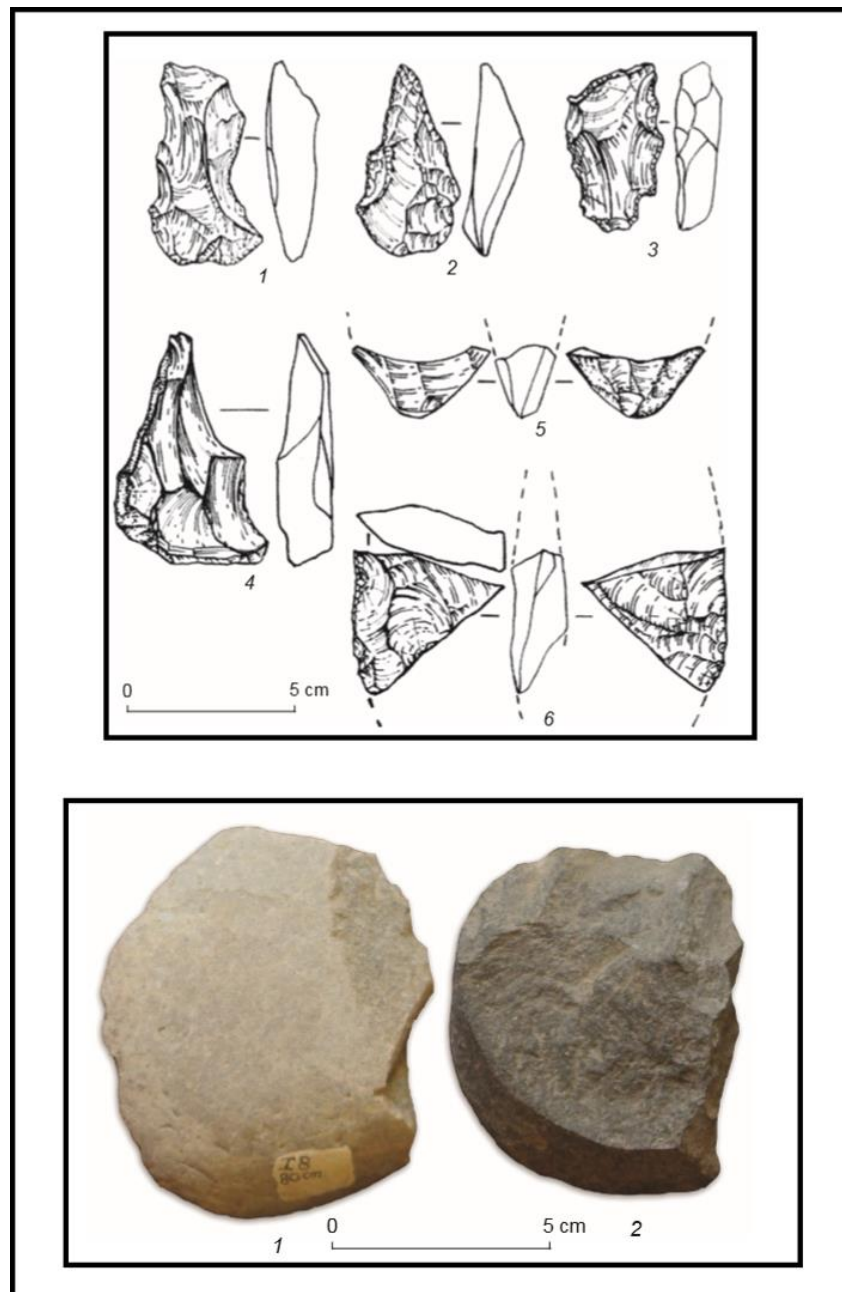


Figura 196 – Exemplo de material lascado da Cultura Las Vegas. Acima, lascas unipolares de chert, com marcas de uso; e abaixo percutores de quartzito, com marcas de utilização após quebra

Dos 31 sítios identificados nos anos 1980, apenas 12 sofreram intervenções sistemáticas, e os dados mais consistentes são provenientes dos sítios OGSE-80 e do sítio 66/67. Grande parte dos outros sítios foram impactados modernamente por atividades econômicas de fazendas, ou expansão de malha urbana. De qualquer maneira, sabemos que a grande característica, do ponto de vista da formação do registro arqueológico destes sítios é que se tratam de montículos artificiais únicos, ou seja, cada sítio é composto por uma estrutura antrópica elevada, composta basicamente por sedimento. Estes montículos vão de 50m² a 400m² de área, e uma estatura baixa, que raramente ultrapassa 1m de camada arqueológica.

No sítio OGSE-80, uma camada de deposição de conchas marca a fundação do montículo, e é sobre esta camada que se sobrepõe os pisos de ocupação da cultura Vegas. A concha, da espécie *Malea rigens* e é de proveniência local, foi utilizada também como matéria prima para a fabricação de alguns instrumentos específicos. A estratigrafia do montículo é relativamente simples, do ponto de vista da composição do solo, mas extremamente complexa em relação à cronologia: em aproximadamente 50cm de deposição, concentram-se camadas que englobam 5000 anos.

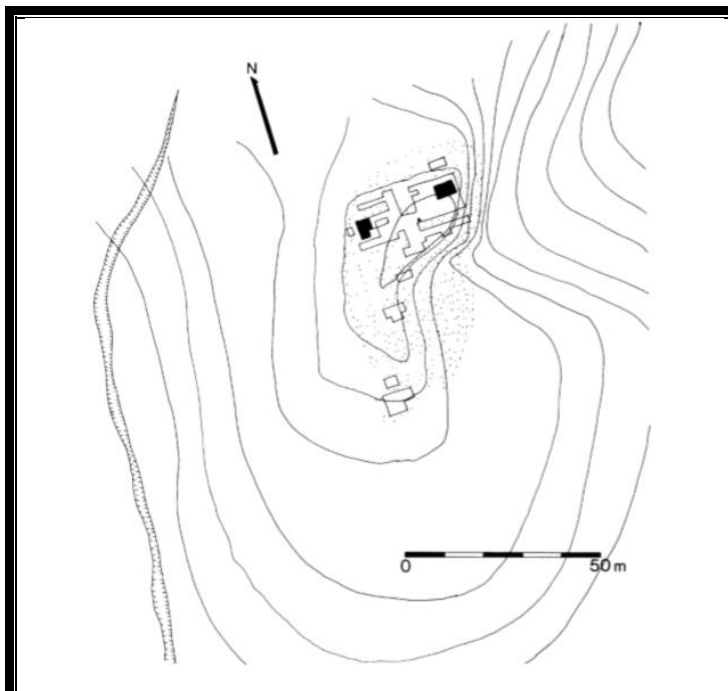


Figura 197: Croqui da topografia do sítio 80 (Stothert, 1984)

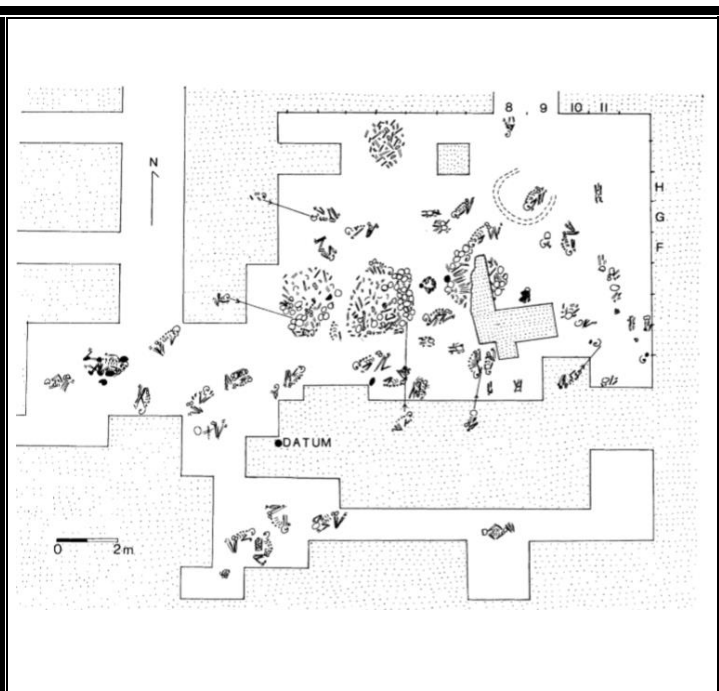


Figura 198: Planta baixa das escavações levadas a cabo no sítio 80 (Stothert, 2011.)

O elemento que mais chama atenção, nos sítios da cultura Vegas, é a grande quantidade de sepultamento, no sítio OGSE-80, foram identificados 192 indivíduos (Ubelaker, 1980), correspondendo a um período cronológico que vai de 8250 a 6600 AP. É considerado, até hoje, como o maior grupo de sepultamentos do Holoceno Inicial já evidenciados na América. Os estudos de Ubelaker, comparando com características de outros sepultamentos provenientes de outras áreas do Equador, demonstraram que os habitantes do sítio OGSE-80 não possuíam marcadores característicos de populações que praticam agricultura intensiva, e que o padrão alimentar parece ter sido muito mais diverso. O padrão de enterramentos é também bastante heterogêneo, uma mescla de práticas de enterramentos primários e secundários, alguns com a presença de aparato funerário, e outros não.

A cronologia da cultura Vegas foi estabelecida ainda nos anos 1980, com 27 datações (Stoother, 2011), que englobam, de maneira ininterrupta, o período que vai de 10000 AP até 6600 AP. Uma fina camada de conchas, inteiras e fragmentadas, divide o que Stoother chama de Early Las Vegas (10000 – 8000 AP) e Late Las Vegas (8000-6600 AP).

Os autores acreditam que pelas características encontradas neste sítio, levando em consideração os vestígios botânicos evidenciados, vários dos quais são comprovadamente domesticados; a longa estabilidade das tecnologias de fabricação de instrumento em rocha; a grande quantidade de datações obtidas para todo o período do Holoceno Inicial; e as concentrações de sepultamentos que as populações relacionadas à cultura Las Vegas tinham um comportamento de assentamento de caráter semi-permanente, ocupando uma área restrita do espaço, onde os recursos de subsistência encontravam-se em alcance imediato. Além das características indicadas acima, o sedentarismo (ou semi-sedentário) destas populações pode ser induzido a partir da falta de pressão objetiva para a adoção de um sistema “caçador-coletor” clássico. Diferente do que se propõe para a colonização inicial da América do Norte, onde as primeiras culturas arqueológicas indicam um modo de subsistência calcado na caça de grandes mamíferos e alta mobilidade decorrente desta prática, no litoral do Equador a combinação dos recursos lacustres, marinhos e botânicos parece indicar uma sociedade de baixa mobilidade.

A Indústria Lítica Las Vegas

Em relação ao material lítico deste conjunto, que é um dos elementos que mais nos interessam aqui, uma análise inicial foi realizada por Karen Stothert, como objeto principal de seu doutorado, em 1984. Mais recentemente, Tabarev e Kanomata (2016, 2019) reanalisaram parte desse material, em grande medida confirmando as descrições tecnológicas da arqueóloga, e refinando alguns aspectos no que diz respeito à utilização destes instrumentos.

O material lítico da cultura Las Vegas é encontrado ao longo de toda a estratigrafia, não estando ligado à atividades específicas, ou seja, não possui associação apenas com os sepultamentos, ainda que alguns instrumentos componham aparatos funerários. É composto por lascas retiradas de maneira expedita de simples núcleos de chert e quartzo (em menor quantidade), de proveniência local. Também eram utilizados, como percutores, seixos de quartzito; e algumas rochas maiores foram descritas como “gridding stones”, e relacionadas ao processamento de alimentos cultiváveis.

A principal característica desse material, tanto para Stothert como para Tabarev, é que, do ponto de vista da análise tecnológica clássica, o conjunto de artefatos líticos pode ser considerado um material “pobre”: *The Las Vegas material culture seems poor because most artifacts were likely made of perishable materials available in dry tropical forests. No textiles, baskets, or other containers manufactured from wood, skin, or bark were recovered from the midden.* (Stothert, 2011), relata a arqueóloga, ao comentar, resumidamente a cultura material analisada.

Tabarev (2012), após reanalisar o material nos anos 2000, é também enfático:

“Las Vegas industry does not look very impressive outwardly: it lacks such diagnostic categories as projectile points, or cores for detachment of blades or blade blanks; the number of morphologically distinct tools with regular facial and marginal retouch, burin spalls, grinding or thinning is extremely small. The collections are dominated by flaked pebbles, small and medium flakes, spalls, fragments, and chips. The great majority (99.9 %) of artifacts have no secondary working features at all.”

A indústria lítica da cultura Las Vegas, portanto, é uma indústria expedita, de rochas locais e sem artefatos formais retocados. As lascas são pequenas, e são obtidas por

percussão direta dura e técnica unipolar e desde muito antigamente, aparecem no registro arqueológico instrumentos polidos, relacionados ao processamento de bens cultiváveis.

Estas descrições, se fossem colocadas na definição do material lítico analisado das fases Girau e Massangana, não causariam estranheza. Para além da contemporaneidade entre estas ocupações, do litoral de Guayas e do Sudoeste Amazônico, o contexto pré-cerâmico das duas áreas apresentam uma série de elementos comuns, que eu coloco como argumento para o desenvolvimento de uma hipótese.

Ainda no âmbito da comparação da indústria lítica, outra característica comum identificada no sítio Teotônio diz respeito a longevidade, ou melhor, estabilidade do emprego das técnicas de produção de ferramentas líticas. No caso da cultural Las Vegas, são aproximadamente 4.500 anos ininterruptos de nenhuma “*indicação de evolução das características do material lítico*” (Tabarev, 2015). Se analisarmos apenas as ferramentas lascadas, essa estabilidade na Província de Santa Elena é maior, pois durante o período da cultura Valdívía (posterior à Las Vegas) os instrumentos líticos lascados possuem as mesmas características, ainda que passem a ter outro papel dentro de uma sociedade mais complexa.

No conjunto analisado, do sítio Teotônio, vimos que as mudanças ocorridas ao logo da estratigrafia não representam um processo de ruptura clara, e de fato o que mais chama a atenção é a longa permanência das técnicas. É bem verdade que há modificações no que diz respeito à tamanho dos instrumentos e principalmente quantidade, características que, do meu ponto de vista, estão ligadas à um processo de adensamento populacional e intensificação do manejo de bens consumidos. Mas que de qualquer forma, seja no campo da técnica de fabricação dos instrumentos, ou da matéria-prima empregada, eu acredito que o signo geral desta coleção é a estabilidade das práticas.

No que diz respeito aos vestígios botânicos, assim como no Teotônio, Pipperno & Persall (1999), em um estudo clássico de arqueobotânica das Terras Baixas americanas, identificaram em sítios da Cultura Las Vegas microvestígios de plantas cultiváveis, e que provavelmente foram alvo de consumo por parte desta população. O Ariá (*calathea allouia*), uma raiz e grande fonte de proteína, foi identificada em camadas de 9000 anos em Las Vegas, assim como Watling (2015) identificou na fase Girau no Teotônio. Foi descrito também o processo inicial de domesticação da Cabaça, ou Porongo (*Lagenaria siceraria*) e do algodão (*Gossypium barbadense*), e amostras de que milho (*Zea mays*)

inicialmente domesticado era consumido neste local por volta de 7000 AP é dada como certa.

O quadro comparativo entre as ocupações pré-coloniais da Província de Santa Elena e do Sudoeste da Amazônia possui uma mudança muito forte com o advento dos sítios da cultura Valdívía, ao redor de 5300 AP. No litoral equatoriano neste período começaram a ser identificados os primeiros sítios com características relacionadas ao “Formativo” (Marcos, 2005), que representaram um processo de crescimento populacional, aumento da quantidade de área ocupada, aumento da dependência do consumo de bens cultiváveis e principalmente, o surgimento do binômio “cerâmica + aldeia”.

No sítio Teotônio, sabemos que houve um aumento da quantidade de pessoas que habitaram este local, gerando uma maior quantidade de ferramentas, e a Terra Preta aparece como um indicador de intensificação da relação homem-ambiente, ainda que não esteja claro o estabelecimento de uma dependência de bens cultiváveis como base da dieta alimentar. No Equador, durante o período Valdívía, parece ser mais claro o processo de intensificação das formas de organização social, diferenciação de enterramentos, e construção de habitações destacadas, indícios de maior complexidade social. No Teotônio, sabemos (Mongeló, 2015) que a perspectiva de uma mudança brusca entre os períodos pré e pós cerâmicos deve ser relativizada, por não apresentar indícios claros de rupturas nas formas de organização social ou obtenção de recursos.

Mesmo assim, até com essas diferenças, Santa Elena e o Rio Madeira comungam (Las Vegas- Girau e Valdívía-Massangana) do elemento da continuidade da tecnologia do material lítico. Como mostramos, apesar das diferenças espaciais das ocupações Girau e Massangana, do aparecimento da Terra Preta e da intensificação do manejo de recursos botânicos, o processo de lascamento do quartzo permanece, em essência, o mesmo. Em Santa Elena, o cenário é o mesmo, e esta estabilidade do lascamento entre Las Vegas e Valdívía é o principal indicador de continuidade entre as duas culturas, e um dos principais argumentos para embasar a hipótese de que o desenvolvimento do “Formativo” Valdívía (Marcus, 2003) corresponde a um processo autóctone.

6.3- Uma Tradição Tropical Inicial – teorias de relação homem-ambiente

Esse exercício comparativo entre o complexo Las Vegas e outros contextos arqueológicos não é recente. Para Stothert, as características deste conjunto cultural são comparáveis com outras culturas que foram, até os anos 1990, identificadas na região próxima como a fase Amotape e o complexo Siches, ambos do noroeste peruano. Porém ela faz uma comparação maior do ponto de vista geográfico, levando em consideração sítios antigos da região das Terras Baixas Tropicais da América Latina.

Para ela, a ocupação antiga de sítios como os de Las Vegas, Puerto Hormiga na Colômbia, Cerro Mangote, San Nicolás e Pomares no Panamá, e a sequência Talara no Peru **representam o processo de adaptação inicial das populações humanas ao ambiente tropical**. E essa uniformidade se dá sob perspectiva de que 1) em todos estes sítios, os contextos arqueológicos são consideravelmente antigos, do Holoceno Inicial ou do período de transição Pleistoceno-Holoceno; 2) as indústrias líticas são caracterizadas por uma tecnologia simples de lascamento, reconhecidamente expeditas, de uma população que *“adapted to the forest environment using a variety of simple lithic tools”* (Ranere, 1985:663).

Não há, entre estes sítios, indícios de produção ou utilização de pontas de projétil⁴⁶, nem sinal de caça de grandes mamíferos. Pelo contrário, para Stothert *“their subsistence economies are best described as broad based and not specialized”* (2011, pp 664), onde o manejo de recursos aquáticos como a pesca e a coleta de conchas cumpre um papel fundamental e sempre presente, influenciando diretamente em um modo de vida semi-permanente.

Ranere (1976), dez anos antes, já havia aventado a hipótese de uma generalizada tradição arqueológica inicial dos trópicos, que teria sido responsável pelos primeiros intentos com sucesso de colonização do território, e que teria como principal característica a ocupação persistente em lugares específicos, representando para ele um processo de

⁴⁶ Este ponto é problemático. Stothert o defende muito mais em oposição às teorias de Clovis-First, e que estes deveriam ter sido os primeiros povoadores da América Central e do Sul. Sabemos que o tema foi um grande debate nos anos 1990 e 1980, no entanto, os estudos mais recentes mostram que pode haver pontas de projétil bifaciais, ainda que ocasionais, presentes em contextos arqueológicos com as características descritas acima. O próprio Tabarev, em artigo de 2015 diz que identificou um fragmento de artefato com retoques bifaciais no conjunto de Las Vegas, do sítio OGSE-80. De qualquer maneira, o achado fortuito destas pontas não inviabiliza todo o argumento, o ponto central da hipótese tem a ver com a característica do modo de subsistência da sociedade.

adaptação bem-sucedido aos biomas tropicais. Sendo assim, uma outra característica destes sítios, para ele, são as longas estratigrafias com diversos pontos de conexão que representariam o processo de adaptação positivo. Ele denominou de **Tropical Forest Archaic** (Ranere, 1980), os contextos arqueológicos que compartilham as características descritas acima.

Recentemente Tabarev (2015 2016), que revisitou estes sítios e coleções da cultura Las Vegas, chegou a semelhante conclusão. Para ele, a primeira impressão do material lítico, simples e com pouco trabalho de fabricação envolvido, não pode ser o maior elemento de caracterização desta sociedade. A indústria lítica de Las Vegas (e Valdívia também) deve ser entendida como o oposto de uma tecnologia primitiva ou simples, mas sim como a materialização de um modelo inicial de adaptação ao ambiente específico, onde as populações desenvolveram uma tecnologia de ferramentas muito bem designada aos propósitos de uma economia baseada no consumo de um amplo espectro de recursos naturais.

Essa indústria lítica, é fruto de uma manufatura de “*short-term*”, ou seja, instrumentos oriundos de uma cadeia operatória reduzida e com poucas etapas e com pequena vida útil, o que faz com que Tabarev inclusive o chame de material “*eventualmente descartável*”. O que ele enfatiza é que este material, complementado à outras ferramentas que por processos naturais de deposição do contexto arqueológico nós não temos acesso, não pode ser compreendido sob a ótica da simplicidade, uma vez que este material responde à todos os desafios e necessidades que o conjunto de humanos que o utilizam o impõe.

Uma tecnologia eficiente, assim, é aquela permite o desenvolvimento do coletivo que a utiliza, garantindo a reprodução do sistema vigente. A alta estabilidade da tecnologia lítica nos complexos culturais Las Vegas e Valdívia, que perduraram quase que sem mudanças por aproximadamente 6000 anos é uma das garantias da eficiência deste mecanismo de produção de ferramentas. Esse conjunto, diz ele, que é:

“characterized by the absence of complicated flaking strategies that require portable or stationary devices; serial-type production of blanks; diagnostic tool types; allochthonous raw materials; and by minimal use of the secondary working techniques (retouch, burin spalls). The technological repertoire of the Las Vegas and Valdivia cultures does not employ stone as the most important and valuable material for manufacture of tools; stone only serves here as a supplement to a wide range of materials (wood, bamboo, shells,

bone, horn) that play a leading role. It is exactly this circumstance that has determined the stability and invariance of the lithic industry outlook on the coast of Ecuador."(Tabarev, 2015: 75)

Sob esta ótica, portanto, Tabarev crê, como Stothert, que o alto grau de sucesso que as populações colonizadoras do litoral equatoriano tiveram, argumento do qual a análise lítica é fiadora, é indicador de que houve uma rápida e exitosa relação entre homem e meio ambiente nesta região. E do ponto de vista comparativo, com outros contextos arqueológicos dos Terras Baixas americanas, ele vê também similaridades no que diz respeito à essa adaptação. Quer dizer, aventa a possibilidade de que haja não só apenas semelhanças concretas dos conjuntos líticos, mas que esta tradição de fabricação de ferramentas de rocha lascada, priorizando a indústria expedita de lascas unipolares, seja representativa de um processo cultural maior, onde distintas populações estão respondendo às mesmas necessidades da mesma maneira.

Estas características comuns, tecnológicas em primeiro lugar, mas que seriam reflexo da combinação de escolhas culturais com necessidades de respostas objetivas da sobrevivência e reprodução de um sistema social, Tabarev chama de "**Tropical Package**" (2015:77). Para ele, é possível que as semelhanças levantadas por Stothert para outros contextos do Holoceno Inicial americano sejam características específicas de grupos que habitaram a região dos trópicos no continente. E que parte desta homogeneidade cultural estaria, em algum grau, relacionada às necessidades de viver em um ambiente como tal.

Essa perspectiva pode, eventualmente, desembocar em um discurso bastante determinista ambiental, como a arqueologia da Amazônia já vivenciou de maneira mais forte, e que comentamos de maneira mais aprofundada no capítulo 6. Stothert (1986), além de se amparar em Ranere no que diz respeito a definição de um tipo de sociedade tropical inicial, abertamente toma como influência as hipóteses de Donald Lathrap (1970), e sua definição de **Cultura da Floresta Tropical**.

Para Lathrap, em algum grau, o ambiente ecológico da floresta tropical tinha uma grande influência na modelagem nas formas de organização social. Era um argumento mais sofisticado do que o apresentado por Meggers, proveniente da visão neo-evolucionista do *Handbook of South American Indians*, mas que não deixa de ter o componente da pré-condição ambiental como elemento basal da hipótese.

Do meu ponto de vista, o desenvolvimento da ciência nas últimas décadas, e a arqueologia especificamente, mostram que é impossível que exista uma total separação entre o processo de desenvolvimento de uma comunidade e a relação que ela tem com o seu entorno. Deixando de lado os debates pós-modernos sobre cultura-natureza, o que me parece concreto é que, olhando a longo prazo a história antiga das sociedades humanas, a própria existência e manutenção dos sistemas sociais está condicionada ao desenvolvimento de estratégias específicas adequadas à garantia das mínimas condições de sobrevivência. Digo isto lembrando que esta relação é dialética, como elenquei no início deste capítulo. Ou seja, o processo de domesticação de um território, por parte de um grupo de pessoas está intimamente ligado às suas atividades de obtenção de recursos e sociabilização, que é o que chamamos de trabalho. E é através das atividades de trabalho que os homens e mulheres moldam a natureza, em um processo contínuo de adaptação dialética: as sociedades não se adaptam de maneira passiva a um ambiente pré-estabelecido, este é transformado, com o trabalho, e um espaço de convivência social, e portanto, próprio de um grupo.

Neste processo contínuo e dialético de relação entre seres humanos vivendo em sociedade, meio ambiente e trabalho (elementos essenciais para a reprodução da sociedade), é gestado os elementos que identificamos como diferenciação cultural, expresso nas práticas sociais e nas ferramentas produzidas. Por isso, me parece que o papel que o meio ambiente cumpre como agente no processo de diferenciação cultural é chave (Olivo, 2012), mas não como elemento condicionante das formas definitivas desta expressão cultural, e sim como um dos entes essenciais que compõe a totalidade das características específicas da Formação Econômica Social.

O problema é que, muito devido à esta perspectiva neo-evolucionista, que nas Américas se concretizou com os estudos etnográficos de Leslie White e Julian Steward, a relação entre sociedade e meio ambiente foi colocada em outro patamar, o que transformou o meio ambiente em condicionantes às formas de ocupação de um território. Totalmente alheios ao desenvolvimento do capitalismo, que mostrou que é possível um sistema socioeconômico estar presente de maneira bem-sucedida em qualquer lugar do planeta, essa geração de arqueólogos promoveu a ideia de adaptação ao meio ambiente à característica geral e superior de classificação das sociedades.

Acredito que dessa maneira se escassearam os estudos que procuram analisar uma relação mais concreta entre formações sociais específicas e o meio ambiente sob a qual elas vivem. Desde a década de 1990, uma perspectiva teórica que também possui origem no neo-evolucionismo, começou a ganhar espaço por entre os ecólogos, por amenizar essa relação condicionante de cultura e natureza, promovendo uma elaboração que leve em consideração estes elementos de maneira dialética.

Esta perspectiva, a Teoria dos Nichos, coloca um determinado espaço geográfico como centro da análise, e procura explicá-lo a partir da percepção diacrônica da relação homens e meio ambiente. Pipperno (2017, pp 219) dá um bom exemplo, para a região tropical da América do Sul, em recente artigo⁴⁷:

“When humans entered the tropical forest and fired and cleared the vegetation, they unconsciously increased the reproductive fitness of many wild plants and animals most beneficial in their diets and set the stage for control of the reproduction of these plants through cultivation and domestication”

A Teoria de Construção de Nicho, ao que me parece, traz a tona princípios do marxismo que foram, desde o início da formulação da teoria no século XIX, básicos à compreensão dos processos históricos com base no materialismo dialético. E não é a toa que o marxismo, enquanto teoria da história, é colocada por grande parte dos estudos das sociedades caçadora-coletoras (Lee & DeVore, 1968) como uma das únicas epistemologias podem dar conta da totalidade dos processos que envolvem, como teoria holística, a história da humanidade (Bettinger, 1991, pp132)

Bellamy (2000, 2011) analisou de maneira profunda a relação dos escritos clássicos de Marx e Engels e as modernas teorias ecológicas, e nos mostrou o caráter pioneiro do materialismo-dialético no estudo da relação homem-natureza, a partir de uma visão materialista da existência dos seres humanos. Mostrando os impactos que o desenvolvimento do capitalismo provocou nas áreas florestadas da Alemanha, em *“Debates acerca do furto de Madeira”* (Marx, 2007), este e Engels compreenderam o quanto essencial é analisar a relação entre seres humanos vivendo em sociedade extraindo bens do meio ambiente. Este debate ficou mais maduro em *A Origem da Família, Da Propriedade Privada e do Estado* (Engels, 1865) e *Manuscritos Econômicos Filosóficos* (Marx, 2004), e deixa claro como a análise da maneira com que se dá a apropriação do

⁴⁷ Cujo segundo autor é Anthony Ranere, citado algumas páginas acima.

meio ambiente por parte de uma sociedade serve como um dos instrumentos de análise da totalidade das relações sociais deste grupo. Muito antes de que o próprio campo do conhecimento que hoje chamamos de Ecologia se consolidasse, Marx e Engels compreenderam que a relação sociedade- meio ambiente cumpre um papel dialético e determinante no estabelecimento dos outros vínculos sociais da sociedade.

Desta maneira, entendo que se olharmos para essa relação, dialética, e não de dependência, entre grupos sociais e natureza, sob a perspectiva da teoria materialista-histórica, fugimos do perigo de recair em um determinismo ambiental ou geográfico clássico do evolucionismo social. Principalmente por utilizar-se de conceitos que são distintos e opostos aos que definiram a Cultura de Floresta Tropical nos anos 1960, o marxismo coloca no centro da análise os processos históricos, que se dão, de maneira histórica e dialética, pela relação homem-natureza. Esta relação, como nos mostram os clássicos do marxismo, configura-se como um dos elementos basais e constituintes da sociedade, ou seja, não é possível fazer uma análise das relações sociais sem compreender a maneira com que determinado grupo estudado se apropria do meio. Para os marxistas, a história das sociedades é também, e necessariamente, a história da relação entre homens e natureza.

Luiz Felipe Bate (1982 1999) e Guillermo Acosta (2018) manejando a teoria marxista, plantearam recentemente uma hipótese para caracterizar, de maneira holística, as primeiras ocupações humanas em ambientes tropicais na América. Eles partem do pressuposto de que existe uma homogeneidade entre as primeiras formas sociais de ocupação desta área geográfica que não está calcada exclusivamente nas expressões da cultura material, mas que é vista como um ente homogêneo a partir de Formação Social, tal como elencado por Lumbreras (1974).

O conceito de **Caçadores do Trópico Americano** é empregado pelos dois arqueólogos mexicanos para definir o modo de vida, ou melhor, a Formação Histórico-Social, das sociedades que inicialmente colonizaram os ambientes tropicais do continente Americano. Neste recente artigo (Bate & Acosta, 2016) caracterizam estas sociedades, com o aporte do materialismo-dialético, a partir da identificação de alguns elementos.

O primeiro deles, é a indústria lítica. Ela assume aqui uma importância muito grande por ser o principal representante da cultura material das primeiras populações nos trópicos, além disso, é o que há de mais duradoura e estável destas formações sociais.

Trabalhando comparando diversos contextos: cultura Las Vegas, complexo El Abra (Savana de Bogotá), Fase Talamanca (Panamá), Peña Roja (Colômbia), Tradições Guayana, El Espino e Atures (Guianas e já citados no texto), e os sítios Covacha del Basuri, Teopasca e Santa Marta, no México (estes últimos dois, estudados e analisados pelos autores), Bate define esta indústria lítica da mesma maneira que Tabarev e Stothert caracterizam o Tropical Package:

“la principal característica de la piedra tallada por esta población es el escaso grado de formatización de los instrumentos. Estos se producen básicamente sobre lascas obtenidas por percusión directa, sin una sistemática de astillamiento definida. (...). Se utilizan como instrumentos los filos vivos o se acondiciona el borde funcional mediante retoques marginales de percusión directa. Conocían la talla facial, pero la emplearon muy escasamente. Hasta ahora no se ha podido identificar en asociaciones claras ningún tipo de puntas líticas características. Y, si las hubo, fueron muy escasas. La tipología funcional de los instrumentos no está estandarizada Responde indudblemente a lo que se han denominado industrias "expeditiva" o "oportunistas". Presentan trabajo sumario y falta de especialización. La gran mayoría de las piezas están talladas en materias primas locales, las más cercanas a los sitios donde se realizan diversas actividades de procesamiento y/o consumo”(Bate &Acosta, 2016. pp.56)

Mais uma vez, uma descrição da indústria lítica que caberia muito bem para definir os conjuntos Massangana e Girau no Alto Rio Madeira. Os arqueólogos mexicanos entendem a indústria lítica destes sítios como resultado de uma formação econômica que preza pela diversidade de estratégias de obtenção de recursos, e o material lítico cumpre a função de suprir as necessidades de uma demanda que envolve atividades de caça, pesca e coleta.

Esta indústria lítica é somada ao que eles chamam de “*técnicas neolíticas*”, instrumentos que tradicionalmente estão relacionadas aos processos de revolução neolítica, mas que se encontram presentes desde muito cedo nas estratigrafias destes sítios (como quebra-coquinhos, pilões e outros instrumentos polidos). Além disso, é característico também a presença de abundantes vestígios botânicos, muitas vezes combinados com espécies domesticadas.

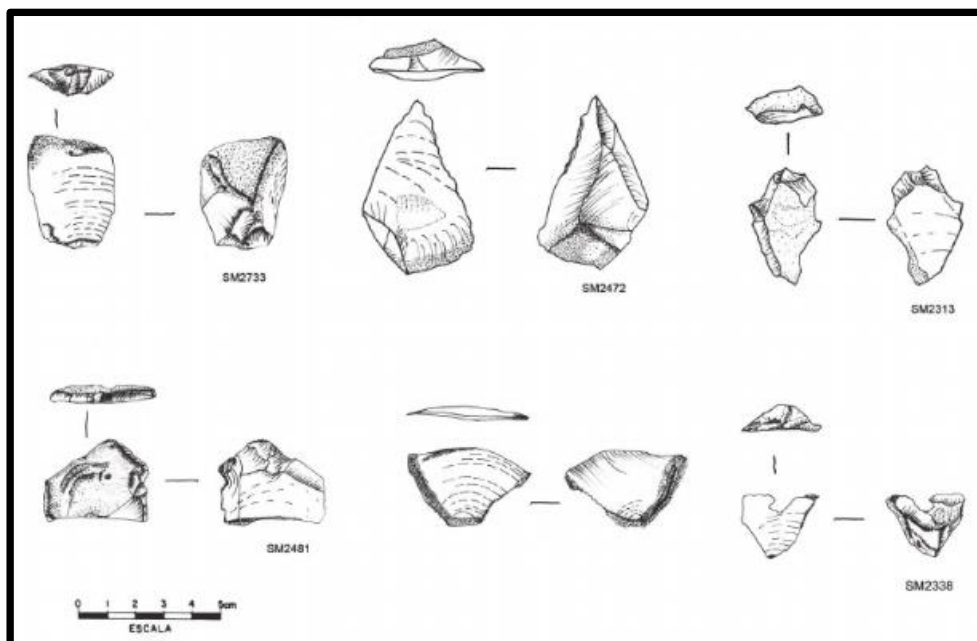


Figura 199 – Artefatos líticos do sítio Cueva de Santa Marta (Martínez, 2018)

Outras características são elencadas por Bate e Acosta, que são comuns a sítios antigos nos trópicos americanos, e que parece colocar os contextos arqueológicos do Sudoeste Amazônico mais próximo de um cenário continental: a identificação de fogueiras, que muitas vezes são montadas sobre bolotas de argila e se assemelham a cerâmica mal queimada; manejo sobre conchas e outros moluscos, transformando-os em instrumentos; a presença de sepultamentos decorados com ocre, e em geral em posição fletida; e primeiros registros de arte rupestre.

No entanto, além das características do registro arqueológico, é necessário pensar essa proposta de homogeneidade (caçadores dos trópicos americanos) não calcada apenas nas características dos instrumentos. Mesmo que os elementos presentes no registro sejam comparáveis e bastante semelhantes entre os sítios arqueológicos aqui citados, os aspectos objetivos destas sociedades são o elo que os une sob uma visão holística.

Quando Lumbreras fala que o objetivo da ciência arqueológica é o estabelecimento, descrição e caracterização da Formação Histórico-Social, em contrapartida à definição de “cultura”, está pensando nesse aspecto, e o conjunto que Bate e Acosta definem como Caçador do Trópico Americano deve-se a uma leitura de um determinado tipo de Formação Histórico Social.

O registro da tecnologia lítica, por si só, apesar da semelhança indiscutível, não representa necessariamente um ponto de conexão entre dois contextos arqueológicos

distintos, e uma extensa bibliografia mostra que os efeitos das escolhas tecnológicas na produção de determinadas ferramentas não necessariamente respondem ao mesmo processo histórico-social. O caso do surgimento da cerâmica é um bom exemplo, existem distintas explicações para os distintos centros de inovação tecnológica ceramistas.

Agora, se olharmos as semelhanças da tecnologia lítica do sítio Teotônio e demais sítios aqui citados, como sendo parte de um sistema social (Formação Histórico-Social) mais amplo, e caracterizado por outros elementos concretos, o argumento e hipótese ganha mais força. Torna-se mais concreto pois toma em conta aqueles conceitos análogos e duradouros do materialismo-dialético, que nos permite construir narrativas de longa duração.

E não se trata de uma descrição puramente econômica das formas de subsistência, a Formação Histórico-Social leva em consideração a integração de distintas dimensões da realidade social, como o modo de vida, a cultura e a formação social. Nessa perspectiva, a descrição do “*conjunto singular de manifestações fenométicas da experiência real*” (ou cultura) é considerado apenas o ponto de partida da investigação, que deve ter como objetivo explicar a dinâmica das sociedades a partir de suas regularidades.

Voltando ao líticos, portanto, suas semelhanças tecnológicas não dizem muito aos arqueólogos, se não compreendermos o que representa esta homogeneidade descritiva. Bate e Acosta (2016) afirmam:

“los cazadores del trópico americano tienen un modo de vida caracterizado por una racionalidad particular en el uso de los recursos líticos. En principio, el instrumental presenta formas expeditivas y generalizadas y en su confección se recurre a las materias primas más cercanas a los lugares en que se utilizan, sean éstas de buena o mala calidad. Lo cual tiene la desventaja que se gasta más fuerza de trabajo en el uso de los instrumentos que si se tratara de un utillaje especializado.”
(pp.59)

Para eles, a descrição do material lítico, expedito e de simples manejo, são indícios de uma “*subsistência tecnoeconômica*” específica, que representa uma mesma estrutura social. Esta estrutura social, como descrevi acima, está calcada em relações de produção

“*que se estruturam ao redor da obtenção de alimentos*”, sob a batuta das unidades básicas de produção, as famílias. As relações familiares são mediadas por leis de reciprocidade, através de sistemas complexos de intercâmbio que envolvem direitos e deveres bastante restritos. Uma das características marcantes deste sistema é a posse comunal da terra através de formas consensuais (Mongeló, 2015a).

A presença de antigas evidências de manejo de distintas espécies desde o início do Holoceno é uma característica presente, como vimos, em quase todos os sítios das terras baixas tropicais da América do Sul que foram alvo de estudos etnobotânicos. Para Acosta (2018), a antiguidade de práticas de *cultivo*, que não implicam necessariamente em *agricultura*, mas sim como uma das características de um modelo de sociedade que se reproduz calcada na manutenção de profundas relações de parentesco, onde as plantas e os conhecimentos que provem de seu manejo e cultivo servem como mercadorias de troca, que garantem as relações de reciprocidade entre as comunidades.

Esse sistema é também descrito por Wolf (1982), e denominado **Modo de Produção de Parentesco**. Em suas últimas publicações (2017, 2016), Acosta prefere chamar de *Early Agriculture Mode of Production*, mas do meu ponto de vista, representam o mesmo tipo de organização social: comunidades que possuem uma economia de retorno imediato, tendo como unidade básica de produção o núcleo familiar, que organiza as atividades de trabalho ao redor da produção de excedente para a reprodução das relações sociais com outras unidades de familiares, garantindo a coesão de um sistema que se alimenta através das ligações de parentesco.

Para a reprodução deste sistema, é necessária a disponibilidade de recursos naturais de maneira abundante, de modo que “*permita a reposição cotidiana da vida humana e da reprodução da população*” (Wolf, 1982). Neste sentido aparece o ambiente como um elemento caracterizador do ponto de vista da delimitação geográfica. Ou seja, esta Formação Histórico-Social se desenvolveu neste espaço, as áreas tropicais da América, pois havia uma predisposição do meio ambiente em oferta abundante de recursos, característica que foi reforçada ao longo dos séculos por um manejo específico destas populações, que impulsionaram a biodiversidade, configurando as florestas tropicais como as conhecemos hoje em dia.

Esta relação imbricada entre homem e natureza, portanto, na verdade é reflexo de uma relação homem-homem, que de maneira dialética reproduz suas relações sociais em

um ambiente que reforça as características citadas acima. Não por acaso vemos como se desenvolveram as primeiras estruturas estatais nas Américas em áreas de poucos recursos naturais, que necessitam de grande mobilização humana para a sustentação de grupos de grande porte (Neves, 2008).

Da mesma maneira, o meio ambiente das áreas tropicais na América exerceu uma força objetiva nas formas de relações sociais das populações. Força esta que não define as populações através de condicionantes (como acreditavam os deterministas ambientais), mas que estabelece os preceitos para que se desenvolvam determinadas formações sociais. Quer dizer então que, a abundância de recursos cumpriu um papel determinante, por exemplo, no não desenvolvimento de formações hierárquicas estatais nas zonas de terras baixas tropicais? Pode até ser que sim, mas sabemos que não é determinante, pois olhamos estas zonas tropicais hoje em dia e vemos os modernos estados nacionais de reproduzindo tal qual vemos em qualquer outra região do mundo.

Ao mesmo tempo, quando olhamos o cenário atual destas regiões tropicais, enxergamos vivamente as contradições de um sistema de desenvolvimento capitalista, com base na propriedade privada. A floresta e os bosque de pé não são um cenário condizente com o sistema capitalista⁴⁸, ela não cabe nesta formação histórico-social moderna, e não é a toa que os índices de desmatamento só aumentam a cada ano. Não encaixa, do ponto de vista do sistema capitalista, a existência de uma região sem estradas, sem carros e sem cercas, porquê estas são as condicionantes materiais para a reprodução da nossa formação vigente.

No entanto, as populações indígenas das terras baixas tropicais da América desenvolveram uma Formação Histórico-Social, neste mesmo ambiente, que se reproduziu por 14.000 anos com sucesso e durabilidade, configurando o único modelo que condiz com a biodiversidade que vemos hoje como testemunho histórico. Acredito que os Caçadores dos Trópicos Americanos representam o processo inicial, não de adaptação ao meio, mas de desenvolvimento de uma formação social que é calcada na abundância dos recursos existentes, e na reprodução desta abundância. Este processo reprodutivo se dá, por um lado, pelo manejo das florestas e recursos através de cultivo,

⁴⁸ Berta Becker (2005) chama o processo de desenvolvimnto moderno do capitalismo na floresta amazônica inclusive de Acumulação Primitiva do Capital, dado o grau de desenvolvimento desta região ser tão distinto até muito pouco tempo atrás

hortas, plantios; e por outro lado pela existência de relações de apropriação destes recursos de maneira comunal, organizado através das extensas redes de parentesco.

Pierre Clastres, no clássico “Sociedade Contra o Estado, em 1974, já atentava para alguns dos aspectos mais marcantes deste sistema:

“a atividade de produção é exatamente medida, delimitada, pelas necessidades a satisfazer, subentendendo-se que se trata essencialmente das necessidades energéticas: a produção assenta na reconstituição do stock de energia dispendida. Noutros termos, é a vida como natureza que - a exceção da produção dos bens 'consumidos socialmente na ocasião das festas - estabelece e determina a quantidade de tempo consagrada a reproduzi-la” (pp 191)

O que o antropólogo francês quer dizer é que em um sistema coeso não-estatal, ou seja, onde não há a presença, ou até mesmo a ideia de uma propriedade privada, as atividades de produção possuem uma finalidade muito distinta das quais estamos acostumados a ver em outras formações sociais. E em última instância, são as atividades de produção (o trabalho!) que cumprem um papel determinante na definição deste modo de vida específico. O que acontece é que estas atividades de produção não estão voltadas à produção de um excedente para um fim que não seja a própria reprodução do sistema, os *“bens consumidos socialmente na ocasião das festas”*.

Em relação ao Modo de Produção de Parentesco, e a sua possibilidade de uso e implicações, acredito ser um tema que desenvolvi melhor em minha dissertação de mestrado (Mongeló 2015a, 2015b). Naquela época, estava preocupado em compreender quais os efeitos que as inovações tecnológicas poderiam ter tido no desenvolvimento das sociedades amazônicas, no que diz respeito ao período que conhecemos tradicionalmente como Período Formativo. Assim como Clastres afirmava, cheguei à conclusão de que os elementos tecnológicos não são por si só os instrumentos definidores das formações sociais, e suas mudanças não necessariamente implicam em profundas mudanças sociais.

Essa linha de raciocínio, oriunda da tradição marxista da Arqueologia Social Latino-Americana compreende os processos de mudanças sociais para além das inovações tecnológicas, a partir da perspectiva de que a sociedade deve ser entendida como um todo, e as reais mudanças sociais são visíveis em aspectos concretos da vida

cotidiana, e não simplesmente nas ferramentas⁴⁹. Minha preocupação então era compreender a presença, no registro arqueológico, de elementos contraditórios de sociedades caçadoras-coletoras e sociedades ceramistas sedentárias, em uma mesma cultura arqueológica, a Fase Massangana.

Para mim, a compreensão de que houve um sistema social que se organizava a partir da apropriação comunal dos bens obtidos na natureza e onde o excedente cumpria o papel de reforço das relações de reciprocidade, foi fundamental para entender que o campo da subsistência (caçador-coletor vs ceramista-sedentário) sozinho não define períodos históricos, e que em uma formação histórico-social como esta, é plenamente plausível perceber no registro arqueológicos “*idas e vindas*” das sociedades ameríndias no que diz respeito à sua forma de obtenção de recursos. Ou seja, em um Modo de Produção de Parentesco, podem haver sociedades ceramistas sedentárias agricultoras, assim como podem haver sociedades com alto grau de mobilidade e que não plantam; estes elementos são aspectos descritivos das dinâmicas sociais, mas não explicativos das mesmas.

O que Bate e Acosta (2016) nos oferecem é a possibilidade de pensarmos onde estão as origens deste complexo sistema que perdurou talvez por 14 milênios, e que foi brutalmente substituído pelas dinâmicas coloniais. E este foi o anseio principal desta pesquisa de doutorado, a partir do estudo das duas culturas arqueológicas mais antigas da região do Alto Rio Madeira. Partindo do pressuposto de que as sociedades amazônicas viveram, de maneira estável, em um sistema social de bastante sucesso, onde está a raiz deste modo de vida?

Penso que talvez os autores mexicanos estejam corretos, ao afirmarem que diferente de grande parte dos outros sistemas sociais, que irromperam de uma vez na história da humanidade, o Modo de Produção de Parentesco nas Américas tenha tido um período de gestação maior, porque diz respeito ao processo de colonização inicial do continente. Ou seja, estas populações não chegaram provavelmente em levadas massivas, seja através de levadas sucessivas, ou de constante deslocamento, os primeiros “pioneiros” provavelmente demoraram algumas centenas de anos para compreenderem que o sucesso

⁴⁹ A analogia mais famosa para esse debate é o feito da chegada ao homem à Lua. Um reflexo do desenvolvimento altíssimo da tecnologia do mundo ocidental, mas que do ponto de vista das relações sociais, pouco mudou.

de ocupação deste território estaria intrinsicamente ligado à apropriação coletiva dos recursos.

Penso igualmente que, apesar das distintas características teóricas das formulações de Antony Ranere, Karen Sthotert e Andrey Tabarev descritas aqui, estamos tratando da compreensão de um mesmo processo. Em outras palavras, eles ao identificarem recorrências no registro arqueológico, sob os mais variados critérios, chegam à mesma conclusão que chegamos: estamos diante, em algum grau, de um sistema social coeso, que possui uma relação direta com o ambiente geográfico que o circunda, mas que não é uma relação necessariamente de dependência ou delimitadora.

O *Tropical Package*, a *Cultura da Floresta Tropical*, ou os *Caçadores do Trópico Americano* são caracterizações de elementos que são recorrentes no registro arqueológico, que podem ser elementos tecnológicos, como é o caso do material lítico, mas que em última instância dizem respeito a um processo: os primeiros estágios de adaptação com sucesso aos ambientes tropicais das terras baixas americanas.

Os elementos de recorrência no registro arqueológico, como nós arqueólogos sabemos, são um dos grandes objetos de estudo da nossa disciplina, pois nos permite não só construir cronologias, como fazer inferências acerca das características culturais de determinados povos. Espero que tenha mostrado, nas páginas que se seguiram, que existe uma série de recorrências entre os antigos sítios das regiões tropicais do continente americano, dos quais um arqueólogo não passaria despercebido: a indústria lítica, as longas estratigrafias, os indícios de sedentarização, o manejo e domesticação de determinadas espécies, etc.

Mais importante é pensar, do ponto de vista diacrônico, que essa recorrência no registro arqueológico é bastante permanente. Sabemos que as continuidades são tão importantes quanto as rupturas, esse esforço trata de entender, portanto, da homogeneidade durante o tempo. Compreender que vestígios arqueológicos, ou conjuntos arqueológicos, como elementos que fazem parte e que em algum grau representam sistemas culturais (Formações Sociais Históricas) próprios, permite que esta comparação se diferencie dos exercícios comparativos que fizeram gerações de arqueólogos à décadas atrás, e que os fazia recair em discursos deterministas ambientais e difusionistas extremos.

Por exemplo, ao olhar unicamente para alguns aspectos de um conjunto cerâmico bastante antigo das Américas, a cultura Valdívia, e compará-lo com o conjunto cerâmico japonês Jomón, Betty Meggers (Miller&Meggers, 2003) traçou uma linha direta de associação entre estas duas sociedades. Ademais da perspectiva racista que a impedia de ver os trópicos como um local propício ao desenvolvimento tecnológico, a comparação de Meggers não estava de toda errada, ou seja, existem sim elementos comparativos na tecnologia cerâmica dos dois conjuntos. Sabemos hoje da antiguidade e do caráter autóctone da cerâmica Valdívia, e que Meggers estava errada justamente porque procurou comparar apenas um aspecto das duas sociedades, e sob esta ótica, é sempre possível encontrar recorrências.

Desde o ponto de vista do materialismo-dialético, não há hierarquia no campo da técnica, e ela por si só não necessariamente representa o topo. O método de análise das sociedades consiste exatamente na comparação de elementos concretos e recorrentes, onde as ferramentas cumprem o papel de mediação no processo explicativo das relações sociais, e sua análise não é o fim de si mesmo.

Portanto, quando digo e avento a possibilidade de tratarmos as ocupações destes sítios antigos das terras baixas da América do Sul como sendo característicos de uma formação social, os Caçadores dos Trópicos Americanos, não estou dizendo unicamente que eles possuem necessariamente a mesma cultura material, mas sim que eles comungam as mesmas características de um corpo social uniforme.

Pierre Clastres (1974), Eric Wolf (1982) e Emmanuel Terray (1979) diziam que pensar a história das sociedades ameríndias sob esta perspectiva era justamente a melhor maneira de lutar contra os vieses colonialistas de que se tratavam de “povos sem história”, e coloca-los em pé de igualdade com qualquer outra forma de organização social contemporânea. É dizer, ao tratarmos a história dos povos indígenas, sob a perspectiva e com os mesmos conceitos que tratamos a nossa (com o mesmo método), estaremos garantindo que a perspectiva colonialista, cheia de preconceitos e definições evolutivas, não tenha efeito nas elaborações da construção de narrativas.

Eu acredito nesta possibilidade, de que o método marxista é, e vai continuar sendo, o melhor método para garantir a luta ideológica contra o colonialismo na academia, por tratar de contrabalancear os elementos objetivos e subjetivos da realidade das populações no mundo. No entanto, entendo que muitos arqueólogos, não necessariamente avessos à

prática marxista, tenham receio de aplica-lo, sob o argumento da necessária “*homogeneidade cultural*” que geraria a análise materialista-dialética. Trata-se de um falso axioma este, que repete a catilinária da luta ideológica da primeira metade do século XX.

No marxismo, o elemento que a antropologia tradicional define como “cultura”, não é uma característica organicamente definidora das formações sociais, ainda mais se tratando, no nosso caso, estritamente da cultura material. Quer dizer, ao afirmar que as populações amazônicas viveram sob a efígie de um sistema social, ou de um Modo de Produção específico, não significa dizer que não há história sobre todo esse período de tempo, tampouco significa dizer que tudo se explica através descrição do sistema. Se pegarmos o caso do nosso sistema contemporâneo, pode-se dizer que o capitalismo explica tudo que acontece em nossas vidas? Imagino que não, mas convenhamos que a sua existência explica muita coisa.

Acredito também que a definição de uma Formação Social específica para o passado pré-cabralino das populações amazônicas também não invalida as últimas décadas de desenvolvimento científico no campo da arqueologia. Ou seja, alguns dos clássicos problemas científicos da nossa disciplina não automaticamente se explicarão com a compreensão de que as sociedades amazônicas eram sociedades sem propriedade privada, com uma economia organizada ao redor das unidades de produção familiares. Continuaremos tentando explicar o “vai e vem” da presença da cerâmica no registro arqueológico dos sambaquis do baixo amazonas, a dispersão da tradição Pocó nos grandes rios, a variabilidade da Tradição Polícroma da Amazonia, e etc.

No entanto, compreender a totalidade desta formação social faz com que nos localizemos do ponto de vista diacrônico na história da humanidade, a partir de nexos comuns que são compartilhados por qualquer outra formação social. O instrumento de análise do materialismo-dialético pode não explicar todas as nuances da vida social, mas ele localiza, no tempo e no espaço, as possibilidades sob as quais podem navegar as formações sociais.

Clarificando com um exemplo: não há espaço para um modelo de apropriação coletiva do excedente dentro do capitalismo, porque a gênese desse sistema está baseado na apropriação privada. Logo, todas as tentativas de romper esse modelo, são prontamente destruídas pelos agentes da manutenção do status quo, não é a toa que os crimes

perpetrados pelo estado brasileiro aos lutadores sociais do campo, que defendem um modelo distinto de apropriação da terra, está entre os índices de violência mais altos do país. Se pensarmos nas sociedades ameríndias pré-cabralinas, o reflexo é o mesmo: a força da coesão social que garante a manutenção da produção coletiva é tão grande, que não há como se desenvolverem iniciativas de apropriação privada do excedente.

Portanto, me parece que não há motivo para os incautos se preocuparem com a possibilidade de caracterizarmos um modelo socio-histórico para as sociedades ameríndias do passado. Se temos a convicção de que vivemos em uma sociedade capitalista, e que essa caracterização nos define em vários aspectos da nossa totalidade da vida, porque as sociedades indígenas não teriam o direito de terem a história contada sob os mesmos critérios?

Seria um erro metodológico acreditar na existência de uma coesão atual, e na impossibilidade de definição explicativa de sistemas sociais do passado. Justamente porque o cerne da teoria marxista define o modo de produção (ou formação histórico-social) a partir de suas características históricas. Ou seja, o capitalismo é assim, porque a raiz de sua existência estava presente em uma formação histórico-social anterior, assim por diante. Logo, não há formação social que não seja passível de uma análise a partir deste método.

Além da defesa do método, que me parece não só coerente, mas essencial para o período em que vivemos, meu argumento é que a gênese desse sistema está representada justamente nestes sítios antigos dos trópicos americanos, e em suas recorrências no registro arqueológico. Esse elemento é o que justifica a comparação dos contextos do Alto Rio Madeira com sítios arqueológicos tão distantes geograficamente, mas tão próximo do ponto de vista da sua organização social.

Para mim, não serviria apenas descrever as Fases Girau e Massangana, caracterizar sua indústria lítica e relacioná-las à história de longa duração desta região. Como defendia Lumbreras (1974; Bate, 1987), descrever os conjuntos arqueológicos é o caminho para explicar, as formações sociais e os processos históricos. Lembro o leitor que o impulso primordial da formação desta tese é desbancar a narrativa hegemônica dos primeiros pioneiros no Sudoeste Amazônico, ou seja, descolonizar a história oficial da região.

Para colocar as sociedades indígenas como protagonistas da história desta região, empreendi um exercício portanto não apenas descritivo, mas explicativo no sentido de localizá-las em um processo maior de ocupação inicial do continente sul-americano. Acredito que com estas elaborações, pode-se afirmar não só que houveram de fato populações originais e “pioneiras” na calha do Alto Rio Madeira, mas que estas populações não chegaram do Sul, com o afã do desmatamento e do empreendedorismo agrário. Com o aporte do materialismo-dialético, me parece factual dizer que o funcionamento de suas sociedades era exatamente o oposto do que representou a colonização moderna dos anos 1960, que logrou não somente colonizar, como reproduzir esse sistema com sucesso, desenvolvendo tecnologias impressionantes como o manejo de plantas, como a cerâmica, como os instrumentos polidos, uma profunda e intensa relação com o meio ambiente que nos relegou as Terras Pretas mais antigas dos contextos arqueológicos amazônicos.

E todas estas características que assomam os olhos dos arqueólogos, quando veem publicados a diversidade de dados da região do Alto Madeira, deve ser compreendida não apesar de seu sistema socio-histórico, mas sim como um elemento condizente dessa homogeneidade, dessa organização social que promoveu a biodiversidade como um elemento necessário à aquisição coletiva dos recursos.

6.4- Notas Finais

No verão de 2003, assisti no auditório Araújo Viana, em Porto Alegre, um seminal debate entre Eduardo Galeano e José Saramago sobre o caráter contemporâneo da Utopia. Era um dos eventos do Fórum Social Mundial, que promoveu durante anos uma série de reflexões ao redor do mote “Um outro mundo é possível”. Eram tempos, como os atuais, difíceis do ponto de vista da construção de narrativas, de luta ideológica contra o fim da história e o neoliberalismo; e o intento dos dois escritores era mostrar a necessidade imediata da manutenção dos desejos utópicos, mesmo que isso aproximássemos cada vez mais da figura de Dons Quixotes e Brancaneones.

Muitos anos depois, ao compreender o método arqueológico, acredito que a arqueologia oferece à sociedade a possibilidade de estabelecer um campo terrenal para estas utopias. Não no sentido estrito de superação do capitalismo, não creio que seremos

nós que resolveremos os problemas do mundo, mas temos a capacidade técnica de mostrar à sociedade de que não só “um outro mundo é possível”, mas de que um outro mundo já foi possível.

No entanto, para isso, acredito ser necessário compreender as sociedades que estudamos a partir dos mesmos critérios que explicamos a nossa, para que isso faça sentido atualmente. Explicar como as sociedades do passado resolviam seus problemas, como manejavam recursos, como produziam, como distribuía, como se relacionavam, é importante porque são elementos que nos definem também enquanto sociedade atual, e possuíam características bastante distintas há 500 anos atrás. É com esse mecanismo, que eu creio que podemos sair do terreno da utopia de Saramago e Galeano, e expor à sociedade: não é inevitável o capitalismo, houve sistemas distintos.

No Alto Rio Madeira, o exercício de desconstrução da narrativa colonialista perpassa por esse debate, porque a justificativa e excessiva ênfase no aspecto “*pioneirista*” dos colonos do sul dos anos 1960 não representa apenas as pessoas, representa um sistema socio-histórico específico. O que chegou no território do Guaporé com a abertura das estradas e da ferrovia é na verdade o avanço do capitalismo, e não podemos deixar que a história da humanidade seja resumida à história do desenvolvimento capitalista na região.

7- Bibliografia

AB'SABER, A.

1982. *The paleoclimate and paleoecology onf Brazilian amazonia*. Biological Diversification in the Tropics. New York: Columbia University Press. pp. 41-59

ACEITUNO, F.; LOAIZA, N.

2015. *Early and Middle Holocene evidence for plant use and cultivation in de Middle Cauca River Basin, Cordillera Central (Colombia)*

ACEITUNO, F; R, MORA, S.

2015. *Lithic Technology studies in Colombia during the Late Pleistocene and Early Holocene*. Chungara, Revista de Antropologia Chilena. Volumen 47, N°1, pp1-11

ACOSTA, G.

2016. *Modos de Producción y Agricultura Temprana: Nuevos Datos del Centro y Sur de Mexico*. In López, J, Sánchez, C. Canales, B; Arellano, F; González, A.; López, C. El Poblamiento temprano em America. . Serie: Prehistoria em America. Ciudad de Mexico.

2018. *Early Agricultural Modes of Production in Mesoamerica: New Insights from Southern and Central Mexico*. In Resenwig, R. Cunningham, J. (orgs.) Modes of Production and Archaeology. Gaysville: University Press of Florida

ALMEIDA, A. F.

2009. *A viagem de José Gonçalves da Fonseca e a Cartografia do Rio Madeira (1749-1752)*. Anais do Museu Paulista. Vol 17, nº2. Pp215-235

ALMEIDA, F. O. de

2013. *A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira*. Tese de Doutorado. São Paulo:MAE/USP

ALMEIDA, F.; KATER, T.

2017. *As cachoeiras como bolsões de história dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas*. Revista Brasileira de História, V37, nº 75. São Paulo

AMOROSO, M. R.

1992. *Corsários no Caminho Fluvial: os Mura do Rio Madeira*. In: *Manuela Carneiro da Cunha*. (Org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Ed. Companhia das Letras/Secretaria Municipal da Cultura/FAPESP.

ANDREFSKY.W.

2008. *Lithic technology: measures of production, use, and curation*. New York: Cambridge University Press

2002. *Lithics: Macroscopic approaches to analysis*. Cambridge: Cambridge University Press

ARAÚJO, A.G.M.; PILÓ, L.B.; NEVES, W.A.; ATUI, J.P.V.

2006. *Human occupation and paleoenvironments in South America: expanding the notion of an "Archaic Gap"*. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 3-35,

ARROYO-KALIN, M.

2010. *A Domesticação da paisagem: os solos antropogênicos e o Formativo na Amazônia* in Pereira, E. & Guapindaia, V.(orgs). Arqueologia Amazônica 1. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT

- ASSUNÇÃO, P. de
2004. *Negócios Jesuíticos: O Cotidiano da Administração dos Bens Divinos*. São Paulo: EDUSP.
- BAILEY, R.; HEAD, G.; KENIKE, M.; OWEN, B.; RECHTMAN, R.; ZECHENTER, E.
1989. *Hunting and Gathering in Tropical Rain Forest: Is it possible?*. American Anthropologist, New Series, Vol 91, n . pp 59-82
- BAILEY, R.; HEADLAND, T.
1991. *The Tropical Rain Forest: Is it a productive environment for human foragers?* Human Ecology, Vol 19, nº 2.
- BALÉE, W. ERICKSON, C
2006. *The Perspective of Historical Ecology*. In Balée, W. Erickson, C. Time, Complexity, and Historical Ecology. Columbia University Press.
- BALÉE, W.
2006. *The research Program of Historical Ecology*. The Annual Review of Anthropology. 35: 75-98
- BARRETO, C.
2000. *A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil*. Revista USP: Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira 1
- BARRETO, C. OLIVEIRA, E.
2016. *Para além de Potes e Panelas: cerâmica e ritual na Amazônia antiga*. Habitus. V14 n1 pp51-72
- BARRETO, C.; LIMA, P.; BETANCOURT, C.
2016. *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia*. Belém: IPHAN- Museu Paraense Emilio Goeldi
- BARLOW, J, GARDNER, TA, LEES, AC, PARRY, Land PERES, CA
2012. *How pristine are tropical forests? An ecological perspective on the pre-Columbian human footprint in Amazonia and implications for contemporary conservation..* Biological Conservation, 151 (1). 45–49.
- BARSE WP.
1989. *A preliminary archaeological sequence in the Upper Orinoco Valley, Territorio Federal Amazonas, Venezuela*. Tese de Doutorado. Catholic University of America
1990. *Pre-ceramic occupations in the Orinoco river valley*. Science. 7;250(4986):1388-90.
- BATE, L.F.
1983. *Hipotesis sobre la sociedad clasista in Arqueologia y Marxismo- Contribuciones al Pensamiento Marxista em la reflexión arqueológica*. Méxio-DF: Las Armas de la Critica
1982. *Sobre el poblamiento temprano de Sudamerica*. Actas del X Congresso de la UISPP. Pp 423-427
1999. *Comunidades primitivas de cazadores recolectores o el "Paleolítico Superior" visto desde Sudamerica*. Boletim de Antropologia Americana. Nº 25. pp 105-155
- BATE, L.F.; ACOSTA, G.

2016. *Cazadores del trópico Americano em México*. In López, J, Sánchez, C. Canales, B; Arellano, F; González, A.; López, C. El Poblamiento temprano em America. . Serie: Prehistoria em America. Ciudad de Mexico.
- BELLAMY, J.
 2000. *La Ecología de Marx: Materialismo y Naturaleza*. Imprime Novagràfik. Barcelona
 2011. *A ecologia da economia política de Marx*. Monthly Review. V 63, nº4.
- BELÉM, F.
 2013. *Relatório de Análise Laboratorial do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da LT 345 KV PIRAPORA 2 – MONTES CLAROS 2*. Portaria IPHAN nº 01450.011911/2011-98
- BENEVIDES, H.
 2008. *Retornando à Origem: Arqueologia Social Latino-Americana*. NUPEAT-IESAOUFG, VI, nº2. Pp164-192
- BECKER, B
 2005. *Geopolítica na Amazônia*. Revista do IEA nº 19. Pp 71-86
- BETTINGER, R.; GARVEY, R.; TUSHINGHAM, S.
 1991. *Hunter-Gatherers: Arcaheology and Evolutionary Theory*. Los Angeles: Springer
- BOOMERT, A.
 1980. *The Sipaliwini arcaheological complex of Surinam: A summary*. Nieuwe West-Indischep, 97-107
- BROCHADO, J.L.; LATHRAP, D.
 1980. *Chronologies in the New World Amazonia*. Manuscrito não publicado.
- BOËDA, E; GENESTE, J e MEIGNEN, L.
 1990. *Identification de chaînes opératoires lithiques Du Paléolithique ancien et-moyen*. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/pal_1145-3370_1990_num_2_1_988. Acessado em Fevereiro de 2015
- BORDAZ, J.
 1970. *Tools of the Old and New Stone Age*. New York: Natural History Press
- BUENO, L.; PEREIRA, E.
 2007; *Indústrias líticas em sítios cerâmicos na Amazônia: um estudo do sítio Domingos, Canaã dos Carajás, Pará*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 17: 99-126
- BUENO L.
 2010a. *A Amazônia brasileira no holoceno inicial: tecnologia lítica, cronologia e processos de ocupação* In PEREIRA, E (org.) Arqueologia Amazônica Volume 1. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém..
 2010b. *Beyond Typology: Looking for Processes and Divesity in the Study of Lithic Technology in the Brazilian Amazon*. Journal of World Prehistory. 23: pp121-143
 2013. *The Late Pleistocene/Early Holocene archaeological record in Brazil: A geo-referenced database*. Quaternary International v. 301, p. 74-93
- BUSH, M., MCMICHAEL, C., PIPERNO, C., SILMAN, M., BARLOW, J. PERES, C. POWER, M. PALACE, M.

2015. *Anthropogenic influence on Amazonian forests in pre-history: An ecological perspective*. Journal of Biogeography (J. Biogeogr.) 42, 2277–2288
- CALDARELLI, S.; KIPNIS, R.
2017. *A ocupação pré-colonial da Bacia do Rio Madeira: novos dados e problemáticas associadas*. Especiaria (UESC), v17. Pp229-289
- CANUTO, A.; LUZ, C.; ANDRADE, T.
2015. *Conflitos no Campo- Brasil 2015*. Goiania: CPT Nacional.
- CARNEIRO, G. P.
2018. *A pesca no Sudoeste da Amazônia ao longo do Holoceno: estudo dos sítios Loma Salvatierra (Bolívia) e Monte Castelo (Brasil)*. Tese de Doutorado. Muséum National d’Histoire Naturelle.
- CASTILLO, N.; ACEITUNO, F.
2006. *El bosque domesticado, el bosque cultivado: um proceso milenario en el valle del río Porce en el noroccidente colombiano*. Latin American Antiquity, 17, pp 561-578
- CASTAÑO-URIBE, C.; VAN DER HAMMEN, T.
2005. *Visiones y alucinaciones del Cosmos Feline y Chamanístico de Chiribiquete*. UASESPNN, Fundación Tropenbos-Colombia. Bogotá.
- CASTRO, W.
2009. *A Cronologia dos sítios lago do Iranduba e Lagunho à luz das hipóteses de ocupação humana para a Amazônia Central*. Dissertação de Mestrado. PPGArq-MAE-USP
- CHILDE, G.
1965. *Man Makes Himself*. Londres: Watts
1944. *The Story of Tools*. Young Communist League Story of Science serie pamphlet. Londres: Cobbet Publishing
- CLASTERS, P.
2003. *A Sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify
- CLEMENT, C.
2016. *Crop domestication in the upper Mdeira River basin*. Bol. Mus. Paraense Emilio Goeldi Ciências Humanas. Bel´me, v11. Nª1 . pp 193-205
- CLEMENT CR, DENEVAN WM, HECKENBERGER MJ, JUNQUEIRA AB, NEVES EG, TEIXEIRA WG, WOODS, WI.
[a] 2015 *The domestication of Amazonia before European conquest*. Proc. R. Soc. B 282: 20150813.
[b] 2015 *Response to comment by McMichael, Piperno and Bush*. Proc. R. Soc. B 282: 20152459
- CORREAL, G., VAN DER HAMMEN, T.
1977. *Investigaciones arqueológicas em los abrigos rochosos del Tequendama (völl)*. Fondo de Promoción de la Cultura del Banco Popular, Bogotá.
- COSTA, A. F.
2016. *A Multifuncionalidade da cerâmica no sítio Ilha do Dionísio, Alto Rio Madeira*. Dissertação de Mestrado. PPGArq. Museu Nacional/UFRJ
- COSTA F.

2002. *Análise das Indústrias Líticas da Área de Confluência dos rios Negro e Solimões*. Tese de Doutorado, São Paulo: PPGA-MAE-USP.
- CORREA, A,
2014. *Pindorama de Mboia e Iakaré: Continuidade mudança na trajetória das populações Tupi*. Tese de Doutorado. PPGArq-MAE-USP
- CRUXENT, J.M.
1971. *Apuntes sobre Arqueologia Venezolana*. In *Arte Pre-hispanico de Venezuela*. Fundación Eugenio Mendoza, Caracas
- DUMP, J.
1984. *Architecture of the Early Valdivia Village*. *American Antiquity* 49 (3). pp 573-568
- ENGELS, F.
2012 (1884). *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, Rio de Janeiro: Expressão Popular
- EPSTEIN, J.
1964. *Towards the Systematic Description of Chipped Stones*. International Congresso of Americanists (XXXV), Mexico 1962. Actas y Memorias, 1: 155-169
- FAUSTO, C.
2001. *Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*, São Paulo: EDUSP
- FAUSTO, C. NEVES, E.
2018. *Was there ever a Neolithic in the Neotropics? Plant familiarisation and biodiversity in the Amazon*. *Antiquity*. Volume 92, Issue 366. Pp 1604-1618
- FELIX, G.
2012. *O Potencial da Arqueobotânica na elucidação das relações estabelecidas pelos grupos amazônicos com o mundo vegetal*. Trabalho de conclusão de curso – CENTRO DE Ensino Faculdade São Lucas – Porto Velho
- FERNANDES, F.
2005. *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. São Paulo: Ed. Globo
- FERREIRA, A. R.
2006. *Viagem ao Brasil: a expedição philosophica pela capitania do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá*. Volume II. Organizado por José Paulo Monteiro Soares e Cristina Ferrão. Pretópolis: Kapa Editorial
- FERREIRA, H.C.; CARNEIRO, M. J.
2005. *Conservação Ambiental, turismo e população local*. Cad. EBAPE. V3. Nº 3. Rio de Janeiro
- FOGAÇA, E.
2001. *Mãos para o Pensamento: A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso : as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil - 12.000 / 10.500 B.P .)*. Tese de doutorado. Porto Alegre: FFCH/ PPGH, PUC-RS.
- FONSECA, J.V.

1880. *Viagem ao Redor do Brasil (1875-1878)*. Volume 1. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & Cia .
- FURQUIM, L. OLIEVRIA, E.; SHOCK, M.
2013. *Arqueobotânica no Alto Rio Madeira: um estudo de caso a partir do sítio Teotônio – RO*. Apresentação de Paineis. XVII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – Aracaju-SE FURNAS,
2005 *Estudo de Impacto Ambiental da área de influência direta dos aproveitamentos hidrelétricos Jirau e Santo Antônio. Tomo B – Volume 8/8*.
- GLASER, B. NIRK J.
2012. *State of scientific knowledge on properties and genesis of Anthropogenic Dark Earths in Central Amazonia (Terra Preta de Índio)*. *Geochimica et Cosmochimica Acta* 82. 39-51
- GNECCO, C; MORA, S.
1997. *Late Pleistocene/early Holocene tropical forest occupations at San Isidro and Peña Roja*. Colombia. *Antiquity* 71: 683-690
- GOULDING, M.
1980. *The fish and the Forest: Explorations in Amazonian Natural History*. University of California Press: Los Angeles
- HEADLAND, T.; BAILEY, R.
1991. *Introduction: Have Hunter-Gatherers Ever Lived in Tropical Rain Forest Independently of Agriculture?* *Human Ecology*, Vol 19, nº 2
- HECKENBERGER, M.
2001. *Os povos do Alto Xingu – história e cultura*. Rio de Janeiro, UFRJ HEMMING, J.
- HERDORN, W.; GIBBON, L.
2000. *Exploration on the Valley of the Amazon [1854]*. New York: Grove Press.
- HERMANOWSKY, B. COSTA, M.; BEHLING, H.
2012. *Environmental changes in southeastern Amazonia during the last 25.000 year revealed from a Peleocological record*. *Quaternary Research*, v77. pp 138-148
- HERNANDO, A., COELHO, E.
2013. *Estudos sobre os Awá: caçadores-coletores em Transição*. São Luis: EDUFMA
- HEMMING, J.
2007. *Ouro Vermelho: a conquista dos índios brasileiros*. São Paulo: EDUSP.
- HERORN, W. & GIBBONM L.
2000. *Exploration on the Valley of the Amazon [1954]*. New York: Grove Press
- HODDER, I.
2006. *Theory and Practice in Archaeology*. London: Routledge
- HORTA, A. I.
2009. *As ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de diamantina, minas gerais*. Tese de Doutorado, MAE/USP.
- INGOLD, T.

2000. *The optimal forager and economic man*. In INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge.
- JAIMES BETANCOURT, C.; PRÛMERS, H.
2015. *Los llanos de Mojos*. In *Medinacellu, X (org.). Bolivia. Su Historia. Tomo 1. De los orígenes a los Estados prehispánicos 10.000 Ac – 1540 dC*. La Paz: Coordinadora de Historia y La Razon
- KANOMATA, Y.; TABAREV, A.; POPOV, A.; MARCOS, J.
2019. *Flake Tool Functions in Early Ceramic Culture at the Real Alto Site in Coastal Ecuador*. Science Reports. Tohoku University,
- KATER, T.
2018. *O sítio Teotônio e as reminiscências de uma longa história indígena no Alto Rio Madeira*. Dissertação de Mestrado. PPGArq - UFS
- KELLER, A.
1874. *The Amazon and Madeira Rivers*. New York: D. Appleton&Co.
- KNIPPENBERG.
2012. *Archaeological Investigations at the Saint-Louis on the Lower Maroni River: The Lithic Study*. *Archaeology and Anthropology. Journal of the Walter Roth Museum of Anthropology*.
- KROEBER. A.
1930. *Cultural relations between North and South America*. Proceedings of the 23rd International Congress of Americanists, New York. Pp5-22
- LATHRAP. D.
1984. *Hunting Economies of the Tropical Forest Zone in South America* in R.Lee, I. DeVore, Man The Hunter. New York Aldine Pub. Co. New York
1970. *Upper Amazon*. Londres: Thames & Hudson.
- LATUBRESSE, E.
2008. *Patterns of anabranching channels: the ultimate end-member adjustment of mega rivers*. Geomorphology, v101, n 1-2. pp 130-145
- LATUBRESSE, E.; STEVAUX, J.; SINHA, R.,
2005. *Tropical rivers*. Geomorphology, v70, n3-4, p197-206.
- LEITE, S.
2006. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Belo Horizonte: Ed Itatiaia.
- LIMA. H.
2008. *História das Caretas: a tradição Borda Incisa na Amazônia Central*. Tese de Doutorado, São Paulo: PPGA-MAE-USP
- LOMBARDO, U.
2012. *Human occupation and environmental change in south-western Amazonia during the Holocene*. Quaternary International. 279. pp 280-287
- LOMBARDO U, Szabo K, Capriles JM, May J-H, Amelung W, et al.
2013. *Early and Middle Holocene Hunter-Gatherer Occupations in Western Amazonia: The Hidden Shell Middens*. PLoS ONE 8(8): e72746. doi:10.1371/journal.pone.0072746

- LOMBARDO, U.; RUIZ-PEREZ, J.; RODRIGUES, L.; MESTROT, A.; MAYLE, F.; MADELLA, M.; SZIDAT, S.; VEIT, H.
2019. *Holocene land cover change in South-western Amazonia inferred from paleoflood archives*. Global and Planetary Change 174. pp. 105-114
- LÓPEZ, V.; VARGAS-VÁSQUEZ, L.; MARTINEZ, J., DELGADO, S.; MAYEK-PÉREZ, N.
2013. *Origen, domesticación y diversificación del frijol común: avances y perspectivas*. Revista fitotecnia mexicana. 36 (2). PP 95-104
- LORENZO, J.L. (org)
1976. *Hacia una arqueología social: reunión en Teotihuacan*. México: INAH
- MAGALHÃES, B.
1939. *O café na História, no Folclore e nas Belas Artes*. São Paulo: Brasiliense, V. 174
- LULL, V.; MICÓ, R.
1997. *Teoria Arqueologica I. Los enfoques tradicionales: las arqueologías evolucionistas y histórico-culturales*. Revista d'Arqueologia de Ponent 7. Pp 107-128
- LUMBRERAS, L.G.
2019. *Por uma arqueologia social y humana*. in Porto, V. Arqueologia hoje: tendências e debates. São Paulo: MAE-USP. pp485-499
1981. *La Arqueologia como Ciencia Social*. Lima: PEISA
- MAGALHÃES, M.
2016. *Amazônia Antropogênica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- MAIA, R.; RODET, J.
2018. *A tecnologia lítica, o ambiente e os antigos grupos humanos de carajás: sítio Capela*. in Magalhaes, M (org.)A Humanidade e a Amazônia: 11 mil anos de evolução histórica em Carajás. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Pp133-160
- MARCOS, J.
2003. *A Reassessment of Ecuadorian Formative* In Raymond, J & Buger, R. Archaeology of Formative Ecuador. Dumbarton Oaks Research Library and Collection. Washington D.C.
- MARIÁTEGUI, J.C.
2005. *Por um Socialismo indo-americano*. Seleção e introdução: Michael Lowy. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005
- MARTÍNEZ, P.; ACOSTA, G.
2018. *Análisis funcionales em artefactos líticos de grupos cazadores-recolectores em regiones tropicales durante la transición pleistoceno final-holoceno temprano: el abrigo Santa Marta, Chiapas, Mexico*. Arqueologia Iberoamericana, 37: pp 23-30
- MARX, K.
1954. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. São Paulo: Ed Paz e Terra
1970. *A Contribution to the Critique of Political Economy*. Moscow: Progress Publishers
2004. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial.
2007. *Os Despossuídos*. São Paulo: Boitempo Editorial

MCMICHAEL CH, PIPERNO DR, NEVES EG, BUSH MB, ALMEIDA FO, MONGELÓ G and EYJOLFSDOTTIR MB

2015. *Phytolith Assemblages Along a Gradient of Ancient Human Disturbance in Western Amazonia*. Front. Ecol. Evol. 3:141.

MCGUIRE, R.

1992. *An Marxist Archaeology*. London: Academic Press Limited.

MEGGERS, B.

1954. *Environmental Limitation on the Development of Culture*. American Anthropologist. New Series, Vol. 56, No. 5, Part 1 (Oct., 1954), pp. 801-82

1971 *Amazonia: man and culture in a counterfeit paradise*. Smithsonian Institute Press, Washington D.C.,

MEGGERS, B., EVANS, C.

1960. *Archaeological Investigations in British Guiana*. Bureau of American Ethnology Bulletin, 177. Pp 1-148

MEGGERS, B.J.; MILLER, E. Th.

2002. *Hunter-gatherers in Amazonia during the Pleistocene-Holocene transition*. In MERCADER, J. (org) Under the Canopy: Row, New York

MEGGERS, B.; EVANS, C.; ESTRADA, E.

1965 *The early formative period of coastal Ecuador: The Valdivia and Machalilla phases*. Washington: Smithsonian Institute Press. (Smithsonian Contributions to Anthropology; vol. 1)

MESTRE, M e DLPECH, S.

2008. *Saint-Laurent du Maroni Plateau des Minas. Rapport final de fouille, INRAP –Direction interregional GSO.MMA/ICMBio*. 2009. Plano de manejo: Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque.

MILLER, E.T.

1978 *Relatório das Pesquisas Arqueológicas no Território Federal de Rondônia (Alto Rio Madeira, do Yata ao Cuniã). Resultados Preliminares*. Programa Nacional Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica-PRONAPABA.

1987a; *Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil ocidental* Estudios Atacameños N° 8, pp. 39-64

1987b *Relatório das Pesquisas Arqueológicas Efetuadas na Área de Abrangência da Usina Hidrelétrica de Ji-Paraná (1986/1987)*. Porto Velho, RO

1992. *Adaptação agrícola Pré-Histórica no Alto Rio Madeira*. In Prehistoria Sudamericana: nuevas perspectivas. Meggers, B.J. (Ed). Taraxacum-Washington 1992. *Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte*. Brasília-DF: Eletronorte

MILHEIRA, R. G.

2011. *Os Guarani e seus artefatos líticos: um estudo tecnológico no sul do Brasil*. São Paulo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 2011. ; ISSN/ISBN: 01039709.

MENÉNDEZ, M.

1992. *A área Madeira-Tapajós: situação de contato e relações entre colonizador e indígenas*. In: Manuela Carneiro da Cunha. (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras/Secretaria Municipal da Cultura/FAPESP.,

MONGELÓ, G.

a.2015. *O Formativo e os Modos de Produção: Ocupações Pré-ceramistas no Alto Rio Madeira-RO*. Dissertação de Mestrado. MAE-USP

b.2015. Apontamentos sobre o Período Formativo nas Terras Baixas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. Suplemento 20:43-47

MONGELÓ, G; ALMEIDA, F.

2014. *Mudanças Tecnológicas e Estabilidade Econômica no Sítio Teotônio*. Apresentação em Simpósio Temático “Modos de Fazer e Tecnologias de Produção na Amazônia”, II Reunião da SAB Norte. Macapá

MORCOTE-RIOS, G.; MORA, S.; FRANKY, C.

2006. *Pueblos y paisajes antiguos de la selva Amazónica*. Univesdidad Nacional de Colombia, Fundación taraxacum. Bogotá

MORA, S.

2006. *Amazonia: passado y presente de um território remoto*. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales

2001. *Early inhabitants of the Amazonian tropical rain forest – a study of humans and environmental dynamics*. Tese de Doutorado. Department of Archaeology – University of Calgary

MORAES, C. deP.

2007. *Levantamento arqueológico das áreas do entorno do Lago do Limão, município de Iraduba – AM*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PPGA-MAE-USP

MORAES, C.; AMARAS, A.; ANDRADE, R.

2014. *Os artesãos das Amazonas: a diversidade da indústria lítica dos Tapajó e o Muiraquitã*. In Roustein, S. *Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito: FLACSO-Ecuador

MORENO DE SOUSA, J.C.

2014. *Cognição e cultura no Mundo Material: Os Itaparicas, os Umbus e os Lagoassantenses*. Dissertação de Mestrado defendida no Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

NAVARRETE, R.

2012. *El fin de la arqueología social latino-americana? Reflexiones sobre la trascendencia histórica del pensamiento marxista sobre el pasado desde la geopolítica del conocimiento latino-americano*. in Tantaleán, H.; Aguilar, M. *La arqueología social latino-americana: De la teoría a la praxis*.

NEVES, E.

2013. *Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil anos de história na Amazônia Central (6500 ac – 1500 dc)*. Tese apresentada para o Concurso de Título de Livre-Docente. MAE/USP

2007. *El Formativo que nunca terminó: la larga historia de estabilidad en las ocupaciones humanas de la Amazonía Central*. *Boletín de Arqueología PUCP*. Num 11

2000. *O velho e o novo na arqueologia amazônica*. Revista USP: Antes de Cabral – Arqueologia Brasileira I
- 1998 (a). *Paths in Dark Waters: Archaeology as Indigenous History in the Northwest Amazon*. Tese de Doutorado. Universidade de Indiana
- 1998 (b) *Arqueologia, história indígena e o registro etnográfico: exemplos do alto rio Negro*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Brasil, n.3, p. 319-330, 1998
- NOLETO, C.
2013. *Colocando as pedras no caminho: Análise tecnológica da indústria lítica do Sítio do Brejo*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arqueologia- UNIR/RO
- NUNES, L. C.
2008. *Terminologia Lítica – tecnologia para o estudo da pedra lascada*. Dissertação de Mestrado. Goiania: IGPA- UCG.
- OLIVER, J.
2008. *The Archaeology of Forest Foraging and Agricultural Production in Amazonia*. In McEwan, C.; Barreto, C.; Neves, E.. Unknown Amazon. Londres: British Museum Press. pp 51-85
- OLIVEIRA, W. C.
2007. *Caçadores-coletores na Amazônia. Eles existem*. Dissertação de Mestrado, PPGArq-MAE/USP.
- PATTERSON, T.
2003. *Marx's ghost: Conversations with Archaeologists*. Los Angeles: Berg Publishers
- PERES, J.
2015. *Corumbiara, caso enterrado*. São Paulo: Ed Elefante
- PERRY, L.
2004. *Starch analyses reveal the relationship between tool type and function: an example from the Orinoco valley of Venezuela*. Journal of Archaeological Science 31-1069e1081
- PESSENDA, L.; GOMES, B; ARAVENA, R.; RIBEIRO, A.; BOULET, R.; GOUVEIA, S.;
1998. *A Forest-Cerrado Ecosystem Transect: implications for vegetation changes in the Rondonia state, southwestern Brazilian Amazon Region*. The Holocene, 8 (5) pp 559-603
- PIPERNO, D.; RANERE, A.; DICKAU, R.; ACEITUNO, F.
2017. *Nich construction and optimal foraging theory in Neotropical agricultural origins: A re-evaluation in consideration of the empirical evidence*. Journal of Archaeological Science. 2017(1) <https://doi.org/10.1016/j.jas.2017.01.001>
- PIPERNO, D. & PEARSALL, D.
1998. *The Origins of Agriculture in the Lowland Neotropics*. Academic Press. San Diego.
- PIPERNO, D. HOLST, I. WINTER, K. MCMILLAN, O.
2015. *Teosinte before domestication: Experimental study of growth and phenotypic variability in Late Pleistocene and Early Holocene environments*. Quaternary International, vol 363, pp 65-77
- POLITIS, G.
2009. *Nukak. Ethnoarchaeology of na Amazonian people*. London : Left Coast Press.
- PORRO, A.

2017. *O Povo das águas*. São Paulo: 2017
- PROCÓPIO, A;
1992. *Amazônia: ecologia e degradação social*. São Paulo, Alfa-Ômega
- PRONAPA
1970. *Brazilian Archaeology in 1968: An Interim Report on the National Program of Archaeological Research*. American Antiquity, Vol.35, Nº , pp1-23
- PROUS, A.
1986/1990. *Os Artefatos Líticos: Elementos descritivos classificatórios*. Arquivos do Museu de História Natural 11:1-88.
- PUGLISE, F.
2007. *Os líticos de Lagoa Santa: um estudo sobre organização tecnológica de caçadores-coletores do Brasil Central*. Dissertação de Mestrado. PPGArq. MAE-USP
2014. *Pesquisa e Formação nos Sítio Arqueológicos Espinhara e Sol de Campina do Acre-Municípios de Porto Acre e Senador Guiomard, Estado do Acre*. Relatório Parcial de Projeto. Laboratório de Arqueologia dos Trópicos- IPHAN/AC
2018. *A História Indígena Profunda do Sambaqui Monte Castelo*. Tese de Doutorado. PPGArq. MAE-USP
- REIS, A. C.
1982. *A Amazônia e a cobiça internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Suframa.
- RIRIS, P.; OLIVER, J.; LOZADA, N.
2018. *Missing the point: re-evaluating the earliest lithic technology in the Middle Orinoco*. Royal Society open science. 5: 180690
- RANERE, A.
1972. *Early Adaptations to the New World Tropical Forest: The view from Panama*. Ph.D. Dissertation. Department of Anthropology, University of California-Davies
1976. *The preceramic of Panama: The view from the Interior*. Proceedings of the First Puerto Rican Symposium on Archaeology; Fundacion Arqueologica, Antropologica y Historia de Puerto Rico, San Juan. pp 103-134.
1980. *Preceramic Shelters in the Talamancan Range*. In Adaptive Radiations in Prehistoric Panama. LINARES, O; RANERE, A. Massachusetts: Peabody Museum Monographs, 5
- RODRIGUES, A.
1954. *A classificação do Tronco Linguístico Tupi*. São Paulo: USP, Revista de Antropologia, 12. pp99-104
- ROMANO, V.
2016. *Variabilidade cerâmica no sítio arqueológico Garbin, Porto Velho, Rondonia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Arqueologia - UNIR
- ROOSEVELT, A.
1989. *Resource Management in Amazonia before the Conquest: Beyond Ethnographic Projection*. Advances in Economic Botany 7. 30-62

- ROOSEVELT, A.; HOUSLEY, R.; SILVEIRA, M. I.; MARANCA, S.; JOHNSON, R.
1991. *Early Millennium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon*. Science, New Series, Vol, 254, No 5038. pp 1621-1624
- ROOSEVEIT, A. C. et all
1996. *Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: The Peopling of America*. Science 272:372-384.
- ROSTEIN, S. (org.)
2014. *Antes de Orellana*. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueologia Amazônica. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos
- SALDANHA, J
2017. *Poços, Potes e Pedras: Uma Longa História Indígena na Costa da Guayana*. Tese de Doutorado. PPGArq. MAE/USP
- SANOJA, M.; VARGAS-ARENAS, I.
2006. *Las sociedades arcaicas del Bajo Orinoco*, in *Pueblos y paisajes antiguos de la selva Amazónica*. Editado por G. Morcote Rios, S. Mora, C. Franky Calvo, pp.62-80. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciências – Taraxacum.
- SAUNALUOMA, S.
1996. *Peña Roja: Stratigrafinen asuinpaikka Kolumbian Amazonian alueella*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Helsinki.
- SCARAMELLI, K.; SCARAMELLI, F.
2017. *Anchoring the landscape: Human utilization of the Ceero Gavilás 2 rockshelter, Middel Orinoco, from the Early Holocene to the presente*. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi: Ciências Humanas 12. 429-452
- SCHMIDT M, PY-DANIEL, A. MOMAES, C. VALLE, R. CAROMANO, C. TEXEIRA, G., BARBOSA C., FONSECA, J., MAGALHÃES, M., SANTOS, D., SILVA, R; GUAPINDAIA, V. MORAES, B. LIMA H. NENES, E. HECKENBERGER, M;
2014. *Dark earths and the human built landscape in Amazonia: a widespread pattern of anthroposol formation*. Journal of Archaeological Science 42. 152-165
- SERVICE, E.
1971. *Primitive Social Organization: na evolutionary perspective*. New York: Random House
- SILVA, M.A
2015. *Memórias e histórias no sudoeste amazônico: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia*. Tese de Mestrado. PPGArq. MAE/USP
- SILVEIRA, M.; SCHANN, D.
2005. *Potencialidades arqueológicas do litoral amazônico*. In: V workshop do Projeto PIATAM mar, 1CDROM
- SIMÕES. M
1983. *Pesquisa e cadastro de Sítios Arqueológicos na Amazônia Legal Brasileira: 1978-1982*. Belém, Rev. Museu Paraense Emilio Goeldi. Publicação Avulsa nº 38

STAMPANONI, F.

2016. *A Maloca Saracá: Uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa*. Tese de Doutorado. PPGArq-MAE-USP.

STEWART, J.

1948. *Cultural areas of the Tropical Forest In The Handbook of South American Indians*, edited by J. Stewart. Washington D.C. Smithsonian Institute

STOTHERT, K.

1975. *The lithic technology of the Santa Elena Peninsula, Ecuador: A method for the analysis of technologically simple stonework*. Tese de Doutorado. Yale University

1985. *Preceramic Las Vegas Culture of Coastal Ecuador*. *American Antiquity*, Vol 50, Nº 3, pp613-637

2011. *Coastal Resources and the Early Holocene Las Vegas Adaptation of Ecuador* In BICHO, N.F. *Trekking the Shore: Changing Coastlines and the Antiquity of Coastal Settlement*, *Interdisciplinary Contributions to Archaeology*. Springer Science.

SWITKES, G.

2008. *Águas Turvas: Alertas sobre as consequências de barrar o maior afluente do Amazonas*. São Paulo: International Rivers

SUÑER, R.

2015. *Arqueologia Tupi no Médio Ji-Paraná (RO): teoria do não-equilíbrio dinâmico e abordagem multifocal dos processos de mobilidade populacional do Sudoeste Amazônico*. Tese de Doutorado. São Paulo: MAE-USP.

TABAREV, A; KANOMATA, Y.

2015. *"Tropical Package": Peculiarities of the Lithic Industries of the Most Ancient Cultures, Coastal Ecuador, Pacific Basin*. *Archeology Ethnology & Anthropology of Eurasia*, 43/3. Pp 64-76

TABAREV, A.; KANOMATA, Y.; MARCOS, J.; POPOV, A.; LAZIN, B.

2016. *Insights into Earliest Formative Period of Coastal Ecuador: New Evidence and Radiocarbon Dates from Real Alto Site*. *Radiocarbon* January 2016. pp 1-8

TALIM, D.

2015. *(Re)Visitando a Amazônia: análise tecnológica das indústrias líticas dos sítios antigos da passagem Pleistoceno-Holoceno e do Holoceno inicial*. Projeto de Doutorado apresentado ao PPGArq- UFMG

TANTALEÁN, H.

2014. *La Arqueología Marxista: Una perspectiva desde el Perú*. *Revista de Investigaciones del Centro de Estudiantes de Arqueología.(C.E.AR.) UNMSM/8 PP17-28*

TANTALEAN, H & AGUILAR, M;

2012. *La Arqueología Social Latino-Americana: de la teoría a la praxis*. Uma Introdução. In Tantalean, H & Aguilar, M. *La Arqueología Social Latino-Americana: de la teoría a la praxis* (org.). Colombia: Universidad de los Andes

TABAREV, A. KANOMATA, Y.

2015. "Tropical Package", peculiarities of the Lithic Industries of the most ancient cultures, coastal Ecuador, Pacific Basin. *Archaeology Ethnology & Anthropology of Eurasia* 43/3 (2015) 64–
- TAMANAHHA, E.K.
2012. *Ocupação Polícroma no Baixo e Médio rio Solimões*. Dissertação de Mestrado: São Paulo. PPGA-MAE-USP.
- TERRAY, E.
1979. *O Marxismo diante das Sociedades Primitivas*. São Paulo: Editora Graal
- TIZUKA, M.
2013. *Geoarqueologia e Paleohidrologia da Planície Aluvial Holocênica do rio Madeira entre Porto Velho e Abunã*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Geociências e Meio Ambiente - UNIFESP
- TIXIER, J.
1995. *Préhistoire de la Pierre Taillée..* Meudon. C.R.E.P., Paris
- TRINDADE, T.
2015. *Geoglifos, zanjias ou earthworks? Levantamento geral dos sítios arqueológicos com estruturas de terra em vala no médio rio Guaporé (RO) e análise comparada com os demais sítios da Bacia Amazônica*. Dissertação de Mestrado. PPGArq. MAE/USP
- UBELAKER, D.
1980. *Human Skeletal Remains from Site OGSE-80, A preceramic site on the Santa Elena Peninsula, Coastal Ecuador*. *Journal of the Washington Academy of Science*, 70(1): pp3-24
- URREGO, G.C.
1990. *Evidencias culturales durante el Pleistoceno y Holoceno de Colombia*. *Revista de Antropologia Americana*. Nº 1. 69-89
- VASCONCELLOS, C.
2003. *Representações da Revolução Mexicana no Museu Nacional de História da Cidade do México (1940-1982)*. Tese de Doutorado. PPGHS – FFLCH/USP
- VAN DEN BEL, M.
2006. *Les occupations amérindiennes du site EVA 2 Chantier Soyouz du CSG, Malmanoury Commune de Sinnamary, Guyane Française*. Rapport final de fouille, INRAP - Direction interrégionale GSO
2011. *DOM, Guyane Saint-Laurent-du-Maroni Chemim Saint-Louis*. Rapport d'opération Fouille archéologique, INRAP - Direction interrégionale GSO.
- VIVEIROS DE CASTRO, E.
1996. *Images of nature and Society in Amazonian Ethnology*. *Annual Review of Anthropology* nº 25
- WHITE, L.
1999. *O conceito de cultura*. Editora Contraponto. Rio de Janeiro.
- WOLF, E.
1982. *Europe and the people without history*. Los Angeles: University of California Press

ZEIDLER, J.

2003. *Formative period chronology for the coast and western lowlands of Ecuador. In Archaeology of Formative Ecuador.* Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, pp 487-528

ZIMPEL NETO, C.A.

2009 *Na direção das periferias extremas da Amazônia: Estudo da Arqueologia na Bacia do Rio Ji-paraná, Rondônia.* Dissertação de Mestrado, MAE-USP

2018. *A Fase Bacabal e seus correlatos arqueológicos na Amazônia.* Tese de Doutorado. PPGArq – MAE-USP

ZUSE, S.

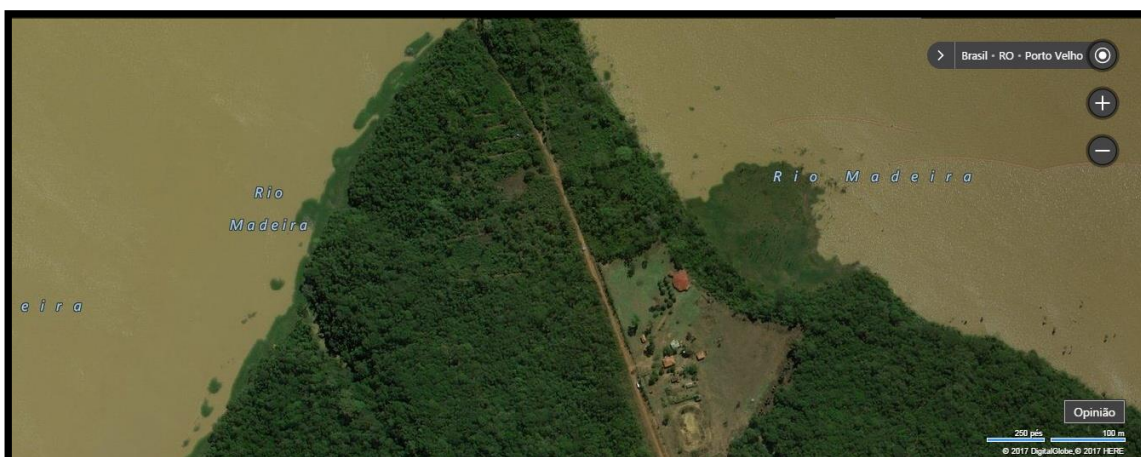
2014. *Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia.* Tese de Doutorado, MAE-USP

Anexos:

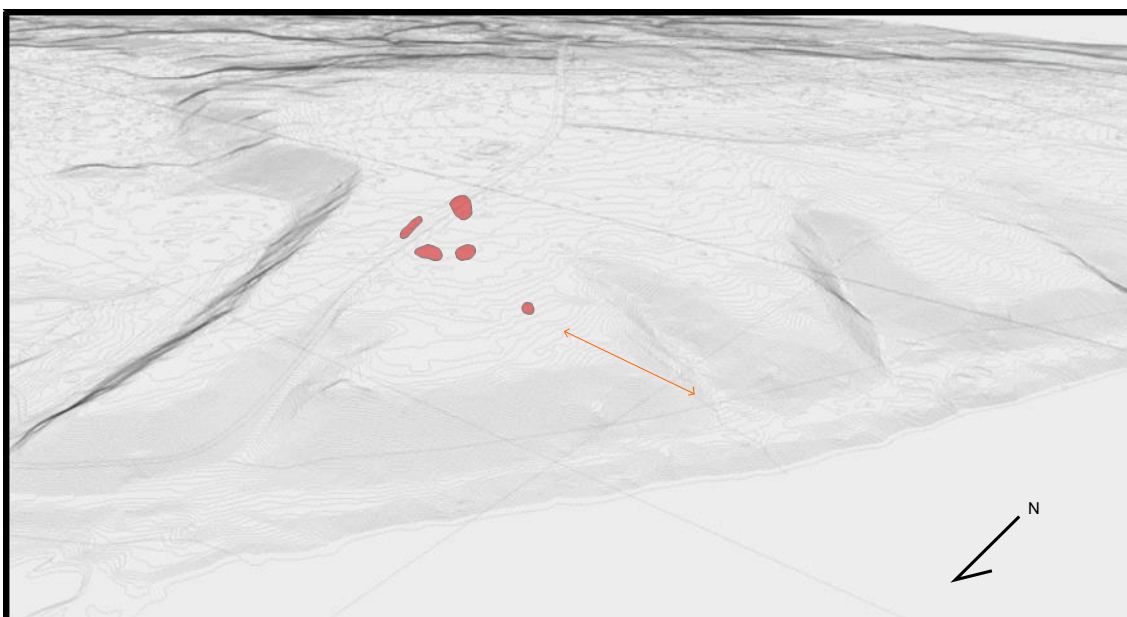
Anexo 1- Sítios arqueológicos na Amazônia, com datas para o Holoceno Inicial e Médio



Anexo 2: Imagem aérea retirada de BingMaps(marca registrada), mostrando os transects da delimitação



Anexo 03 – Mapa 3D do sítio Teotônio. Em vermelho, as áreas com maior concentração de material lítico.



Anexo 5 – Ficha de Escavação



Sigla do sítio: _____

Data: _____

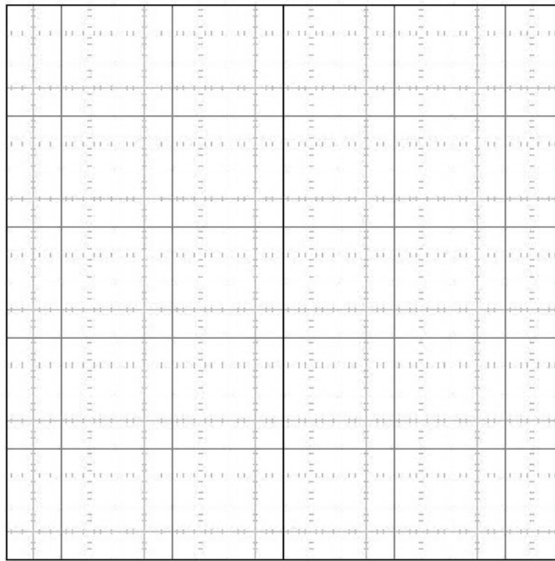
Ficha de Escavação

Sítio: _____

Unidade: _____

Nível/Contexto: _____

Camada natural: _____



Legenda: _____

Norte: _____

Camera:	Foto nº

Sedimento

Textura: _____

Cor (Munsell): _____

Compactação: _____

Bioturbação: _____

Número de baldes: _____

Descrição Geral: _____

Coletas:	PN	Nº sacos
<input type="checkbox"/> artefatos		
<input type="checkbox"/> flora/fauna____(l)		
<input type="checkbox"/> carvão		
<input type="checkbox"/> solo microvestígios		
<input type="checkbox"/> solo químico /textura		
<input type="checkbox"/> outros _____		
<input type="checkbox"/> outros _____		

(Continuar em ficha de anotações)

Materiais observados: cerâmico lítico carvão osso terra preta terra mulata

Coletores: _____

Responsável: _____

Página _____ de _____

Anexo 06 – Ficha de análise do material lítico

Seção 1 – informações básicas

Section 1 of 5

Análise Lítica Teotônio

Ficha de Análise do material lítico do sítio Teotônio (RO-JP-01) N9877 E10022

Unidade *

Ano *

Nível *

Número da Peça *

Matéria-Prima *

Suporte *

Categoria *

Suporte

Porcentual do córtex

Modificações *

Seção 2- Lascas

Section 2 of 5



Lascas

Description (optional)

Tipo de Lasca *

- Cortical (até 2/3 do córtex)
- Redução (até 1/3 do córtex)
- Preparo (córtex ausente)
- Retoque (Lasca oriunda de aprimoramento do gume - forma escamar ou lamela retangular)
- Indefinido

Ponto de Percussão *

- Puntiforme
- Espatulado
- Quebrado/Ausente
- Não identificado

Tipo de Talão *

- Cortical
- Formatado
- Liso
- Ausente

Formato de Talão *

- Diedro
- Linear
- Puntiforme
- Ausente

Localização das Marcas de Uso *

- Distal
- Mesial
- Proximal
- Todo o contorno
- Ausente

Retoque *

- Um
- Dois
- Três
- Quatro ou mais
- Ausente

Comprimento *

Short answer text

Largura *

Short answer text

Espessura *

Short answer text

Observações

Short answer text

Seção 3 – Núcleos

Section 3 of 5



Núcleos

Description (optional)

Quantidade de planos de percussão *

- Um
- Dois
- Três
- Quatro ou mais

Número de retiradas *

Cicatrizes presentes na peça

- Uma
- Duas
- Três
- 4
- 5 ou mais

Comprimento *

Short answer text

Largura *

Short answer text

Espessura *

Short answer text

Observações

Short answer text

Brutos

Description (optional)

Localização das Marcas de modificação *

- Uma face
- Duas faces
- Uma extremidade
- Duas extremidades
- Todo o contorno
- Ausente

Comprimento *

Short answer text

Largura *

Short answer text

Espessura *

Short answer text

Observações

Short answer text

Seção 5 – Fragmentos de lasca

Section 5 of 5



Fragmento de lasca

Description (optional)

Fragmento *

- Proximal
- Mesial
- Terminal
- Meso-proximal
- Meso-terminal
- Não Identificado

Comprimento *



Short answer text

Largura *

Short answer text

Espessura *

Short answer text

Observações

Short answer text

Anexo 7- Fotos antigas do sítio Teotonio

Primeiras imagens do sítio e Cachoeira do Teotônio, fotografias de Marie Robinson Wright, 1903

WRIGHT, M.R. Bolivia: The Central highway of South America, a land of rich resources and varied interest. Philadelphia: George Barred & Sons. 1907

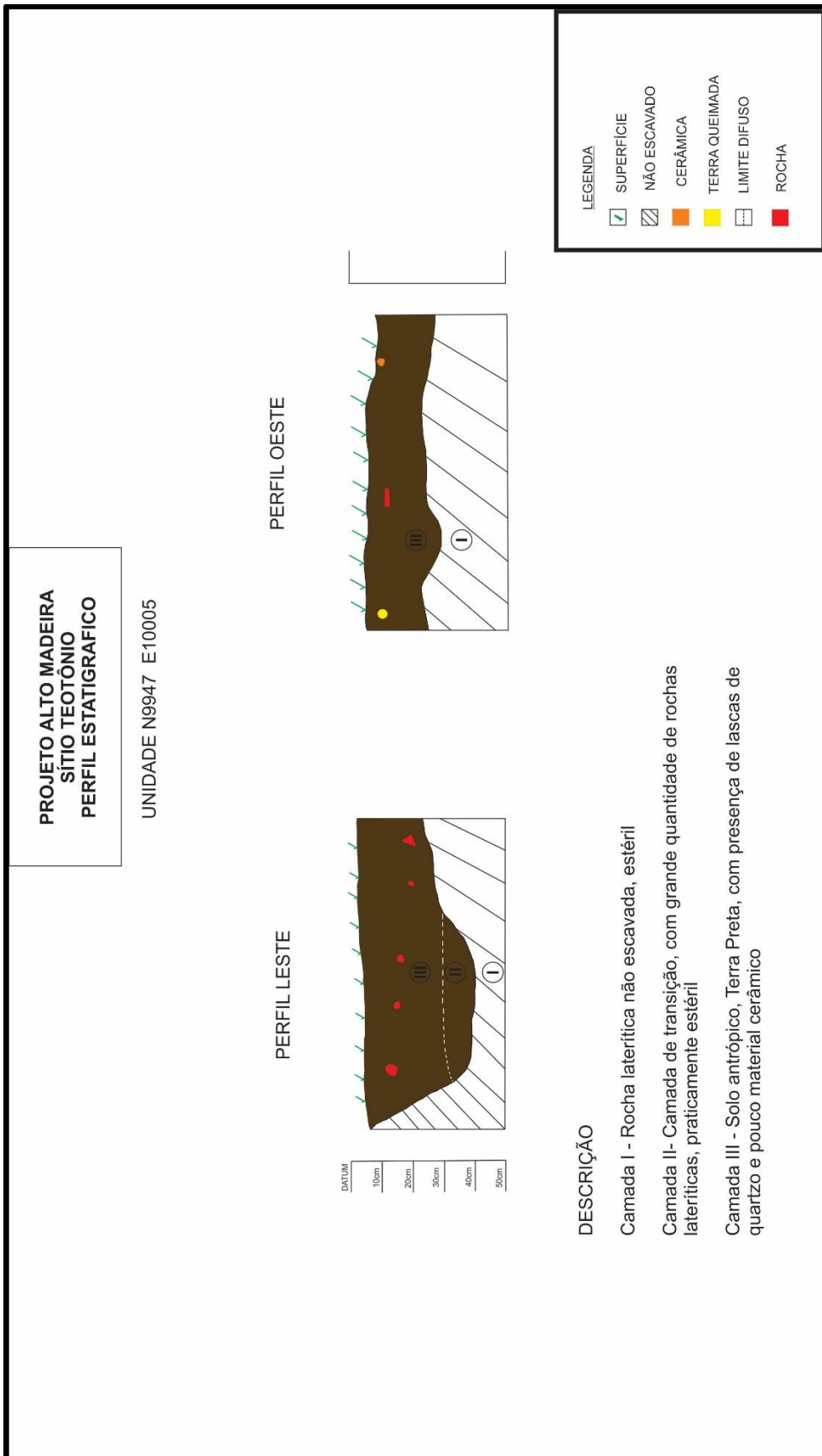


RAMPS OF THEOTONIO, ON THE MADEIRA RIVER.

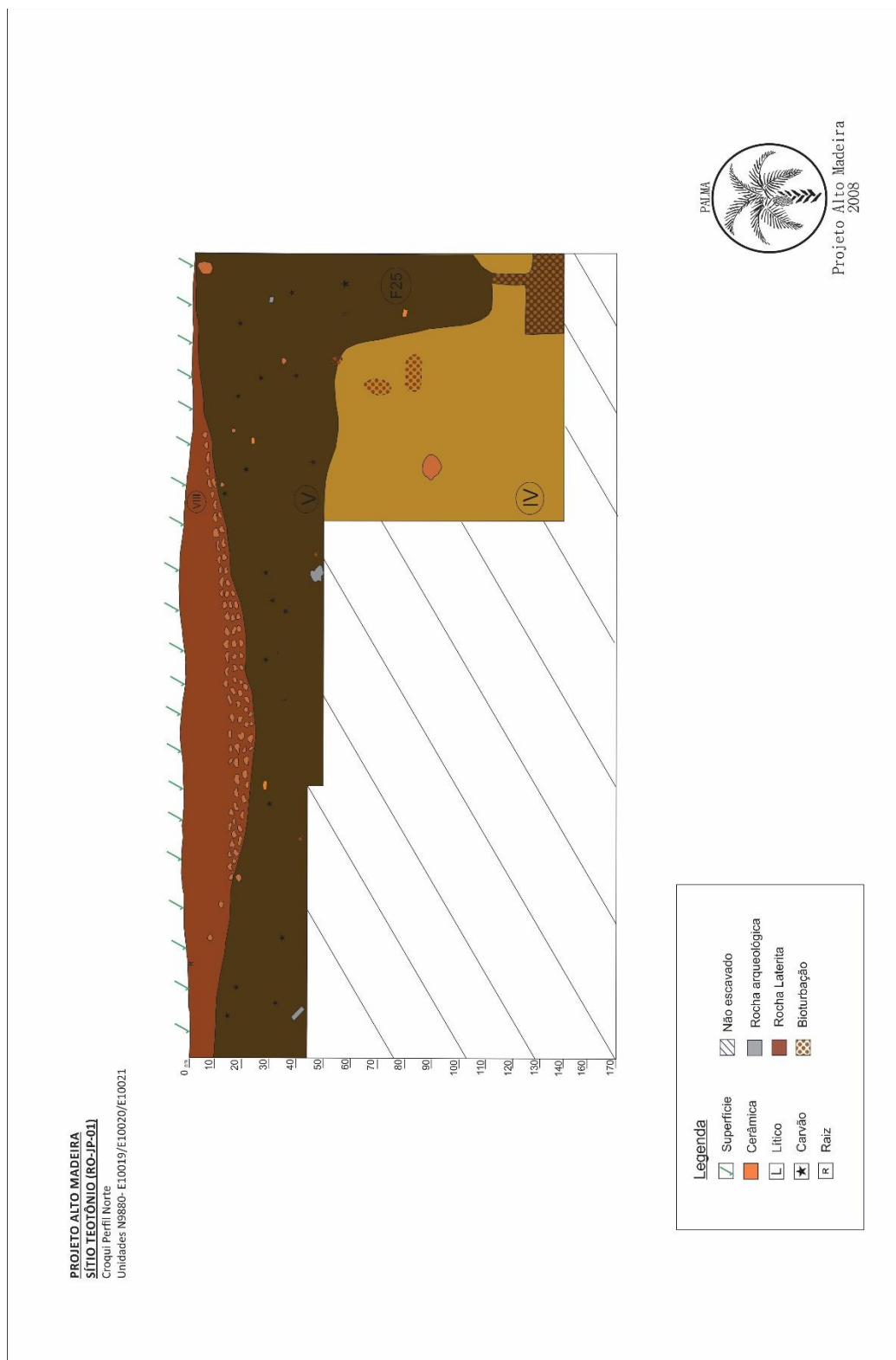


TRANSHIPPING CARGO AT THE RAPIDS OF THEOTONIO, ON THE MADEIRA RIVER.

Anexo 08- Perfil da Unidade N9847 E10005



Anexo 09- Perfil da Unidade da Área 3 – N9880 E10019/100021/100021



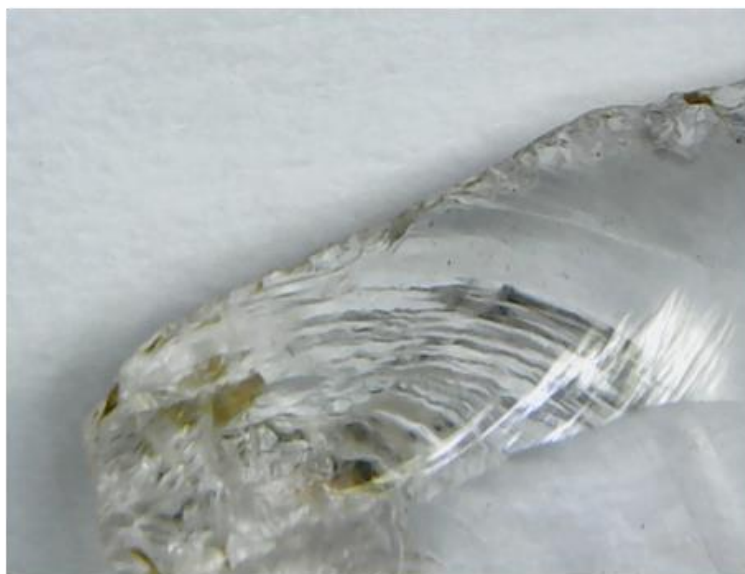
Anexo 10: Fotos e desenho da peça 2407-5. Lascas unipolar de quartzo com retoques e marcas de uso.

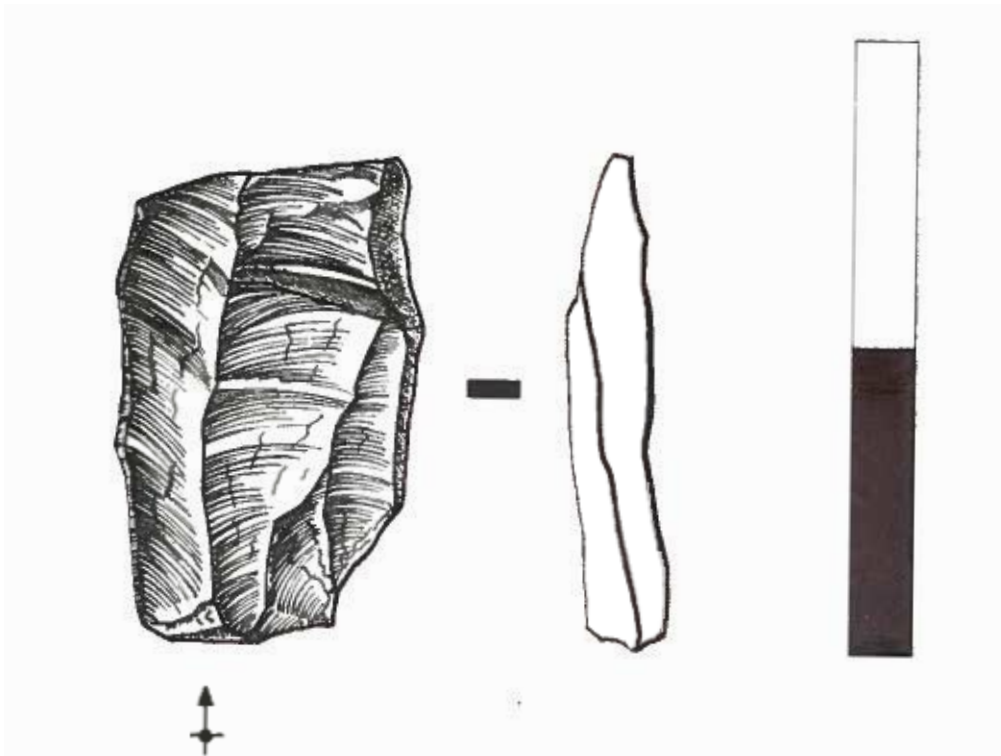
N9878 E10022 – nível 30-40cm

2407- 5
Lasca Unipolar de quartzo hialino
com marcas de uso e de retoque



1 cm





Desenho da Peça 2407-5

Anexo 11: Vasilha cerâmica da Unidade N9882 E10022 – Provável cerâmica da fase Massangana

PN 1954 - Unidade N9882 E10022
Escavação do bloco e remontagem da vasilha
Fase Massangana - Área A



Anexo 12: Média de tamanho do material lítico analisado, em milímetros:

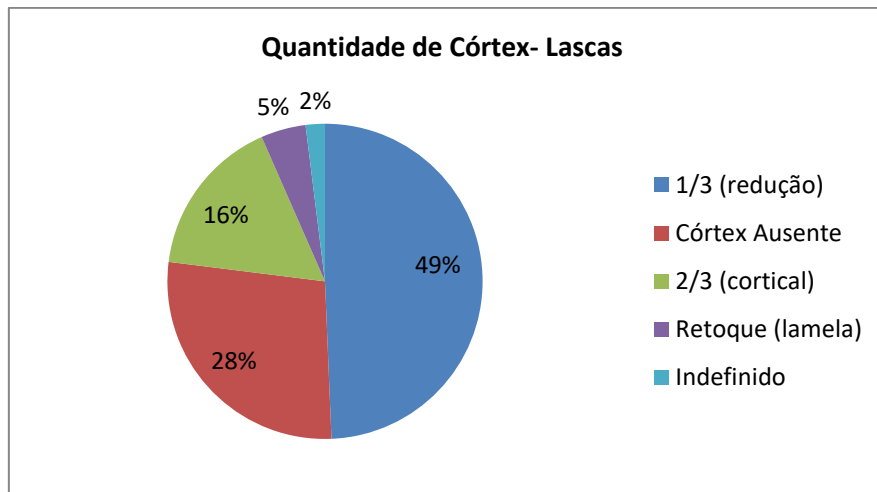
N9878 E10022	Comprimento	Largura	Espessura
Fragmentos	11,52	8,71	3,89
Lasca Unipolar	13,47	10,55	3,68
Lasca Bipolar	13,4	12	5,4
Núcleo Unipolar	14	13,53	10,29
Peça Bruta	20,85	17	13,14

N10041 E9824	Comprimento	Largura	Espessura
Fragmentos	9	6,87	3,46
Lasca Unipolar	9,54	8,29	3
Lasca Bipolar	14,14	11,42	4,85
Núcleo Unipolar	12,72	12,27	8,04
Peça Bruta	24	19,5	8,5

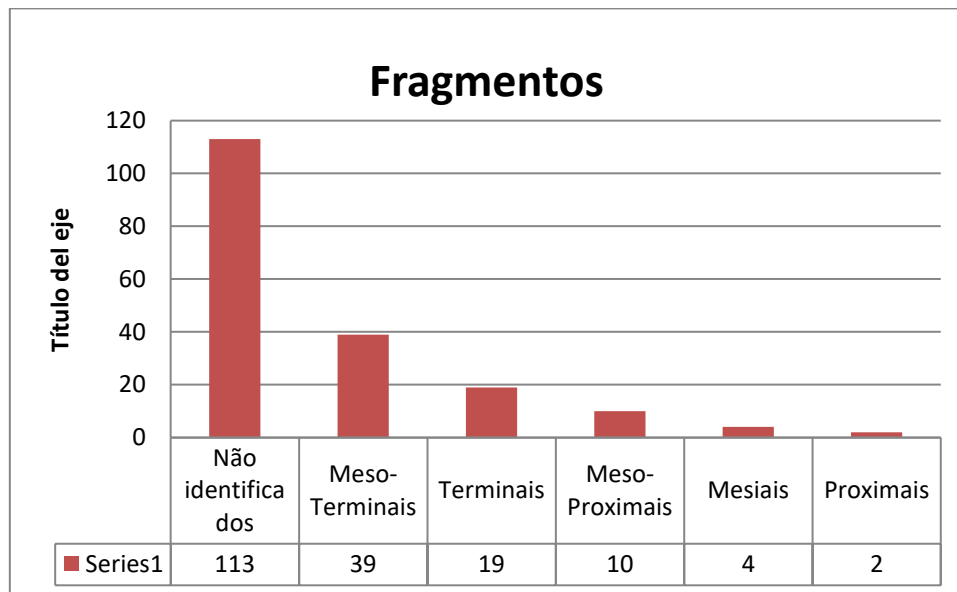
N9880 E10022	Comprimento	Largura	Espessura
Fragmentos	10,85	8,45	3,91
Lasca Unipolar	12,37	9,66	3,45
Lasca Bipolar	-	-	-
Núcleo Unipolar	16,21	14,75	9,46
Peça Bruta	33	18	13

N9877 E10022	Comprimento	Largura	Espessura
Fragmentos	11,35	8,48	4,14
Lasca Unipolar	17,95	10,07	3,5
Lasca Bipolar			
Nucleo Unipolar	14,72	15,33	10,57
Peça Bruta	33,33	22,45	14,72

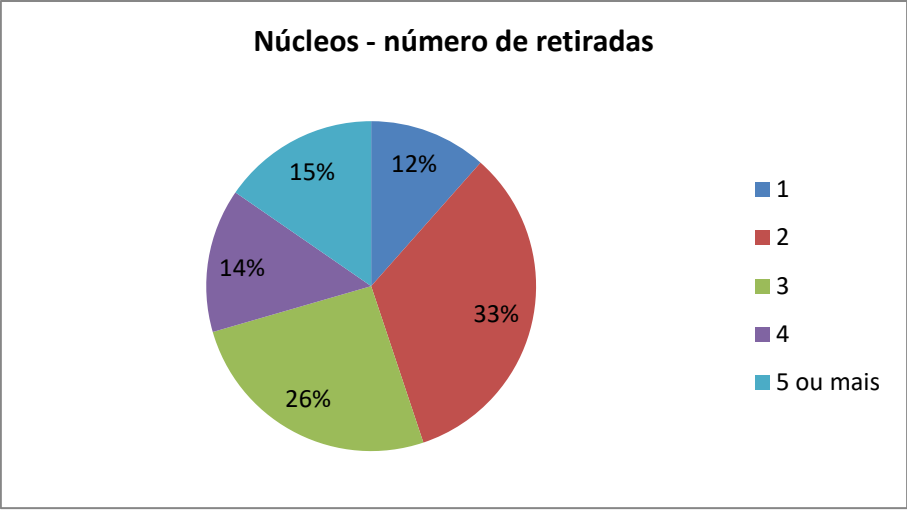
Anexo 13: Gráficos da análise do material lítico da Unidade N9878 E10022



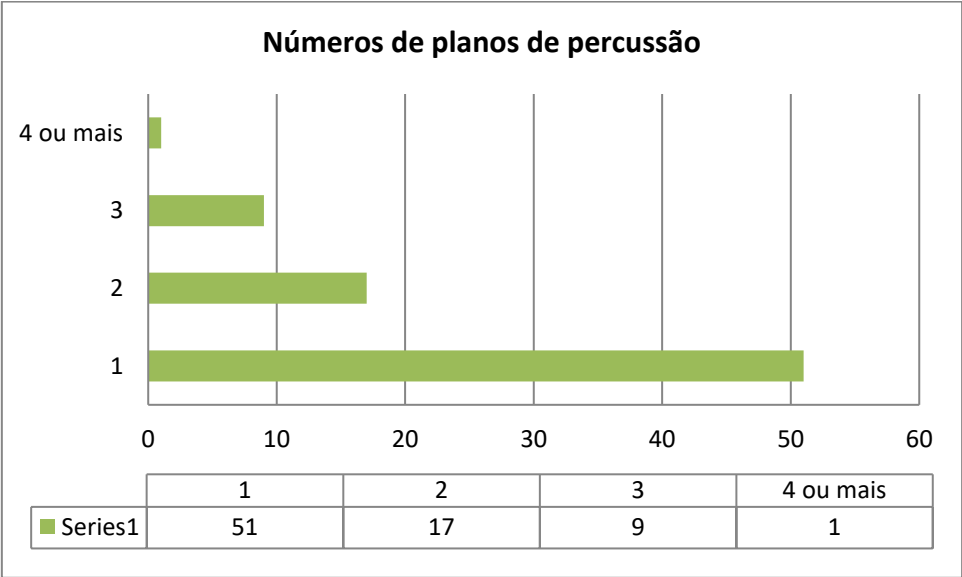
Lascas Unipolares e Bipolares – quantidade córtex



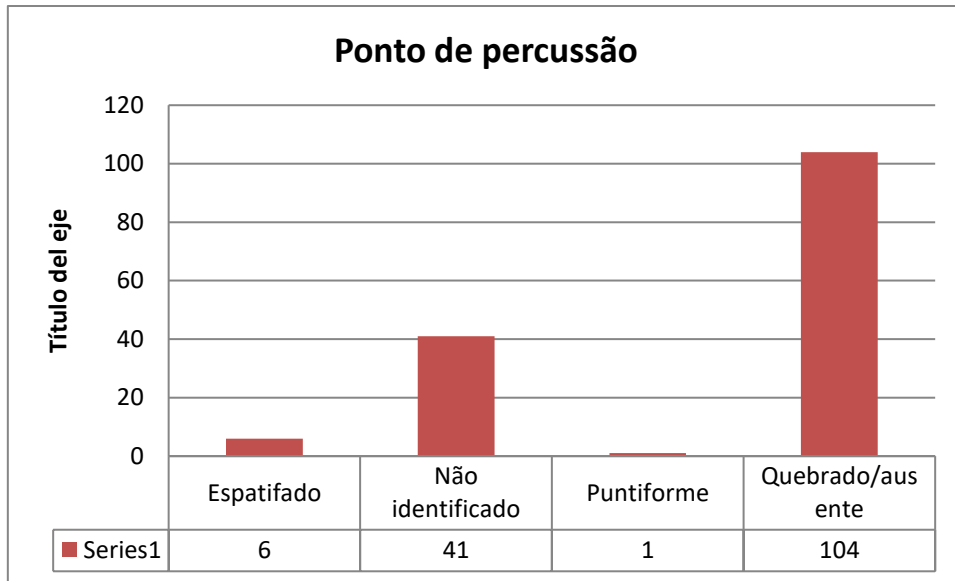
Fragmentos de lascas – quantidades totais por localização de quebra



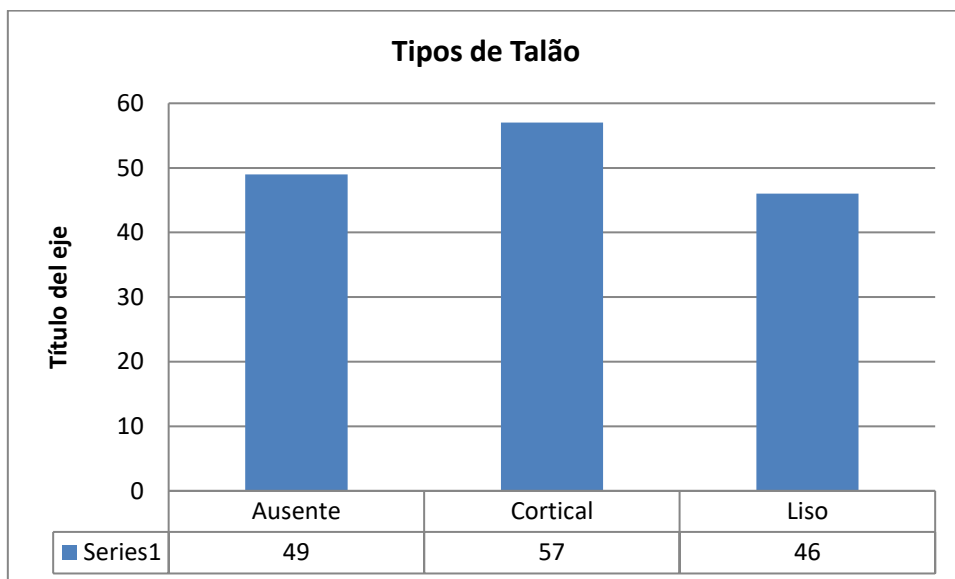
Número de retiradas dos núcleos



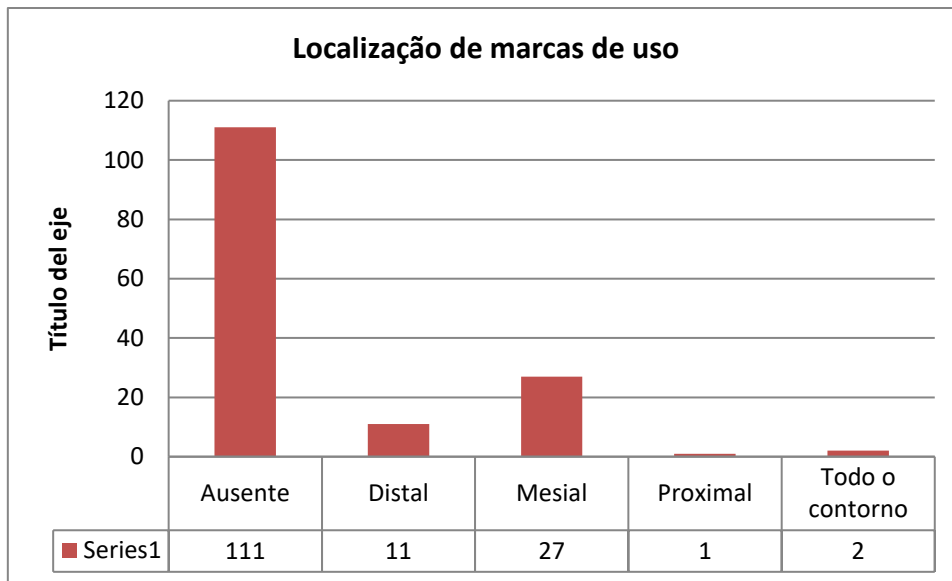
Número de planos de percussão – núcleos



Ponto de percussão de lascas Unipolares e Bipolares

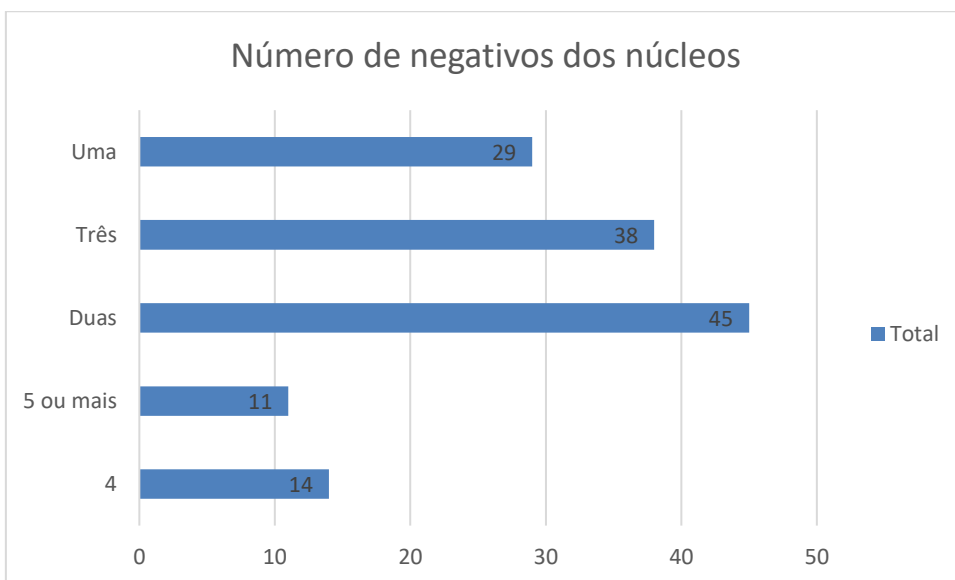
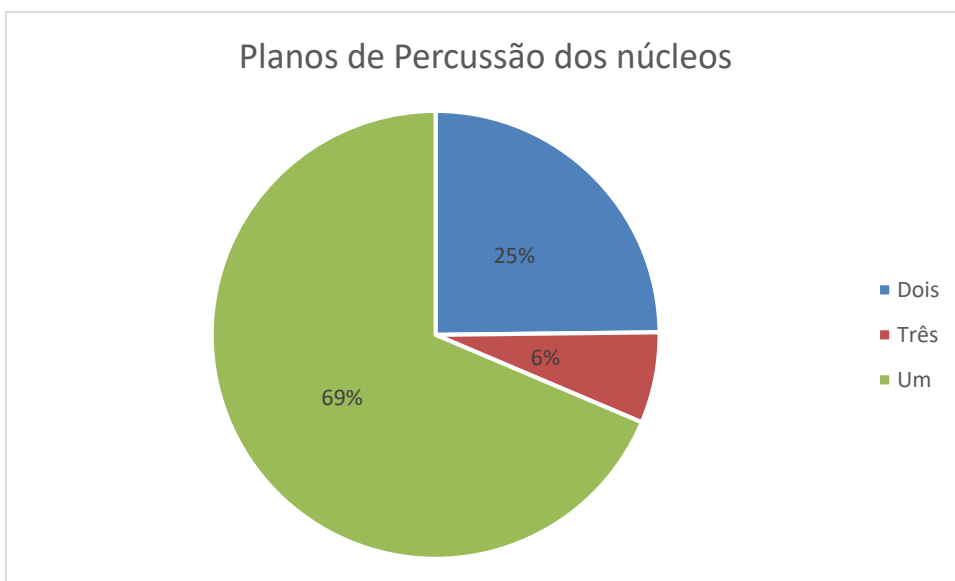


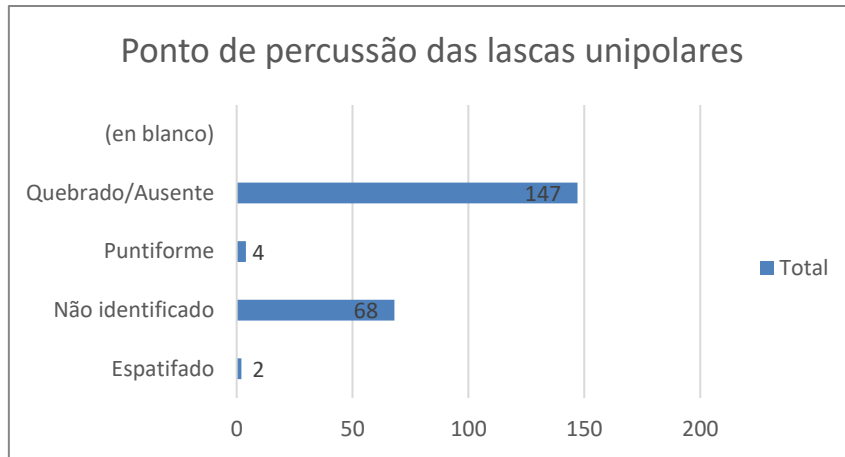
Tio de talão de lascas Unipolares e Bipolares



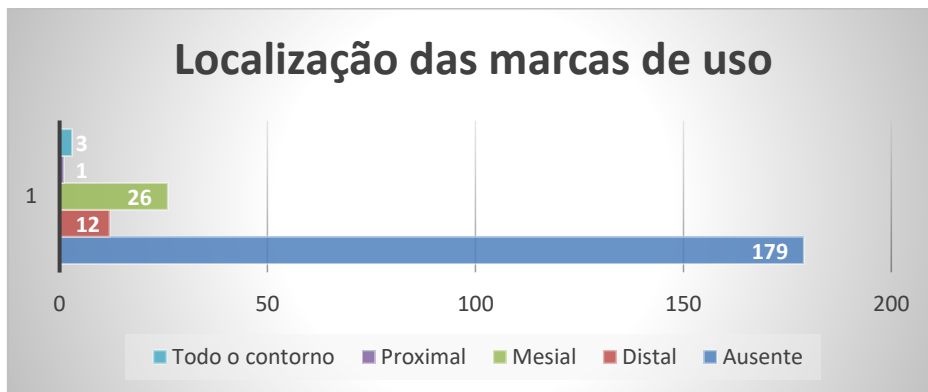
Localização das marcas de uso em lascas, núcleos e instrumentos modificados pelo uso

Anexo 07: Gráficos da análise do material lítico da **Quadrícula N9877 E10022**

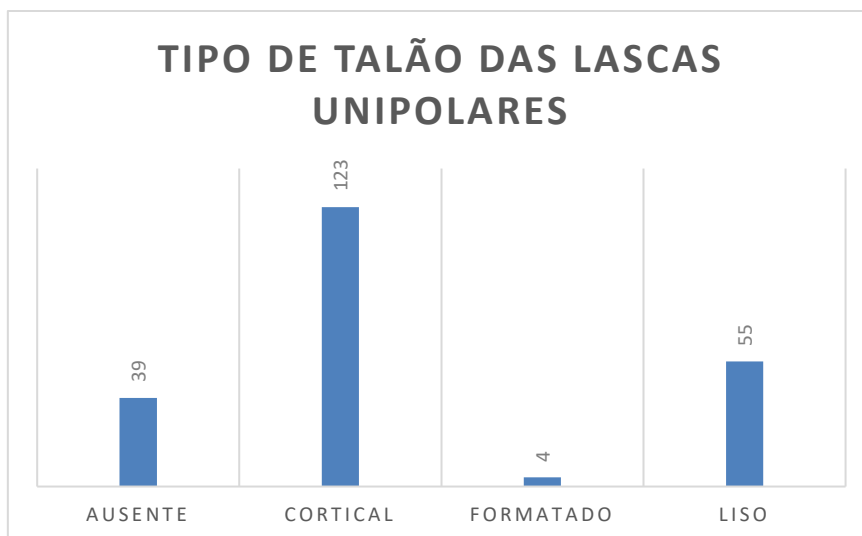




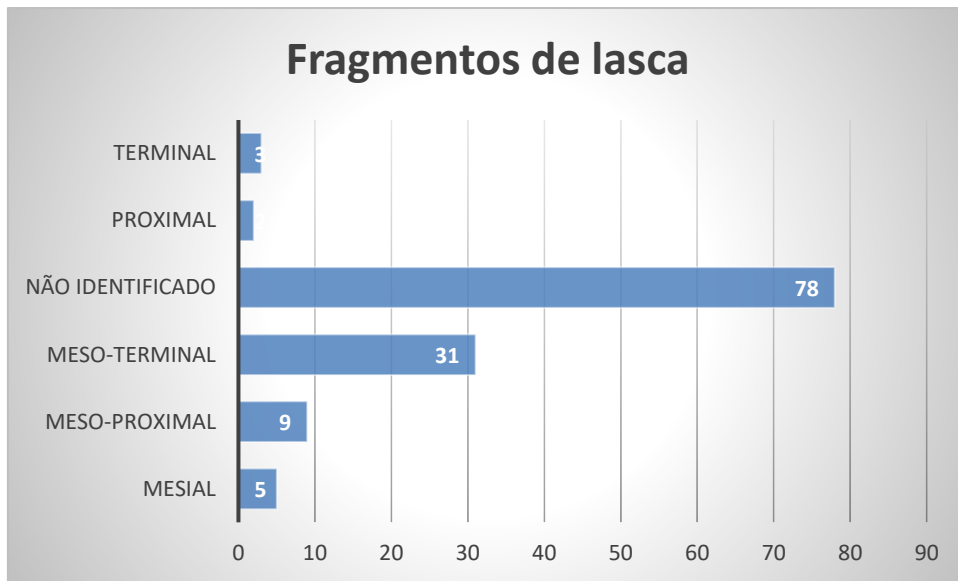
Ponto de percussão de lascas Unipolares



Localização das marcas de uso em lascas, núcleos e instrumentos modificados pelo uso

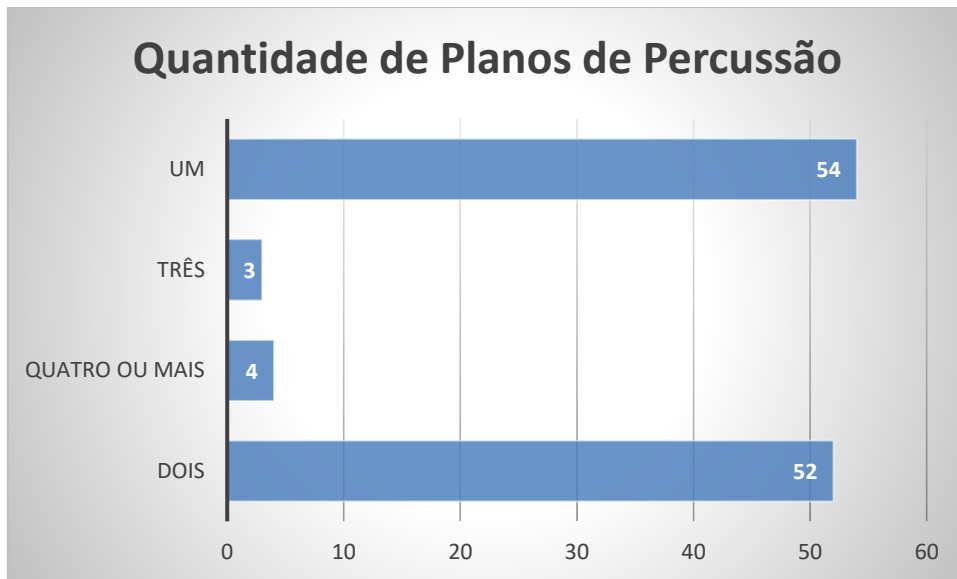


Tio de talão de lascas Unipolares e Bipolares

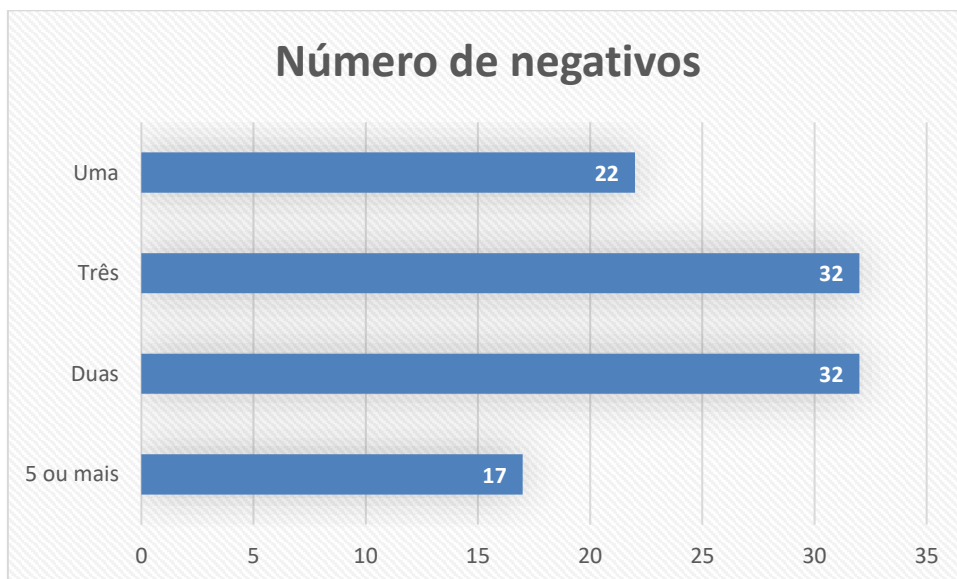


Fragmentos de lascas – quantidades totais por localização de quebra

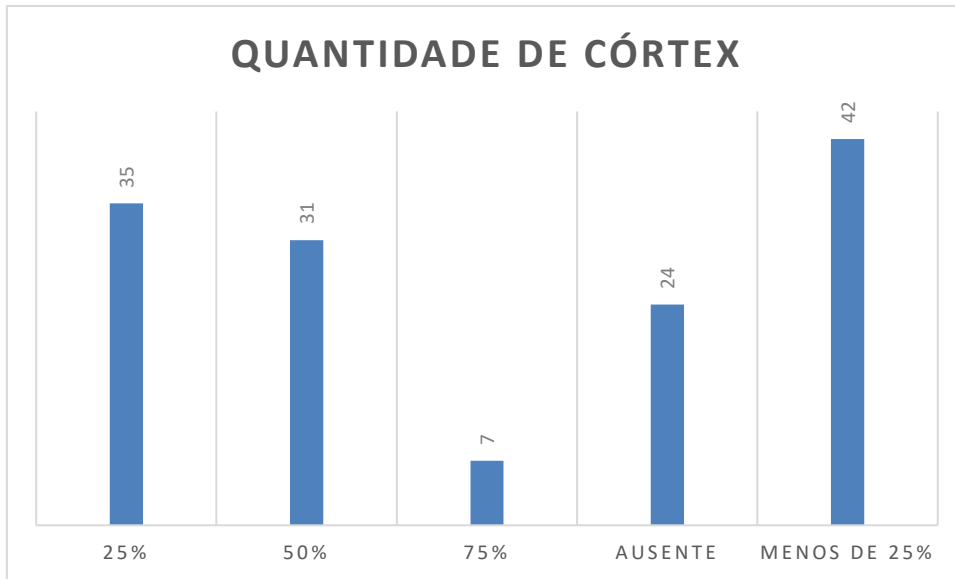
Anexo 08. Gráficos de análise do material lítico da quadrícula **N9880 E10022**



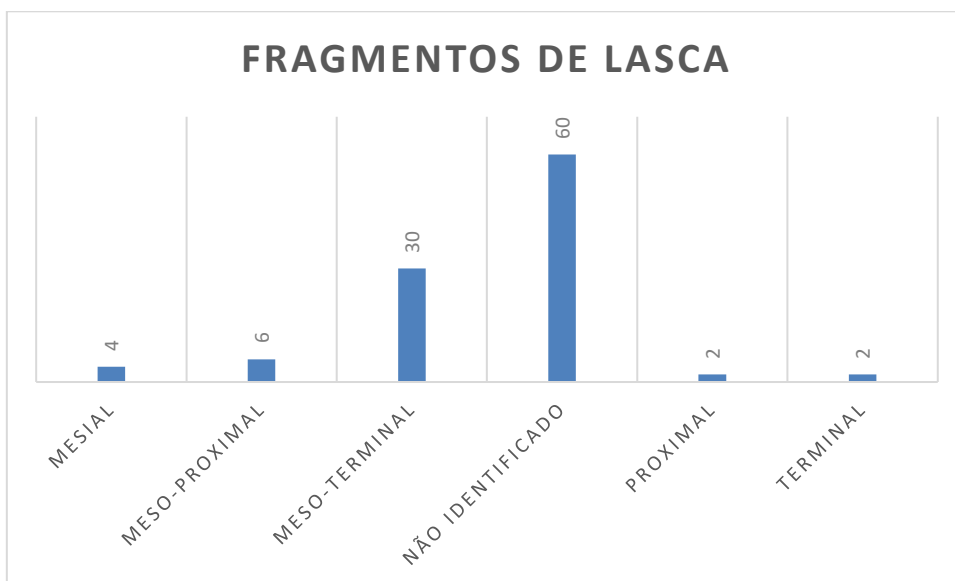
Quantidade total de plano de percussão dos núcleos



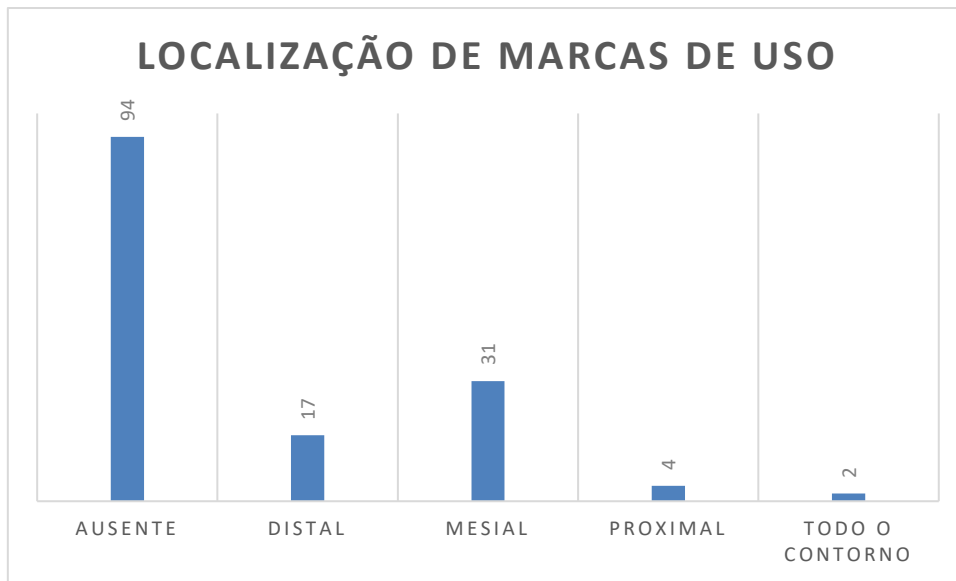
Número de negativos presentes por núcleo



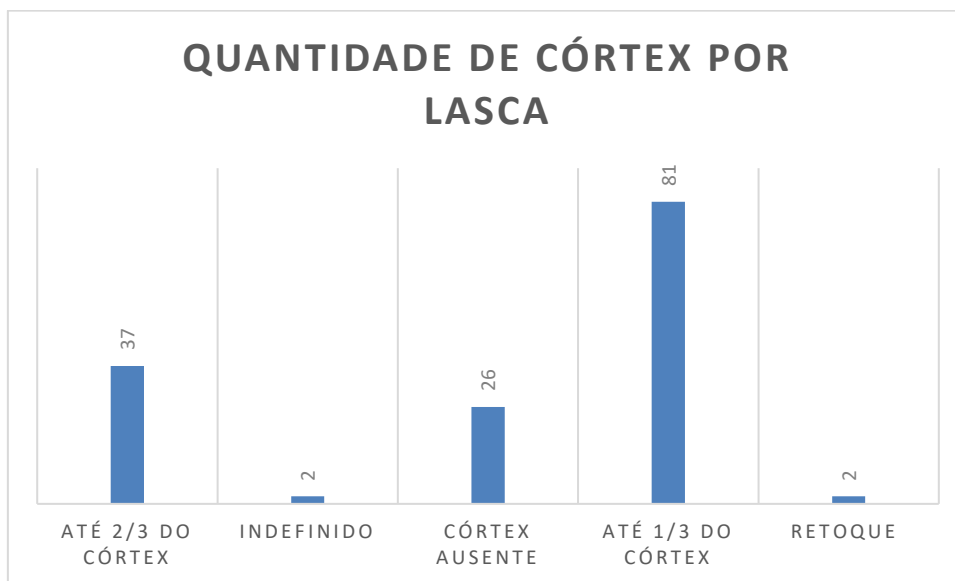
Quantidade total de córtex presente por peça



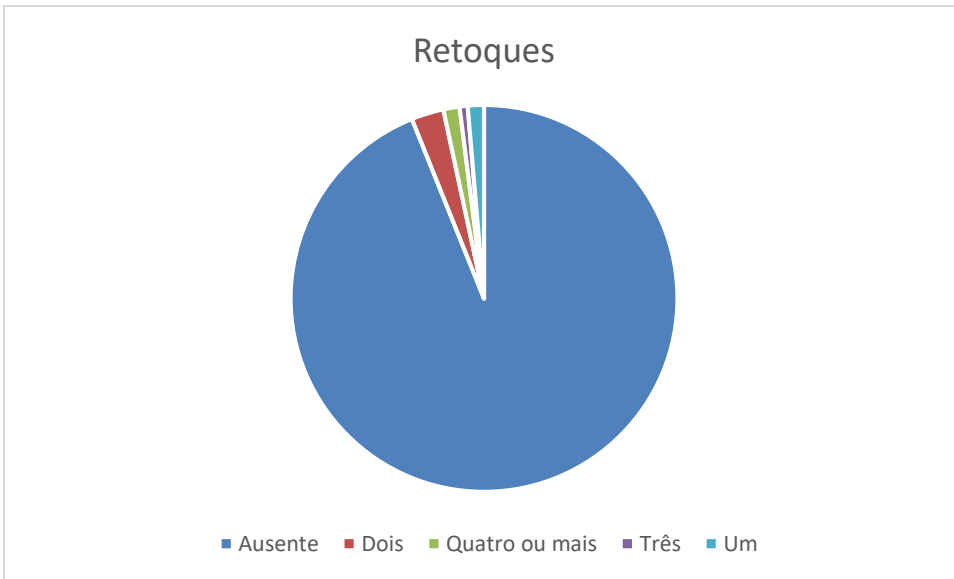
Fragmentos de lascas – quantidades totais por localização de quebra



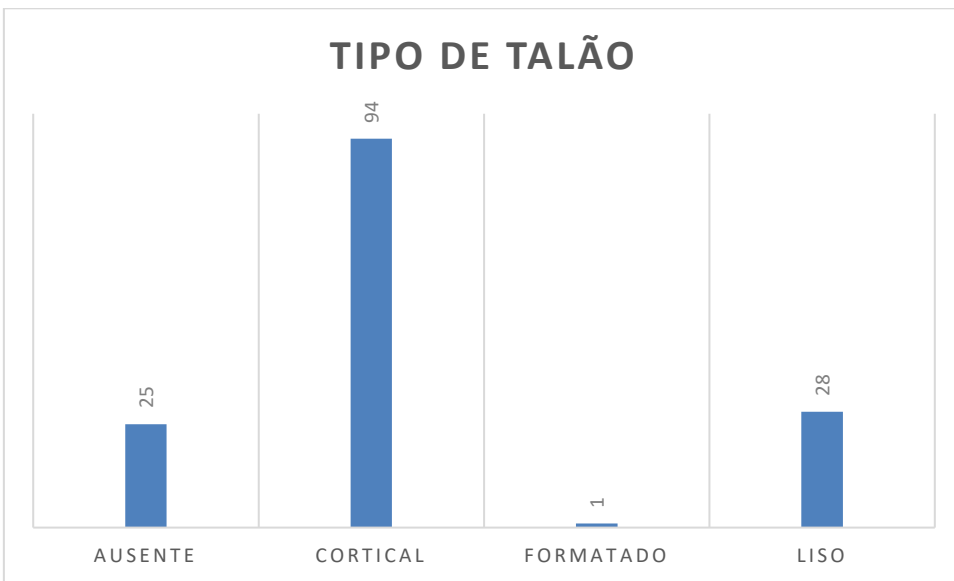
Quantidade total de localização de marcas de uso em lascas, fragmentos, núcleos e peças brutas



Quantidade total de lascas, divididas por quantidade de córtex



Quantidade de lascas por número de retoques



Quantidade total de tipos de talão de lascas

Anexo 10 – Gráficos das Datações

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}C = -27.8$ ‰)

Laboratory number **Beta-514001**

Conventional radiocarbon age **5120 ± 30 BP**

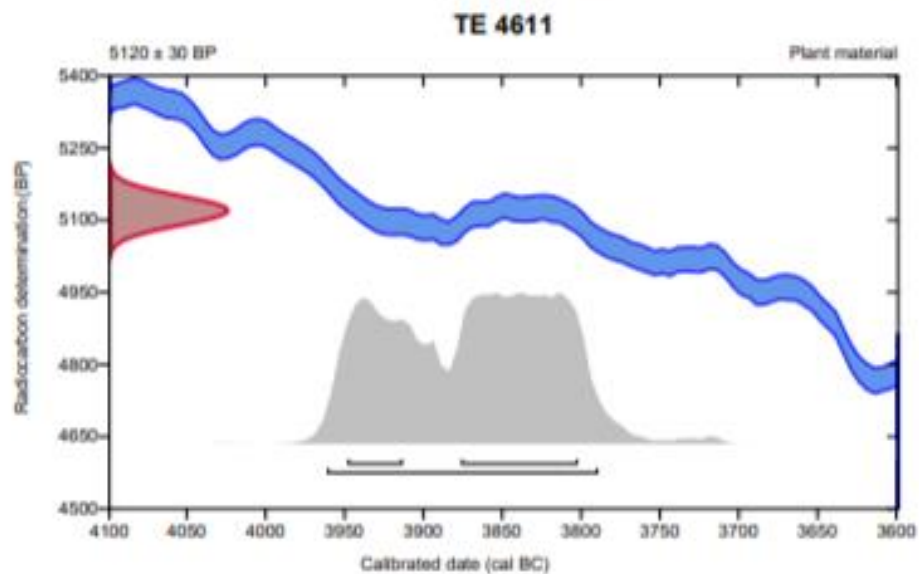
95.4% probability

(95.4%) 3963 - 3791 cal BC (5912 - 5740 cal BP)

68.2% probability

(47.5%) 3878 - 3804 cal BC (5827 - 5753 cal BP)

(20.7%) 3950 - 3915 cal BC (5899 - 5864 cal BP)



Database used
SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et al., 2013, *Radiocarbon* 55(4).

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}\text{C} = -25.2$ ‰)

Laboratory number **Beta-514004**

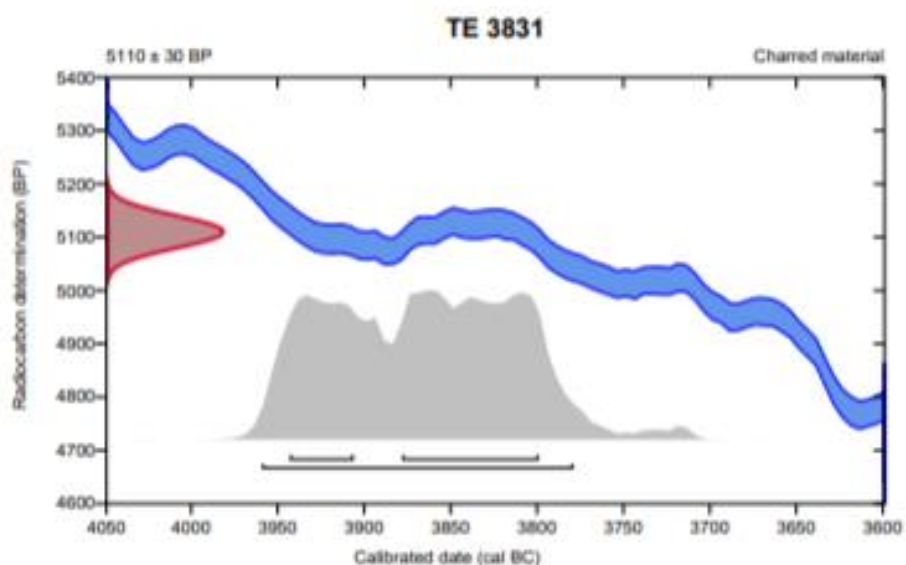
Conventional radiocarbon age **5110 ± 30 BP**

95.4% probability

(95.4%) 3961 - 3781 cal BC (5910 - 5730 cal BP)

68.2% probability

(46.6%) 3880 - 3801 cal BC (5829 - 5750 cal BP)
(21.6%) 3945 - 3908 cal BC (5894 - 5857 cal BP)



Database used
SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et al., 2013, *Radiocarbon* 55(4).

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(highest probability ranges: SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}\text{C} = -27.5$ o/oo)

Laboratory number **Beta-514008**

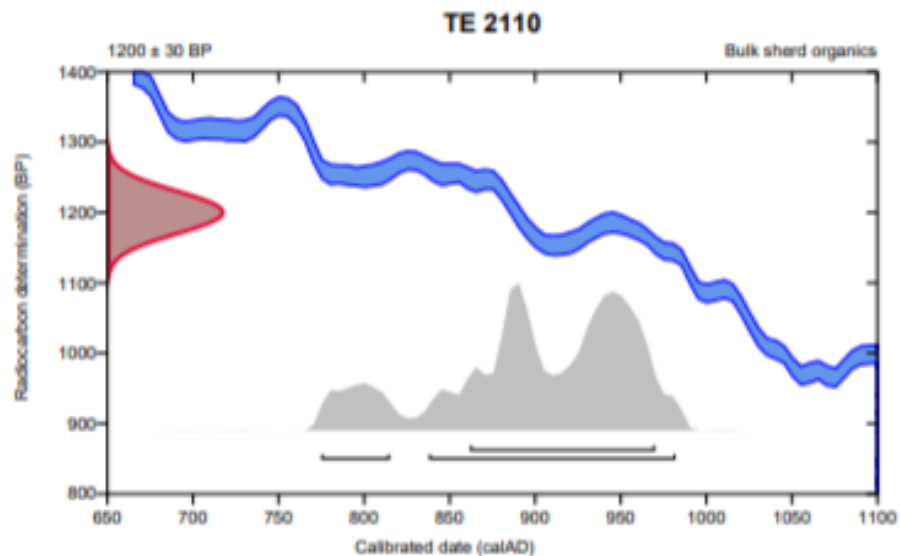
Conventional radiocarbon age **1200 ± 30 BP**

95.4% probability

(83.8%)	838 - 982 cal AD	(1112 - 968 cal BP)
(11.6%)	775 - 815 cal AD	(1175 - 1135 cal BP)

68.2% probability

(68.2%)	862 - 970 cal AD	(1088 - 980 cal BP)
---------	------------------	---------------------



Database used

SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et.al., 2013, *Radiocarbon* 55(4).

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}\text{C} = -25.4$ ‰)

Laboratory number **Beta-482331**

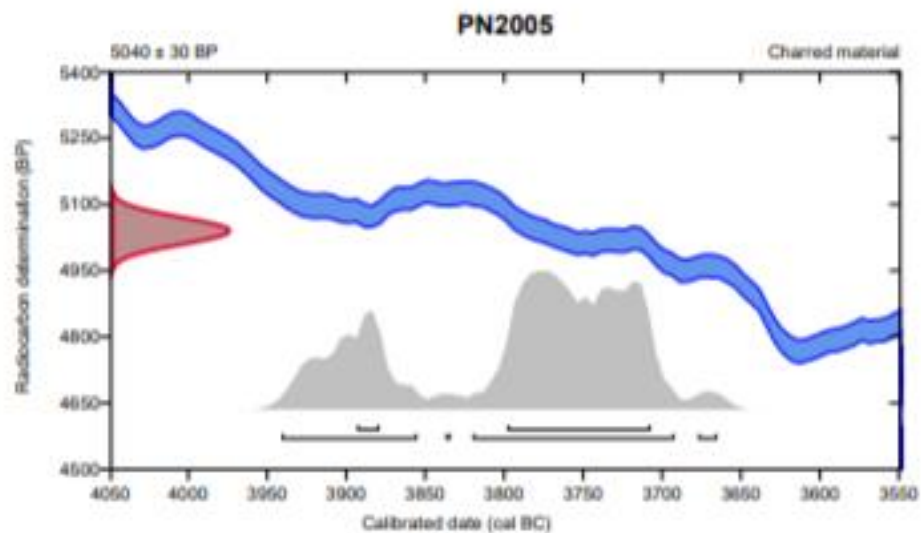
Conventional radiocarbon age **5040 ± 30 BP**

95.4% probability

(68.5%)	3822 - 3694 cal BC	(5771 - 5643 cal BP)
(25.4%)	3943 - 3857 cal BC	(5892 - 5806 cal BP)
(1.2%)	3679 - 3667 cal BC	(5628 - 5616 cal BP)
(0.2%)	3839 - 3836 cal BC	(5788 - 5785 cal BP)

68.2% probability

(61.2%)	3800 - 3709 cal BC	(5749 - 5658 cal BP)
(7%)	3895 - 3881 cal BC	(5844 - 5830 cal BP)



Database used
SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et al., 2013, *Radiocarbon* 55(4).

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}\text{C} = -27.0$ ‰)

Laboratory number **Beta-482333**

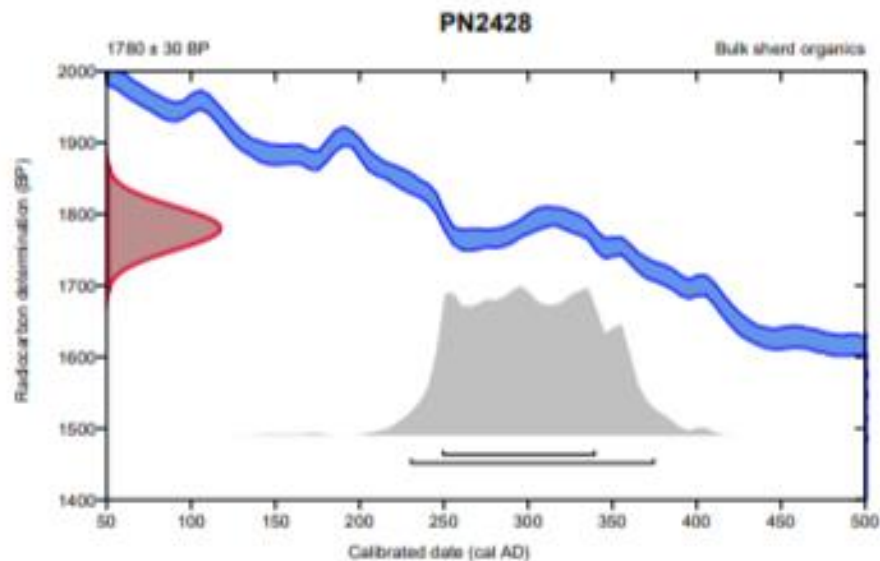
Conventional radiocarbon age **1780 ± 30 BP**

95.4% probability

(95.4%) 230 - 375 cal AD (1720 - 1575 cal BP)

68.2% probability

(68.2%) 249 - 340 cal AD (1701 - 1610 cal BP)



Database used
SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et al. 2013, *Radiocarbon* 55(4).

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}\text{C} = -24.2$ o/oo)

Laboratory number **Beta-474438**

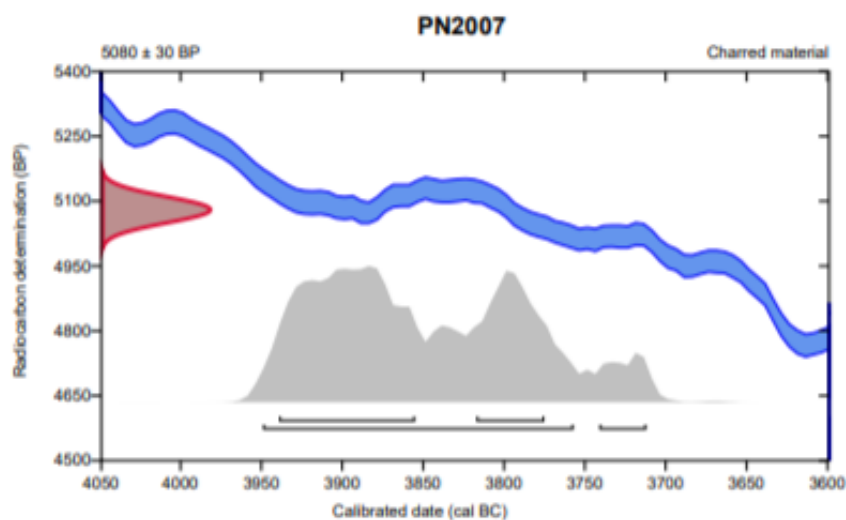
Conventional radiocarbon age **5080 ± 30 BP**

95.4% probability

(89.7%)	3951 - 3759 cal BC	(5900 - 5708 cal BP)
(5.7%)	3743 - 3714 cal BC	(5692 - 5663 cal BP)

68.2% probability

(47.2%)	3941 - 3857 cal BC	(5890 - 5806 cal BP)
(21%)	3819 - 3777 cal BC	(5768 - 5726 cal BP)



Database used
SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et.al., 2013, *Radiocarbon* 55(4).

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}\text{C} = -28.0$ o/oo)

Laboratory number **Beta-474439**

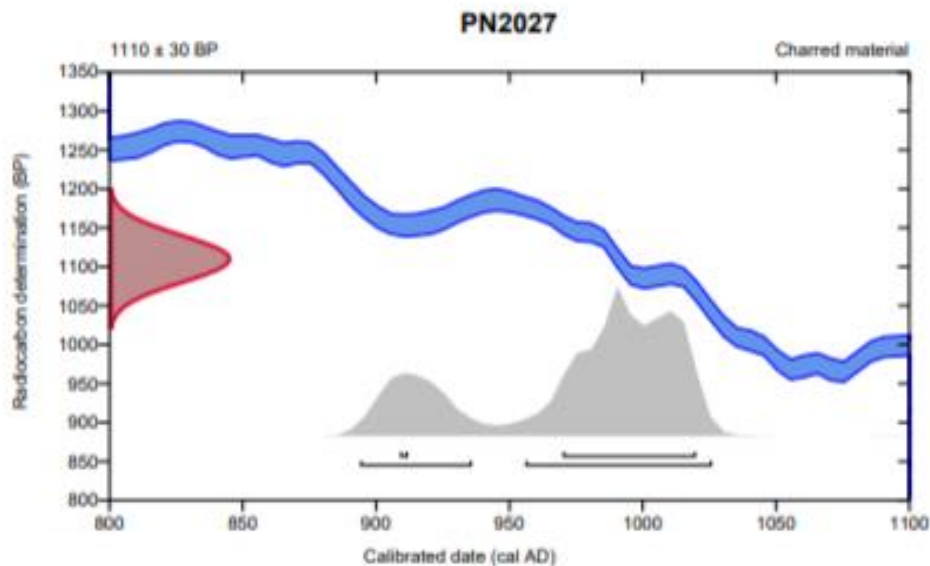
Conventional radiocarbon age **1110 \pm 30 BP**

95.4% probability

(73.3%)	956 - 1026 cal AD	(994 - 924 cal BP)
(22.1%)	894 - 936 cal AD	(1056 - 1014 cal BP)

68.2% probability

(65.9%)	970 - 1020 cal AD	(980 - 930 cal BP)
(2.3%)	909 - 912 cal AD	(1041 - 1038 cal BP)



Database used
SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et al., 2013, *Radiocarbon* 55(4).

Calibration of Radiocarbon Age to Calendar Years

(High Probability Density Range Method (HPD): SHCAL13)

(Variables: $\delta^{13}\text{C} = -26.0$ ‰)

Laboratory number **Beta-474440**

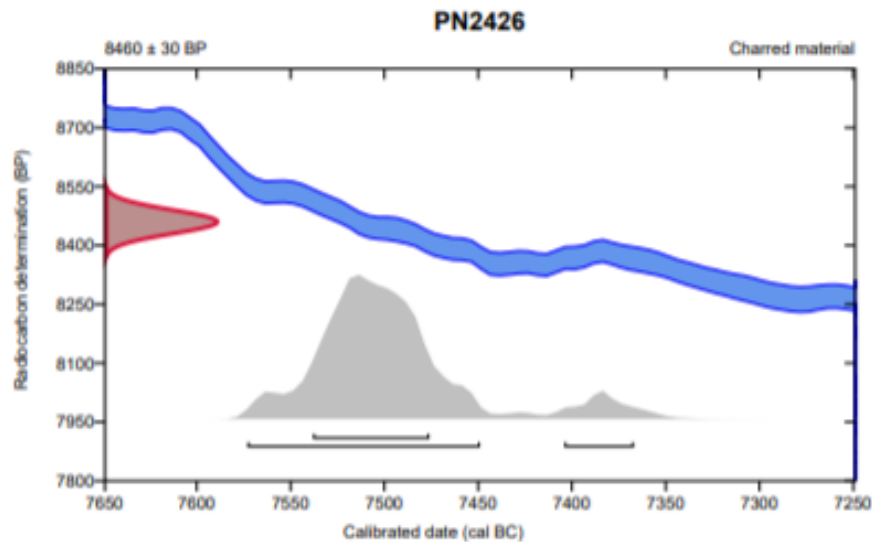
Conventional radiocarbon age **8460 ± 30 BP**

95.4% probability

(89%) 7575 - 7451 cal BC (9524 - 9400 cal BP)
(6.4%) 7406 - 7369 cal BC (9355 - 9318 cal BP)

68.2% probability

(68.2%) 7540 - 7478 cal BC (9489 - 9427 cal BP)



Database used
SHCAL13

References

References to Probability Method

Bronk Ramsey, C. (2009). Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*, 51(1), 337-360.

References to Database SHCAL13

Hogg, et.al., 2013, *Radiocarbon* 55(4).

Anexo 11 – Material lítico lascado da Fase Valdivia – Sítio Real Alto



Anexo 12 – Fotos de escavação

Equipes de Escavação de distintas etapas de campo



Área de Escavação 3



Nível Massangana, Área 3



Fragmentos cerâmicos encontrados na Área de escavação 3, que possui datas recentes



Atividades na Área de Escavação 1



Lente de carvões





Perfil Sul das Unidades N10003 E10003-N10003 E10004

